GEORGE R.R. MARTIN

"Esta é a obra-prima da fantasia moderna e reúne o que de melhor o género tem para oferecer: magia, mistério, intriga, romance e aventura." — LOCUS

AS CRÓNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO OITO

O MAR DE FERRO

Ficha Técnica

Título: *O Mar de Ferro*
Autoria: *George R. R. Martin*
Editor: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2014 Edições Saída de Emergência
Título original A Feast for Crows *© 2005 George R. R. Martin.*

Publicado originalmente em
Londres por Voyager, 2005
Tradução: *Jorge Candeias*
Revisão: *Saída de Emergência*
Design da capa: *Saída de Emergência*
Ilustração da capa: *Saída de Emergência*
Data de edição E-book: *Fevereiro, 2014*
Isbn: *978-989-637-572-0*
Edições Saída de Emergência
R. Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082
S. Pedro do Estoril, Portugal
Tel e Fax: *214 583 770*
www.saidadeemergencia.com

OceanofPDF.com

O NORTE
A COSTA GELADA
BAÍA DE GELO
Ilha dos Ursos
Floresta Assombrada
A MURALHA
Torre Sombria
Castelo Negro
Atalaialeste do Mar
Skane
BAÍA DAS FOCAS
Lago Longo
Colinas Solitárias
Rio Último
Karhold
Forte do Pavor
Águas Chorosas
N
Matadelobos
Winterfell
Praça de Torrhen
Estrada do Rei
Faca Branca
Ramo Partido
TERRAS ACIDENTADAS
Vila Acidentada
Ariete
Porto Branco
Atalaia da Viúva
Fosso Cailin
Castelovelho
O GARGALO
DENTADA
Vilirmãs
Atalaia da Água Cinzenta
Três Irmãs
Os Dedos
As Gémeas
Ilhas de Ferro
Pretamare
Montrasgo
Guardamar
Ramo Verde
Ramo Azul
Ninho de Águia
VALE DE ARRYN
Passo Sangrento
Salésia
Pyke
Mapa por James Sinclair
Correrrio
Ramo Vermelho

O SUL
N
Três Irmãs
Os Dedos
Aguafria
Bosque Afundado
As Gémeas
Ilhas de Ferro
Pretamare
Montrasgo
Guardamar
Ramo Verde
Cantoforte
VALE DE ARRYN
Ninho de Águia
Ancora Velha
Salésia
Pyke
Ramo Azul
Tridente
Passo Sangrento
Ferrobles
Vila Gaivotas
Pedrarruna
Feirajusta
Forte Desgraça
Ramo Vermelho
Forte Vermelho
Pedregoso
Correrrio
Baía dos Caranguejos
Harrenhal
Ilha Quieta
Estrada do Rio
Dente Dourado
Donzelarrosa
Olho de Deus
Hastes
Pouso de Gralhas
Estrada do Rei
Valecorno Camposorgo
Rochedo Casterly
Toca Funda
Pedra do Dragão
Lannisporto
Ponta Afiada
Estrada de Ouro
Porto Real
Bosquedouro
Bailepedra
Campodemilho
CAMPINA
Lago Vermelho
Estrada do Mar
MataReal
Solardeprata
Solar de Montefeno
Tarth
Carvalho Velho
Estrada da Rosa
Vale d'Erva
Arroiazul
Vago
Mesalonga
Ponta Tempestade
Poleiro do Grifo
BAÍA DOS NAUFRÁGIOS
Casais de Chuva
Jardim de Cima
Ninho de Corvo
MARCA DE DORNE
Caminho do Espinhaço
Pedrelmo
Matabruma
Monte Chifre
Poleiro do Abutre
Cabo da Fúria
Estermonte
Bandallon
MAR DE DORNE
Tumbarreal
Vilavelha
Terraltas
Monpreto
Ghaston Grey
Coroanegra
Alto Ermitério
Colina Fantasma
Tor
Três Torres
Braço Partido
Tombastella
DORNE
Graça-dos-Deuses
Casasolar
Lançasolar
Arenito
Vaith
Vaith
Costa do Sal
Limoeiros
Arvore
Mapa por James Sinclair

OceanofPDF.com

JAIME

— Esperava que por esta altura já te tivesses fartado dessa deplorável barba. Todos esses pêlos deixam-te parecido com o Robert. — A irmã pusera de lado o luto em prol de um vestido cor de jade com mangas de renda de Myr prateada. Uma esmeralda do tamanho de um ovo de pombo pendia-lhe do pescoço num fio de ouro.

— A barba de Robert era preta. A minha é dourada.

— Dourada? Ou prateada? — Cersei arrancou um pêlo de debaixo do seu queixo e ergueu-o. Era grisalho. — Estás a perder a cor, irmão. Transformaste-te num fantasma do que eras, numa coisa pálida e aleijada. E tão exangue, sempre de branco. — Desembaraçou-se do pêlo com um piparote. — Prefiro-te vestido de ouro e carmesim.

Eu prefiro-te sarapintada de luz do sol, com gotículas de água na pele nua. Desejava beijá-la, levá-la para o quarto, atirá-la para a cama… *ela tem andado a foder Lancel e Osmund Kettleblack e o Rapaz Lua…*

— Vou propor-te um negócio. Liberta-me deste dever, e a minha navalha está às tuas ordens.

A boca dela apertou-se. Tinha estado a beber vinho quente com especiarias e cheirava a noz-moscada.

— Ousas regatear comigo? Terei de te relembrar que juraste obedecer?

— Jurei proteger o rei. O meu lugar é a seu lado.

— O teu lugar é onde quer que ele te ordene que estejas.

— Tommen põe o selo em todos os papéis que tu pões na sua frente. Isto é obra tua e é uma loucura. Para quê nomear Daven o teu Protector do Oeste se não tens confiança nele?

Cersei sentou-se junto à janela. Por trás dela, Jaime conseguia ver as ruínas enegrecidas da Torre da Mão.

— Porquê tanta relutância, sor? Perdestes a coragem com a mão?

— Prestei um juramento à Senhora Stark de nunca mais pegar em armas contra os Stark ou os Tully.

— Uma promessa de bêbado feita com uma espada na garganta.

— Como poderei defender Tommen se não estiver com ele?

— Derrotando os seus inimigos. O pai sempre disse que um golpe rápido de espada é uma defesa melhor do que qualquer escudo. Admito que a maior parte dos golpes de espada precisam de uma mão. Apesar disso, até um leão mutilado pode inspirar medo. Quero Correrrio. Quero Brynden Tully agrilhoado ou morto. E alguém tem de pôr Harrenhal nos eixos. Temos necessidade urgente de Wylis Manderly, assumindo que ainda está vivo e cativo, mas a guarnição não respondeu a nenhum dos nossos corvos.

— Quem está em Harrenhal são homens de Gregor — fez-lhe lembrar Jaime. — A Montanha gostava deles cruéis e estúpidos. O mais provável é que tenham comido os teus corvos, com mensagens e tudo.

— É por isso que te estou a mandar lá. Podem comer-te também, valente irmão, mas confio que lhes causes indigestão. — Cersei alisou a saia. — Quero que seja Sor Osmund a comandar a Guarda Real na tua ausência.

... ela tem andado a foder Lancel e Osmund Kettleblack e o Rapaz Lua, tanto quanto sei...

— Essa escolha não te pertence. Se eu tiver de ir, Sor Loras ficará aqui ao comando em meu nome.

— Isso é algum gracejo? Sabes o que eu sinto por Sor Loras.

— Se não tivesses mandado Balon Swann para Dorne…

— Preciso dele lá. Os dorneses não são dignos de confiança. Aquela serpente vermelha foi campeão de Tyrion, esqueceste-te disso? Não deixarei a minha filha à mercê deles. E *não* terei Sor Loras ao comando da Guarda Real.

— Sor Loras é três vezes melhor homem do que Sor Osmund.

— As tuas noções de virilidade mudaram um pouco, irmão.

Jaime sentiu a ira a aumentar.

— É verdade, Loras não te olha para as tetas como Sor Osmund, mas não penso…

— Pensa nisto. — Cersei esbofeteou-o.

Jaime não fez qualquer esforço para bloquear o golpe.

— Estou a ver que vou precisar de uma barba mais espessa, para me proteger das carícias da minha rainha. — Desejava arrancar-lhe o vestido e transformar-lhe os golpes em beijos. Já antes o fizera, na época em que tinha duas mãos.

Os olhos da rainha eram gelo verde.

— É melhor que vos vades embora, sor.

... Lancel, Osmund Kettleblack, e o Rapaz Lua…

— Além de mutilado, sois surdo? Encontrareis a porta atrás de vós, sor.

— Às vossas ordens. — Jaime girou nos calcanhares e deixou-a.

Algures, os deuses estavam a rir. Cersei nunca aceitara de bom grado ser contrariada, ele *sabia* disso. Palavras mais suaves poderiam tê-la feito mudar de ideias, mas nos últimos tempos bastava vê-la para se sentir irritado.

Parte de si ficaria contente por pôr Porto Real atrás das costas. Em nada lhe agradava a companhia dos lambe-botas e dos tolos que rodeavam Cersei. "O mais pequeno conselho" era como lhes andavam a chamar no Fundo das Pulgas, de acordo com Addam Marbrand. E Qyburn… podia ter salvo a vida de Jaime, mas não deixava de ser um Saltimbanco Sangrento.

— Qyburn fede a segredos — dissera a Cersei, num aviso. Isso limitara-se a fazê-la rir.

— Todos nós temos segredos, irmão — respondera.

... ela tem andado a foder Lancel e Osmund Kettleblack e provavelmente até o Rapaz Lua, tanto quanto sei…

Quarenta cavaleiros e outros tantos escudeiros esperavam-no à porta dos estábulos da Fortaleza Vermelha. Metade eram ocidentais ajuramentados à Casa Lannister, os outros inimigos recentes transformados em amigos duvidosos. Sor Dermot da Mata de Chuva levaria o estandarte de Tommen, o Ronnet Vermelho Connington a bandeira branca da Guarda Real. Um Paege, um Piper, e um Peckledon partilhariam a honra de servir o Senhor Comandante como escudeiros.

— Mantém os amigos atrás de ti e os inimigos onde os possas ver — aconselhara-o um dia Sumner Crakehall. Ou teria sido o pai?

O seu palafrém era um baio sanguíneo, e o corcel de batalha um magnífico garanhão cinzento. Tinham-se passado longos anos desde a última vez que Jaime dera nomes a qualquer um dos seus cavalos; vira muitos morrer em batalha, e isso tornava-se mais duro quando lhes eram dados nomes. Mas quando o rapaz Piper começou a chamar-lhes Honra e Glória, riu-se e deixou que os nomes pegassem. Glória usava arreios do carmim Lannister; Honra estava ajaezado com o branco da Guarda Real. Josmyn Peckledon segurou nas rédeas do palafrém quando Sor Jaime montou. O escudeiro era magro como uma lança, com longos braços e pernas, um cabelo oleoso de um castanho de rato, e bochechas cobertas por uma suave penugem de pêssego. O seu manto ostentava o carmim Lannister, mas o sobretudo mostrava as dez moletas púrpura da sua Casa, dispostas em fundo de amarelo.

— Senhor — perguntou o rapaz — quereereis a vossa nova mão?

— Usai-a, Jaime — instou Sor Kennos de Kayce. — Acenai aos plebeus e dai-lhes algo para contar aos filhos.

— Penso que não. — Jaime não queria mostrar à multidão uma mentira dourada. *Que vejam o coto. Que vejam o aleijado*. — Mas ficai à vontade para compensar a minha falta, Sor Kennos. Acenai com ambas as mãos e sacudi os pés, se vos aprouver. — Pegou nas rédeas com a mão esquerda e deu meia volta ao cavalo. — Payne — chamou enquanto os outros formavam — seguireis a meu lado.

Sor Ilyn Payne abriu caminho até junto de Jaime, parecendo um pedinte num baile. A sua cota de malha estava velha e enferrujada, e era usada sobre uma jaqueta manchada de couro fervido. Nem o homem nem a sua montada ostentavam símbolos heráldicos; o escudo estava tão amolgado e fendido que era difícil dizer de que cor teria sido a tinta que em tempos o cobrira. Com a sua cara severa e olhos vazios e encovados, Sor Ilyn podia ter passado pela própria morte… e fora o que fizera, durante anos.

Mas já não. Sor Ilyn constituíra metade do preço de Jaime por engolir a ordem do seu rei rapaz como um bom Menino Comandante. A outra metade fora Sor Addam Marbrand.

— Preciso deles — dissera à irmã, e Cersei não resistira. *O mais certo é estar satisfeita por se livrar deles*. Sor Addam era amigo de infância de Jaime, e o carrasco silencioso fora um homem do pai de ambos, se é que era homem de alguém. Payne fora capitão da guarda da Mão quando alguém o ouvira numa vanglória de que era o Lorde Tywin quem governava os Sete Reinos e dizia ao Rei Aerys o que fazer. Aerys Targaryen cortara-lhe a língua por isso.

— Abri os portões — disse Jaime, e o Varrão-Forte, com a sua voz trovejante, gritou:

— ABRI OS PORTÕES!

Quando Mace Tyrell se pusera em marcha através do Portão da Lama ao som de tambores e rabecas, milhares de pessoas encheram as ruas para o aclamar. Rapazinhos tinham-se juntado à marcha, caminhando ao lado dos soldados Tyrell com cabeças erguidas e elevando bem as pernas, enquanto as irmãs desses rapazes atiravam beijos das janelas.

Mas naquele dia era diferente. Algumas rameiras gritavam convites à passagem dos homens, e um vendedor de pastéis de carne apregoava a mercadoria. Na Praça do Sapateiro dois pardais esfarrapados estavam a arengar perante várias centenas de plebeus, clamando pela danação de homens sem deus e adoradores de demónios. A multidão abriu alas para deixar passar a coluna. Tanto pardais como sapateiros os observaram com olhos carregados.

— Gostam do cheiro das rosas mas não sentem amizade pelos leões — observou Jaime. — A minha irmã faria bem em tomar nota disso. — Sor Ilyn não lhe deu resposta. *O companheiro perfeito para uma longa cavalgada. Vou apreciar a sua companhia.*

A maior parte das suas tropas esperava-o para lá das muralhas da cidade; Sor Addam Marbrand com os seus batedores, Sor Steffon Swyft e o comboio logístico, a Santa Centena do velho Sor Bonifer, o Bom, os arqueiros a cavalo de Sarsfield, o Meistre Gulian com quatro gaiolas cheias de corvos, duas centenas de cavaleiros pesados sob o comando de Sor Flement Brax. Somando tudo, não era uma grande hoste; menos de mil

homens ao todo. Um grande número era a última coisa necessária em Correrrio. Um exército Lannister já investia sobre o castelo, bem como uma força ainda maior dos Frey; a última ave que tinham recebido sugeria que os sitiantes estavam a ter dificuldades em manterem-se alimentados. Brynden Tully deixara o terreno limpo antes de retirar para o interior das suas muralhas.

Não que precisasse de grande limpeza. Pelo que Jaime vira das terras fluviais, quase não havia campo de cultivo que permanecesse por queimar, vila por saquear e donzela por espoliar. *E agora a minha querida irmã manda-me acabar o trabalho que Amory Lorch e Gregor Clegane começaram*. Aquilo deixava-lhe um sabor amargo na boca.

Tão perto de Porto Real, a estrada do rei era tão segura como qualquer estrada podia ser em tempos como aqueles, mas Jaime enviou na mesma Marbrand e os seus batedores em frente.

— Robb Stark apanhou-me desprevenido no Bosque dos Murmúrios — disse. — Isso nunca mais voltará a acontecer.

— Tendes a minha palavra quanto a isso. — Marbrand parecia visivelmente aliviado por estar de novo a cavalo, usando o manto de um cinzento fumarento da sua Casa em vez da lã dourada da Patrulha da Cidade. — Se algum inimigo se aproximar mais do que uma dúzia de léguas, ficareis a saber sobre ele de antemão.

Jaime ordenara severamente que nenhum homem se devia afastar da coluna sem a sua licença. Se assim não fosse, sabia que teria jovens fidalgotes aborrecidos a fazer corridas pelos campos, espalhando gado e espezinhando as culturas. Ainda se viam vacas e ovelhas perto da cidade; maçãs nas árvores e bagas nos arbustos, searas de cevada, aveia e trigo de Inverno, carroças e carros de bois na estrada. Mais adiante, as coisas não seriam tão rosadas.

Avançando à frente da hoste com Sor Ilyn silencioso a seu lado, Jaime sentiu-se quase satisfeito. O sol estava quente nas suas costas e o vento afagava-lhe o cabelo como os dedos de uma mulher. Quando o Lew Pequeno Piper se aproximou a galope com um elmo cheio de amoras

silvestres, Jaime comeu uma mão-cheia e disse ao rapaz para partilhar o resto com os outros escudeiros e Sor Ilyn Payne.

Payne parecia tão confortável no seu silêncio como na sua cota de malha ferrugenta e couro fervido. O ruído dos cascos do seu castrado e o chocalhar da espada na bainha sempre que se movia na sela eram os únicos sons que emitia. Embora a sua cara marcada pelas bexigas fosse severa e os seus olhos frios como gelo num lago de Inverno, Jaime sentia que o homem estava satisfeito por ter vindo. *Dei-lhe uma escolha*, recordou a si próprio. *Ele podia ter-me dito que não e continuado como magistrado do rei*.

A nomeação de Sor Ilyn fora um presente de casamento de Robert Baratheon para o pai da sua noiva, uma sinecura para compensar Payne pela língua que perdera ao serviço da Casa Lannister. Ele dava um magnífico carrasco. Nunca estragara uma execução, e raramente precisava de um segundo golpe. E havia algo no seu silêncio que inspirava terror. Raramente tinha um magistrado do rei parecido ser tão adequado ao seu cargo.

Quando Jaime decidiu levá-lo consigo, procurara os aposentos de Sor Ilyn, na ponta do Passeio do Traidor. O andar superior da torre atarracada e semicircular estava dividido em celas para prisioneiros que precisassem de algum grau de conforto, cavaleiros cativos ou fidalgos à espera de resgate ou troca. A entrada para as masmorras propriamente ditas ficava ao nível do chão, atrás de uma porta de ferro martelado e de uma segunda porta de madeira cinzenta e lascada. Nos andares intermédios ficavam quartos guardados para o uso do Carcereiro-Chefe, para o Senhor Confessor e para o Magistrado do Rei. O Magistrado era um carrasco, mas por tradição estava também encarregue das masmorras e dos homens que nelas trabalhavam.

E Sor Ilyn Payne era singularmente pouco adequado para essa tarefa. Como não sabia ler nem escrever, e não podia falar, Sor Ilyn deixara o governo das masmorras aos seus subordinados, fossem eles quem fossem. Porém, o reino não tinha um Senhor Confessor desde o segundo Daeron, e o último Carcereiro-Chefe fora um mercador de tecidos que comprara o cargo ao Mindinho durante o reinado de Robert. Sem dúvida que teve um bom

lucro com ele durante alguns anos, até cometer o erro de conspirar com mais alguns palermas ricos para entregar o trono a Stannis. Chamavam a si próprios "Homens Chifrudos", e Joff pregara-lhe hastes à cabeça antes de os atirar por cima das muralhas da cidade. Portanto recaíra em Rennifer Longwaters, o chefe dos carcereiros de segunda de costas tortas que afirmava com entediante abundância de pormenores ter em si uma "gota de dragão", a tarefa de destrancar as portas das masmorras para Jaime entrar e conduzi-lo pelos estreitos degraus que subiam por dentro das paredes até ao local onde Ilyn Payne vivera durante quinze anos.

Os aposentos fediam a comida apodrecida, e as esteiras estavam cobertas de bicharada. Quando Jaime entrou, quase pisou uma ratazana. A espada longa de Payne repousava sobre uma mesa de montar, ao lado de uma pedra de amolar e de um oleado sebento. O aço mostrava-se imaculado, com o gume a cintilar, azul, à luz pálida, mas noutros pontos havia pilhas de roupa suja espalhadas pelo chão, e os bocados de cota de malha e armadura espalhados por aqui e por ali estavam rubros de ferrugem. Jaime não conseguiu contar os jarros de vinho quebrados. *O homem não tem interesse por nada além de matar*, pensou, no momento em que Sor Ilyn emergia de um quarto que fedia a penicos a transbordar.

— Sua Graça pede-me que lhe reconquiste as terras fluviais — disse-lhe Jaime. — Gostaria de vos ter comigo… caso consigais aguentar a ideia de desistir de tudo isto.

A sua resposta foi o silêncio, e um longo olhar sem pestanejar. Mas no momento em que se preparava para se virar e ir-se embora, Payne fizera-lhe um aceno. *E aqui vem ele*. Jaime deitou um relance ao seu companheiro. *Talvez ainda haja esperança para ambos.*

Nessa noite acamparam à sombra do castelo dos Hayford, que se erguia no cume de uma colina. Enquanto o sol descia, uma centena de tendas brotou na base da colina, ao longo das margens do ribeiro que corria junto a ela. Foi o próprio Jaime a posicionar as sentinelas. Não esperava problemas tão perto da cidade, mas o tio Stafford também se julgara um dia em segurança em Cruzaboi. Era melhor não correr riscos.

Quando o convite para jantar com o castelão da Senhora Hayford desceu do castelo, Jaime levou consigo Sor Ilyn, bem como Sor Addam Marbrand, Sor Bonifer Hasty, o Ronnet Vermelho Connington, o Varrão Forte e uma dúzia de outros cavaleiros e fidalgos.

— Suponho que devia usar a mão — disse a Peck antes de iniciar a subida.

O rapaz foi imediatamente buscá-la. A mão era esculpida em ouro, muito semelhante a uma mão verdadeira, com unhas de madrepérola nela embutidas e os dedos e polegar meio fechados, a fim de poder com eles rodear a haste de um cálice. *Não posso lutar, mas posso beber*, reflectiu Jaime enquanto o rapaz apertava as correias que lhe prendiam a mão ao coto.

— Deste dia em diante, os homens chamar-vos-ão Mão-d'Ouro, senhor — assegurara-lhe o armeiro da primeira vez que a encaixara no pulso de Jaime. *Enganava-se. Serei Regicida até morrer.*

A mão de ouro foi motivo de muitos comentários de admiração durante o jantar, pelo menos até Jaime derrubar um cálice de vinho. Então foi dominado pelo mau génio.

— Se admirais assim tanto esta maldita coisa, cortai a mão da espada e podeis ficar com ela — disse a Flement Brax. Depois daquilo não houve mais conversas acerca da mão, e logrou beber em paz um pouco de vinho.

A senhora do castelo era uma Lannister pelo casamento, uma bebé rechonchuda que fora casada com Tyrek, primo de Jaime, antes de completar um ano. A Senhora Ermesande foi trazida para a aprovação do grupo, como era próprio, toda entrouxada num pequeno vestido de pano de ouro com o fretado verde e a pala ondeada verde da Casa Hayford desenhados com minúsculas contas de jade. Mas a rapariga depressa começou a guinchar, após o que foi rapidamente enxotada para a cama pela ama-de-leite.

— Não houve notícias do nosso Senhor Tyrek? — perguntou o seu castelão enquanto era servido um prato de truta.

— Nenhuma. — Tyrek Lannister desaparecera durante os tumultos em Porto Real, enquanto Jaime estava cativo em Correrrio. O rapaz teria catorze anos por aquela altura, assumindo que ainda estava vivo.

— Eu próprio liderei uma busca, por ordens do Lorde Tywin — interveio Addam Marbrand enquanto tirava as espinhas ao seu peixe — mas não descobri mais do que o Bywater antes de mim. O rapaz foi visto pela última vez a cavalo, quando a pressão da turba quebrou a linha de homens de mantos dourados. Depois disso… bem, o seu palafrém foi encontrado, mas o cavaleiro não. O mais certo é terem-no derrubado e morto. Mas se assim foi, onde está o corpo? A multidão deixou os outros cadáveres no local, porque não o dele?

— Ele teria sido mais valioso vivo — sugeriu o Varrão Forte. — Qualquer Lannister traria um robusto resgate.

— Sem dúvida — concordou Marbrand — e no entanto nunca houve um pedido de resgate. O rapaz simplesmente desapareceu.

— O rapaz está morto. — Jaime bebera três taças de vinho e a sua mão dourada parecia ir-se tornando mais pesada e desajeitada a olhos vistos. *Um gancho servir-me-ia igualmente bem*. — Se compreenderam quem mataram, sem dúvida que o atiraram ao rio com medo da ira do meu pai. Em Porto Real conhecem o sabor que ela tinha. O Lorde Tywin sempre pagou as suas dívidas.

— Sempre — concordou o Varrão Forte, e isso foi o fim da conversa.

Mas mais tarde, sozinho no quarto de torre que lhe fora oferecido para a noite, Jaime deu por si com dúvidas. Tyrek servira o Rei Robert como escudeiro, ao lado de Lancel. O conhecimento podia ser mais valioso do que o ouro, mais mortífero do que um punhal. Foi em Varys que então pensou, sorrindo e cheirando a lavanda. O eunuco tinha agentes e informadores por toda a cidade. Seria coisa simples arranjar as coisas de forma a que Tyrek fosse capturado durante a confusão… desde que soubesse de antemão que era provável que a turba entrasse em tumulto. *E Varys sabia de tudo, ou pelo menos era nisso que gostava de nos fazer*

acreditar. Mas não deu qualquer aviso a Cersei acerca desse tumulto. Nem desceu aos navios para se despedir de Myrcella.

Abriu as portadas. A noite estava a ficar fria, e uma lua cornuda cavalgava o céu. A sua mão brilhava, baça, à luz que ela deitava. *Não serve para esganar eunucos, mas é suficientemente pesada para transformar aquele sorriso viscoso numa bela ruína vermelha*. Queria bater em alguém.

Jaime foi encontrar Sor Ilyn a amolar a espada.

— Está na altura — disse ao homem. O carrasco ergueu-se e seguiu-o, arrastando as botas de couro rachado pelos íngremes degraus de pedra enquanto desciam a escada. Um pequeno pátio abria-se junto ao armeiro. Jaime encontrou aí dois escudos, dois meios-elmos e um par de espadas embotadas de torneio. Entregou uma a Payne e pegou na outra com a mão esquerda enquanto enfiava a direita nas presilhas do escudo. Os seus dedos de ouro eram suficientemente curvos para enganchar, mas não podiam agarrar, de modo que o seu controlo sobre o escudo era pouco firme. — Fostes em tempos um cavaleiro, sor — disse Jaime. — Eu também. Vejamos o que somos agora.

Sor Ilyn ergueu a lâmina em resposta, e Jaime atirou-se imediatamente ao ataque. Payne estava tão enferrujado como a sua cota de malha, e não era tão forte como Brienne, mas parou todos os golpes com a sua lâmina, ou interpôs o escudo. Dançaram sob o crescente de lua enquanto as espadas embotadas cantavam a sua canção de aço. O cavaleiro silencioso contentou-se por algum tempo em deixar que Jaime liderasse a dança, mas por fim começou a responder a cada golpe com um seu. Assim que passou ao ataque, atingiu Jaime na coxa, no ombro, no antebraço. Fez-lhe a cabeça ressoar por três vezes com golpes atirados ao elmo. Uma cutilada arrancou-lhe o escudo do braço direito, e quase rebentou as correias que prendiam a mão de ouro ao coto. Quando baixaram as espadas, Jaime estava cheio de nódoas negras e dorido, mas o vinho fora queimado e tinha a cabeça limpa.

— Voltaremos a dançar — prometeu a Sor Ilyn. — Amanhã, e no dia seguinte. Dançaremos todos os dias, até que eu seja tão bom com a mão esquerda como fui com a direita.

Sor Ilyn abriu a boca e soltou um som seco. *Uma gargalhada*, compreendeu Jaime. Algo retorceu-se-lhe nas tripas.

Ao chegar a manhã, nenhum dos outros teve a ousadia de fazer menção às suas nódoas negras. Ao que parecia, nem um ouvira o som das espadas na noite. Mas quando voltaram a descer dos cavalos para acampar, o Lew Pequeno Piper deu voz à pergunta que cavaleiros e fidalgos não se atreviam a colocar. Jaime sorriu-lhe.

— Na Casa Hayford têm moças cheias de luxúria. Isto são mordidas de amor, rapaz.

Outro dia luminoso e ventoso foi seguido por um enevoado, e depois houve três dias de chuva. O vento e a água não tinham importância. A coluna manteve o ritmo, para norte ao longo da estrada do rei, e todas as noites Jaime encontrava algum local recatado para arranjar mais mordidas de amor. Lutaram dentro de um estábulo observados por uma mula zarolha, e na adega de uma estalagem entre os barris de vinho e cerveja. Lutaram na concha enegrecida de um grande celeiro de pedra, numa ilha arborizada num ribeiro pouco profundo, e num campo aberto enquanto a chuva tamborilava suavemente nos seus elmos escudos.

Jaime arranjava desculpas para os seus devaneios nocturnos, mas não era insensato ao ponto de pensar que os outros acreditavam nelas. Addam Marbrand sabia certamente o que ele andava a fazer, e alguns dos seus outros capitães deviam suspeitar. Mas nenhum falou do assunto ao alcance dos seus ouvidos… e como à única testemunha faltava uma língua, não tinha de temer que alguém ficasse a saber exactamente quão inepto se tornara o Regicida com a espada.

Em breve se viam sinais da guerra por todo o lado. Ervas daninhas, espinheiros e matagais cresciam tão altos como a cabeça de um cavalo em campos onde o trigo de Outono devia estar a maturar, a estrada do rei estava despojada de viajantes, e lobos governavam o fatigado mundo do crepúsculo à alvorada. A maior parte dos animais era suficientemente cautelosa para manter a distância, mas um dos batedores de Marbrand viu o cavalo ser perseguido e morto quando desmontou para urinar.

— Nenhum animal teria tamanha ousadia — declarou Sor Bonifer, o Bom, com tristeza na cara austera. — Isto são demónios em pele de lobos, enviados para nos castigar pelos nossos pecados.

— Então este deve ter sido um cavalo invulgarmente pecador — disse Jaime, em pé junto ao que restava do pobre animal. Deu ordens para que o resto da carcaça fosse cortada e salgada; poderiam vir a precisar da carne.

Num lugar chamado Corno de Porca encontraram um velho e rijo cavaleiro chamado Sor Roger Hogg, que defendia teimosamente a sua torre com seis homens de armas, quatro besteiros e uma vintena de camponeses. Sor Roger era tão grande e hirsuto como um porco de engorda e Sor Kennos sugeriu que podia ser algum Crakehall perdido, visto que o símbolo deles era um varrão malhado. O Varrão Forte pareceu acreditar e passou uma intensa hora a interrogar Sor Roger acerca dos seus ancestrais.

Jaime estava mais interessado no que Hogg tinha a dizer sobre os lobos.

— Tivemos alguns problemas com um bando daqueles lobos da estrela branca — disse-lhe o velho cavaleiro. — Vieram por aí a farejar o vosso rasto, senhor, mas nós corremos com eles, e enterrámos três lá em baixo ao pé dos nabos. Antes deles houve um grupo de malditos leões, com a vossa licença. Aquele que os liderava tinha uma mantícora no escudo.

— Sor Amory Lorch — esclareceu Jaime. — O senhor meu pai ordenou-lhe que assolasse as terras fluviais.

— Às quais nós não pertencemos — disse resolutamente Sor Roger Hogg. — A minha lealdade é devida à Casa Hayford, e a Senhora Ermesande dobra o seu pequeno joelho a Porto Real, ou fá-lo-á assim que tenha idade para andar. Eu disse-lhe isso, mas esse Lorch não era grande ouvinte. Matou metade das minhas ovelhas e três boas cabras leiteiras, e tentou assar-me na minha torre. Mas as minhas muralhas são de pedra sólida com dois metros e meio de espessura, de modo que depois do fogo se apagar foi-se embora aborrecido. Os lobos vieram depois, aqueles de quatro patas. Comeram as ovelhas que a mantícora me deixou. Fiquei com algumas boas peles como recompensa, mas peles não enchem a barriga de ninguém. O que devemos fazer, senhor?

— Plantai — disse Jaime — e rezai por uma última colheita. — Não era resposta prestável, mas era a única que podia dar.

No dia seguinte, a coluna atravessou o ribeiro que formava a fronteira entre as terras que deviam lealdade a Porto Real e aquelas obrigadas a Correrrio. O Meistre Gulian consultou um mapa e anunciou que aqueles montes pertenciam aos irmãos Wode, um par de cavaleiros com terras, ajuramentados a Harrenhal… mas os fortes *deles* tinham sido construídos de terra e madeira, e só restavam vigas enegrecidas.

Não apareceu nenhum Wode, nem nenhum dos seus plebeus, embora alguns foras-da-lei se tivessem abrigado na cave por baixo da fortaleza do segundo irmão. Um deles usava as ruínas de um manto carmesim, mas Jaime enforcou-o com os outros. Soube-lhe bem. Aquilo era justiça. *Habitua-te a isso, Lannister, e um dia os homens talvez te chamem Mão-d'Ouro, afinal. Mão-d'Ouro, o Justo.*

O mundo foi ficando mais cinzento à medida que se aproximavam de Harrenhal. Avançavam sob céus de ardósia, ao lado de águas que brilhavam, velhas e frias como uma folha de aço batido. Jaime deu por si a perguntar a si próprio se Brienne teria passado por ali antes dele. *Se ela pensou que Sansa Stark se dirigiu a Correrrio…* Caso tivessem encontrado outros viajantes, podia ter parado para perguntar se algum teria por acaso visto uma donzela bonita com cabelo ruivo, ou uma grande e feia com uma cara capaz de coalhar leite. Mas não havia nada nas estradas a não ser lobos, e os seus uivos não continham respostas.

As torres da loucura do Harren Negro surgiram por fim do outro lado das águas de peltre do lago, cinco dedos negros retorcidos, pedra deformada que se estendia para o céu. Embora o Mindinho tivesse sido nomeado Senhor de Harrenhal, parecia não ter grande pressa de ocupar os seus novos domínios, e assim coube a Jaime Lannister "pôr em ordem" Harrenhal a caminho de Correrrio.

Não duvidava de que o castelo necessitava de ser posto em ordem. Gregor Clegane arrancara o imenso e sombrio castelo aos Saltimbancos Sangrentos antes de Cersei o chamar a Porto Real. Sem dúvida que os

homens da Montanha continuavam a chocalhar lá por dentro como outras tantas ervilhas secas no interior de uma armadura, mas não eram os homens ideais para devolver o Tridente à paz do rei. A única paz que o bando de Sor Gregor alguma vez dera a alguém era a paz da sepultura.

Os batedores de Sor Addam tinham relatado que os portões de Harrenhal se encontravam fechados e trancados. Jaime enfileirou os seus homens à frente deles e ordenou a Sor Kennos de Kayce para fazer soar o Corno de Herrock, negro, retorcido e ligado com ouro velho.

Depois de três sopros terem ecoado nas muralhas, ouviram o gemido de dobradiças de ferro e os portões abriram-se lentamente. As muralhas da loucura do Harren Negro eram tão espessas que Jaime passou por baixo de uma dúzia de alçapões antes de emergir à súbita luz do sol no pátio onde dissera adeus aos Saltimbancos Sangrentos não havia assim tanto tempo como isso. Ervas daninhas brotavam da terra bem batida, e moscas zumbiam em volta da carcaça de um cavalo.

Uma mão-cheia dos homens de Sor Gregor emergiu das torres para o ver desmontar; homens de olhos e bocas duras, todos eles. *Tinham de ser, para acompanhar a Montanha*. O melhor que podia ser dito dos homens de Gregor era que não eram propriamente um bando tão vil e violento como os Bravos Companheiros.

— Que eu seja fodido, o Jaime Lannister — exclamou um homem de armas cinzento e grisalho. — É o raio do Regicida, rapazes. Que eu seja fodido com uma lança!

— E tu vens a ser quem? — perguntou Jaime.

— O Sor costumava chamar-me Boca de Merda, se aprouver ao s'nhor. — Cuspiu nas mãos e limpou a cara com elas, como se aquilo de algum modo o deixasse mais apresentável.

— Encantador. És tu quem comanda aqui?

— Eu? Não, merda. S'nhor. Que me enrabem com a porra duma lança. — O Boca de Merda tinha na barba migalhas suficientes para alimentar a guarnição. Jaime teve de se rir. O homem tomou aquilo como

encorajamento. — Que me enrabem com a porra duma lança — voltou a dizer, e também se pôs a rir.

— Ouvistes o homem — disse Jaime a Ilyn Payne. — Arranjai uma boa e longa lança e enfiai-lha pelo cu acima.

Sor Ilyn não tinha uma lança, mas o Jon Imberbe Bettley atirou-lhe uma de bom grado. O riso ébrio do Boca de Merda parou abruptamente.

— Mantém a merda dessa coisa longe de mim.

— Vê se te decides — disse Jaime. — Quem tem aqui o comando? Sor Gregor nomeou um castelão?

— Polliver — disse outro homem — só que o Cão de Caça o matou, s'nhor. A ele e ao Cócegas, e àquele moço Sarsfield.

Outra vez o Cão de Caça.

— Sabes que foi Sandor? Viste-o?

— Nós não, s'nhor. O estalajadeiro disse-nos.

— Aconteceu na estalagem do entroncamento, senhor. — Quem falou foi um homem mais novo, com um matagal de cabelo cor de areia. Usava a corrente de moedas que em tempos pertencera a Vargo Hoat; moe-das de meia centena de cidades distantes, de prata e ouro, de cobre e bronze, moedas quadradas e moedas redondas, triângulos e anéis e bocados de osso. — O estalajadeiro jurou que o homem tinha um lado da cara todo queimado. As rameiras dele contaram a mesma história. Sandor tinha um rapaz qualquer com ele, um moço esfarrapado do campo. Fizeram Polly e o Cócegas em bocados sangrentos e foram-se embora pelo Tridente abaixo.

— Mandastes homens atrás deles?

O Boca de Merda franziu o sobrolho, como se a ideia fosse dolorosa.

— Não, s'nhor. Que nos fodam a todos, não mandámos.

— Quando um cão enlouquece, corta-se-lhe a garganta.

— Bem — disse o homem, esfregando a boca — eu nunca gostei muito do Polly, esse merdas, e o cão, o gajo era irmão do Sor, de modo que…

— Nós somos maus, s'nhor — interrompeu o homem que usava as moedas — mas é preciso ser doido para enfrentar o Cão de Caça.

Jaime olhou-o de cima a baixo. *Mais ousado do que os outros, e não tão bêbado como o Boca de Merda.*

— Tivestes medo dele.

— Eu não diria *medo*, s'nhor. Diria que o 'távamos a deixar para homens melhores que nós. Para alguém como o Sor. Ou vós.

Eu, quando tinha duas mãos. Jaime não se iludia. Agora Sandor trataria dele em dois tempos.

— Tens nome?

— Rafford, se aprouver. A maioria chama-me Raff.

— Raff, reúne a guarnição no Salão das Cem Lareiras. Os cativos também. Vou querer vê-los. Incluindo aquelas rameiras da encruzilhada. Oh, e Hoat. Fiquei perturbado quando soube que morreu. Gostava de ver a sua cabeça.

Quando lha trouxeram, descobriu que os lábios do Bode tinham sido cortados, tal como as orelhas e a maior parte do nariz. Os corvos tinham jantado os seus olhos. Mas ainda era possível reconhecer-se ali o Hoat. Jaime conheceria a sua barba em qualquer parte; uma absurda corda de pêlos com sessenta centímetros de comprimento, que pendia de um queixo pontiagudo. Além disso, só algumas fitas de pele com textura de couro ainda aderiam ao crânio do qohorik.

— Onde está o resto dele? — perguntou.

Ninguém lhe queria dizer. Por fim, o Boca de Merda baixou os olhos, e resmungou:

— Apodreceu, sor. E foi comido.

— Um dos cativos andava sempre a pedinchar comida — admitiu Rafford — de modo que o Sor disse para lhe dar bode assado. Mas o qohorik não tinha lá muita carne. O Sor cortou-lhe primeiro as mãos e os pés, depois os braços e as pernas.

— O paneleiro gordo ficou com a maior parte, s'nhor — esclareceu o Boca de Merda — mas o Sor disse para a gente tratar de que todos os cativos provassem um bocadinho. E o próprio Hoat também. Aquele filho

da puta babava-se quando a gente lha dava de comer, e a gordura corria por aquela barba fininha que ele tinha.

Pai, pensou Jaime, *ambos os teus cães enlouqueceram*. Deu por si a recordar histórias que ouvira pela primeira vez em criança, no Rochedo Casterly, sobre a louca Senhora Lothston que se banhava em banheiras de sangue e presidia a banquetes de carne humana dentro daquelas mesmas muralhas.

De algum modo, a vingança perdera o sabor.

— Leva isto e deita-a ao lago. — Jaime atirou a cabeça de Hoat a Peck, e voltou-se para se dirigir à guarnição. — Até que o Lorde Petyr chegue para reclamar os seus domínios, Sor Bonifer Hasty controlará Harrenhal em nome da coroa. Aqueles de vós que o desejem podem juntar-se-lhe, se ele vos quiser. O resto seguirá comigo para Correrrio.

Os homens da Montanha olharam uns para os outros.

— Nós estamos à espera de pagamento — disse um. — Foi promessa do Sor. Ricas recompensas, disse ele.

— Foram as palavras dele — concordou o Boca de Merda. — *Ricas recompensas para quem seguir comigo*. — Uma dúzia de outros pôs-se a clamar o seu acordo.

Sor Bonifer ergueu uma mão enluvada.

— Qualquer homem que permaneça comigo terá uma jeira de terra para trabalhar, uma segunda jeira quando tomar esposa, uma terceira quando o seu primeiro filho nascer.

— Terra, sor? — O Boca de Merda cuspiu. — Cagando p'ra isso. Se quiséssemos fossar na porra da terra, bem podíamos ter ficado em casa, ou o raio, com a vossa licença, sor. *Ricas recompensas*, disse o Sor. Querendo dizer ouro.

— Se tiverdes motivo de queixa, ide a Porto Real e levai-a à minha querida irmã. — Jaime virou-se para Rafford. — Quero ver agora esses cativos. Começando por Sor Wylis Manderly.

— É o gordo? — perguntou Rafford.

— Espero piamente que sim. E não me conteis tristes histórias sobre como ele morreu, senão todo o vosso bando é capaz de fazer o mesmo.

Quaisquer esperanças que pudesse ter nutrido de encontrar Shagwell, Pyg ou Zollo a definhar nas masmorras foram tristemente desiludidas. Os Bravos Companheiros tinham abandonado Vargo Hoat até ao último homem, aparentemente. Do pessoal da Senhora Whent só restavam três: o cozinheiro que abrira a poterna a Sor Gregor, um armeiro corcunda chamado Ben Blackthumb, e uma rapariga chamada Pia, que já não era nem de perto tão bonita como fora da última vez que Jaime a vira. Alguém lhe quebrara o nariz e lhe fizera saltar metade dos dentes. A rapariga caiu aos pés de Jaime quando o viu, soluçando e agarrando-se-lhe à perna com uma força histérica até que o Varrão Forte a obrigou a soltá-la.

— Ninguém te fará mal agora — disse-lhe, mas isso só a fez soluçar mais alto.

Os outros cativos tinham sido melhor tratados. Sor Wylis Manderly estava entre eles, com vários outros nortenhos de elevado nascimento, tomados prisioneiros pela Montanha Que Cavalga no combate nos vaus do Tridente. Reféns úteis, todos eles valiam um resgate considerável. Estavam todos esfarrapados, imundos, e desgrenhados, e alguns tinham nódoas negras recentes, dentes partidos, e dedos em falta, mas os seus ferimentos tinham sido lavados e ligados, e nenhum passara fome. Jaime perguntou a si próprio se teriam alguma noção do que tinham andado a comer, e decidiu que era melhor não perguntar.

Em nenhum restava qualquer desafio; especialmente em Sor Wylis, uma banheira de sebo de cara peluda com olhos mortiços e bochechas pálidas e descaídas. Quando Jaime lhe disse que seria escoltado até Lagoa da Donzela e aí posto num navio com destino a Porto Branco, Sor Wylis transformou-se numa poça no chão e soluçou durante mais tempo e mais ruidosamente do que a Pia. Foram necessários quatro homens para o voltar a pôr em pé. *Demasiado bode assado*, reflectiu Jaime. *Deuses, como odeio este maldito castelo*. Harrenhal vira mais horrores nos seus trezentos anos do que o Rochedo Casterly testemunhara em três mil.

Jaime ordenou que fossem acesos fogos no Salão das Cem Lareiras e enviou o cozinheiro a coxear até às cozinhas para preparar uma refeição quente para os homens da sua coluna.

— Qualquer coisa menos bode.

Quanto a ele, jantou no Salão do Caçador com Sor Bonifer Hasty, uma solene cegonha dada a salgar o discurso com apelos aos Sete.

— Não quero nenhum dos seguidores de Sor Gregor — declarou enquanto cortava uma pêra tão seca como ele por forma a assegurar-se de que o sumo inexistente do fruto não iria manchar o seu imaculado gibão púrpura, decorado com a banda branca cotisada da sua Casa. — Não terei tais pecadores ao meu serviço.

— O meu septão costumava dizer que todos os homens eram pecadores.

— Não se enganava — concedeu Sor Bonifer — mas alguns pecados são mais negros do que outros, e mais nauseabundos às narinas dos Sete.

E tu não tens mais nariz do que o meu pequeno irmão, caso contrário os meus pecados far-te-iam engasgar com essa pêra.

— Muito bem. Tirarei o bando de Gregor das vossas mãos. — Podia sempre dar uso a combatentes. Mais que não fosse, podia mandá-los subir primeiro as escadas, caso tivesse necessidade de assaltar as muralhas de Correrrio.

— Levai também a rameira — pediu Sor Bonifer. — Sabeis qual é. A rapariga das masmorras.

— Pia. — Da última vez que estivera ali, Qyburn mandara a rapariga à sua cama, julgando que isso lhe agradaria. Mas a Pia que tinham trazido das masmorras era uma criatura diferente da doce, simples e risonha criatura que se lhe enfiara sob as mantas. Cometera o erro de falar quando Sor Gregor queria silêncio, e a Montanha fizera-lhe os dentes em lascas com um punho coberto de cota de malha e quebrara-lhe também o belo narizinho. Teria feito pior, sem dúvida, se Cersei não o tivesse chamado a Porto Real para enfrentar a lança da Víbora Vermelha. Jaime não faria luto por ele. — Pia nasceu neste castelo — disse a Sor Bonifer. — É a única casa que ela alguma vez conheceu.

— Ela é uma fonte de corrupção — disse Sor Bonifer. — Não a quero perto dos meus homens, a exibir as suas… formas.

— Julgo que os seus dias de exibição tenham ficado para trás — disse — mas se ela vos levanta tantas objecções, eu levo-a. — Supunha que podia fazer dela uma lavadeira. Os seus escudeiros não se importavam de lhe montar a tenda, de lhe tratar do cavalo ou de lhe limpar a armadura, mas a tarefa de lhe cuidar da roupa era vista por eles como pouco viril. — Sois capaz de defender Harrenhal apenas com a vossa Santa Centena? — perguntou Jaime. Na verdade deviam chamar-lhes Santos Oitenta e Seis, visto terem perdido catorze homens na Água Negra, mas não havia dúvida de que Sor Bonifer recomporia as fileiras assim que encontrasse recrutas suficientemente pios.

— Não prevejo dificuldades. A Velha iluminar-nos-á o caminho, e o Guerreiro dará força aos nossos braços.

Ou então, o Estranho aparecerá em busca de todo o vosso santo bando. Jaime não tinha a certeza de quem convencera a irmã de que Sor Bonifer devia ser nomeado castelão de Harrenhal, mas a nomeação cheirava a Orton Merryweather. Julgava lembrar-se vagamente de que Hasty servira em tempos o avô de Merryweather. E o administrador de justiça de cabelo cor de cenoura era mesmo o tipo de pateta simplório capaz de partir do princípio de que alguém chamado "o Bom" era a exacta poção de que as terras fluviais necessitavam para sarar as feridas deixadas por Roose Bolton, Vargo Hoat e Gregor Clegane.

Mas talvez não se engane. Hasty provinha das terras da tempestade, de modo que não tinha nem amigos nem inimigos ao longo do Tridente; não havia contendas de sangue, não havia dívidas a pagar, não havia companheiros a recompensar. Ele era sóbrio, justo e cumpridor, não havia nos Sete Reinos soldados melhor disciplinados do que os seus Santos Oitenta e Seis e davam um belo espectáculo quando faziam os seus grandes castrados cinzentos rodopiar e empinar-se. O Mindinho dissera um dia, em gracejo, que Sor Bonifer devia ter também castrado os cavaleiros, de tal modo imaculada era a sua reputação.

Mesmo assim, Jaime duvidava de quaisquer soldados que fossem mais conhecidos pelos seus lindos cavalos do que pelos inimigos que tivessem morto. *Eles rezam bem, suponho, mas serão capazes de lutar?* Não se tinham desonrado na Água Negra, tanto quanto sabia, mas também não se tinham distinguido. O próprio Sor Bonifer fora um cavaleiro prometedor na juventude, mas algo lhe acontecera, uma derrota, uma desonra ou uma visão próxima da morte, e depois disso decidira que justar era uma vaidade vazia e pusera definitivamente a lança de lado.

Mas Harrenhal tem de ser controlado, e aqui o Baelor Olho-do-Cu é o homem que Cersei escolheu para o controlar.

— Este castelo tem má reputação — preveniu-o — e uma reputação que foi bem merecida. Diz-se que Harren e os filhos ainda vagueiam de noite pelos salões, incendiados. Aqueles que os contemplam rebentam em chamas.

— Não temo sombras, sor. Está escrito na *Estrela de Sete Pontas* que espíritos, criaturas de além-túmulo e mortos-vivos não podem fazer mal a um homem piedoso, desde que ele esteja coberto pela armadura da sua fé.

— Então armai-vos de fé, com certeza, mas usai também um lorigão e placa de aço. Todos os homens que controlam este castelo parecem ter mau fim. A Montanha, o Bode, até o meu pai…

— Se perdoardes a ousadia, eles não eram homens devotos, como nós somos. O Guerreiro protege-nos, e a ajuda está sempre próxima, caso algum terrível inimigo nos ameace. O Meistre Gulian ficará aqui com os seus corvos, o Lorde Lancel está perto, em Darry, com a sua guarnição, e o Lorde Randyll controla Lagoa da Donzela. Juntos, nós os três perseguiremos e destruiremos quaisquer foras-da-lei que percorram esta região. Depois disso feito, os Sete guiarão o bom povo de volta às suas aldeias, para arar a terra, plantá-la e reconstruir.

Aqueles que o Bode não matou, pelo menos. Jaime enganchou a haste do seu cálice de vinho nos dedos de ouro.

— Se algum dos Bravos Companheiros de Hoat vos cair nas mãos, mandai-me imediatamente dizer. — O Estranho podia ter-se escapulido com

o Bode antes de Jaime arranjar oportunidade para tratar dele, mas o gordo Zollo ainda andava por aí, com Shagwell, Rorge, o Fiel Urswyck e os outros.

— Para que possais torturá-los e matá-los?

— Suponho que vós os perdoaríeis, se estivésseis no meu lugar?

— Se se arrependessem sinceramente dos seus pecados… sim, abraçá-los-ia a todos como irmãos e rezaria com eles antes de os mandar para o cepo. Os pecados podem ser perdoados. Os crimes requerem punição. — Hasty fechou as mãos à sua frente fazendo com elas uma espécie de campanário, de um modo que fez com que Jaime se lembrasse desconfortavelmente do pai. — Se for Sandor Clegane que encontrarmos, o que quereis que eu faça?

Reza muito, pensou Jaime, *e foge*.

— Mandai-o juntar-se ao seu querido irmão, e ficai feliz por os deuses terem feito sete infernos. Só um nunca seria suficiente para conter ambos os Clegane. — Pôs-se desajeitadamente em pé. — Beric Dondarrion é diferente. Se o capturardes, mantende-o preso até ao meu regresso. Vou querer levá-lo para Porto Real com uma corda em volta do pescoço, e ordenar a Sor Ilyn que lhe corte a cabeça onde metade do reino o possa ver.

— E o tal sacerdote de Myr que o acompanha? Diz-se que espalha a sua falsa fé por todo o lado.

— Matai-o, beijai-o ou rezai com ele, como quiserdes.

— Não tenho qualquer desejo de beijar o homem, senhor.

— Não tenho dúvidas de que ele diria o mesmo de vós. — O sorriso de Jaime transformou-se num bocejo. — Perdão. Retirar-me-ei, se não tiverdes objecções.

— Nenhuma, senhor — disse Hasty. Certamente queria rezar.

Jaime queria lutar. Atacou os degraus dois a dois, até onde o ar da noite fosse frio e vivificante. No pátio iluminado por archotes, o Varrão Forte e Sor Flement Brax defrontavam-se enquanto um anel de homens de armas os aclamavam. *Sor Lyle levará a melhor nesta luta*, compreendeu. *Tenho de encontrar Sor Ilyn*. Tinha de novo a comichão nos dedos. Os seus passos

afastaram-no do ruído e da luz. Passou por baixo da ponte coberta e atravessou o Pátio das Lâminas antes de se aperceber do local para onde se dirigia.

Ao aproximar-se da arena dos ursos, viu o brilho de uma lanterna e a pálida luz invernal que ela derramava sobre as fileiras de íngremes bancos de pedra. *Alguém chegou antes de mim, segundo parece*. A arena seria um belo local para dançar; talvez Sor Ilyn se lhe tivesse antecipado.

Mas o cavaleiro em pé junto à arena era maior; um homem rude e barbudo com um sobretudo vermelho e branco adornado com grifos. *Connington. Que está ele a fazer aqui?* Lá em baixo, a carcaça do urso ainda jazia na areia, embora só restassem os ossos e a pele esfarrapada, meio enterrados. Jaime sentiu uma pontada de piedade pelo animal. *Pelo menos morreu em batalha.*

— Sor Ronnet — chamou — perdestes-vos? É um grande castelo, bem sei.

O Ronnet Vermelho ergueu a lanterna.

— Quis ver o local onde o urso dançou com a donzela não-muito-bela. — A barba do homem brilhava à luz como se estivesse em fogo. Jaime sentiu o cheiro de vinho no seu hálito. — É verdade que a rapariga dançou nua?

— Nua? Não. — Perguntou a si próprio como teria essa prega sido adicionada à história. — Os Saltimbancos enfiaram-na num vestido de seda cor-de-rosa e meteram-lhe uma espada de torneio na mão. O Bode queria que a sua morte fosse *difertida*. Se assim não fosse…

— … a visão de Brienne nua poderia ter feito o urso fugir aterrorizado. — Connington soltou uma gargalhada.

Jaime não.

— Falais como se conhecêsseis a senhora.

— Estive-lhe prometido.

Aquilo apanhou-o de surpresa. Brienne nunca mencionara um noivado.

— O pai arranjou-lhe uma união…

— Três vezes — disse Connington. — Eu fui o segundo. Ideia do meu pai. Eu tinha ouvido dizer que a rapariga era feia, e foi o que lhe disse, mas ele respondeu que todas as mulheres eram iguais depois de se apagar a vela.

— O vosso pai. — Jaime examinou o sobretudo do Ronnet Vermelho, onde dois grifos se defrontavam num campo de vermelho e branco. Grifos dançantes. — O… irmão do nosso falecido Mão, não era?

— Primo. O Lorde Jon não tinha irmãos.

— Pois não. — Veio-lhe tudo à memória. Jon Connington fora amigo do Príncipe Rhaegar. Quando Merryweather falhara tão tristemente em conter a Rebelião de Robert e não fora possível encontrar o Príncipe Rhaegar, Aerys virara-se para a segunda melhor opção e promovera Connington ao cargo de Mão. Mas o Rei Louco andava sempre a cortar as Mãos. Cortara o Lorde Jon depois da Batalha dos Sinos, despindo-o de honrarias, terras e riquezas, e expulsando-o mar fora para ir morrer no exílio, onde rapidamente bebera até à morte. Mas o primo, pai do Ronnet Vermelho, juntara-se à rebelião e fora recompensado com o Poleiro do Grifo após o Tridente. Mas só recebera o castelo; Robert ficara com o ouro e outorgara a maior parte das terras dos Connington a apoiantes mais fervorosos.

Sor Ronnet era um cavaleiro com terras, nada mais. Para um homem como ele, a Donzela de Tarth teria sido realmente um belo acepipe.

— Porque foi que não casastes? — perguntou-lhe Jaime.

— Ora, fui a Tarth e vi-a. Era seis anos mais velho do que ela, mas a rapariga conseguia olhar-me nos olhos. Era uma porca vestida de seda, embora a maioria das porcas tenham tetas maiores. Quando tentou falar quase se engasgou com a própria língua. Dei-lhe uma rosa e disse-lhe que isso seria tudo o que teria de mim. — Connington olhou a arena de relance. — O urso era menos peludo do que essa aberração. Eu…

A mão dourada de Jaime atingiu-o na boca com tanta força que o outro cavaleiro caiu aos tropeções pelos degraus abaixo. A lanterna caiu e esmagou-se, e o azeite espalhou-se, ardendo.

— Estáveis a falar de uma senhora de elevado nascimento, sor. Chamai-lhe pelo nome. Chamai-lhe Brienne.

Connington afastou-se das chamas que se espalhavam, apoiado nas mãos e nos joelhos.

— Brienne. Se aprouver ao senhor. — Cuspiu um escarro de sangue aos pés de Jaime. — Brienne, a Bela.

OceanofPDF.com

CERSEI

Foi uma lenta subida até ao topo da Colina de Visenya. Enquanto os cavalos se esforçavam a subir, a rainha recostou-se numa fofa almofada vermelha. De fora vinha a voz de Sor Osmund Kettleblack.

— Abram alas. Desimpedi a rua. Abram alas para Sua Graça, a rainha.

— Margaery *realmente* mantém uma corte animada — estava a Senhora Merryweather a dizer. — Temos malabaristas, saltimbancos, poetas, fantoches…

— Cantores? — sugeriu Cersei.

— Mais do que muitos, Vossa Graça. Hamish, o Harpista, toca para ela uma vez por quinzena, e por vezes Alaric de Eysen entretém-nos durante uma noite, mas o seu favorito é o Bardo Azul.

Cersei recordava-se de ver o bardo no casamento de Tommen. *Jovem, e bonito ao olhar. Poderá haver aí alguma coisa?*

— Ouvi dizer que também há outros homens. Cavaleiros e cortesãos. Admiradores. Dizei-me a verdade, senhora. Achais que Margaery ainda é donzela?

— Ela diz que é, Vossa Graça.

— Realmente diz. E vós, dizeis o quê?

Os olhos negros de Taena cintilaram de travessura.

— Quando se casou com o Lorde Renly em Jardim de Cima, eu ajudei a despi-lo. Sua senhoria era um homem bem feito e robusto. Vi a prova quando o atirámos para a cama de núpcias onde a sua noiva aguardava nua como no dia do seu nome, com um lindo rubor por baixo da colcha. Sor Loras tinha-a trazido em pessoa pelos degraus acima. Margaery pode dizer que o casamento nunca foi consumado, que o Lorde Renly bebera demasiado vinho no banquete de casamento, mas garanto-vos que aquilo que tinha entre as pernas estava tudo menos cansado da última vez que o vi.

— Tereis por acaso visto a cama nupcial na manhã seguinte? — perguntou Cersei. — Ela sangrou?

— Não foi exibido qualquer lençol, Vossa Graça.

É pena. Apesar de tudo, a ausência de um lençol ensanguentado, em si mesma, pouco queria dizer. Tinha-lhe constado que as camponesas comuns sangravam como porcos nas suas noites de núpcias, mas isso era menos verdadeiro relativamente a donzelas de elevado nascimento como Margaery Tyrell. Dizia-se que era mais provável que a filha de um lorde entregasse a virgindade a um cavalo do que a um marido, e Margaery montava desde que tivera idade para andar.

— Consta-me que a pequena rainha tem muitos admiradores entre os nossos cavaleiros domésticos. Os gémeos Redwyne, Sor Tallad… dizei-me, quem mais?

A Senhora Merryweather encolheu os ombros.

— Sor Lambert, o tolo que esconde um olho bom atrás de uma pala. Bayard Norcross. Courtenay Greenhill. Os irmãos Woodwright, por vezes Portifer e muitas vezes Lucantine. Oh, e o Grande Meistre Pycelle é um visitante frequente.

— Pycelle? Deveras? — Teria aquele trémulo e velho verme abandonado o leão em favor da rosa? *Se assim for, irá arrepender-se*. — Quem mais?

— O ilhéu do Verão com o seu manto de penas. Como pude esquecer-me dele, com a sua pele negra como tinta? Outros vêm cortejar as primas. Elinor está prometida ao rapaz Ambrose, mas adora namoriscar, e Megga tem um novo pretendente todas as quinzenas. Uma vez beijou um latrineiro na cozinha. Ouvi falar acerca de um casamento dela com o irmão da Senhora Bulwer, mas estou certa de que se Megga pudesse escolher, preferiria Mark Mullendore.

Cersei soltou uma gargalhada.

— O cavaleiro das borboletas que perdeu o braço na Água Negra? De que serve metade de um homem?

— Megga acha-o querido. Pediu à Senhora Margaery para a ajudar a encontrar um macaco para ele.

— Um macaco. — A rainha não soube o que dizer a respeito daquilo. *Pardais e macacos. É verdade, o reino está a enlouquecer*. — E o nosso valente Sor Loras? Com que frequência visita ele a irmã?

— Mais do que qualquer dos outros. — Quando Taena franzia o sobrolho, aparecia uma minúscula ruga entre os seus olhos escuros. — Visita-a todas as manhãs e todas as noites, a menos que os seus deveres interfiram. O irmão é-lhe devotado, partilham tudo com… oh… — Por um momento, a mulher de Myr pareceu quase chocada. Então um sorriso espalhou-se-lhe pelo rosto. — Tive a mais perversa das ideias, Vossa Graça.

— É melhor guardá-la para vós. A colina está repleta de pardais, e todos sabemos como os pardais abominam a perversidade.

— Ouvi dizer que também abominam o sabão e a água, Vossa Graça.

— Talvez demasiadas rezas roubem a um homem o sentido do cheiro. Não me esquecerei de perguntar se assim é a Sua Alta Santidade.

As cortinas oscilavam de um lado para o outro numa onda de seda carmesim.

— Orton disse-me que o Alto Septão não tem nome — disse a Senhora Taena. — Poderá ser verdade? Em Myr todos temos nomes.

— Oh, ele teve um nome *um dia*. Todos tiveram. — A rainha fez um gesto de indiferença com a mão. — Até septões nascidos de sangue nobre respondem apenas pelos seus nomes próprios depois de tomarem votos. Quando um deles é elevado a *Alto* Septão, põe de lado também esse nome. A Fé dir-vos-á que ele já não tem necessidade de um nome de homem, porque se transformou na manifestação dos deuses.

— Como distinguis os Altos Septões uns dos outros?

— Com dificuldade. Tem de se dizer "o gordo", ou "aquele que veio antes do gordo", ou "o velho que morreu durante o sono". É sempre possível arrancar-lhes os nomes próprios, se se quiser, mas eles melindram-se se os usarmos. Faz-lhes lembrar que um dia nasceram como homens comuns, e não gostam disso.

— O senhor meu esposo disse-me que este novo nasceu com porcaria debaixo das unhas.

— Suspeito que sim. Como regra, os Mais Devotos elevam um dos seus, mas houve excepções. — O Grande Meistre Pycelle informara-a da história, com um detalhe entediante. — Durante o reinado do Rei Baelor, o

Abençoado, um simples pedreiro foi escolhido como Alto Septão. O homem trabalhava a pedra de forma tão bela que Baelor decidiu que era o Ferreiro renascido em carne mortal. Não sabia ler nem escrever, nem era capaz de se recordar das palavras da mais simples das preces. — Ainda havia quem afirmasse que o Mão de Baelor mandara envenenar o homem para poupar embaraços ao reino. — Depois desse morrer, foi elevado um rapaz de oito anos, de novo por insistência do Rei Baelor. Sua Graça declarou que o rapaz operava milagres, embora nem mesmo as suas pequenas mãos curandeiras tivessem salvo Baelor durante o seu último jejum.

A Senhora Merryweather soltou uma gargalhada.

— Oito anos? Talvez o meu filho possa ser Alto Septão. Tem quase sete.

— Ele reza muito? — perguntou a rainha.

— Prefere brincar com espadas.

— Então é um rapaz a sério. É capaz de dizer o nome de todos os sete deuses?

— Julgo que sim.

— Terei de levá-lo em consideração. — Cersei não duvidava de que havia uma grande quantidade de rapazes que honrariam mais a coroa de cristal do que o desgraçado a quem os Mais Devotos haviam decidido outorgá-la. *Isto é o que acontece quando se deixa que idiotas e cobardes se governem a si próprios. Da próxima vez, eu escolher-lhes-ei o seu chefe*. E a próxima vez podia não demorar muito a chegar, se o novo Alto Septão continuasse a aborrecê-la. A Mão de Baelor tinha pouco a ensinar a Cersei Lannister em assuntos como esse.

— *Desobstruí o caminho!* — estava Sor Osmund Kettleblack a gritar. — *Abram alas para a Graça da Rainha!*

A liteira começou a abrandar, o que só podia querer dizer que estavam perto do topo da colina.

— Devíeis trazer esse vosso filho para a corte — disse Cersei à Senhora Merryweather. — Seis anos não é novo demais. Tommen precisa de outros rapazes à sua volta. Porque não o vosso filho? — Joffrey nunca tivera um

amigo íntimo da sua idade, que se lembrasse. *O pobre rapaz sempre esteve só. Eu tinha Jaime quando era criança… e Melara, até ela cair ao poço*. Joff gostara do Cão de Caça, certamente, mas isso não era amizade. Procurava o pai que nunca encontrara em Robert. *Um irmãozinho adoptivo pode ser precisamente aquilo de que Tommen precisa para o afastar de Margaery e das suas galinhas*. A seu tempo podiam tornar-se tão chegados como Robert e o seu amigo de infância, Ned Stark. *Um tolo, mas um tolo leal. Tommen precisará de amigos leais que lhe vigiem a retaguarda.*

— Vossa Graça é bondosa, mas Russell nunca conheceu outro lar além de Mesalonga. Temo que se sentiria perdido nesta grande cidade.

— A princípio, sim — concedeu a rainha — mas em breve ultrapassaria isso, tal como eu ultrapassei. Quando o meu pai mandou trazer-me para a corte chorei e Jaime enfureceu-se, até que a minha tia se sentou comigo no Jardim de Pedra e me disse que não havia ninguém em Porto Real que eu devesse temer. "És uma leoa", disse, "e cabe a todas as feras menores temer-te a ti". O vosso filho também encontrará a sua coragem. Decerto que preferiríeis tê-lo por perto, onde pudésseis vê-lo todos os dias. É o vosso único filho, não é?

— Por agora. O senhor meu esposo pediu aos deuses para nos abençoarem com outro, para o caso de…

— Eu sei. — Pensou em Joffrey, arranhando o pescoço. Nos seus últimos momentos olhara-a num apelo desesperado, e uma súbita recordação parara-lhe o coração; uma gota de sangue rubro a silvar na chama de uma vela, uma voz coaxante que falava de coroas e mortalhas, de morte às mãos do *valonqar*.

Fora da liteira, Sor Osmund estava a gritar qualquer coisa, e alguém gritava-lhe em resposta. A liteira parou com um solavanco.

— Estais todos mortos? — rugiu o Kettleblack. — *Saí da porcaria do caminho!*

A rainha puxou para trás um canto da cortina e chamou Sor Meryn Trant com um gesto.

— O que é que se passa?

— São os pardais, Vossa Graça. — Sor Meryn usava armadura de escamas brancas por baixo do manto. O seu elmo e escudo estavam pendurados da sela. — Acampados na rua. Fá-los-emos mexer-se.

— Fazei-o, mas com gentileza. Não quero ser apanhada noutro tumulto. — Cersei deixou a cortina cair. — Isto é absurdo.

— Pois é, Vossa Graça — concordou a Senhora Merryweather. — O Alto Septão devia ter vindo ter convosco. E estes deploráveis pardais…

— Ele alimenta-os, acarinha-os, *abençoa*-os. E no entanto não quer abençoar o rei. — Sabia que a bênção era um ritual vazio, mas os rituais e as cerimónias tinham poder aos olhos dos ignorantes. O próprio Aegon, o Conquistador, determinara que o início do seu reinado se dera no dia em que o Alto Septão o ungira em Vilavelha. — Este miserável sacerdote irá obedecer, caso contrário ficará a saber quão fraco e humano ainda é.

— Orton diz que o que ele realmente quer é ouro. Que pretende reter a bênção até que a coroa reate os pagamentos.

— A Fé terá o seu ouro assim que tenhamos paz. — O Septão Torbert e o Septão Raynard tinham-se mostrado muito compreensivos relativamente à sua promessa… ao contrário dos malditos bravosianos que haviam perseguido o pobre Lorde Gyles tão desapiedadamente que ele caíra de cama, tossindo sangue. *Tínhamos de ter aqueles navios*. Não podia depender da Árvore para a marinha; os Redwyne eram demasiado próximos dos Tyrell. Precisava das suas próprias forças no mar.

Os dromones que se erguiam no rio iriam dar-lhas. O navio-almirante teria duas vezes mais remos do que o *Martelo do Rei Robert*. Aurane pedira-lhe autorização para lhe chamar *Lorde Tywin*, a qual Cersei ficara feliz por conceder. Esperava com antecipação ouvir os homens falar do casco e remos do pai. Outro dos navios chamar-se-ia *Doce Cersei*, e teria uma figura de proa dourada, esculpida à sua semelhança, vestida de cota de malha, com um elmo de leão e uma lança na mão. *Valente Joffrey*, *Senhora Joanna* e *Leoa* segui-la-iam para o mar, em conjunto com *Rainha Margaery*, *Rosa Dourada*, *Lorde Renly*, *Senhora Olenna* e *Princesa Myrcella*. A rainha cometera o erro de dizer a Tommen que podia baptizar

os últimos cinco. Ele chegara a escolher *Rapaz Lua* para um deles. Só quando o Lorde Aurane sugerira que os homens talvez não quisessem servir num navio baptizado em honra de um bobo é que o rapaz concordara relutantemente em honrar a irmã.

— Se este septão esfarrapado planeia obrigar-me a *comprar* a bênção de Tommen, em breve aprenderá umas coisas — disse a Taena. A rainha não tencionava submeter-se a uma matilha de sacerdotes.

A liteira voltou a parar, tão subitamente que Cersei se sobressaltou.

— Oh, isto é de enfurecer. — Voltou a debruçar-se para fora, e viu que tinham chegado ao topo da Colina de Visenya. Em frente erguia-se o Grande Septo de Baelor, com a sua magnífica cúpula e sete torres brilhantes, mas entre si e os degraus de mármore, estendia-se um soturno mar de humanidade, castanho, esfarrapado e sujo. *Pardais*, pensou, fungando, embora nenhum pardal tivesse tido algum dia cheiro tão fétido.

Cersei ficou espantada. Qyburn trouxera-lhe relatórios acerca da quantidade de pardais, mas ouvir falar dos números era uma coisa e vê-los outra. Centenas estavam acampadas na praça, mais centenas nos jardins. As suas fogueiras enchiam o ar de fumo e maus cheiros. Tendas de ráfia e cabanas miseráveis feitas de lama e bocados de madeira sujavam o imaculado mármore branco. Estavam até aninhados nos degraus, sob as altas portas do Grande Septo.

Sor Osmund regressou a trote para junto dela. A seu lado seguia Sor Osfryd, montado num garanhão tão dourado como o seu manto. Osfryd era o Kettleblack do meio, mais calado do que os irmãos, mais inclinado a franzir o sobrolho do que a sorrir. *E também mais cruel, se as histórias forem verdadeiras. Talvez devesse tê-lo enviado para a Muralha*.

O Grande Meistre Pycelle quisera um homem mais velho, "mais experiente nos usos da guerra", para comandar os homens de mantos dourados, e vários dos outros conselheiros tinham concordado com ele.

— Sor Osfryd tem suficiente experiência — dissera-lhes, mas nem mesmo isso os calara. *Ladram-me como uma matilha de cãezinhos irritantes*. Já praticamente esgotara a paciência com Pycelle. O homem até

tivera a temeridade de levantar objecções quando falara em mandar buscar um mestre de armas a Dorne, com o argumento de que isso poderia ofender os Tyrell. — Porque julgais que eu o estou a *fazer*? — perguntara-lhe desdenhosamente.

— Perdão, Vossa Graça — disse Sor Osmund. — O meu irmão chamou mais homens de mantos dourados. Abriremos uma passagem, não temais.

— Não tenho tempo. Prosseguirei a pé.

— Por favor, Vossa Graça. — Taena pegou-lhe no braço. — Eles assustam-me. São centenas, e tão sujos.

Cersei beijou-lhe o rosto.

— O leão não teme o pardal… mas é bom que vos preocupeis. Eu sei que gostais bastante de mim, senhora. Sor Osmund, tende a bondade de me ajudar a descer.

Se soubesse que ia ter de caminhar, ter-me-ia vestido a preceito. Trazia um vestido branco fendido com pano de ouro, rendado mas recatado. Tinham-se passado vários anos desde a última vez que o envergara, e a rainha achava-o desconfortavelmente apertado na cintura.

— Sor Osmund, Sor Meryn, acompanhar-me-eis. Sor Osfryd, assegurai-vos de que nada de mal aconteça à minha liteira. — Alguns dos pardais pareciam suficientemente descarnados e de olhos vazios para lhe comer os cavalos.

Enquanto abria caminho através da multidão esfarrapada, passando pelas suas fogueiras, carroças e rudes abrigos, a rainha deu por si a recordar outra multidão que um dia se reunira naquela praça. No dia em que casara com Robert Baratheon, milhares tinham aparecido para os aclamar. Todas as mulheres usavam as suas melhores roupas, e metade dos homens tinham crianças aos ombros. Quando emergira de dentro do septo, de mão dada com o jovem rei, a multidão soltara um rugido tão ruidoso que poderia ter sido ouvido em Lanisporto.

— Eles gostam bastante de vós, senhora — murmurara-lhe Robert ao ouvido. — Vede, todos os rostos estão a sorrir. — Durante aquele curto

momento, fora feliz no casamento… até calhar deitar um relance a Jaime. *Não*, lembrava-se de ter pensado, *não são todos os rostos, senhor.*

Ninguém estava agora a sorrir. Os olhares que os pardais lhe deitavam eram mortiços, carrancudos, hostis. Abriam caminho, mas com relutância. *Se fossem mesmo pardais, um grito tê-los-ia posto a voar. Uma centena de homens de mantos dourados com bordões, espadas e maças limparia esta gentalha bem depressa*. Seria isso que o Lorde Tywin teria feito. *Ele teria cavalgado por cima deles, em vez de caminhar através da populaça*.

Quando viu o que tinham feito a Baelor, o Adorado, a rainha teve motivos para se arrepender do seu coração suave. A grande estátua de mármore, que levara cem anos a sorrir serenamente sobre a praça, estava enterrada até à cintura numa pilha de ossos e crânios. Alguns dos crânios mostravam bocados de carne ainda agarrada. Um corvo encontrava-se pousado em num desses crânios, desfrutando de um banquete seco e com uma consistência de couro. Havia moscas por todo o lado.

— Que significa isto? — perguntou Cersei à multidão. — Pretendeis enterrar o Abençoado Baelor numa montanha de carniça?

Um homem perneta deu um passo em frente, apoiado numa muleta de madeira.

— Vossa Graça, esses são os ossos de homens e mulheres santos, assassinados devido à sua fé. Septões, septãs, irmãos castanhos, pardos e verdes, irmãs brancas, azuis e cinzentas. Alguns foram enforcados, outros esventrados. Septos foram pilhados, donzelas e mães violadas por homens ímpios e adoradores de demónios. Até irmãs silenciosas foram molestadas. A Mãe no Céu chora em angústia. Trouxemos os seus ossos de todo o reino até aqui, para servir de testemunho à agonia da Santa Fé.

Cersei sentia o peso dos olhos em cima de si.

— O rei saberá dessas atrocidades — respondeu solenemente. — Tommen partilhará da vossa indignação. Isto é obra de Stannis e da sua bruxa vermelha, e dos nortenhos selvagens que adoram árvores e lobos. — Ergueu a voz. — *Bom povo, os vossos mortos serão vingados!*

Alguns aclamaram, mas só alguns.

— Não pedimos vingança pelos nossos mortos — disse o perneta — apenas protecção para os vivos. Para os septos e lugares santos.

— O Trono de Ferro tem de defender a Fé — resmungou um corpulento labrego com uma estrela de sete pontas pintada na testa. — Um rei que não protege o seu povo não é rei nenhum. — Murmúrios de assentimento ergueram-se daqueles que o rodeavam. Um homem teve a temeridade de agarrar no pulso de Sor Meryn e dizer:

— É tempo de todos os cavaleiros ungidos renunciarem aos seus senhores terrenos e defenderem a nossa Santa Fé. Juntai-vos a nós, sor, se amais os Sete.

— Tirai as mãos de cima de mim — disse Sor Meryn, libertando-se com uma sacudidela.

— Estou a ouvir-vos — disse Cersei. — O meu filho é jovem, mas ama bastante os Sete. Tereis a sua protecção e a minha.

O homem com a estrela na testa não se mostrou aplacado.

— O Guerreiro defender-nos-á — disse — não esse rapaz-rei gordo.

Meryn Trant estendeu a mão para a espada, mas Cersei parou-o antes que a desembainhasse. Tinha apenas dois cavaleiros no meio de um mar de pardais. Via bordões e gadanhas, clavas e mocas, vários machados.

— Não quero sangue derramado neste lugar sagrado, sor. — *Porque serão todos os homens umas crianças tão grandes? Abate-o, e os outros irão desfazer-nos membro a membro.* — Somos todos filhos da Mãe. Vinde, Sua Alta Santidade espera-nos. — Mas ao abrir caminho na direcção dos degraus do septo, um bando de homens armados saiu e bloqueou as portas. Usavam cota de malha e couro fervido, com um bocado de placa amolgada de aço aqui e ali. Alguns traziam lanças e outros espadas. Eram mais os que preferiam os machados, e tinham estrelas vermelhas cosidas nos seus sobretudos branqueados. Dois deles tiveram a insolência de cruzar as lanças e barrar-lhe a passagem.

— É assim que recebeis a vossa rainha? — perguntou-lhes. — Dizei-me, onde estão Raynard e Torbert? — Não era hábito desses dois perderem uma

oportunidade para a adular. Torbert fazia sempre alarde de se pôr de joelhos para lhe lavar os pés.

— Não conheço os homens de que falais — disse um dos homens com uma estrela vermelha no sobretudo — mas se pertencerem à Fé, sem dúvida que os Sete tiveram necessidade dos seus serviços.

— O Septão Raynard e o Septão Torbert pertencem aos *Mais Devotos* — disse Cersei — e ficarão furiosos quando souberem que me obstruístes a passagem. Pretendeis negar-me a entrada no septo sagrado de Baelor?

— Vossa Graça — disse um homem de barba grisalha com um ombro curvado. — Vós sois bem-vinda aqui, mas os vossos homens deverão deixar ficar os cintos das espadas. Não são permitidas armas lá dentro, por ordens do Alto Septão.

— Cavaleiros da Guarda Real não põem de lado as suas espadas, nem mesmo na presença do rei.

— Na casa do rei, deverá reinar a palavra do rei — respondeu o cavaleiro idoso — mas esta é a casa dos deuses.

A cor subiu-lhe ao rosto. Bastaria dizer uma palavra a Meryn Trant e aquele grisalho de costas arqueadas iria encontrar-se com os seus deuses mais cedo do que talvez preferisse. *Mas aqui não. Agora não.*

— Esperai por mim — disse secamente à Guarda Real. Sozinha, subiu os degraus. Os lanceiros descruzaram as lanças. Outros dois homens encostaram o seu peso às portas, e elas afastaram-se com um grande rangido.

No Salão das Lâmpadas, Cersei foi encontrar uma vintena de septões de joelhos, mas não em oração. Tinham baldes de água e sabão, e estavam a esfregar o chão. As suas vestes de tecido grosseiro e sandálias levaram Cersei a tomá-los por pardais, até que um deles ergueu a cabeça. Tinha a cara vermelha como uma beterraba, e bolhas rebentadas sangravam nas suas mãos.

— Vossa Graça.

— Septão Raynard? — A rainha quase não conseguia crer no que estava a ver. — O que fazeis de joelhos?

— Está a limpar o chão. — O homem que falou era vários centímetros mais baixo do que a rainha e magro como um pau de vassoura. — O trabalho é uma forma de prece, muito do agrado do Ferreiro. — O homem pôs-se em pé, de escova na mão. — Vossa Graça. Temos estado à vossa espera.

A barba do homem era grisalha e castanha e cortada curta, o cabelo atado num nó apertado por trás da cabeça. Embora as vestes que envergava estivessem limpas, estavam também puídas e remendadas. Enrolara as mangas até aos cotovelos enquanto esfregara o chão, mas abaixo dos joelhos o pano estava encharcado em água. A cara era fortemente pontiaguda, com olhos encovados de um castanho de lama. *Os pés dele estão nus*, viu Cersei, consternada. E também eram hediondos, umas coisas duras e coriáceas, tornadas grossas por calos.

— Sois vós a Sua Alta Santidade?

— Somos.

Pai, dai-me forças. A rainha sabia que devia ajoelhar, mas o chão estava molhado com sabão e água suja, e ela não desejava estragar o vestido. Deitou um relance aos velhos de joelhos.

— Não vejo o meu amigo, o Septão Torbert.

— O Septão Torbert foi confinado a uma cela de penitente, a pão e água. É um pecado que um homem seja tão gordo quando metade do reino passa fome.

Cersei já aguentara o suficiente por um dia. Deixou-o ver a sua ira.

— É assim que me cumprimentais? Com uma escova na mão, a pingar água? Sabeis quem eu sou?

— Vossa Graça é a Rainha Regente dos Sete Reinos — disse o homem — mas na *Estrela de Sete Pontas* está escrito que tal como os homens se dobram perante os seus senhores e os senhores perante os seus reis, assim os reis e as rainhas devem dobrar-se perante os Sete Que São Um Só.

Estará ele a dizer-me para ajoelhar? Se assim fosse, não a conhecia muito bem.

— O certo seria que tivésseis ido cumprimentar-me na escada, com as vossas melhores vestes e a coroa de cristal na cabeça.

— Não temos qualquer coroa, Vossa Graça.

O seu sobrolho franziu-se mais.

— O senhor meu pai deu ao vosso antecessor uma coroa de rara beleza, trabalhada em cristal e ouro tecido.

— E por essa dádiva honramo-lo nas nossas preces — disse o Alto Septão — mas os pobres precisam mais de comida na barriga do que nós precisamos de ouro e cristal na cabeça. Essa coroa foi vendida. O mesmo aconteceu às outras que tínhamos nas caves, bem como a todos os nossos anéis e vestes de pano de ouro e prata. A lã manterá os homens igualmente quentes. Foi para isso que os Sete nos deram as ovelhas.

Ele é completamente louco. Os Mais Devotos deviam estar também loucos, para elegerem aquela criatura… loucos ou aterrorizados pelos pedintes que lhes batiam à porta. Os informadores de Qyburn diziam que o Septão Luceon estava a nove votos da eleição quando aquelas portas tinham cedido, e uma torrente de pardais entrara no Grande Septo, com o seu líder aos ombros e machados nas mãos.

Fitou o homenzinho com um olhar gelado.

— Há algum lugar onde possamos falar com mais privacidade, Vossa Santidade?

O Alto Septão entregou a escova a um dos Mais Devotos.

— Se Vossa Graça nos quiser seguir…

Levou-a através das portas interiores, entrando no septo propriamente dito. Os passos de ambos ecoaram no chão de mármore. Partículas de pó dançavam nos feixes de luz colorida que entravam em diagonal pelos vitrais da grande cúpula. Incenso adoçava o ar, e ao lado dos sete altares brilhavam velas como se fossem estrelas. Um milhar tremeluzia para a Mãe e quase outras tantas para a Donzela, mas era possível contar as velas do Estranho com duas mãos e ainda se ficaria com dedos por usar.

Até aquele local os pardais tinham invadido. Uma dúzia de cavaleiros andantes mal vestidos estava ajoelhada perante o Guerreiro, suplicando-lhe

que abençoasse as espadas que tinham empilhado aos seus pés. No altar da Mãe, um septão liderava as preces de uma centena de pardais, com vozes tão distantes como ondas a bater na costa. O Alto Septão levou Cersei até onde a Velha erguia a sua lanterna. Quando ajoelhou perante o altar, ela não teve outra hipótese que não fosse ajoelhar a seu lado. Misericordiosamente, aquele Alto Septão não era tão prolixo como o gordo fora. *Suponho que deva sentir-me grata por isso.*

Sua Alta Santidade não fez qualquer movimento para se erguer quando terminou a prece. Parecia que teriam de conferenciar de joelhos. *Um estratagema de homem pequeno*, pensou, divertida.

— Alta Santidade — disse — estes pardais estão a assustar a cidade. Quero que se vão embora.

— Para onde hão-de ir, Vossa Graça?

Há sete infernos, qualquer um servirá.

— Para o lugar de onde vieram, imagino.

— Eles vieram de todo o lado. Tal como o pardal é o mais humilde e comum dos pássaros, eles são os mais humildes e comuns dos homens.

Eles são comuns, pelo menos nisso concordamos.

— Vistes o que fizeram à estátua do Abençoado Baelor? Eles conspurcam a praça com os seus porcos, cabras e dejectos nocturnos.

— É mais fácil lavar dejectos nocturnos do que sangue, Vossa Graça. Se a praça foi conspurcada, foi-o pela execução que aqui aconteceu.

Ele atreve-se a atirar-me Ned Stark à cara?

— Todos a lamentamos. Joffrey era jovem, e não tão sensato como poderia ser. O Lorde Stark devia ter sido decapitado noutro lugar, por respeito ao Abençoado Baelor… mas o homem *era* um traidor, que não o esqueçamos.

— O Rei Baelor perdoou aqueles que conspiraram contra si.

O Rei Baelor aprisionou as suas próprias irmãs, cujo único crime era serem belas. Da primeira vez que Cersei ouvira contar essa história, dirigira-se ao berçário de Tyrion e beliscara o monstrinho até o pôr a chorar.

Devia ter-lhe apertado o nariz e enfiado uma meia na sua boca. Forçou-se a sorrir.

— O Rei Tommen também perdoará aos pardais, depois de eles regressarem a suas casas.

— A maior parte deles perdeu a casa. Há sofrimento por todo o lado… e luto, e morte. Antes de vir para Porto Real, cuidava de meia centena de aldeolas, demasiado pequenas para terem o seu próprio septo. Caminhava de uma aldeia até à seguinte, celebrando casamentos, absolvendo pecadores dos seus pecados, baptizando crianças recém-nascidas. Essas aldeias já não existem, Vossa Graça. Ervas daninhas e espinheiros crescem onde os jardins em tempos floriram, e ossos juncam as bermas das estradas.

— A guerra é uma coisa terrível. Essas atrocidades são obra dos nortenhos, e de Lorde Stannis e seus adoradores de demónios.

— Alguns dos meus pardais falam de bandos de leões que os espoliaram… e do Cão de Caça, que era um homem ajuramentado a vós. Em Salinas matou um septão idoso e atacou uma rapariga de doze anos, uma criança inocente prometida à Fé. Usou a armadura enquanto a violava, e a terna carne da menina foi rasgada e esmagada pelo ferro da cota de malha. Quando acabou, deu-a aos seus homens, que lhe cortaram o nariz e os mamilos.

— Sua Graça não pode ser responsabilizada pelos crimes de todos os homens que um dia serviram a Casa Lannister. Sandor Clegane é um traidor e um bruto. Porque julgais vós que o demiti do meu serviço? Ele agora luta pelo fora-da-lei Beric Dondarrion, não pelo Rei Tommen.

— Será como dizeis. E no entanto há que perguntar o seguinte: por onde andavam os cavaleiros do rei quando estas coisas estavam a acontecer? Não é verdade que Jaehaerys, o Conciliador, um dia jurou pelo próprio Trono de Ferro que a coroa protegeria e defenderia sempre a Fé?

Cersei não fazia ideia do que Jaehaerys, o Conciliador, poderia ter jurado.

— É verdade — concordou — e o Alto Septão abençoou-o e ungiu-o como rei. É tradicional que cada novo Alto Septão dê ao rei a sua bênção… e no entanto vós haveis-vos recusado a abençoar o Rei Tommen.

— Vossa Graça está enganada. Nós não nos recusámos.

— Não viestes.

— A hora ainda não está madura.

És um sacerdote, ou um vendedor de hortaliças?

— E o que poderei eu fazer para a tornar… mais madura? — *Se ele se atrever a mencionar ouro, lidarei com este como lidei com o último, e encontrarei um piedoso miúdo de oito anos para usar a coroa de cristal.*

— O reino está cheio de reis. Para que a Fé exalte um acima dos demais temos de ter a certeza. Há trezentos anos, quando Aegon, o Dragão, desembarcou no sopé desta mesma colina, o Alto Septão trancou-se no interior do Septo Estrelado de Vilavelha e rezou durante sete dias e sete noites, sem ingerir nada além de pão e água. Quando saiu, anunciou que a Fé não se oporia a Aegon e às irmãs, pois a Velha erguera a sua lanterna e mostrara-lhe o caminho em frente. Se Vilavelha pegasse em armas contra o Dragão, Vilavelha arderia, e a Torralta, a Cidadela e o Septo Estrelado seriam derrubados e destruídos. O Lorde Hightower era um homem devoto. Quando ouviu a profecia, manteve as suas forças em casa e abriu os portões da cidade a Aegon quando ele chegou. E Sua Alta Santidade ungiu o Conquistador com os sete óleos. Eu devo fazer o que ele fez, há trezentos anos. Devo rezar e jejuar.

— Durante sete dias e sete noites?

— Durante o tempo que for necessário.

Cersei sentiu vontade de esbofetear a solene e pia cara do homem. *Podia ajudar-te a jejuar*, pensou. *Podia trancar-te nalguma torre e assegurar-me de que ninguém te traria comida até os deuses falarem.*

— Aqueles falsos reis abraçam falsos deuses — fez-lhe lembrar. — Só o Rei Tommen defende a Santa Fé.

— E no entanto, os septos são queimados e saqueados por toda a parte. Até irmãs silenciosas foram violadas, gritando a sua angústia até ao céu. Vossa Graça viu os ossos e crânios dos nossos santos mortos?

— Vi — teve de dizer. — Dai a Tommen a vossa bênção, e poremos fim a essas afrontas.

— E como fareis tal coisa, Vossa Graça? Enviareis um cavaleiro para percorrer as estradas com cada irmão mendicante? Dar-nos-eis homens para defender as nossas septãs contra os lobos e os leões?

Vou fazer de conta que não falaste de leões.

— O reino está em guerra. Sua Graça tem necessidade de todos os homens. — Cersei não tencionava esbanjar as forças de Tommen para fazer de ama-seca a pardais, ou para proteger as conas enrugadas de um milhar de septãs. *Metade delas estão provavelmente a rezar por uma boa violação*. — Os vossos pardais têm cacetes e machados. Que eles se defendam a si próprios.

— As leis do Rei Maegor proíbem-no, como Vossa Graça deve saber. Foi por decreto seu que a Fé pousou as espadas.

— Agora o rei é Tommen, não Maegor. — Que lhe importava o que Maegor, o Cruel, decretara trezentos anos antes? *Em vez de tirar as espadas das mãos dos fiéis, devia tê-las usado para os seus próprios fins*. Apontou para onde o Guerreiro se erguia por cima do seu altar de mármore vermelho. — O que é que ele tem na mão?

— Uma espada.

— Ele esqueceu-se de como usá-la?

— As leis de Maegor…

— … podem ser desfeitas. — Deixou aquilo pairar entre ambos, esperando que o Alto Septão engolisse o isco.

Ele não a desiludiu.

— A Fé Militante renascida… isso seria a resposta para trezentos anos de preces, Vossa Graça. O Guerreiro voltaria a erguer a sua espada brilhante e limparia este pecaminoso reino de todo o mal. Se Sua Graça me permitisse restaurar as antigas ordens abençoadas da Espada e da Estrela, todos os homens devotos dos Sete Reinos saberiam que ele é o nosso senhor legítimo e verdadeiro.

Aquilo era bom de ouvir, mas Cersei teve o cuidado de não parecer muito ávida.

— Vossa Alta Santidade falou há pouco de perdão. Nestes tempos conturbados, o Rei Tommen ficaria muito grato se pudésseis arranjar maneira de perdoar a dívida da coroa. Parece-me que devemos à Fé cerca de novecentos mil dragões.

— Novecentos mil, seiscentos e setenta e quatro dragões. Ouro que poderia alimentar os famintos e reconstruir um milhar de septos.

— É ouro o que desejais? — perguntou a rainha. — Ou será que preferis ver aquelas poeirentas leis de Maegor postas de lado?

O Alto Septão reflectiu naquilo por um momento.

— Como quiserdes. Essa dívida será perdoada, e o Rei Tommen terá a sua bênção. Os Filhos do Guerreiro escoltar-me-ão até ele, brilhando na glória da sua Fé, enquanto os meus pardais partem para defender os dóceis e humildes do mundo, renascidos como Pobres Irmãos, como antigamente.

A rainha pôs-se em pé e alisou as saias.

— Mandarei preparar os papéis, e Sua Graça assiná-los-á e apor-lhes-á o selo real. — Se havia alguma parte de ser rei que Tommen adorava, era brincar com o seu selo.

— Que os Sete protejam Sua Graça. Que tenha um longo reinado. — O Alto Septão fez das mãos um campanário e ergueu os olhos para o céu. — Que os malvados tremam!

Estais a ouvir isto, Lorde Stannis? Cersei não conseguiu impedir-se de sorrir. Nem mesmo o senhor seu pai se poderia ter saído melhor. De um golpe, livrara Porto Real da praga dos pardais, assegurara a bênção de Tommen, e diminuíra a dívida da coroa em quase um milhão de dragões. Tinha o coração a pairar bem alto quando permitiu que o Alto Septão a acompanhasse de regresso ao Salão das Lâmpadas.

A Senhora Merryweather partilhou o deleite da rainha, embora nunca tivesse ouvido falar dos Filhos do Guerreiro ou dos Pobres Irmãos.

— Datam de antes da Conquista de Aegon — explicou-lhe Cersei. — Os Filhos do Guerreiro eram uma ordem de cavaleiros que renunciavam às suas terras e ouro e ajuramentavam as espadas a Sua Alta Santidade. Os Pobres Irmãos… eram mais humildes, apesar de muito mais numerosos.

Uma espécie de irmãos mendicantes, embora transportassem machados em vez de tigelas. Vagueavam pelas estradas, escoltando viajantes de septo em septo e de vila em vila. O seu símbolo era a estrela de sete pontas, vermelha sobre branco, de modo que o povo simples lhes chamava Estrelas. Os Filhos do Guerreiro usavam mantos arco-íris e armadura embutida de prata por cima de cilícios, e traziam cristais em forma de estrela nos botões do punho das espadas. Esses eram as Espadas. Homens santos, ascetas, fanáticos, feiticeiros, matadores de dragões, caçadores de demónios… havia muitas histórias acerca deles. Mas todos concordam que eram implacáveis no seu ódio por todos os inimigos da Santa Fé.

A Senhora Merryweather compreendeu de imediato.

— Inimigos tais como o Lorde Stannis e a sua feiticeira vermelha, talvez?

— Ora, sim, por acaso — disse Cersei, rindo-se como uma menina. — Encetamos um jarro de hipocraz e bebemos ao fervor dos Filhos do Guerreiro no caminho para casa?

— Ao fervor dos Filhos do Guerreiro e ao brilhantismo da Rainha Regente. A Cersei, a Primeira do Seu Nome!

O hipocraz era tão doce e saboroso como o triunfo de Cersei, e a liteira da rainha pareceu quase flutuar enquanto atravessava a cidade de volta à Fortaleza Vermelha. Mas na base da Colina de Aegon, encontraram Margaery Tyrell e as primas, que regressavam de um passeio. *Ela segue-me onde quer que eu vá*, pensou Cersei, aborrecida, quando pôs os olhos na pequena rainha.

Atrás de Margaery vinha uma longa comitiva de cortesãos, guardas e criados, muitos dos quais carregados com cestos de flores frescas. Cada uma das primas trazia um admirador a reboque; o espigado escudeiro Alyn Ambrose acompanhava Elinor, à qual se encontrava prometido, Sor Tallad vinha com a tímida Alla, e Mark Mullendore, com o seu único braço, seguia com Megga, rechonchuda e risonha. Os gémeos Redwyne escoltavam duas das outras damas de Margaery, Meredith Crane e Janna Fossoway. Todas as mulheres traziam flores no cabelo. Jalabhar Xho também se juntara ao

grupo, tal como Sor Lambert Turnberry com a sua pala, e o bem-parecido cantor conhecido como Bardo Azul.

E claro que um cavaleiro da Guarda Real tem de acompanhar a pequena rainha, e claro que é o Cavaleiro das Flores. Numa armadura de escamas brancas com embutidos de ouro, Sor Loras resplandecia. Embora já não tomasse a liberdade de treinar Tommen no manejo das armas, o rei ainda passava muito mais tempo do que devia na sua companhia. De todas as vezes que o rapaz regressava de uma tarde passada com a sua pequena esposa, tinha alguma nova história a contar acerca de algo que Sor Loras dissera ou fizera.

Margaery saudou-os quando as duas colunas se encontraram e pôs-se ao lado da liteira da rainha. Tinha as bochechas rosadas, e os caracóis castanhos caíam-lhe livremente em volta dos ombros, agitados por cada sopro de vento.

— Temos estado a colher flores de Outono na mata do rei — disse-lhes.

Eu sei onde estiveste, pensou a rainha. Os seus informadores eram muito bons em mantê-la ao corrente dos movimentos de Margaery. *É uma rapariga tão irrequieta, a nossa pequena rainha*. Raramente deixava que se passassem mais de dois dias sem que fosse passear a cavalo. Certos dias cavalgava ao longo da estrada de Rosby à caça de conchas e para comer junto ao mar. Outras vezes levava a comitiva para a outra margem do rio, para passar uma tarde a fazer falcoaria. A pequena rainha gostava também de sair de barco, velejando para cima e para baixo ao longo da Torrente da Água Negra sem nenhum objectivo em particular. Quando estava a sentir-se piedosa, deixava o castelo para ir rezar ao Septo de Baelor. Dava freguesia a uma dúzia de costureiras diferentes, era bem conhecida entre os ourives da cidade, e até visitara o mercado de peixe perto do Portão da Lama para dar uma olhadela à captura do dia. Onde quer que fosse, o povo adulava-a, e a Senhora Margaery fazia o que podia para alimentar o seu ardor. Andava sempre a dar esmolas a pedintes, a comprar tartes quentes nas carroças dos pasteleiros, e a refrear o cavalo para falar com mercadores comuns.

Se dependesse dela, teria posto Tommen a fazer também todas essas coisas. Andava eternamente a convidá-lo para a acompanhar e às suas galinhas nas suas aventuras, e o rapaz andava eternamente a suplicar à mãe licença para ir. A rainha dera o seu consentimento algumas vezes, quanto mais não fosse para permitir que Sor Osney passasse mais algumas horas na companhia de Margaery. *E de muito isso serviu. Osney revelou-se um penoso desapontamento.*

— Lembras-te do dia em que a tua irmã zarpou para Dorne? — perguntara Cersei ao filho. — Recordas-te dos uivos da turba quando voltávamos para o castelo? Das pedras, das pragas?

Mas o rei mostrara-se surdo ao bom senso, graças à sua pequena rainha.

— Se nos misturarmos com os plebeus, eles gostarão mais de nós.

— A turba gostou tanto do Alto Septão gordo que o desfez um membro de cada vez, e ele era um homem santo — fizera-lhe lembrar. Tudo o que conseguira fora deixá-lo amuado consigo. *Tal como Margaery quer, aposto. Tenta roubar-mo todos os dias e de todas as maneiras*. Joffrey teria visto para lá do seu sorriso de intriguista e fá-la-ia ficar consciente do seu lugar, mas Tommen era mais ingénuo. *Ela sabia que Joff era forte demais para si*, pensou Cersei, lembrando-se da moeda de ouro que Qyburn encontrara. *Para a Casa Tyrell ter esperança de governar, ele tinha de ser tirado do caminho*. Recordou-se de que Margaery e a sua hedionda avó tinham em tempos conspirado para casar Sansa Stark com o irmão aleijado da pequena rainha, Willas. O Lorde Tywin antecipara-se-lhes, casando Sansa com Tyrion, mas a ligação estava lá. *Estão todos juntos na intriga*, compreendeu com um sobressalto. *Os Tyrell subornaram os carcereiros para libertar Tyrion, e levaram-no à pressa pela estrada das rosas abaixo para se ir juntar à sua desprezível noiva. Por esta altura estão os dois a salvo em Jardim de Cima, escondidos por trás de uma muralha de rosas.*

— Devíeis ter vindo connosco, Vossa Graça — tagarelou a pequena intriguista enquanto subiam a encosta da Colina de Aegon. — Podíamos ter passado umas horas tão agradáveis juntas. As árvores estão vestidas de

dourado, vermelho e laranja, e há flores por todo o lado. E castanhas também. Assámos algumas no caminho de regresso.

— Não tenho tempo para cavalgar pelos bosques e colher flores — disse Cersei. — Tenho um reino a governar.

— Só um, Vossa Graça? Quem governa os outros seis? — Margaery soltou uma alegre gargalhadinha. — Espero que perdoeis o meu gracejo. Eu conheço o fardo que suportais. Devíeis deixar-me partilhar a carga. Deve haver algumas coisas que eu possa fazer para vos ajudar. Acabaria com todo este falatório sobre vós e eu rivalizarmos pelo rei.

— É isso o que se diz? — Cersei sorriu. — Que tontice. Nunca vos olhei como uma rival, nem por um momento.

— Agrada-me tanto ouvir isso. — A rapariga não parecia aperceber-se de que fora golpeada. — Vós e Tommen tendes de vir connosco da próxima vez. Eu sei que Sua Graça adoraria. O Bardo Azul tocou para nós, e Sor Tallad mostrou-nos como lutar com um bastão, como o povo luta. Os bosques são tão lindos no Outono.

— O meu falecido esposo também adorava a floresta. — Nos anos iniciais do seu matrimónio, Robert andava eternamente a implorar para que Cersei fosse à caça com ele, mas ela sempre pedira dispensa. As viagens de caça dele permitiam-lhe passar tempo com Jaime. *Dias de ouro e noites de prata*. A dança que os dois tinham dançado fora decerto perigosa. Dentro da Fortaleza Vermelha havia olhos e ouvidos por todo o lado e nunca se podia ter a certeza de quando Robert regressaria. De algum modo, o perigo só servira para fazer com que o tempo passado juntos fosse ainda mais emocionante. — Mesmo assim, a beleza pode por vezes esconder um perigo mortal — preveniu a pequena rainha. — Robert perdeu a vida na floresta.

Margaery sorriu a Sor Loras; um sorriso doce e fraternal, cheio de carinho.

— Vossa Graça é gentil por temer por mim, mas o meu irmão mantém-me bem protegida.

Ide caçar, dissera Cersei a Robert meia centena de vezes. *O meu irmão mantém-me bem protegida*. Recordou o que Taena lhe dissera horas antes e

uma gargalhada saltou-lhe dos lábios.

— Vossa Graça tem um riso tão lindo. — A Senhora Margaery deitou-lhe um sorriso zombeteiro. — Podemos saber qual é a piada?

— Sabereis — disse a rainha. — Garanto-vos que sabereis.

OceanofPDF.com

O PIRATA

Os tambores marcavam um ritmo de batalha enquanto a *Vitória de Ferro* se precipitava em frente, rompendo com o esporão as agitadas águas verdes. O navio mais pequeno, à sua frente, estava a virar de bordo, chicoteando o mar com os remos. Rosas agitavam-se nos seus estandartes; à proa e à popa uma rosa branca num escudete vermelho, no topo do mastro uma dourada num campo tão verde como relva. A *Vitória de Ferro* varreu-lhe o flanco com tanta força que metade do destacamento de abordagem perdeu o equilíbrio. Remos partiram-se e fizeram-se em lascas, doce música para os ouvidos do capitão.

Saltou sobre o talabardão, caindo no convés em baixo, com o manto dourado a ondear atrás de si. As rosas brancas recuaram, como os homens faziam sempre que viam Victarion Greyjoy armado e couraçado, de rosto escondido atrás do elmo em forma de lula gigante. Seguravam espadas, lanças e machados, mas nove em dez não trazia armadura, e o décimo tinha apenas um lorigão de escamas cosidas umas às outras. *Estes não são homens de ferro*, pensou Victarion. *Ainda têm medo de se afogar.*

— Apanhai-o! — gritou um homem. — Ele está sozinho!

— *VINDE!* — rugiu em resposta. — *Vinde matar-me, se conseguirdes.*

Os guerreiros rosados convergiram de todos os lados, com aço cinzento nas mãos e terror por trás dos olhos. O seu medo estava tão maduro que Victarion conseguia saboreá-lo. Golpeou à esquerda e à direita, decepando o braço do primeiro homem pelo cotovelo, abrindo uma grande fenda no ombro do segundo. O terceiro enterrou o machado no mole pinho do escudo de Victarion. Empurrou-o contra a cara do idiota, derrubou-o, e matou-o quando tentou voltar a pôr-se de pé. Enquanto lutava por libertar o machado das costelas do morto, uma lança picou-o entre as omoplatas. Foi como se alguém lhe tivesse dado uma palmada nas costas. Victarion rodopiou e atirou o machado contra a cabeça do lanceiro, sentindo o impacto no braço quando o aço cortou com estrondo elmo, cabelo e crânio. O homem cambaleou durante meio segundo, até o capitão de ferro libertar o aço e

empurrar o cadáver que partiu a cambalear pelo convés fora, sem força nos membros, parecendo mais bêbado do que morto.

Por essa altura já os seus nascidos no ferro o tinham seguido até ao convés do dracar quebrado. Ouviu o Wulfe Uma-Orelha soltar um uivo quando se lançou ao trabalho, vislumbrou Ragnor Pyke com a sua cota de malha ferrugenta, viu Nute, o Barbeiro, a fazer um machado de arremesso rodopiar pelo ar e ir atingir um homem no peito. Victarion matou outro homem, e depois mais um. Teria morto um terceiro, mas Ragnor abateu-o primeiro.

— Bom golpe — berrou-lhe Victarion.

Quando se virou em busca da próxima vítima do seu machado, viu o outro capitão do outro lado do convés. Tinha o sobretudo branco manchado de sangue e tripas, mas Victarion conseguia distinguir as armas que trazia ao peito, a rosa branca dentro do seu escudete vermelho. O homem ostentava o mesmo símbolo no escudo, num campo branco com uma bordadura ameiada de vermelho.

— *Vós!* — gritou o capitão de ferro através da carnificina. — *Vós, o da rosa! Sereis vós o senhor de Escudossul?*

O outro ergueu a viseira para mostrar um rosto sem barba.

— O seu filho e herdeiro, Sor Talbert Serry. E quem sois vós, lula?

— A vossa morte. — Victarion investiu contra ele.

Serry saltou para o defrontar. A sua espada era de bom aço forjado em castelo, e o jovem cavaleiro fazia-a cantar. O seu primeiro golpe foi baixo, e Victarion afastou-o com o machado. O segundo atingiu o capitão de ferro no elmo antes de ter tempo de erguer o escudo. Victarion respondeu com um golpe lateral de machado. O escudo de Serry interpôs-se. Voaram lascas de madeira, e a rosa branca fendeu-se de cima a baixo com um belo e penetrante *crac*. A espada do jovem cavaleiro bateu-lhe na coxa, uma, duas, três vezes, gritando contra o aço. *Este rapaz é rápido*, compreendeu o capitão de ferro. Atingiu a cara de Serry com o escudo, e fê-lo cambalear para trás, de encontro ao talabardão. Victarion ergueu o machado e pôs todo o seu peso no golpe, para rasgar o rapaz do pescoço às virilhas, mas Serry

rodopiou para longe. A cabeça do machado esmagou-se contra a amurada, fazendo voar lascas, e ficou aí presa quando tentou libertá-la. O convés moveu-se sob os seus pés e o homem de ferro caiu sobre um joelho.

Sor Talbert deitou fora o escudo quebrado e lançou um corte vertical com a espada. O escudo de Victarion tinha feito metade da rotação quando ele tropeçara. Apanhou a lâmina de Serry com um punho de ferro. Aço articulado foi esmagado, e uma punhalada de dor fê-lo soltar um grunhido, mas Victarion aguentou.

— Eu também sou rápido, rapaz — disse enquanto arrancava a espada das mãos do cavaleiro e a atirava ao mar.

Os olhos de Sor Talbert esbugalharam-se.

— A minha espada…

Victarion atingiu o rapaz na garganta com um punho ensanguentado.

— Vai buscá-la — disse, forçando-o a cair de costas, por cima da amurada, para dentro da água manchada de sangue.

Com aquilo conseguiu uma pausa para soltar o machado. As rosas brancas estavam a recuar perante a maré de ferro. Alguns tentavam fugir para dentro do navio, enquanto outros gritavam por tréguas. Victarion sentia sangue quente a escorrer-lhe pelos dedos, por baixo da cota de malha, do couro e do aço articulado, mas isso não era nada. Do outro lado do mastro, um espesso nó de inimigos continuava a lutar, resistindo, ombro contra ombro, num anel. *Aqueles pelo menos são homens. Preferem morrer a render-se*. Victarion iria conceder a alguns esse desejo. Bateu no escudo com o machado e carregou sobre eles.

O Deus Afogado não esculpira Victarion Greyjoy para lutar com palavras em assembleias de homens livres, nem para combater contra inimigos furtivos e dissimulados em pauis intermináveis. Era para *aquilo* que fora posto na terra; para avançar vestido de aço com um machado rubro e a pingar na mão, oferecendo a morte a cada golpe.

Atacaram-no pela frente e pelas costas, mas, pelo dano que lhe causaram, as espadas bem podiam ter sido chibatas de salgueiro. Não havia lâmina capaz de atravessar o aço pesado de Victarion Greyjoy, e ele não dava aos

inimigos tempo suficiente para encontrarem os pontos fracos nas juntas, onde apenas cota de malha e couro o protegiam. Que três homens o assaltassem, ou quatro, ou cinco; não fazia diferença. Matava-os um de cada vez, confiando no aço para o proteger dos outros. Quando um inimigo caía, virava a sua fúria para o seguinte.

O último homem a enfrentá-lo devia ter sido um ferreiro; os ombros pareciam os de um touro, e um deles era muito mais musculoso do que o outro. A sua armadura era uma brigantina tachonada e um boné de couro fervido. O único golpe que deu completou a destruição do escudo de Victarion, mas a estocada que este atirou em resposta abriu-lhe a cabeça em duas. *Seria bom se pudesse lidar com o Olho de Corvo com esta simplicidade*. Quando voltou a libertar o machado, o crânio do ferreiro pareceu rebentar. Osso, sangue e cérebro saltaram para todo o lado, e o cadáver caiu para a frente, contra as suas pernas. *Tarde demais para suplicar agora por tréguas*, pensou Victarion enquanto se desenredava do morto.

Por essa altura, o convés encontrava-se escorregadio sob os seus pés, e os mortos e moribundos jaziam em pilhas por todos os lados. Deitou o escudo fora e encheu os pulmões de ar.

— Senhor capitão — ouviu o Barbeiro dizer a seu lado — o dia é nosso.

A toda a volta, o mar estava cheio de navios. Alguns ardiam, outros afundavam-se, outros tinham sido feitos em lascas. Entre os cascos, a água estava espessa como guisado, cheia de cadáveres, ramos quebrados e homens agarrados aos destroços. À distância, meia dúzia dos dracares dos homens do sul corriam de volta ao Vago. *Que vão*, pensou Victarion, *que contem a história*. Depois de um homem virar costas e fugir da batalha deixava de ser um homem.

Os seus olhos ardiam do suor que neles entrara durante a luta. Dois dos seus remadores ajudaram-no a desprender o elmo da lula gigante para que o pudesse tirar. Victarion limpou a testa.

— Aquele cavaleiro — resmungou — o cavaleiro da rosa branca. Algum de vós o puxou para fora? — O filho de um senhor valeria um resgate

considerável; do pai, se o Lorde Serry tivesse sobrevivido àquele dia. Do seu suserano em Jardim de Cima se não.

Mas nenhum dos seus homens tinha visto o que acontecera ao cavaleiro depois de ir borda fora. O mais provável era que o homem se tivesse afogado.

— Que se banqueteie tão bem como lutou, nos salões aquáticos do Deus Afogado. — Embora os homens das Ilhas Escudo chamassem a si mesmos marinheiros, cruzavam os mares aterrorizados e seguiam levemente vestidos para a batalha, com medo do afogamento. O jovem Serry fora diferente. *Um homem corajoso*, pensou Victarion. *Quase um nascido no ferro*.

Entregou o navio capturado a Ragnor Pyke, nomeou uma dúzia de homens para o tripular, e subiu de volta para a sua *Vitória de Ferro*.

— Despe os cativos de armas e armaduras e liga-lhes os ferimentos — disse a Nute, o Barbeiro. — Atira os moribundos ao mar. Se algum pedir misericórdia, corta-lhe a garganta primeiro. — Só sentia desprezo por homens assim; era melhor afogar-se em água do mar do que em sangue. — Quero uma contagem dos navios que ganhámos e de todos os cavaleiros e fidalgos que capturámos. Também quero os seus estandartes. — Um dia pendurá-los-ia no seu salão, para que quando se tornasse velho e frágil pudesse recordar todos os inimigos que matara quando era jovem e forte.

— Será feito. — Nute fez um sorriso. — É uma bela vitória.

Sim, pensou, *uma grande vitória para o Olho de Corvo e os seus feiticeiros*. Os outros capitães voltariam a gritar o nome do irmão quando as notícias chegassem a Escudorroble. Euron seduzira-os com a sua língua fluente e olho sorridente e prendera-os à sua causa com o saque de meia centena de terras distantes; ouro e prata, armaduras ornamentadas, espadas curvas com botões de punho dourados, punhais de aço valiriano, peles listadas de tigres e de gatos malhados, mantícoras de jade e antigas esfinges valirianas, arcas de noz-moscada, cravinho e açafrão, presas de marfim e chifres de unicórnio, penas verdes, cor-de-laranja e amarelas vindas do Mar do Verão, rolos de boa seda e cintilante samito… e no entanto tudo isso era

quase nada, comparado com isto. *Agora, deu-lhes conquista, e são seus de uma vez por todas*, pensou o capitão. O sabor que tinha na língua era amargo. *Esta vitória foi minha, não dele. Onde estava ele? Em Escudorroble, a preguiçar num castelo. Roubou-me a esposa e roubou-me o trono, e agora rouba-me a glória*.

A obediência era natural para Victarion Greyjoy; nascera nela. Crescendo até à idade adulta à sombra dos irmãos, seguira obedientemente Balon em tudo o que ele fizera. Mais tarde, quando os filhos de Balon nasceram, fora aos poucos aceitando a ideia de um dia também ajoelhar perante eles, quando um tomasse o lugar do pai na Cadeira da Pedra do Mar. Mas o Deus Afogado chamara Balon e os filhos para os seus salões aquáticos, e Victarion não conseguia chamar "rei" a Euron sem sentir o gosto da bílis na garganta.

O vento estava a tornar-se mais fresco, e sentia uma sede furiosa. Depois de uma batalha desejava sempre vinho. Entregou o convés a Nute e desceu. Na sua apertada cabina de ré, foi encontrar a mulher morena, húmida e pronta; a batalha talvez tivesse também a ela aquecido o sangue. Tomou-a por duas vezes, em rápida sucessão. Quando terminaram, havia sangue espalhado pelos seus seios, coxas e barriga, mas era sangue dele, proveniente do golpe que tinha na palma da mão. A morena lavou-lho com vinagre fervido.

— O plano era bom, admito — disse Victarion quando ela se ajoelhou a seu lado. — O Vago está agora aberto para nós, como estava antigamente. — O rio era indolente, largo, lento e traiçoeiro com escolhos e bancos de areia. A maior parte das embarcações marítimas não se atrevia a navegar para lá de Jardim de Cima, mas os dracares, com os seus baixos calados, podiam subir até Pontamarga. Nos tempos antigos, os nascidos no ferro tinham velejado ousadamente pela estrada do rio e feito pilhagens ao longo de todo o Vago e dos seus afluentes… até que os reis da mão verde armaram os pescadores das quatro pequenas ilhas ao largo da foz do Vago e os nomearam seus escudos.

Tinham-se passado dois mil anos, mas nas torres de vigia ao longo das suas costas escarpadas os grisalhos ainda mantinham a antiga vigília. Ao primeiro vislumbre de dracares, os velhos acendiam as suas fogueiras sinaleiras, e o chamado saltava de monte em monte e de ilha em ilha. *Medo! Inimigos! Atacantes! Atacantes!* Quando os pescadores viam as fogueiras a arder nos sítios altos, punham de lado as redes e os arados e pegavam nas espadas e machados. Os seus senhores saíam em corrida dos castelos, servidos por cavaleiros e homens de armas. Cornos de guerra ecoavam sobre as águas, vindos de Escudoverde e Escudogris, de Escudorroble e Escudossul, e os seus dracares deslizavam de enseadas de pedra coberta de musgo ao longo das costas, com os remos a relampejar enquanto atravessavam em nuvens os estreitos e iam selar o Vago e perseguir e assolar os atacantes rio acima até à sua destruição.

Euron mandara Torwold Browntooth e o Remador Vermelho para o Vago com uma dúzia de dracares rápidos, para que os senhores das Ilhas Escudo partissem em perseguição. Quando a frota principal chegara, só restava uma mão cheia de guerreiros a defender as ilhas propriamente ditas. Os nascidos no ferro tinham vindo na maré do fim da tarde, para que o clarão do poente os mantivesse escondidos dos grisalhos nas torres de vigia até ser tarde demais. Tinham o vento pelas costas, como estivera ao longo de toda a viagem desde Velha Wyk. Murmurava-se na frota que os feiticeiros de Euron tinham mais do que muito a ver com isso, que o Olho de Corvo apaziguava o Deus da Tempestade com sacrifícios de sangue. De que outra forma se atreveria a velejar até tão longe para oeste, em vez de seguir a linha de costa como era costume?

Os nascidos no ferro encalharam os seus dracares nas praias de cascalho e jorraram para o crepúsculo púrpura com aço a cintilar nas mãos. Por essa altura, já as fogueiras ardiam nos locais elevados, mas poucos tinham ficado para trás para pegar em armas. Escudogris, Escudoverde e Escudossul caíram antes de o Sol nascer. Escudorroble resistiu mais meio dia. E quando os homens dos Quatro Escudos desistiram da perseguição movida a

Torwold e ao Remador Vermelho e viraram para jusante, foram encontrar a Frota de Ferro à sua espera na foz do Vago.

— Tudo aconteceu como Euron disse — disse Victarion à morena enquanto ela lhe ligava a mão com linho. — Os seus feiticeiros devem tê-lo visto. — O irmão tinha três a bordo do *Silêncio*, confidenciara Quellon Humble num murmúrio. — Mas ainda precisa de mim para travar as suas batalhas — insistiu Victarion. — Os feiticeiros podem ser muito bons, mas é o sangue e o aço que vence as guerras. — O vinagre fez o ferimento doer mais do que nunca. Afastou a mulher com um empurrão e fechou o punho, carrancudo. — Traz-me vinho.

Bebeu na escuridão, matutando no irmão. *Se não der o golpe com a minha própria mão, serei na mesma um fratricida?* Não havia homem que Victarion temesse, mas a maldição do Deus Afogado fazia-o hesitar. *Se for outro a abatê-lo às minhas ordens, o seu sangue manchará também as minhas mãos?* Aeron Cabelo-Molhado saberia a resposta, mas o sacerdote estava algures nas Ilhas de Ferro, ainda com esperança de amotinar os nascidos no ferro contra o seu rei recém-coroado. *Nute, o Barbeiro, é capaz de barbear um homem com um machado arremessado de vinte metros de distância. E nenhum dos mestiços de Euron conseguiria resistir a Wulfe Uma-Orelha ou a Andrik, o Sério. Qualquer deles poderia fazê-lo*. Mas sabia que o que um homem *pode* fazer e o que um homem *quer* fazer eram duas coisas diferentes.

— As blasfémias de Euron farão cair a fúria do Deus Afogado sobre todos nós — profetizara Aeron, ainda em Velha Wyk. — Temos de o deter, irmão. Ainda somos do sangue de Balon, não somos?

— Ele também é — dissera Victarion. — Não gosto disto mais do que tu, mas Euron é o rei. A tua assembleia de homens livres elegeu-o, e foste tu próprio quem lhe pôs na cabeça a coroa de madeira trazida pelo mar!

— Eu pus-lhe a coroa na cabeça — dissera o sacerdote, com algas a pingar no cabelo — e de bom grado lha voltaria a arrancar e te coroaria no seu lugar. Só tu tens força suficiente para lutar contra ele.

— Foi o Deus Afogado que o elevou — protestara Victarion. — Que seja o Deus Afogado a derrubá-lo.

Aeron deitara-lhe um olhar sinistro, o olhar que tinha fama de tornar imprópria a água de poços e deixar estéreis as mulheres.

— Não foi o deus que falou. Sabe-se que Euron tem feiticeiros e magos malignos naquele seu navio vermelho. Eles atiraram algum feitiço sobre nós, para não conseguirmos ouvir o mar. Os capitães e os reis estavam bêbados com toda aquela conversa de dragões.

— Bêbados, ou com medo daquele corno. Ouviste o som que ele fez. Mas não importa. Euron é o nosso rei.

— Meu, não — declarara o sacerdote. — O Deus Afogado ajuda os valentes, não aqueles que se aninham dentro dos navios quando a tempestade chega. Se não te queres mexer para remover o Olho de Corvo da Cadeira da Pedra do Mar, tenho de ser eu a pôr mãos a essa obra.

— Como? Não tens navios, não tens espadas.

— Tenho a minha voz — respondera o sacerdote — e o deus está comigo. Minha é a força do mar, uma força à qual o Olho de Corvo não pode esperar resistir. As vagas podem quebrar-se na montanha, mas continuam a vir, vaga atrás de vaga, e no fim só restarão calhaus onde esteve a montanha. E em breve até os calhaus são varridos para longe, para o chão sob o mar para toda a eternidade.

— Calhaus? — resmungara Victarion. — Estás louco se pensas em derrubar o Olho de Corvo com conversas sobre ondas e calhaus.

— Os nascidos no ferro serão as vagas — dissera o Cabelo-Molhado. — Não os grandes e senhoriais, mas o povo simples, os que lavram a terra e os que pescam no mar. Os capitães e os reis fizeram subir Euron, mas o povo derrubá-lo-á. Irei a Grande Wyk, a Harlaw, a Montrasgo, à própria Pyke. As minhas palavras serão ouvidas em cada vila e aldeia. Nenhum homem sem deus pode sentar-se na Cadeira da Pedra do Mar! — Abanara a cabeça hirsuta e penetrara a passos largos na noite. Quando o sol se erguera no dia seguinte, Aeron Greyjoy desaparecera da Velha Wyk. Nem mesmo os seus

afogados sabiam para onde. Dizia-se que o Olho de Corvo se limitara a rir quando lho disseram.

Mas embora o sacerdote tivesse desaparecido, os seus terríveis avisos tinham ficado. Victarion deu por si a lembrar-se também das palavras de Baelor Blacktyde. "*Balon era louco, Aeron é mais louco ainda, e Euron é o mais louco de todos*." O jovem senhor tentara zarpar para casa após a assembleia de homens livres, recusando-se a aceitar Euron como suserano. Mas a Frota de Ferro fechara a baía, pois o hábito da obediência estava profundamente inculcado em Victarion Greyjoy, e Euron usava a coroa de madeira trazida pelo mar. O *Voador da Noite* fora apreendido, e o Lorde Blacktyde entregue agrilhoado ao rei. Os mudos e mestiços de Euron tinham-no cortado em sete partes, para alimentar os sete deuses das terras verdes que ele adorara.

Como recompensa pelo seu leal serviço, o recém-coroado rei dera a Victarion a morena, roubada a algum mercador de escravos a caminho de Lys.

— Não quero nenhuma das tuas sobras — dissera desdenhosamente ao irmão, mas quando o Olho de Corvo dissera que a mulher seria morta se não a aceitasse, fraquejara. A língua dela tinha sido arrancada, mas à parte esse pormenor estava intacta, e era também bela, com uma pele tão castanha como teca oleada. Mas por vezes, quando a olhava, dava por si a lembrar-se da primeira mulher que o irmão lhe dera, para fazer dele um homem.

Victarion quis voltar a usar a morena, mas achou-se incapaz.

— Vai-me buscar outro odre de vinho — disse-lhe — e depois sai. — Quando ela regressou com um odre de um tinto amargo, o capitão levou-o para o convés, onde podia respirar o ar limpo do mar. Bebeu metade do odre e despejou o resto no mar para todos os homens que tinham morrido.

A *Vitória de Ferro* permaneceu durante horas ao largo da foz do Vago. Enquanto a maior parte da Frota de Ferro se punha a caminho de Escudorroble, Victarion manteve o *Luto*, o *Lorde Dagon*, o *Vento de Ferro* e a *Desgraça da Donzela* em seu redor como retaguarda. Içaram

sobreviventes do mar, e viram a *Mão-Dura* afundar-se lentamente, arrastada para o fundo pelo destroço que abalroara. Quando o navio desapareceu sob as águas, Victarion tinha a contagem que pedira. Perdera seis navios, e capturara trinta e oito.

— Servirá — disse a Nute. — Aos remos. Regressamos à Vila do Lorde Hewett.

Os remadores esforçaram as costas em direcção a Escudorroble, e o capitão de ferro voltou a ir para baixo.

— Podia matá-lo — disse à morena. — Embora seja um grande pecado matar um rei, e um pecado pior matar um irmão. — Franziu o sobrolho. — Asha ter-me-ia dado a sua voz. — Como podia ela ter esperado conquistar os capitães e os reis com as suas pinhas e nabos? *O sangue de Balon corre-lhe nas veias, mas não deixa de ser uma mulher.* Fugira após a assembleia de homens livres. Na noite em que a coroa de madeira trazida pelo mar fora colocada na cabeça de Euron, ela e a sua tripulação tinham-se esfumado. Uma pequena parte de Victarion sentia-se satisfeita com isso. *Se a rapariga mantiver a cabeça no lugar, casará com algum lorde nortenho e viverá com ele no seu castelo, longe do mar e de Euron Olho de Corvo.*

— A Vila do Lorde Hewett, Senhor Capitão — gritou um tripulante.

Victarion ergueu-se. O vinho abafara o latejar na sua mão. Talvez a levasse ao meistre de Hewett para que a visse, se o homem não tivesse sido morto. Regressou ao convés no momento em que dobravam um promontório. O modo como o castelo do Lorde Hewett se erguia por cima do porto fez-lhe lembrar Fidalporto, embora aquela vila fosse duas vezes maior. Uma vintena de dracares patrulhava as águas para lá da enseada, com a lula gigante dourada a estremecer nas suas velas. Centenas de outros navios encontravam-se encalhados ao longo das praias de cascalho e içados para os pontões que rodeavam o porto. Num cais de pedra viam-se três grandes cocas e uma dúzia de outras mais pequenas, a embarcar saque e provisões. Victarion deu ordens para a *Vitória de Ferro* largar âncora.

— Manda preparar um bote.

A vila parecia estranhamente parada quando se aproximaram. A maior parte das lojas e casas tinha sido saqueada, como as suas portas arrombadas e portadas quebradas testemunhavam, mas só o septo fora passado ao archote. As ruas estavam juncadas de cadáveres, todos eles com um pequeno bando de gralhas-pretas a prestar-lhes assistência. Um bando de taciturnos sobreviventes deslocava-se entre eles, afastando as aves negras e atirando os mortos para um carro a fim de serem enterrados. A ideia encheu Victarion de repugnância. Nenhum verdadeiro filho do mar quereria apodrecer debaixo da terra. Como encontraria os salões aquáticos do Deus Afogado, para beber e banquetear-se por toda a eternidade?

O *Silêncio* encontrava-se entre os navios por que passaram. O olhar de Victarion foi atraído para a sua figura de proa em ferro, a donzela sem boca com o cabelo soprado pelo vento e braço estendido. Os seus olhos de madrepérola pareceram segui-lo. *Ela tinha uma boca como qualquer outra mulher, até o Olho de Corvo lha coser.*

Ao aproximarem-se da costa, reparou numa fila de mulheres e crianças que eram pastoreadas para o convés de uma das grandes cocas. Algumas tinham as mãos atadas atrás das costas, e todas usavam laços de corda de cânhamo em torno do pescoço.

— Quem são? — perguntou aos homens que ajudaram a amarrar o seu bote.

— Viúvas e órfãos. Vão ser vendidas como escravas.

— Vendidas? — Não havia escravos nas Ilhas de Ferro, havia apenas servos. Um servo estava obrigado a servir, mas não era um bem. Os seus filhos nasciam livres, desde que fossem entregues ao Deus Afogado. E os servos nunca eram comprados ou vendidos em troca de ouro. Se um homem não pagasse o preço de ferro por servos, não tinha nenhum. — Deviam ser servas, ou esposas de sal — protestou Victarion.

— É por decreto do rei — disse o homem.

— Os fortes sempre tiraram aos fracos — disse Nute, o Barbeiro. — Servas ou escravas, não tem importância. Os seus homens não foram

capazes de as defender, portanto agora são nossas, para fazermos com elas o que quisermos.

O Costume Antigo não é assim, podia ter dito, mas não houve tempo. A sua vitória precedera-o, e os homens estavam a reunir-se à sua volta para lhe dar os parabéns. Victarion deixou-os adulá-lo, até que um se pôs a elogiar a ousadia de Euron.

— É ousado velejar longe de vista de terra, para que nenhuma notícia da nossa aproximação chegasse a estas ilhas antes de nós — resmungou — mas atravessar metade do mundo para ir caçar dragões, isso é outra coisa. — Não esperou resposta, e abriu caminho através da aglomeração e dirigiu-se à fortaleza.

O castelo do Lorde Hewett era pequeno mas forte, com paredes espessas e portões de carvalho com rebites que evocavam as antigas armas da sua Casa, um escudete de carvalho com rebites de ferro sobre um fundo ondado de azul e branco. Mas era a lula gigante de Greyjoy que flutuava agora no topo das suas torres de telhados verdes, e foram encontrar os grandes portões queimados e partidos. Nas ameias caminhavam homens de ferro com lanças e machados, e também alguns dos mestiços de Euron.

No pátio, Victarion encontrou Gorold Goodbrother e o velho Drumm, conversando em voz baixa com Rodrik Harlaw. Nute, o Barbeiro, soltou um grito ao vê-los.

— Leitor — gritou — porquê a cara de caso? Os vossos receios não serviram de nada. O dia é nosso e é nossa a recompensa!

A boca do Lorde Rodrik franziu-se.

— Falas destes rochedos? Os quatro juntos não chegam a fazer uma Harlaw. Conquistámos umas quantas pedras, árvores e bugigangas, e a inimizade da Casa Tyrell.

— As rosas? — Nute soltou uma gargalhada. — Que rosa pode causar dano às lulas gigantes das profundezas? Tirámos-lhes os escudos, e fizemo-los a todos em bocados. O que os protegerá agora?

— Jardim de Cima — respondeu o Leitor. — Em breve, todo o poderio da Campina será reunido contra nós, Barbeiro, e então pode ser que fiques a

saber que há rosas com espinhos de aço.

Drumm anuiu com a cabeça, com uma mão no cabo da sua Rubra Chuva.

— O Lorde Tarly usa a espada Veneno do Coração, forjada de aço valiriano, e está sempre na vanguarda Tyrell.

A ira de Victarion estalou.

— Que venha. Tornarei minha a espada dele, tal como o vosso antepassado tomou a Rubra Chuva. Que venham todos, e que tragam também os Lannister. Um leão pode ser bastante feroz em terra, mas no mar é a lula gigante que tem o poder supremo. — Daria metade dos dentes pela hipótese de experimentar o machado contra o Regicida ou o Cavaleiro das Flores. Era esse o tipo de batalha que compreendia. O fratricida era amaldiçoado aos olhos dos deuses e dos homens, mas o guerreiro era honrado e reverenciado.

— Não tenhais medo, Senhor Capitão — disse o Leitor. — Todos eles virão. Sua Graça deseja-o. Por que outro motivo nos teria ordenado que deixássemos voar os corvos de Hewett?

— Vós ledes demasiado e não lutais o suficiente — disse Nute. — O vosso sangue é leite. — Mas o Leitor fingiu que não ouviu.

Um festim tempestuoso desenrolava-se quando Victarion entrou no salão. Nascidos no ferro enchiam as mesas bebendo, gritando e empurrando-se uns aos outros, vangloriando-se dos homens que tinham morto, dos feitos que tinham realizado, daquilo que tinham conquistado. Muitos estavam ornamentados com objectos pilhados. O Lucas Mão-Esquerda Codd e Quellon Humble tinham arrancado tapeçarias das paredes para servirem de mantos. Germund Botley usava um fio de pérolas e granadas sobre a sua dourada placa de peito Lannister. Andrik, o Sério, andava por ali a cambalear com uma mulher debaixo de cada braço; embora continuasse sério, tinha anéis em todos os dedos. Em vez de travessas esculpidas em velho pão bolorento, os capitães comiam de bandejas de prata maciça.

O rosto de Nute, o Barbeiro, escureceu de fúria enquanto olhava em volta.

— O Olho de Corvo envia-nos para enfrentar os dracares, enquanto os seus homens tomam os castelos e as aldeias e arrecadam todo o saque e as mulheres. Que foi que deixou para nós?

— Nós temos a glória.

— A glória é boa — disse Nute — mas o ouro é melhor.

Victarion encolheu os ombros.

— O Olho de Corvo diz que teremos Westeros inteiro. A Árvore, Vilavelha, Jardim de Cima… será aí que encontrarás o teu ouro. Mas basta de conversas. Tenho fome.

Por direito de sangue, Victarion podia ter exigido um lugar no estrado, mas não queria comer com Euron e as suas criaturas. Em vez disso, escolheu um lugar junto a Ralf, o Coxo, capitão do *Lorde Quellon*.

— Uma grande vitória, Senhor Capitão — disse o Coxo. — Uma vitória merecedora de uma senhoria. Vós devíeis ficar com uma ilha.

Lorde Victarion. Sim, e porque não? Podia não ser a Cadeira da Pedra do Mar, mas seria alguma coisa.

Hotho Harlaw estava do outro lado da mesa a chupar carne de um osso. Deitou-o fora com um piparote e dobrou-se para a frente.

— O Cavaleiro vai ficar com Escudogris. O meu primo. Sabíeis?

— Não. — Victarion olhou para o outro lado do salão, para onde Sor Harras Harlaw bebia vinho de uma taça dourada; um homem alto, de rosto comprido e austero. — Porque daria Euron uma ilha àquele?

Hotho ergueu a sua taça de vinho vazia e uma pálida jovem com um vestido de veludo azul e renda dourada voltou a encher-lha.

— O Cavaleiro tomou Vila Severa sozinho. Plantou o estandarte junto ao castelo e desafiou os Grimm a enfrentá-lo. Um fê-lo, depois outro, e outro a seguir. Matou-os a todos… bem, quase, dois renderam-se. Quando o sétimo homem caiu, o septão do Lorde Grimm decidiu que os deuses tinham falado e entregou o castelo. — Hotho soltou uma gargalhada. — Ele vai ser Senhor de Escudogris, e que lhe faça bom proveito. Com ele longe, sou eu o herdeiro do Leitor. — Bateu no peito com a taça de vinho. — Hotho, o Corcunda, Senhor de Harlaw.

— Sete, dizeis. — Victarion perguntou a si próprio como Anoitecer se aguentaria contra o seu machado. Nunca lutara contra um homem armado com uma lâmina de aço valiriano, embora tivesse sovado muitas vezes o jovem Harras Harlaw quando ambos eram jovens. Em rapaz, Harlaw fora um grande amigo do filho mais velho de Balon, Rodrik, que morrera à sombra das muralhas de Guardamar.

O banquete era bom. O vinho era dos melhores, e havia boi assado, mal passado e em sangue, e também pato recheado e baldes de caranguejo fresco. O Senhor Comandante não deixou de reparar que as raparigas de servir usavam finas lãs e faustosos veludos. Tomou-as por ajudantes de cozinha aperaltadas com as roupas da Senhora Hewett e das suas damas, até que Hoth lhe disse que *eram* a Senhora Hewett e as suas damas. Eram oito: sua senhoria, ainda bem-parecida embora tivesse ganho alguma robustez, e sete mulheres mais jovens com idades entre os vinte e cinco e os dez anos, suas filhas e noras.

O Lorde Hewett, em pessoa, estava sentado no seu lugar habitual sobre o estrado, vestido com todos os seus enfeites heráldicos. Os braços e as pernas tinham sido atados à cadeira, e um enorme rabanete branco fora enfiado entre os seus dentes para que não pudesse falar… embora pudesse ver e ouvir. O Olho de Corvo ocupara o lugar de honra à mão direita de sua senhoria. Tinha uma rapariga bonita e roliça de dezassete ou dezoito anos ao colo, descalça e desgrenhada, com os braços em volta do seu pescoço.

— Quem é aquela? — perguntou Victarion aos homens que o rodeavam.

— A bastarda de sua senhoria — disse Hotho com uma gargalhada. — Antes de Euron tomar o castelo, era obrigada a servir os outros à mesa e a tomar as refeições com os criados.

Euron levou os lábios azuis ao pescoço da rapariga, e ela soltou um risinho e sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Sorrindo, ele voltou a beijar-lhe a garganta. A pele branca da rapariga estava coberta de marcas vermelhas onde a boca dele estivera; formavam um colar rosado em volta do seu pescoço e ombros. Outro sussurro ao ouvido, e desta vez o Olho de

Corvo riu alto, após o que bateu com a taça de vinho na mesa, pedindo silêncio.

— Boas senhoras — gritou para as suas criadas bem nascidas — Falia está preocupada com os vossos belos vestidos. Não quer vê-los manchados de gordura, vinho e apalpadelas de dedos sujos, visto que lhe prometi que podia escolher a sua roupa entre os vossos guarda-roupas depois do banquete. Portanto o melhor é que vos dispais.

Um rugido de gargalhadas varreu o grande salão, e a cara do Lorde Hewett ficou tão vermelha que Victarion julgou que a cabeça lhe rebentaria. As mulheres não tiveram alternativa a obedecer. A mais nova chorou um pouco, mas a mãe confortou-a e ajudou a desfazer os nós pelas costas abaixo. Depois, continuaram a servir como antes, movendo-se entre as mesas com jarros cheios de vinho para encher todas as taças vazias, só que agora o faziam nuas.

Ele envergonha Hewett como em tempos me envergonhou a mim, pensou o capitão, recordando-se do modo como a esposa soluçara enquanto ele a espancava. Sabia que os habitantes dos Quatro Escudos se casavam frequentemente entre si, tal como os nascidos no ferro. Uma daquelas criadas nuas podia perfeitamente ser esposa de Sor Talbert Serry. Uma coisa era matar um inimigo, outra era desonrá-lo. Victarion fez um punho. Tinha a mão ensanguentada onde o ferimento empapara o linho.

No estrado, Euron empurrou a sua cadela para o lado e trepou para cima da mesa. Os capitães puseram-se a bater com as taças na mesa e a patear no chão.

— *EURON!* — gritavam. — *EURON! EURON! EURON!* — Era de novo a assembleia de homens livres.

— Jurei dar-vos Westeros — disse o Olho de Corvo quando o tumulto esmoreceu — e aqui tendes um pouco dele para saborear. Um bocado, nada mais do que isso… mas banquetear-nos-emos antes do cair da noite! — Os archotes ao longo das paredes soltavam um brilho vivo, e ele também, lábios azuis, olho azul e tudo. — O que a lula gigante agarra não larga. Estas ilhas foram em tempos nossas, e agora são-no de novo… mas

precisamos de homens fortes para as defender. Portanto erguei-vos, Sor Harras Harlaw, Senhor de Escudogris. — O Cavaleiro pôs-se em pé, com uma mão apoiada no botão de pedra da lua da Anoitecer. — Erguei-vos, Andrik, o Sério, Senhor de Escudossul. — Andrik empurrou as suas mulheres para o lado e levantou-se de um salto, como uma montanha que se erguesse súbita do mar. — Erguei-vos, Maron Volmark, Senhor de Escudoverde. — Um rapazinho imberbe de dezasseis anos, Volmark pôs-se hesitantemente em pé, parecendo um senhor dos coelhos. — E erguei-vos, Nute, o Barbeiro, Senhor de Escudorroble.

Os olhos de Nute puseram-se cautelosos, como se ele temesse estar a ser alvo de um gracejo cruel.

— Um lorde? — grasnou.

Victarion esperara que o Olho de Corvo entregasse as senhorias às suas criaturas, ao Stonehand, ao Remador Vermelho e ao Lucas Mão-Esquerda Codd. *Um rei tem de ser pródigo*, tentou dizer a si próprio, mas outra voz sussurrou: *Os presentes de Euron estão envenenados*. Quando revirou a ideia na cabeça, viu-o com clareza. *O Cavaleiro era o herdeiro escolhido pelo Leitor, e Andrik, o Sério, o forte braço direito de Dunstan Drumm. Volmark é um rapaz inexperiente, mas tem em si o sangue do Harren Negro por via materna. E o Barbeiro…*

Victarion agarrou-o pelo antebraço.

— Recusa-o!

Nute olhou-o como se tivesse enlouquecido.

— Recusar? Terras e uma senhoria? Irás tu fazer de mim um senhor? — Libertou o braço com um puxão e pôs-se em pé, gozando os vivas.

E agora rouba-me os homens, pensou Victarion.

O Rei Euron chamou pela Senhora Hewett para que lhe trouxesse uma nova taça de vinho e ergueu-a bem alto acima da cabeça.

— Capitães e reis, erguei as taças aos Senhores dos Quatro Escudos! — Victarion bebeu com os outros. *Não há vinho mais doce do que o vinho roubado a um inimigo.* Alguém lhe dissera aquilo um dia. O pai, ou o irmão

Balon. *Um dia beberei o teu vinho, Olho de Corvo, e roubar-te-ei tudo o que te é querido*. Mas haveria alguma coisa que fosse querida a Euron?

— Amanhã preparamo-nos de novo para zarpar — estava o rei a dizer. — Enchei as barricas de novo com água de nascente, levai todas as sacas de cereais e barris de carne de vaca e tantas ovelhas e cabras que possamos transportar. Os feridos que ainda estiverem suficientemente vigorosos para puxar por um remo, remarão. Os outros ficarão aqui, para ajudar a manter estas ilhas nas mãos dos seus novos senhores. Torwold e o Remador Vermelho regressarão em breve com mais provisões. Os nossos conveses irão feder a porcos e galinhas na viagem para leste, mas regressaremos com dragões.

— Quando? — A voz era a do Lorde Rodrik. — Quando regressaremos, Vossa Graça? Dentro de um ano? Três anos? Cinco? Os vossos dragões estão a um mundo de distância, e o Outono chegou. — O Leitor avançou, enumerando todos os perigos. — Galés defendem os Estreitos Redwyne. A costa dornesa é seca e estéril, quatrocentas léguas de remoinhos, falésias e baixios escondidos, quase desprovida de um desembarcadouro seguro seja onde for. Depois, esperam-nos os Degraus, com as suas tempestades e os seus ninhos de piratas lisenos e miranos. Se um milhar de navios se fizer à vela, trezentos poderão chegar ao outro lado do mar estreito… e então, o quê? Lys não nos dará as boas-vindas, e Volantis tampouco. Onde encontrareis água doce e alimentos? A primeira tempestade dispersar-nos-á por metade da terra.

Um sorriso brincou nos lábios azuis de Euron.

— Eu *sou* a tempestade, senhor. A primeira tempestade e a última. Levei o *Silêncio* em viagens mais longas do que esta, e em viagens muito mais perigosas. Esqueceste-vos? Naveguei pelo Mar Fumegante e vi Valíria.

Todos os presentes sabiam que a Destruição ainda reinava em Valíria. Ali, o próprio mar fervia e fumegava, e a terra fora invadida por demónios. Dizia-se que qualquer marinheiro que sequer vislumbrasse as montanhas de fogo de Valíria a erguer-se acima das vagas morreria em breve uma morte terrível, e no entanto o Olho de Corvo estivera lá e regressara.

— Ah vistes? — perguntou o Leitor, tão suavemente.

O sorriso azul de Euron eclipsou-se.

— Leitor — disse, no meio do silêncio, — faríeis melhor se mantivésseis o nariz nos vossos livros.

Victarion conseguia sentir o constrangimento no salão. Pôs-se em pé.

— Irmão — trovejou. — Não respondeste às perguntas de Harlaw.

Euron encolheu os ombros.

— O preço dos escravos está a subir. Venderemos os nossos escravos em Lys e Volantis. Isso e o saque que capturámos aqui dar-nos-ão ouro suficiente para comprar provisões.

— Agora somos traficantes de escravos? — perguntou o Leitor. — E para quê? Dragões que nenhum dos presentes viu? Deveremos perseguir a fantasia de um qualquer marinheiro bêbado até ao longínquo fim da terra?

As suas palavras geraram resmungos de assentimento.

— A Baía dos Escravos é longe demais — gritou Ralf, o Coxo.

— E perto demais de Valíria — gritou Quellon Humble. Fralegg, o Forte, disse:

— Jardim de Cima é perto. Procuremos por dragões aí, digo eu. Da espécie *dourada*! — Alvyn Sharp disse:

— Para quê navegar pelo mundo quando temos o Vago à nossa frente? — O Ralf Vermelho Stonehouse pôs-se em pé num salto.

— Vilavelha é mais rica, e a Árvore ainda mais. A frota Redwyne anda por longe. Só temos de estender a mão para colher a mais madura fruta de Westeros.

— Fruta? — O olho do rei parecia mais negro do que azul. — Só um cobarde rouba um fruto quando pode tomar o pomar.

— É a Árvore que queremos — disse o Ralf Vermelho, e outros homens acompanharam-no no grito. O Olho de Corvo deixou-se varrer pelos gritos. Então saltou da mesa, agarrou a sua cadela pelo braço, e arrastou-a para fora do salão.

Fugiu como um cão. O controlo de Euron sobre a Cadeira da Pedra do Mar pareceu de súbito não estar tão firme como estivera momentos antes.

Eles não o seguirão até à Baía dos Escravos. Talvez não sejam tão cães e tolos como eu temi. Aquilo era uma ideia tão alegre que Victarion teve de a empurrar para baixo. Esvaziou uma taça com o Barbeiro, para lhe mostrar que não lhe tinha má vontade pela senhoria, mesmo tendo vindo da mão de Euron.

Lá fora, o sol pôs-se. A escuridão reuniu-se para lá das paredes, mas dentro delas os archotes ardiam com um brilho alaranjado, e o fumo que deitavam concentrava-se sob as vigas do telhado como uma sombra cinzenta. Bêbados puseram-se a dançar a dança dos dedos. A certa altura, o Lucas Mão-Esquerda Codd decidiu que desejava uma das filhas do Lorde Hewett, e possuiu-a sobre a mesa enquanto as irmãs gritavam e soluçavam.

Victarion sentiu uma pancada no ombro. Um dos filhos mestiços de Euron estava na sua frente, um rapaz de dez anos com um cabelo lanoso e a pele da cor da lama.

— O meu pai quer falar convosco.

Victarion ergueu-se, pouco firme. Era um homem grande, com uma vasta capacidade para o vinho, mas mesmo assim bebera demasiado. *Espanquei-a até à morte com as minhas próprias mãos*, pensou, *mas o Olho de Corvo matou-a quando se enfiou nela. Eu não tive alternativa*. Seguiu o pequeno bastardo para fora do salão e pela espiral de uma escada em pedra acima. Os sons da violação e da festança foram diminuindo à medida que subiam, até restar apenas o suave raspar das botas em pedra.

O Olho de Corvo ocupara o quarto do Lorde Hewett com a sua filha bastarda. Quando Victarion entrou, a rapariga estava estendida nua na cama, a ressonar baixinho. Euron encontrava-se em pé junto à janela, bebendo de uma taça de prata. Usava o manto de zibelina que tirara a Blacktyde, a pala de couro e nada mais.

— Quando era rapaz, sonhei que podia voar — anunciou. — Quando acordei, não podia… ou pelo menos foi o que o meistre disse. Mas e se ele mentiu?

Victarion sentia o cheiro do mar que entrava pela janela aberta, embora o quarto fedesse a vinho, sangue e sexo. O frio ar salgado ajudou a limpar-lhe

a cabeça.

— Que queres tu dizer com isso?

Euron virou-se para o encarar, com os magoados lábios azuis encurvados num meio sorriso.

— Talvez possamos voar. Todos nós. Como saberemos a menos que saltemos de uma torre alta qualquer? — O vento entrava em rajadas pela janela e sacudia-lhe o manto de zibelina. Havia algo de obsceno e perturbador na sua nudez. — Não há homem nenhum que realmente saiba o que pode fazer a menos que se atreva a saltar.

— Está ali a janela. Salta. — Victarion não tinha paciência para aquilo. A mão ferida estava a incomodá-lo. — O que é que tu queres?

— O mundo. — A luz da lareira cintilou no olho de Euron. O seu olho sorridente. — Aceitas uma taça do vinho do Lorde Hewett? Não há vinho cuja doçura chegue aos calcanhares daquele que é tirado a um adversário derrotado.

— Não. — Victarion afastou o olhar. — Cobre-te.

Euron sentou-se e deu um torção ao manto, de modo a cobrir-lhe as virilhas.

— Tinha-me esquecido de como os meus nascidos no ferro são uma gente pequena e barulhenta. Quero trazer-lhes dragões, e eles gritam por uvas.

— As uvas são reais. Um homem pode empanturrar-se de uvas. O seu sumo é doce, e fazem vinho. O que fazem os dragões?

— Angústia. — O Olho de Corvo beberricou da sua taça de prata. — Uma vez tive um ovo de dragão nesta mão, irmão. Um feiticeiro de Myr jurou que conseguia fazê-lo eclodir se lhe desse um ano e todo o ouro que me pedisse. Quando me cansei das suas desculpas, matei-o. Enquanto o homem observava as entranhas a deslizar-lhe por entre os dedos, disse: "*Mas não se passou um ano.*" — Soltou uma gargalhada. — Cragorn morreu, sabes?

— Quem?

— O homem que soprou o meu corno de dragão. Quando o meistre o abriu, tinha os pulmões carbonizados, negros como fuligem.

Victarion estremeceu.

— Mostra-me esse ovo de dragão.

— Atirei-o ao mar durante um dos meus humores negros. — Euron encolheu os ombros. — Ocorre-me que o Leitor não se enganava. Uma frota grande demais nunca poderá manter-se unida ao longo de uma tal distância. A viagem é longa demais, e demasiado perigosa. Só os nossos melhores navios e tripulações podem esperar viajar até à Baía dos Escravos e voltar. A Frota de Ferro.

A Frota de Ferro é minha, pensou Victarion. Nada disse.

O Olho de Corvo encheu duas taças com um estranho vinho negro que fluía espesso como mel.

— Bebe comigo, irmão. Prova isto. — Ofereceu uma das taças a Victarion.

O capitão pegou na taça que Euron não oferecera, cheirou desconfiadamente o seu conteúdo. Visto de perto, o líquido parecia mais azul do que negro. Era espesso e de aspecto oleoso, e cheirava a carne podre. Experimentou um pequeno gole, e cuspiu-o imediatamente.

— Que porcaria. Queres envenenar-me?

— Quero abrir-te os olhos. — Euron bebeu profundamente da sua taça e sorriu. — Sombra da tarde, o vinho dos magos. Encontrei um barril quando capturei uma certa galeota vinda de Qarth, que trazia também cravinho e noz-moscada, quarenta fardos de seda verde, e quatro magos que contaram uma curiosa história. Um deles ousou ameaçar-me, de modo que o matei e o dei a comer aos outros três. A princípio recusaram-se a comer da carne do amigo, mas quando ficaram suficientemente esfomeados mudaram de ideias. Os homens são carne.

Balon era louco, Aeron é mais louco, e Euron é o mais louco de todos. Victarion estava a virar-se para se ir embora quando o Olho de Corvo disse:

— Um rei tem de ter uma esposa, para lhe dar herdeiros. Irmão, tenho necessidade de ti. Irás à Baía dos Escravos trazer-me o meu amor?

Em tempos também eu tive um amor. As mãos de Victarion enrolaram-se em punhos, e uma gota de sangue caiu ao chão com um pequeno ruído. *Devia espancar-te até te deixar em sangue e dar-te a comer aos caranguejos, como fiz com ela.*

— Tu tens filhos — disse ao irmão.

— Mestiços ilegítimos, nascidos de rameiras e carpideiras.

— São frutos do teu corpo.

— Também o conteúdo do meu penico o é. Nenhum deles é digno de se sentar na Cadeira de Pedra do Mar, muito menos no Trono de Ferro. Não, para fazer um herdeiro que o mereça, preciso de uma mulher diferente. Quando a lula gigante casa com o dragão, irmão, que o mundo se acautele.

— Que dragão? — disse Victarion, franzindo o sobrolho.

— A última da sua linhagem. Dizem que é a mais bela mulher do mundo. O cabelo é louro prateado, e os olhos ametistas… mas não precisas de aceitar a minha palavra, irmão. Vai até à Baía dos Escravos, contempla a sua beleza, e trá-la até mim.

— Porque haveria de o fazer? — quis saber Victarion.

— Por amor. Por dever. Porque o teu rei to ordena. — Euron soltou um risinho abafado. — E pela Cadeira de Pedra do Mar. É tua, assim que eu reclame para mim o Trono de Ferro. Suceder-me-ás como eu sucedi a Balon… e os teus filhos legítimos suceder-te-ão um dia.

Os meus filhos. Mas para ter um filho legítimo, um homem tinha primeiro de ter uma esposa. Victarion não tinha sorte com as esposas. *Os presentes de Euron estão envenenados*, recordou a si próprio, *mas ainda assim…*

— A opção é tua, irmão. Vive como servo ou morre como rei. Atreves-te a voar? Se não deres o salto, nunca saberás.

O olho sorridente de Euron estava brilhante de troça.

— Ou será que estou a pedir demasiado de ti? Velejar para lá de Valíria é coisa de meter medo.

— Eu seria capaz de levar a Frota de Ferro até ao inferno, se fosse necessário. — Quando Victarion abriu a mão, a palma estava rubra de

sangue. — Sim, irei até à Baía dos Escravos. Descobrirei essa mulher dragão e trá-la-ei de volta. — *Mas não para ti. Tu roubaste-me a mulher e espoliaste-a, portanto eu ficarei com a tua. A mais bela mulher do mundo, para mim.*

OceanofPDF.com

JAIME

Os campos junto das muralhas de Darry estavam de novo a ser trabalhados. As culturas queimadas tinham sido aradas, e os batedores de Sor Addam referiram ter visto mulheres nos regos a arrancar ervas daninhas, enquanto uma parelha de bois rasgava novos sulcos nos limites de um bosque próximo. Uma dúzia de homens barbudos com machados mantinha-se de guarda enquanto o trabalho avançava.

Quando Jaime e a sua coluna chegaram ao castelo, todos tinham fugido para dentro das muralhas. Foi encontrar Darry fechado para si, tal como Harrenhal estivera. *Gelidamente acolhido pelo meu próprio sangue.*

— Fazei soar o corno — ordenou. Sor Kennos de Kayce pegou no Corno de Herrock que trazia a tiracolo e fê-lo soar. Enquanto esperava por uma resposta vinda do castelo, Jaime observou o estandarte que flutuava, em castanho e carmim, por sobre a barbacã do primo. Aparentemente, Lancel decidira esquartelar o leão de Lannister com o lavrador de Darry. Viu naquilo a mão do tio, tal como na escolha de noiva para Lancel. A Casa Darry governava aquelas terras desde que os ândalos derrubaram os Primeiros Homens. Não havia dúvida de que Sor Kevan compreendera que o filho teria menos problemas se os camponeses o vissem como uma continuação da antiga linhagem, obtendo aquelas terras por direito de casamento e não por decreto real. *Kevan devia ser a Mão de Tommen. Harys Swyft é uma cavalgadura, e a minha irmã é estúpida se pensa que não.*

Os portões do castelo abriram-se lentamente.

— O meu primo não terá espaço para instalar mil homens — disse Jaime ao Varrão Forte. — Acamparemos à sombra da muralha ocidental. Quero fossos e estacas no perímetro. Ainda há bandos de foras-da-lei por estes lados.

— Teriam de ser loucos para atacar uma força tão poderosa como a nossa.

— Loucos ou esfomeados. — Até ter uma ideia mais concreta acerca desses foras-da-lei e da sua força, Jaime não se sentia inclinado a correr riscos com as defesas. — Fossos e estacas — voltou a dizer, antes de esporear Honra na direcção do portão. Sor Dermot seguiu a seu lado com o veado e leão reais, e Sor Hugo Vance com o estandarte branco da Guarda Real. Jaime atribuíra ao Ronnet Vermelho a tarefa de levar Wylis Manderly para Lagoa da Donzela, para não ter de continuar a vigiá-lo.

Pia seguia com os escudeiros de Jaime, no castrado que Peck lhe arranjara.

— É como um castelo de brincar — ouviu-a dizer. *Ela não conheceu nenhum lar além de Harrenhal*, reflectiu. *Todos os castelos no reino lhe parecerão pequenos, excepto o Rochedo.*

Josmyn Peckleton estava a dizer a mesma coisa.

— Não podes avaliá-lo por Harrenhal. O Harren Negro construiu grande demais. — Pia escutou-o com a solenidade de uma rapariga de cinco anos a receber lições da septã. *Não passa disso, uma rapariguinha num corpo de mulher, cheia de cicatrizes e assustada*. Mas Peck estava cativado por ela. Jaime suspeitava que o rapaz nunca conhecera uma mulher, e Pia ainda era bastante bonita, desde que mantivesse a boca fechada. *Não há mal se ele dormir com ela, suponho, desde que ela tenha vontade.*

Um dos homens da Montanha tentara violar a rapariga em Harrenhal, e parecera honestamente perplexo quando Jaime ordenara a Ilyn Payne que lhe cortasse a cabeça.

— Já a tive antes, um cento de vezes — não parara de dizer enquanto o obrigavam a ajoelhar-se. — Um cento de vezes, s'nhor. Todos a tivemos. — Quando Sor Ilyn presenteara Pia com a cabeça do homem, ela sorrira através dos seus dentes arruinados.

Darry mudara várias vezes de mãos durante a luta, e o seu castelo fora uma vez queimado e pelo menos duas saqueado, mas, aparentemente, Lancel pouco tempo demorara a pôr as coisas em condições. Os portões do castelo estavam instalados de novo, pranchas rudes de carvalho reforçadas com tachões de ferro. Um novo estábulo estava a ser construído no local

onde o antigo fora passado pelo archote. Os degraus que levavam à torre de menagem tinham sido substituídos, bem como as portadas em muitas das janelas. Pedras enegrecidas mostravam os locais onde as chamas as tinham lambido, mas o tempo e a chuva extinguiriam essas marcas.

Dentro das muralhas, besteiros percorriam os adarves, alguns com mantos carmim e elmos encimados por leões, outros com o azul e cinzento da Casa Frey. Quando Jaime atravessou o pátio a trote, galinhas fugiram de debaixo dos cascos de Honra, ovelhas baliram e camponeses fitaram-no com olhos carrancudos. *Camponeses armados*, não lhe passou despercebido. Alguns tinham gadanhas, outros bordões, outros sachos de tal forma aguçados que exibiam pontas cruéis. Também machados estavam em evidência, e vislumbrou vários homens barbudos com estrelas vermelhas de sete pontas cosidas em túnicas esfarrapadas e imundas. *Mais dos malditos pardais. De onde veio toda esta gente?*

Do tio Kevan, não viu sinal. Nem de Lancel. Só um meistre veio ao seu encontro, com uma veste cinzenta a adejar em volta das suas pernas descarnadas.

— Senhor Comandante, Darry está honrado por esta… visita inesperada. Tendes de nos perdoar pela falta de preparativos. Tínhamos sido levados a crer que vos dirigíeis para Correrrio.

— Darry ficou-me a caminho — mentiu Jaime. *Correrrio pode esperar*. E se por acaso o cerco terminasse antes de chegar ao castelo, seria poupado à necessidade de pegar em armas contra a Casa Tully.

Desmontando, entregou Honra a um moço de estrebaria.

— Encontrarei o meu tio aqui? — Não forneceu um nome. Sor Kevan era o único tio que lhe restava, o último filho sobrevivente de Tytos Lannister.

— Não, senhor. Sor Kevan retirou-se após a boda. — O meistre puxou pelo colar de corrente, como se se tivesse tornado demasiado apertado para o seu pescoço. — Eu sei que o Lorde Lancel ficará contente por vos ver e… e a todos os vossos galantes cavaleiros. Embora me magoe confessar que Darry não pode alimentar tantos homens.

— Nós temos as nossas próprias provisões. Vós sois?...

— O Meistre Ottomore, se aprouver ao senhor. A Senhora Amerei desejaria dar-vos as boas-vindas em pessoa, mas está a tratar dos preparativos para um banquete em vossa honra. É sua esperança que vós e os vossos cavaleiros e capitães principais nos façais companhia à mesa esta noite.

— Uma refeição quente será muito bem-vinda. Os dias têm estado frios e húmidos. — Jaime passou os olhos pelo pátio, pelas caras barbudas dos pardais. *Demasiados. E também os Frey são demasiados*. — Onde poderei encontrar Pedra-Dura?

— Recebemos relatos sobre foras-da-lei na outra margem do Tridente. Sor Harwyn levou cinco cavaleiros e vinte arqueiros e foi lidar com eles.

— E o Lorde Lancel?

— Está nas suas preces. Sua senhoria ordenou-nos para nunca o incomodarmos quando está a rezar.

Ele e Sor Bonifer deverão dar-se bem.

— Muito bem. — Mais tarde haveria tempo suficiente para falar com o primo. — Levai-me até aos meus aposentos e ordenai que um banho seja preparado lá.

— Se aprouver ao senhor, instalámos-vos na Torre do Lavrador. Eu levo-vos lá.

— Eu conheço o caminho. — Jaime não era estranho àquele castelo. Ele e Cersei tinham estado ali hospedados por duas vezes, uma a caminho de Winterfell com Robert, a outra na viagem de regresso a Porto Real. Embora fosse pequeno para castelo, era maior do que uma estalagem, e tinha boa caça ao longo do rio. Robert Baratheon nunca se mostrara relutante em impor-se à hospitalidade dos seus súbditos.

A torre era muito semelhante àquilo que dela recordava.

— As paredes continuam despidas — observou Jaime enquanto o meistre o levava ao longo de uma galeria.

— O Lorde Lancel espera um dia cobri-las com tapeçarias — disse Ottomore. — Cenas de piedade e devoção.

Piedade e devoção. Foi com dificuldade que evitou rir. As paredes também tinham estado nuas na sua primeira visita. Tyrion indicara os quadrados de pedra mais escura onde tapeçarias tinham estado penduradas. Sor Raymun podia removê-las, mas não as marcas que elas deixavam. Mais tarde, o Duende fizera deslizar uma mão-cheia de veados para as mãos de um dos criados de Darry em troca da chave da cave onde as tapeçarias em falta se encontravam escondidas. Mostrou-as a Jaime à luz de uma vela, sorrindo; retratos tecidos de todos os reis Targaryen, do primeiro Aegon até ao segundo Aenys.

— Se contar a Robert, ele talvez faça de *mim* Senhor de Darry — dissera o anão, entre gargalhadas.

O Meistre Ottomore levou Jaime até ao topo da torre.

— Espero que fiqueis aqui confortável, senhor. Há uma latrina, para quando a natureza chama. A vossa janela dá para o bosque sagrado. O quarto está ligado ao da senhora, com uma cela de criado entre ambos.

— Estes eram os aposentos do próprio Lorde Darry.

— Sim, senhor.

— O meu primo é demasiado generoso. Não pretendia pôr Lancel fora do seu próprio quarto.

— O Lorde Lancel tem dormido no septo.

A dormir com a Mãe e a Donzela, quando tem uma esposa quente mesmo para lá daquela porta? Jaime não soube se haveria de rir ou de chorar. *Talvez ande a rezar para que a picha endureça*. Em Porto Real constara que os ferimentos de Lancel o tinham deixado incapaz. *Mesmo assim, devia ter senso suficiente para tentar*. A posse das novas terras pelo primo não estaria segura até gerar um filho à sua esposa meio Darry. Jaime começava a arrepender-se do impulso que o trouxera ali. Agradeceu a Ottomore, fez-lhe lembrar o banho e mandou que Peck o acompanhasse à porta.

O quarto do senhor mudara desde a sua última visita, e não para melhor. Velhas esteiras apodrecidas cobriam o chão no lugar do bom tapete de Myr que estivera lá antes, e toda a mobília era nova e mal feita. A cama de Sor Raymun Darry fora suficientemente grande para seis pessoas, com cortinas

de veludo castanho e postes de carvalho esculpidos com trepadeiras e folhas; a de Lancel era uma granulosa enxerga de palha, posta por baixo da janela, onde a primeira luz da aurora o acordaria pela certa. Sem dúvida que a outra cama teria sido queimada, esmagada ou roubada, mas mesmo assim…

Quando a banheira chegou, o Lew Pequeno tirou as botas a Jaime e ajudou a remover a sua mão de ouro. Peck e Garrett carregaram água, e Pia arranjou qualquer coisa limpa para ensopar. A rapariga olhou-o de relance, timidamente, enquanto lhe tirava o gibão às sacudidelas. Jaime ficou desconfortavelmente consciente das curvas de ancas e seios por baixo do vestido castanho de tecido grosseiro que ela trazia. Deu por si a recordar as coisas que Pia lhe segredara em Harrenhal, na noite em que Qyburn a enviara à sua cama. *Às vezes quando estou com um homem*, dissera, *fecho os olhos e finjo que sois vós quem está em cima de mim*.

Sentiu-se grato quando o banho ficou suficientemente profundo para lhe esconder a erecção. Quando se baixou para dentro da água fumegante, recordou outro banho, aquele que partilhara com Brienne. Estivera febril e enfraquecido devido à perda de sangue, e o calor entontecera-o tanto que dera por si a dizer coisas que era melhor deixar por dizer. Desta vez não tinha semelhante desculpa. *Lembra-te dos teus votos. Pia é mais digna da cama de Tyrion do que da tua.*

— Vai-me buscar sabão e uma escova rija — disse a Peck. — Pia, podes deixar-nos.

— Sim, s'nhor. Obrigada, s'nhor. — Ela cobria a boca quando falava, para esconder os dentes quebrados.

— Deseja-la? — perguntou Jaime a Peck depois da rapariga sair.

O escudeiro ficou vermelho como uma beterraba.

— Se ela te quiser, toma-a. De certeza que te ensinará algumas coisas que vais achar úteis na noite de núpcias, e não é provável que arranjes um bastardo com ela. — Pia abrira as pernas para metade do exército do pai e nunca engravidara; o mais certo era que a rapariga fosse estéril. — Mas se te deitares com ela, sê bondoso.

— Bondoso, senhor? Como… como poderei eu…?

— Palavras doces. Toques gentis. Não queres casar com ela, mas enquanto estiverdes na cama trata-a como tratarias a tua noiva.

O rapaz anuiu.

— Senhor, eu… para onde posso levá-la? Nunca há sítio para… para…

— … ficar sozinho? — Jaime fez um sorriso. — Passaremos várias horas a jantar. A palha parece cheia de grumos, mas há-de servir.

Os olhos de Peck esbugalharam-se.

— A cama de sua senhoria?

— Quando acabares hás-de te sentir também um senhor, se Pia souber o que fazer. — *E alguém devia dar algum uso àquele miserável colchão de palha.*

Quando desceu para o banquete naquela noite, Jaime Lannister usava um gibão de rico veludo fendido com pano de ouro, e uma corrente de ouro salpicada de diamantes negros. Também prendera a mão de ouro, que fora polida até mostrar um belo lustre brilhante. Aquele não era lugar apropriado para usar o branco. O dever esperava-o em Correrrio; o que o trouxera ali fora uma necessidade mais sombria.

O Grande Salão de Darry era grande só por cortesia. Mesas de montar preenchiam-no de parede a parede e as vigas do tecto estavam negras de fumo. Jaime fora sentado no estrado, à direita da cadeira vazia de Lancel.

— O meu primo não irá juntar-se a nós para o jantar? — perguntou ao sentar-se.

— O meu senhor prefere jejuar — disse a esposa de Lancel, a Senhora Amerei. — Está doente de desgosto pelo pobre Alto Septão. — Era uma rapariga robusta de pernas longas e peitos cheios, com cerca de dezoito anos; uma rapariga saudável, pelo aspecto, embora a sua cara chupada e sem queixo fizesse lembrar a Jaime o seu falecido e não lamentado primo Cleos, que sempre tivera um certo aspecto de doninha.

Jejuar? Ainda é um idiota maior do que eu suspeitava. O primo devia andar ocupado a gerar na sua viúva um pequeno herdeiro com cara de doninha, em vez de se matar à fome. Perguntou a si próprio o que Sor

Kevan poderia ter tido a dizer acerca do novo fervor do filho. Poderia ter sido esse o motivo da partida abrupta do tio?

Sobre tigelas de sopa de feijão e toucinho, a Senhora Amerei contou a Jaime como o seu primeiro marido fora morto por Sor Gregor Clegane quando os Frey ainda lutavam por Robb Stark.

— Supliquei-lhe para não ir, mas o meu Pate era, oh, *tão* corajoso, e jurou que seria ele o homem que mataria aquele monstro. Queria arranjar um grande renome para si.

Todos queremos.

— Quando eu era escudeiro disse a mim próprio que seria eu o homem que mataria o Cavaleiro Sorridente.

— O Cavaleiro Sorridente? — Ela parecia confusa. — Quem foi esse?

A Montanha da minha juventude. Com metade do tamanho e o dobro da loucura.

— Um fora-da-lei, há muito morto. Ninguém com quem vossa senhoria deva preocupar-se.

O lábio de Amerei tremeu. Lágrimas rolaram-lhe dos olhos castanhos.

— Tendes de perdoar a minha filha — disse uma mulher mais velha. A Senhora Amerei trouxera consigo uma vintena de Freys para Darry; um irmão, um tio, um tio em segundo grau, vários primos… e a mãe, que nascera Darry. — Ainda chora pelo pai.

— Foras-da-lei *mataram*-no — soluçou a Senhora Amerei. — O pai só tinha ido resgatar o Petyr Borbulha. Ele levou-lhes o ouro que pediam, mas penduraram-no na mesma.

— *Enforcaram*, Ami. O teu pai não era uma tapeçaria. — A Senhora Mariya voltou a virar-se para Jaime. — Creio que o conhecíeis, sor.

— Servimos juntos, em tempos, como escudeiros, em Paço de Codorniz. — Não chegaria ao ponto de afirmar terem sido amigos. Quando Jaime chegara, Merrett Frey era o rufia do castelo, dominando todos os rapazes mais novos. *Então tentou intimidar-me a mim*. — Ele era… muito forte. — Foi o único elogio que lhe ocorreu. Merrett fora lento, desajeitado e estúpido, mas *era* forte.

— Lutastes juntos contra a Irmandade da Mata de Rei — fungou a Senhora Amerei. — O pai costumava contar-me histórias.

O pai costumava gabar-se e mentir, queres tu dizer.

— Lutámos. — As principais contribuições do Frey para a luta tinham consistido em contrair sífilis com uma seguidora de acampamentos e ser capturado pela Cerva Branca. A rainha fora-da-lei queimara-lhe o rabo com o seu símbolo antes de o devolver, após resgate, a Sumner Crakehall. Merrett passara uma quinzena sem ser capaz de se sentar, embora Jaime duvidasse de que o ferro em brasa fosse tão desagradável como as panelas de merda que os colegas escudeiros o tinham obrigado a comer quando regressara. *Os rapazes são as criaturas mais cruéis à face da terra*. Pôs a mão de ouro em volta da taça de vinho e ergueu-a. — À memória de Merrett — disse. Era mais fácil beber ao homem do que falar dele.

Depois do brinde, a Senhora Amerei parou de chorar e a conversa à mesa virou-se para os lobos, dos de quatro patas. Sor Danwell Frey afirmou que havia mais animais na região do que até o avô conseguia recordar.

— Perderam todo o medo do homem. Alcateias atacaram a nossa coluna logística durante a viagem desde as Gémeas. Os nossos arqueiros tiveram de encher de penas uma dúzia antes dos outros fugirem. — Sor Addam Marbrand confessou que a sua coluna enfrentara problemas semelhantes no trajecto desde Porto Real.

Jaime concentrou-se na comida que tinha em frente, arrancando bocados de pão com a mão esquerda e atrapalhando-se com a taça de vinho com a direita. Observou Addam Marbrand a encantar a rapariga que tinha ao lado, observou Steffon Swyft a voltar a travar a batalha de Porto Real com pão, nozes e cenouras. Sor Kennos pôs uma criada ao colo, insistindo para que a rapariga lhe tocasse o pífaro, enquanto Sor Dermot regalava alguns escudeiros com histórias sobre cavaleiros a vaguear pela mata de chuva. Mais ao fundo da mesa, Hugo Vance fechara os olhos. *A matutar sobre os mistérios da vida*, pensou Jaime. *Ou isso, ou a dormitar entre um prato e o seguinte*. Voltou a virar-se para a Senhora Mariya.

— Os foras-da-lei que mataram o vosso esposo… foi o bando do Lorde Beric?

— Foi o que pensámos a princípio. — Embora o cabelo da Senhora Mariya estivesse pintalgado de grisalho, ainda era uma mulher de aspecto agradável. — Os assassinos dispersaram-se quando saíram de Pedravelhas. O Lorde Vypren seguiu um bando até Feirajusta, mas perdeu-lhe aí o rasto. O Walder Negro levou cães de caça e caçadores para o Atoleiro da Bruxa atrás dos outros. Os camponeses negaram tê-los visto, mas quando foram interrogados intensamente cantaram uma cantiga diferente. Falaram de um homem só com um olho e de outro que usava um manto amarelo… e de uma mulher, coberta por manto e capuz.

— Uma mulher? — Julgaria que a Cerva Branca tivesse ensinado Merrett a manter-se longe de raparigas foras-da-lei. — Também havia uma mulher na Irmandade da Mata de Rei.

— Eu sei. — *E como não*, sugeria o seu tom de voz, *se ela deixou a sua marca no meu marido?* — A Cerva Branca era jovem e bela, segundo dizem. Esta mulher encapuzada não é nem uma coisa, nem outra. Os camponeses queriam fazer-nos crer que a sua cara estava rasgada e cheia de cicatrizes, e que os seus olhos eram terríveis de contemplar. Dizem que liderava os foras-da-lei.

— Liderava-os? — Jaime achava difícil acreditar naquilo. — Beric Dondarrion e o sacerdote vermelho…

— … não foram vistos. — A Senhora Mariya parecia ter a certeza.

— Dondarrion está morto — disse o Varrão-Forte. — A Montanha enfiou-lhe uma faca no olho, temos connosco homens que viram.

— Essa é uma história — disse Addam Marbrand. — Outros dir-vos-ão que o Lorde Beric não pode ser morto.

— Sor Harwyn diz que essas histórias são mentiras. — A Senhora Amerei enrolou uma trança no dedo. — Ele prometeu-me a cabeça do Lorde Beric. É muito galante. — Estava a corar por baixo das lágrimas.

Jaime recordou a cabeça que dera a Pia. Quase conseguia ouvir o risinho do seu irmão mais novo. *O que aconteceu a dar flores às mulheres?*,

poderia ter perguntado Tyrion. Teria também algumas palavras seleccionadas para Harwyn Plumm, embora *galante* não tivesse sido uma delas. Os irmãos Plumm eram tipos grandes e carnudos com pescoços grossos e caras vermelhas; ruidosos e vigorosos, rápidos no riso, rápidos na ira, rápidos no perdão. Harwyn era um tipo diferente de Plumm; de olhos duros e taciturno, rancoroso… e mortal, com o martelo na mão. Era um bom homem para comandar uma guarnição, mas não um homem para ser amado. *Se bem que*… Jaime fitou a Senhora Amerei.

Os criados estavam a trazer o prato de peixe, um lúcio cozido numa crosta de ervas e nozes moídas. A senhora de Lancel provou, aprovou e ordenou que a primeira porção fosse servida a Jaime. Enquanto lhe punham o peixe na frente, ela debruçou-se sobre o lugar do marido para lhe tocar na mão de ouro.

— Vós podíeis matar o Lorde Beric, Sor Jaime. Matastes o Cavaleiro Sorridente. Por favor, senhor, suplico-vos, ficai e ajudai-nos com o Lorde Beric e o Cão de Caça. — Os seus dedos pálidos acariciaram os de ouro de Jaime.

Pensará ela que eu sinto aquilo?

— Foi o Espada da Manhã quem matou o Cavaleiro Sorridente, senhora. Sor Arthur Dayne, um cavaleiro melhor do que eu. — Jaime recolheu os seus dedos de ouro e voltou a virar-se para a Senhora Mariya. — O Walder Negro seguiu essa mulher encapuzada e os seus homens até onde?

— Os cães voltaram a apanhar-lhes o cheiro a norte do Atoleiro da Bruxa — disse-lhe a mulher mais velha. — Ele jura que não estava mais de meio dia atrás deles quando desapareceram no Gargalo.

— Que apodreçam aí — declarou alegremente Sor Kennos. — Se os deuses forem bons, irão ser engolidos por areias movediças ou devorados por lagartos-leões.

— Ou acolhidos por papa-rãs — disse Sor Danwell Frey. — Eu não acharia os cranogmanos incapazes de abrigar foras-da-lei.

— Bem gostaria que fossem só eles — disse a Senhora Mariya. — Alguns dos senhores do rio andam também de mãos dadas com os homens

do Lorde Beric.

— Os plebeus também — fungou a filha. — Sor Harwyn diz que os escondem e alimentam, e quando pergunta para onde foram, mentem. *Mentem* aos seus próprios senhores!

— Mandai cortar-lhes as línguas — sugeriu o Varrão Forte.

— Boa sorte em obter respostas depois disso — disse Jaime. — Se quereis a ajuda deles, tereis de fazer com que vos amem. Foi assim que Arthur Dayne fez, quando avançou contra a Irmandade da Mata de Rei. Pagou aos plebeus por aquilo que comeu, levou as suas queixas ao Rei Aerys, expandiu as pastagens em volta das suas aldeias, até lhes conquistou o direito de derrubar um certo número de árvores todos os anos e abater alguns dos veados do rei durante o Outono. O povo da floresta tinha-se virado para Toyne para o defender, mas Sor Arthur fez mais por eles do que a Irmandade alguma vez podia almejar fazer, e conquistou-os para o seu lado. Depois disso, o resto foi fácil.

— O Senhor Comandante fala com sabedoria — disse a Senhora Mariya. — Nunca nos livraremos destes foras-da-lei até que os plebeus comecem a amar tanto Lancel como em tempos amaram o meu pai e avô.

Jaime deitou um relance ao lugar vazio do primo. *Mas Lancel nunca conquistará o amor deles com rezas.*

A Senhora Amerei fez beicinho.

— Sor Jaime, suplico-vos, não nos abandoneis. O meu senhor precisa de vós, e eu também. Estes tempos são tão temíveis. Há noites em que quase não consigo dormir, com medo.

— O meu lugar é junto do rei, senhora.

— Eu virei — ofereceu-se o Varrão Forte. — Depois de nos despacharmos em Correrrio, ficarei em pulgas por outra luta. Não que seja provável que Beric Dondarrion me dê luta. Lembro-me do homem de torneios passados. Era um moço bem apessoado com um manto bonito. Franzino e inexperiente.

— Isso foi antes de morrer — disse o jovem Sor Arwood Frey. — O povo diz que a morte o mudou. Podeis matá-lo, mas ele não fica morto.

Como se luta com um homem assim? E também há o Cão de Caça. Ele matou vinte homens em Salinas.

O Varrão Forte soltou uma gargalhada roufenha.

— Vinte estalajadeiros gordos, talvez. Vinte criados a mijarem-se nas bragas. Vinte irmãos mendicantes com tigelas. Mas não vinte cavaleiros. Não *a mim*.

— Há um cavaleiro em Salinas — insistiu Sor Arwood. — Ele escondeu-se atrás das suas muralhas enquanto Clegane e os seus cães enlouquecidos assolavam a vila. Vós não vistes as coisas que ele fez, sor. Eu vi. Quando as notícias chegaram às Gémeas, avancei com Harys Haigh, o irmão Donnel e meia centena de homens, arqueiros e homens-de-armas. Pensávamos que aquilo fora obra do Lorde Beric, e esperávamos encontrar-lhe o rasto. Tudo o que resta de Salinas é o castelo, e o velho Sor Quincy, tão assustado que não quis abrir os portões, e falou connosco das ameias, aos gritos. O resto é ossos e cinzas. Uma vila inteira. O Cão de Caça passou os edifícios pelo archote e o povo pela espada, e foi-se embora a rir. As mulheres… não acreditaríeis no que ele fez a algumas das mulheres. Não falarei disso à mesa. Deu-me volta ao estômago vê-lo.

— Eu chorei quando ouvi contar — disse a Senhora Amerei.

Jaime beberricou do vinho.

— Como podeis ter a certeza de ter sido o Cão de Caça? — Aquilo que estavam a descrever parecia mais trabalho de Gregor do que de Sandor. Sandor fora duro e brutal, é certo, mas o irmão mais velho é que era o verdadeiro monstro da Casa Clegane.

— Ele foi visto — disse Sor Arwood. — Aquele seu elmo não é fácil de confundir, ou de esquecer, e houve alguns que sobreviveram para contar a história. A rapariga que violou, alguns rapazes que se esconderam, uma mulher que encontrámos presa por baixo de uma viga enegrecida, os pescadores que observaram a carnificina dos seus barcos…

— Não lhe chameis carnificina — disse a Senhora Mariya em voz baixa. — Isso é um insulto aos honestos carniceiros de todo o lado. Salinas foi obra de um animal feroz em pele humana.

Estes tempos são para feras, reflectiu Jaime, *para leões, lobos e cães raivosos, para corvos e gralhas pretas.*

— Uma obra maligna. — O Varrão Forte voltou a encher a taça. — Senhora Mariya, Senhora Amerei, a vossa angústia comoveu-me. Dou-vos a minha palavra, assim que Correrrio caia regressarei para perseguir o Cão de Caça e matá-lo em vosso nome. Os cães não me assustam.

Este devia assustar. Ambos os homens eram grandes e poderosos, mas Sandor Clegane era muito mais rápido, e lutava com uma selvajaria que Lyle Crakehall não podia esperar igualar.

Mas a Senhora Amerei estava entusiasmada.

— Sois um verdadeiro cavaleiro, Sor Lyle, para ajudardes uma dama em dificuldades.

Pelo menos não chamou a si própria "donzela". Jaime estendeu a mão para a taça e derrubou-a. A toalha de mesa em linho bebeu o vinho. Os seus companheiros fingiram não reparar na mancha vermelha que se espalhava. *Cortesia de mesa de honra*, disse a si próprio, mas sabia mesmo a piedade. Ergueu-se de súbito.

— Senhora. Peço que me deis licença.

A Senhora Amerei pareceu magoada.

— Quereis deixar-nos? Ainda há veado, e capões recheados com cogumelos.

— Muito bons, sem dúvida, mas não seria capaz de dar nem mais uma dentada. Tenho de falar com o meu primo. — Com uma vénia, Jaime deixou-os entregues à sua comida.

Também no pátio havia homens a comer. Os pardais tinham-se reunido em volta de uma dúzia de fogueiras para aquecer as mãos contra o frio do ocaso e vigiar gordas salsichas que chiavam e pingavam sobre as chamas. Não podiam ser menos de cem. *Bocas inúteis*. Jaime perguntou a si próprio quantas salsichas o primo pusera de parte e como tencionava alimentar os pardais depois dos seus homens se irem embora. *Quando chegar o Inverno estarão a comer ratazanas, a menos que consigam uma colheita*. Com o Outono tão avançado, as hipóteses de mais uma colheita não eram boas.

Encontrou o septo depois do pátio interno do castelo; um edifício sem janelas, de sete lados e parcialmente construído em madeira, com portas de madeira entalhada e um telhado de telha. Três pardais encontravam-se sentados nos degraus. Quando Jaime se aproximou, ergueram-se.

— Onde ides, s'nhor? — perguntou um deles. Era o mais pequeno dos três, mas tinha a barba maior.

— Lá dentro.

— Sua senhoria está lá, a rezar.

— Sua senhoria é meu primo.

— Bem, nesse caso, s'nhor — disse outro pardal, um homem enorme e calvo com uma estrela de sete pontas pintada por cima de um olho — não quereis incomodar o vosso primo nas suas preces.

— O Lorde Lancel está a pedir orientação ao Pai no Céu — disse o terceiro pardal, o que não tinha barba. Um rapaz, pensara Jaime, mas a voz dela identificava-a como uma mulher, vestida de trapos sem forma e um lorigão ferrugento. — Está a rezar pela alma do Alto Septão e de todos os outros que morreram.

— Amanhã continuarão mortos — disse-lhe Jaime. — O Pai no Céu tem mais tempo do que eu. Sabeis quem sou?

— Um lorde qualquer — disse o grandalhão com o olho estrelado.

— Um aleijado qualquer — disse o pequeno com a grande barba.

— O Regicida — disse a mulher — mas nós não somos reis, somos só Pobres Companheiros, e vós não podeis entrar, a menos que sua senhoria diga que podeis. — Sopesou uma moca com espigões, e o homem pequeno ergueu um machado.

As portas atrás deles abriram-se.

— Deixai o meu primo passar em paz, amigos — disse Lancel em voz baixa. — Tenho estado à espera dele.

Os pardais deram um passo para o lado.

Lancel parecia ainda mais magro do que em Porto Real. Estava descalço, e vestido com uma túnica simples de lã não tingida que o fazia assemelhar-se mais a um pedinte do que a um lorde. Rapara o cocuruto da cabeça até o

deixar liso, mas a barba crescera-lhe um pouco. Chamar-lhe penugem de pêssego teria sido insultuoso para o pêssego. Combinava estranhamente com o cabelo branco que lhe rodeava as orelhas.

— Primo — disse Jaime quando ficaram sós dentro do septo — perdeste o raio do juízo?

— Prefiro dizer que encontrei a minha fé.

— Onde está o teu pai?

— Foi-se embora. Discutimos. — Lancel ajoelhou perante o altar do seu outro Pai. — Quereis rezar comigo, Jaime?

— Se eu rezar bem o Pai dá-me uma mão nova?

— Não. Mas o Guerreiro dar-vos-á coragem, o Ferreiro emprestar-vos-á força, e a Velha dar-vos-á sabedoria.

— É duma mão que preciso. — Os sete deuses erguiam-se por cima de altares esculpidos, cuja madeira escura brilhava à luz das velas. Um ténue cheiro a incenso pairava no ar. — Dormes aqui em baixo?

— Todas as noites faço a cama junto a um altar diferente, e os Sete enviam-me visões.

Baelor, o Abençoado, também tivera em tempos visões. *Especialmente quando jejuava.*

— Há quanto tempo não comes?

— A fé é toda a nutrição de que necessito.

— A fé é como papas de aveia. É melhor com leite e mel.

— Sonhei que viríeis. No sonho sabíeis o que eu tinha feito. Como pequei. Matastes-me por isso.

— É mais provável que sejas tu a matar-te com todos estes jejuns. Não foi Baelor, o Abençoado, que foi em jejum até ao ataúde?

— As nossas vidas são chamas de vela, segundo a *Estrela de Sete Pontas*. Qualquer aragem vadia pode apagar-nos. A morte nunca está longe neste mundo, e sete infernos esperam os pecadores que não se arrependem dos seus pecados. Rezai comigo, Jaime.

— Se o fizer, comes uma tigela de papas? — Quando o primo não respondeu, Jaime suspirou. — Devias estar a dormir com a tua mulher, não

com a Donzela. Precisas de um filho com sangue Darry se quiseres manter este castelo.

— Uma pilha de pedras frias. Nunca a pedi. Nunca a desejei. Só desejava… — Lancel estremeceu. — Que os Sete me salvem, mas eu desejava ser vós.

Jaime teve de rir.

— É melhor ser eu do que o Abençoado Baelor. Darry precisa de um leão, primo. E a nossa pequena Frey também. Ela fica húmida entre as pernas sempre que alguém menciona o Pedra-Dura. Se ainda não se deitou com ele, deitará em breve.

— Se o ama, desejo-lhes felicidade um com o outro.

— Um leão não devia ter cornos. Tomaste a rapariga como esposa.

— Disse algumas palavras e dei-lhe um manto vermelho, mas só para agradar ao pai. O casamento requer a consumação. O Rei Baelor foi obrigado a casar com a irmã Daena, mas nunca viveram como marido e mulher, e ele pô-la de lado assim que foi coroado.

— O reino teria ficado melhor servido se ele tivesse fechado os olhos e fodido a irmã. Sei história suficiente para saber disso. Seja como for, não é provável que te confundam com Baelor, o Abençoado.

— Pois não — concedeu Lancel. — Ele era um espírito raro, puro, bravo e inocente, intocado por todo o mal do mundo. Eu sou um pecador, com muitíssimo a expiar.

Jaime pousou a mão no ombro do primo.

— O que sabes tu de pecado, primo? Eu matei o meu rei.

— O homem corajoso mata com uma espada, o cobarde com um odre de vinho. Somos ambos regicidas, sor.

— Robert não era um verdadeiro rei. Há até quem diga que o vea-do é a presa natural do leão. — Jaime conseguia sentir os ossos sob a pele do primo… e também mais qualquer coisa. Lancel estava a usar um cilício por baixo da túnica. — Que mais fizeste que requeira tanta expiação? Diz-me.

O primo baixou a cabeça, com lágrimas a correr-lhe pelo rosto.

Essas lágrimas foram toda a resposta de que Jaime precisou.

— Mataste o rei — disse — e depois fodeste a rainha.

— Eu nunca…

— … te deitaste com a minha querida irmã? — *Di-lo. Di-lo!*

— Nunca derramei a minha semente dentro… dentro de…

— … da cona? — sugeriu Jaime.

— … do ventre — concluiu Lancel. — Não é traição, a menos que se termine lá dentro. Dei-lhe conforto, depois de o rei morrer. Vós estáveis cativo, o vosso pai encontrava-se em campo, e o vosso irmão… ela tinha medo dele, e com bons motivos. Ele obrigou-me a trai-la.

— Ah obrigou? — *Lancel, Sor Osmund e quantos mais? Seria a parte acerca do Rapaz Lua só um sarcasmo?* — Forçaste-a?

— *Não!* Eu amava-a. Queria protegê-la.

Querias ser eu. Os seus dedos fantasma fizeram-lhe comichão. No dia em que a irmã viera à Torre da Espada Branca para lhe suplicar que renunciasse aos seus votos, rira-se depois dele a recusar, e vangloriara-se de lhe ter mentido mil vezes. Jaime tomara aquilo como uma tentativa desajeitada de o ferir como ele a ferira. *Pode ter sido a única coisa verdadeira que ela alguma vez me disse.*

— Não penseis mal da rainha — suplicou Lancel. — Toda a carne é fraca, Jaime. Nenhum mal proveio do nosso pecado. Nenhum… nenhum bastardo.

— Pois. Os bastardos raramente são feitos na barriga. — Perguntou a si próprio o que o primo diria se confessasse os seus pecados, as três traições a que Cersei dera os nomes de Joffrey, Tommen e Myrcella.

— Fiquei zangado com Sua Graça depois da batalha, mas o Alto Septão disse que eu devia perdoá-la.

— Ah confessaste os teus pecados a Sua Alta Santidade?

— Ele rezou por mim quando fui ferido. Era um bom homem.

É um homem morto. Fizeram soar os sinos por ele. Perguntou a si próprio se o primo faria alguma ideia do fruto que as suas palavras tinham gerado.

— Lancel, és um maldito tolo.

— Não vos enganais — disse Lancel — mas a minha tolice ficou para trás, sor. Pedi ao Pai no Céu para me mostrar o caminho, e ele mostrou. Vou renunciar a esta senhoria e a esta esposa. Pedra-Dura pode ficar com ambas, se quiser. Amanhã regressarei a Porto Real e ajuramentarei a espada ao novo Alto Septão e aos Sete. Pretendo proferir votos e juntar-me aos Filhos do Guerreiro.

O rapaz não estava a fazer sentido.

— Os Filhos do Guerreiro foram proscritos há trezentos anos.

— O novo Alto Septão fê-los renascer. Emitiu um chamado aos guerreiros de mérito para colocarem as vidas e as espadas ao serviço dos Sete. Os Pobres Companheiros também serão restaurados.

— Porque haveria o Trono de Ferro de permitir tal coisa? — Jaime lembrava-se de que um dos primeiros reis Targaryen lutara durante anos para suprimir as duas ordens militares, embora não recordasse qual. Maegor, talvez, ou o primeiro Jaehaerys. *Tyrion saberia*.

— Sua Alta Santidade escreveu que o Rei Tommen deu o seu consentimento. Eu mostro-vos a carta, se quiserdes.

— Mesmo se isso for verdade… és um leão do Rochedo, um senhor. Tens esposa, castelo, terras a defender, pessoas a proteger. Se os deuses forem bons, terás filhos do teu sangue para te suceder. Porque deitarias tudo isso fora em troca… em troca de um voto qualquer?

— Porque o fizestes vós? — perguntou Lancel em voz baixa.

Por honra, poderia ter dito Jaime. *Por glória*. Mas teria sido mentira. A honra e a glória tinham desempenhado os seus papéis, mas a maior parte do motivo fora Cersei. Uma gargalhada escapou-se dos seus lábios.

— Vais correr para junto do Alto Septão, ou da minha querida irmã? Reza por isso, primo. Reza *muito*.

— Rezareis comigo, Jaime?

Olhou em volta, para os deuses do septo. A Mãe, cheia de misericórdia. O Pai, severo em julgamento. O Guerreiro, com uma mão sobre a espada. O Estranho, nas sombras, com a cara meio humana escondida sob uma capa

com capuz. *Julgava que eu era o Guerreiro e Cersei a Donzela, mas ela foi todo o tempo o Estranho, escondendo o seu verdadeiro rosto do meu olhar.*

— Reza por mim, se quiseres — disse ao primo. — Eu esqueci todas as palavras.

Os pardais ainda esvoaçavam em volta dos degraus quando Jaime voltou a sair para a noite.

— Obrigado — disse-lhes. — Agora sinto-me muito mais santo.

E foi em busca de Sor Ilyn e de um par de espadas.

O pátio do castelo estava cheio de olhos e ouvidos. Para lhes fugir, demandaram o bosque sagrado de Darry. Ali não havia pardais, só árvores nuas a cismar, com ramos negros que arranhavam o céu. Um tapete de folhas mortas rangia sob os seus pés.

— Vedes aquela janela, sor? — Jaime usou uma espada para apontar. — Ali era o quarto de Raymun Darry. Onde o Rei Robert dormiu, no nosso regresso de Winterfell. A filha de Ned Stark tinha fugido depois do seu lobo ter atacado Joff, haveis de vos lembrar. A minha irmã quis que a rapariga perdesse uma mão. A velha punição, por bater em alguém de sangue real. Robert disse-lhe que era cruel e louca. Levaram metade da noite a discutir… bem, Cersei discutiu, e Robert bebeu. Já depois da meia-noite, a rainha chamou-me. O rei estava sem sentidos, a ressonar no tapete de Myr. Perguntei à minha irmã se queria que eu o levasse para a cama. Ela disse-me que devia levá-la a ela para a cama, e desembaraçou-se do roupão. Possuí-a na cama de Raymun Darry depois de passar por cima de Robert. Se Sua Graça tivesse acordado, eu tê-lo-ia morto naquele momento e local. Não seria o primeiro rei a morrer pela minha espada… mas vós conheceis essa história, não é verdade? — Golpeou um ramo de árvore, partindo-o ao meio. — Enquanto a fodia, Cersei gritou: "Eu *quero*". Julguei que se referia a mim, mas o que ela queria era a rapariga Stark, mutilada ou morta. — *As coisas que eu faço por amor.* — Foi só por sorte que os homens dos Stark encontraram a rapariga antes de mim. Se eu tivesse dado com ela primeiro…

As marcas de bexigas no rosto de Sor Ilyn eram buracos negros à luz do archote, tão escuras como a alma de Jaime. Fez aquele som de estalar.

Está a rir-se de mim, compreendeu Jaime Lannister.

— Tanto quanto sei, também tu fodeste a minha irmã, seu bastardo de cara bexigosa — cuspiu. — Bem, fecha a merda da boca e mata-me, se conseguires.

OceanofPDF.com

BRIENNE

A septeria erguia-se numa ilha que se projectava da superfície a meia milha da costa, no local onde a larga foz do Tridente se alargava ainda mais para beijar a Baía dos Caranguejos. Até da costa a sua prosperidade era evidente. As encostas encontravam-se cobertas de campos em socalcos, com lagoas cheias de peixes na base e no cume um moinho de vento, cujas velas de madeira e tela giravam lentamente empurradas pela brisa que soprava da baía. Brienne viu ovelhas a pastar na vertente da colina, e cegonhas a caminhar pelas águas pouco profundas que rodeavam o desembarcadouro.

— Salinas fica mesmo em frente — disse o Septão Meribald, apontando para norte, para lá da baía. — Os irmãos levar-nos-ão até lá na maré da manhã, embora eu tema o que iremos encontrar. Apreciemos uma boa refeição quente antes de enfrentarmos isso. Os irmãos têm sempre um osso a mais para o Cão. — O Cão ladrou e abanou a cauda.

A maré estava agora a descer, e depressa. A água que separava a ilha da costa recuava, deixando para trás uma larga extensão de cintilantes lodaçais castanhos, salpicados de lagoas de maré que resplandeciam como moedas de ouro ao sol da tarde. Brienne coçou a parte de trás do pescoço, onde um insecto a mordera. Prendera o cabelo no alto da cabeça, e o sol aquecera-lhe a pele.

— Porque lhe chamam Ilha Quieta? — perguntou Podrick.

— Aqueles que lá habitam são penitentes, que procuram expiar os seus pecados através da contemplação, da reza e do silêncio. Só o Irmão Mais Velho e os seus funcionários têm autorização para falar, e os funcionários só durante um dia a cada sete.

— As irmãs silenciosas nunca falam — disse Podrick. — Ouvi dizer que não têm língua.

O Septão Meribald sorriu.

— As mães já intimidavam as filhas com essa história quando eu tinha a tua idade. Não havia qualquer verdade nela nessa época e continua a não

haver agora. Um voto de silêncio é um acto de contrição, um sacrifício, através do qual demonstramos a nossa devoção aos Sete no Céu. Um mudo tomar um voto de silêncio seria como um homem sem pernas desistir da dança. — Levou o burro pela ladeira, fazendo sinal aos outros para o seguirem. — Se quiserdes dormir esta noite sob um recto, tereis de desmontar dos cavalos e atravessar a lama comigo. Chamamos-lhe o caminho da fé. Só os fiéis podem atravessar em segurança. Os malvados são engolidos pelas areias movediças, ou afogam-se quando a maré sobe. Nenhum de vós é malvado, espero eu? Mesmo assim, eu teria cuidado com o sítio onde ponho os pés. Caminhai apenas por onde eu caminhar, e chegareis ao outro lado.

Brienne não pôde deixar de reparar que o caminho da fé era tortuoso. Embora a ilha parecesse erguer-se a nordeste do local onde deixaram a costa para trás, o Septão Meribald não se dirigiu directamente para lá. Em vez disso, arrancou para leste, na direcção das águas mais profundas da baía, que cintilavam, azuis e prateadas, à distância. A mole lama castanha esguichava por entre os dedos dos seus pés. Enquanto caminhava, parava de vez em quando para sondar o caminho em frente com o bordão. O Cão mantinha-se junto aos seus calcanhares, farejando todas as pedras, conchas e aglomerados de algas. Para variar, não saltou em frente nem se pôs a vaguear.

Brienne seguiu-o, tendo o cuidado de se manter perto da fila de pegadas deixadas pelo cão, pelo burro e pelo homem santo. Depois vinha Podrick, e por fim Sor Hyle. A cem metros da margem, Meribald virou subitamente para sul, ficando praticamente de costas voltadas para a septeria. Seguiu nessa direcção por mais cem metros, levando-os por entre duas lagoas de maré pouco profundas. Cão enfiou o focinho numa delas e ganiu quando um caranguejo o beliscou com a tenaz. Seguiu-se uma breve, mas furiosa, luta, até que o cão regressou a trote, molhado e salpicado de lama, com o caranguejo entre as mandíbulas.

— Não é para *ali* que queremos ir? — gritou Sor Hyle lá de trás, apontando para a septeria. — Parecemos caminhar para todos os lados

menos para lá.

— Fé — pediu o Septão Meribald. — Crede, persisti e segui, que encontraremos o lugar que procuramos.

Os baixios cintilavam, húmidos, a toda a volta, sarapintados de meia centena de cores. A lama era de um castanho tão escuro que parecia quase negro, mas havia também faixas de areia dourada, rochas que se projectavam em tons de cinzento e vermelho, e emaranhados de algas negras e verdes. Cegonhas caminhavam por entre as lagoas de maré e deixavam as suas pegadas por todo o lado, e caranguejos fugiam pela superfície de águas pouco profundas. O ar cheirava a maresia e a putrefacção, e o terreno sugava-lhes os pés e só os largava com relutância, com um estalo e um suspiro lamacento. O Septão Meribald virou, e voltou a virar e virou uma vez mais. As suas pegadas enchiam-se de água assim que ele avançava. Quando o solo se tornou mais firme e começou a erguer-se sob os seus pés, tinham caminhado pelo menos milha e meia.

Três homens estavam à espera deles quando treparam pelas pedras quebradas que rodeavam a linha de costa da ilha. Trajavam as vestes castanhas-escuras de irmãos, com largas mangas em forma de sino e capuzes pontiagudos. Dois tinham também enrolado faixas de lã em volta da metade inferior da cara, de modo que tudo o que se conseguia ver deles eram os olhos. O terceiro irmão era aquele que falava.

— Septão Meribald — chamou. — Já se passou quase um ano. Sois bem-vindo. E os vossos companheiros também.

Cão abanou a cauda, e Meribald sacudiu lama dos pés.

— Podemos pedir-vos hospitalidade por uma noite?

— Claro que sim. Esta noite há guisado de peixe. Ireis precisar do barco de manhã?

— Se não for pedir muito. — Meribald virou-se para os companheiros de viagem. — O Irmão Narbert é funcionário da ordem, de modo que lhe é permitido falar um dia a cada sete. Irmão, estas boas pessoas ajudaram-me na viagem. Sor Hyle Hunt é um galante cavaleiro vindo da Campina. O

rapaz é Podrick Payne, originário das terras ocidentais. E esta é a Senhora Brienne, conhecida como a Donzela de Tarth.

O Irmão Narbert estacou.

— Uma mulher.

— Sim, irmão. — Brienne desprendeu o cabelo e sacudiu-o. — Não tendes aqui mulheres?

— Actualmente, não — disse Narbert. — As mulheres que nos visitam vêm até nós doentes, feridas ou muito grávidas. Os Sete abençoaram o nosso Irmão Mais Velho com mãos curativas. Ele devolveu a saúde a muitos homens que nem mesmo os meistres conseguiam curar, e a muitas mulheres também.

— Não estou doente, nem ferida, nem muito grávida.

— A Senhora Brienne é uma donzela guerreira — confidenciou o Septão Meribald — que anda em busca do Cão de Caça.

— Ah sim? — Narbert pareceu surpreendido. — Para que fim?

Brienne tocou o cabo da Cumpridora de Promessas.

— Para este — disse.

O funcionário estudou-a.

— Sois… musculosa para mulher, é verdade, mas… talvez deva levar este assunto ao Irmão Mais Velho. Ele deve ter-vos visto a atravessar a lama. Vinde.

Narbert levou-os por um caminho de seixos que penetrava num pomar de macieiras e levava a um estábulo caiado com um telhado bicudo de colmo.

— Podeis deixar aqui os animais. O Irmão Gillam assegurar-se-á de que lhes sejam fornecidos alimentos e água.

Mais de três quartos do estábulo encontravam-se vazios. Numa das pontas via-se meia dúzia de mulas, que eram tratadas por um pequeno irmão de pernas arqueadas que Brienne tomou por Gillam. Ao fundo, na zona mais distante, bem afastado dos outros animais, um enorme garanhão negro berrou ao ouvir as vozes dos recém-chegados e escoiceou a porta da sua cocheira.

Sor Hyle deitou ao grande cavalo um olhar de admiração enquanto entregava as rédeas ao Irmão Gillam.

— Um belo animal.

O Irmão Narbert suspirou.

— Os Sete enviam-nos bênçãos, e os Sete enviam-nos provações. Até pode ser belo, mas o Trazido Pela Corrente foi de certeza parido no inferno. Quando tentámos atá-lo a uma charrua, escoiceou o Irmão Rawney e partiu-lhe a tíbia em dois sítios. Tínhamos a esperança de que a castração pudesse melhorar o mau temperamento do animal, mas… Irmão Gillam, podeis mostrar-lhes?

O Irmão Gillam baixou o capuz. Por baixo, tinha uma grenha loura, uma tonsura no cocuruto e uma ligadura manchada de sangue onde devia ter tido uma orelha.

Podrick susteve a respiração.

— O cavalo arrancou-vos a orelha à *dentada*?

Gillam anuiu, e voltou a cobrir a cobrir a cabeça.

— Perdoai-me, irmão — disse Sor Hyle — mas eu podia arrancar-vos a outra orelha, se vos aproximásseis de mim com uma tesoura.

O gracejo não caiu bem ao Irmão Narbert.

— Vós sois um cavaleiro, sor. O Trazido Pela Corrente é uma besta de carga. O Ferreiro deu aos homens cavalos para os ajudar no seu trabalho. — Virou-se. — Por favor. O Irmão Mais Velho está certamente à espera.

O declive era mais acentuado do que parecera do outro lado dos baixios. Para facilitar a subida, os irmãos tinham erigido um lanço de escadas de madeira que vagueavam de um lado para o outro ao longo da vertente e por entre os edifícios. Depois de um longo dia na sela, Brienne sentiu-se contente pela oportunidade de esticar as pernas.

Passaram por uma dúzia de membros da ordem durante a subida; homens encapuzados vestidos de castanho-escuro que lhes deitavam olhares curiosos ao passar, mas não proferiam qualquer saudação. Um deles levava um par de vacas leiteiras para um pequeno celeiro com um telhado coberto de relva; outro manejava uma batedeira de manteiga. Nas vertentes mais

elevadas viram três rapazes a conduzir ovelhas, e ainda mais acima passaram por um cemitério onde um irmão maior do que Brienne lutava para cavar uma sepultura. Pelo modo como se movia, era evidente que o homem era coxo. Ao atirar uma pá de solo pedregoso por sobre um ombro, algum calhou cair sobre os pés do grupo.

— Mais cuidado com isso — repreendeu-o o Irmão Narbert. — O Septão Meribald podia ter ficado com a boca cheia de terra. — O coveiro baixou a cabeça. Quando o Cão foi farejá-lo, deixou cair a pá e coçou-lhe uma orelha.

— Um noviço — explicou Narbert.

— Para quem é a sepultura? — perguntou Sor Hyle quando reataram a subida pelos degraus de madeira.

— Para o Irmão Clement, que o Pai o julgue com justiça.

— Era velho? — perguntou Podrick Payne.

— Se achares que quarenta e oito anos é velho, sim, mas não foram os anos que o mataram. Morreu de ferimentos sofridos em Salinas. Tinha levado algum do nosso hidromel ao mercado de lá, no dia em que os foras-da-lei caíram sobre a vila.

— O Cão de Caça? — disse Brienne.

— Outro, igualmente brutal. Cortou a língua ao pobre Clement quando ele se recusou a falar. Visto que tinha tomado um voto de silêncio, o atacante disse que não precisava dela. O Irmão Mais Velho há-de saber mais. Ele guarda para si o pior das notícias do exterior, para não perturbar a tranquilidade da septeria. Muitos dos nossos irmãos vieram para cá para escapar aos horrores do mundo, não para os repisarem. O Irmão Clement não foi o único homem ferido entre nós. Há ferimentos que não se vêem. — O Irmão Narbert fez um gesto para a direita. — Ali fica o nosso pomar de Verão. As uvas são pequenas e ácidas, mas dão um vinho bebível. Também fazemos a nossa própria cerveja, e a fama do hidromel e da cidra que fazemos chega longe.

— A guerra não chegou cá? — perguntou Brienne.

— Esta guerra não, graças aos Sete. As nossas preces protegem-nos.

— E as vossas marés — sugeriu Meribald. Cão latiu o seu acordo.

O topo do monte era coroado por um muro baixo de pedra solta, que rodeava um aglomerado de grandes edifícios; o moinho, com as velas a ranger enquanto giravam, os claustros onde os irmãos dormiam e o edifício comum onde tomavam as refeições, um septo de madeira para orações e meditação. O septo tinha janelas de vitral, largas portas esculpidas com retratos da Mãe e do Pai, e um campanário de sete lados com um terraço no topo. Por trás, estendia-se um jardim para cultivo de legumes, onde alguns irmãos mais velhos arrancavam ervas daninhas. O Irmão Narbert fez os visitantes dar a volta a um castanheiro e levou-os até uma porta de madeira instalada na face do monte.

— Uma gruta com uma porta? — disse Sor Hyle, surpreendido.

O Septão Meribald sorriu.

— Chama-se Buraco do Eremita. O primeiro homem santo a descobrir o caminho até aqui viveu lá dentro, e fez tais maravilhas que outros vieram juntar-se-lhe. Isso passou-se há dois mil anos, segundo dizem. A porta apareceu algum tempo mais tarde.

Há dois mil anos o Buraco do Eremita talvez tivesse sido um sítio húmido e escuro, com chão de terra e ecos de água a pingar, mas já não o era. A gruta em que Brienne e os seus companheiros entraram fora transformada num santuário quente e acolhedor. Tapetes de lã cobriam o chão, tapeçarias as paredes. Altas velas de cera de abelha davam uma luminosidade mais do que ampla. A mobília era estranha mas simples; uma longa mesa, um banco comprido de costas altas, uma arca, várias estantes altas e cheias de livros, e cadeiras. Tudo fora feito de madeira trazida pela corrente, bocados de formas estranhas astuciosamente unidos e polidos até brilharem com um profundo tom dourado à luz das velas.

O Irmão Mais Velho não era aquilo que Brienne esperara encontrar. Dificilmente poderia ser chamado *mais velho*, para começar; enquanto os irmãos que arrancavam ervas daninhas no jardim tinham os ombros inclinados e costas encurvadas de velhos, ele erguia-se, alto e direito, e deslocava-se com o vigor de um homem no auge dos seus anos. Tampouco

mostrava o rosto gentil e bondoso que ela esperara de um curandeiro. A sua cabeça era grande e quadrada, os olhos sagazes, o nariz coberto de veias e vermelho. Embora usasse uma tonsura, o seu couro cabeludo mostrava-se tão hirsuto como o seu pesado queixo.

Parece-se mais com um homem feito para quebrar ossos do que para os sarar, pensou a Donzela de Tarth enquanto o Irmão Mais Velho atravessava a sala em passos largos para ir abraçar o Septão Meribald e fazer festas a Cão.

— É sempre um dia alegre quando os nossos amigos Meribald e Cão nos honram com outra visita — anunciou, antes de se virar para os seus outros hóspedes. — E novas caras são sempre bem-vindas. Vemos tão poucas…

Meribald entregou-se às cortesias do costume antes de se sentar no banco. Ao contrário do Irmão Narbert, o Irmão Mais Velho não pareceu consternado pelo sexo de Brienne, mas o seu sorriso oscilou e desvaneceu-se quando o septão lhe contou o motivo por que ela e Sor Hyle tinham vindo.

— Estou a ver — foi tudo o que disse, antes de se virar com um — Deveis ter sede. Por favor, tomai um pouco da nossa cidra doce para lavar a poeira da viagem das vossas gargantas. — Foi ele próprio que os serviu. As taças também tinham sido esculpidas em madeira trazida pela corrente, e não havia duas iguais. Quando Brienne as elogiou, disse: — A senhora é demasiado gentil. Tudo o que fazemos é cortar e polir a madeira. Aqui somos abençoados. No local onde o rio se encontra com a baía, as correntes e marés lutam umas contra as outras, e muitas coisas estranhas e maravilhosas são empurradas na nossa direcção e vêm dar às nossas costas. A madeira é o menos. Encontrámos chávenas de prata e potes de ferro, sacas de lã e fardos de seda, elmos enferrujados e espadas cintilantes… sim, e também rubis.

Aquilo interessou a Sor Hyle.

— Os rubis de Rhaegar?

— Pode ser que sim. Quem poderá dizer? A batalha aconteceu a longas léguas daqui, mas o rio é incansável e paciente. Foram encontrados seis.

Estamos todos à espera do sétimo.

— Antes rubis que ossos. — O Septão Meribald estava a esfregar o pé, fazendo cair flocos de lama de sob o dedo. — Nem todos os presentes do rio são agradáveis. Os bons irmãos também recolhem os mortos. Vacas afogadas, veados afogados, porcos mortos inchados até metade do tamanho de cavalos. Sim, e cadáveres.

— Demasiados cadáveres, nos dias que correm. — O Irmão Mais Velho suspirou. — O nosso coveiro não tem descanso. Homens do rio, homens do ocidente, homens do norte, todos vêm dar aqui à costa. Tanto cavaleiros como canalhas. Enterramo-los lado a lado, Stark e Lannister, Blackwood e Bracken, Frey e Darry. É esse o dever que o rio nos pede em troca de todos os seus presentes, e nós cumprimo-lo o melhor que podemos. Mas por vezes encontramos uma mulher… ou, pior, uma criança morta. Esses são os presentes mais cruéis. — Virou-se para o Septão Meribald. — Espero que tenhais tempo para absolver os nossos pecados. Desde que os atacantes mataram o velho Septão Bennet, não temos ninguém para ouvir em confissão.

— Arranjarei tempo — disse Meribald — embora espere que tenhais pecados melhores do que da última vez que por aqui passei. — Cão ladrou. — Vedes? Até o Cão se aborreceu.

Podrick Payne estava confuso.

— Pensava que ninguém podia falar. Bem, ninguém não. Os irmãos. Os outros irmãos, vós não.

— É-nos permitido quebrar o silêncio em confissão — disse o Irmão Mais Velho. — É difícil falar de pecado com sinais de mãos e cabeça.

— Queimaram o septo em Salinas? — perguntou Hyle Hunt.

O sorriso sumiu-se.

— Em Salinas queimaram tudo, à excepção do castelo. Só isso era feito de pedra… embora pudesse perfeitamente ter sido feito de sebo, pelo bem que fez à vila. Caiu sobre mim o dever de tratar alguns dos sobreviventes. Os pescadores trouxeram-mos do outro lado da baía depois das chamas se terem apagado e julgarem ser seguro rumar a terra. Uma pobre mulher tinha

sido violada uma dúzia de vezes, e os seus seios… senhora, usais cota de malha de homem, de modo que não vos pouparei a estes horrores… os seus seios tinham sido rasgados, mastigados e *comidos*, como que por algum… animal cruel. Fiz o que pude por ela, embora fosse bem pouco. Ao morrer, as suas piores pragas não foram dirigidas contra os homens que a tinham violado, nem contra o monstro que devorara a sua carne viva, mas contra Sor Quincy Cox, que trancou os portões quando os foras-da-lei entraram na vila e ficou a salvo atrás de muralhas de pedra enquanto o seu povo gritava e morria.

— Sor Quincy é um velho — disse com gentileza o Septão Meribald. — Os seus filhos e netos andam por longe ou estão mortos, os netos são ainda rapazes, e tem duas filhas. O que poderia ter feito um homem contra tantos?

Podia ter tentado, pensou Brienne. *Podia ter morrido. Velho ou novo, um verdadeiro cavaleiro jurou proteger aqueles que são mais fracos do que ele, ou morrer a tentar.*

— Palavras verdadeiras, e sábias — disse o Irmão Mais Velho ao Septão Meribald. — Quando fizerdes a travessia para Salinas, sem dúvida que Sor Quincy vos pedirá perdão. Alegra-me que estejais aqui para o dar. Eu não consegui. — Pôs de lado a taça de madeira trazida pela corrente e ergueu-se. — O sino para o jantar tocará em breve. Meus amigos, quereis vir comigo ao septo, rezar pelas almas da boa gente de Salinas, antes de nos sentarmos para quebrar o pão e partilhar um pouco de comida e bebida?

— De bom grado — disse Meribald. Cão ladrou.

O jantar na septeria foi a refeição mais estranha que Brienne já comera, embora não fosse de todo desagradável. A comida era simples, mas muito boa; havia pães estaladiços e ainda quentes do forno, recipientes de barro cheios de manteiga acabada de bater, mel vindo das colmeias da septeria, e um espesso guisado de caranguejo, mexilhão e pelo menos três tipos diferentes de peixe. O Septão Meribald e Sor Hyle beberam do hidromel que os irmãos faziam, e declararam-no excelente, enquanto ela e Podrick se contentavam com mais cidra doce. E a refeição também não foi melancólica. Meribald proferiu uma prece antes de ser servida a comida, e

enquanto os irmãos comiam em quatro longas mesas de montar, um deles tocou harpa vertical, enchendo a sala de sons suaves e doces. Quando o Irmão Mais Velho libertou o músico para que fosse comer, o Irmão Narbert e outro funcionário leram à vez trechos d'*A Estrela de Sete Pontas*.

Quando as leituras se concluíram, o que restava da comida tinha sido levado por noviços cuja tarefa era servir. A maior parte eram rapazes perto da idade de Podrick, ou mais novos, mas havia também adultos, incluindo o grande coveiro que tinham encontrado no monte, que caminhava com o desajeitado porte baloiçante de alguém que é meio aleijado. Quando a sala se esvaziou, o Irmão Mais Velho pediu a Narbert para levar Podrick e Sor Hyle para as suas enxergas nos claustros.

— Não vos importais de partilhar uma cela, espero? Não é grande, mas ireis achá-la confortável.

— Quero ficar com o sor — disse Podrick. — Quer dizer, com a senhora.

— O que tu e a Senhora Brienne fazeis fora daqui é entre vós e os Sete — disse o Irmão Narbert — mas na Ilha Quieta, os homens e as mulheres não dormem sob o mesmo tecto, a menos que sejam casados.

— Temos umas cabanas modestas reservadas para as mulheres que nos visitam, sejam senhoras nobres ou simples raparigas de aldeia — disse o Irmão Mais Velho. — Não são usadas com frequência, mas mantemo-las limpas e secas. Senhora Brienne, permitis-me que vos mostre o caminho?

— Sim, obrigada. Podrick, vai com Sor Hyle. Aqui somos hóspedes dos irmãos santos. Sob o tecto deles, valem as suas regras.

As cabanas das mulheres ficavam do lado oriental da ilha, com vista para uma larga extensão de lama e as águas distantes da Baía dos Caranguejos. Ali fazia mais frio do que do lado abrigado, e era um sítio mais selvagem. O monte era mais inclinado, e o caminho meandrava de um lado para o outro por entre ervas e sarças, rochedos esculpidos pelo vento e árvores retorcidas e espinhosas que se agarravam tenazmente à vertente pedregosa. Numa das curvas, o Irmão Mais Velho fez uma pausa.

— Numa noite límpida, podiam ver-se daqui os fogos de Salinas. Fica ali mesmo, do outro lado da baía. — E apontou.

— Não há nada — disse Brienne.

— Só resta o castelo. Até os pescadores se foram embora, os poucos afortunados que estavam na água quando os atacantes chegaram. Viram as casas arder e ouviram os berros e os gritos a flutuar pelo porto, com demasiado medo para levar os barcos para terra. Quando por fim desembarcaram, foi para enterrar amigos e familiares. O que há agora para eles em Salinas além de ossos e memórias amargas? Mudaram-se para Lagoa da Donzela ou para outras vilas. — Fez um gesto com a lanterna, e reataram a descida. — Salinas nunca foi um porto importante, mas os navios visitavam-no de vez em quando. Era isso que os atacantes queriam, uma galé ou uma coca que os levasse para o outro lado do mar estreito. Quando descobriram que não havia nenhuma, fizeram cair a raiva e o desespero sobre o povo da vila. Pergunto-me, senhora… o que esperais encontrar ali?

— Uma rapariga — disse-lhe. — Uma donzela bem nascida de treze anos, com uma cara bonita e cabelo ruivo.

— Sansa Stark? — O nome foi dito em voz baixa. — Julgais que essa pobre criança está com o Cão de Caça?

— O dornês disse que ela ia a caminho de Correrrio. Timeon. Era mercenário, um dos Bravos Companheiros, um assassino, violador e mentiroso, mas não me parece que tenha mentido a respeito disto. Disse que o Cão de Caça a raptou e levou consigo.

— Estou a ver. — O caminho descreveu uma curva, e ali estavam as cabanas à frente deles. O Irmão Mais Velho chamara-lhes modestas. E eram-no. Pareciam colmeias feitas de pedra, baixas e arredondadas, sem janelas. — Esta — disse, indicando a cabana mais próxima, a única que tinha fumo a erguer-se do buraco para o fumo no centro do telhado. Brienne teve de se baixar quando entrou, para evitar bater com a cabeça no lintel. Lá dentro foi encontrar um chão de terra batida, uma enxerga de palha, peles e mantas para a manter aquecida, uma pequena fogueira, e duas cadeiras baixas. O Irmão Mais Velho sentou-se numa, e pousou a lanterna. — Posso ficar por um bocado? Acho que devíamos conversar.

— Se quiserdes. — Brienne desprendeu o cinto da espada e pendurou-o na segunda cadeira, após o que se sentou de pernas cruzadas sobre a enxerga.

— O vosso dornês não mentiu — começou o Irmão Mais Velho — mas temo que não o tenhais compreendido. Andais a perseguir o lobo errado, senhora. Eddard Stark tinha duas filhas. Foi a outra que Sandor Clegane capturou, a mais nova.

— *Arya* Stark? — Brienne fitou o homem de boca aberta, estupefacta. — Tendes a certeza? A irmã da Senhora Sansa está viva?

— Nessa altura estava — disse o Irmão Mais Velho. — Agora… não sei. Pode contar-se entre as crianças mortas em Salinas.

As palavras foram como uma faca na sua barriga. *Não*, pensou Brienne. *Não, isso seria cruel demais.*

— *Pode* contar-se… quer dizer que não estais certo…?

— Estou certo de que a pequena esteve com Sandor Clegane na estalagem junto ao entroncamento, aquela que era da velha Masha Heddle antes dos leões a enforcarem. Estou certo de que iam a caminho de Salinas. Para lá disso… não. Não sei onde ela se encontra ou até se está viva. Mas há uma coisa que sei. O homem que perseguis está morto.

Aquilo foi outro choque.

— Como foi que ele morreu?

— Pela espada, como viveu.

— Tendes a certeza disso?

— Fui eu próprio que o enterrei. Posso dizer-vos onde fica a sua sepultura, se quiserdes. Cobri-a com pedras para evitar que os necrófagos desenterrassem a sua carne, e pousei o elmo no topo da mamoa para identificar o local do seu último descanso. Esse foi um grave erro. Outro viajante qualquer descobriu a minha marca e ficou com ela. O homem que violou e matou em Salinas não foi Sandor Clegane, embora talvez seja igualmente perigoso. As terras fluviais estão cheias desse tipo de devoradores de carniça. Não lhes chamarei lobos. Os lobos são mais nobres do que isso… e os cães também, julgo eu.

“Sei um pouco sobre esse homem, Sandor Clegane. Foi escudo ajuramentado do Príncipe Joffrey durante muitos anos, e até aqui ouvíamos falar dos seus feitos, tanto os bons como os maus. Se metade do que ouvimos é verdade, tratava-se de uma alma amarga e atormentada, de um pecador que troçava igualmente dos deuses e dos homens. Ele servia, mas não encontrava orgulho no serviço. Lutava, mas não obtinha alegria da vitória. Bebia, para afogar a dor num mar de vinho. Não amava, e tampouco era amado. Era o ódio que o movia. Embora cometesse muitos pecados, nunca procurava perdão. Quando outros homens sonham com amos, ou com riqueza, ou glória, este Sandor Clegane sonhava matar o próprio irmão, um pecado tão terrível que me faz estremecer só de falar nele. E no entanto, era esse o pão que o nutria, o combustível que mantinha as suas fogueiras a arder. Por ignóbil que fosse, a esperança de ver o sangue do irmão na sua espada era tudo aquilo para que vivia esta triste e furiosa criatura… e até isso lhe foi roubado, quando o Príncipe Oberyn de Dorne apunhalou Sor Gregor com uma lança envenenada.”

— Pareceis ter pena dele — disse Brienne.

— E tive. Vós também vos teríeis apiedado dele, se o tivésseis visto no fim. Deparei com ele junto ao Tridente, atraído pelos seus gritos de dor. Ele suplicou-me que lhe desse a misericórdia, mas eu jurei não voltar a matar. Em vez disso, banhei-lhe a testa febril com água do rio, e dei-lhe vinho a beber e uma cataplasma para o ferimento, mas os meus esforços foram demasiado pequenos e demasiado tardios. O Cão de Caça morreu aí, nos meus braços. Talvez tenhais visto um grande garanhão negro nos nossos estábulos. Era o seu cavalo de guerra, Estranho. Um nome blasfemo. Preferimos chamar-lhe Trazido Pela Corrente, dado ter sido encontrado junto ao rio. Temo que o animal tenha a natureza do antigo dono.

O cavalo. Vira o garanhão, ouvira-o a escoicear, mas não compreendera. Os corcéis de batalha eram treinados para escoicear e morder. Na guerra, eram uma arma, tal como os homens que os montavam. *Como o Cão de Caça.*

— Então é verdade — disse sem expressão na voz. — Sandor Clegane está morto.

— Está a repousar. — O Irmão Mais Velho fez uma pausa. — Sois jovem, filha. Eu já contei quarenta e quatro dias do meu nome… o que faz com que tenha mais do dobro da vossa idade, julgo eu. Surpreender-vos-ia saber que fui em tempos um cavaleiro?

— Não. Pareceis mais um cavaleiro do que um homem santo. — Estava escrito no seu peito e ombros e naquele grande maxilar quadrado. — Porque motivo haveríeis de desistir da cavalaria?

— Nunca a escolhi. O meu pai era um cavaleiro, tal como o dele já fora. E os meus irmãos também, todos eles. Eu fui treinado para a batalha desde o dia em que me acharam com idade suficiente para pegar numa espada de madeira. Vi a minha conta de batalhas, e não me desgracei. Também tive mulheres, e aí desgracei-me, pois algumas tomei pela força. Havia uma rapariga com quem desejava casar, a filha mais nova de um pequeno lorde, mas era o terceiro filho do meu pai e não tinha nem terras nem riquezas para lhe oferecer… só uma espada, um cavalo, um escudo. Tudo somado, era um triste homem. Quando não estava a lutar, estava bêbado. A minha vida era escrita a vermelho, em sangue e vinho.

— Quando foi que mudou? — perguntou Brienne.

— Quando morri na Batalha do Tridente. Lutei pelo Príncipe Rhaegar, embora ele não tivesse chegado a saber o meu nome. Não vos saberia dizer porquê, excepto que o nobre que eu servia, servia um nobre que servia um nobre que decidira apoiar o dragão e não o veado. Se tivesse decidido de outra forma, eu poderia ter estado na outra margem do rio. A batalha foi uma coisa sangrenta. Os cantores querem levar-nos a crer que foi apenas Rhaegar e Robert a lutar no meio da corrente por uma mulher que ambos afirmavam amar, mas eu asseguro-vos de que outros homens também combatiam, e eu fui um deles. Apanhei com uma seta na coxa e outra trespassou-me o pé, e o meu cavalo foi morto entre as minhas pernas, mas continuei a lutar. Ainda me lembro de como andei desesperado por encontrar outro cavalo, pois não tinha dinheiro para comprar um, e sem

cavalo já não seria um cavaleiro. Era só nisso que eu pensava, em boa verdade. Não cheguei a ver o golpe que me derrubou. Ouvi cascos atrás de mim e pensei: *um cavalo!*, mas antes de ter tempo para me virar algo se esmagou contra a minha cabeça e me atirou ao rio, onde me deveria ter afogado.

"Mas em vez disso acordei aqui, na Ilha Quieta. O Irmão Mais Velho disse-me que tinha dado à costa na maré, nu como no dia do meu nome. Só posso imaginar que alguém me tenha encontrado nos baixios, despindo-me de armadura, botas e bragas, e me tenha voltado a empurrar para águas mais profundas. O rio fez o resto. Todos nascemos nus, de modo que suponho que seja adequado que eu tenha chegado à minha segunda vida de forma idêntica. Passei os dez anos seguintes em silêncio."

— Compreendo. — Brienne não sabia porque lhe estava o homem a contar tudo aquilo, ou que outra coisa deveria dizer.

— Ah sim? — Ele inclinou-se para a frente, com as grandes mãos nos joelhos. — Se compreendeis, desisti desta vossa demanda. O Cão de Caça está morto e, seja como for, ele nunca teve a vossa Sansa Stark. Quanto ao animal que usa o seu elmo, ele será encontrado e enforcado. As guerras estão no fim, e esses foras-da-lei não podem sobreviver à paz. Randyll Tarly anda em caça deles a partir de Lagoa da Donzela, e Walder Frey a partir das Gémeas, e há um jovem novo senhor em Darry, um homem piedoso que irá certamente pôr as suas terras nos eixos. Ide para casa, filha. Vós *tendes* uma casa, o que é mais do que muitos podem dizer nestes dias escuros. Tendes um pai nobre que certamente vos ama. Pensai no seu desgosto, caso nunca regresseis. Talvez lhe levem a vossa espada e escudo, depois de haverdes caído. Ele talvez até os pendure no seu salão e os olhe com orgulho… mas se lho perguntardes, eu sei que vos diria que preferia ter uma filha viva do que um escudo estilhaçado.

— Uma filha. — Os olhos de Brienne encheram-se de lágrimas. — Ele merece isso. Uma filha que possa cantar para ele, embelezar-lhe o salão e dar-lhe netos. Merece também um filho, um filho forte e galante que traga honra ao seu nome. Mas Galladon afogou-se quando eu tinha quatro anos e

ele oito, e Alysanne e Arianne morreram ainda no berço. Eu sou a única criança com quem os deuses permitiram que ficasse. A anormal, que não serve para ser um filho *ou* uma filha. — Tudo jorrou então de Brienne, como sangue negro de uma ferida; as traições e os noivados, o Ronnet Vermelho e a sua rosa, o Lorde Renly a dançar com ela, a aposta sobre a sua virgindade, as lágrimas amargas que derramara na noite em que o seu rei casara com Margaery Tyrell, o corpo-a-corpo em Pontamarga, o manto arco-íris de que tanto se orgulhara, a sombra no pavilhão do rei, Renly a morrer nos seus braços, Correrrio e a Senhora Catelyn, a viagem ao longo do Tridente, o duelo com Jaime nos bosques, os Saltimbancos Sangrentos, Jaime a gritar *"Safiras,"* Jaime na banheira em Harrenhal com vapor a erguer-se do seu corpo, o sabor do sangue de Vargo Hoat quando lhe mordera a orelha, a arena dos ursos, Jaime a saltar para a areia, a longa viagem até Porto Real, Sansa Stark, a jura que fizera a Jaime, a jura que fizera à Senhora Catelyn, a Cumpridora de Promessas, Valdocaso, Lagoa da Donzela, o Lesto Dick e a Garra Rachada e os Murmúrios, os homens que matara…

— Eu *tenho* de a encontrar — concluiu. — Andam outros à procura, todos eles desejando capturá-la e vendê-la à rainha. Tenho de a encontrar primeiro. Prometi a Jaime. Ele baptizou a espada como *Cumpridora de Promessas*. Tenho de tentar salvá-la… ou morrer na tentativa.

OceanofPDF.com

CERSEI

M*–il navios!* — O cabelo castanho da pequena rainha estava desgrenhado e informe, e a luz dos archotes faziam as suas faces parecer coradas, como se tivesse acabado de sair dos braços de algum homem. — Vossa Graça, isto tem de ter uma resposta *violenta*! — A sua última palavra ressoou nas vigas e ecoou pela cavernosa sala do trono.

Sentada no seu cadeirão dourado e carmim, sob o Trono de Ferro, Cersei sentia um crescente aperto no pescoço. *Tem*, pensou. *Ela atreve-se a dizer-me "tem"*. Sentiu o impulso de esbofetear a rapariga Tyrell. *Devia estar de joelhos, a suplicar a minha ajuda. Em vez disso, ousa dizer à sua legítima rainha o que tem de fazer.*

— Mil navios? — Sor Harys Swyft respirava ruidosamente. — Decerto que não. Não há senhor algum que comande mil navios.

— Um qualquer pateta assustado contou a dobrar — concordou Orton Merryweather. — Ou é isso, ou são os vassalos do Lorde Tyrell que nos estão a mentir, empolando os números do inimigo para que não os achemos frouxos.

Os archotes da parede do fundo faziam estender a longa sombra farpada do Trono de Ferro por metade da distância até às portas. A extremidade mais distante do salão estava perdida na escuridão, e Cersei não conseguia evitar sentir que as sombras também se estavam a fechar em volta de si. *Os meus inimigos estão por toda a parte, e os meus amigos são incapazes*. Bastava-lhe olhar os conselheiros de relance para saber que assim era; só o Lorde Qyburn e Aurane Waters pareciam acordados. Os outros tinham sido tirados da cama pelos mensageiros de Margaery a bater-lhes às portas, e estavam ali, esguedelhados e confusos. Lá fora, a noite estava negra e silenciosa. O castelo e a cidade dormiam. Boros Blount e Meryn Trant pareciam também estar a dormir, embora em pé. Até Osmund Kettleblack bocejava. *Mas Loras não. O nosso Cavaleiro das Flores não.* Estava em pé atrás da irmã mais nova, uma sombra pálida com uma espada longa à anca.

— Metade desse número de navios ainda seria quinhentos, senhor — fez Waters notar a Orton Merryweather. — Só a Árvore tem força no mar suficiente para se opor a uma frota desse tamanho.

— E os vossos novos dromones? — perguntou Sor Harys. — Certamente que os dracares dos homens de ferro não poderão resistir aos nossos dromones? O *Martelo do Rei Robert* é o mais poderoso navio de guerra de todo o Westeros.

— Era — disse Waters. — O *Doce Cersei* será seu igual, uma vez concluído, e o *Lorde Tywin* terá duas vezes o tamanho de ambos. Mas só metade se encontram equipados e nenhum tem a tripulação completa. Mesmo quando tiverem, os números manter-se-ão grandemente contra nós. O dracar comum é pequeno comparado com as nossas galés, é verdade, mas os homens de ferro têm também navios maiores. O *Grande Lula Gigante* do Lorde Balon e os navios de guerra da Frota de Ferro foram feitos para a batalha, não para ataques de corso. São iguais às nossas galés menores em velocidade e força, e a maior parte encontra-se melhor tripulada e capitaneada. Os homens de ferro vivem as vidas inteiras no mar.

Robert devia ter limpo as ilhas depois de Balon Greyjoy se ter levantado contra ele, pensou Cersei. *Esmagou a sua frota, queimou as suas vilas e quebrou os seus castelos, mas quando os teve de joelhos voltou a largá-los. Devia ter criado outra ilha com os seus crânios*. Era isso o que o pai teria feito, mas Robert nunca tivera o estômago necessário a um rei, caso tenha a esperança de manter a paz no reino.

— Os homens de ferro não se atrevem a atacar a Campina desde o tempo em que Dagon Greyjoy ocupou a Cadeira de Pedra do Mar — disse. — Porque o fariam agora? O que os encorajou?

— O seu novo rei. — Qyburn estava com as mãos escondidas nas mangas. — Irmão do Lorde Balon. Chamam-lhe Olho de Corvo.

— Os corvos fazem os seus banquetes nas carcaças dos mortos e moribundos — disse o Grande Meistre Pycelle. — Não descem sobre animais vigorosos e saudáveis. O Lorde Euron irá empanturrar-se de ouro e

saque, sim, mas assim que nos movamos contra ele, regressará a Pyke, como o Lorde Dagon costumava fazer nos seus tempos.

— Enganais-vos — disse Margaery Tyrell. — Corsários não atacam com tais forças. *Mil navios!* O Lorde Hewett e o Lorde Chester foram mortos, tal como o filho e herdeiro do Lorde Serry. Serry fugiu para Jardim de Cima com os poucos navios que lhe restaram, e o Lorde Grimm é prisioneiro no seu próprio castelo. Willas diz que o rei de ferro promoveu quatro lordes seus para os lugares dos nossos.

Willas, pensou Cersei, *o aleijado. A culpa disto é dele. Aquele idiota do Mace Tyrell deixou a defesa da Campina nas mãos do desgraçado de um fracote.*

— Das Ilhas de Ferro às Escudo é uma longa viagem — fez notar. — Como podem mil navios ter percorrido toda essa distância sem serem vistos?

— Willas crê que eles não seguiram a costa — disse Margaery. — Fizeram a viagem fora de vista de terra, penetrando profundamente no Mar do Poente e caindo sobre a costa vindos de Oeste.

O mais provável é que o aleijado não tivesse as torres de vigia guarnecidas, e agora teme que nós o saibamos. A pequena rainha está a inventar desculpas pelo irmão. Cersei tinha a boca seca. *Preciso de uma taça de dourado da Árvore.* Se os homens de ferro decidissem tomar a Árvore em seguida, o reino inteiro poderia estar em breve a passar sede.

— Stannis pode ter tido um dedo nisto. Balon Greyjoy ofereceu ao senhor meu pai uma aliança. O filho talvez tenha oferecido uma a Stannis.

Pycelle franziu o sobrolho.

— O que ganharia o Lorde Stannis com…

— Ele *ganha* outra base de operações. E saque, isso também. Stannis precisa de ouro para pagar aos seus mercenários. Ao assaltar o oeste, espera poder distrair-nos de Pedra do Dragão e Ponta Tempestade.

O Lorde Merryweather concordou com a cabeça.

— Uma diversão. Stannis é mais astucioso do que julgávamos. Vossa Graça é esperta por ter descortinado o plano.

— O Lorde Stannis está a tentar ganhar os nortenhos para a sua causa — disse Pycelle. — Se fizer amizade com os nascidos no ferro, não pode esperar…

— Os nortenhos não o aceitam — disse Cersei, perguntando a si própria como poderia um homem tão erudito ser tão estúpido. — O Lorde Manderly cortou a cabeça e mãos do cavaleiro da cebola, sabemos disso pelos Frey, e meia dúzia de outros senhores do norte juntaram-se ao Lorde Bolton. *O inimigo do meu inimigo é meu amigo*. Para onde mais se há-de Stannis virar, além dos homens de ferro e dos selvagens, os inimigos do norte? Mas se julga que eu vou entrar na sua armadilha, é maior tolo do que vós. — Voltou a virar-se para a pequena rainha. — As Ilhas Escudo pertencem à Campina. Grimm, Serry e os outros estão ajuramentados a Jardim de Cima. Cabe a Jardim de Cima dar resposta a isto.

— Jardim de Cima responderá — disse Margaery Tyrell. — Willas mandou uma mensagem a Leyton Hightower, em Vilavelha, para que ele trate das suas defesas. Garlan está a reunir homens para voltar a tomar as ilhas. Mas a maior parte das nossas forças permanece com o senhor meu pai. Temos de lhe enviar uma mensagem para Ponta Tempestade. Imediatamente.

— E levantar o cerco? — Cersei não gostou da presunção de Margaery. *Ela diz-me "imediatamente". Será que me toma pela sua aia?* — Não tenho qualquer dúvida de que isso agradaria ao Lorde Stannis. Tendes estado a ouvir, senhora? Se ele conseguir afastar os nossos olhos de Pedra do Dragão e Ponta Tempestade para esses rochedos…

— *Rochedos*? — arquejou Margaery. — Vossa Graça disse *rochedos*?

O Cavaleiro das Flores pousou uma mão no ombro da irmã.

— Se Vossa Graça mo permitir, a partir desses *rochedos* os homens de ferro ameaçam Vilavelha e a Árvore. A partir de praças-fortes nos Escudos, atacantes podem subir o Vago até ao próprio coração da Campina, como faziam antigamente. Com homens suficientes, podem até ameaçar Jardim de Cima.

— Deveras? — disse a rainha, toda ela inocência. — Ora, então é melhor que os vossos bravos irmãos os escorracem desses rochedos, e depressa.

— Como sugeriria a rainha que eles o façam, sem navios em número suficiente? — perguntou Sor Loras. — Willas e Garlan podem recrutar dez mil homens dentro duma quinzena e duas vezes esse número numa volta de lua, mas não são capazes de caminhar sobre a água, Vossa Graça.

— Jardim de Cima ergue-se sobre o Vago — fez-lhe lembrar Cersei. — Vós e os vossos vassalos controlais mil léguas de litoral. Não haverá pescadores ao longo das vossas costas? Não tendes barcaças de prazer, não tendes botes, não tendes galés fluviais, não tendes esquifes?

— Muitos e mais ainda — admitiu Sor Loras.

— Barcos desses devem ser mais do que suficientes para levar uma hoste através de uma pequena extensão de água, julgo eu.

— E quando os dracares dos nascidos no ferro caírem sobre a nossa frota improvisada enquanto ela tenta atravessar essa "pequena extensão de água", o que acha Vossa Graça que devemos fazer então?

Afogar-te, pensou Cersei.

— Jardim de Cima também tem ouro. Tendes a minha autorização para contratar mercenários do outro lado do mar estreito.

— Piratas de Myr e Lys, é isso o que quereis dizer? — disse Loras com desprezo. — A escumalha das Cidades Livres?

É tão insolente como a irmã.

— Lamento dizê-lo, mas todos nós temos de lidar com escumalha de vez em quando — disse, com uma doçura venenosa. — Talvez tenhais uma ideia melhor?

— Só a Árvore tem galés em número suficiente para recuperar a foz do Vago das mãos dos homens de ferro e proteger os meus irmãos dos seus dracares durante a travessia. Suplico a Vossa Graça, enviai uma mensagem para Pedra do Dragão e ordenai ao Lorde Redwyne para içar imediatamente as velas.

Pelo menos tem o bom senso de suplicar. Paxter Redwyne possuía duzentos navios de guerra, e cinco vezes esse número em carracas

mercantes, cocas de vinho, galés comerciais e baleeiros. Contudo, Redwyne encontrava-se acampado à sombra das muralhas de Pedra do Dragão, e a maior parte da sua frota estava ocupada com travessias da Baía da Água Negra, transportando homens para o assalto dessa fortaleza insular. Os restantes patrulhavam a Baía dos Naufrágios, a sul, onde só a sua presença impedia que Ponta Tempestade fosse reabastecido por mar.

Aurane Waters irritou-se com a sugestão de Sor Loras.

— Se o Lorde Redwyne fizer zarpar os seus navios, como vamos abastecer os nossos homens em Pedra do Dragão? Sem as galés da Árvore, como manteremos o cerco a Ponta Tempestade?

— O cerco pode ser reatado mais tarde, depois de…

Cersei interrompeu-o.

— Ponta Tempestade é cem vezes mais valioso do que as Escudos, e Pedra do Dragão… enquanto Pedra do Dragão permanecer nas mãos de Stannis Baratheon, é uma faca na garganta do meu filho. Libertaremos o Lorde Redwyne e a sua frota quando o castelo cair. — A rainha pôs-se em pé. — Esta audiência chegou ao fim. Grande Meistre Pycelle, uma palavra.

O velho sobressaltou-se, como se a voz dela o tivesse acordado de algum sonho de juventude, mas antes de ter tempo de responder, Loras Tyrell avançou a passos largos, com uma tal rapidez que a rainha se retraiu, alarmada. Estava prestes a gritar pela defesa de Sor Osmund quando o Cavaleiro das Flores caiu sobre um joelho.

— Vossa Graça, permiti-me que tome Pedra do Dragão.

A mão da irmã subiu à boca.

— Loras, não.

Sor Loras ignorou a súplica.

— Levará meio ano ou mais a obrigar Pedra do Dragão à submissão pela fome, como o Lorde Paxter pretende fazer. Dai-me o comando, Vossa Graça. O castelo será vosso dentro de uma quinzena, nem que eu tenha de o deitar abaixo com as mãos nuas.

Ninguém dava a Cersei um presente tão delicioso desde que Sansa Stark correra para junto de si a fim de divulgar os planos do Lorde Eddard. Ficou

feliz por ver que Margaery empalidecera.

— A vossa coragem deixa-me sem fôlego, Sor Loras — disse Cersei. — Lorde Waters, algum dos novos dromones está capaz de ser lançado ao mar?

— O *Doce Cersei* está, Vossa Graça. Um navio rápido, e tão forte como a rainha da qual obteve o nome.

— Magnífico. Que a *Doce Cersei* leve imediatamente o nosso Cavaleiro das Fores a Pedra do Dragão. Sor Loras, o comando é vosso. Jurai-me que não regressareis até que Pedra do Dragão pertença a Tommen.

— Juro, Vossa Graça. — E pôs-se em pé.

Cersei beijou-o em ambas as faces. Também lhe beijou a irmã, e murmurou:

— Tendes um irmão galante. — Ou Margaery não teve a elegância de responder, ou o medo lhe roubara as palavras por completo.

A alvorada ainda tardava várias horas quando Cersei se esgueirou pela porta do rei, atrás do Trono de Ferro. Sor Osmund seguia à sua frente com um archote, e Qyburn ia ao lado dela, caminhando em pequenos passinhos. Pycelle tinha de se esforçar para os acompanhar.

— Se Vossa Graça mo permite — ofegou — os jovens são demasiado ousados, e só pensam na glória da batalha, nunca nos seus perigos. Sor Loras… este seu plano está repleto de perigos. Assaltar as muralhas de Pedra do Dragão…

— … é de uma *grande* coragem.

— … coragem, sim, mas…

— Não tenho qualquer dúvida de que o nosso Cavaleiro das Flores será o primeiro homem a atingir as ameias. — *E talvez o primeiro a cair*. O bastardo bexiguento que Stannis deixara a defender o castelo não era nenhum imberbe campeão de torneios, mas um matador experimentado. Se os deuses fossem bons, daria a Sor Loras o fim glorioso que ele parecia desejar. *Assumindo que o rapaz não se afoga pelo caminho*. Tinha havido outra tempestade na noite anterior, uma das violentas. A chuva caíra durante horas em lençóis negros. *E não seria uma tristeza?*, cismou a rainha. *O*

afogamento é comum. Sor Loras anseia por glória como os verdadeiros homens anseiam por mulheres, o mínimo que os deuses podem fazer é conceder-lhe uma morte digna de uma canção.

Mas acontecesse o que acontecesse ao rapaz em Pedra do Dragão, a rainha sairia vencedora. Se Loras tomasse o castelo, Stannis sofreria um sério golpe, e a frota Redwyne podia zarpar para ir ao encontro dos homens de ferro. Se falhasse, ela assegurar-se-ia de que ele ficasse com a parte de leão da culpa. Não há nada que mais faça perder o brilho a um herói do que o falhanço. *E se vier para casa em cima do escudo, coberto de sangue e glória, Sor Osney estará lá para consolar a irmã chorosa.*

A gargalhada não podia continuar a ser contida. Saltou de entre os lábios de Cersei e ecoou pelo corredor fora.

— Vossa Graça? — pestanejou o Grande Meistre Pycelle, deixando a boca abrir-se. — Porque… porque rides vós?

— Ora — teve ela de dizer — de outra forma talvez chorasse. O meu coração está a rebentar de amor pelo nosso Sor Loras e pelo seu valor.

Deixou o Grande Meistre na escada em espiral. *Aquele já viveu mais do que qualquer utilidade que pode um dia ter tido*, decidiu a rainha. Tudo o que Pycelle parecia fazer nos últimos tempos era infernizá-la com avisos e objecções. Até objectara ao entendimento a que chegara com o Alto Septão, olhando-a de boca aberta e olhos baços e ramelosos quando lhe ordenara que preparasse os papéis necessários e balbuciando acerca de história velha e morta até que Cersei o interrompera.

— Os tempos do Rei Maegor terminaram, e os seus decretos também — dissera com firmeza. — Estes são os tempos do Rei Tommen e meus. — *Teria feito melhor se o tivesse deixado a morrer nas celas negras.*

— Se Sor Loras falhar, Vossa Graça terá necessidade de encontrar outro homem digno da Guarda Real — disse o Lorde Qyburn enquanto atravessavam o fosso coberto de espigões que cingia a Fortaleza de Maegor.

— Alguém que seja magnífico — concordou ela. — Alguém tão jovem, rápido e forte que Tommen esqueça tudo sobre Loras. Um pouco de

galanteria não faria mal, mas a sua cabeça não deve estar cheia de ideias tolas. Conheceis algum homem assim?

— Infelizmente, não — disse Qyburn. — Tinha em mente outro tipo de campeão. O que lhe falta em galanteria, dar-vos-á multiplicado por dez em devoção. Protegerá o vosso filho, matará os vossos inimigos, e guardará os vossos segredos, e nenhum homem vivo será capaz de lhe resistir.

— Isso é o que vós dizeis. Palavras são vento. Quando a hora chegar, podeis apresentar esse vosso modelo de perfeição e veremos se ele é tudo aquilo que prometestes.

— Cantarão sobre ele, juro. — Os olhos do Lorde Qyburn enrugaram-se com divertimento. — Posso perguntar-vos pela armadura?

— Fiz a vossa encomenda. O armeiro julga-me louca. Garante-me que nenhum homem é suficientemente forte para se mover e lutar envergando um tal peso de aço. — Cersei deitou ao meistre sem corrente um olhar de aviso. — Fazei de mim parva, e morrereis aos gritos. Confio que estejais consciente disso?

— Sempre, Vossa Graça.

— Óptimo. Não digais mais nada sobre isto.

— A rainha é sensata. Estas paredes têm ouvidos.

— Pois têm. — À noite, Cersei ouvia por vezes pequenos sons, até nos seus próprios aposentos. *Ratos nas paredes*, costumava dizer a si própria, *não passa disso*.

Uma vela ardia junto à sua cama, mas a lareira apagara-se e não havia mais nenhuma luz. O quarto também estava frio. Cersei despiu-se e enfiou-se nas mantas, deixando o vestido amontoado no chão. Ao lado, na cama, Taena moveu-se.

— Vossa Graça — murmurou em voz baixa. — Que horas são?

— A hora da coruja — respondeu a rainha.

Embora Cersei dormisse frequentemente só, nunca gostara de o fazer. As suas memórias mais antigas eram de partilhar uma cama com Jaime, quando ainda eram tão novos que ninguém os conseguia distinguir. Mais tarde, depois de serem separados, tivera uma enfiada de companheiras de

cama, a maioria raparigas da sua idade, as filhas dos cavaleiros domésticos ou vassalos do pai. Nenhuma lhe agradara, e poucas duraram algum tempo. *Serpentezinhas, todas elas. Criaturas desenxabidas e choramingas, sempre a contar histórias e a tentar intrometer-se entre mim e Jaime*. Apesar disso, tinha havido noites, nas negras entranhas do Rochedo, em que aceitara de bom grado o calor delas a seu lado. Uma cama vazia era uma cama fria.

Principalmente ali. Aquele quarto enregelava, e o maldito do seu real esposo morrera sob aquele dossel. *Robert Baratheon, o Primeiro do Seu Nome, que nunca haja um segundo. Um brutamontes obtuso e bêbado. Que chore no inferno*. Taena aquecia-lhe a cama tão bem como Robert, e nunca tentava forçá-la a abrir as pernas. Nos últimos tempos partilhara mais frequentemente a cama de Cersei do que a do Lorde Merryweather. Orton não parecia importar-se… ou se importava, tinha esperteza suficiente para não o dizer.

— Fiquei preocupada quando acordei e não vos vi aqui — murmurou a Senhora Merryweather, sentando-se e encostando-se às almofadas, com a colcha enrolada em volta da cintura. — Há algo de errado?

— Não — disse Cersei — tudo está bem. Amanhã, Sor Loras partirá para Pedra do Dragão, a fim de conquistar o castelo, libertar a frota Redwyne e demonstrar-nos a todos a sua virilidade. — Contou à miresa tudo o que ocorrera sob a sombra oscilante do Trono de Ferro. — Sem o seu valente irmão, a nossa pequena rainha está praticamente nua. Tem os seus guardas, com certeza, mas eu tenho visto o capitão por aí, no castelo. Um velho palrador com um esquilo no sobretudo. Os esquilos fogem dos leões. Ele não tem o que é preciso para desafiar o Trono de Ferro.

— Margaery tem outras espadas em seu redor — acautelou a Senhora Merryweather. — Fez muitos amigos na corte, e tanto ela como as jovens primas têm admiradores.

— Alguns pretendentes não me preocupam — disse Cersei. — O exército em Ponta Tempestade, contudo…

— O que tencionais fazer, Vossa Graça?

— Porque perguntais? — A pergunta era um pouco directa demais para o gosto de Cersei. — Espero que não estejais a planear partilhar os meus indolentes devaneios com a nossa pobre rainhazinha?

— Nunca. Eu não sou a tal Senelle.

Cersei não queria pensar em Senelle. *Ela pagou a minha bondade com traição*. Sansa Stark fizera-o também. E o mesmo tinham feito Melara Hetherspoon e a gorda Jeyne Farman quando as três eram raparigas. *Nunca teria entrado naquela tenda se não fossem elas. Nunca teria permitido que Maggy, a Rã, saboreasse os meus amanhãs numa gota de sangue.*

— Ficaria muito triste se alguma vez traísseis a minha confiança, Taena. Não teria alternativa a entregar-vos ao Lorde Qyburn, mas sei que choraria.

— Nunca vos darei motivo para chorar, Vossa Graça. Se o fizer, bastar-vos-á dizer, e eu própria me entregarei a Qyburn. Só desejo estar perto de vós. Servir-vos de todas as formas que me pedirdes.

— E por esse serviço, que recompensa esperais?

— Nada. Agrada-me agradar-vos. — Taena rolou sobre si própria, pondo-se de lado, com a pele cor de azeitona a brilhar à luz das velas. Os seus seios eram maiores do que os da rainha, e terminavam em enormes mamilos, negros como corno. *Ela é mais nova do que eu. Os seus seios ainda não começaram a descair*. Cersei perguntou a si própria como seria beijar outra mulher. Não um beijo ligeiro na bochecha, como era cortesia comum entre as senhoras de nascimento elevado, mas um beijo intenso nos lábios. Os de Taena eram muito cheios. Perguntou a si próprio como seria chupar aqueles seios, deitar a mulher de Myr de costas, forçá-la a abrir as pernas e usá-la como um homem a usaria, do modo como Robert a usava a *ela* quando estava cheio de bebida e ela não conseguia levá-lo até ao fim com a mão ou a boca.

Aquelas tinham sido as piores noites, em que jazia impotente debaixo dele enquanto ele se satisfazia, fedendo a vinho e grunhindo como um javali. Normalmente rolava de cima dela e adormecia assim que terminava, e estava a ressonar antes de a sua semente ter tempo de secar nas coxas de Cersei. Depois, ficava sempre dorida, em carne viva entre as pernas, com os

seios magoados pelos maus tratos que ele lhes dava. A única vez que a deixara molhada fora na noite do casamento.

Robert era bastante bem parecido quando se casaram, alto, forte e poderoso, mas o seu cabelo era negro e pesado, os pêlos densos no peito e grossos em volta do sexo. *Foi o homem errado que regressou do Tridente*, pensava por vezes a rainha enquanto ele abria caminho através do seu corpo. Nos primeiros anos, quando a montava com mais frequência, fechava os olhos e fingia que Robert era Rhaegar. Não conseguia fingir que era Jaime; era demasiado diferente, era-lhe demasiado estranho. Até o seu *cheiro* era errado.

Para Robert, essas noites nunca aconteciam. Ao chegar a manhã nada recordava, ou pelo menos era nisso que a queria levar a crer. Uma vez, durante o primeiro ano do casamento, Cersei exprimira o seu desagrado no dia seguinte.

— Magoais-me — protestara. Ele tivera a decência de parecer envergonhado.

— Não fui eu, senhora — dissera, num carrancudo tom de amuo, como uma criança apanhada a roubar bolos de maçã da cozinha. — Foi o vinho. Bebo demasiado vinho. — Para empurrar para dentro a admissão, estendera a mão para o corno de cerveja. Quando o levara à boca, ela atirara-lhe o seu próprio corno à cara, com tanta força que lhe lascara um dente. Anos mais tarde, num banquete, ouvira-o contar a uma criada o modo como rachara o dente numa luta corpo-a-corpo. *Bem, o nosso casamento foi uma luta corpo-a-corpo*, reflectiu, *portanto ele não mentiu*.

Mas tudo o resto tinham sido mentiras. Ele *lembrava*-se do que lhe fazia de noite, estava convencida disso. Conseguia vê-lo nos seus olhos. Ele só fingia esquecer; era mais fácil fazer isso do que enfrentar a vergonha. Bem lá no fundo, Robert Baratheon era um cobarde. Com o passar do tempo, os assaltos foram-se tornando menos frequentes. Durante o primeiro ano tomava-a pelo menos uma vez de quinze em quinze dias; por fim nem chegava a uma vez por ano. Nunca parara por completo, contudo. Mais tarde ou mais cedo chegaria sempre uma noite em que beberia demasiado e

quereria reclamar os seus direitos. O que o envergonhava à luz do dia dava-lhe prazer na escuridão.

— Minha rainha? — disse Taena Merryweather. — Tendes uma expressão estranha nos olhos. Passa-se alguma coisa?

— Estava só… a recordar. — Tinha a garganta seca. — Sois uma boa amiga, Taena. Não tenho uma verdadeira amiga desde…

Alguém bateu com força à porta.

Outra vez? A urgência do som fê-la estremecer. *Terão mais mil navios caído sobre nós?* Enfiou-se num roupão e foi ver quem era.

— Peço perdão por vos incomodar, Vossa Graça — disse o guarda — mas a Senhora Stokeworth está lá em baixo, a implorar uma audiência.

— A estas horas? — explodiu Cersei. — Terá Falyse perdido o juí-zo? Diz-lhe que me retirei. Diz-lhe que há plebeus nos Escudos a ser chacinados. Diz-lhe que passei metade da noite acordada. Recebo-a de manhã.

O guarda hesitou.

— Se aprouver a Vossa Graça, ela… ela não está nas melhores condições, se compreendeis o que quero dizer.

Cersei franziu o sobrolho. Assumira que Falyse estava ali para lhe dizer que Bronn se encontrava morto.

— Muito bem. Terei de me vestir. Leva-a para o meu aposento privado e diz-lhe para esperar. — Quando a Senhora Merryweather se preparou para se levantar e ir com ela, a rainha objectou. — Não, ficai. Pelo menos uma de nós deve ter algum descanso. Não me demorarei.

A cara da Senhora Falyse estava cheia de nódoas negras e inchada, os olhos vermelhos das lágrimas. Tinha o lábio inferior rachado, e o vestuário manchado e rasgado.

— Pela bondade dos deuses — disse Cersei enquanto a introduzia no aposento privado e fechava a porta. — O que aconteceu à vossa cara?

Falyse não pareceu ouvir a pergunta.

— Ele *matou*-o — disse, numa voz trémula. — Mãe, misericórdia, ele… ele… — E rebentou em soluços, com o corpo todo a estremecer.

Cersei serviu uma taça de vinho e levou-a à mulher que chorava.

— Bebei isto. O vinho acalmar-vos-á. Isso. Um pouco mais. Parai com esse choro e dizei-me porque estais aqui.

Foi preciso o resto do jarro para a rainha conseguir finalmente arrancar toda a triste história à Senhora Falyse. Quando o fez, não soube se haveria de rir ou de entrar em fúria.

— Combate singular — repetiu. *Não haverá ninguém nos Sete Reinos com que eu possa contar? Serei a única pessoa de Westeros com uma pitada de miolos?* — Estais a dizer-me que Sor Balman desafiou Bronn para um *combate singular*?

— Ele disse que seria s-s-simples. A lança é uma arma de c-cavaleiro, disse ele, e B-Bronn não era um verdadeiro cavaleiro. Balman disse que o derrubaria do cavalo e acabaria com ele enquanto estivesse a-a-atordoado.

Bronn não era um cavaleiro, isso era verdade. Bronn era um assassino endurecido pela batalha. *O cretino do teu marido escreveu a sua própria sentença de morte.*

— Um plano magnífico. Atrever-me-ei a perguntar como correu mal?

— B-Bronn enfiou a lança no peito do pobre c-c-c-cavalo de Balman. Balman, ele… as suas pernas foram esmagadas quando o animal caiu. Ele gritou tanto que fazia dó…

Os mercenários não têm dó, podia ter dito Cersei.

— Pedi-vos para planear um acidente de caça. Uma seta perdida, uma queda do cavalo, um javali furioso… há tantas maneiras de um homem morrer na floresta. E nenhuma delas envolve *lanças*.

Falyse não pareceu ouvi-la.

— Quando tentei correr para o meu Balman, ele, ele, ele *bateu-me* na cara. Obrigou o meu senhor a c-c-confessar. Balman gritava pelo Meistre Frenken, para que o tratasse, mas o mercenário, ele, ele, ele…

— Confessar? — Cersei não gostou da palavra. — Confio que o nosso bravo Sor Balman tenha controlado a língua.

— Bronn enfiou-lhe um punhal no *olho* e disse-me que era melhor que eu saísse de Stokeworth antes do pôr do sol, senão acontecia-me o mesmo.

Disse que me entregava à g-g-guarnição, se algum deles me quisesse. Quando ordenei que Bronn fosse capturado, um dos seus cavaleiros teve a insolência de dizer que eu devia fazer o que o Lorde Stokeworth dizia. Chamou-lhe *Lorde Stokeworth*! — A Senhora Falyse agarrou-se à mão da rainha. — Vossa Graça tem de me dar cavaleiros. Uma centena de cavaleiros! E besteiros, para retomar o meu castelo. Stokeworth é meu! Eles nem sequer me autorizaram a ir buscar a minha *roupa*! Bronn disse que agora era a roupa da mulher dele, todas as minhas s-sedas e veludos.

Os trapos são o menor dos teus problemas. A rainha libertou os dedos da mão pegajosa da outra mulher.

— Pedi-vos para soprar uma vela para ajudar a proteger o rei. Em vez disso, atirastes-lhe para cima um frasco de fogovivo. Será que o imbecil do vosso Balman ligou o meu nome a isto? Dizei-me que não o fez.

Falyse lambeu os lábios.

— Ele… ele estava com dores, tinha as pernas partidas. Bronn disse que lhe mostraria misericórdia, mas… O que vai acontecer à minha pobre m-m-mãe?

Imagino que morrerá.

— O que julgais? — A Senhora Tanda podia perfeitamente já estar morta. Bronn não parecia ser o tipo de homem que faria um grande esforço a tratar de uma velha com uma anca partida.

— Tendes de me ajudar. Para onde hei-de ir? O que hei-de fazer?

Talvez possas casar com o Rapaz Lua, quase disse Cersei. *É um idiota quase tão grande como o teu falecido marido*. Não podia arriscar-se a uma guerra à porta de Porto Real, especialmente naquele momento.

— As irmãs silenciosas ficam sempre felizes por receber viúvas — disse. — A vida que levam é serena, uma vida de rezas, contemplação e boas obras. Trazem alívio aos vivos e paz aos mortos. — *E não falam*. Não podia ter a mulher a correr pelos Sete Reinos, espalhando histórias perigosas.

Falyse estava surda perante o bom senso.

— Tudo o que fizemos, fizemos ao serviço de Vossa Graça. *Orgulhosos de ser Fiéis*. Vós dissestes…

— Eu lembro-me. — Cersei forçou um sorriso. — Ficareis aqui connosco, senhora, até à altura de acharmos uma maneira de reconquistar o vosso castelo. Deixai que vos sirva outra taça de vinho. Ajudar-vos-á a dormir. Estais cansada e de coração enfermo, isso é evidente. Minha pobre, querida Falyse. Isso, bebei.

Enquanto a sua convidada labutava com o jarro, Cersei foi à porta e chamou as aias. Disse a Dorcas para lhe encontrar o Lorde Qyburn e o trazer ali imediatamente. Despachou Jocelyn Swyft para as cozinhas.

— Trazei pão e queijo, um empadão de carne e algumas maçãs. E vinho. Temos sede.

Qyburn chegou antes da comida. A Senhora Falyse tinha emborcado mais três taças por essa altura, e estava a começar a deixar descair a cabeça, embora de vez em quando acordasse e soltasse mais um soluço. A rainha afastou-se com Qyburn e contou-lhe a loucura de Sor Balman.

— Não posso ter Falyse a espalhar histórias pela cidade. O desgosto deixou-a fraca de espírito. Ainda precisais de mulheres para o vosso… trabalho?

— Preciso, Vossa Graça. Os titereiros estão bastante gastos.

— Então levai-a e fazei com ela o que quiserdes. Mas uma vez que desça às celas negras… tenho de dizer mais alguma coisa?

— Não, Vossa Graça. Eu compreendo.

— Óptimo. — A rainha voltou a colocar no rosto o sorriso. — Querida Falyse, o Meistre Qyburn está aqui. Ele ajudar-vos-á a descansar.

— Oh — disse vagamente Falyse. — Oh, que bom.

Quando a porta se fechou atrás deles, Cersei serviu-se de mais uma taça de vinho.

— Estou rodeada de inimigos e imbecis — disse. Nem sequer podia confiar no seu próprio sangue e família, nem em Jaime, que em tempos fora a sua outra metade. *Ele deveria ser a minha espada e escudo, o meu forte braço direito. Porque insiste em irritar-me?*

Bronn não era mais do que um aborrecimento, certamente. Nunca acreditara realmente que ele estivesse a dar abrigo ao Duende. O seu

retorcido irmãozinho era demasiado esperto para permitir que Lollys desse o seu nome ao maldito bastardo que malparira, sabendo que isso iria certamente atrair a fúria da rainha sobre ela. A Senhora Merryweather fizera-o notar, e tinha razão. A troça era quase de certeza obra do mercenário. Conseguia imaginá-lo a observar o seu enrugado e vermelho filho adoptivo a mamar numa das tetas inchadas de Lollys, com uma taça de vinho na mão e um sorriso insolente no rosto. *Sorri o que quiseres, Sor Bronn, não há-de demorar que grites. Desfruta da tua senhora desmiolada e do teu castelo roubado enquanto puderes. Quando a altura certa chegar, hei-de esmagar-te como se fosses uma mosca*. Talvez devesse enviar Loras Tyrell para o esmagamento, se o Cavaleiro das Flores conseguisse arranjar maneira de regressar vivo de Pedra do Dragão. *Isso seria delicioso. Se os deuses forem bons, matar-se-ão um ao outro, como Sor Arryk e Sor Erryk*. E quanto a Stokeworth… não, estava farta de pensar em Stokeworth.

Taena voltara a adormecer quando a rainha regressou ao quarto, com a cabeça a girar. *Vinho a mais e sono a menos*, disse a si própria. Não eram todas as noites que era acordada por duas vezes com notícias tão desesperadas. *Pelo menos consegui acordar. Robert estaria demasiado bêbado para se levantar, quanto mais governar. Teria cabido a Jon Arryn lidar com tudo isto*. Agradava-lhe pensar que dava um rei melhor do que Robert.

O céu que se via da janela já estava a começar a aclarar. Cersei sentou-se na cama ao lado da Senhora Merryweather, escutando a sua suave respiração, observando os seus seios subir e descer. *Sonhará ela com Myr?*, perguntou a si própria. *Ou será com o seu amante da cicatriz, o homem perigoso de cabelo escuro que não se deixava recusar?* Tinha bastante certeza de que Taena não estava a sonhar com o Lorde Orton.

Cersei envolveu o seio da outra mulher numa mão. A princípio com suavidade, quase nem o tocando, sentindo na palma da mão o calor que ele emitia, a pele suave como cetim. Deu-lhe um apertão brando, e então percorreu levemente o grande mamilo escuro com a unha, de um lado para

o outro e de um lado para o outro até que o sentiu enrijecer. Quando ergueu os olhos, os de Taena estavam abertos.

— Isto é bom? — perguntou.

— Sim — disse a Senhora Merryweather.

— E isto? — Cersei beliscou o mamilo, puxando-o com força, torcendo-o entre os seus dedos.

A mulher de Myr soltou uma arfada de dor.

— Estais a magoar-me.

— É só o vinho. Bebi um jarro com o jantar, e outro com a viúva Stokeworth. Tive de beber para a manter calma. — Torceu também o outro mamilo de Taena, puxando-o até que a outra mulher arquejou. — Sou a rainha. Tenciono reclamar os meus direitos.

— Fazei o que quiserdes. — O cabelo de Taena era negro como o de Robert, mesmo os pêlos entre as pernas, e quando Cersei a tocou aí descobriu-os encharcados, enquanto os de Robert eram grossos e secos. — Por favor — disse a mulher de Myr — prossegui, minha rainha. Fazei o que quiserdes comigo. Sou vossa.

Mas não valia a pena. Não conseguia senti-lo, fosse o que fosse que Robert sentia nas noites em que a tomava. Não havia prazer naquilo, pelo menos para si. Para Taena, sim. Os seus mamilos eram dois diamantes negros, o sexo estava escorregadio e fumegante. *Robert ter-te-ia amado, durante uma hora*. A rainha enfiou um dedo naquele pântano de Myr, e depois outro, movendo-os para dentro e para fora, *mas depois de se derramar dentro de ti, sentiria dificuldade para recordar o teu nome.*

Queria ver se seria tão fácil com uma mulher como sempre fora com Robert. Dez mil dos vossos filhos morreram na palma da minha mão, Vossa Graça, pensou, enfiando um terceiro dedo em Myr. *Enquanto ressonáveis, eu lambia os vossos filhos da minha cara e dedos um por um, todos esses pálidos príncipes peganhentos. Vós reclamáveis os vossos direitos, senhor, mas na escuridão eu comia os vossos herdeiros*. Taena estremeceu. Arquejou algumas palavras numa língua estrangeira, e então voltou a estremecer, arqueou as costas e gritou. *Soa como se estivesse a ser*

esventrada, pensou a rainha. Por um momento permitiu-se imaginar que os seus dedos eram as presas de um javali, rasgando a mulher de Myr das virilhas à garganta.

Ainda não resultava.

Nunca resultara com ninguém a não ser Jaime.

Quando tentou afastar a mão, Taena apanhou-a e beijou-lhe os dedos.

— Querida rainha, como posso dar-vos prazer? — Fez deslizar a mão pelo flanco de Cersei e tocou-lhe o sexo. — Dizei-me o que quereis de mim, meu amor.

— Deixa-me. — Cersei virou-lhe as costas e puxou os cobertores para se cobrir, estremecendo. Rompia a aurora. Depressa seria manhã, e tudo aquilo seria esquecido.

Nunca acontecera.

OceanofPDF.com

JAIME

As trombetas soaram num bramido de bronze e cortaram o ar parado e azul do ocaso. Josmyn Peckleton pôs-se imediatamente em pé, precipitando-se para o cinto da espada do seu chefe.

O rapaz tem bons instintos.

— Foras-da-lei não fazem soar trombetas para anunciar a sua chegada — disse-lhe Jaime. — Não precisarei da espada. Isto deve ser o meu primo, o Protector do Oeste.

Os recém-chegados estavam a desmontar quando saiu da tenda; meia dúzia de cavaleiros, e uma vintena de arqueiros e homens de armas a cavalo.

— *Jaime*! — rugiu um homem desgrenhado que trajava cota de malha dourada e um manto de pele de raposa. — Tão magro, e todo de branco! E também barbado!

— Isto? Não passa de restolho, comparado com essa tua juba, primo. — A barba eriçada e o cerrado bigode de Sor Daven transformavam-se em suíças tão densas como uma sebe e essas fundiam-se com o emaranhado matagal amarelo que lhe cobria a cabeça, acachapado pelo elmo que estava a tirar. Algures no meio de todos aqueles pêlos espreitava um nariz achatado e um par de vivos olhos cor de avelã. — Algum fora-da-lei te roubou a navalha?

— Jurei que não deixaria que me cortassem o cabelo até que o meu pai fosse vingado. — Para um homem com um aspecto tão leonino, Daven Lannister soava estranhamente acanhado. — Mas o Jovem Lobo chegou primeiro ao Karstark. Roubou-me a vingança. — Entregou o elmo a um escudeiro e fez passar os dedos pelo cabelo, onde o peso do aço o esmagara. — Gosto de um pouco de cabelo. As noites vão ficando mais frias, e um pouco de folhagem ajuda a manter a cara quente. Sim, e a Tia Genna sempre disse que eu tinha um queixo de tijolo. — Agarrou nos braços de Jaime. — Tememos por ti depois do Bosque dos Murmúrios. Ouvimos dizer que o lobo gigante do Stark te tinha rasgado a goela.

— Choraste lágrimas amargas por mim, primo?

— Metade de Lanisporto estava de luto. A metade feminina. — O olhar de Sor Daven dirigiu-se ao toco de Jaime. — Então é verdade. Os sacanas tiraram-te a mão da espada.

— Tenho uma nova, feita de ouro. Há muito de bom a dizer de só se ter uma mão. Bebo menos vinho por temer derramá-lo, e raramente me apetece coçar o cu na corte.

— Pois, lá isso é verdade. Talvez deva cortar também a minha. — O primo soltou uma gargalhada. — Foi Catelyn Stark quem ta cortou?

— Vargo Hoat. — *De onde vêm estas histórias?*

— O qohorik? — Sor Daven cuspiu. — Isto é para ele e para todos os seus Bravos Companheiros. Eu disse ao teu pai que tratava do forrageamento, mas ele recusou. Algumas tarefas são adequadas aos leões, disse, mas é melhor deixar o forrageamento para os bodes e os cães.

Jaime sabia que aquelas eram as palavras exactas do Lorde Tywin; quase conseguia ouvir a voz do pai.

— Entra, primo. Precisamos de conversar.

Garrett tinha acendido os braseiros, e os seus carvões incandescentes enchiam a tenda de Jaime com um calor rubro. Sor Daven libertou-se do manto e atirou-o ao Lew Pequeno.

— Tu és um Piper, rapaz? — rosnou. — Tens ar de minorca.

— Sou Lewys Piper, se aprouver ao senhor.

— Uma vez deixei o teu irmão em sangue num corpo-a-corpo. O palerma do minorca ofendeu-se quando lhe perguntei se quem tinha a dançar nua no escudo era a irmã.

— Ela é o símbolo da nossa Casa. Não temos nenhuma irmã.

— Maior é a pena. O vosso símbolo tem umas belas mamas. Mas que tipo de homem se esconde atrás duma mulher nua? De cada vez que dei uma pancada no escudo do teu irmão senti-me pouco cavalheiresco.

— Basta — disse Jaime, rindo. — Deixa-o em paz. — Pia estava a aquecer vinho para eles, mexendo a panela com uma colher. — Tenho de saber o que posso esperar encontrar em Correrrio.

O primo encolheu os ombros.

— O cerco arrasta-se. O Peixe Negro senta-se dentro do castelo, nós sentamo-nos cá fora nos acampamentos. Uma chatice dos demónios, se queres saber a verdade. — Sor Daven sentou-se num banco de acampar. — O Tully devia fazer uma surtida, para nos lembrar a todos de que ainda estamos em guerra. Também era bom se nos libertasse duns quantos Frey. De Ryman, para começar. O homem passa mais tempo bêbado do que sóbrio. Oh, e Edwyn. Não é tão obtuso como o pai, mas está tão cheio de ódio como um furúnculo de pus. E o nosso Sor Emmon… não, o *Lorde* Emmon, que os Sete nos salvem, é melhor não esquecer o seu novo título… o nosso Senhor de Correrrio não faz nada além de me dizer como dirigir o cerco. Quer que eu tome o castelo sem o *danificar*, visto que é agora a sua casa senhorial.

— Esse vinho já está quente? — perguntou Jaime a Pia.

— Sim, s'nhor. — A rapariga cobriu a boca quando falou. Peck serviu o vinho numa bandeja dourada. Sor Daven tirou as luvas e pegou numa taça. — Obrigado, rapaz. E tu quem és?

— Josmyn Peckleton, se aprouver ao senhor.

— Peck foi um herói na Água Negra — disse Jaime. — Matou dois cavaleiros e capturou outros dois.

— Deves ser mais perigoso do que pareces, moço. Isso é uma barba, ou esqueceste-te de lavar a sujidade da cara? A mulher de Stannis Baratheon tem um bigode mais farto. Que idade tens?

— Quinze anos, sor.

Sor Daven soltou uma fungadela.

— Sabes o que os heróis têm de melhor, Jaime? Morrem novos e deixam mais mulheres para o resto de nós. — Voltou a atirar a taça ao escudeiro. — Volta a encher isso até cima, e também eu te chamarei herói. Tenho sede.

Jaime ergueu a sua taça com a mão esquerda e bebeu um gole. O calor espalhou-se-lhe pelo peito.

— Estavas a falar dos Frey que querias ver mortos. Ryman, Edwyn, Emmon…

— E Walder Rivers — disse Daven — esse filho da puta. Detesta ser bastardo, e detesta toda a gente que não o é. Mas Sor Perwyn parece ser um tipo decente, podemos poupá-lo. E às mulheres também, que vou casar-me com uma delas, segundo ouvi dizer. O teu pai podia ter achado por bem consultar-me acerca deste casamento, já agora. O meu estava em negociações com Paxter Redwyne antes de Cruzaboi, sabias? O Redwyne tem uma filha com um belo dote…

— Desmera? — Jaime soltou uma gargalhada. — O que achas tu de sardas?

— Se as minhas alternativas são Freys ou sardas, bem… metade das descendentes do Lorde Walder parecem-se com furões.

— Só metade? Dá-te por contente. Eu vi a mulher de Lancel em Darry.

— A Ami Portão, pela bondade dos deuses. Não conseguia acreditar que Lancel tivesse escolhido essa. O que se passa com esse rapaz?

— Tornou-se piedoso — disse Jaime — mas não foi ele quem fez a escolha. A mãe da Senhora Amerei é uma Darry. O nosso tio achou que isso ajudaria Lancel com o povo de Darry.

— Como, fodendo-os? Sabes porque é que lhe chamam Ami Portão? Ela ergue a porta levadiça para qualquer cavaleiro que passe por perto. É melhor que Lancel arranje um armeiro que lhe faça um elmo com cornos.

— Isso não vai ser necessário. O nosso primo está a caminho de Porto Real, para tomar votos como uma das espadas do Alto Septão.

Sor Daven não podia ter parecido mais espantado se Jaime lhe tivesse dito que Lancel decidira tornar-se macaco de saltimbanco.

— Não pode ser. Estás a brincar comigo. A Ami Portão deve ser uma doninha ainda maior do que eu tinha ouvido dizer se conseguiu levar o rapaz a fazer *isso*.

Quando Jaime se despedira da Senhora Amerei, ela chorava suavemente por causa da dissolução do seu casamento enquanto permitia que Lyle Crakehall a consolasse. As lágrimas dela ficaram longe de o perturbar tanto como os olhares duros dos seus familiares espalhados pelo pátio.

— Espero que não pretendas também tomar votos, primo — disse a Daven. — Os Frey são susceptíveis no que toca aos contratos de matrimónio. Detestaria voltar a desiludi-los.

Sor Daven fungou.

— Eu casarei e dormirei com a minha doninha, nada temas. Sei o que aconteceu a Robb Stark. Mas ajuizando pelo que Edwyn me diz, é melhor que eu escolha uma que ainda não floriu, caso contrário é provável que descubra que o Walder Negro esteve lá primeiro. Aposto que tomou a Ami Portão, e mais do que três vezes. Isso talvez explique a religiosidade de Lancel e o humor do pai.

— Viste Sor Kevan?

— Sim. Ele passou por aqui a caminho do oeste. Pedi-lhe para ajudar a tomar o castelo, mas Kevan nem quis ouvir falar no assunto. Levou a cismar todo o tempo que passou aqui. Bastante cortês, mas gelado. Jurei-lhe que nunca pedi para ser Protector do Oeste, que a honra lhe devia ter cabido a ele, e ele declarou que não me tinha má vontade, mas nunca poderias deduzi-lo pelo seu tom. Ficou três dias e quase nem me disse três palavras. Gostaria que tivesse ficado, os seus conselhos ser-me-iam úteis. Os nossos amigos de Frey não se atreveriam a contrariar Sor Kevan como me têm contrariado a mim.

— Conta-me — disse Jaime.

— Gostava de contar, mas começo por onde? Enquanto eu construía aríetes e torres de cerco, Ryman Frey construiu um cadafalso. Todos os dias, à alvorada, aparece com Edmure Tully, põe-lhe uma corda em volta do pescoço e ameaça enforcá-lo, a menos que o castelo se renda. O Peixe Negro não liga a esta farsa, de modo que ao cair da noite o Lorde Edmure é de novo levado para baixo. A mulher está grávida, sabias?

Não sabia.

— Edmure levou-a para a cama, depois do Casamento Vermelho?

— Estava com ela na cama *durante* o Casamento Vermelho. Roslin é uma coisinha bonita, quase nem parece uma doninha. E gosta de Edmure, estranhamente. Perwyn diz-me que ela reza por uma menina.

Jaime reflectiu naquilo por um momento.

— Uma vez nascido o filho de Edmure, o Lorde Walder deixará de ter necessidade dele.

— É também assim que eu vejo as coisas. O nosso tio Emm… ah, *Lorde* Emmon, isto é… ele quer ver Edmure enforcado de imediato. A presença de um Tully Senhor de Correrrio perturba-o quase tanto como o esperado nascimento de mais um. Implora-me diariamente para *obrigar* Sor Ryman a pendurar o Tully, dê por onde der. Entretanto, tenho o Lorde Gawen Westerling a puxar-me a outra manga. O Peixe Negro tem a senhora sua esposa dentro do castelo, com três das suas crias ranhosas. Sua senhoria teme que o Tully os mate se os Frey enforcarem Edmure. Uma delas é a rainhazinha do Jovem Lobo.

Jaime achava que tinha conhecido Jeyne Westerling, embora não se conseguisse lembrar do seu aspecto. *Deve ser realmente bela, para valer um reino*.

— Sor Brynden não matará crianças — assegurou ao primo. — Ele não é um peixe assim tão negro. — Estava a começar a compreender por que motivo Correrrio ainda não caíra. — Fala-me dos teus arranjos, primo.

— Temos o castelo bem cercado. Sor Ryman e os Frey estão a norte do Pedregoso. A sul do Ramo Vermelho encontra-se o Lorde Emmon, com Sor Forley Prester e aquilo que resta da tua velha hoste, além dos senhores do rio que se passaram para o nosso lado após o Casamento Vermelho. Um bando carrancudo, não me importo de o afirmar. Prestam para ficar amuados nas respectivas tendas, mas não para muito mais. O meu acampamento fica entre os rios, frente ao fosso e aos portões principais de Correrrio. Fizemos passar um dique flutuante através do Ramo Vermelho, a jusante do castelo. Manfryd Yew e Raynard Ruttiger estão a cargo da sua defesa, de modo a ninguém poder escapar por barco. Também lhes dei redes, para pescar. Ajuda a manter-nos alimentados.

— Podemos derrotar o castelo pela fome?

Sor Daven abanou a cabeça.

— O Peixe Negro expulsou de Correrrio todas as bocas inúteis e colheu tudo o que havia nos campos para colher. Tem reservas suficientes para manter homens e cavalos vivos durante dois anos.

— E como estamos nós aprovisionados?

— Enquanto houver peixe nos rios, não passaremos fome, embora eu não saiba como iremos alimentar os cavalos. Os Frey têm trazido comida e forragem das Gémeas, mas Sor Ryman diz que não tem o bastante para partilhar, portanto temos de ser nós a nos abastecermos. Metade dos homens que mando em busca de comida não regressam. Alguns estão a desertar. Outros encontramos a apodrecer debaixo das árvores, com cordas em volta dos pescoços.

— Deparámos com alguns, anteontem — disse Jaime. Os batedores de Addam Marbrand tinham-nos encontrado, pendendo, de rostos negros, sob uma macieira brava. Os cadáveres tinham sido desnudados, e cada homem tinha uma maçã brava enfiada entre os dentes. Nenhum mostrava qualquer ferimento; era evidente que se haviam rendido. O Varrão Forte ficara furioso ao ver aquilo, jurando vingança sangrenta contra a cabeça de qualquer homem capaz de amarrar guerreiros e deixá-los a morrer como se fossem leitões.

— Podem ter sido foras-da-lei — disse Sor Daven, quando Jaime contou a história — ou não. Ainda andam por aí bandos de nortenhos. E estes Senhores do Tridente podem ter dobrado os joelhos, mas quer-me parecer que os corações continuam a ser… lupinos.

Jaime olhou de relance os seus dois jovens escudeiros, que pairavam por perto dos braseiros, fingindo não estar à escuta. Lewys Piper e Garrett Paege eram ambos filhos de senhores do rio. Ganhara amizade pelos dois, e detestaria ter de os entregar a Sor Ilyn.

— As cordas sugerem-me Dondarrion.

— O teu senhor do relâmpago não é o único homem que sabe como atar um laço. Não me faças falar do Lorde Beric. Está aqui, está ali, está em todo o lado, mas quando envias homens na sua peugada, evapora-se como orvalho. Os senhores do rio estão a ajudá-lo, não duvides disso nem por um

momento. Um maldito senhor das marcas, se dá para acreditar em tal coisa. Um dia ouves dizer que o homem está morto, no segundo contam-te como ele não pode ser morto. — Sor Daven pousou a taça de vinho. — Os meus batedores falam de fogueiras nos lugares elevados durante a noite. Fogueiras sinaleiras, julgam eles… como se houvesse um anel de vigilantes a toda a nossa volta. E também há fogos nas aldeias. Algum novo deus…

Não, um antigo.

— Thoros, o sacerdote gordo de Myr que costumava beber com Robert, está com Dondarrion. — Jaime tinha a mão de ouro pousada na mesa. Tocou-a e viu o ouro cintilar à luz abafada dos braseiros. — Lidaremos com Dondarrion se tiver de ser, mas o Peixe Negro tem de vir primeiro. Ele tem de saber que a sua causa é desesperada. Tentaste negociar com ele?

— Sor Ryman tentou. Foi a cavalo até aos portões do castelo, meio bêbado e fanfarrão, a fazer ameaças. O Peixe Negro apareceu nas ameias durante o tempo suficiente para dizer que não desperdiçaria boas palavras com homens daninhos. E então espetou uma seta na garupa do palafrém de Ryman. O cavalo empinou-se, o Frey caiu na lama, e eu ri-me tanto que quase me mijei. Se fosse eu, naquele castelo, teria enfiado aquela seta na garganta mentirosa de Ryman.

— Eu hei-de usar um gorjal quando for negociar com ele — disse Jaime, com um meio sorriso. — Tenciono oferecer-lhe condições generosas. — Se pudesse pôr fim àquele cerco sem derramamento de sangue, então não poderia dizer-se que pegara em armas contra a Casa Tully.

— Tenta à vontade, mas eu duvido que as palavras saiam vitoriosas. Temos de tomar o castelo de assalto.

Tinha havido uma época, não há muito tempo, em que Jaime aconselharia, sem a menor dúvida, o mesmo curso de acção. Sabia que não podia ficar ali durante dois anos para derrotar o Peixe Negro pela fome.

— Façamos o que fizermos, temos de o fazer depressa — disse a Sor Daven. — O meu lugar é em Porto Real, com o rei.

— Pois — disse o primo. — Não duvido de que a tua irmã precise de ti. Porque foi que ela mandou embora o Sor Kevan? Julgava que o ia nomear

Mão.

— Ele não quis aceitar o cargo. — *Não foi tão cego como eu fui.*

— Kevan devia ser Protector do Oeste. Ou tu. Não que eu não esteja grato pela honra, nota, mas o nosso tio tem duas vezes a minha idade e mais experiência de comando. Espero que saiba que eu nunca pedi isto.

— Ele sabe.

— Como está Cersei? Tão bela como sempre?

— Deslumbrante. — *Instável*. — Dourada. — *Falsa como ouro dos tolos*. Na noite anterior sonhara que dera com ela a foder o Rapaz Lua. Matara o bobo e fizera em lascas os dentes da irmã com a mão de ouro, tal como Gregor Clegane fizera à pobre Pia. Nos seus sonhos, Jaime tinha sempre duas mãos; uma era feita de ouro, mas funcionava tão bem como a outra. — Quanto mais depressa nos despacharmos com Correrrio, mais depressa regressarei para junto de Cersei. — O que Jaime faria então, não sabia.

Conversou com o primo durante mais uma hora antes do Protector do Oeste finalmente se retirar. Depois de ele partir, Jaime prendeu a mão de ouro e o manto castanho para ir caminhar por entre as tendas.

Em boa verdade, gostava daquela vida. Sentia-se mais confortável entre soldados, em campo, do que alguma vez se sentira na corte. E os seus homens pareciam também confortáveis com ele. Junto a uma fogueira, três besteiros ofereceram-lhe um pouco da lebre que tinham apanhado. Junto a outra, um jovem cavaleiro pediu-lhe conselhos quando à melhor maneira de se defender contra um martelo de guerra. Em baixo, junto ao rio, observou duas lavadeiras que travavam uma justa na água pouco profunda, aos ombros de um par de homens de armas. As raparigas estavam meio bêbadas e seminuas, rindo e batendo uma na outra com mantos enrolados, enquanto uma dúzia de outros homens as incentivavam. Jaime apostou uma estrela de cobre na rapariga loura que montava Raff, o Querido, e perdeu-a quando as duas caíram à água por entre os juncos.

Do outro lado do rio, lobos uivavam, e o vento soprava em rajadas através de um maciço de salgueiros, fazendo os seus ramos contorcer-se e

suspirar. Jaime encontrou Sor Ilyn Payne sozinho em frente da tenda, a passar uma pedra de amolar pela espada.

— Vem — disse, e o cavaleiro silencioso ergueu-se, com um pequeno sorriso. *Ele gosta disto*, compreendeu. *Agrada-lhe humilhar-me todas as noites. Talvez lhe agradasse ainda mais matar-me*. Gostava de acreditar que estava a melhorar, mas as melhorias eram lentas e não aconteciam sem um preço. Por baixo do aço, lã e couro fervido que trajava, Jaime Lannister era uma tapeçaria de golpes, crostas de sangue e nódoas negras.

Uma sentinela desafiou-os ao saírem do acampamento com os cavalos pela arreata. Jaime deu uma palmada no ombro do homem com a mão de ouro.

— Fica vigilante. Há lobos por aí. — Voltaram, ao longo do Ramo Vermelho, até às ruínas de uma aldeia por onde tinham passado nessa tarde. Foi aí que dançaram a sua dança da meia-noite, entre pedras enegrecidas e velhas cinzas frias. Durante algum tempo, Jaime teve supremacia. Talvez a velha perícia *estivesse* a regressar, permitiu-se pensar. Talvez naquela noite fosse Payne quem iria dormir magoado e ensanguentado.

Foi como se Sor Ilyn tivesse ouvido os seus pensamentos. Parou indolentemente o último golpe de Jaime e lançou um contra-ataque que empurrou Jaime para o rio, onde a bota escorregou de debaixo de si, na lama. Acabou de joelhos, com a espada do cavaleiro silencioso na garganta e a sua perdida entre os canaviais. Ao luar, as marcas de bexigas na cara de Payne eram grandes como crateras. Ele fez aquele som de estalar que podia ter sido uma gargalhada e fez correr a espada pela garganta de Jaime acima até a ponta repousar entre os seus lábios. Só então recuou e embainhou o aço.

Teria feito melhor se desafiasse Raff, o Querido, com uma rameira às costas, pensou Jaime enquanto sacudia lama da mão dourada. Parte de si desejou arrancar aquela coisa e atirá-la ao rio. Não prestava para nada, e a esquerda não era muito melhor. Sor Ilyn voltara para junto dos cavalos, deixando-o sozinho para se pôr em pé. *Pelo menos ainda tenho duas coisas dessas.*

O último dia da viagem foi frio e ventoso. O vento matraqueava por entre os ramos nos bosques nus e castanhos e fazia os juncos do rio dobrarem-se muito ao longo do Ramo Vermelho. Até coberto com a lã do manto de Inverno da Guarda Real, Jaime conseguia sentir os dentes de ferro desse vento enquanto avançava ao lado do primo Daven. Foi ao fim da tarde que avistaram Correrrio, erguendo-se da ponta estreita onde o Pedregoso se juntava ao Ramo Vermelho. O castelo Tully parecia um grande navio de pedra com a sua proa a apontar para jusante. As suas muralhas de arenito estavam ensopadas em luz de um tom dourado de vermelho, e pareciam mais altas e mais espessas do que Jaime recordava. *Esta noz não se quebrará com facilidade*, pensou sombriamente. Se o Peixe Negro não lhe desse ouvidos, não teria alternativa a quebrar a promessa que fizera a Catelyn Stark. A promessa que fizera ao seu rei tinha primazia.

O dique que atravessava o rio e os três grandes acampamentos do exército sitiante eram precisamente como o primo descrevera. O acampamento de Sor Ryman Frey, a norte do Pedregoso, era o maior e o mais desordenado. Um grande cadafalso cinzento erguia-se acima das tendas, tão alto como qualquer trabuco. Nele encontrava-se uma figura solitária com uma corda em volta do pescoço. *Edmure Tully*. Jaime sentiu um acesso de piedade. *Mantê-lo ali em pé dia após dia, com aquele laço em volta do pescoço… mais valia cortar-lhe a cabeça e despachar o assunto*.

Por trás do cadafalso, tendas e fogueiras para cozinhar espalhavam-se numa desordem irregular. Os fidalgos Frey e seus cavaleiros tinham erguido os pavilhões confortavelmente a montante das fossas das latrinas; para jusante ficavam casinhotos lamacentos, carroças e carros de bois.

— Sor Ryman não quer que os seus rapazes se aborreçam, de modo que lhes dá rameiras e lutas de galos e de ursos — disse Sor Devan. — Até arranjou o raio de um *cantor*. A nossa tia trouxe o Wat Sorriso-Branco de Lanisporto, se consegues crer em tal coisa, de modo que Ryman tinha também de ter um cantor. Não podíamos simplesmente represar o rio e afogar aquela cambada toda, primo?

Jaime via arqueiros a deslocar-se por trás dos merlões nas ameias do castelo. Por cima deles agitavam-se os estandartes da Casa Tully, a truta prateada desafiante no seu campo listado de vermelho e azul. Mas na torre mais alta esvoaçava uma bandeira diferente; um longo estandarte branco decorado com o lobo gigante de Stark.

— Da primeira vez que vi Correrrio, era um escudeiro tão verde como a relva estival — disse Jaime ao primo. — O velho Sumner Crakehall mandou-me entregar uma mensagem, uma mensagem que ele jurou que não poderia ser confiada a um corvo. O Lorde Hoster reteve-me durante uma quinzena enquanto cismava na resposta, e sentou-me ao lado da filha Lysa a cada refeição.

— Pouco admira que tenhas vestido o branco. Eu teria feito o mesmo.

— Oh, a Lysa não era tão temível como isso. — Fora uma rapariga bonita, em boa verdade; com covinhas no rosto e delicada, de longos cabelos ruivos. *Mas tímida. Dada a silêncios de língua atada e ataques de riso, sem nenhum do fogo de Cersei*. A irmã mais velha parecera mais interessante, embora Catelyn estivesse prometida a um rapaz nortenho qualquer, o herdeiro de Winterfell… mas nessa idade nenhuma rapariga chegava sequer perto de interessar tanto Jaime como o famoso irmão de Hoster, que ganhara renome a combater os Reis dos Nove Vinténs nos Degraus. À mesa ignorara a pobre Lysa, enquanto pressionava Brynden Tully, pedindo-lhe histórias sobre Maelys, o Monstruoso, e o Príncipe de Ébano. *Sor Brynden era mais novo do que eu sou agora, reflectiu Jaime, e eu era mais novo do que Peck.*

O mais próximo dos vaus do Ramo Vermelho ficava a montante do castelo. Para chegar ao acampamento de Sor Daven, tinham de atravessar o de Emmon Frey, passando pelos pavilhões dos senhores do rio que tinham dobrado os joelhos e sido aceites de volta à paz do rei. Jaime reparou nos estandartes de Lychester e Vance, de Roote e Goodbrood, nas bolotas da Casa Smallford e na donzela dançante do Lorde Piper, mas as bandeiras que *não* viu deram-lhe que pensar. A águia prateada de Mallister não se via em lado nenhum; nem o cavalo vermelho de Bracken, o salgueiro dos Ryger, as

serpentes entrelaçadas de Paege. Embora todos tivessem renovado a sua lealdade ao Trono de Ferro, nenhum tinha vindo juntar-se ao cerco. Jaime sabia que os Bracken estavam a guerrear com os Blackwood, o que explicava a sua ausência, mas os outros…

Os nossos novos amigos não são amigos nenhuns. A sua lealdade não chega mais fundo do que as peles. Correrrio tinha de ser tomado, e depressa. Quanto mais tempo o cerco se arrastasse, mais ânimo daria a outros recalcitrantes, como Tytos Blackwood.

No vau, Sor Kennos de Kayce soprou o Corno de Herrock. *Isso deve trazer o Peixe Negro às ameias*. Sor Hugo e Sor Dermot indicaram a Jaime o caminho através do rio, fazendo espirrar as lamacentas águas vermelhas acastanhadas com o estandarte branco da Guarda Real e o veado e leão de Tommen a esvoaçar ao vento. O resto da coluna seguiu-os de perto.

O acampamento Lannister ressoava com o som de martelos de madeira, vindo de onde uma nova torre de cerco estava a erguer-se. Outras duas torres estavam completas, meio cobertas por peles de cavalo por curtir. Entre ambas encontrava-se um aríete rolante; um tronco de árvore com a ponta endurecida pelo fogo, suspenso de correntes sob uma cobertura de madeira. *O meu primo não tem estado parado, parece*.

— Senhor — perguntou Peck — onde quereis a vossa tenda?

— Ali, naquela elevação. — Apontou com a mão de ouro, embora não se adequasse bem a tal tarefa. — Ali a logística, as linhas dos cavalos acolá. Usaremos as latrinas que o meu primo tão bondosamente cavou para nós. Sor Addam, inspeccionai o nosso perímetro com os olhos abertos para quaisquer fraquezas. — Jaime não previa um ataque, mas também não previra o Bosque dos Murmúrios.

— Devo convocar os furões para um conselho de guerra? — perguntou Daven.

— Só depois de eu ter falado com o Peixe Negro. — Jaime chamou com um gesto o Jon Imberbe Bettley. — Saca de um estandarte de paz e leva uma mensagem ao castelo. Informa Sor Brynden Tully de que quero trocar

ideias com ele, à primeira luz da aurora. Irei até à borda do fosso e encontrar-me-ei com ele na sua ponte levadiça.

Peck pareceu alarmado.

— Senhor, os arqueiros podiam…

— Não o farão. — Jaime desmontou. — Erguei a minha tenda e plantai os meus estandartes. — *E veremos quem vem a correr, e com que rapidez.*

Não precisou de muito tempo. Pia estava atarefada com um braseiro, tentando acender as brasas. Peck foi ajudá-la. Nos últimos tempos, era frequente que Jaime adormecesse com o som dos dois a foder a um canto da tenda. Enquanto Garrett desprendia as fivelas das grevas de Jaime, a aba da tenda abriu-se.

— Finalmente chegaste, foi? — trovejou a sua tia. Enchia a porta, com o marido a espreitar de trás dela. — Já era mais que tempo. Não tens um abraço a dar à tua velha tia gorda? — Estendeu os braços e não lhe deixou alternativa a ir abraçá-la.

Genna Lannister fora uma mulher bem feita na juventude, sempre a ameaçar transbordar do corpete. Agora, a única forma que tinha era o quadrado. A cara era larga e lisa, o pescoço um grosso pilar cor-de-rosa, o busto enorme. Transportava carne suficiente para fazer dois maridos. Jaime abraçou-a obedientemente e esperou que a mulher lhe beliscasse a orelha. Ela beliscava-lhe a orelha desde sempre, mas naquele dia absteve-se. Em vez disso, espetou-lhe beijos moles e descuidados nas bochechas.

— Lamento a tua perda.

— Mandei fazer uma mão nova, de ouro. — E mostrou-lhe.

— Muito lindo. Também te farão um pai de ouro? — A voz da Senhora Genna era penetrante. — A perda a que me referia era Tywin.

— Um homem como Tywin Lannister só surge uma vez em mil anos — declarou o seu marido. Emmon Frey era um homem rabugento de mãos nervosas. Podia pesar sessenta quilos… mas só molhado, e vestido de cota de malha. Era um espeto envolto em lã, sem queixo que se visse, falha essa que a proeminência da maçã que a garganta ostentava tornava ainda mais

absurda. Metade do seu cabelo desaparecera antes de ele fazer trinta anos. Agora, tinha sessenta, e só restavam uns poucos fiapos brancos.

— Têm-nos chegado nos últimos tempos umas histórias estranhas — disse a Senhora Genna, depois de Jaime ter mandado embora Pia e os escudeiros. — Uma mulher quase não consegue saber em que acreditar. Poderá ser verdade que Tyrion matou Tywin? Ou é alguma calúnia que a tua irmã fez constar?

— É bem verdade. — O peso da mão de ouro tornara-se penoso. Remexeu nas correias que a prendiam ao pulso.

— Um filho erguer a mão contra um pai — disse Sor Emmon. — Monstruoso. São dias negros, os que vivemos em Westeros. Temo por todos nós com o Lorde Tywin desaparecido.

— Temias por todos nós quando ele estava entre os vivos. — Genna instalou a sua ampla garupa num banco de acampar, o qual rangeu de forma alarmante sob o seu peso. — Sobrinho, fala-nos do nosso filho Cleos e do modo como morreu.

Jaime desprendeu a última fivela e pôs a mão de lado.

— Fomos emboscados por foras-da-lei. Sor Cleos fê-los dispersar, mas isso custou-lhe a vida. — A mentira surgiu facilmente; viu que lhes tinha agradado.

— O rapaz tinha coragem, sempre o disse. Estava-lhe no sangue. — Uma espuma rosada cintilava nos lábios de Sor Emmon quando falava, graças à folhamarga que gostava de mascar.

— Os seus ossos deviam ser enterrados sob o Rochedo, no Salão dos Heróis — declarou a Senhora Genna. — Onde foi ele posto em repouso?

Em sítio nenhum. Os Saltimbancos Sangrentos despiram-lhe o cadáver e deixaram a carne para banquetear os corvos.

— Junto a um ribeiro — mentiu. — Quando esta guerra terminar, encontrarei o sítio e mandá-lo-ei para casa. — Ossos eram ossos; naqueles dias, nada era mais fácil de arranjar.

— Esta guerra… — O Lorde Emmon limpou a garganta, fazendo mover a maçã-de-adão para cima e para baixo. — Devereis ter visto as máquinas

de cerco. Aríetes, trabucos, torres. Não pode ser, Jaime. Daven pretende quebrar as minhas muralhas, esmagar os meus portões. Ele fala de alcatrão a arder, de incendiar o castelo. O *meu* castelo. — Puxou uma manga para cima, tirou de lá um pergaminho e atirou-o à cara de Jaime. — Tenho o decreto. Assinado pelo rei, por Tommen, vedes?, o selo real, o veado e o leão. Sou o legítimo senhor de Correrrio, e não o quero reduzido a uma ruína fumegante.

— Oh, guarda essa patetice — exclamou a mulher. — Enquanto o Peixe Negro se mantiver dentro de Correrrio bem podes limpar o rabo a esse papel, com todo o bem que ele nos traz. — Embora fosse uma Frey há cinquenta anos, a Senhora Genna continuava a ser muito Lannister. *Uma grande quantidade de Lannister*. — O Jaime entrega-te o castelo.

— Com certeza — disse o Lorde Emmon. — Sor Jaime, a fé que o senhor vosso pai depositou em mim não foi mal dirigida, vereis. Pretendo ser firme, mas justo, com os meus novos vassalos. Blackwood e Bracken, Jason Mallister, Vance e Piper, todos aprenderão que têm um suserano justo em Emmon Frey. E o meu pai também, sim. Ele é o Senhor da Travessia, mas *eu* sou o Senhor de Correrrio. Um filho tem o dever de obedecer ao pai, é verdade, mas um vassalo tem de obedecer ao seu suserano.

Oh, pela bondade dos deuses.

— Vós não sois suserano dele, sor. Lede o vosso pergaminho. Foi-vos atribuído Correrrio com as suas terras e rendimentos, nada mais. Petyr Baelish é o Senhor Supremo do Tridente. Correrrio ficará sujeito à lei de Harrenhal.

Aquilo não agradou ao Lorde Emmon.

— Harrenhal é uma ruína, assombrada e amaldiçoada — objectou — e Baelish… o homem é um contador de moedas, não um senhor como deve ser, o seu nascimento…

— Se estais descontente com as nomeações, ide a Porto Real e levai o assunto à minha querida irmã. — Não tinha dúvidas de que Cersei devoraria Emmon Frey e palitaria os dentes com os seus ossos. *Isto é, se não estiver demasiado ocupada a foder o Osmund Kettleblack.*

A Senhora Genna soltou uma fungadela.

— Não há necessidade de incomodar Sua Graça com um tal disparate. Emm, porque é que não vais até lá fora apanhar um pouco de ar?

— Um pouco de ar?

— Ou uma longa mijadela, se preferires. O meu sobrinho e eu temos assuntos de *família* a discutir.

O Lorde Emmon corou.

— Sim, isto aqui está quente. Eu esperarei lá fora, senhora. Sor. — Sua senhoria enrolou o pergaminho, esboçou uma vénia dirigida a Jaime, e saiu da tenda com um passo pouco seguro.

Era difícil não sentir desprezo por Emmon Frey. Chegara a Rochedo Casterly no seu décimo quarto ano para casar com uma leoa com metade da sua idade. Tyrion costumava dizer que o Lorde Tywin lhe dera uma barriga nervosa como presente de casamento. *Genna também desempenhou o seu papel*. Jaime lembrava-se de muitos banquetes em que Emmon ficava a espetar, carrancudo, os talheres na comida enquanto a esposa trocava gracejos obscenos com qualquer que fosse o cavaleiro doméstico que se encontrasse sentado à sua esquerda, em conversas que eram interrompidas por sonoros ataques de riso. *Ela deu ao Frey quatro filhos, é certo. Pelo menos diz que são dele*. E ninguém em Rochedo Casterly tivera a coragem de sugerir o contrário, especialmente Sor Emmon.

Assim que ele saiu, a senhora sua esposa rolou os olhos.

— O meu dono e senhor. Em que *estava* o teu pai a pensar, para o nomear Senhor de Correrrio?

— Imagino que estivesse a pensar nos vossos filhos.

— Eu também penso neles. Emm dará um senhor miserável. Ty poderá sair-se melhor, se tiver o bom senso de aprender comigo e não com o pai. — Passou os olhos pela tenda. — Tens vinho?

Jaime descobriu um jarro e serviu-a, com uma mão só.

— Porque estais aqui, senhora? Devíeis ter permanecido em Rochedo Casterly até os combates terminarem.

— Assim que Emm soube que era um senhor, teve de vir imediatamente reclamar o que lhe pertencia. — A Senhora Genna bebeu um gole e limpou a boca na manga. — O teu pai devia ter-nos dado Darry. Cleos casou-se com uma das filhas do homem do arado, se bem te lembras. A sua chorosa viúva está furiosa por as terras do senhor seu pai não terem sido entregues aos filhos. A Ami Portão é Darry só pelo lado da mãe. A minha nora Jeyne é sua tia, irmã da Senhora Mariya.

— Uma irmã mais nova — fez-lhe lembrar Jaime — e Ty ficará com Correrrio, uma recompensa melhor do que Darry.

— Uma recompensa envenenada. A Casa Darry está extinta pela linhagem masculina, a Casa Tully não está. Aquele cabeça de carneiro do Sor Ryman põe um laço à volta do pescoço de Edmure, mas não o quer enforcar. E Roslin Frey tem uma truta a crescer-lhe na barriga. Os meus netos nunca estarão seguros em Correrrio enquanto algum Tully permanecer vivo.

Jaime sabia que ela não se enganava.

— Se Roslin tiver uma rapariga…

— … ela poderá casar-se com Ty, desde que o velho Lorde Walder consinta. Sim, já tinha pensado nisso. Mas há a mesma probabilidade de sair um rapaz, e a sua pichinha enevoaria o assunto. E se Sor Brynden sobreviver ao cerco, pode sentir-se inclinado a reclamar Correrrio em seu próprio nome… ou no nome do jovem Robert Arryn.

Jaime lembrava-se do pequeno Robert de Porto Real, ainda a mamar nas mamas da mãe aos quatro anos.

— O Arryn não viverá o suficiente para gerar descendência. E porque haveria o Senhor do Ninho de Águia de precisar de Correrrio?

— Porque é que um homem com um pote de ouro precisa de outro? Os homens são cobiçosos. Tywin devia ter concedido Correrrio a Kevan e Darry a Emm. Ter-lho-ia dito se ele se tivesse incomodado em perguntar-me, mas quando foi que o teu pai alguma vez consultou alguém além de Kevan? — Soltou um profundo suspiro. — Não culpo Kevan por querer a propriedade mais segura para o filho, nota. Conheço-o bem demais.

— O que Kevan quer e o que Lancel deseja parecem ser duas coisas diferentes. — Contou-lhe a decisão que Lancel tomara de renunciar a esposa, terras e senhoria para lutar pela Fé Sagrada. — Se ainda quiserdes Darry, escrevei a Cersei a apresentai os vossos argumentos.

A Senhora Genna sacudiu a taça numa rejeição.

— Não, esse cavalo já abandonou o pátio. Emm tem enfiado na sua cabeça bicuda que vai governar as terras fluviais. E Lancel… suponho que devíamos ter visto que isto vinha aí. Afinal de contas, uma vida passada a proteger o Alto Septão não é assim tão diferente duma vida passada a proteger o rei. Temo que Kevan fique furioso. Tão furioso como Tywin ficou quando tu meteste na cabeça vestir o branco. Pelo menos Kevan ainda tem Martyn para herdeiro. Pode casá-lo com a Ami Portão em lugar de Lancel. Que os Sete nos salvem a todos. — A tia soltou um suspiro. — E por falar nos Sete, porque haveria Cersei de permitir que a Fé se voltasse a armar?

Jaime encolheu os ombros.

— Tenho a certeza de que teve motivos.

— Motivos? — A Senhora Genna soltou um ruído mal educado. — É bom que sejam *bons* motivos. Os Espadas e Estrelas incomodaram até os Targaryen. O próprio Conquistador movia-se com cautela no que tocava à Fé, para que não se lhe opusessem. E quando Aegon morreu e os lordes se ergueram contra os filhos, ambas as ordens estiveram no âmago dessa rebelião. Os senhores mais piedosos apoiavam-nos, bem como muitos dos plebeus. O Rei Maegor acabou por ter de lhes colocar a cabeça a prémio. Pagou um dragão pela cabeça de um Filho do Guerreiro impenitente, e um veado de prata pelo escalpe de um Pobre Companheiro, se bem me lembro da minha história. Milhares foram mortos, mas quase outros tantos continuaram a vaguear pelo reino, em desafio, até que o Trono de Ferro matou Maegor e o Rei Jaehaerys concordou em perdoar todos aqueles que pusessem de lado as suas espadas.

— Tinha-me esquecido da maior parte disso — confessou Jaime.

— Tanto tu como a tua irmã. — Bebeu mais um trago de vinho. — É verdade que Tywin estava a sorrir no velório?

— Estava a apodrecer no velório. Isso fez com que a boca se lhe torcesse.

— Não passou disso? — Aquilo pareceu entristecê-la. — Os homens dizem que Tywin nunca sorria, mas sorriu quando se casou com a tua mãe, e quando Aerys o nomeou Mão. Quando o Solar Tarbeck ruiu sobre a Senhora Ellyn, essa cadela intriguista, Tyg afirmou que ele sorriu nesse momento. E sorriu no vosso parto, Jaime, vi-o com os meus próprios olhos. Tu e Cersei, rosados e perfeitos, tão parecidos como duas gotas de água… bem, excepto entre as pernas. Os *pulmões* que tínheis!

— Ouvi-nos rugir. — Jaime sorriu. — A seguir ireis dizer-me como ele gostava de rir.

— Não. Tywin desconfiava do riso. Ouvira demasiadas pessoas a rir do teu avô. — Franziu o sobrolho. — Garanto-te, esta farsa de cerco não o teria divertido. Como pretendes acabar com ela, agora que estás aqui?

— Negociando com o Peixe Negro.

— Isso não resultará.

— Tenciono oferecer-lhe boas condições.

— Condições exigem confiança. Os Frey assassinaram convidados sob o seu tecto, e tu, bem… não pretendo ofender, meu amor, mas *mataste* um certo rei que tinhas jurado proteger.

— E matarei o Peixe Negro se ele não se render. — O seu tom era mais ríspido do que pretendera, mas não estava com disposição para que lhe atirassem com Aerys Targaryen à cara.

— Como, com a língua? — A voz dela era escarninha. — Eu posso ser uma velha gorda, mas não tenho queijo entre as orelhas, Jaime. E o Peixe Negro também não. Ameaças vazias não o intimidarão.

— O que aconselharíeis?

Ela encolheu pesadamente os ombros.

— Emm quer a cabeça de Edmure cortada. Por uma vez, pode ser que tenha razão. Sor Ryman transformou-nos em motivo de galhofa com aquele

seu cadafalso. Tens de mostrar a Sor Brynden que as tuas ameaças têm dentes.

— Matar Edmure poderá endurecer a determinação de Sor Brynden.

— Determinação é uma coisa que nunca faltou a Brynden Peixe Negro. Hoster Tully poderia ter-te dito isso. — A Senhora Genna bebeu o resto do vinho. — Bem, eu nunca ousaria dizer-te como travar uma guerra. Sei qual é o meu lugar… ao contrário da tua irmã. É verdade que Cersei incendiou a Fortaleza Vermelha?

— Só a Torre da Mão.

A tia rolou os olhos.

— Teria feito melhor se tivesse deixado ficar a torre e queimado a Mão. Harys *Swyft*? Se algum homem algum dia mereceu as suas armas, esse homem é Sor Harys. E Gyles Rosby, que os Sete nos salvem, eu pensava que ele tinha morrido há anos. Merryweather… o teu pai costumava chamar ao avô dele "o risotas", é bom que saibas. Tywin afirmava que a única coisa em que o Merryweather era bom era em rir-se dos ditos de espírito do rei. Sua senhoria atirou-se na risota para o exílio, se bem me lembro. Cersei pôs também um bastardo qualquer no conselho, e uma panela na Guarda Real. Tem a Fé a armar-se e os bravosianos a exigir o pagamento de empréstimos por todo Westeros. Nada disso estaria a acontecer se tivesse tido o simples bom senso de fazer do vosso tio Mão do Rei.

— Sor Kevan recusou o cargo.

— Foi o que ele disse. Não disse porquê. Houve muitas coisas que ele não disse. Não *quis* dizer. — A Senhora Genna fez uma careta. — Kevan *sempre* fez o que lhe era pedido. Não parece dele virar as costas ao dever, qualquer que ele seja. Há aqui algo de errado, consigo cheirá-lo.

— Ele disse que estava cansado. — *Ele sabe*, dissera Cersei, estavam ambos junto ao cadáver do pai. *Ele sabe de nós*.

— Cansado? — A tia enrugou os lábios. — Imagino que tenha direito a estar cansado. Foi duro para Kevan viver a vida inteira à sombra de Tywin. Foi duro para todos os meus irmãos. Essa sombra que Tywin deitava era longa e negra, e todos eles tiveram de lutar para encontrar um pouco de sol.

Tygett tentou valer por si próprio, mas nunca conseguiu igualar o teu pai, e isso só o foi enchendo mais de raiva à medida que os anos foram passando. Gerion fazia gracejos. Mais vale troçar do jogo do que jogar e perder. Mas Kevan viu bem cedo em que pé as coisas estavam, de modo que arranjou para si um lugar ao lado do teu pai.

— E vós? — perguntou-lhe Jaime.

— O jogo não é para raparigas. Eu era a preciosa princesa do meu pai… e também a de Tywin até o desapontar. O meu irmão nunca aprendeu a gostar do sabor do desapontamento. — Pôs-se em pé. — Já disse o que vim dizer, não tomarei mais do teu tempo. Faz o que Tywin teria feito.

— Amávei-lo? — Ouviu-se Jaime a perguntar.

A tia olhou-o com uma expressão estranha.

— Tinha sete anos quando Walder Frey convenceu o senhor meu pai a dar a minha mão a Emm. O seu *segundo* filho, nem sequer o seu herdeiro. O pai fora um terceiro filho, e filhos mais novos anseiam pela aprovação de quem tem uma idade mais avançada. O Frey detectou nele essa fraqueza, e o pai concordou por nenhum motivo melhor do que agradar-lhe. O meu noivado foi anunciado num banquete em que metade do ocidente se encontrava presente. Ellyn Tarbeck riu-se e o Leão Vermelho saiu furioso do salão. Os outros sentaram-se em cima das línguas. Só Tywin se atreveu a falar contra a união. Um rapaz de dez anos. O pai ficou branco como leite de égua, e Walder Frey estava a *tremer*. — Sorriu. — Como podia não o amar depois daquilo? Isso não é o mesmo que dizer que aprovei tudo o que ele fez, ou que tenha apreciado muito a companhia do homem em que se tornou… mas todas as rapariguinhas precisam de um irmão grande para as proteger. Tywin era grande mesmo em pequeno. — Soltou um suspiro. — Quem nos protegerá agora?

Jaime beijou-a no rosto.

— Ele deixou um filho.

— Sim, deixou. É isso o que eu temo mais, em boa verdade.

Aquilo era um comentário estranho.

— Porque haveríeis de temer?

— Jaime — disse ela, puxando-lhe a orelha — querido, eu conheço-te desde que eras um bebé ao colo de Joanna. Sorris como Gerion e lutas como Tyg, e há um pouco de Kevan em ti, caso contrário não usarias esse manto… mas o filho de Tywin é *Tyrion*, não tu. Eu disse-o uma vez na cara do teu pai, e ele não me falou durante meio ano. Os homens são uns palermas tão monumentais. Até aqueles que aparecem uma vez a cada mil anos.

OceanofPDF.com

GATA DOS CANAIS

Acordou antes de o Sol nascer, no pequeno quarto sob a caleira que partilhava com as filhas de Brusco.

A Gata era sempre a primeira a acordar. Estava quente e aconchegada sob as mantas, com Talea e Brea. Ouvia os sons suaves da respiração das raparigas. Quando se moveu, sentando-se e procurando os chinelos às apalpadelas, Brea resmungou um protesto sonolento e virou-se para o outro lado. O frio das paredes de pedra cinzenta encheu a Gata de pele de galinha. Vestiu-se depressa na escuridão. Ao enfiar a túnica pela cabeça, Talea abriu os olhos e pediu:

— Gata, sê amiga e traz-me a minha roupa. — Era uma rapariga desajeitada, toda ela pele, ossos e cotovelos, sempre a queixar-se do frio.

Gata foi buscar-lhe a roupa, e Talea enfiou-se nela por baixo das mantas. Juntas, puxaram da cama a irmã mais velha de Talea, enquanto Brea resmungava ameaças sonolentas.

Quando as três desceram a escada que levava ao quarto sob a caleira, Brusco e os filhos já se encontravam no barco, no pequeno canal por trás da casa. Brusco ladrou às raparigas para que se apressassem, como fazia todas as manhãs. Os filhos ajudaram Talea e Brea a entrar no barco. Cabia a Gata desamarrar a embarcação do pilar, atirar a corda a Brea e empurrar o barco para longe da doca com um pé enfiado numa bota. Os filhos de Brusco encostaram-se às suas varas. Gata correu e saltou por cima do espaço vazio, que se alargava, entre doca e convés.

Depois disso, ficou sem nada para fazer além de se manter sentada a bocejar durante muito tempo, enquanto Brusco e os filhos os empurravam através da escuridão que antecedia a alvorada, ao longo de uma confusão de pequenos canais. O dia parecia ir ser um dos raros: nítido, limpo e luminoso. Bravos só tinha três tipos de tempo; nevoeiro era mau, chuva era pior, e chuva gelada era o pior de tudo. Mas de vez em quando chegava uma manhã em que a alvorada rebentava em tons de rosa e azul e o ar ficava vivificante e salgado. Esses eram os dias de que a Gata mais gostava.

Quando chegaram à larga e recta via aquática que era o Longo Canal, viraram para sul na direcção do mercado de peixe. Gata sentou-se de pernas cruzadas, reprimindo um bocejo e tentando lembrar-se dos detalhes do seu sonho. *Sonhei que era de novo um lobo*. Aquilo de que se conseguia lembrar melhor eram os cheiros: árvores e terra, os seus irmãos de alcateia, os odores a cavalo, veado e homem, todos diferentes uns dos outros, e o penetrante cheiro acre do medo, sempre igual. Em certas noites, os sonhos de lobo eram tão vívidos que conseguia ouvir os irmãos a uivar mesmo quando acordava, e uma vez Brea afirmara que ela rosnava no sono enquanto esperneava sob as mantas. Achara que aquilo era alguma mentira estúpida, mas Talea dissera o mesmo.

Não devia andar a sonhar sonhos de lobo, disse a rapariga a si própria. *Agora sou uma gata, não uma loba. Sou a Gata dos Canais*. Os sonhos de lobo pertenciam a Arya da Casa Stark. Mas por mais que tentasse, não conseguia livrar-se de Arya. Não fazia qualquer diferença dormir sob o templo ou no pequeno quarto sob a caleira com as filhas de Brusco; os sonhos de lobo continuavam a assombrá-la durante a noite… e por vezes outros sonhos também.

Os sonhos de lobo eram os bons. Nos sonhos de lobo, ela era rápida e forte, perseguindo as presas com a alcateia atrás de si. Era o outro sonho que odiava, aquele em que tinha duas patas em vez de quatro. Nesse, andava sempre à procura da mãe, aos tropeções por uma terra devastada de lama, sangue e fogo. Estava sempre a chover nesse sonho, e ela conseguia ouvir a mãe a gritar, mas um monstro com uma cabeça de cão não a queria largar para que a fosse salvar. Nesse sonho, estava sempre a chorar, como uma rapariguinha assustada. *Os gatos nunca choram*, disse a si própria, *tal como os lobos. É só um sonho estúpido.*

O Longo Canal levou o barco de Brusco a passar sob as cúpulas verdes de cobre do Palácio da Verdade e das grandes torres quadradas dos Prestayn e Antaryon, antes de passar sob os imensos arcos cinzentos do rio de água doce e entrar no bairro conhecido como Cidade de Lodo, onde os edifícios eram mais pequenos e menos grandiosos. Mais tarde, o canal ficaria

entupido de barcos serpentinos e barcaças, mas na escuridão que antecedia a aurora tinham a via quase só para si. Brusco gostava de chegar ao mercado de peixe na altura em que o Titã rugia para anunciar a chegada do sol. O som reverberaria pela lagoa, atenuado pela distância, mas ainda seria suficientemente forte para acordar a cidade adormecida.

Quando Brusco e os filhos amarraram o barco junto do mercado de peixe, este encontrava-se repleto de vendedores de arenques e peixeiras de bacalhau, apanhadores de ostras, cavadores de amêijoas, intendentes, cozinheiros, governantas e marinheiros vindos das galés, todos a regatear ruidosamente uns com os outros enquanto inspeccionavam o pescado da manhã. Brusco caminhava de barco em barco, examinando todo o marisco que encontrasse e batendo de tempos a tempos num barril ou grade com a bengala.

— Esta — dizia. — Sim. — *Tap tap*. — Esta. — *Tap tap*. — Não, essa não. Aqui. — *Tap*. Não era lá muito falador. Talea dizia que o pai era tão avaro com as palavras como com as moedas. Ostras, conquilhas, caranguejos, mexilhões, berbigões, por vezes grandes camarões… Brusco comprava de tudo, dependendo do que parecia melhor em cada dia. Cabia aos demais transportar para o barco as grades ou barris em que ele batia com a bengala. Brusco tinha problemas nas costas, e não conseguia erguer nada mais pesado do que uma caneca de cerveja castanha.

A Gata ficava sempre a feder a salitre e peixe quando empurravam o barco de volta para casa. Acostumara-se tanto ao cheiro que já quase nem o sentia. O trabalho não a incomodava. Quando os músculos lhe doíam de levantar coisas ou as costas ficavam doridas do peso de um barril, dizia a si própria que estava a ficar mais forte.

Uma vez todos os barris carregados, Brusco voltou a afastá-los do cais, e os filhos varejaram de volta pelo Longo Canal. Brea e Talea sentaram-se na parte da frente do barco, trocando segredos uma com a outra. A Gata sabia que estavam a falar do rapaz de Brea, aquele que a levava a trepar ao telhado para se encontrar com ele, depois de o pai adormecer.

— Aprende três coisas novas antes de voltares para nós — ordenara o homem amável a Gata, quando a enviara para a cidade. Ela fazia-o sempre. Por vezes não passavam de três palavras novas na língua de Bravos. Por vezes levava-lhe histórias de marinheiro, ou estranhos e maravilhosos acontecimentos do vasto mundo húmido que se estendia para lá das ilhas de Bravos, guerras e chuvas de sapos e dragões a eclodir. Por vezes aprendia três novos gracejos ou três novas adivinhas, ou truques de um ou outro ofício. E de vez em quando, ficava a saber de algum segredo.

Bravos era uma cidade feita para segredos, uma cidade de nevoeiros, máscaras e suspiros. A rapariga ficara a saber que a própria existência da cidade mantivera-se em segredo durante um século; a sua localização estivera escondida durante três vezes mais tempo.

— As Nove Cidades Livres são as filhas da Valíria de outrora — ensinara-lhe o homem amável — mas Bravos é o filho bastardo que fugiu de casa. Somos um povo mestiço, os filhos de escravos, prostitutas e ladrões. Os nossos antepassados vieram de meia centena de terras até aqui em busca de refúgio, para escapar aos senhores dos dragões que os tinham escravizado. Meia centena de deuses vieram com eles, mas existe um deus que todos tinham em comum.

— O Das Muitas Caras.

— E de muitos nomes — dissera o homem amável. — Em Qohor é a Cabra Preta, em Yi Ti o Leão da Noite, em Westeros o Estranho. Todos os homens têm de se lhe submeter no fim, não importa se adoram os Sete ou o Senhor da Luz, a Irmã da Lua, o Deus Afogado ou o Grande Pastor. Toda a humanidade lhe pertence… caso contrário algures no mundo haveria um povo que viveria para sempre. Conheces algum povo que viva para sempre?

— Não — respondera ela. — Todos os homens têm de morrer.

Gata encontrava sempre o homem amável à sua espera quando se esgueirava de volta ao templo no cume da noite em que a lua era negra.

— O que sabes agora que não sabias quando nos deixaste? — perguntava-lhe sempre ele.

— Sei o que o Beqqo Cego põe no molho quente que usa nas ostras — dizia ela. — Sei que os saltimbancos na Lanterna Azul vão apresentar *O Senhor do Semblante Desgraçado* e os saltimbancos do Navio querem responder com *Sete Remadores Bêbados*. Sei que o livreiro Lotho Lornel dorme na casa do Capitão-Mercador Moredo Prestayn sempre que o honrado capitão-mercador anda por fora em viagem, e se muda sempre que a *Raposa* regressa a casa.

— É bom saber essas coisas. E quem és tu?

— Ninguém.

— Mentes. És a Gata dos Canais, conheço-te bem. Vai dormir, filha. Amanhã tens de servir.

— Todos os homens têm de servir. — E era o que ela fazia, por três dias a cada trinta. Quando a lua estava negra, ela não era ninguém, apenas uma criada do Deus das Muitas Caras com uma veste preta e branca. Caminhava ao lado do homem amável por entre a escuridão odorífera, levando a sua lanterna de ferro. Lavava os mortos, revistava-lhes as roupas, e contava as suas moedas. Em certos dias ainda ajudava Umma a cozinhar, cortando grandes cogumelos brancos e amanhando peixe. Mas só quando a lua estava negra. Durante o resto do tempo era uma rapariga órfã com um par de botas gastas e grandes demais para os seus pés e um manto castanho de bainha esfarrapada que gritava "Mexilhões, amêijoas e conquilhas" enquanto empurrava o carro de mão pelo Porto do Trapeiro.

Sabia que a lua estaria negra naquela noite; na noite anterior não passara de uma lasca.

— O que sabes agora que não sabias quando nos deixaste? — perguntaria o homem amável assim que a visse. *Sei que Brea, a filha de Brusco, se encontra com um rapaz no telhado quando o pai está a dormir*, pensou. *Talea diz que Brea deixa que ele a toque, mesmo sendo ele só uma ratazana dos telhados, e que supostamente todas as ratazanas dos telhados são ladrões*. Mas essa era só uma coisa. Gata precisaria de mais duas. Não estava preocupada. Havia sempre coisas novas a aprender junto aos navios.

Quando regressaram a casa, a Gata ajudou os filhos de Brusco a descarregar o barco. Brusco e as filhas dividiram o marisco entre três carrinhos de mão, dispondo-o sobre camadas de algas.

— Voltai quando tudo estiver vendido — disse Brusco às raparigas, como fazia todas as manhãs, e elas partiram para apregoar o pescado. Brea levaria o seu carrinho de mão até ao Porto Púrpura, para vender aos marinheiros bravosianos cujos navios se encontravam ancorados aí. Talea experimentaria as vielas em volta da Lagoa da Lua, ou venderia entre os templos da Ilha dos Deuses. A Gata dirigiu-se para o Porto do Trapeiro, como fazia nove dias em dez.

Só aos bravosianos era permitido o uso do Porto Púrpura, da Cidade Afogada e do Palácio do Senhor do Mar; navios pertencentes às cidades irmãs e do resto do grande mundo tinham de usar o Porto do Trapeiro, um porto mais pobre, duro e sujo do que o Púrpura. Também era mais ruidoso, pois marinheiros e mercadores de meia centena de terras se aglomeravam nos seus molhes e vielas, misturando-se com aqueles que os serviam e os depredavam. Era o lugar de que a Gata mais gostava em Bravos. Gostava do barulho e dos cheiros estranhos, e de ver que navios tinham chegado na maré da noite e que navios haviam partido. Também gostava dos marinheiros; dos ruidosos tyroshi com as suas vozes trovejantes e barbas pintadas; dos lisenos de cabelos claros, sempre a tentar baixar os preços mais uma ninharia; dos atarracados e peludos marinheiros do Porto de Ibben, rosnando pragas em vozes baixas e ásperas. Os seus preferidos eram os ilhéus do verão, com as suas peles tão lisas e escuras como teca. Usavam mantos de penas vermelhas, verdes e amarelas, e os grandes mastros e velas brancas dos seus navios cisne eram magníficos.

E por vezes também havia gente de Westeros, remadores e marinheiros de carracas de Vilavelha, galés mercantes de Valdocaso, Porto Real e Vila Gaivota, cocas vinícolas de casco largo vindas da Árvore. A Gata conhecia as palavras bravosianas para mexilhões, conquilhas e amêijoas, mas ao longo do Porto do Trapeiro apregoava a mercadoria em língua franca, a língua dos ancoradouros, docas e tabernas de marinheiro, uma rude

confusão de palavras e frases numa dúzia de línguas, acompanhada por sinais e gestos de mãos, a maioria dos quais insultuosos. Era desses que a Gata mais gostava. Qualquer homem que a incomodasse habilitava-se a ver a figa, ou a ouvir-se descrito como caralho de burro ou cona de camelo.

— Talvez nunca tenha visto um camelo — dizia-lhes — mas reconheço um cona de camelo quando o cheiro.

Muito de longe a longe aquilo fazia zangar alguém, mas quando isso acontecia, tinha a sua lâmina de dedo. Mantinha-a muito afiada, e também sabia como usá-la. O Roggo Vermelho ensinara-lhe uma noite, no Porto Feliz, enquanto esperava que Lanna ficasse livre. Mostrara-lhe como escondê-la na manga e fazê-la deslizar para fora só quando precisasse dela, e como cortar uma bolsa de um modo tão suave e rápido que as moedas estariam todas gastas antes que o dono desse pela sua falta. Era bom saber aquilo, até o homem amável concordara; especialmente à noite, quando os espadachins e as ratazanas dos telhados andavam pela rua.

A Gata fizera amigos ao longo dos atracadouros; carregadores e saltimbancos, cordoeiros e reparadores de velas, taberneiros, cervejeiros, padeiros, pedintes e prostitutas. Compravam-lhe amêijoas e conquilhas, contavam-lhe histórias verdadeiras sobre Bravos e mentiras sobre as suas vidas, e riam-se do modo como ela falava quando tentava falar bravosi. Nunca permitia que isso a incomodasse. Em vez disso, mostrava-lhes a figa, e dizia-lhes que eram conas de camelo, o que os fazia rugir de riso. Gyloro Dothare ensinou-lhe canções porcas, e o seu irmão Gyleno disse-lhe quais eram os melhores locais para apanhar enguias. Os saltimbancos do Navio mostraram-lhe a pose de um herói, e ensinaram-lhe discursos tirados d'*A Canção do Roine*, d'*As Duas Esposas do Conquistador* e d'*A Lasciva Senhora do Mercador*. Pena, o homenzinho de olhos tristes que inventava todas as farsas obscenas para o Navio, ofereceu-se para lhe ensinar como uma mulher beija, mas Tagganaro bateu-lhe com um bacalhau e pôs fim a essa conversa. Cossomo, o Prestidigitador, instruiu-a em truques de mãos. Era capaz de engolir ratos e de os tirar das orelhas.

— É magia — disse.

— Não é nada — disse a Gata. — O rato esteve o tempo todo na tua manga. Eu via-o a mexer-se.

— *Ostras, amêijoas, conquilhas* — eram as palavras mágicas da Gata e, como todas as boas palavras mágicas, conseguiam levá-la a quase qualquer sítio. Abordara navios vindos de Lys, Vilavelha e do Porto de Ibben e vendera-lhes ostras em pleno convés. Em certos dias empurrava o carrinho de mão por perto das torres dos poderosos para oferecer amêijoas cozidas aos guardas que lhes protegiam os portões. Uma vez apregoara o pescado nos degraus do Palácio da Verdade, e quando outro vendedor ambulante tentara correr com ela, virara-lhe o carro e espalhara-lhe as ostras pelo empedrado. Funcionários da alfândega do Porto Axadrezado compravam-lhe marisco, e o mesmo faziam remadores da Cidade Afogada, cujas cúpulas e torres afundadas se projectavam das águas verdes da lagoa. Uma vez, quando Brea ficara de cama com o sangue da lua, a Gata empurrara o carrinho de mão até ao Porto Púrpura para vender caranguejos e camarões aos remadores da barcaça de prazer do Senhor do Mar, coberta da proa à popa com caras sorridentes. Noutros dias seguia o rio de água doce até à Lagoa da Lua. Vendia a fanfarrões espadachins vestidos de cetim às riscas, e a guardiães das chaves e funcionários judiciais com os seus monótonos casacos castanhos e cinzentos. Mas regressava sempre ao Porto do Trapeiro.

— *Ostras, amêijoas, conquilhas* — gritava a rapariga enquanto empurrava o carrinho de mão ao longo dos ancoradouros. — *Mexilhões, camarões e conquilhas*. — Um sujo gato cor de laranja pôs-se a segui-la, atraí-do pelo som do seu pregão. Mais à frente, um segundo gato surgiu, uma triste coisa cinzenta suja de lama, com a cauda cortada. Os gatos gostavam do cheiro da Gata. Em certos dias acabava com uma dúzia deles atrás de si antes do pôr do sol. De vez em quando a rapariga atirava-lhes uma ostra e ficava a observar, para ver qual deles conseguia levá-la. Reparou que os machos maiores raramente ganhavam; o mais comum era que o prémio coubesse a um animal mais pequeno e mais rápido, magro, mau e esfomeado. *Como eu*, dizia a si própria. O seu preferido era um velho macho muito magro com uma orelha roída que lhe fazia lembrar um gato

que em tempos perseguira por toda a Fortaleza Vermelha. *Não, isso foi outra rapariga qualquer, não fui eu.*

A Gata viu que dois dos navios que tinham ali estado no dia anterior haviam desaparecido, mas cinco novos tinham acostado; uma pequena carraca chamada *Macaco de Bronze*, um enorme baleeiro ibenês que fedia a piche, sangue e óleo de baleia, duas cocas em mau estado provenientes de Pentos, e uma esguia galé verde originária da Velha Volantis. A Gata parou na base de todas as pranchas para apregoar as suas amêijoas e ostras, uma vez na língua franca e outra no Idioma Comum de Westeros. Um tripulante do baleeiro amaldiçoou-a tão alto que lhe afugentou os gatos e um dos remadores de Pentos perguntou-lhe quanto queria pela amêijoa que tinha entre as pernas, mas teve melhor sorte nos outros navios. Um imediato na galé verde devorou meia dúzia de ostras e contou-lhe como o seu capitão havia sido morto pelos piratas lisenos que os tinham tentado abordar perto dos Degraus.

— Foi aquele bastardo do Saan, com o *Filho da Velha Mãe* e a sua grande *Valiriana*. Escapámos, mas à justa.

O pequeno *Macaco de Bronze* revelou-se proveniente de Vila Gaivota, com uma tripulação de Westeros que ficou feliz por falar com alguém no Idioma Comum. Um deles perguntou como era que uma rapariga de Porto Real acabara a vender mexilhões nas docas de Bravos, de modo que foi obrigada a contar a sua história.

— Ficamos cá durante quatro dias, e quatro longas noites — disse-lhe outro. — Onde deve ir um homem para encontrar um pouco de diversão?

— Os saltimbancos no Navio estão a apresentar *Os Sete Remadores Bêbados* — disse-lhes a Gata — e há lutas de enguias na Adega Malhada, junto dos portões da Cidade Afogada. Ou se quiseres podes ir à Lagoa da Lua, onde os espadachins travam duelos à noite.

— Pois, isso é bom — disse outro marinheiro — mas o que o Wat queria mesmo era uma mulher.

— As melhores rameiras são as do Porto Feliz, lá em baixo onde está ancorado o Navio dos saltimbancos. — Apontou. Algumas das prostitutas

das docas eram perigosas, e os marinheiros acabados de chegar do mar nunca sabiam quais. S'vrone era a pior. Todos diziam que assaltara e matara uma dúzia de homens, fazendo rolar os corpos para os canais para alimentar as enguias. A Filha Bêbada podia ser amável quando sóbria, mas não quando tinha o vinho em si. E a Jeyne Úlcera era na realidade um homem. — Pergunta pela Divertida. O seu verdadeiro nome é Meralyn, mas toda a gente lhe chama Divertida, e é o que ela é. — A Divertida comprava uma dúzia de ostras de cada vez que a Gata passava pelo bordel e partilhava-as com as suas raparigas. Tinha bom coração, todos o diziam. — Isso, e o maior par de mamas de toda a Bravos — gostava de alardear a própria Divertida.

As suas raparigas também eram simpáticas; a Bethany Corada e a Esposa do Marinheiro, a Yna Zarolha que sabia ler o destino numa gota de sangue, a pequena e bonita Lanna, até Assadora, a mulher ibenesa com o bigode. Podiam não ser belas, mas eram gentis com ela.

— O Porto Feliz é onde vão todos os carregadores — garantiu a Gata aos homens do Macaco de Bronze. — "Os rapazes descarregam os navios", diz a Divertida, "e as minhas raparigas descarregam os rapazes que neles navegam."

— E aquelas rameiras finas que os cantores cantam? — perguntou o macaco mais novo, um rapaz ruivo com sardas que não podia ter muito mais de dezasseis anos. — São tão bonitas como eles dizem? Onde é que arranjo uma delas?

Os camaradas olharam para ele e riram-se.

— Com os sete infernos, rapaz — disse um deles. — Pode ser que o capitão pudesse arranjar para si uma corte-sã, mas só se vendesse a porra do navio. Esse tipo de cona é p'ra senhores e gente dessa, não p'ra gente como nós.

As cortesãs de Bravos tinham fama em todo o mundo. Cantores cantavam sobre elas, ourives e joalheiros banhavam-nas de presentes, artesãos suplicavam pela honra de fazerem negócio com elas, príncipes mercadores pagavam preços régios para as ter nos braços em bailes,

banquetes e espectáculos de saltimbancos, e espadachins matavam-se uns aos outros em nome delas. Enquanto ia empurrando o carrinho de mão ao longo dos canais, a Gata por vezes vislumbrava uma delas a flutuar por perto, a caminho de passar uma noite com um amante qualquer. Cada cortesã tinha a sua própria barcaça, e criados para a levar para os seus encontros. A Poetisa levava sempre um livro na mão, a Sombra de Lua usava apenas branco e prata, e a Rainha Bacalhau nunca era vista sem as suas Sereias, quatro jovens donzelas no rubor da sua primeira floração que lhe sustinham a cauda do vestido e lhe penteavam o cabelo. Cada cortesã era mais bela do que a anterior. Até a Senhora Velada era bela, embora só aqueles que tomava como amantes chegassem a ver o seu rosto.

— Vendi três conquilhas a uma cortesã — disse a Gata aos marinheiros. — Chamou por mim quando saía da barcaça. — Brusco deixara-lhe claro que nunca devia falar com uma cortesã, a menos que ela falasse primeiro consigo, mas a mulher sorrira-lhe e pagara-lhe em prata, dez vezes mais do que as conquilhas valiam.

— E essa foi qual? A Rainha das Conquilhas, foi?

— A Pérola Negra — disse-lhes. A Divertida afirmava que a Pérola Negra era a mais famosa de todas as cortesãs.

— Essa descende dos dragões — dissera a mulher à Gata. — A primeira Pérola Negra era uma rainha pirata. Um príncipe de Westeros tomou-a como amante e teve uma filha dela, a qual cresceu para se tornar cortesã. A sua filha sucedeu-lhe, e a filha *dessa* sucedeu à mãe, até chegar à actual. Que foi que ela te disse, Gata?

— Disse "*Quero três conquilhas*," e "*Tens um pouco de molho picante, pequena?*" — respondera a rapariga.

— E tu disseste o quê?

— Disse "*Não, minha senhora*," e "*Não me chameis pequena. O meu nome é Gata*." Devia ter molho picante. Beqqo tem, e vende três vezes mais ostras do que Brusco.

Gata também falara ao homem amável sobre a Pérola Negra.

— O seu verdadeiro nome é Bellegere Otherys — informou-o. Aquela fora uma das três coisas que ficara a saber.

— Pois é — dissera o sacerdote em voz baixa. — A mãe era Bellonara, mas a primeira Pérola Negra também se chamava Bellegere.

Mas a Gata sabia que os homens do *Macaco de Bronze* não se importavam com o nome da mãe de uma cortesã. Em vez disso, pediu-lhes notícias dos Sete Reinos e da guerra.

— Guerra? — riu-se um deles. — Qual guerra? Não há guerra nenhuma.

— Não há guerra em Vila Gaivota — disse outro. — Não há guerra no Vale. O pequeno senhor manteve-nos fora dela, como a mãe tinha feito.

Como a mãe tinha feito. A senhora do Vale era irmã da mãe.

— A Senhora Lysa — disse — ela está…?

— … morta? — concluiu o rapaz sardento, cuja cabeça estava cheia de cortesãs. — Sim. Assassinada pelo seu próprio cantor.

— Oh. — *Não é nada para mim. A Gata dos Canais nunca teve uma tia. Nunca teve*. — A Gata ergueu o carrinho de mão e empurrou-o para longe do *Macaco de Bronze*, aos saltos no empedrado. — Ostras, amêijoas e conquilhas — gritou. — Ostras, amêijoas e conquilhas. — Vendeu a maior parte das amêijoas aos carregadores que descarregavam a grande coca vinícola da Árvore, e o resto aos homens que reparavam uma galé mercante de Myr, que fora danificada pelas tempestades.

Mais à frente, nas docas, encontrou Tagganaro sentado com as costas apoiadas num pilar, ao lado de Casso, o Rei das Focas. Comprou-lhe alguns mexilhões, e Casso latiu e deixou que ela lhe apertasse a barbatana.

— Vem trabalhar comigo, Gata — pediu Tagganaro enquanto chupava a carne dos mexilhões. Andava em busca de um novo parceiro desde que a Filha Bêbada espetara a faca na mão do Pequeno Narbo. — Dava-te mais do que Brusco, e não ficavas a cheirar a peixe.

— Casso gosta do meu cheiro — disse ela. O Rei das Focas ladrou, como que concordando. — A mão de Narbo não está melhor?

— Três dedos não se dobram — lamentou-se Tagganaro, entre mexilhões. — Para que presta um carteirista que não pode usar os dedos?

Narbo era bom com as bolsas, mas nem por isso com as rameiras.

— A Divertida diz o mesmo. — A Gata tinha pena. Gostava do Pequeno Narbo, mesmo apesar de ele ser um ladrão. — O que vai ele fazer?

— Diz que vai puxar um remo. Bastam-lhe dois dedos para isso, acha ele, e o Senhor do Mar anda sempre à procura de mais remadores. Eu digo-lhe: "Narbo, não. Esse mar é mais frio do que uma donzela e mais cruel do que uma rameira. É melhor que cortes a mão e te ponhas a pedir." Casso sabe que eu tenho razão. Não sabes, Casso?

A foca latiu, e a Gata não conseguiu deixar de sorrir. Atirou-lhe mais uma conquilha antes de ir à sua vida.

O dia estava quase no fim quando a Gata chegou ao Porto Feliz, na viela em frente ao local onde o Navio estava atracado. Alguns dos saltimbancos encontravam-se sentados no topo no casco às riscas, passando um odre de vinho de mão em mão, mas quando viram o carrinho da Gata desceram para comer algumas ostras. Ela perguntou-lhes como iam os Sete Remadores Bêbados. Joss, o Sombrio, abanou a cabeça.

— Quence finalmente encontrou Allaquo na cama com Sloey. Atiraram-se um ao outro com espadas de adereço, e ambos nos deixaram. Segundo parece, esta noite seremos só cinco remadores bêbados.

— Tentaremos compensar em embriaguez aquilo que nos falta em remadores — declarou Myrmello. — Eu, pelo menos, estou à altura da tarefa.

— O Pequeno Narbo quer ser remador — disse-lhes a Gata. — Se ficásseis com ele, seríeis seis.

— É melhor ires ter com a Divertida — disse-lhe Joss. — Bem sabes como ela fica mal disposta quando lhe faltam as ostras.

Mas quando a Gata penetrou no bordel, foi encontrar a Divertida sentada na sala comum, de olhos fechados, a ouvir Dareon tocar a sua harpa. Yna também lá se encontrava, entrançando o belo e longo cabelo dourado de Lanna. Outra estúpida canção de amor. Lanna estava sempre a pedir ao cantor para lhe tocar estúpidas canções de amor. Era a mais nova das

prostitutas, só com catorze anos. A Gata sabia que a Divertida pedia por ela três vezes mais do que por qualquer uma das outras raparigas.

Ver Dareon ali sentado, tão descarado, a fazer olhinhos a Lanna enquanto os dedos dançavam nas cordas da harpa irritou-a. As rameiras chamavam-lhe o cantor negro, mas agora quase não havia nele negro. Com o dinheiro que o canto lhe trazia, o corvo transformara-se num pavão. Naquele dia usava um manto púrpura de pelúcia forrado a veiro, uma túnica às riscas brancas e lilases, e as calças de duas cores de um espadachim, mas também possuía um manto de seda e outro feito de veludo borgonha que era forrado a pano de ouro. O único negro que trazia estava nas botas. A Gata ouvira-o dizer a Lanna que atirara tudo o resto a um canal.

— Fartei-me de escuridão — anunciara.

Ele é um homem da Patrulha da Noite, pensou, enquanto o cantor cantava sobre uma senhora estúpida qualquer que se atirava de uma estúpida torre qualquer porque o seu estúpido príncipe estava morto. *A senhora devia ir matar aqueles que lhe mataram o príncipe. E o cantor devia estar na Muralha*. Quando Dareon aparecera pela primeira vez no Porto Feliz, Arya quase perguntara se a levaria consigo para Atalaialeste, mas depois ouvira-o dizer a Bethany que nunca regressaria.

— Camas duras, bacalhau salgado, e patrulhas sem fim, a Muralha é isto — dissera. — Além do mais, não há em Atalaialeste ninguém que te chegue aos calcanhares em beleza. Como é que eu te podia deixar? — A Gata ouvira dizer que ele dissera o mesmo a Lanna, e a uma das prostitutas da Gataria, e até ao Rouxinol, na noite em que tocara na Casa das Sete Lâmpadas.

Gostava de ter estado aqui na noite em que o gordo lhe bateu. As prostitutas da Divertida ainda se riam da cena. Yna disse que o gordo ficara vermelho como uma beterraba de cada vez que lhe tocara, mas quando começara a armar confusão, a Divertida mandara arrastá-lo para fora e atirá-lo ao canal.

A Gata estava a pensar no gordo, lembrando-se de como o salvara de Terro e de Orbello, quando a Esposa do Marinheiro surgiu à sua frente.

— Ele canta uma canção bonita — murmurou em voz baixa, no Idioma Comum de Westeros. — Os deuses devem tê-lo amado para lhe dar uma voz assim, e aquela cara bonita também.

Ele é bonito de cara e feio de coração, pensou Arya, mas não o disse. Dareon casara-se uma vez com a Esposa do Marinheiro, que só se deitava com homens que a desposassem. O Porto Feliz tinha por vezes três ou quatro casamentos por noite. Era frequente que o alegre e ensopado em vinho sacerdote vermelho chamado Ezzelyno executasse os ritos. Quando não era ele, era Eustace, que fora em tempos septão no Septo-do-Ultramar. Se nem sacerdote nem septão estivessem disponíveis, uma das rameiras corria ao Navio e trazia um saltimbanco. A Divertida afirmava sempre que os saltimbancos davam uns sacerdotes muito melhores do que os sacerdotes, especialmente Myrmello.

Os casamentos eram ruidosos e alegres, com muita bebida à mistura. Sempre que a Gata aparecia com o seu carrinho de mão, a Esposa do Marinheiro insistia para que o seu novo marido lhe comprasse algumas ostras, para lhe dar potência para a consumação. Tinha esta maneira de ser boa, e também era rápida a rir, mas a Gata achava que também havia nela algo de triste.

As outras prostitutas diziam que a Esposa do Marinheiro visitava a Ilha dos Deuses nos dias em que a sua flor se encontrava em florescência, e que conhecia todos os deuses que aí viviam, até aqueles que Bravos esquecera. Diziam que ela ia rezar pelo seu primeiro marido, o seu marido verdadeiro, que se perdera no mar quando ela não era mais velha do que Lanna.

— Acha que se encontrar o deus certo, ele talvez envie os ventos e sopre o seu velho amor de volta para ela — dizia a Yna Zarolha, que a conhecia há mais tempo — mas eu rezo para que isso nunca aconteça. O seu amor está morto, consegui saboreá-lo no seu sangue. Se alguma vez regressar para junto dela, será um cadáver.

A canção de Dareon estava finalmente a terminar. Enquanto as últimas notas se desvaneciam no ar, Lanna soltou um suspiro e o cantor pôs a harpa

de lado e puxou-a para o seu colo. Tinha começado a fazer-lhe cócegas quando a Gata disse em voz alta:

— Há ostras, se alguém quiser — e os olhos de Divertida se abriram.

— Óptimo — disse a mulher. — Trá-las cá, filha. Yna, vai buscar um pouco de pão e vinagre.

O sol rubro e inchado pendia no céu por trás da fileira de mastros quando a Gata se retirou do Porto Feliz, com uma gorda bolsa de moedas e um carrinho de mão vazio, se não se contasse com o sal e as algas. Dareon também estava a sair. Prometera cantar na Estalagem da Enguia Verde naquela noite, disse-lhe ele enquanto caminhavam juntos.

— De todas as vezes que toco na Enguia saio de lá com prata — gabou-se — e em certas noites há lá capitães, e donos de navios. — Cruzaram uma pequena ponte, e abriram caminho por uma retorcida rua secundária enquanto as sombras do dia se iam tornando mais longas. — Em breve estarei a tocar no Púrpura, e depois disso no Palácio do Senhor do Mar — prosseguiu Dareon. O carrinho vazio da Gata estrondeava no empedrado, fazendo a sua própria espécie de música matraqueada. — Ontem comi arenque com as rameiras, mas antes de se passar um ano estarei a comer caranguejo imperador com cortesãs.

— O que aconteceu ao teu irmão? — perguntou a Gata. — O gordo. Chegou a arranjar navio para Vilavelha? Disse que estava previsto que embarcasse na *Senhora Ushanora*.

— Estava previsto que todos embarcássemos nesse navio. Ordens do Lorde Snow. Eu disse ao Sam: deixa o velho, mas o palerma do gordo não me quis dar ouvidos. — A última luz do sol poente brilhou no seu cabelo. — Bem, agora é tarde demais.

— Isso é certo — disse a Gata quando penetraram nas sombras de uma pequena viela retorcida.

Quando a Gata regressou a casa de Brusco, um nevoeiro nocturno estava a juntar-se por cima do pequeno canal. Arrumou o carrinho de mão, encontrou Brusco no seu quarto das contas, e deixou cair a bolsa com estrondo na mesa à sua frente. Também deixou cair as botas com estrondo.

Brusco deu uma palmada na bolsa.

— Óptimo. Mas o que é isto?

— Botas.

— É difícil encontrar boas botas — disse Brusco — mas essas são pequenas demais para os meus pés. — Pegou numa e examinou-a de olhos semicerrados.

— A lua estará negra esta noite — fez-lhe lembrar.

— Então é melhor rezares. — Brusco pôs as botas de lado e despejou as moedas para as contar. — *Valar dohaeris*.

Valar morghulis, pensou ela.

Erguia-se nevoeiro por todo o lado quando se pôs a caminho pelas ruas de Bravos. Estava a tremer um pouco quando empurrou a porta de represeiro e entrou na Casa do Preto e Branco. Naquela noite só havia algumas velas a arder, tremeluzindo como estrelas caídas. Na escuridão todos os deuses eram estranhos.

Nas caves, desprendeu o manto esfarrapado da Gata, despiu pela cabeça a túnica castanha a cheirar a peixe da Gata, descalçou com um pontapé as botas manchadas de sal da Gata, libertou-se da roupa interior da Gata e banhou-se em água com limão, a fim de se ver livre até do cheiro da Gata dos Canais. Quando emergiu, ensaboada e esfregada até ficar cor-de-rosa, e com o cabelo castanho colado ao rosto, a Gata desaparecera. Envergou vestes limpas e um par de chinelos suaves de tecido, e dirigiu-se às cozinhas, a fim de pedinchar um pouco de comida a Umma. Os sacerdotes e acólitos já tinham comido, mas a cozinheira guardara para ela um bocado de bom bacalhau frito, e um pouco de puré de nabo amarelo. Devorou a comida, lavou o prato, e então foi ajudar a criança abandonada a preparar as suas poções.

A parte que lhe competia era principalmente ir buscar coisas, amarinhando por escadas acima para encontrar as ervas e folhas de que a criança abandonada precisava.

— O sonodoce é o mais gentil dos venenos — disse-lhe a criança abandonada, enquanto esmagava um pouco com um almofariz e um pilão.

— Alguns grãos abrandam os batimentos do coração, evitam que a mão trema, e fazem com que um homem se sinta calmo e forte. Uma pitada dá uma noite de sono profundo e sem sonhos. Três pitadas produzem aquele sono que não termina. O sabor é muito doce, portanto é melhor usá-lo em bolos, tartes e vinhos com mel. Toma, podes cheirar a doçura. — Deixou-a absorver o cheiro, após o que a mandou pela escada acima, buscar uma garrafa de vidro vermelho. — Este é um veneno mais cruel, mas não tem sabor nem cheiro, de modo que é mais fácil de esconder. Os homens chamam-lhe lágrimas de Lys. Dissolvido em vinho ou água, corrói as entranhas e a barriga de um homem e mata como uma doença desses órgãos. Cheira. — Arya cheirou, e não lhe cheirou a nada. A criança abandonada pôs as lágrimas a um lado e abriu um grosso frasco de pedra. — Esta pasta está temperada com sangue de basilisco. Dá a carne cozinhada um cheiro saboroso, mas se ela for comida produz uma loucura violenta, tanto em animais como nos homens. Um rato atacará um leão, depois de provar sangue de basilisco.

Arya mordeu o lábio.

— E isso funciona em cães?

— Em qualquer animal de sangue quente. — A criança abandonada esbofeteou-a.

Arya levou a mão à cara, mais surpreendida do que magoada.

— Porque fizeste tu isso?

— É Arya da Casa Stark quem morde o lábio sempre que está a pensar. És Arya da Casa Stark?

— Não sou ninguém. — Estava zangada. — Quem és tu?

Não esperara que a criança abandonada respondesse, mas ela respondeu.

— Nasci filha única de uma Casa antiga, herdeira do meu nobre pai — respondeu a criança abandonada. — A minha mãe morreu quando eu era pequena, não tenho qualquer memória dela. Quando tinha seis anos, o meu pai voltou a casar. A sua nova esposa tratou-me bem até dar à luz uma filha sua. Então foi seu desejo que eu morresse, para que fosse o seu sangue a herdar a riqueza do meu pai. Devia ter procurado o favor do Deus de Muitas

Caras, mas não podia suportar o sacrifício que ele lhe pediria. Em vez disso, planeou ser ela própria a envenenar-me. O veneno deixou-me como me vês agora, mas não morri. Quando os curandeiros da Casa das Mãos Vermelhas contaram ao meu pai o que ela fizera, ele veio até aqui e fez um sacrifício, oferecendo toda a sua riqueza e oferecendo-me a mim. O das Muitas Caras ouviu as suas preces. Fui trazida para o templo para servir, e a esposa do meu pai recebeu o presente.

Arya observou-a, desconfiada.

— Isso é verdade?

— Há nisto verdade.

— E também há mentiras?

— Há uma falsidade, e um exagero.

Arya estivera a observar a cara da criança abandonada durante todo o tempo que ela passara a contar a história, mas a outra rapariga não mostrara sinais.

— O Deus das Muitas Caras ficou com dois terços da riqueza do teu pai, não com a riqueza toda.

— Isso mesmo. Foi esse o meu exagero.

Arya sorriu, apercebeu-se de que estava a sorrir, e deu um beliscão na bochecha. *Governa a tua cara*, disse a si própria. *O meu sorriso é meu criado, deve surgir às minhas ordens.*

— Qual era a parte que era mentira?

— Nenhuma. Menti acerca da mentira.

— Mentiste? Ou estás a mentir agora?

Mas antes da criança abandonada ter tempo de responder, o homem amável entrou na sala, sorrindo.

— Regressaste para junto de nós.

— A lua está negra.

— Está. Que três coisas sabes e não sabias da última vez que nos deixaste?

Sei trinta coisas novas, quase respondeu.

— Três dos dedos do Pequeno Narbo não se dobram. Quer ser um remador.

— É bom saber isso. E que mais?

Recordou o seu dia.

— Quence e Alaquo lutaram um com o outro e deixaram o Navio, mas eu acho que vão voltar.

— Só achas, ou *sabes*?

— Só acho — teve de confessar, embora estivesse segura daquilo. Os saltimbancos tinham de comer, tal como os outros homens, e Quence e Alaquo não eram suficientemente bons para a Lanterna Azul.

— Isso mesmo — disse o homem amável. — E a terceira coisa?

Daquela vez não hesitou.

— Dareon está morto. O cantor negro que dormia no Porto Feliz. Era na verdade um desertor da Patrulha da Noite. Alguém lhe cortou a garganta e o empurrou para um canal, mas ficaram com as botas.

— Boas botas são difíceis de encontrar.

— Isso mesmo. — Tentou manter o rosto imóvel.

— Pergunto a mim próprio quem poderia ter feito uma coisa dessas.

— Arya da Casa Stark. — Observou os olhos do homem, a sua boca, os músculos do seu maxilar.

— Essa rapariga? Julgava que ela tinha deixado Bravos. Quem és tu?

— Ninguém.

— Mentes. — Virou-se para a criança abandonada. — Tenho a garganta seca. Faz-me um favor, e traz uma taça de vinho para mim e leite quente para a nossa amiga Arya, que regressou para junto de nós tão inesperadamente.

Ao longo da viagem pela cidade, Arya interrogara-se sobre o que o homem amável diria quando lhe contasse sobre Dareon. Talvez ficasse zangado com ela, ou talvez ficasse contente por ela ter dado ao cantor a dádiva do Deus das Muitas Caras. Representara aquela conversa na cabeça meia centena de vezes, como um saltimbanco num espectáculo. Mas nunca pensara em *leite quente*.

Quando o leite chegou, Arya bebeu-o. Cheirava um pouco a queimado, e deixava um sabor amargo na boca.

— Agora vai para a cama, filha — disse o homem amável. — Amanhã tens de servir.

Naquela noite voltou a sonhar que era um lobo, mas o sonho era diferente dos outros. Naquele sonho não tinha alcateia. Vagueava só, saltando pelos telhados e caminhando em silêncio junto das margens de um canal, perseguindo sombras através do nevoeiro.

Quando acordou na manhã seguinte, estava cega.

OceanofPDF.com

SAMWELL

O *Vento de Canela* era um navio cisne originário da Vila das Árvores Altas, nas Ilhas do Verão, onde os homens eram negros, as mulheres sensuais e até os deuses eram estranhos. Não tinha um septão a bordo que os liderasse nas orações de passagem para o outro mundo, e portanto a tarefa coube a Samwell Tarly, algures ao largo da costa meridional e ressequida pelo sol de Dorne.

Sam vestiu os seus panos negros para proferir as palavras, embora a tarde estivesse quente e húmida, quase sem uma aragem.

— Ele era um bom homem — começou… mas assim que articulou as palavras soube que estavam erradas. — Não. Ele era um *grande* homem. Um meistre da Cidadela, acorrentado e ajuramentado, e Irmão Ajuramentado da Patrulha da Noite, sempre fiel. Quando nasceu, deram-lhe o nome de um herói que morrera demasiado novo, mas embora tivesse vivido, muito, muito tempo, a sua vida não foi menos heróica. Não há homem mais sábio, mais gentil, mais bondoso. Na Muralha, uma dúzia de Senhores Comandantes chegou e partiu durante os seus anos de serviço, mas ele esteve sempre lá para lhes dar conselhos. Também aconselhou reis. Ele próprio podia ter sido rei, mas quando lhe ofereceram a coroa disse-lhes que a deviam dar ao irmão mais novo. Quantos homens o fariam? — Sam sentiu as lágrimas a subir-lhe aos olhos, e soube que não conseguiria prosseguir durante muito mais tempo. — Ele era do sangue do dragão, mas agora o seu fogo apagou-se. Ele era Aemon Targaryen. E agora a sua vigia terminou.

— E agora a sua vigia terminou — murmurou Gilly quando ele se calou, embalando o bebé nos braços. Kojja Mo serviu-lhe de eco no Idioma Comum de Westeros, e depois repetiu as palavras na língua do Verão para Xhondo e o pai e o resto da tripulação ali reunida. Sam deixou pender a cabeça e começou a chorar, com uns soluços tão sonoros e cheios de dor que lhe punham o corpo todo a tremer. Gilly veio pôr-se a seu lado e deixou-o chorar no seu ombro. Havia também lágrimas nos seus olhos.

O ar estava húmido, e quente, e calmo de morte, e o *Vento de Canela* encontrava-se à deriva num mar de um azul profundo, bem longe de vista de terra.

— Sam Preto disse boas palavras — disse Xhondo. — Agora bebemos a sua vida. — Gritou qualquer coisa na língua do Verão, e um casco de rum temperado foi rolado para o convés e aberto, para que aqueles que estavam de serviço pudessem emborcar uma taça em memória do velho dragão cego. A tripulação só o conhecera por pouco tempo, mas os ilhéus de Verão reverenciavam os idosos e celebravam os seus mortos.

Sam nunca tinha bebido rum. A bebida era estranha e subia à cabeça; a princípio doce, mas com um travo de fogo que lhe queimou a língua. Estava cansado, tão cansado. Doía-lhe cada músculo do corpo, e havia outras dores em lugares onde Sam nem sabia que tinha músculos. Tinha os joelhos rígidos, as mãos cobertas de bolhas acabadas de surgir e zonas de pele pegajosa, carne viva, onde as bolhas antigas tinham rebentado. Mas, entre ambos, o rum e a tristeza pareceram afastar as dores para longe.

— Se tivéssemos conseguido levá-lo para Vilavelha, os arquimeistres podiam tê-lo salvo — disse a Gilly enquanto bebiam rum no alto castelo de proa do *Vento de Canela*. — Os curandeiros da Cidadela são os melhores dos Sete Reinos. Durante algum tempo pensei… esperei…

Em Bravos a recuperação de Aemon parecera possível. A conversa de Xhondo sobre dragões quase parecera fazer com que o velho voltasse a ser quem fora. Naquela noite comera até ao fim aquilo que Sam lhe pusera na frente.

— Nunca ninguém procurou uma rapariga — dissera. — Fora um príncipe a ser prometido, não uma princesa. Rhaegar, pensava eu… o fumo era o do incêndio que devorara Solarestival no dia do seu nascimento, o sal vinha das lágrimas derramadas por aqueles que morreram. Ele partilhou a minha crença quando era novo, mas mais tarde persuadiu-se de que seria o filho a cumprir a profecia, pois um cometa foi visto no céu de Porto Real na noite em que Aegon foi concebido, e Rhaegar tinha a certeza de que a estrela a sangrar tinha de ser um cometa. Que tolos fomos por nos

julgarmos tão sábios! O erro teve origem na tradução. Os dragões não são nem machos nem fêmeas, Barth viu aí a verdade, mas ora uma coisa, ora a outra, tão mutáveis como chamas. A língua induziu-nos a todos em erro durante mil anos. A escolhida é *Daenerys*, nascida entre sal e fumo. Os dragões provam-no. — Bastara falar dela para parecer fortalecê-lo. — Tenho de ir ter com ela. *Tenho* de ir. Gostava de ser nem que fosse dez anos mais novo.

O velho estivera tão determinado que até subira a prancha de embarque no Vento de Canela pelo seu próprio pé, depois de Sam ter negociado o transporte do grupo. Já dera a Xhondo a espada e a bainha, para compensar o grande imediato pelo manto de penas que ele estragara ao salvar Sam de morrer afogado. A única coisa de valor que ainda lhes restava eram os livros que tinham trazido das caves de Castelo Negro. Sam separara-se deles com um humor sombrio.

— Destinavam-se à Citadela — dissera, quando Xhondo lhe perguntara o que se passava. Quando o imediato traduzira aquelas palavras, o capitão rira-se.

— Quhuru Mo diz que os homens cinzentos ainda vão tendo esses livros — disse-lhe Xhondo — só que irão comprando eles de Quhuru Mo. Os meistres dão boa prata por livros que não estão tendo, e às vezes ouro vermelho e amarelo.

O capitão também quisera a corrente de Aemon, mas isso Sam recusara. Ceder a corrente era uma grande vergonha para qualquer meistre, explicara. Xhondo teve de voltar três vezes a essa parte até que Quhuru Mo a aceitasse. Quando o acordo foi feito, Sam estava reduzido às botas, aos panos pretos, à roupa interior, e ao corno quebrado que Jon Snow encontrara no Punho dos Primeiros Homens. *Não tive alternativa*, disse a si próprio. *Não podíamos ficar em Bravos e, além de roubar ou de mendigar, não havia outra maneira de pagar pela passagem*. Teria considerado barato três vezes aquele preço, se tivessem conseguido levar o Meistre Aemon a salvo até Vilavelha.

Mas a viagem para sul fora tempestuosa, e cada pé de vento cobrava o seu preço nas forças e ânimo do velho. Em Pentos pedira para ser trazido para o convés, para que Sam pudesse pintar-lhe uma imagem da cidade com palavras, mas essa fora a última vez que saíra da cama do capitão. Pouco mais tarde, o seu espírito recomeçara a vaguear. Quando o *Vento de Canela* passara pela Torre que Sangra e entrara no porto de Tyrosh, Aemon já não falava de tentar encontrar um navio que o levasse para leste. Em vez disso, a sua conversa virara-se para Vilavelha e para os arquimeistres da Cidadela.

— Tens de lhes dizer, Sam — dissera. — Aos arquimeistres. Tens de fazer com que compreendam. Os homens que estavam na Cidadela nos meus tempos estão mortos há cinquenta anos. Estes outros não chegaram a conhecer-me. As minhas cartas… em Vilavelha devem ter parecido os delírios de um velho desmiolado. Tens de os convencer onde eu não consegui. Conta-lhes, Sam… conta-lhes como são as coisas na Muralha… as criaturas e os caminhantes brancos, o frio arrepiante…

— Contarei — prometera Sam. — Somarei a minha voz à vossa, meistre. Ambos lho diremos, os dois, juntos.

— Não — dissera o velho. — Terás de ser tu. Conta-lhes. A profecia… o sonho do meu irmão… a Senhora Melisandre leu mal os sinais. Stannis… Stannis tem em si um pouco de sangue de dragão, é verdade. Os irmãos também tinham. Rhaelle, a filhinha do Ovo, foi através dela que o arranjaram… a mãe do pai deles… costumava chamar-me Tio Meistre quando era pequena. Lembrei-me disso, portanto permiti-me ter esperança… talvez quisesse… todos nos enganamos a nós próprios, quando queremos acreditar. Acima de todos Melisandre, acho eu. A espada é a errada, ela tem de saber disso… luz sem calor… um brilho vazio… a espada é *errada*, e a falsa luz só nos pode levar para uma escuridão mais funda, Sam. A nossa esperança é *Daenerys*. Diz-lhes isso, na Cidadela. Obriga-os a dar-te ouvidos. Têm de lhe mandar um meistre. Daenerys deve ser aconselhada, instruída, *protegida*. Deixei-me ficar todos estes anos, à espera, observando, e agora que o dia amanheceu sou velho demais. Estou a morrer, Sam. — Lágrimas correram-lhe dos alvos olhos cegos ao admiti-lo.

— A morte não devia provocar medo a um homem tão velho como eu, mas provoca. Não é uma patetice? Está sempre escuro onde estou, portanto porque haveria eu de temer a escuridão? Mas não posso evitar interrogar-me sobre o que se seguirá, quando o último calor abandonar o meu corpo. Banquetear-me-ei para sempre no salão dourado do Pai, como dizem os septões? Voltarei a conversar com o Ovo, encontrarei Dareon inteiro e feliz, ouvirei as minhas irmãs a cantar aos filhos delas? E se forem os senhores dos cavalos quem tem razão? Cavalgarei para sempre pelo céu nocturno num garanhão feito de chamas? Ou deverei regressar a este vale de mágoas? Quem saberá dizê-lo, realmente? Quem esteve para lá da muralha da morte e viu? Só as criaturas, e nós sabemos como elas são. Nós sabemos.

Havia muito pouco que Sam pudesse responder àquilo, mas dera ao velho o pouco conforto que conseguira dar. E Gilly entrara mais tarde e cantara-lhe uma canção, uma cantigueta disparatada que aprendera com algumas das outras mulheres de Craster. A música fizera o velho sorrir e ajudara-o a adormecer.

Esse fora um dos seus últimos dias bons. Depois disso o velho passara mais tempo a dormir do que acordado, enrolado sob uma pilha de peles na cabina do capitão. Por vezes murmurava no sono. Quando acordava chamava por Sam, insistindo que tinha de lhe dizer uma coisa, mas o mais frequente era que já se tivesse esquecido do que queria dizer quando Sam chegava. Mesmo quando se lembrava, o seu discurso era uma confusão. Falava de sonhos sem nunca mencionar o sonhador, de uma vela de vidro que não podia ser acesa e de ovos que não eclodiam. Dizia que a esfinge era a adivinha, não o adivinho, fosse qual fosse o significado que isso tinha. Pedira a Sam para lhe ler passagens de um livro escrito pelo Septão Barth, cujos escritos tinham sido queimados durante o reinado de Baelor, o Abençoado. Uma vez acordara a chorar.

— O dragão tem de ter três cabeças — gemera — mas eu sou velho e fraco demais para ser uma delas. Devia estar com ela, mostrando-lhe o caminho, mas o corpo traiu-me.

Enquanto o *Vento de Canela* abria caminho entre os Degraus, era mais frequente o Meistre Aemon esquecer o nome de Sam do que recordar-se dele. Em certos dias tomava-o por um dos seus falecidos irmãos.

— Ele estava demasiado fraco para uma viagem tão longa — disse Sam a Gilly no castelo de proa, após mais um trago de rum. — O Jon devia tê-lo compreendido. Aemon tinha cento e dois anos, nunca devia ter sido enviado para o mar. Se tivéssemos permanecido em Castelo Negro, ele podia ter vivido mais dez anos.

— Ou então ela talvez o queimasse. A mulher vermelha. — Até ali, a mil léguas da Muralha, Gilly sentia-se relutante em dizer o nome da Senhora Melisandre em voz alta. — Ela queria sangue de rei para os seus fogos. Val sabia que sim. O Lorde Snow também. Foi por isso que me obrigaram a levar o bebé de Dalla e a deixar o meu no lugar dele. O Meistre Aemon adormeceu e não acordou, mas se tivesse ficado, ela tê-lo-ia queimado.

Ele vai arder na mesma, pensou Sam, infeliz, *só que agora serei eu a queimá-lo*. Os Targaryen entregavam sempre os seus caídos às chamas. Quhuru Mo não autorizara uma pira funerária a bordo do *Vento de Canela*, por isso o cadáver de Aemon fora enfiado num barril de rum de pançapreta para ficar preservado até que o navio chegasse a Vilavelha.

— Na noite antes de morrer, ele perguntou se podia pegar no bebé — prosseguiu Gilly. — Eu tive medo que ele o deixasse cair, mas não deixou. Embalou-o e trauteou uma canção para ele, e o filho de Dalla estendeu a mãozinha e tocou-lhe a cara. Puxou-lhe o lábio duma tal maneira que eu pensei que podia estar a magoá-lo, mas só fez o velho rir-se. — Afagou a mão de Sam. — Podíamos chamar ao pequeno Meistre, se quiseres. Quando tiver idade, não agora. Podíamos.

— *Meistre* não é um nome. Mas podias chamar-lhe Aemon.

Gilly reflectiu naquilo.

— Dalla deu-o à luz durante a batalha, enquanto as espadas cantavam à sua volta. Deve ser esse o seu nome. Aemon Nascido-em-Batalha. Aemon Canção-d'Aço.

Um nome de que até o senhor meu pai poderia gostar. Um nome de guerreiro. O rapaz era filho de Mance Rayder e neto de Craster, afinal de contas. Não tinha nenhum do sangue de cobarde de Sam.

— Sim. Dá-lhe esse nome.

— Quando ele fizer dois anos — prometeu ela — antes não.

— Onde está o rapaz? — pensou Sam em perguntar. Entre o rum e a mágoa, levara todo aquele tempo a aperceber-se de que Gilly não tinha o bebé consigo.

— Está com Kojja. Pedi-lhe para tomar conta dele durante algum tempo.

— Oh. — Kojja Mo era a filha do capitão, mais alta do que Sam e esguia como uma lança, com uma pele tão negra e lisa como azeviche polido. Também capitaneava os arqueiros vermelhos do navio, e retesava um arco de amagodouro com dupla curvatura, que era capaz de disparar uma seta a quatrocentos metros. Quando os piratas os tinham atacado nos Degraus, as setas de Kojja mataram uma dúzia enquanto as de Sam caíam na água. As únicas coisas de que Kojja gostava mais do que do seu arco era de embalar o filho de Dalla sobre os joelhos e cantar-lhe na língua do Verão. O príncipe selvagem transformara-se no mais-que-tudo de todas as mulheres da tripulação, e Gilly parecia confiar-lho como nunca o confiara a nenhum homem.

— Isso foi gentil da parte de Kojja — disse Sam.

— A princípio tive medo dela — disse Gilly. — Era tão preta, e tinha uns dentes tão grandes e brancos, que tive medo que fosse cruzada de animal, ou um monstro, mas não é. É boa. Gosto dela.

— Eu sei que gostas. — Ao longo da maior parte da sua vida, o único homem que Gilly conhecera fora o aterrorizador Craster. O resto do seu mundo fora feminino. *Os homens assustam-na, mas as mulheres não*, compreendeu Sam. Conseguia compreender porquê. Em Monte Chifre também ele preferira a companhia das raparigas. As irmãs eram boas para ele, e embora as outras raparigas o arreliassem, por vezes, era mais fácil ignorar palavras cruéis do que os socos e bofetadas que recebia dos outros rapazes do castelo. Até agora, no *Vento de Canela*, Sam sentia-se mais

confortável com Kojja Mo do que com o seu pai, embora isso pudesse ser porque ela falava o Idioma Comum e ele não.

— Também gosto de ti, Sam — murmurou Gilly. — E gosto desta bebida. Sabe a fogo.

Sim, pensou Sam, *uma bebida para dragões*. Tinham as taças vazias, por isso dirigiu-se ao barril e voltou a enchê-las. Viu que o Sol se encontrava baixo a oeste, inchado até ficar com o triplo do tamanho habitual. A sua luz avermelhada fazia com que a cara de Gilly parecesse corada e rubra. Beberam uma taça a Kojja Mo, e outra ao filho de Dalla, e uma ao bebé de Gilly, que se encontrava na Muralha. E depois disso não podiam deixar de beber duas taças por Aemon, da Casa Targaryen.

— Que o Pai o julgue com justiça — disse Sam, fungando. O Sol já quase desaparecera quando acabaram com o Meistre Aemon. Só uma longa e fina linha de vermelho ainda brilhava no horizonte ocidental, como uma fenda no céu. Gilly disse que a bebida estava a fazer o navio rodopiar, por isso Sam ajudou-a a descer a escada que levava aos aposentos das mulheres à proa do navio.

Uma lanterna estava pendurada junto à porta da cabina, e ele conseguiu bater nela com a cabeça ao entrar.

— Au — disse, e Gilly perguntou:

— Magoaste-te? Deixa-me ver. — Inclinou-se para ele…

… e beijou-o na boca.

Sam deu por si a responder ao beijo. *Eu proferi as palavras*, pensou, mas as mãos estavam a puxar os panos negros, a puxar as ataduras das bragas. Interrompeu o beijo durante tempo suficiente para dizer:

— Não podemos — mas Gilly disse:

— Podemos — e voltou a cobrir-lhe a boca com a sua. O *Vento de Canela* estava a girar à volta deles, e Sam sentia o sabor do rum na língua de Gilly, e de repente os seios dela ficaram nus e ele estava a tocá-los. *Eu proferi as palavras*, voltou Sam a pensar, mas um dos mamilos de Gilly descobriu o caminho até aos seus lábios. Era rosado e estava duro e quando o chupou o leite dela encheu-lhe a boca, misturando-se com o sabor do rum,

e ele nunca saboreara nada tão saudável, doce e bom. *Se eu fizer isto, não sou melhor do que Dareon*, pensou Sam, mas era bom demais para parar. E de súbito tinha a picha de fora, projectando-se das suas bragas como um gordo mastro cor-de-rosa. Tinha um aspecto tão pateta ali em pé que ele se poderia ter rido, mas Gilly empurrou-o para a sua cama de rede, ergueu as saias em volta das coxas e baixou-se sobre ele com um pequeno som lamurioso. Aquilo sabia ainda melhor do que os mamilos. *Ela é tão húmida, pensou ele*, arquejando. *Não sabia que uma mulher podia ficar tão húmida lá em baixo.*

— Agora sou tua mulher — sussurrou ela, deslizando por ele, para cima e para baixo. E Sam gemeu e pensou: *não, não podes ser, eu proferi as palavras*, mas a única palavra que proferiu foi:

— Sim.

Quando terminaram, Gilly adormeceu com os braços em volta de Sam e a cara pousada no seu peito. Sam também precisava de dormir, mas estava embriagado de rum, leite materno e Gilly. Sabia que devia voltar para a sua cama de rede na cabina dos homens, mas estava a gostar tanto de a sentir enrolada contra si que não era capaz de se mover.

Outros entraram, quer homens, quer mulheres, e Sam ouviu-os beijar-se e rir e copular uns com os outros. *Ilhéus do Verão. É assim que fazem luto. Respondem à morte com a vida*. Sam lera isso algures, há muito tempo. Perguntou a si próprio se Gilly saberia, se Kojja Mo lhe teria dito o que fazer.

Inspirou a fragrância do seu cabelo e prendeu os olhos na lanterna que baloiçava sobre a sua cabeça. *Nem mesmo a própria Velha me tiraria disto em segurança*. A melhor coisa a fazer seria sair dali à socapa e atirar-se ao mar. *Se me afogasse, nunca ninguém precisaria de saber que me envergonhei e quebrei os votos, e Gilly pode arranjar um homem melhor para si, um homem que não seja um grande cobarde gordo.*

Acordou na manhã seguinte na sua cama de rede na cabina dos homens, com Xhondo a berrar acerca do vento.

— *Há vento* — não parava o imediato de gritar. — *Acorda e trabalha, Sam Preto. Há vento*. — O que faltava a Xhondo em vocabulário, ele compensava com volume. Sam rolou de dentro da sua cama de rede e pôs-se em pé, arrependendo-se de imediato. Tinha a cabeça a ponto de rachar-se, uma das bolhas na palma da mão abrira-se durante a noite, e sentia-se prestes a vomitar.

Mas Xhondo não tinha misericórdia, de modo que tudo o que Sam pôde fazer foi lutar por voltar a vestir os seus panos negros. Encontrou-os nas tábuas por baixo da sua cama de rede, todos enrolados numa pilha húmida. Cheirou-os, para ver se estariam muito sujos, e inalou o cheiro do sal, do mar e do piche, de tela húmida e de bolor, de fruta, peixe e rum de pançapreta, estranhas especiarias e madeiras exóticas, e um entontecedor aroma ao seu próprio suor. Mas o cheiro de Gilly também se encontrava neles, o cheiro limpo do seu cabelo e o cheiro doce do seu leite, e isso deixou-o contente por vesti-los. Teria dado mais que muito por umas meias quentes e secas, contudo. Uma espécie qualquer de fungos começara a crescer-lhe entre os dedos dos pés.

A arca de livros nem chegara perto de pagar passagem para quatro desde Bravos até Vilavelha. Mas o *Vento de Canela* tinha falta de braços, e Quhuru Mo concordara levá-los, desde que trabalhassem durante a viagem. Quando Sam protestara que o Meistre Aemon estava fraco demais, que o rapaz era um bebé de peito e que Gilly tinha terror do mar, Xhondo limitara-se a rir:

— Sam Preto é grande homem gordo. Sam Preto trabalha por quatro.

Em boa verdade, Sam era tão desajeitado que duvidava de estar a fazer sequer o trabalho de um bom homem, mas tentava. Lavava conveses à escova e deixava-os lisos com pedras, puxava as correntes da âncora, enrolava cordas e caçava ratos, cosia velas rasgadas, remendava rombos com piche a ferver, amanhava peixe e cortava fruta para o cozinheiro. Gilly também tentava. Era melhor nas enxárcias do que Sam, embora de tempos a tempos a visão de tanta água vazia ainda a fizesse fechar os olhos.

Gilly, pensou Sam, *o que vou eu fazer com Gilly?*

Foi um longo dia peganhento, tornado ainda mais longo pelo latejar na sua cabeça. Sam atarefou-se com cordas, velas e as outras obrigações que Xhondo lhe atribuíra, e tentou evitar que os olhos se desviassem para o barril de rum que continha o corpo do velho Meistre Aemon… ou para Gilly. Não podia encarar a rapariga selvagem naquele momento, não podia encará-la depois do que tinham feito na noite anterior. Quando ela subia ao convés, ele descia ao porão. Quando ela vinha para a proa ele ia para a popa. Quando ela lhe sorria, ele virava-lhe as costas, sentindo-se desprezível. *Devia ter-me atirado ao mar enquanto ela ainda estava a dormir,* pensou. *Sempre fui um poltrão, mas nunca fui perjuro até agora.*

Se o Meistre Aemon não tivesse morrido, Sam poderia ter-lhe perguntado o que fazer. Se Jon estivesse a bordo, ou até Pyp e Grenn, podia ter recorrido a eles. Em vez deles, tinha Xhondo. *Xhondo não compreenderia o que eu dissesse. Ou se compreendesse, dir-me-ia apenas para voltar a foder a rapariga.* "Foder" fora a primeira palavra no Idioma Comum que Xhondo aprendera, e gostava muito dela.

Tinha a sorte do *Vento de Canela* ser tão grande. A bordo do *Melro*, Gilly tê-lo-ia encurralado em dois tempos. As grandes embarcações das Ilhas do Verão eram conhecidas como "navios cisne" nos Sete Reinos, devido às suas encapeladas velas brancas e às suas figuras de proa, a maior parte das quais representava aves. Grandes como eram, cavalgavam as ondas com uma graça que era só sua. Com um bom vento fresco de popa, o *Vento de Canela* podia ultrapassar qualquer galé, embora ficasse impotente numa calmaria. E oferecia bastantes sítios onde um cobarde se podia esconder.

Perto do fim do turno de Sam, foi finalmente encurralado. Estava a descer uma escada quando Xhondo o agarrou pelo colarinho.

— *Sam Preto vem com Xhondo* — disse, arrastando-o pelo convés e largando-o aos pés de Kojja Mo.

Muito para norte, via-se uma neblina baixa no horizonte. Kojja apontou para lá.

— Ali fica a costa de Dorne. Areia, pedras e escorpiões, e nenhum bom ancoradouro ao longo de centenas de léguas. Podes nadar para lá se

quiseres, e ir a pé até Vilavelha. Vais ter de atravessar as profundezas do deserto, escalar algumas montanhas e atravessas o Torentine a nado. Ou então podes ir ter com Gilly.

— Não compreendeis. Na noite passada, nós…

— … honrastes os vossos mortos, e os deuses que vos fizeram a ambos. Xhondo fez o mesmo. Eu tinha a criança, mas se não tivesse teria estado com ele. Vós, os de Westeros, transformais o amor em vergonha. Não há vergonha em amar. Se os vossos septões dizem que há, os vossos sete deuses devem ser demónios. Nas ilhas sabemos melhor das coisas. Os nossos deuses deram-nos pernas para correr, narizes para cheirar, mãos para tocar e sentir. Que deus louco e cruel daria a um homem olhos e depois lhe diria que tinha de os manter fechados para sempre, e nunca olhar toda a beleza do mundo? Só um deus monstruoso, um demónio das trevas. — Kojja pôs a mão entre as pernas de Sam. — Os deuses também te deram isto por uma razão, para… qual é a vossa palavra de Westeros?

— *Foder* — sugeriu prestavelmente Xhondo.

— Sim, para foder. Para dar prazer e fazer filhos. Não há vergonha nisso.

Sam afastou-se dela.

— Eu fiz um juramento. *Não tomarei esposa, e não gerarei filhos*. Proferi as palavras.

— Ela conhece as palavras que disseste. É uma criança nalgumas coisas, mas não é cega. Sabe porque é que usas o negro, porque é que vais para Vilavelha. Sabe que não pode ficar contigo. Quer-te durante algum tempo, nada mais. Perdeu o pai e o marido, a mãe e as irmãs, e casa, o seu *mundo*. Tudo o que tem és tu e o bebé. De modo que ou vais ter com ela, ou nadas.

Sam olhou desesperado a neblina que assinalava a costa distante. Sabia que nunca conseguiria nadar até tão longe.

Foi ter com Gilly.

— O que fizemos… se eu pudesse tomar uma esposa, preferia ter-te a ti do que a qualquer princesa ou donzela bem nascida, mas não posso. Continuo a ser um corvo. Proferi as palavras, Gilly. Fui com Jon para a floresta e disse as palavras perante uma árvore coração.

— As árvores vigiam-nos — sussurrou Gilly, limpando as lágrimas do rosto de Sam. — Na floresta, elas vêem tudo… mas aqui não há árvores. Só há água, Sam. Só há água.

OceanofPDF.com

CERSEI

O dia estivera frio, cinzento e húmido. Levara a manhã inteira a chover com intensidade, e mesmo depois de a chuva parar as nuvens recusaram-se a abrir. Não chegaram a ver o sol. Um tempo tão desgraçado era suficiente para desencorajar até a pequena rainha. Em vez de sair a cavalo com as suas galinhas e a sua comitiva de guardas e admiradores, passara o dia inteiro na Arcada das Donzelas com as galinhas, a ouvir o Bardo Azul cantar.

O dia de Cersei fora pouco melhor, até ao cair da noite. Quando o céu cinzento começava a transformar-se em negro, disseram-lhe que o *Doce Cersei* entrara no porto na maré da noite, e que Aurane Waters se encontrava lá fora, a solicitar uma audiência.

A rainha mandou-o buscar imediatamente. Assim que ele entrou no seu aposento privado, soube que as notícias eram boas.

— Vossa Graça — disse ele com um largo sorriso — Pedra do Dragão pertence-vos.

— Magnífico. — Pegou-lhe nas mãos e beijou-o na face. — Sei que Tommen também ficará contente. Isto vai querer dizer que podemos libertar a frota do Lorde Redwyne, e expulsar os homens de ferro dos Escudos. — As notícias que chegavam da Campina tornavam-se mais terríveis a cada corvo. Os homens de ferro não se tinham contentado com os seus novos rochedos, aparentemente. Estavam a assolar o Vago em força, e tinham chegado ao ponto de atacar a Árvore e as ilhas mais pequenas que a rodeavam. Os Redwyne não haviam mantido mais do que uma dúzia de navios de guerra nas suas águas, e todos tinham sido subjugados, capturados ou afundados. E agora havia relatórios que diziam que esse louco que chamava a si próprio Euron Olho de Corvo até estava a enviar navios para a Enseada dos Murmúrios, em direcção a Vilavelha.

— O Lorde Paxter estava a embarcar provisões para a viagem para casa quando o *Doce Cersei* zarpou — relatou o Lorde Waters. — Imagino que por esta altura a sua frota principal já se tenha feito ao mar.

— Esperemos que beneficiem de uma viagem rápida e de melhor tempo do que o de hoje. — A rainha puxou Waters para o banco de janela, a seu lado. — Temos este triunfo a agradecer a Sor Loras?

O sorriso dele desvaneceu-se.

— Alguns dirão que sim, Vossa Graça.

— Alguns? — A rainha deitou-lhe um olhar zombeteiro. — Vós não?

— Nunca vi cavaleiro mais bravo — disse Waters — mas ele transformou num massacre aquilo que podia ter sido uma vitória sem sangue. Mil homens estão mortos, ou tão perto disso que não faz diferença. A maior parte nossos. E não são só homens comuns, Vossa Graça, mas cavaleiros e jovens senhores, os melhores e os mais bravos.

— E o próprio Sor Loras?

— Completará mil e um. Levaram-no para o castelo após a batalha, mas os ferimentos são graves. Perdeu tanto sangue que os meistres nem sequer o sangram.

— Oh, que tristeza. Tommen ficará destroçado. Ele admirava tanto o nosso galante Cavaleiro das Flores.

— E o povo também — disse o seu almirante. — Teremos virgens a chorar para dentro do vinho por todo o reino quando Loras morrer.

A rainha sabia que ele não se enganava. Três mil pessoas comuns tinham-se reunido junto do Portão da Lama para se despedirem de Sor Loras no dia em que zarpara, e três em cada quatro eram mulheres. Ver aquilo só servira para a encher de desprezo. Desejara gritar-lhes que eram ovelhas, dizer-lhes que tudo o que alguma vez poderiam esperar de Loras Tyrell era um sorriso e uma flor. Mas em vez disso proclamara-o o mais ousado cavaleiro dos Sete Reinos e sorrira quando Tommen o presenteara com uma espada cravejada de jóias para levar para a batalha. O rei também lhe dera um abraço, o que não fazia parte dos planos de Cersei, mas agora não importava. Podia dar-se ao luxo de ser generosa. Loras Tyrell estava moribundo.

— Contai-me — ordenou Cersei. — Quero saber tudo, do princípio ao fim.

A sala já escurecera quando ele terminou. A rainha acendeu algumas velas e mandou Dorcas às cozinhas para lhes trazer um pouco de pão e queijo e de carne de vaca cozida com rábão. Enquanto jantavam, pediu a Aurane para voltar a contar-lhe a história, a fim de se lembrar correctamente de todos os detalhes.

— Afinal de contas, não desejo que a nossa preciosa Margaery ouça essas notícias de um estranho — disse. — Eu própria lhe contarei.

— Vossa Graça é bondosa — disse Waters com um sorriso. *Um sorriso malévolo*, pensou a rainha. Aurane não se parecia tanto com o Príncipe Rhaegar como ela julgara. *Tem o cabelo, mas também o têm metade das rameiras de Lys, se as histórias forem verdadeiras. Rhaegar era um homem. Este é um rapaz manhoso, e nada mais. Útil à sua maneira, contudo.*

Margaery estava na Arcada das Donzelas, beberricando vinho e tentando aprender com as três primas um novo jogo qualquer de Volantis. Embora a hora fosse tardia, os guardas admitiram Cersei de imediato.

— Vossa Graça — começou — é melhor que ouçais as notícias através de mim. Aurane regressou de Pedra do Dragão. O vosso irmão é um herói.

— Sempre soube que o era. — Margaery não parecia surpreendida. *E porque haveria de estar? Já esperava isto desde o momento em que Loras suplicou o comando*. Mas quando Cersei terminou a história, lágrimas cintilavam nas bochechas da rainha mais nova.

— Redwyne tinha mineiros a trabalhar a fim de fazer passar um túnel sob as muralhas do castelo, mas isso era lento demais para o Cavaleiro das Flores. Sem dúvida que pensava no povo do senhor vosso pai a sofrer nos Escudos. O Lorde Waters diz que ordenou o assalto menos de meio dia depois de tomar o comando, após o castelão do Lorde Stannis ter recusado a sua oferta para decidir o cerco entre os dois, em combate singular. Loras foi o primeiro a passar pela brecha quando o aríete quebrou os portões do castelo. Cavalgou directamente para a boca do dragão, dizem, todo de branco a brandir a maça de armas em volta da cabeça, matando à esquerda e à direita.

Megga Tyrell já soluçava abertamente por aquela altura.

— Como foi que ele morreu? — perguntou. — Quem o matou?

— Nenhum homem tem essa honra — disse Cersei. — Sor Loras foi atingido por um dardo na coxa e por outro no ombro, mas continuou a lutar galantemente, embora o sangue saísse em golfadas. Mais tarde sofreu um golpe de maça que lhe quebrou algumas costelas. Depois disso… mas não, desejo poupar-vos o pior.

— Dizei-me — disse Margaery. — Eu ordeno-o.

Ordenas? Cersei fez um momento de pausa, e decidiu que deixaria aquilo passar.

— Os defensores retiraram para uma fortaleza interior, depois da muralha exterior ser tomada. Loras também liderou aí o ataque. Levou um banho de azeite a ferver.

A Senhora Alla ficou branca como a cal e fugiu da sala.

— O Lorde Waters garante-me que os meistres estão a fazer tudo o que podem, mas temo que o vosso irmão esteja demasiado queimado. — Cersei tomou Margaery nos braços para a confortar. — Ele salvou o reino. — Quando beijou a pequena rainha no rosto sentiu o gosto do sal das suas lágrimas. — Jaime anotará todos os seus feitos no Livro Branco, e os cantores cantarão acerca dele durante mil anos.

Margaery soltou-se do seu abraço, com tal violência que Cersei quase caiu.

— Estar moribundo não é estar morto — disse.

— Não, mas os meistres dizem…

— *Estar moribundo não é estar morto!*

— Só quis poupar-vos…

— Eu sei o que quisestes. Saí.

Agora sabes como me senti na noite em que Joffrey morreu. Fez uma vénia, com o rosto numa máscara de fria cortesia.

— Querida filha. Sinto-me tão triste por vós. Vou deixar-vos com o vosso desgosto.

A Senhora Merryweather não apareceu naquela noite, e Cersei deu por si demasiado inquieta para dormir. *Se o Lorde Tywin me pudesse ver agora, saberia que tinha o seu herdeiro, um herdeiro merecedor do Rochedo*, pensou, deitada na cama, com Jocelyn Swyft a ressonar suavemente para a outra almofada. Margaery estaria em breve a chorar as lágrimas amargas que devia ter chorado por Joffrey. Mace Tyrell talvez também chorasse, mas não lhe dera motivo para romper com ela. O que fizera, afinal, além de honrar Loras com a sua confiança? Ele pedira o comando de joelhos dobrados à vista de metade da corte.

Quando ele morrer, tenho de erguer algures uma estátua sua, e dar-lhe um funeral como Porto Real nunca viu. O povo gostaria disso. Tommen também. *Mace até pode agradecer-me, pobre homem. E quanto à senhora sua mãe, se os deuses forem bons esta notícia matá-la-á.*

O nascer do Sol foi o mais bonito que Cersei vira em anos. Taena apareceu pouco depois, e confessou ter passado a noite a consolar Margaery e as suas senhoras, bebendo vinho, chorando e contando histórias sobre Loras.

— Margaery continua convencida de que ele não morrerá — relatou, enquanto a rainha se vestia para uma audiência. — Planeia enviar o seu meistre para cuidar dele. As primas estão a rezar pela misericórdia da Mãe.

— Eu também rezarei. Amanhã, vinde comigo ao Septo de Baelor, e acenderemos um cento de velas pelo nosso galante Cavaleiro das Flores. — Virou-se para a aia. — Dorcas, traz-me a coroa. A nova, por favor. — Era mais leve do que a antiga, de ouro tecido de um tom claro, encastoado de esmeraldas que relampejavam quando a rainha virava a cabeça.

— Vieram quatro por causa do Duende hoje de manhã — disse Sor Osmund, quando Jocelyn o deixou entrar.

— Quatro? — A rainha estava agradavelmente surpreendida. Tinha havido um fluxo constante de informadores a caminho da Fortaleza Vermelha, afirmando saber de Tyrion, mas quatro num só dia não era comum.

— Sim — disse Osmund. — Um deles trouxe-vos uma cabeça.

— Recebo-o primeiro. Trazei-o ao aposento privado. — *Que desta vez não haja erros. Que eu me veja finalmente vingada, para que Joff possa repousar em paz*. Os septões diziam que o número sete era sagrado para os deuses. Se assim fosse, esta sétima cabeça talvez lhe trouxesse o bálsamo pelo qual a sua alma ansiava.

O homem revelou ser tyroshi; baixo, entroncado e suado, com um sorriso untuoso que lhe fazia lembrar Varys e uma barba bifurcada pintada de verde e cor-de-rosa. Cersei não gostou dele assim que o viu, mas estava disposta a ignorar os seus defeitos se realmente tivesse a cabeça de Tyrion dentro da arca que trazia. Era de cedro, com embutidos de marfim num padrão de trepadeiras e flores, com dobradiças e presilhas de ouro branco. Uma coisa maravilhosa, mas o único interesse da rainha jazia no que poderia estar lá dentro. *Pelo menos é suficientemente grande. Tyrion tinha uma cabeça grotescamente grande, para alguém tão pequeno e atrofiado.*

— Vossa Graça — murmurou o tyroshi, com uma profunda vénia — vejo que sois tão adorável como rezam as histórias. Mesmo para lá do mar estreito ouvimos falar da vossa grande beleza, e do desgosto que dilacera o vosso coração gentil. Não há homem que vos possa devolver o vosso bravo e jovem filho, mas é minha esperança poder pelo menos oferecer-vos algum bálsamo para a dor. — Pousou a mão na arca. — Trago-vos justiça. Trago-vos a cabeça do vosso *valonqar*.

A velha palavra valiriana causou-lhe um arrepio, embora também lhe tivesse dado uma titilação de esperança.

— O Duende já não é meu irmão, se é que alguma vez o foi — declarou. — E não direi o seu nome. Em tempos foi um nome orgulhoso, antes de ele o desonrar.

— Em Tyrosh chamamos-lhe Mãos-Vermelhas, devido ao sangue que escorre dos seus dedos. O sangue de um rei, e o de um pai. Há quem diga que ele também matou a mãe, rasgando-lhe o ventre com selváticas garras ao nascer.

Que disparate, pensou Cersei.

— É verdade — disse. — Se a cabeça do Duende estiver nessa arca, farei de vós senhor e atribuir-vos-ei ricas terras e fortalezas. — Os títulos eram mais baratos do que pó, e as terras fluviais estavam cheias de castelos arruinados, que se erguiam desolados por entre campos por cuidar e aldeias incendiadas. — A minha corte espera-me. Abri a caixa e deixai-nos ver.

O tyroshi abriu a caixa com um floreado, e deu um passo para trás, sorrindo. Lá dentro, a cabeça de um anão repousava sobre uma camada de suave veludo azul, fitando-a.

Cersei examinou-a longamente.

— Esse não é o meu irmão. — Tinha um sabor amargo na boca. *Suponho que seria esperar demasiado, especialmente depois de Loras. Os deuses nunca são tão bons.* — Este homem tem olhos castanhos. Tyrion tinha um negro e um verde.

— Os olhos, é verdade… Vossa Graça, os olhos do vosso irmão tinham… apodrecido, de certa forma. Tomei a liberdade de os substituir por vidro… mas da cor errada, tal como dizeis.

Aquilo só a aborreceu mais.

— A tua cabeça pode ter olhos de vidro, mas eu não tenho. Há gárgulas em Pedra do Dragão mais parecidas com o Duende do que esta criatura. Ele é *careca*, e é duas vezes mais velho do que o meu irmão. O que lhe aconteceu aos dentes?

O homem encolheu-se perante a fúria na sua voz.

— Ele tinha um belo conjunto de dentes de ouro, Vossa Graça, mas nós… lamento…

— Oh, ainda não. Mas vais lamentar. — *Devia mandar estrangulá-lo. Que arqueje por ar até ficar com a cara preta, como o meu querido filho*. As palavras estavam-lhe nos lábios.

— Um engano honesto. Um anão parece-se tanto com os outros, e… Vossa Graça poderá observar, ele não tem nariz…

— Não tem nariz porque tu o *cortaste*.

— Não! — O suor na testa do homem traiu a mentira da negação.

— Sim. — Uma doçura venenosa insinuou-se no tom de Cersei. — Pelo menos tiveste esse bom senso. O último idiota tentou dizer-me que um feiticeiro ambulante tinha feito com que voltasse a crescer. Mesmo assim, parece-me que deves um nariz a este anão. A Casa Lannister paga as suas dívidas, e tu também pagarás. Sor Meryn, levai esta fraude a Qyburn.

Sor Meryn Trant pegou no braço do tyroshi e puxou-o para fora da sala, ainda a protestar. Depois dos outros saírem, Cersei virou-se para Osmund Kettleblack. — Sor Osmund, tirai esta coisa da minha vista, e mandai entrar os outros três que afirmam ter informações sobre o Duende.

— Sim, Vossa Graça.

Infelizmente, os três candidatos a informadores não se mostraram mais úteis do que o tyroshi. Um disse que o Duende estava escondido num bordel de Vilavelha, a dar prazer aos homens com a boca. Aquilo dava uma imagem engraçada, mas Cersei não acreditou nem por um instante. O segundo afirmava ter visto o anão num espectáculo de saltimbancos em Bravos. O terceiro insistiu que Tyrion se tornara eremita nas terras fluviais, e vivia numa qualquer colina assombrada. A rainha respondeu o mesmo a todos.

— Se fizerdes a bondade de levar alguns dos meus bravos cavaleiros a esse anão, sereis ricamente recompensados — prometeu. — Desde que seja o Duende. Se não for… bem, os meus cavaleiros têm pouca paciência para aldrabices e para tolos que os ponham a perseguir sombras. Um homem poderia perder a língua. — E de repente, os três informadores perderam as certezas, e concederam que talvez pudessem ter visto outro anão qualquer.

Cersei nunca se apercebera da existência de tantos anões.

— Estará o mundo inteiro a transbordar desses monstrinhos retorcidos? — protestou, enquanto o último dos informadores era conduzido para fora. — Quantos poderá haver?

— Menos do que havia — disse a Senhora Merryweather. — Posso ter a honra de acompanhar Vossa Graça à audiência?

— Se conseguirdes suportar o tédio — disse Cersei. — Robert era um palerma acerca da maior parte das coisas, mas tinha razão num aspecto.

Governar um reino é trabalho cansativo.

— Entristece-me ver Vossa Graça tão cheia de cuidados. Fugi, brincai e deixai estas cansativas petições para a Mão do Rei. Podíamos vestir-nos como criadas e passar o dia entre o povo, para ouvir o que eles têm a dizer sobre a queda de Pedra do Dragão. Eu conheço a estalagem onde o Bardo Azul toca quando não está a cantar para a pequena rainha, e uma certa cave onde um prestidigitador transforma chumbo em ouro, água em vinho e raparigas em rapazes. Ele talvez pudesse aplicar-nos os seus feitiços. Não divertiria Vossa Graça ser um homem por uma noite?

Se eu fosse um homem, seria Jaime, pensou a rainha. *Se fosse um homem, podia governar este reino em meu próprio nome em vez de no de Tommen.*

— Só se vós permanecêsseis mulher — disse, sabendo que era isso o que Taena queria ouvir. — Sois uma malvada por me tentar assim, mas que tipo de rainha seria eu se pusesse o meu reino nas mãos trémulas de Harys Swyft?

Taena fez beicinho.

— Vossa Graça é demasiado diligente.

— Pois sou — concedeu Cersei — e antes de terminar o dia, estarei arrependida de o ser. — Deu o braço à Senhora Merryweather. — Vinde.

Jalabhar Xho era o primeiro peticionário desse dia, como era próprio do seu estatuto como um príncipe no exílio. Por magnífico que parecesse no seu brilhante manto de penas, só tinha vindo mendigar. Cersei deixou-o fazer a sua súplica habitual por homens e armas que o ajudassem a reconquistar o Vale da Flor Vermelha, e depois disse:

— Sua Graça está a travar a sua própria guerra, Príncipe Jalabhar. Ele não tem homens que possa dispensar para a vossa neste momento. Talvez para o ano. — Aquilo era o que Robert lhe dizia sempre. No ano seguinte dir-lhe-ia *nunca*, mas hoje não. Pedra do Dragão era sua.

O Lorde Hallyne da Guilda dos Alquimistas apresentou-se para pedir autorização para os seus piromantes chocarem qualquer ovo de dragão que pudesse aparecer em Pedra do Dragão, agora que a ilha estava segura e de volta às mãos do rei.

— Se tivessem restado alguns ovos desses, Stannis tê-los-ia vendido para pagar pela sua rebelião — disse-lhe a rainha. Absteve-se de dizer que o plano era louco. Desde que o último dragão Targaryen morrera, todas as tentativas do género tinham terminado em morte, desastre ou desgraça.

Um grupo de mercadores surgiu perante ela a fim de suplicar à coroa para interceder por eles junto do Banco de Ferro de Bravos. Os bravosianos andavam a exigir o pagamento das dívidas por saldar, pelos vistos, e recusavam todos os novos empréstimos. *Precisamos do nosso próprio banco*, decidiu Cersei, *o Banco Dourado de Lanisporto*. Quando o trono de Tommen estivesse seguro, talvez pudesse fazer com que isso acontecesse. De momento, tudo o que pôde fazer foi dizer aos mercadores para pagarem aos usurários bravosianos aquilo que lhes era devido.

A delegação da Fé era liderada pelo seu velho amigo, o Septão Raynard. Seis dos Filhos do Guerreiro escoltaram-no pela cidade; juntos faziam sete, um número sagrado e favorável. O novo Alto Septão — ou Alto Pardal, como o Rapaz Lua o apelidara — fazia tudo em grupos de sete. Os cavaleiros usavam cinturões listados com as sete cores da Fé. Cristais adornavam os punhos das suas espadas e os espigões dos seus elmos. Transportavam escudos em forma de estrela, num estilo que não era comum desde a Conquista, ostentando um símbolo que não era visto nos Sete Reinos há séculos: uma espada arco-íris a cintilar, brilhante, em fundo de escuridão. Perto de uma centena de cavaleiros já se apresentara para ajuramentar as suas vidas e espadas aos Filhos do Guerreiro, segundo Qyburn dizia, e apareciam mais todos os dias. *Bêbados de deuses, todos eles. Quem haveria de pensar que o reino continha tantos?*

A maior parte tinham sido cavaleiros domésticos ou andantes, mas uma mão cheia era de elevado nascimento; filhos mais novos, pequenos senhores, velhos que ansiavam pela expiação de antigos pecados. E depois havia Lancel. Julgara que Qyburn devia estar a brincar quando lhe dissera que o cretino do seu primo renunciara a castelo, terras e esposa e voltara à cidade para se juntar à Nobre e Poderosa Ordem dos Filhos do Guerreiro, mas ali estava ele com os outros piedosos palermas.

Cersei não gostava nada daquilo. E tampouco estava contente com a contínua truculência e ingratidão do Alto Pardal.

— Onde está o Alto Septão? — perguntou a Raynard. — Foi a ele que convoquei.

O Septão Raynard adoptou um tom pesaroso.

— Sua Alta Santidade mandou-me em seu lugar, e pediu-me para dizer a Vossa Graça que os Sete lhe ordenaram que fosse combater a maldade.

— Como? Pregando a castidade ao longo da Rua da Seda? Será que ele julga que rezar por prostitutas faz delas de novo virgens?

— Os nossos corpos foram esculpidos pelos nossos Pai e Mãe para podermos juntar homem com mulher e gerar filhos legítimos — respondeu Raynard. — É vil e pecaminoso que as mulheres vendam as partes sagradas por dinheiro.

Aquele piedoso sentimento poderia ter sido mais convincente se a rainha não soubesse que o Septão Raynard tinha amigas especiais em todos os bordéis da Rua da Seda. Não havia dúvida de que ele decidira que fazer de eco aos chilreios do Alto Pardal era preferível a lavar soalhos.

— Não vos atrevais a pregar comigo — disse-lhe. — Os encarregados dos bordéis têm andado a queixar-se, e com razão.

— Se os pecadores falam, porque hão-de os justos de lhes dar ouvidos?

— Esses pecadores alimentam os cofres reais — disse a rainha sem rodeios — e os seus dinheiros ajudam a pagar os salários dos meus homens de mantos dourados e a construir galés para defender as nossas costas. E também há o comércio a ter em conta. Se Porto Real não tivesse bordéis, os navios iriam para Valdocaso ou Vila Gaivota. Sua Alta Santidade prometeu-me paz nas minhas ruas. A prostituição ajuda a manter essa paz. Os homens comuns privados de prostitutas são capazes de se virar para a violação. Daqui em diante, que Sua Alta Santidade faça as suas orações no septo, onde é o seu lugar.

A rainha esperara ouvir também notícias trazidas pelo Lorde Gyles, mas foi o Grande Meistre Pycelle quem surgiu no seu lugar, de rosto cinzento e

apologético, para lhe dizer que Rosby se encontrava demasiado fraco para sair da cama.

— É triste dizê-lo, mas temo que o Lorde Gyles tenha de se reunir em breve aos seus nobres antepassados. Que o Pai o julgue com justiça.

Se Rosby morrer, Mace Tyrell e a pequena rainha irão de novo tentar forçar-me a aceitar Garth, o Grosso.

— O Lorde Gyles já tem aquela tosse há *anos*, e ela nunca o matou — protestou. — Ele levou a tossir durante metade do reinado de Robert e durante todo o de Joffrey. Se está agora moribundo, só pode ser porque alguém o quer ver morto.

O Grande Meistre Pycelle pestanejou, incrédulo.

— Vossa Graça? Q-quem quereria ver o Lorde Gyles morto?

— O seu herdeiro, talvez. — *Ou a pequena rainha*. — Alguma mulher que ele tenha desdenhado em tempos. — *Margaery, Mace e a Rainha dos Espinhos, porque não? Gyles está no seu caminho*. — Um velho inimigo. Um novo. Vós.

O velho empalideceu.

— V-vossa graça graceja. Eu… eu purguei sua senhoria, sangrei-o, tratei-o com cataplasmas e infusões… os vapores dão-lhe algum alívio e o sono doce ajuda a acalmar a violência da sua tosse, mas temo ele esteja agora a cuspir bocados de pulmão com o sangue.

— Seja como for. Regressareis para junto do Lorde Gyles e informá-lo-eis de que não tem a minha autorização para morrer.

— Se aprouver a Vossa Graça. — Pycelle fez uma vénia rígida.

Havia mais, e mais, e mais, cada peticionário mais aborrecido do que o último. E naquela noite, depois de o último finalmente ter partido, quando estava a comer um jantar simples com o filho, disse-lhe:

— Tommen, quando fizeres as tuas rezas antes de te deitares, diz à Mãe e ao Pai que estás grato por seres ainda uma criança. Ser rei é trabalho duro. Garanto-te, não gostarás. Dão-te bicadas como um bando de corvos. Todos querem um bocado da tua carne.

— Sim, mãe — disse Tommen num tom triste. Cersei compreendeu que a pequena rainha lhe contara o que acontecera a Sor Loras. Sor Osmund dizia que o rapaz chorara. *Ele é novo. Quando for da idade de Joff, já não se lembrará do aspecto de Loras*. — Mas eu não me importava que eles bicassem — prosseguiu o filho. — Devia ir convosco todos os dias às audiên- cias, para escutar. Margaery diz…

— … muito mais do que devia — cortou Cersei. — Por meio dinheiro, de bom grado mandaria arrancar-lhe a língua.

— *Não digais isso* — gritou Tommen de repente, com a pequena face redonda a tornar-se vermelha. — Deixai-lhe a língua em paz. Não lhe toqueis. Eu é que sou o rei, não sois vós.

Cersei fitou-o, incrédula.

— O que foi que disseste?

— O rei sou eu. Eu é que digo que línguas são arrancadas, não vós. Não vos deixarei fazer mal a Margaery. *Não deixarei*. Proíbo-o.

Cersei agarrou-o pela orelha e arrastou-o aos guinchos para a porta, onde se encontrava de guarda Sor Boros Blount.

— Sor Boros, Sua Graça esqueceu-se do seu lugar. Tende a bondade de o escoltar até ao quarto e de trazer Pate. Desta vez quero que seja o próprio Tommen a chicotear o rapaz. Deverá continuar até que o rapaz sangre de ambas as bochechas. Se Sua Graça recusar, ou disser uma palavra de protesto, chamai Qyburn e dizei-lhe para remover a língua de Pate, para que Sua Graça compreenda o custo da insolência.

— Às vossas ordens — arquejou Sor Boros, olhando o rei de relance e com constrangimento. — Vossa Graça, vinde comigo, por favor.

Quando a noite caiu sobre a Fortaleza Vermelha, Jocelyn acendeu a lareira no quarto da rainha enquanto Dorcas acendia as velas junto da cama. Cersei abriu a janela para apanhar um pouco de ar, e descobriu que as nuvens tinham voltado a esconder as estrelas.

— Que noite tão escura, Vossa Graça — murmurou Dorcas.

Sim, pensou, *mas não tão escura como na Arcada das Donzelas, ou em Pedra do Dragão, onde Loras Tyrell jaz queimado e a sangrar, ou lá em*

baixo, nas celas negras sob o castelo. A rainha não sabia por que motivo aquilo lhe ocorrera. Tinha decidido não dedicar a Falyse mais nenhum pensamento. *Combate singular. Falyse devia ter tido o bom senso de não casar com um tal idiota*. Segundo o que transpirara de Stokeworth, a Senhora Tanda morrera de um resfriado no peito, causado pela anca partida. Lollys Desmiolada fora proclamada Senhora Stokeworth, sendo Sor Bronn o seu senhor. *Tanda morta e Gyles moribundo. Ainda bem que temos o Rapaz Lua, caso contrário a corte ficaria completamente privada de bobos*. A rainha sorriu ao pousar a cabeça na almofada. *Quando lhe beijei o rosto, saboreei o sal das suas lágrimas.*

Sonhou um sonho antigo, sobre três raparigas com mantos castanhos, uma velha encarquilhada, e uma tenda que cheirava a morte.

A tenda da velha era escura, com um tecto alto e bicudo. Ela não queria entrar, tal como não quisera aos dez anos, mas as outras raparigas estavam a observá-la, portanto não podia recuar. No sonho eram três, tal como tinham sido em vida. A gorda Jeyne Farman deixou-se ficar para trás, como sempre fazia. Era um assombro que tivesse chegado tão longe. Melara Hetherspoon era mais corajosa, mais velha e mais bonita, à sua maneira sardenta. Envoltas em mantos de tecido grosseiro, com os capuzes erguidos, as três tinham-se esgueirado para fora das camas e atravessado o terreno de torneios, para ir em busca da feiticeira. Melara ouvira as criadas a segredar que ela era capaz de amaldiçoar um homem ou fazê-lo apaixonar-se, conjurar demónios e prever o futuro.

Em vida, as raparigas tinham estado sem fôlego e entontecidas, segredando umas com as outras enquanto avançavam, com tanta excitação como medo. O sonho era diferente. No sonho, os pavilhões encontravam-se cobertos de sombras e os cavaleiros e criados por que passavam eram feitos de neblina. As raparigas vaguearam por muito tempo antes de encontrarem a tenda da velha. Quando o fizeram, já todos os archotes se estavam a apagar. Cersei observou as raparigas a juntar-se, sussurrando umas com as outras. *Voltai para trás*, tentou dizer-lhes. *Afastai-vos. Não há aqui nada para vós*. Mas embora movesse a boca nenhuma palavra saiu.

A filha do Lorde Tywin foi a primeira a atravessar a aba, com Melara logo atrás. Jeyne Farman entrou por último e tentou esconder-se atrás das outras duas, como sempre fazia.

O interior da tenda estava cheio de cheiros. Canela e noz-moscada. Pimenta, vermelha, branca e preta. Leite de amêndoa e cebolas. Cravinho, erva-limão e o precioso açafrão, e especiarias mais estranhas, ainda mais raras. A única luz provinha de um braseiro de ferro com a forma de uma cabeça de basilisco, uma ténue luz verde que fazia as paredes da tenda parecer frias, mortas e apodrecidas. Teria também sido assim em vida? Cersei não parecia recordar-se.

A feiticeira dormia no sonho, como um dia dormira em vida. *Deixai-a em paz*, quis gritar a rainha. *Suas patetinhas, nunca acordai uma feiticeira adormecida*. Sem língua, só podia observar enquanto a rapariga tirava o manto, dava um pontapé na cama da bruxa e dizia:

— Acorda, queremos a sina lida.

Quando Maggy, a Rã, abriu os olhos, Jeyne Farman soltou um guincho assustado e fugiu da tenda, mergulhando de cabeça na noite. Estúpida, rechonchuda, tímida, pequena Jeyne, de rosto pálido e gordo, assustada com cada sombra. *Foi ela a sensata, contudo*. Jeyne ainda vivia na Ilha Bela. Casara com um dos vassalos do senhor seu irmão e parira uma dúzia de filhos.

Os olhos da velha eram amarelos, e estavam rodeados por uma crosta de qualquer coisa nojenta. Em Lanisporto dizia-se que ela era jovem e bela quando o marido a trouxera do leste com uma carga de especiarias, mas a idade e o mal tinham deixado em si as suas marcas. Era baixa, atarracada e verrugosa, com bochechas esverdeadas com uma textura de gravilha. Já não tinha dentes e as tetas pendiam-lhe até aos joelhos. Se se ficasse perto demais dela, conseguia-se cheirar a doença, e quando falava o hálito era estranho, forte e malcheiroso.

— Fora — disse a velha às raparigas, num murmúrio coaxante.

— Viemos para uma profecia — disse-lhe a jovem Cersei.

— Fora — coaxou a velha, pela segunda vez.

— Ouvimos dizer que vós conseguíeis ver o amanhã — disse Melara. — Só queremos saber com que homens vamos casar.

— Fora — coaxou Maggy, pela terceira vez.

Dai-lhe ouvidos, teria gritado a rainha se tivesse língua. *Ainda tendes tempo para fugir. Fugi, suas palerminhas!*

A rapariga dos caracóis dourados pôs as mãos nas ancas.

— Dá-nos a nossa profecia, senão vou falar com o senhor meu pai e ele manda-te chicotear por insolência.

— Por favor — suplicou Melara. — Lede-nos o futuro, e depois vamos embora.

— Alguns dos que aqui estão não têm futuro — resmungou Maggy com a sua terrível voz profunda. Aconchegou o roupão em volta dos ombros e fez um sinal às raparigas para que se aproximassem. — Vinde, se não quereis ir. Tolas. Vinde, sim. Tenho de saborear o vosso sangue.

Melara empalideceu, mas Cersei não. Uma leoa não teme uma rã, por mais velha e feia que seja. Devia ter-se ido embora, devia ter escutado, devia ter fugido. Mas em vez disso pegou no punhal que Maggy lhe ofereceu, e fez passar a retorcida lâmina de ferro pela ponta do seu polegar. Então tratou também de Melara.

Na tenda verde e escura, o sangue parecia mais negro do que vermelho. A boca desdentada de Melara tremeu ao vê-lo.

— Cá — sussurrou — dai-o cá. — Quando Cersei ofereceu a mão, ela sugou o sangue com gengivas tão moles como as de um bebé recém-nascido. A rainha ainda se lembrava de como a sua boca era estranha e fria.

— Podeis fazer três perguntas — disse a velha, depois de beber a sua bebida. — Não ireis gostar das minhas respostas. Perguntai, senão fora convosco.

Vai, pensou a rainha que sonhava, *controla a língua, e foge*. Mas a rapariga não tinha suficiente bom senso para sentir medo.

— Quando é que eu me caso com o príncipe? — perguntou.

— Nunca. Casareis com o rei.

Sob os seus caracóis dourados, o rosto da rapariga enrugou-se de perplexidade. Durante anos, depois daquilo, pensou que aquelas palavras queriam dizer que não casaria com Rhaegar até depois do pai, Aerys, ter morrido.

— Mas *vou* ser rainha? — perguntou o seu eu mais novo.

— Sim. — A malícia cintilou nos olhos amarelos de Maggy. — Rainha sereis… até chegar outra, mais nova e mais bela, para vos derrubar e roubar tudo aquilo que vos for querido.

A ira relampejou na cara da criança.

— Se ela tentar, mando o meu irmão matá-la. — Nem mesmo então parou, sendo como era uma criança obstinada. Ainda lhe era devida mais uma pergunta, mais um vislumbre da vida que a esperava. — O rei e eu teremos filhos? — perguntou.

— Oh, sim. Ele dezasseis, e vós três.

Aquilo não fazia sentido para Cersei. O polegar latejava onde o cortara, e o seu sangue pingava no tapete. *Como pode isso ser?*, quis perguntar, mas já não tinha mais perguntas.

Porém, a velha ainda não terminara com ela.

— De ouro serão as suas coroas e de ouro as suas mortalhas — disse. — E quando as vossas lágrimas vos afogarem, o *valonqar* enrolará as mãos na vossa pálida garganta branca e estrangular-vos-á até vos roubar a vida.

— O que é um *valonqar*? Algum monstro? — A rapariga dourada não gostava daquela profecia. — És uma mentirosa e uma rã verrugosa e uma velha selvagem malcheirosa, e eu não acredito numa palavra que tu dizes. Vem embora, Melara. Não vale a pena ouvi-la.

— Eu também tenho três perguntas — insistiu a amiga. E quando Cersei lhe puxou o braço, ela libertou-se e voltou-se outra vez para a velha. — Vou casar-me com o Jaime? — perguntou muito depressa.

Sua rapariga estúpida, pensou a rainha, ainda hoje zangada. *Jaime nem sequer sabe que estás viva*. Nessa época, o irmão vivia apenas para as espadas, os cães e os cavalos… e para ela, a sua gémea.

— Nem Jaime, nem nenhum outro homem — disse Maggy. — Serão os vermes a ficar com a vossa virgindade. A vossa morte está hoje aqui, pequena. Sentis o cheiro do seu hálito? Está muito perto.

— O único hálito que cheiramos é o teu — disse Cersei. Havia um boião de uma poção grossa qualquer junto ao seu cotovelo, pousado numa mesa. Pegou nele e atirou-o aos olhos da velha. Em vida, esta gritara-lhes numa estranha língua estrangeira qualquer, e amaldiçoara-as quando fugiram da sua tenda. Mas no sonho, o seu rosto dissolveu-se, derretendo-se em fitas de névoa cinzenta até que tudo o que restou foram dois olhos vesgos e amarelos, os olhos da morte.

O valonqar *enrolará as mãos na vossa garganta*, ouviu a rainha, mas a voz não pertencia à velha. As mãos emergiram das névoas do seu sonho, e envolveram-lhe o pescoço; mãos grossas, e fortes. Por cima delas flutuava a cara dele, olhando-a de esguelha com os seus olhos desiguais. *Não*, tentou gritar a rainha, mas os dedos do anão enterraram-se-lhe profundamente no pescoço, afogando os seus protestos. Esperneou e esganiçou-se, sem resultado. Não levou muito tempo a começar a fazer o mesmo som que o filho fizera, o terrível som agudo de sugar que assinalara a última inspiração de Joff nesta terra.

Acordou a arquejar no escuro, com a manta enrolada em volta do pescoço. Cersei puxou-a com tal violência que a rasgou, e sentou-se na cama, com os seios a oscilar. *Um sonho*, disse a si própria, *um sonho antigo e uma colcha presa, não passou disso*.

Taena estava de novo a passar a noite com a pequena rainha, de modo que era Dorcas quem dormia a seu lado. A rainha sacudiu rudemente a rapariga pelo ombro.

— Acorda, e vai buscar Pycelle. Ele deve estar com o Lorde Gyles, espero eu. Trá-lo cá imediatamente. — Ainda meio a dormir, Dorcas saiu aos tropeções da cama e correu pelo aposento em busca das suas roupas, fazendo restolhar os pés nus nas esteiras.

Séculos mais tarde, o Grande Meistre Pycelle entrou a arrastar os pés, e parou na sua frente com a cabeça baixa, pestanejando os seus olhos de

grossas pálpebras e lutando para não bocejar. Parecia que o peso da enorme corrente de meistre em volta do caniço do seu pescoço o arrastava para o chão. Que Cersei se lembrasse, Pycelle sempre fora velho, mas tinha havido uma época em que também era magnífico: ricamente vestido, digno, impecavelmente cortês. A sua imensa barba branca dava-lhe um ar de sabedoria. Mas Tyrion rapara-lhe a barba, e aquilo que voltara a crescer era digno de dó, uns tufos irregulares de pêlos finos e quebradiços que pouco faziam para esconder a pele solta e cor-de-rosa que tinha sob o queixo pendente. *Isto não é um homem*, pensou Cersei, *são só as ruínas de um homem. As celas negras roubaram-lhe todas as forças que pudesse ter possuído. Isso e a navalha do Duende.*

— Quantos anos tendes? — perguntou abruptamente Cersei.

— Oitenta e quatro, se aprouver a Vossa Graça.

— Um homem mais novo aprazer-me-ia mais.

A língua de Pycelle surgiu momentaneamente entre os seus lábios.

— Não tinha mais que quarenta e dois quando o Conclave me chamou. Kaeth tinha oitenta quando o escolheram, e Ellendor estava próximo dos noventa. As preocupações do cargo esmagaram-nos, e ambos estavam mortos menos de um ano após terem sido nomeados. Merion sucedeu-lhes, só com sessenta e seis, mas morreu de um resfriado a caminho de Porto Real. Depois disso, o Rei Aegon pediu à Cidadela para mandar um homem mais novo. Foi o primeiro rei que eu servi.

E Tommen será o último.

— Preciso que me forneçais uma poção. Algo que me ajude a dormir.

— Uma taça de vinho antes de deitar freq…

— Eu *bebo* vinho, seu cretino desmiolado. Quero qualquer coisa mais forte. Qualquer coisa que não me deixe sonhar.

— Vós… Vossa Graça não deseja sonhar?

— O que foi que acabei de dizer? Ter-se-ão os vossos ouvidos tornado tão fracos como a vossa picha? Sois capaz de me fazer uma poção assim, ou terei de ordenar ao Lorde Qyburn para rectificar mais um dos vossos falhanços?

— Não. Não há necessidade de envolver esse… de envolver Qyburn. Sono sem sonhos. Tereis a vossa poção.

— Óptimo. Podeis ir. — Mas quando ele se virou para a porta, a rainha chamou-o de volta. — Mais uma coisa. O que ensina a Cidadela a respeito de profecias? Os nossos amanhãs podem ser preditos?

O velho hesitou. Uma mão enrugada tacteou cegamente o peito, como que tentando afagar a barba que não estava lá.

— Os nossos amanhãs podem ser preditos? — repetiu lentamente. — Talvez. Há certos feitiços nos livros antigos… mas Vossa Graça devia perguntar era se "Os nossos amanhãs *devem* ser preditos" E a isso eu devia responder: "Não." Há portas que é melhor manter fechadas.

— Assegurai-vos de fechar a minha quando sairdes. — Devia saber de antemão que o homem lhe daria uma resposta tão inútil como ele próprio.

Na manhã seguinte quebrou o jejum com Tommen. O rapaz parecia muito subjugado; dar o tratamento a Pate servira o seu objectivo, segundo parecia. Comeram ovos fritos, pão frito, bacon e umas laranjas de sangue acabadas de chegar por navio de Dorne. O filho estava rodeado pelos seus gatinhos. Ao observar os gatos a brincar em volta dos pés dele, Cersei sentiu-se um pouco melhor. *Nada de mal acontecerá a Tommen enquanto eu continuar viva*. Mataria metade dos lordes de Westeros e todos os plebeus, se fosse esse o preço de o manter a salvo.

— Vai com Jocelyn — disse ao rapaz depois de comerem.

Então mandou buscar Qyburn.

— A Senhora Falyse ainda está viva?

— Viva, sim. Talvez não inteiramente… confortável.

— Estou a ver. — Cersei reflectiu por um momento. — Este homem, Bronn… não posso afirmar que gosto da ideia de ter um inimigo tão próximo. Todo o seu poder deriva de Lollys. Se apresentássemos a irmã mais velha…

— É pena — disse Qyburn. — Temo que a Senhora Falyse já não esteja capaz de governar Stokeworth. Ou, na verdade, de se alimentar sozinha. Aprendi bastante com ela, agrada-me dizer, mas as lições não surgiram

inteiramente livres de custos. Espero não ter excedido as instruções de Vossa Graça.

— Não. — Quaisquer que fossem as suas intenções, agora era tarde demais. Não fazia sentido remoer em coisas daquelas. *É melhor que ela morra*, disse a si própria. *Não quereria continuar a viver sem o marido. Apesar de ser o imbecil que era, a tola parecia gostar dele*. — Há outro assunto. Na noite passada tive um sonho terrível.

— Toda a gente é assim afligida, de vez em quando.

— Este sonho dizia respeito a uma bruxa que eu visitei em criança.

— Uma bruxa da floresta? A maioria são criaturas inofensivas. Sabem um pouco de ervas e algo sobre partos, mas para além disso…

— Ela era mais do que isso. Metade de Lanisporto ia ter com ela em busca de encantos e poções. Era mãe de um pequeno senhor, um mercador rico a quem foi dado um título pelo meu avô. O pai deste senhor encontrara-a enquanto fazia negócios no leste. Havia quem dissesse que ela o tinha enfeitiçado, embora seja mais provável que o único feitiço necessário tenha sido aquele que tinha entre as pernas. Nem sempre foi hedionda, ou pelo menos é o que dizem. Não me lembro do nome da mulher. Qualquer coisa comprida, oriental e exótica. O povo chamava-lhe Maggy.

— *Maegi*?

— É assim que vós pronunciais? A mulher sugava-nos uma gota de sangue do dedo e dizia o que o futuro nos traria.

— A magia de sangue é a espécie mais negra de feitiçaria. Há quem diga que também é a mais poderosa.

Cersei não queria ouvir aquilo.

— Esta *maegi* fez certas profecias. A princípio ri-me delas, mas… ela predisse a morte de uma das minhas aias. Na altura em que fez a profecia, a rapariga tinha onze anos, era saudável como um cavalinho e vivia a salvo no interior do Rochedo. Mas pouco depois caiu a um poço e afogou-se. — Melara suplicara-lhe que nunca falasse daquilo que tinham ouvido naquela noite na tenda da *maegi*. *Se nunca falarmos sobre aquilo, depressa esqueceremos, e então será como termos tido um pesadelo*, dissera Melara.

Os pesadelos nunca se tornam reais. Ambas eram tão novas, que aquilo soara quase sensato.

— Ainda sofreis por essa amiga de infância? — perguntou Qyburn. — É isso o que vos perturba, Vossa Graça?

— Melara? Não. Quase nem consigo lembrar-me da sua cara. É só que… a *maegi* sabia quantos filhos eu teria, e sabia dos bastardos de Robert. Anos antes de ele gerar sequer o primeiro, ela sabia. Garantiu-me que eu seria rainha, mas disse que outra rainha chegaria… — *Mais nova e mais bela, disse ela.* — … outra rainha, que me roubaria tudo aquilo que eu amo.

— E desejais antecipar-vos a essa profecia?

Mais do que qualquer outra coisa, pensou.

— *Posso* antecipar-me a ela?

— Oh, sim. Nunca duvideis de tal coisa.

— Como?

— Penso que Vossa Graça sabe como.

E sabia. *Sempre o soube*, pensou. *Mesmo na tenda. "Se ela tentar, mando o meu irmão matá-la."*

Mas saber o que era preciso fazer era uma coisa; saber como fazê-lo outra bem diferente. Já não podia ter confiança em Jaime. Uma doença súbita seria o melhor, mas os deuses raramente se mostravam tão prestáveis. *Então como? Uma faca, uma almofada, uma taça de veneno do coração?* Todas essas opções colocavam problemas. Quando um velho morria durante o sono ninguém pensava duas vezes no assunto, mas uma rapariga de dezasseis anos encontrada morta na cama iria de certeza levantar questões incómodas. Além do mais, Margaery nunca dormia só. Mesmo com Sor Loras moribundo, havia espadas em seu redor de dia e de noite.

As espadas têm dois gumes, porém. Os próprios homens que a guardam podiam ser usados para a derrubar. As provas teriam de ser tão esmagadoras que nem mesmo o senhor pai de Margaery tivesse alternativa a dar consentimento à sua execução. Isso não seria fácil. *Não é provável que os seus amantes confessem, sabendo que isso custaria tanto as suas cabeças como a dela. A menos que…*

No dia seguinte a rainha encontrou Osmund Kettleblack no pátio, à espadeirada com um dos gémeos Redwyne. Qual, não saberia dizer; nunca fora capaz de os distinguir um do outro. Observou o combate durante algum tempo, e então chamou Sor Osmund de parte.

— Acompanhai-me por um pouco — disse — e dizei-me a verdade. Agora não quero fanfarronadas vazias, nada de conversas sobre como um Kettleblack é três vezes melhor do que qualquer outro cavaleiro. Muito pode depender da vossa resposta. O vosso irmão Osney. Qual é a sua qualidade enquanto espadachim?

— É bom. Já o vistes. Não é tão forte como eu ou como Osfryd, mas é rápido na matança.

— Se se chegasse a esse ponto, seria ele capaz de derrotar Sor Boros Blount?

— Boros, a Barriga? — Sor Osmund riu alto. — Ele tem o quê? Quarenta anos? Cinquenta? Passa metade do tempo meio bêbado, e é gordo mesmo quando está sóbrio. Se alguma vez teve gosto pela batalha, perdeu-o. Sim, Vossa Graça, se Sor Boros quiser ser morto, Osney pode tratar disso com bastante facilidade. Porquê? Boros cometeu alguma traição?

— Não — disse ela. *Mas Osney cometeu*.

OceanofPDF.com

BRIENNE

Encontraram o primeiro cadáver a uma milha do entroncamento.

Baloiçava sob o ramo de uma árvore morta cujo tronco enegrecido ainda ostentava as marcas do relâmpago que a matara. As gralhas pretas tinham-lhe trabalhado a cara, e os lobos haviam-se banqueteado com a parte de baixo das pernas, onde pendiam perto do solo. Só restavam ossos e trapos abaixo dos joelhos… e um sapato muito roído, semi-coberto de lama e bolor.

— O que é que ele tem na boca? — perguntou Podrick.

Brienne teve de se empedernir para olhar. A cara do cadáver estava cinzenta, verde e horrenda, a boca aberta e distendida. Alguém enfiara uma pedra branca e irregular entre os seus dentes. Uma pedra, ou…

— Sal — disse o Septão Meribald.

Cinquenta metros mais adiante viram o segundo corpo. Os necrófagos tinham-no puxado para baixo, de modo que o que dele restava encontrava-se espalhado no chão sob uma corda velha enrolada em volta do ramo de um ulmeiro. Brienne podia ter passado por ele, sem o notar, se Cão não o tivesse farejado e saltado para as ervas daninhas, para cheirar mais de perto.

— Que tens tu aí, Cão? — Sor Hyle desmontou, apressou-se a seguir o cão, e deparou com um meio-elmo. O crânio do morto ainda se encontrava lá dentro, acompanhado de algumas larvas e escaravelhos. — Bom aço — anunciou — e não está muito amolgado, embora o leão tenha perdido a cabeça. Pod, queres um elmo?

— Esse não. Tem vermes lá dentro.

— Os vermes lavam-se, rapaz. És enjoado como uma menina.

Brienne franziu-lhe o sobrolho.

— É grande demais para ele.

— Ele há-de crescer.

— Mas não quero — disse Podrick. Sor Hyle encolheu os ombros, e atirou o elmo partido para a floresta, com leão e tudo. Cão ladrou e foi erguer a perna contra a árvore.

Depois daquilo dificilmente avançavam cem metros sem encontrar um cadáver. Pendiam sob freixos e amieiros, faias e vidoeiros, lariços e ulmeiros, velhos salgueiros embranquecidos e faustosos castanheiros. Cada homem tinha um laço em volta do pescoço, e pendia de uma corda de cânhamo, e as bocas de todos eles estavam cheias de sal. Alguns usavam mantos cinzentos, azuis ou carmesins, embora a chuva e o sol os tivessem desbotado tanto que era difícil distinguir as cores umas das outras. Outros tinham símbolos cosidos ao peito. Brienne viu machados, setas, vários salmões, um pinheiro, uma folha de carvalho, escaravelhos, pequenos galos, uma cabeça de javali, meia dúzia de tridentes. *Homens quebrados*, compreendeu, *a escória de uma dúzia de exércitos, os restos dos lordes.*

Alguns dos mortos tinham sido calvos, e outros barbudos, alguns novos e outros velhos, alguns baixos, alguns altos, alguns gordos, alguns magros. Inchados na morte, com caras roídas e apodrecidas, todos se assemelhavam. *Na árvore da forca, todos os homens são irmãos*. Brienne lera aquilo num livro, embora não se conseguisse recordar de qual.

Foi Hyle Hunt quem finalmente pôs em palavras o que todos tinham compreendido.

— Foram estes os homens que saquearam Salinas.

— Que o Pai os julgue com dureza — disse Meribald, que fora amigo do idoso septão da vila.

Quem eles eram estava longe de interessar tanto a Brienne como quem os enforcara. O laço era o método de execução preferido de Beric Dondarrion e do seu bando de foras-da-lei, dizia-se. Se assim fosse, o dito senhor do relâmpago poderia perfeitamente encontrar-se por perto.

Cão ladrou, e o Septão Meribald olhou em volta e franziu o sobrolho.

— Vamos mais depressa? O sol pôr-se-á em breve, e cadáveres fazem má companhia à noite. Estes homens, vivos, eram negros e perigosos. Duvido que a morte os tenha melhorado.

— Aí discordamos — disse Sor Hyle. — Isto é precisamente o tipo de rapazes que mais é aperfeiçoado pela morte. — Mas mesmo assim, esporeou o cavalo, e todos eles aumentaram um pouco a velocidade.

Mais à frente, as árvores começaram a rarefazer-se, embora o mesmo não acontecesse aos cadáveres. Os bosques deram lugar a campos lamacentos, os ramos das árvores a cadafalsos. Nuvens de corvos erguiam-se aos guinchos dos cadáveres quando os viajantes se aproximavam, e voltavam a instalar-se depois de eles passarem. *Estes homens eram maus*, recordou Brienne a si própria, mas ver aquilo continuava a entristecê-la. Forçou-se a olhar para todos os homens, um de cada vez, em busca de rostos familiares. Pensou reconhecer alguns de Harrenhal, mas o estado em que estavam tornava difícil ter a certeza. Nenhum tinha um elmo em forma de cabeça de cão, mas eram poucos os que tinham qualquer tipo de elmo. A maioria fora despida de armas, armadura e botas antes de serem pendurados.

Quando Podrick perguntou pelo nome da estalagem onde esperavam passar a noite, o Septão Meribald pegou avidamente na pergunta, talvez para lhes afastar do espírito as horríveis sentinelas da berma da estrada.

— Alguns chamam-lhe Velha Estalagem. Há ali uma estalagem há muitas centenas de anos, embora *esta* só tenha sido construída durante o reinado do primeiro Jaehaerys, o rei que construiu a estrada do rei. Jaehaerys e a sua rainha dormiam aí durante as suas viagens, diz-se. Durante algum tempo, a estalagem foi conhecida em sua honra como Duas Coroas, até que um estalajadeiro construiu uma torre sineira, e mudou o nome para Estalagem do Toque de Sino. Mais tarde, passou para um cavaleiro aleijado chamado Jon Comprido Heddle, que se dedicou a trabalhar o ferro quando ficou demasiado idoso para combater. Ele forjou um novo sinal para o pátio, um dragão de três cabeças em ferro negro que pendurou de um poste de madeira. O animal era tão grande que teve de ser feito numa dúzia de peças, unidas com corda e arame. Quando o vento soprava, tinia e ressoava, de modo que a estalagem se tornou conhecida por todo o lado como o Dragão Ressonante.

— O sinal do dragão ainda lá está? — perguntou Podrick.

— Não — disse o Septão Meribald. — Quando o filho do ferreiro era já um velho, um filho bastardo do quarto Aegon ergueu-se em rebelião contra o seu irmão legítimo e escolheu como símbolo um dragão negro. Estas

terras pertenciam então ao Lorde Darry, e sua senhoria era ferozmente leal ao rei. Ver o dragão de ferro negro deixou-o furioso, de modo que cortou o poste, fez o sinal em bocados e atirou-os ao rio. Uma das cabeças do dragão foi dar à costa na Ilha Quieta muitos anos mais tarde, embora por essa altura estivesse vermelha de ferrugem. O estalajadeiro não voltou a pendurar outro sinal, e os homens esqueceram-se do dragão e acostumaram-se a chamar ao sítio Estalagem do Rio. Nesses dias, o Tridente passava por baixo da sua porta das traseiras, e metade dos quartos eram construídos por cima de água. Diz-se que os hóspedes podiam deitar uma linha pela janela e apanhar trutas. Também havia aí um embarcadouro para barcos, e os viajantes podiam atravessar para a Vila do Lorde Harroway e para Alvasparedes.

— Deixámos o Tridente a sul daqui e temos avançado para norte e oeste… não na direcção do rio, mas para longe dele.

— Sim, senhora — disse o septão. — O rio deslocou-se. Foi há setenta anos. Ou terá sido há oitenta? Foi quando o avô da velha Masha Heddle era dono do sítio. Foi ela quem me contou toda esta história. Uma mulher amável, a Masha, amiga de folhamarga e de bolos de mel. Quando não tinha um quarto para mim, deixava-me dormir junto da lareira, e nunca me mandou embora sem um pouco de pão e queijo e alguns bolos duros.

— É ela agora a estalajadeira? — perguntou Podrick.

— Não. Os leões enforcaram-na. Depois de se irem embora, ouvi dizer que um dos sobrinhos tentou reabrir a estalagem, mas as guerras tinham tornado as estradas perigosas demais para as pessoas comuns viajarem, de modo que havia pouca freguesia. Ele trouxe prostitutas, mas nem isso conseguiu salvá-lo. Algum lorde também o matou, segundo ouvi dizer.

Sor Hyle fez uma careta.

— Nunca sonhei que ser dono de uma estalagem fosse um perigo tão mortal.

— O que é perigoso é ter nascimento plebeu, quando os grandes senhores jogam o seu jogo dos tronos — disse o Septão Meribald. — Não é verdade, Cão? — Cão latiu o seu acordo.

— E então — disse Podrick — a estalagem tem algum nome *agora*?

— O povo chama-lhe a estalagem do entroncamento. O Irmão Mais Velho disse-me que duas das sobrinhas de Masha Heddle voltaram a abri-la à clientela. — Ergueu o bordão. — Se os deuses forem bons, aquele fumo que se ergue atrás dos enforcados saiu das suas chaminés.

— Podiam chamar ao sítio Estalagem da Forca — disse Sor Hyle.

Qualquer que fosse o nome, a estalagem era grande, erguendo-se três andares acima das estradas lamacentas, com paredes, torreões e chaminés feitos de boa pedra branca que rebrilhava, pálida e fantasmagórica, contra o céu cinzento. A sua ala sul fora construída sobre pesados pilares de madeira por cima de uma rachada e afundada extensão de ervas daninhas e relva morta e castanha. Um estábulo com telhado de colmo e uma torre sineira tinham sido ligados ao lado norte. Todo o complexo era rodeado por um muro baixo de pedras brancas, quebradas e cobertas de musgo.

Pelo menos ninguém a incendiou. Em Salinas, só tinham encontrado morte e desolação. Quando Brienne e os companheiros chegaram de barco, vindos da Ilha Quieta, os sobreviventes já tinham fugido, e os mortos estavam entregues à terra, mas ficara o cadáver da própria vila, em cinzas e por enterrar. O ar ainda cheirava a fumo, e os gritos das gaivotas flutuando na aragem pareciam quase humanos, como lamentos de crianças perdidas. Até o castelo parecera esquecido e abandonado. Cinzento como as cinzas da vila em redor, o castelo consistia de uma torre quadrada cintada por uma muralha exterior, construída de forma a dominar o porto. Estava bem fechado quando Brienne e os outros fizeram os cavalos sair do barco, sem nada em movimento nas suas ameias, a não ser estandartes. Foi preciso um quarto de hora de latidos do Cão e de batidas do Septão Meribald ao portão da frente com o bastão para que uma mulher aparecesse por cima deles e quisesse saber o que pretendiam.

Por essa altura o barco já partira e começara a chover.

— Sou um santo septão, minha boa senhora — gritara Meribald para cima — e estes são honestos viajantes. Procuramos abrigo da chuva e um lugar perto da vossa lareira para passar a noite. — A mulher não se deixara comover pelo seu apelo.

— A estalagem mais próxima fica no entroncamento, a oeste — respondera. — Não queremos aqui estranhos. Fora. — Depois de ela desaparecer, nem as preces de Meribald, nem os latidos de Cão, nem as pragas de Sor Hyle conseguiram trazê-la de volta. Por fim, tinham passado a noite na floresta, sob um abrigo feito de ramos entrelaçados.

Mas na estalagem do entroncamento havia vida. Mesmo antes de chegarem ao portão, Brienne ouviu o som de marteladas, ténues, mas contínuas. Traziam um ressoar metálico.

— Uma forja — disse Sor Hyle. — Ou têm com eles um ferreiro, ou o fantasma do velho estalajadeiro está a fazer outro dragão de ferro. — Esporeou o cavalo. — Espero que também tenham um cozinheiro fantasma. Um frango assado e estaladiço era coisa para pôr o mundo nos eixos.

O pátio da estalagem era um mar de lama castanha que sugava os cascos dos cavalos. O clangor do aço era ali mais alto, e Brienne viu o brilho rubro da forja para lá da ponta mais distante dos estábulos, por trás de um carro de bois com uma roda partida. Também via cavalos nos estábulos, e um rapaz pequeno balouçava pendurado das correntes enferrujadas da velha forca que se erguia acima do pátio. Quatro raparigas estavam no alpendre da estalagem, observando-o. A mais nova não tinha mais de dois anos, e estava nua. A mais velha, com nove ou dez, tinha os braços protectoramente em volta da pequena.

— Meninas — gritou-lhes Sor Hyle — ide a correr buscar a vossa mãe.

O rapaz deixou-se cair da corrente e precipitou-se para os estábulos. As quatro raparigas mostraram-se inquietas. Passado um momento, uma delas disse:

— Não temos mães. — E outra acrescentou:

— Eu tive, mas eles mataram-na. — A mais velha das quatro deu um passo em frente, empurrando a pequena para trás da sua saia.

— Quem sois? — quis saber.

— Honestos viajantes em busca de abrigo. O meu nome é Brienne, e este é o Septão Meribald, que é bem conhecido nas terras fluviais. O rapaz é o meu escudeiro, Podrick Payne, e o cavaleiro é Sor Hyle Hunt.

O martelar parou de súbito. A rapariga no alpendre examinou-os, desconfiada como só alguém de dez anos sabe ser.

— Chamo-me Willow. Ireis querer camas?

— Camas, cerveja e comida quente que nos encha as barrigas — disse Sor Hyle Hunt enquanto desmontava. — És tu a estalajadeira?

Ela abanou a cabeça.

— A estalajadeira é a minha irmã Jeyne. Ela não está aqui. Só temos carne de cavalo para comer. Se vindes em busca de rameiras, não há. A minha irmã correu com elas. Mas temos camas. Algumas com colchões de penas, mas os da maioria são de palha.

— E todas elas têm pulgas, não duvido — disse Sor Hyle.

— Tendes moedas para pagar? Prata?

Sor Hyle riu-se.

— Prata? Por uma noite numa cama e um pernil de cavalo? Pretendes roubar-nos, miúda?

— Queremos prata. Caso contrário podeis dormir na floresta com os mortos. — Willow olhou de relance o burro e os barris e trouxas que tinha às costas. — Aquilo é comida? Onde a arranjastes?

— Lagoa da Donzela — disse Meribald. O Cão ladrou.

— Interrogas todos os teus hóspedes desta maneira? — perguntou Sor Hyle.

— Não temos assim tantos hóspedes. Não é como antes da guerra. Nestes dias é principalmente pardais que andam pelas estradas, ou gente pior.

— Pior? — perguntou Brienne.

— Ladrões — disse uma voz de rapaz vinda dos estábulos. — Assaltantes.

Brienne virou-se, e viu um fantasma.

Renly. Nenhum golpe de martelo no coração a poderia ter abatido tanto.

— Senhor? — arquejou.

— Senhor? — O rapaz empurrou para trás uma madeixa de cabelo negro que lhe caíra sobre os olhos. — Eu sou só um ferreiro.

Ele não é Renly, compreendeu Brienne. *Renly está morto. Renly morreu nos meus braços, e era um homem de vinte e um anos. Isto é só um rapaz*. Um rapaz que se parecia com o Renly que viera pela primeira vez a Tarth. *Não, mais novo. Tem o queixo mais quadrado, e as sobrancelhas mais espessas*. Renly fora esbelto e flexível, ao passo que aquele rapaz tinha os ombros pesados e o braço direito musculoso que era tão frequente ver nos ferreiros. Usava um longo avental de couro, mas por baixo tinha o tronco nu. Uma barba escura por fazer cobria-lhe as bochechas e o queixo, e o cabelo era uma espessa cabeleira negra que lhe tapava as orelhas. O cabelo do Rei Renly fora daquele negro de carvão, mas o dele sempre estivera lavado, escovado e penteado. Por vezes cortava-o curto, e por vezes deixava-o cair, solto, sobre os ombros, ou atado em rabo-de-cavalo com uma fita dourada, mas nunca se mostrava emaranhado ou empapado de suor. E embora os seus olhos fossem daquele mesmo azul profundo, os do Lorde Renly sempre tinham sido calorosos e receptivos, cheios de risos, ao passo que os daquele rapaz transbordavam de fúria e suspeita.

O septão também o viu.

— Não pretendemos qualquer mal, rapaz. Quando esta estalagem era de Masha Heddle, sempre teve um bolo de mel para mim. Por vezes até me deixava dormir numa cama, se a estalagem não estivesse cheia.

— Ela está morta — disse o rapaz. — Os leões enforcaram-na.

— Enforcar gente parece ser o vosso passatempo preferido nesta zona — disse Sor Hyle Hunt. — Gostava de ter um pouco de terra por aqui. Plantava cânhamo, vendia corda, e fazia a minha fortuna.

— Todas estas crianças — disse Brienne para a rapariga chamada Willow. — São tuas… irmãs? Irmãos? Parentes directos e primos?

— Não. — Willow estava a fitá-la, de um modo que Brienne conhecia bem. — São só… não sei… os pardais trazem-nos para cá, às vezes. Outros chegam sozinhos. Se sois uma mulher, porque é que vos vestis como um homem?

O Septão Meribald respondeu.

— A Senhora Brienne é uma donzela guerreira numa demanda. Mas neste momento tem necessidade duma cama seca e duma fogueira quente. Tal como todos nós. Os meus velhos ossos dizem que vai voltar a chover, e em breve. Tendes quartos para nós?

— Não — disse o jovem ferreiro.

— Sim — disse a rapariga chamada Willow.

Olharam-se furiosos. Então Willow bateu com o pé no chão.

— Eles têm *comida*, Gendry. Os pequenos estão com fome. — Assobiou, e surgiram mais crianças como que por magia; rapazes esfarrapados com madeixas por tosquiar saíram a gatinhar de debaixo do alpendre, e furtivas raparigas surgiram em janelas que davam para o pátio. Alguns traziam bestas, retesadas e carregadas.

— Podiam chamar-lhe a Estalagem das Bestas — sugeriu Sor Hyle.

A Estalagem dos Órfãos seria mais apropriado, pensou Brienne.

— Wat, ajuda-os com os cavalos — disse Willow. — Will, deita essa pedra fora, eles não vieram fazer-nos mal. Tansy, Pate, vão a fugir buscar lenha para alimentar o fogo. Jon Vintém, tu ajudas o septão com aqueles fardos. Eu mostro-lhes uns quartos.

Por fim, escolherem três quartos adjacentes uns aos outros, cada um com a sua cama com colchão de penas e a sua janela. O de Brienne tinha também uma lareira. Pagou mais alguns dinheiros por um pouco de lenha.

— Eu durmo no vosso quarto, ou no de Sor Hyle? — perguntou Podrick enquanto ela abria as portadas.

— Isto não é a Ilha Quieta — disse-lhe Brienne. — Podes ficar comigo. — Ao chegar a manhã pretendia que os dois se pusessem a caminho sozinhos. O Septão Meribald ia prosseguir para Nogueira, Meandro e para a Vila de Lorde Harroway, mas Brienne não via sentido em continuar a segui-lo. Ele tinha o Cão para lhe fazer companhia, e o Irmão Mais Velho persuadira-a de que não encontraria Sansa Stark ao longo do Tridente. — Pretendo levantar-me antes do nascer do Sol, enquanto o Sor Hyle ainda estiver a dormir. — Brienne não lhe perdoara Jardim de Cima… e, como ele próprio dissera, Hunt não prestara qualquer juramento a respeito de Sansa.

— Para onde vamos, sor? Quer dizer, senhora?

Brienne não tinha resposta pronta para lhe dar. Tinham chegado a um entroncamento, literalmente; o lugar onde a estrada do rei, a estrada do rio e a estrada de altitude se juntavam. A estrada de altitude levá-los-ia para leste, através das montanhas, até ao Vale de Arryn, onde a tia da Senhora Sansa governara até à sua morte. Para oeste corria a estrada do rio, que seguia o curso do Ramo Vermelho até Correrrio e ao tio-avô de Sansa, que estava cercado mas ainda vivo. Ou então podiam seguir para norte pela estrada do rei, passando pelas Gémeas e pelo Gargalo, com seus pântanos e pauis. Se conseguisse encontrar uma forma de passar por Fosso Cailin e por quem quer que controlasse agora o castelo, a estrada do rei levá-los-ia até Winterfell.

Ou podia seguir pela estrada do rei para sul, pensou Brienne. *Podia escapulir-me de volta para Porto Real, confessar a Sor Jaime o meu falhanço, devolver-lhe a espada, e arranjar um navio que me levasse para Tarth, como o Irmão Mais Velho me instou a fazer*. A ideia era amarga, mas havia uma parte de si que ansiava por Entardecer e pelo pai, e outra parte que perguntava a si própria se Jaime a confortaria caso chorasse ao seu ombro. Era isso o que os homens queriam, não era? Mulheres suaves e impotentes que tinham de proteger?

— Sor? Senhora? Eu perguntei para onde vamos.

— Lá para baixo para a sala comum, jantar.

A sala comum estava repleta de crianças. Brienne tentou contá-las, mas não paravam quietas por um instante, de modo que contou algumas duas ou três vezes e outras não chegou a contar, até finalmente desistir. Tinham unido as mesas para formar três longas filas, e os rapazes mais velhos estavam a carregar bancos das traseiras. *Mais velho* queria dizer dez ou doze anos. Gendry era o que havia de mais semelhante a um homem feito, mas era Willow quem gritava todas as ordens, como se fosse uma rainha no seu castelo e as outras crianças não passassem de criados.

Se ela fosse bem nascida, o comando ser-lhe-ia natural e a deferência seria natural para os outros. Brienne perguntou a si própria se Willow

poderia ser mais do que aparentava. A rapariga era nova e simples demais para ser Sansa Stark, mas tinha a idade certa para ser a irmã mais nova, e até a Senhora Catelyn dissera que faltava a Arya a beleza da irmã. *Cabelo castanho, olhos castanhos, magricela… poderá ser?* Lembrava-se do cabelo de Arya Stark ser castanho, mas Brienne não estava certa quanto à cor dos seus olhos. *Castanho e castanho, seria? Poderá ela não ter morrido em Salinas, afinal?*

Lá fora, a última luz do dia esgotava-se. Cá dentro, Willow mandara acender quatro gordurosas velas de sebo e dissera às raparigas para manter a lareira com fogo vivo e quente. Os rapazes ajudaram Podrick Payne a descarregar o burro e levaram para dentro o bacalhau salgado, o carneiro, os legumes, os frutos secos e as rodelas de queijo, enquanto o Septão Meribald se dirigia às cozinhas para se encarregar das papas de aveia.

— Infelizmente, já não tenho laranjas, e duvido que veja mais alguma até à Primavera — disse ele a um rapazinho. — Alguma vez comeste uma laranja, moço? Alguma vez espremeste uma e lhe chupaste o sumo? — Quando o rapaz abanou a cabeça numa negativa, o septão despenteou-lhe o cabelo. — Então eu trago-te uma, quando chegar a Primavera, se fores um bom rapaz e me ajudares a mexer as papas.

Sor Hyle tirou as botas para aquecer os pés junto à lareira. Quando Brienne se sentou a seu lado, ele indicou com a cabeça o outro lado da sala.

— Há manchas de sangue no chão, ali onde o Cão está a farejar. Foram raspadas, mas o sangue introduziu-se profundamente na madeira, e não há maneira de o tirar de lá.

— Foi esta a estalagem em que Sandor Clegane matou três dos homens do irmão — fez-lhe ela lembrar.

— Pois foi — concordou Hunt — mas quem poderá dizer que foram os primeiros a morrer aqui… ou que serão os últimos?

— Tendes medo de um punhado de crianças?

— Quatro seriam um punhado. Dez seriam uma barrigada. Isto é uma cacofonia. As crianças deviam ser embrulhadas em fraldas e penduradas na

parede até crescer o peito às raparigas e os rapazes terem idade para fazer a barba.

— Eu tenho pena delas. Todas perderam as mães e os pais. Algumas viram-nos a ser mortos.

Hunt rolou os olhos.

— Esqueci-me de que estava a falar com uma mulher. O vosso coração é tão mole como as papas do nosso septão. Será possível? Algures dentro dessa espadachim está uma mãe aflita por dar à luz. O que realmente desejais é um bebé cor-de-rosa para mamar ao vosso peito. — Sor Hyle fez um sorriso. — Para isso precisais de um homem, segundo ouvi dizer. Um marido, de preferência. Porque não eu?

— Ainda esperais ganhar a vossa aposta…

— O que eu quero ganhar sois vós, a única descendente viva do Lorde Selwyn. Sei de homens que casaram com desmioladas e bebés de peito por propriedades com um décimo do tamanho de Tarth. Eu não sou Renly Baratheon, confesso, mas tenho a virtude de ainda estar entre os vivos. Há quem diga que essa é a minha única virtude. O casamento seria útil para ambos. Terras para mim, e um castelo cheio disto para vós. — Indicou as crianças com um movimento de mão. — Eu sou capaz, asseguro-vos. Gerei pelo menos uma bastarda, que eu saiba. Não tenhais medo, não vos obrigarei a acolhê-la. Da última vez que fui vê-la, a mãe deu-me um banho com uma panela de sopa.

Um rubor subiu pelo pescoço de Brienne.

— O meu pai só tem quarenta e quatro anos. Não é velho demais para voltar a casar e ter um filho com a sua nova esposa.

— Isso é um risco… *se* o vosso pai voltar a casar e *se* a sua noiva demonstrar ser fértil e *se* o bebé for um rapaz. Já fiz apostas piores.

— E perdeste-las. Jogai o vosso jogo com outra, sor.

— Assim fala uma donzela que nunca jogou o jogo com ninguém. Uma vez que o jogueis, adoptareis outro modo de ver as coisas. No escuro sois tão bela como qualquer outra mulher. Os vossos lábios foram feitos para serem beijados.

— São lábios — disse Brienne. — Todos os lábios são iguais.

— E todos os lábios são feitos para serem beijados — concordou Hunt num tom agradável. — Deixai a porta do vosso quarto destrancada esta noite, e eu esgueirar-me-ei para a vossa cama para vos demonstrar a verdade do que digo.

— Se o fizerdes, sereis um eunuco quando vos fordes embora. — Brienne levantou-se e afastou-se dele.

O Septão Meribald perguntou se podia fazer com as crianças uma oração de graças, ignorando a rapariguinha que gatinhava nua em cima da mesa.

— Sim — disse Willow, pegando na miúda antes de ela conseguir chegar às papas. E assim baixaram juntos as cabeças e agradeceram ao Pai e à Mãe as suas dádivas… todos menos o rapaz de cabelo negro da forja, que cruzou os braços ao peito e ficou quieto, os olhos cheios de fúria, enquanto os outros rezavam. Brienne não foi a única a reparar nisso. Quando a oração terminou, o Septão Meribald atravessou a mesa com o olhar e disse:

— Não tens amor pelos deuses, filho?

— Pelos vossos deuses, não. — Gendry levantou-se abruptamente. — Tenho trabalho a fazer. — E saiu a passos largos sem dar sequer uma dentada na comida.

— Há algum outro deus que ele adore? — perguntou Hyle Hunt.

— O Senhor da Luz — esganiçou um rapazinho esquelético, que ainda não teria seis anos.

Willow bateu-lhe com a colher.

— Ben Grande Boca. Há *comida*. Devias estar a comê-la, não a incomodar os s'nhores com conversas.

As crianças caíram sobre o jantar como lobos cairiam sobre um veado ferido, discutindo por causa do bacalhau, fazendo em bocados o pão de centeio, e enchendo tudo de papas. Nem a enorme rodela de queijo sobreviveu por muito tempo. Brienne contentou-se com peixe, pão e cenouras, enquanto o Septão Meribald deu dois bocados ao cão por cada um que ele próprio comia. Lá fora, começou a chover. Cá dentro, o fogo

crepitava, e a sala comum estava cheia de ruídos de mastigar, e dos produzidos por Willow quando batia nas crianças com a colher.

— Um dia, aquela rapariguinha há-de dar uma temível esposa para um homem qualquer — observou Sor Hyle. — Aquele pobre aprendiz, provavelmente.

— Alguém devia levar-lhe alguma comida antes que se esgote toda.

— Vós sois alguém.

Brienne enrolou num pano uma cunha de queijo, uma fatia de pão, uma maçã seca e dois bocados de bacalhau frito a desfazer-se. Quando Podrick se levantou para a seguir para a rua, ela disse-lhe para se voltar a sentar e comer.

— Eu não demoro.

A chuva caía pesadamente no pátio. Brienne cobriu a comida com uma dobra do manto. Alguns dos cavalos relincharam-lhe quando passou pelos estábulos. *Eles também têm fome.*

Gendry estava na forja, de peito nu por baixo do seu avental de couro. Martelava uma espada como se desejasse que ela fosse um inimigo, com o cabelo ensopado em suor a cair-lhe sobre a testa. Brienne ficou a observá-lo por um momento. *Ele tem os olhos de Renly e o cabelo de Renly, mas não a sua constituição. O Lorde Renly era mais esguio do que musculoso… ao contrário do irmão, Robert, cuja força era legendária.*

Foi só quando parou para limpar a testa que Gendry a viu ali parada.

— Que quereis *vós*?

— Trouxe jantar. — Abriu o pano para ele ver.

— Se eu quisesse comida, tinha comido alguma.

— Um ferreiro tem de comer para manter as forças.

— Sois minha mãe?

— Não. — Brienne pousou a comida. — Quem era a tua mãe?

— Que tendes vós a ver com isso?

— Nasceste em Porto Real. — O modo como ele falava dava-lhe essa certeza.

— Eu e muitos outros. — E mergulhou a espada numa cuba de água da chuva para a temperar. O aço quente silvou, furioso.

— Que idade tens? — perguntou Brienne. — A tua mãe ainda está viva? E o teu pai, quem era ele?

— Fazeis demasiadas perguntas. — Pousou a espada. — A minha mãe está morta e nunca conheci o meu pai.

— És um bastardo.

Ele tomou aquilo como um insulto.

— Sou um *cavaleiro*. Esta espada será minha em breve, assim que a termine.

O que estaria um cavaleiro a fazer trabalhando numa forja?

— Tens cabelo negro e olhos azuis, e nasceste à sombra da Fortaleza Vermelha. Nunca ninguém tinha reparado na tua cara?

— Que tem a minha cara de errado? Não é tão feia como a vossa.

— Em Porto Real deves ter visto o Rei Robert.

Ele encolheu os ombros.

— Às vezes. Em torneios, de longe. Uma vez no Septo de Baelor. Os homens de mantos dourados empurraram-nos para o lado para que ele pudesse passar. Doutra vez estava a brincar perto do Portão da Lama quando ele voltou de uma caçada. Estava tão bêbado que quase me atropelou. Era um grande beberrão gordo, mas melhor rei do que estes seus filhos.

Eles não são seus filhos. Stannis disse a verdade, naquele dia em que se encontrou com Renly. Joffrey e Tommen nunca foram filhos de Robert. Mas este rapaz…

— Escuta-me — começou Brienne. Então ouviu o Cão a ladrar, ruidosa e freneticamente. — Vem aí alguém.

— Amigos — disse Gendry, sem se mostrar preocupado.

— Que tipo de amigos? — Brienne dirigiu-se à porta da forja para espreitar através da chuva.

Ele encolheu os ombros.

— Conhecê-los-eis bem depressa.

Posso não querer conhecê-los, pensou Brienne, enquanto os primeiros cavaleiros surgiram a esparrinhar água das poças no pátio. Sob o tamborilar da chuva e os latidos do Cão, conseguiu ouvir o ténue tinir de espadas e cotas de malha sob os seus mantos esfarrapados. Contou-os à medida que foram aparecendo. Dois, quatro, seis, sete. Alguns estavam feridos, julgando pelo modo como cavalgavam. O último homem era maciço e pesadão, tão grande como dois dos outros. O seu cavalo estava estoirado e ensanguentado, e cambaleava sob o seu peso. Todos os cavaleiros tinham os capuzes erguidos contra a chuva intensa, à excepção dele. A sua cara era larga e sem pêlos, com uma palidez de verme, e as bochechas redondas estavam cobertas de chagas.

Brienne susteve a respiração e puxou pela Cumpridora de Promessas. *Demasiados*, pensou, com um sobressalto de medo, *eles são demasiados*.

— Gendry — disse em voz baixa — vais querer uma espada e armadura. Estes não são os teus amigos. Não são amigos de ninguém.

— De que estais vós a falar? — O rapaz aproximou-se e parou atrás dela, de martelo na mão.

Um relâmpago estalou para sul enquanto os cavaleiros desmontavam. Durante meio segundo, a escuridão transformou-se em dia. Um machado cintilou num azul prateado, luz reflectiu-se em cotas de malha e placas de aço, e sob o escuro capuz do cavaleiro da frente Brienne vislumbrou um focinho de ferro e fileiras de dentes de aço, a rosnar.

Gendry também o viu.

— Ele.

— Não é ele. É o seu elmo. — Brienne tentou manter o medo afastado da voz, mas tinha a boca seca como poeira. Fazia uma ideia bastante precisa de quem usava o elmo do Cão de Caça. *As crianças*, pensou.

A porta da estalagem abriu-se com estrondo. Willow saiu para a chuva, com uma besta na mão. A rapariga estava a gritar aos cavaleiros, mas um trovão rolou pelo pátio, afogando as suas palavras. Quando o estrondo se desvaneceu, Brienne ouviu o homem dentro do elmo do Cão de Caça dizer:

— Dispara um dardo contra mim, e eu enfio-te essa besta na cona e fodo-te com ela. Depois arranco-te o caralho dos olhos e obrigo-te a comê-los. — A fúria na voz do homem fez Willow recuar um passo, a tremer.

Sete, voltou Brienne a pensar, desesperando. Sabia que não tinha hipótese contra sete. *Nem hipótese, nem alternativa.*

Saiu para a chuva, de Cumpridora de Promessas na mão.

— *Deixa-a em paz*. Se queres violar alguém, experimenta comigo.

Os foras-da-lei viraram-se como um só homem. Um deles riu-se, e outro disse qualquer coisa numa língua que Brienne não entendia. O enorme da larga cara branca soltou um *sssssssssssss* malévolo. O homem com o elmo do Cão de Caça desatou a rir.

— És ainda mais feia do que eu me lembrava. Mais depressa violava o teu cavalo.

— Cavalos, é isso o que queremos — disse um dos homens feridos. — Cavalos frescos, e alguma comida. Vêm foras-da-lei atrás de nós. Dai-nos os vossos cavalos e nós vamo-nos embora. Não vos queremos fazer mal.

— Que se foda essa merda. — O fora-da-lei com o elmo do Cão de Caça puxou um machado de batalha da sela. — Eu quero cortar-lhe a merda das pernas. Vou pô-la em cima dos tocos p'ra que ela me veja foder a tipa da besta.

— Com o quê? — provocou-o Brienne. — Shagwell disse que te cortaram o membro viril quando te deixaram sem nariz.

Pretendera que aquilo o provocasse, e provocou. Berrando pragas, ele correu para ela, fazendo saltar salpicos de água negra enquanto carregava. Os outros deixaram-se ficar para trás, para assistir ao espectáculo, como ela rezara que fizessem. Brienne ficou imóvel como pedra, à espera. O pátio estava escuro, e a lama escorregadia sob os pés. *É melhor deixar que ele venha até mim. Se os deuses forem bons, há-de escorregar e cair.*

Os deuses não eram assim tão bons, mas a espada dela era. *Cinco passos, quatro passos, agora*, contou Brienne, e a Cumpridora de Promessas ergueu-se ao encontro do ímpeto dele. Aço bateu em aço quando a lâmina de Brienne atravessou os farrapos do homem e abriu uma fenda na sua cota

de malha, no mesmo momento em que o seu machado caía sobre ela. Brienne esquivou-se para o lado, voltando a golpear-lhe o peito na retirada.

Ele seguiu-a, cambaleando e sangrando, rugindo em fúria.

— *Puta!* — trovejou. — *Anormal! Cadela! Vou dar-te ao meu cão para foder, sua cadela de merda!* — O seu machado rodopiava em arcos assassinos, uma brutal sombra negra que se tornava prateada sempre que o relâmpago surgia. Brienne não tinha escudo para parar os golpes. Tudo o que podia fazer era recuar, afastando-se dele, correndo para um lado ou para o outro, enquanto a cabeça do machado voava contra si. Uma vez, a lama cedeu sob o seu calcanhar e quase caiu, mas recuperou sem saber bem como, embora o machado tivesse raspado dessa vez no seu ombro esquerdo, deixando uma braseiro de dor na sua esteira.

— Apanhaste a puta — gritou um dos outros, e outro disse:

— Vamos lá a ver como é que ela dança para longe desse golpe.

E dançar foi o que ela fez, aliviada por eles estarem a ver. Antes isso do que interferirem. Não podia lutar contra sete, sozinha não, mesmo se um ou dois estivessem feridos. O velho Sor Goodwin estava há muito na sua tumba, e no entanto conseguia ouvi-lo a murmurar-lhe ao ouvido. *Os homens irão sempre subestimar-vos*, dizia, *e o seu orgulho fá-los-á querer vencer-vos depressa, para que não se diga que uma mulher lhes deu luta. Deixai-os gastar as forças em ataques furiosos, enquanto conservais as vossas. Esperai e observai, menina, esperai e observai*. E ela esperou, observando, movendo-se de lado, e logo para trás, e então de novo para o lado, golpeando ora a cara dele, ora as pernas, ora o braço. Os golpes dele começaram a cair mais devagar quando o machado se tornou mais pesado. Brienne virou-o para que a chuva lhe caísse sobre os olhos, e deu dois passos rápidos para trás. Ele ergueu o machado uma vez mais, praguejando, e saltou sobre ela, com um pé a deslizar na lama…

… e ela saltou para enfrentar o seu ataque, com ambas as mãos no cabo da espada. A carga precipitada dele trouxe-o mesmo de encontro à ponta da espada, e a Cumpridora de Promessas trespassou pano, cota de malha, couro e mais pano, afundou-se profundamente nas suas entranhas e saiu-lhe

pelas costas, fazendo um som de arranhar ao raspar-lhe na coluna. O machado do homem caiu de dedos sem força, e ele tombou sobre ela, esmagando a cara de Brienne com o elmo da cabeça de cão. Brienne sentiu o metal frio e molhado contra o rosto. Chuva caía em rios pelo aço, e quando o relâmpago voltou a surgir ela viu dor e medo e uma completa incredulidade através das fendas para os olhos.

— Safiras — segredou-lhe, enquanto dava à sua lâmina uma forte torção que o fez estremecer. O peso dele descaiu sobre ela, e de súbito era um cadáver que abraçava, ali na chuva negra. Deu um passo para trás e deixou-o cair…

… e o Dentadas caiu sobre ela, aos guinchos.

Caiu sobre ela como uma avalancha de lã molhada e carne de um branco de leite, erguendo-a no ar e atirando-a ao chão. Brienne caiu numa poça com um chapão que lhe atirou água pelo nariz acima e para dentro dos olhos. Todo o ar foi forçado a sair-lhe dos pulmões, e a cabeça estalou de encontro a uma pedra semi-enterrada com um *crac*.

— Não — foi tudo o que teve tempo de dizer antes de ele cair em cima de si, enterrando-a mais na lama com o seu peso. Uma das mãos dele estava no seu cabelo, puxando-lhe a cabeça para trás. A outra procurava-lhe a garganta às apalpadelas. A Cumpridora de Promessas desaparecera, arrancada às suas mãos. Estas eram tudo o que tinha para lutar contra ele, mas quando lhe atingiu a cara com um punho foi como esmurrar uma bola de húmida e branca massa de pão. Ele *silvou*-lhe.

Brienne voltou a bater-lhe, e de novo, e *de novo*, atingindo-lhe o olho com a base da mão, mas ele não parecia sentir os seus golpes. Arranhou-lhe os pulsos, mas o aperto só se tornou mais forte, embora sangue escorresse dos regos que deixara ao arranhá-lo. Ele estava a esmagá-la, a sufocá-la. Ela empurrou-lhe os ombros, para o fazer sair de cima de si, mas ele era pesado como um cavalo, impossível de mover. Quando tentou dar-lhe uma joelhada nas virilhas, não conseguiu mais do que enfiar-lhe o joelho na barriga. Grunhindo, o Dentadas arrancou-lhe uma mão-cheia de cabelo.

O meu punhal. Brienne agarrou-se àquele pensamento, desesperada. Conseguiu enfiar a mão entre ambos, com os dedos a contorcer-se sob a pele acre e sufocante do homem, procurando até finalmente encontrarem o cabo. O Dentadas pôs ambas as mãos em volta do seu pescoço e começou a bater-lhe a cabeça contra o chão. O relâmpago voltou a brilhar, daquela vez dentro do seu crânio, mas de algum modo os dedos apertaram-se-lhe, puxando o punhal de dentro da bainha. Com o homem em cima de si, Brienne não conseguia erguer a lâmina para o apunhalar, portanto empurrou-a com força contra a sua barriga. Algo de quente e húmido jorrou entre os seus dedos. O Dentadas voltou a *silvar*, mais alto do que antes, e largou-lhe a garganta apenas o tempo suficiente para a esmurrar na cara. Ouviu ossos a estalar, e a dor cegou-a por um instante. Quando tentou voltar a golpeá-lo, ele arrancou-lhe o punhal dos dedos e espetou-lhe um joelho no braço, quebrando-o. Então voltou a pegar-lhe na cabeça e retomou a tentativa de lha arrancar de entre os ombros.

Brienne conseguia ouvir o Cão a ladrar, e havia homens a gritar a toda a volta, e entre os trovões ouviu o tinir de aço em aço. *Sor Hyle*, pensou, *Sor Hyle juntou-se ao combate*, mas tudo isso parecia longínquo e sem importância. O seu mundo não era maior do que as mãos na sua garganta e a cara que pairava em cima de si. A chuva escorreu do capuz dele quando se inclinou para mais perto. O hálito do homem fedia a queijo apodrecido.

Brienne tinha o peito a arder, e a tempestade encontrava-se atrás dos seus olhos, cegando-a. Ossos raspavam uns nos outros dentro do seu corpo. A boca do Dentadas escancarou-se com uma amplidão impossível. Brienne viu-lhe os dentes, amarelos e tortos, afiados em ponta. Quando se fecharam na carne mole da sua bochecha, ela quase não o sentiu. Sentia-se a cair em espiral para a escuridão. *Ainda não posso morrer*, disse a si própria, *há uma coisa que ainda tenho de fazer.*

A boca do Dentadas libertou-se, cheia de sangue e de carne. Cuspiu, sorriu, e voltou a afundar os dentes pontiagudos na sua carne. Daquela vez mastigou e engoliu. *Ele está a comer-me*, compreendeu Brienne, mas já não lhe restavam forças para lutar. Sentiu-se como se estivesse a flutuar acima

de si própria, observando o horror como se estivesse a suceder a outra mulher qualquer, a uma rapariga estúpida que pensava ser um cavaleiro. *Terminará em breve*, disse a si própria. *Então não importará se ele me comer*. O Dentadas puxou a cabeça para trás e voltou a abrir a boca, uivando, deitando-lhe a língua de fora. Terminava numa ponta aguçada e pingava sangue, mais longa do que qualquer língua devia ser. Deslizando de dentro da sua boca, para fora, e para fora, e para fora, rubra, húmida e a cintilar, era algo de hediondo e obsceno. *A sua língua tem trinta centímetros de comprimento*, pensou Brienne, logo antes de ser levada pela escuridão. *Olha, parece quase uma espada.*

OceanofPDF.com

JAIME

O broche que prendia o manto de Sor Brynden Tully era um peixe negro, trabalhado em âmbar negro e ouro. A sua cota de malha era sombria e cinzenta. Por cima, usava grevas, gorjal, manoplas, ombreiras e joelheiras de aço enegrecido, e nada disso chegava sequer perto da escuridão que emanava da expressão no seu rosto enquanto esperava por Jaime Lannister na extremidade da ponte levadiça, sozinho em cima de um corcel cor de avelã, ajaezado em vermelho e azul.

Ele não gosta de mim. O Tully tinha uma cara escarpada, profundamente enrugada e queimada pelo vento, sob uma guedelha rígida e grisalha, mas Jaime ainda conseguia ver o grande cavaleiro que um dia cativara um escudeiro com histórias sobre os Reis dos Nove Vinténs. Os cascos de Honra tamborilaram nas tábuas da ponte levadiça. Jaime pensara longa e duramente sobre se deveria levar para aquele encontro a sua armadura dourada ou a branca; por fim, escolhera uma jaqueta de couro e um manto carmim.

Parou a um metro de Sor Brynden, e inclinou a cabeça perante o homem mais velho.

— Regicida — disse o Tully.

Que ele tivesse escolhido aquele nome como a primeira palavra a proferir era eloquente quanto bastava, mas Jaime estava decidido a dominar o génio.

— Peixe Negro — retorquiu. — Obrigado por terdes vindo.

— Assumo que regressastes para cumprir os juramentos que fizestes à minha sobrinha — disse o Sor Brynden. — Se bem me lembro, prometestes a Catelyn as filhas em troca da vossa liberdade. — A sua boca apertou-se. — No entanto, não vejo as raparigas. Onde estão?

Mas ele tem de me obrigar a dizê-lo?

— Não as tenho.

— Pena. Desejais reatar o vosso cativeiro? A vossa antiga cela ainda está disponível. Pusemos palha fresca no chão.

E um belo balde novo para eu cagar, não duvido.

— Isso foi atencioso da vossa parte, sor, mas temo que tenha de declinar. Prefiro os confortos do meu pavilhão.

— Enquanto Catelyn desfruta dos confortos da sua tumba.

Não houve participação minha na morte da Senhora Catelyn, podia ele ter dito, *e as suas filhas já haviam desaparecido quando eu cheguei a Porto Real*. Estava-lhe na língua falar de Brienne e da espada que lhe dera, mas o Peixe Negro olhava-o como Eddard Stark o olhara quando o encontrara no Trono de Ferro com o sangue do Rei Louco na espada.

— Vim falar dos vivos, não dos mortos. Daqueles que não precisam de morrer, mas morrerão…

— … a menos que vos entregue Correrrio. É agora que ameaçais enforcar Edmure? — Sob as suas espessas sobrancelhas, os olhos do Tully eram pedra. — O meu sobrinho está marcado para morrer, faça eu o que faça. Por isso, enforcai-o e arrumai o assunto. Suponho que Edmure esteja tão farto de estar naquele cadafalso como eu estou de o ver ali.

Ryman Frey é um maldito idiota. A farsa que encenara com Edmure e o cadafalso só tornara o peixe Negro mais obstinado, isso era evidente.

— Tendes convosco a Senhora Sybelle Westerling e três dos seus filhos. Devolver-vos-ei o sobrinho em troca deles.

— Tal como devolvestes as filhas da Senhora Catelyn?

Jaime não se deixou provocar.

— Uma velha e três crianças em troca do vosso suserano. É negócio melhor do que poderíeis esperar.

Sor Brynden exibiu um sorriso duro.

— Não vos falta descaramento, Regicida. Mas regatear com perjuros é como construir em areia movediça. Cat devia ter tido a sensatez de não confiar em alguém como vós.

Foi em Tyrion que ela confiou, quase disse Jaime. *O Duende também a enganou.*

— As promessas que fiz à Senhora Catelyn foram-me arrancadas com a ponta duma espada.

— E o juramento que prestastes a Aerys?

Sentiu os dedos fantasma a torcer-se.

— Aerys não tem nada a ver com isto. Trocareis os Westerling por Edmure?

— Não. O meu rei confiou a sua rainha aos meus cuidados, e jurei mantê-la a salvo. Não a entregarei a um laço Frey.

— A rapariga foi perdoada. Nenhum mal lhe acontecerá. Tendes a minha palavra quanto a isso.

— A vossa palavra de *honra*? — Sor Brynden ergueu uma sobrancelha. — Sabereis vós sequer o que a honra é?

Um cavalo.

— Prestarei qualquer juramento que me exigirdes.

— Poupai-me, Regicida.

— Quero fazê-lo. Arriai os vossos estandartes e abri os portões, e eu concederei a vida aos vossos homens. Aqueles que desejarem permanecer em Correrrio ao serviço do Lorde Emmon podem fazê-lo. Os outros ficarão livres para irem para onde quiserem, embora eu lhes exija que entreguem as armas e armaduras.

— Pergunto a mim próprio até onde conseguirão ir, desarmados, antes que "foras-da-lei" caiam sobre eles. Não vos atreveis a permitir que se juntem ao Lorde Beric, ambos o sabemos. E eu? Serei exibido em parada por Porto Real para morrer como Eddard Stark?

— Permitir-vos-ei que vistais o negro. O bastardo de Ned Stark é o Senhor Comandante na Muralha.

O Peixe Negro estreitou os olhos.

— Terá o vosso pai também organizado isso? Catelyn nunca confiou no rapaz, se bem me lembro, tal como nunca confiou em Theon Greyjoy. Parece que tinha razão a respeito de ambos. Não, sor, acho que não. Morrerei quente, se vos aprouver, com uma espada na mão, rubra de sangue de leão.

— O sangue Tully é igualmente vermelho — fez-lhe lembrar Jaime. — Se não quereis render o castelo, terei de o assaltar. Morrerão centenas de homens.

— Centenas dos meus. Milhares dos vossos.

— A vossa guarnição perecerá até ao último homem.

— Conheço essa letra. Cantai-la com a música de "As Chuvas de Castamere"? Os meus homens preferirão morrer de pé a lutar do que de joelhos perante o machado de um carrasco.

Isto não está a correr bem.

— Este desafio não tem qualquer utilidade, sor. A guerra acabou, e o vosso Jovem Lobo está morto.

— Assassinado, em quebra de todas as sagradas leis da hospitalidade.

— Obra dos Frey, não minha.

— Chamai-lhe o que quiserdes. Fede a Tywin Lannister.

Jaime não podia negar aquilo.

— O meu pai também está morto.

— Que o Pai o julgue com justiça.

Ora aí está uma terrível perspectiva.

— Eu teria morto Robb Stark no Bosque dos Murmúrios, se tivesse conseguido chegar até ele. Houve uns tolos que se puseram no meu caminho. Importa o modo como o rapaz pereceu? Não está menos morto, e o seu reino morreu com ele.

— Além de mutilado, deveis ser cego. Erguei os olhos, e vereis que o lobo gigante ainda voa sobre as nossas muralhas.

— Já o vi. Tem um ar solitário. Harrenhal caiu. Guardamar e Lagoa da Donzela também. Os Bracken dobraram o joelho, e têm Tytos Blackwood encurralado em Corvarbor. Piper, Vance, Mooton, todos os vossos vassalos se renderam. Só resta Correrrio. Temos vinte vezes mais homens do que vós.

— Vinte vezes mais homens requerem vinte vezes mais comida. Como estão as vossas provisões, senhor?

— Suficientemente bem para ficarmos aqui até ao fim dos tempos, se necessário, enquanto vós passais fome no interior das vossas muralhas. — Disse a mentira com o máximo de ousadia que conseguiu arranjar, esperando não ser traído pela cara.

O Peixe Negro não se deixou enganar.

— O fim dos vossos tempos, talvez. Os nossos abastecimentos são amplos, embora eu tema que não tenhamos deixado grande coisa nos campos para visitantes.

— Podemos trazer comida das Gémeas — disse Jaime — ou do oeste, através dos montes, se se chegar a tal ponto.

— Se vós o dizeis. Longe de mim questionar a palavra de um cavaleiro tão honrado.

O escárnio na voz do outro irritou Jaime.

— Há uma maneira mais rápida de decidir o assunto. Um combate singular. O meu campeão contra o vosso.

— Estava a perguntar a mim próprio quando chegaríeis a essa ideia. — Sor Brynden soltou uma gargalhada. — Quem será? O Varrão Forte? Addam Marbrand? O Walder Negro Frey? — Inclinou-se para a frente. — Porque não vós e eu, sor?

Essa teria sido uma bela luta em tempos, pensou Jaime, *alimento perfeito para os cantores.*

— Quando a Senhora Catelyn me libertou, obrigou-me a jurar que não voltaria a empunhar armas contra os Stark ou os Tully.

— Um juramento muito conveniente, sor.

O rosto de Jaime escureceu.

— Estais a chamar-me cobarde?

— Não. Estou a chamar-vos aleijado. — O Peixe Negro indicou com a cabeça a mão dourada de Jaime. — Ambos sabemos que não podeis lutar com isso.

— Eu tive duas mãos. — *Deitarias a vida fora por orgulho?*, sussurrou uma voz dentro de si. — Há quem diga que um aleijado e um velho estão bem um para o outro. Libertai-me do juramento prestado à Senhora Catelyn, e a minha espada defrontará a vossa. Se eu ganhar, Correrrio é nossa. Se me matardes, levantaremos o cerco.

Sor Brynden voltou a rir-se.

— Por muito que eu gostasse de ter a hipótese de vos tirar essa espada dourada e de arrancar o vosso coração negro, as vossas promessas não têm qualquer valor. Nada ganharia com a vossa morte além do prazer de vos matar, e não arriscarei a minha vida por isso… por pequeno que seja o risco.

Era bom que Jaime não tivesse trazido espada; caso contrário tê-la-ia desembainhado e, se Sor Brynden não o matasse, os arqueiros nas muralhas matariam de certeza.

— Existem alguns termos que aceitaríeis? — perguntou ao Peixe Negro.

— Vindos de vós? — Sor Brynden encolheu os ombros. — Não.

— Porque foi que vos incomodastes em vir parlamentar comigo?

— Um cerco é mortalmente aborrecido. Quis ver esse vosso coto e ouvir as desculpas que teríeis arranjado para as vossas últimas enormidades. Foram mais fracas do que eu esperava. Desiludis sempre, Regicida. — O Peixe Negro deu meia volta à égua e trotou de regresso a Correrrio. A porta levadiça desceu apressadamente, mordendo profundamente o chão lamacento com os seus espigões de ferro.

Jaime virou a cabeça de Honra para trás, para o longo trajecto de regresso às linhas de cerco dos Lannister. Sentia os olhos postos em si; os homens Tully nas suas ameias, os Frey do outro lado do rio. *Se não forem cegos, todos saberão que ele me atirou aos dentes a proposta que lhe fiz.* Iria ter de assaltar o castelo. *Bem, o que é mais um juramento quebrado para o Regicida? É só mais merda no balde*. Jaime decidiu ser o primeiro homem a chegar às ameias. *E com esta minha mão de ouro, provavelmente o primeiro a cair.*

De volta ao acampamento, o Lew Pequeno segurou-lhe nos freios, enquanto Peck lhe dava uma ajuda para descer da sela. *Julgar-me-ão um aleijado tão grande que nem consigo desmontar sozinho?*

— Que tal foi, senhor? — perguntou o primo, Sor Daven.

— Ninguém espetou uma seta na garupa do meu cavalo. Fora isso, pouco houve que me distinguisse de Sor Ryman. — Fez um trejeito. — Portanto agora vamos ter de tornar o Ramo Vermelho mais vermelho. — *Culpa-te a*

ti por isso, Peixe Negro. Poucas alternativas me deixaste. — Reúne um conselho de guerra. Sor Addam, o Varrão Forte, Forley Prester, esses teus senhores do rio… e os nossos amigos de Frey. Sor Ryman, o Lorde Emmon, quaisquer outros que queiram trazer.

Reuniram-se rapidamente. O Lorde Piper e ambos os Lordes Vance vieram falar pelos senhores arrependidos do Tridente, cujas lealdades seriam em breve postas à prova. O oeste estava representado por Sor Daven, pelo Varrão Forte, por Addam Marbrand e por Forley Prester. O Lorde Emmon Frey juntou-se-lhes, com a esposa. A Senhora Genna ocupou o seu banco com um olhar que desafiava qualquer dos homens que ali se encontravam a pôr em causa a sua presença. Nenhum o fez. Os Frey enviaram Sor Walder Rivers, conhecido como "Walder Bastardo", e o primogénito de Sor Ryman, Edwyn, um homem esguio e pálido com um nariz achatado e cabelo escuro e corredio. Sob um manto azul de lã de ovelha, Edwyn trazia um justilho de bem talhado couro de vitela cinzento com complexos arabescos trabalhados no couro.

— Eu falo pela Casa Frey — anunciou. — O meu pai está indisposto hoje de manhã.

Sor Daven soltou uma fungadela.

— Está bêbado, ou é só a ressaca do vinho de ontem à noite?

Edwyn tinha a boca dura e má de um sovina.

— Lorde Jaime — disse — terei de suportar uma tal descortesia?

— É verdade? — perguntou-lhe Jaime. — O vosso pai está bêbado?

O Frey apertou os lábios e olhou Sor Ilyn Payne, que se encontrava em pé ao lado da aba da tenda com a sua cota de malha enferrujada, e a espada a espreitar atrás de um ombro ossudo.

— Ele… o meu pai tem uma barriga má, senhor. O vinho tinto ajuda à sua digestão.

— Deve estar a digerir o raio dum mamute — disse Sor Daven. O Varrão Forte soltou uma gargalhada, e a Senhora Genna um risinho abafado.

— Basta — disse Jaime. — Temos um castelo a conquistar. — Quando o pai convocava conselhos deixava os seus capitães falar primeiro. Estava

decidido a fazer o mesmo. — Como devemos proceder?

— *Enforcai* Edmure Tully, para começar — instou o Lorde Emmon Frey. — Isso dirá a Sor Brynden que falamos a sério. Se enviarmos a cabeça de Sor Edmure ao tio, poderá ser que isso o convença a render-se.

— O Brynden Peixe Negro não se deixa convencer tão facilmente. — Karyl Vance, o Senhor do Pouso do Viajante, tinha um olhar melancólico. Uma mancha de vinho, de nascença, cobria-lhe metade do pescoço e um dos lados da cara. — O seu próprio irmão não o conseguiu convencer a entrar numa cama de casado.

Sor Daven abanou a sua cabeça hirsuta.

— Temos de assaltar as muralhas, como eu digo desde o início. Torres de cerco, escadas, um aríete para quebrar o portão, é isso que aqui faz falta.

— Eu liderarei o assalto — disse o Varrão Forte. — Demos a provar ao peixe um pouco de aço e fogo, eis o que eu digo.

— As muralhas são *minhas* — protestou o Lorde Emmon — e o portão que quereis quebrar é meu. — Voltou a tirar da manga o pergaminho. — O próprio Rei Tommen me concedeu…

— Já todos vimos o vosso papel, tio — interrompeu Edwyn Frey. — Porque é que não o ides mostrar ao Peixe Negro, para variar?

— Assaltar as muralhas será coisa sangrenta — disse Addam Marbrand. — Proponho que esperemos por uma noite sem luar e enviemos pelo rio uma dúzia de homens escolhidos, num barco com remos abafados. Podem escalar as muralhas com cordas e fateixas, e abrir os portões pela parte de dentro. Eu liderá-los-ei, se o conselho assim desejar.

— Loucura — declarou o bastardo, Walder Rivers. — Sor Brynden não é homem para ser intrujado por truques desses.

— O obstáculo é o Peixe Negro — concordou Edwyn Frey. — O seu elmo ostenta no topo uma truta negra que o torna fácil de identificar à distância. Proponho que desloquemos as torres de cerco para perto das muralhas, as enchamos de arqueiros, e finjamos um ataque aos portões. Isso trará Sor Brynden às ameias, com elmo e tudo. Que todos os arqueiros

salpiquem as flechas com os dejectos da noite e escolham como alvo esse elmo. Assim que Sor Brynden morrer, Correrrio é nosso.

— Meu — chilreou o Lorde Emmon. — Correrrio é *meu*.

A marca de nascença do Lorde Karyl escureceu.

— Serão os dejectos a vossa contribuição, Edwyn? Um veneno mortal, não duvido.

— O Peixe Negro merece uma morte mais nobre, e eu sou o homem capaz de lha dar — O Varrão Forte deu uma punhada na mesa. — Eu desafiá-lo-ei para combate singular. Maça, machado ou espada, não importa. O velho está feito comigo.

— Porque haveria ele de dignar-se a aceitar o vosso desafio, sor? — perguntou Sor Forley Prester. — O que poderia ele ganhar com um tal duelo? Levantaríamos o cerco se ele ganhasse? Não acredito. E ele também não. Um combate singular não resultaria em nada.

— Eu conheço Brynden Tully desde que servimos juntos como escudeiros, ao serviço do Lorde Darry — disse Norbert Vance, o cego Senhor de Atranta. — Se aprouver aos senhores, deixai-me ir falar com ele e tentar fazê-lo compreender que não há esperança na sua posição.

— Ele compreende isso bastante bem — disse o Lorde Piper. Era um homem baixo, rotundo, de pernas arqueadas com um matagal de indomável cabelo ruivo, o pai de um dos escudeiros de Jaime; a semelhança com o rapaz era inconfundível. — O raio do homem não é estúpido, Norbert. Ele tem olhos… e demasiado juízo para se render a gente como esta. — E dirigiu um gesto rude a Edwyn Frey e Walder Rivers.

Edwyn enfureceu-se.

— Se o senhor de Piper pretende insinuar…

— Eu não *insinuo*, Frey. Digo o que penso com franqueza, como um homem honesto. Mas o que saberíeis vós dos modos dos homens honestos? Sois uma traiçoeira doninha mentirosa, como toda a vossa família. Mais depressa beberia um quartilho de mijo do que aceitaria a palavra de qualquer Frey. — Debruçou-se sobre a mesa. — Respondei-me a isto: onde

está Marq? O que fizestes ao meu filho? Ele era um *convidado* no vosso maldito casamento.

— E nosso convidado de honra permanecerá — disse Edwyn — até que vós demonstreis a vossa lealdade a Sua Graça, o Rei Tommen.

— Cinco cavaleiros e vinte homens de armas foram com Marq para as Gémeas — disse Piper. — Também são vossos convidados, Frey?

— Alguns dos cavaleiros, talvez. Os outros não receberam mais do que mereciam. Faríeis bem em dominar essa língua de traidor, Piper, a menos que queirais que o vosso herdeiro vos seja devolvido aos bocados.

Os conselhos do meu pai nunca corriam assim, pensou Jaime quando Piper se pôs em pé de um salto.

— Diz isso com uma espada na mão, Frey — rosnou o pequeno homem. — Ou será que só lutas com manchas de merda?

A cara chupada do Frey empalideceu. A seu lado, Walder Rivers ergueu-se.

— Edwyn não é um homem de armas… mas eu sou, Piper. Se tiverdes mais comentários a fazer, vinde até lá fora e fazei-os.

— Isto é um conselho de guerra, não uma guerra — fez-lhes lembrar Jaime. — Sentai-vos, ambos. — Nenhum dos homens se mexeu. — *Já!*

Walder Rivers sentou-se. O Lorde Piper não foi tão fácil de intimidar. Resmungou uma praga e saiu da tenda a passos largos.

— Mando homens atrás dele para o arrastar de volta, senhor? — perguntou Sor Daven a Jaime.

— Mandai Sor Ilyn — instou Edwyn Frey. — Só precisamos da cabeça.

Karyl Vance virou-se para Jaime.

— O Lorde Piper deu voz à dor. Marq é o seu primogénito. Todos aqueles cavaleiros que o acompanharam às Gémeas eram primos e sobrinhos.

— Todos traidores e rebeldes, quereis vós dizer — disse Edwyn Frey.

Jaime deitou-lhe um olhar frio.

— As Gémeas também apoiaram a causa do Jovem Lobo — fez lembrar aos Frey. — Depois traíste-lo. Isso faz com que sejais duas vezes mais

traiçoeiros do que Piper. — Gostou de ver o fino sorriso de Edwyn coalhar e morrer. *Já aguentei conselhos suficientes por um dia*, decidiu. — Terminámos. Tratai dos vossos preparativos, senhores. Atacamos à primeira luz da aurora.

O vento estava a soprar de norte quando os lordes saíram em fila da tenda. Jaime conseguia cheirar o fedor dos acampamentos Frey do lado de lá do Pedregoso. Do outro lado da água, Edmure Tully estava abandonado em cima do grande cadafalso cinzento, com uma corda em volta do pescoço.

A tia foi a última a partir, com o marido a morder-lhe os calcanhares.

— Senhor sobrinho — protestou Emmon — este assalto contra os meus domínios… não podeis fazer isto. — Quando engoliu em seco, a maçã-de-adão moveu-se para cima e para baixo. — Não *podeis*. Eu… eu proíbo-o. — Estivera outra vez a mascar folhamarga; uma espuma rosada cintilava nos seus lábios. — O castelo é meu, tenho o pergaminho. Assinado pelo rei, pelo pequeno Tommen. Eu sou o legítimo senhor de Correrrio, e…

— Enquanto Edmure Tully for vivo não és — disse a Senhora Genna. — Ele tem coração e cabeça fracos, bem sei, mas vivo o homem continua a ser um perigo. O que tencionas fazer quanto a isso, Jaime?

O perigo é o Peixe Negro, não Edmure.

— Deixai Edmure comigo. Sor Lyle, Sor Ilyn. Vinde comigo, por favor. Está na altura de fazer uma visita àquele cadafalso.

O Pedregoso era mais profundo e rápido do que o Ramo Vermelho, e o vau mais próximo ficava a léguas para montante. O barco tinha acabado de partir com Walder Rivers e Edwyn Frey quando Jaime e os seus homens chegaram ao rio. Enquanto esperavam o seu regresso, Jaime disse-lhes o que queria. Sor Ilyn cuspiu para o rio.

Quando os três saíram do barco na margem norte, uma seguidora de acampamentos embriagada ofereceu-se para dar prazer ao Varrão Forte com a boca.

— Olha, dá prazer ao meu amigo — disse Sor Lyle, empurrando-a na direcção de Sor Ilyn. Rindo, a mulher aproximou-se para beijar Payne nos

lábios, mas então viu-lhe os olhos e encolheu-se.

Os caminhos entre as fogueiras eram pura lama castanha, misturada com bosta de cavalo e revirada quer por cascos, quer por botas. Jaime via por todo o lado as torres gémeas da Casa Frey exibida em escudos e estandartes, azuis sobre fundo cinzento, em conjunto com as armas de Casas menores ajuramentadas à Travessia: a garça-real de Erenford, a forquilha de Haigh, os três rebentos de visco branco do Lorde Charlton. A chegada do Regicida não passou despercebida. Uma velha que vendia leitões que trazia num cesto parou a fitá-lo, um cavaleiro com uma cara que quase lhe era familiar caiu sobre um joelho, e dois homens de armas que mijavam para uma vala viraram-se e deram um duche um ao outro.

— Sor Jaime — chamou alguém de trás dele, mas Jaime continuou a caminhar sem se virar. Em redor, vislumbrou os rostos de homens que procurara matar no Bosque dos Murmúrios, onde os Frey tinham lutado sob os estandartes do lobo gigante de Robb Stark. A sua mão dourada pendia-lhe, pesada, do flanco.

O grande pavilhão rectangular de Ryman Frey era o maior do acampamento; as suas paredes de tela cinzenta tinham sido feitas de quadrados cosidos uns aos outros para fazer lembrar pedras, e os seus dois bicos evocavam as Gémeas. Longe de estar indisposto, Sor Ryman encontrava-se a desfrutar de um pouco de entretenimento. O som dos risos ébrios de uma mulher pairaram no ar, vindos de dentro da tenda, misturados com a toada de uma harpa e a voz de um cantor. *Mais tarde lidarei convosco, sor*, pensou Jaime. Walder Rivers estava em pé à frente da sua modesta tenda, conversando com dois homens-de-armas. O seu escudo mostrava as armas da Casa Frey com as cores invertidas, e uma contrabanda vermelha sobre as torres. Quando o bastardo viu Jaime, franziu o sobrolho. *Ora isto é que é um frio olhar de suspeita. Aquele tipo é mais perigoso do que qualquer um dos seus irmãos legítimos.*

O cadafalso fora erguido a três metros do chão. Dois lanceiros encontravam-se em posição na base dos degraus.

— Não podeis subir sem licença de Sor Ryman — disse um deles a Jaime.

— Isto diz que posso. — Jaime bateu no cabo da espada com um dedo. — A questão é: terei de passar por cima do teu cadáver?

O lanceiro afastou-se para o lado.

No topo do cadafalso, o Senhor de Correrrio fitava o alçapão por baixo de si. Tinha os pés negros e cobertos de lama seca, as pernas nuas. Edmure usava uma suja túnica de seda listada no azul e vermelho de Tully, e um laço de corda de cânhamo. Ao ouvir os passos de Jaime, ergueu a cabeça e lambeu os lábios secos e estalados.

— *Regicida*? — Ver Sor Ilyn fê-lo esbugalhar os olhos. — Antes uma espada do que uma corda. Tratai disso, Payne.

— Sor Ilyn — disse Jaime. — Ouvistes o Lorde Tully. Tratai disso.

O cavaleiro silencioso pegou na espada com ambas as mãos. Era longa e pesada, tão afiada como o aço comum podia ser. Os lábios estalados de Edmure moveram-se sem soltar um som. Quando Sor Ilyn puxou a lâmina para trás, fechou os olhos. O golpe teve todo o peso de Payne atrás de si.

— *Não! Parai. NÃO!* — Edwyn Frey surgiu a arquejar. — O meu pai vem aí. O mais depressa que pode. Jaime, tendes de…

— *Senhor* agrada-me mais, Frey — disse Jaime. — E vós faríeis bem em omitir *tendes* de qualquer frase dirigida a mim.

Sor Ryman subiu ruidosamente a escada do cadafalso na companhia de uma rameira de cabelo de palha, tão bêbada como ele. O vestido que trazia era atado à frente, mas alguém o desatara até ao umbigo, de modo que os seios transbordavam de lá de dentro. Eram grandes e pesados, com grandes mamilos castanhos. Um aro de bronze martelado empoleirava-se, torto, na sua cabeça, gravado com runas e rodeado de pequenas espadas negras. Quando viu Jaime, riu-se.

— Quem, nos sete infernos, é este?

— O Senhor Comandante da Guarda Real — retorquiu Jaime com uma fria cortesia. — Posso fazer-vos a mesma pergunta, senhora?

— Senhora? Eu não sou senhora nenhuma. Sou a rainha.

— A minha irmã ficará surpreendida quando ouvir essa notícia.

— O Lorde Ryman coroou-me em pessoa. — Deu um abanão nas suas amplas ancas. — Sou a rainha das rameiras.

Não, pensou Jaime, *a minha querida irmã também é dona desse título.*

Sor Ryman descobriu que tinha língua.

— Cala a boca, pega, o Lorde Jaime não quer ouvir os disparates de uma rameira qualquer. — Aquele Frey era um homem corpulento de cara larga, olhos pequenos, e um mole e carnudo conjunto de queixos. O hálito fedia a vinho e cebolas.

— A fazer rainhas, Sor Ryman? — perguntou suavemente Jaime. — É estúpido. Tão estúpido como esta coisa com o Lorde Edmure.

— Eu avisei o Peixe Negro. Disse-lhe que Edmure morreria, a menos que o castelo se rendesse. Mandei fazer este cadafalso, para lhe mostrar que Sor Ryman Frey não faz ameaças vãs. Em Guardamar o meu filho Walder fez o mesmo com Patrek Mallister e o Lorde Jason dobrou o joelho, mas… o Peixe Negro é um homem frio. Rejeitou-nos, de modo que…

— … enforcastes o Lorde Edmure?

O homem enrubesceu.

— O senhor meu avô… se enforcássemos o homem não teríamos *refém*, sor. Pensastes nisso?

— Só um idiota faz ameaças que não está preparado para levar avante. Se eu ameaçasse bater-vos se não calásseis a boca e vós ousásseis falar, o que julgais que eu faria?

— Sor, vós não compre…

Jaime bateu-lhe. Foi um golpe dado com as costas da mão de ouro, mas a força que levava fez Sor Ryman cair para trás, aos tropeções, nos braços da sua rameira.

— Tendes uma cabeça gorda, Sor Ryman, e também um pescoço grosso. Sor Ilyn, quantos golpes seriam necessários para cortar aquele pescoço?

Sor Ilyn encostou um único dedo ao nariz.

Jaime soltou uma gargalhada.

— Uma vanglória vazia. Eu aposto em três.

Ryman Frey caiu de joelhos.

— Eu nada fiz…

— … além de beber e ir às rameiras. Bem sei.

— Sou herdeiro da Travessia. Não podeis…

— Eu avisei-vos a propósito de falar. — Jaime viu o homem ficar branco. *Um bêbado, um idiota, e um cobarde. É melhor que o Lorde Walder sobreviva a este tipo, senão os Frey estão feitos*. — Estais dispensado, sor.

— Dispensado?

— Ouvistes o que eu disse. Ide-vos embora.

— Mas… para onde hei-de ir?

— Para o inferno ou para casa, como preferirdes. Que não estejais no acampamento quando o Sol nascer. Podeis levar a vossa rainha das rameiras, mas essa coroa que ela usa não. — Jaime virou-se para o filho de Sor Ryman. — Edwyn, vou dar-vos o comando do vosso pai. Tentai não serdes tão estúpido como ele.

— Isso não deverá colocar grandes dificuldades, senhor.

— Enviai uma mensagem ao Lorde Walder. A coroa exige todos os seus prisioneiros. — Jaime fez um gesto com a mão de ouro. — Sor Lyle, trazei-o.

Edmure Tully caíra de borco no patíbulo quando a lâmina de Sor Ilyn cortara a corda em duas. Trinta centímetros de cânhamo ainda pendiam do laço que lhe rodeava o pescoço. O Varrão Forte agarrou na ponta da corda e puxou-a até o pôr em pé.

— Um peixe com uma trela — disse ele, rindo alto. — Aí está uma coisa que eu nunca tinha visto.

Os Frey abriram alas para os deixar passar. Uma multidão reunira-se em junto do cadafalso, incluindo uma dúzia de seguidoras de acampamentos em vários graus de nudez. Jaime reparou num homem que trazia uma harpa.

— Tu. Cantor. Vem comigo.

O homem tirou o chapéu.

— Às ordens do senhor.

Ninguém proferiu palavra no trajecto de regresso ao barco, com o cantor de Sor Ryman a segui-los. Mas quando afastaram o barco da margem do rio e se dirigiram à margem sul do Pedregoso, Edmure Tully agarrou em Jaime pelo braço.

— *Porquê?*

Um Lannister paga as suas dívidas, pensou, *e tu és a única moeda que me resta.*

— Considerai isto um presente de casamento.

Edmure fitou-o com olhos desconfiados.

— Um… presente de casamento?

— Segundo me dizem, a vossa esposa é bonita. Teria de o ser, para terdes ficado com ela na cama enquanto a vossa irmã e o vosso rei eram assassinados.

— Não cheguei a saber. — Edmure lambeu os lábios rachados. — Havia rabequistas à porta do quarto…

— E a Senhora Roslin estava a distrair-vos.

— Ela… eles obrigaram-na a fazê-lo, o Lorde Walder e os outros. Roslin não queria… ela chorou, mas eu pensei que era…

— A visão do vosso esplêndido membro viril? Sim, isso deve pôr qualquer mulher a chorar, com certeza.

— Ela está grávida de um filho meu.

Não, pensou Jaime, *o que está a crescer na sua barriga é a tua morte*. De regresso ao seu pavilhão, mandou embora o Varrão Forte e Sor Ilyn, mas não o cantor.

— Posso precisar de uma canção em breve — disse ao homem. — Lew, aquece água para o meu convidado tomar banho. Pia, arranja-lhe alguma roupa limpa. Nada que tenha leões, por favor. Peck, vinho para o Lorde Tully. Tendes fome, senhor?

Edmure confirmou com a cabeça, mas os seus olhos mantinham-se cheios de suspeita.

Jaime instalou-se num banco enquanto o Tully tomava o seu banho. A sujidade saiu em nuvens cinzentas.

— Depois de comerdes, os meus homens escoltar-vos-ão até Correrrio. O que acontecer depois depende de vós.

— O que quereis dizer?

— O vosso tio é um velho. Valente, sim, mas a melhor parte da sua vida ficou para trás. Não tem noiva que chore por ele, não tem filhos a defender. Uma boa morte é tudo aquilo a que o Peixe Negro pode almejar… mas a vós restam anos, Edmure. E sois *vós*, não ele, o legítimo senhor da Casa Tully. O vosso tio serve às vossas ordens. O destino de Correrrio está nas vossas mãos.

Edmure sobressaltou-se.

— O destino de Correrrio…

— Rendei o castelo e ninguém morre. O vosso povo pode ir em paz ou ficar para servir o Lorde Emmon. Será permitido a Sor Brynden que vista o negro, e o mesmo acontecerá a todos os membros da guarnição que escolham juntar-se-lhe. A vós também, se sentirdes o apelo da Muralha. Ou podeis ir para Rochedo Casterly como meu cativo e beneficiar de todo o conforto e cortesia que é próprio de um refém do vosso estatuto. Mandarei a vossa esposa para junto de vós, se quiserdes. Se o seu filho for rapaz, servirá a Casa Lannister como pajem e escudeiro, e quando conquistar o seu grau de cavaleiro ceder-lhe-ei algumas terras. Se Roslin vos der uma filha, dar-lhe-ei um bom dote quando tiver idade para casar. A vós poderá ser dada liberdade condicional depois de finda a guerra. Basta que rendais o castelo.

Edmure ergueu as mãos da banheira e observou a água que corria entre os seus dedos.

— E se eu não me render?

Tens de me obrigar a dizer as palavras? Pia estava junto à aba da tenda com os braços cheios de roupa. Os seus escudeiros também estavam a ouvir, bem como o cantor. *Que ouçam*, pensou Jaime. *Que o mundo ouça. Não importa*. Obrigou-se a sorrir.

— Vistes os nossos números, Edmure. Vistes as escadas, as torres, os trabucos, os aríetes. Se eu der a ordem, o meu primo lançará uma ponte

sobre o vosso fosso e quebrar-vos-á o portão. Morrerão centenas de homens, a maioria vossos. Os vossos antigos vassalos constituirão a primeira vaga de atacantes, de modo que começareis o dia matando os pais e os irmãos de homens que morreram por vós nas Gémeas. A segunda vaga serão os Frey, não me faltam desses. Os meus homens do oeste seguir-se-ão, quando os vossos arqueiros já tiverem escassez de setas e os vossos cavaleiros se encontrarem tão fatigados que quase não conseguirão erguer as lâminas. Quando o castelo cair, todos os que se encontrarem lá dentro serão passados pela espada. Os vossos rebanhos serão abatidos, o vosso bosque sagrado será derrubado, as vossas fortalezas e torres arderão. Derrubarei as vossas muralhas e mudarei o curso do Pedregoso para passar sobre as ruínas. Quando terminar, ninguém saberá que um castelo esteve em tempos aqui. — Jaime pôs-se em pé. — A vossa esposa poderá parir antes disso. Suponho que quererei o vosso filho. Mandar-vo-lo-ei quando nascer. Com um trabuco.

Um silêncio seguiu-se ao discurso. Edmure ficou sentado no banho. Pia apertou a roupa aos seios. O cantor apertou uma corda na harpa. O Lew Pequeno tirou o miolo a uma fatia de pão duro para fazer uma bandeja, fingindo não ter ouvido. *Com um trabuco*, pensou Jaime. Se a sua tia estivesse ali, continuaria a dizer que o filho de Tywin era Tyrion?

Edmure Tully finalmente encontrou a voz.

— Podia sair desta banheira e matar-vos aí mesmo, Regicida.

— Podíeis tentar. — Jaime esperou. Quando Edmure não fez qualquer movimento para se erguer, disse: — Vou deixar-vos a saborear a minha comida. Cantor, toca para o nosso convidado enquanto come. Conheces a canção, suponho?

— Aquela sobre a chuva? Sim, senhor. Conheço-a.

Edmure pareceu ver o homem pela primeira vez.

— Não. Ele não. Afastai-o de mim.

— Ora, é só uma canção — disse Jaime. — Ele não pode ter uma voz assim *tão* má.

OceanofPDF.com

CERSEI

O Grande Meistre Pycelle já era velho quando Cersei o conhecera, mas parecia ter envelhecido mais cem anos nas três últimas noites. Precisou de uma eternidade para dobrar o joelho enferrujado à sua frente, e depois de o fazer não conseguiu voltar a erguer-se até Sor Osmund o agarrar e o pôr em pé.

Cersei estudou-o com desagrado.

— O Lorde Qyburn informa-me de que o Lorde Gyles tossiu pela última vez.

— Sim, Vossa Graça. Fiz o melhor que pude para aliviar o seu falecimento.

— Fizestes? — A rainha virou-se para a Senhora Merryweather. — Eu *disse* que queria Rosby vivo, não disse?

— Dissestes, Vossa Graça.

— Sor Osmund, que recordais da conversa?

— Ordenastes ao Grande Meistre Pycelle que salvasse o homem, Vossa Graça. Todos o ouvimos.

A boca de Pycelle abriu-se e fechou-se.

— Vossa Graça tem de saber que eu fiz tudo o que podia ser feito pelo pobre homem.

— Tal como fizestes com Joffrey? E o seu pai, o meu querido marido? Robert era tão forte como qualquer homem nos Sete Reinos, e no entanto perdeste-lo para um javali. Oh, e não nos esqueçamos de Jon Arryn. Sem dúvida que teríeis morto também Ned Stark, se eu tivesse deixado que ficásseis com ele mais tempo. Dizei-me, meistre, foi na Cidadela que aprendestes a apertar as mãos e arranjar desculpas?

A voz dela fez o velho encolher-se.

— Ninguém poderia ter feito mais, Vossa Graça. Eu… eu sempre prestei um serviço leal.

— Quando aconselhastes o Rei Aerys a abrir os portões à aproximação da hoste do meu pai, era essa a vossa ideia de serviço leal?

— Isso… eu avaliei mal o…

— Foi esse um bom conselho?

— Vossa Graça tem certamente de saber…

— O que eu *sei* é que quando o meu filho foi envenenado mostrastes ser menos útil do que o Rapaz Lua. O que eu *sei* é que a coroa tem uma necessidade desesperada de ouro, e o nosso senhor tesoureiro está morto.

O velho idiota agarrou-se àquilo.

— Eu… eu esboçarei uma lista de homens capazes de ocupar o lugar do Lorde Gyles no conselho.

— Uma lista. — Cersei sentiu-se divertida com o atrevimento. — Posso bem imaginar o tipo de lista que me arranjaríeis. Grisalhos, tolos gananciosos e Garth, o Grosso. — Os lábios apertaram-se-lhe. — Tendes andado muito em companhia da Senhora Margaery nos últimos tempos.

— Sim. Sim, eu… a Rainha Margaery tem estado muito perturbada por causa de Sor Loras. Eu forneço a Sua Graça preparados para dormir e… outros tipos de poções.

— Sem dúvida. Dizei-me, foi a nossa pequena rainha quem vos ordenou que matásseis o Lorde Gyles?

— M-matar? — Os olhos do Grande Meistre Pycelle ficaram do tamanho de ovos cozidos. — Vossa Graça não pode acreditar… foi a sua tosse, por todos os deuses, eu… Sua Graça não faria… ela não tinha má vontade contra o Lorde Gyles, porque haveria a Rainha Margaery de o querer…

— … morto? Ora, para plantar outra rosa no conselho de Joffrey. Sois cego, ou estais comprado? Rosby estava no seu caminho, de modo que o pôs na cova. Com a vossa conivência.

— Vossa Graça, juro-vos, o Lorde Gyles pereceu devido à tosse. — Tinha a boca a tremer. — A minha lealdade sempre esteve com a coroa, com o reino… c-com a Casa Lannister.

Por essa ordem? O medo de Pycelle era palpável. *Está suficientemente maduro. É altura de espremer o fruto e provar o seu sumo.*

— Se sois tão leal como dizeis, porque estais a mentir-me? Não vos incomodeis em negá-lo. Começastes a dançar em volta da Donzela

Margaery *antes* de Sor Loras partir para Pedra do Dragão, portanto poupai-me a mais fábulas sobre só desejardes consolar a nossa nora na sua dor. O que vos leva tão frequentemente à Arcada das Donzelas? Não é, certamente, a desenxabida conversa de Margaery. Andais a cortejar aquela sua septã de cara bexiguenta? A fazer festinhas na pequena Senhora Bulwer? Sois seu espião, informando-a sobre mim para lhe alimentar as maquinações?

— Eu… eu obedeço. Um meistre jura servir.

— Um grande meistre jura servir o *reino*.

— Vossa Graça, ela… ela é a rainha…

— *Eu* é que sou a rainha.

— Quis dizer… ela é a esposa do rei, e…

— Eu sei quem ela é. O que quero saber é por que motivo tem necessidade de *vós*. A minha nora está enferma?

— Enferma? — O velho puxou a coisa a que chamava barba, aquela sementeira remendada de pêlos finos e brancos que brotava das barbelas soltas e rosadas que tinha sob o queixo. — N-não está enferma, Vossa Graça, não propriamente. Os meus votos proíbem-me de divulgar…

— Os vossos votos serão pequeno conforto nas celas negras — avisou-o a rainha. — Ou eu ouço a verdade, ou vós passareis a usar grilhetas.

Pycelle ruiu sobre os joelhos.

— Suplico-vos… eu fui um homem do senhor vosso pai, e para vós um amigo no problema do Lorde Arryn. Não poderia sobreviver às masmorras, de novo não…

— Porque é que Margaery vos manda chamar?

— Ela deseja… ela… ela…

— *Dizei!*

O velho encolheu-se de medo.

— Chá da lua — sussurrou. — Chá da lua, para…

— Eu sei para que é usado o chá da lua. — *Aí está.* — Muito bem. Endireitai esses joelhos vergados e tentai lembrar-vos de como se é um homem. — Pycelle lutou por erguer-se, mas levou tanto tempo que teve de dizer a Osmund Kettleblack para lhe dar outro puxão. — E quanto ao Lorde

Gyles, não há dúvida de que o Pai no Céu o julgará com justiça. Não deixou filhos?

— Não há filhos da sua semente, mas há um protegido…

— … que não é do seu sangue. — Cersei ignorou aquele aborrecimento com um golpe de mão. — Gyles conhecia a nossa terrível necessidade de ouro. Sem dúvida que vos falou do desejo que tinha de deixar todas as suas terras e fortuna a Tommen. — O ouro de Rosby ajudaria a refrescar os seus cofres, e as terras e castelo de Rosby podiam ser outorgados a um dos seus como recompensa por serviços leais. O Lorde Waters, talvez. Aurane tinha andado a sugerir a necessidade que sentia de uma propriedade; a sua senhoria não passava de uma honraria vazia sem propriedades. Cersei sabia que o homem tinha os olhos postos em Pedra do Dragão, mas aí estava a mirar alto demais. Rosby seria mais adequado ao seu nascimento e estatuto.

— O Lorde Gyles adorava Vossa Graça de todo o coração — estava a dizer Pycelle — mas… o seu protegido…

— … irá sem dúvida compreender, depois de vos ouvir falar do desejo expresso pelo Lorde Gyles ao morrer. Ide, e tratai do assunto.

— Se aprouver a Vossa Graça. — O Grande Meistre Pycelle quase tropeçou na própria veste com a pressa de sair.

A Senhora Merryweather fechou a porta nas costas dele.

— Chá da lua — disse, ao voltar-se para a rainha. — Que tolice da parte dela. Porque haveria de fazer uma coisa dessas, de correr um tal risco?

— A pequena rainha tem apetites que Tommen é por enquanto novo demais para satisfazer. — Isso era sempre um perigo, quando uma mulher feita era casada com uma criança. *Ainda mais com uma viúva. Ela pode afirmar que Renly nunca lhe tocou, mas eu não acredito*. As mulheres só bebiam chá de lua por um motivo; as donzelas não tinham qualquer necessidade da bebida. — O meu filho foi traído. Margaery tem um amante. Isso é alta traição, punível pela morte. — Só podia esperar que a bruxa de cara de ameixa seca da mãe de Mace Tyrell sobrevivesse o suficiente para assistir ao julgamento. Ao insistir que Tommen e Margaery casassem de imediato, a Senhora Olenna condenara a sua preciosa rosa à espada de um

carrasco. — Jaime levou Sor Ilyn Payne. Suponho que terei de encontrar outro Magistrado do Rei para lhe fazer voar a cabeça.

— Eu fá-lo-ei — ofereceu-se Osmund Kettleblack com um sorriso fácil. — Margaery tem um pescocinho bonito. Uma boa espada afiada atravessá-lo-á sem dificuldade.

— Atravessaria — disse Taena — mas há um exército Tyrell em Ponta Tempestade e outro em Lagoa da Donzela. Eles também têm espadas afiadas.

Estou lavada em rosas. Era um aborrecimento. Ainda precisava de Mace Tyrell, mesmo que não precisasse da filha. *Pelo menos até que Stannis esteja derrotado. Depois, não precisarei de nenhum deles*. Mas como podia livrar-se da filha sem perder o pai?

— Traição é traição — disse — mas temos de ter provas, algo mais substancial do que chá da lua. Se se *provar* que ela é infiel, até o próprio pai terá de a condenar, caso contrário a vergonha dela transforma-se na sua.

O Kettleblack mordeu uma ponta do bigode.

— Temos de os apanhar durante o acto.

— Como? Qyburn tem olhos postos nela de noite e de dia. Os seus criados aceitam as minhas moedas mas trazem-nos só ninharias. E no entanto ninguém viu esse amante. Os ouvidos à sua porta ouvem cantos, risos, mexericos, nada que possamos usar.

— Margaery é demasiado astuta para ser apanhada assim tão facilmente — disse a Senhora Merryweather. — As suas mulheres são as muralhas do seu castelo. Dormem com ela, vestem-na, rezam com ela, lêem com ela, fazem costura com ela. Quando não está a fazer falcoaria ou a passear a cavalo, está a brincar ao entra-no-meu-castelo com a pequena Alysanne Bulwer. Sempre que há homens por perto, a septã encontra-se presente, ou então as primas.

— *Nalguma altura* ela terá de se livrar das galinhas — insistiu a rainha. Uma ideia assaltou-a. — A menos que as senhoras também participem… nem todas, talvez, mas algumas.

— As primas? — Até Taena mostrou dúvidas. — Todas as três são mais novas do que a pequena rainha, e também mais inocentes.

— Libertinas vestidas com o branco de donzelas. Isso só torna os seus pecados mais chocantes. Os seus nomes perdurarão em vergonha. — De súbito, a rainha pôde quase saboreá-lo. — Taena, o senhor vosso esposo é o meu administrador de justiça. Vós os dois tendes de jantar comigo, nesta mesma noite. — Queria aquilo feito depressa, antes de Margaery enfiar na cabecinha a ideia de regressar a Jardim de Cima ou zarpar para Pedra do Dragão para acompanhar o irmão ferido às portas da morte. — Ordenarei aos cozinheiros que cozinhem um javali para nós. E claro que temos de ter alguma música, para ajudar à nossa digestão.

Taena foi muito rápida a compreender.

— Música. Exactamente.

— Ide dizer ao senhor vosso esposo e fazer preparativos para o cantor — disse Cersei. — Sor Osmund, vós podeis ficar. Temos muito a discutir. Também terei necessidade de Qyburn.

Infelizmente, as cozinhas revelaram-se desprovidas de javalis, e não havia tempo para pôr caçadores em campo. Em vez disso, os cozinheiros mataram uma das porcas do castelo, e serviram-lhes pernil guarnecido com cravinho e untado com mel e cerejas secas. Não era o que Cersei queria, mas contentou-se com o que havia. Para sobremesa, tinham maçãs cozidas com um forte queijo branco. A Senhora Taena saboreou cada garfada. Não se pôde dizer o mesmo de Orton Merryweather, cuja cara redonda se manteve manchada e pálida do caldo ao queijo. Bebeu muito, e não parou de deitar olhares de soslaio ao cantor.

— Uma grande pena, o que aconteceu a Sor Gyles — disse por fim Cersei. — Contudo, atrevo-me a dizer que nenhum de nós sentirá falta da sua tosse.

— Não. Não, penso que não.

— Vamos ter necessidade de um novo senhor tesoureiro. Se o Vale não estivesse tão instável, traria de volta Petyr Baelish, mas… estou com ideias

de testar Sor Harys no cargo. Ele não pode fazer pior do que Gyles, e pelo menos não tosse.

— Sor Harys é Mão do Rei — disse Taena.

Sor Harys é um refém, e até nisso é fraco.

— Já é tempo de Tommen ter uma Mão mais enérgica.

O Lorde Orton levantou o olhar da taça de vinho.

— Enérgica. Com certeza. — Hesitou. — Quem?…

— Vós, senhor. Está-vos no sangue. O vosso bisavô ocupou o lugar do meu pai como Mão de Aerys. — Substituir Tywin Lannister por Owen Merryweather revelara-se semelhante a substituir um cavalo de batalha por um burro, era certo, mas Owen já era um homem velho e acabado quando Aerys o promovera, amável, ainda que ineficaz. O neto era mais novo, e… *Bem, ele tem uma mulher forte*. Era uma pena que Taena não pudesse servir como Mão. Era três vezes mais homem do que o marido, e muito mais divertida. No entanto, também nascera em Myr e era mulher, de modo que Orton teria de servir. — Não tenho dúvidas de que sois mais capaz do que Sor Harys. — *O conteúdo do meu penico é mais capaz do que Sor Harys.* — Consentireis em servir?

— Eu… sim, claro. Vossa Graça concede-me uma grande honra.

Uma honra maior do que tu mereces.

— Servistes-me capazmente como administrador de justiça, senhor. E continuareis a fazê-lo nos… tempos difíceis que se avizinham. — Quando viu que Merryweather compreendera o que queria dizer, a rainha virou o seu sorriso para o cantor. — E vós também deveis ser recompensado, por todas as doces canções que tocastes para nós enquanto comíamos. Os deuses concederam-vos um dom.

O cantor fez uma vénia.

— É bondade de Vossa Graça dizê-lo.

— Não é bondade — disse Cersei — é meramente a verdade. Taena informou-me de que vos chamam Bardo Azul.

— Chamam, Vossa Graça — As botas do cantor eram de flexível couro de vitela azul, as bragas de boa lã azul. A túnica que usava era de seda azul

clara cortada com cintilante cetim azul. Até chegara ao ponto de pintar o cabelo de azul, à moda de Tyrosh. Longo e encaracolado, o cabelo caía-lhe até aos ombros e cheirava como se tivesse sido lavado em água de rosas. *De rosas azuis, sem dúvida. Pelo menos tem os dentes brancos*. Eram bons dentes, nem um pouco tortos.

— Não tendes outro nome?

Uma sugestão de rosa inundou-lhe o rosto.

— Em rapaz era chamado Wat. É um bom nome para um rapaz do campo, mas menos adequado a um cantor.

Os olhos do Bardo Azul eram da mesma cor dos de Robert. Bastava isso para Cersei o odiar.

— É fácil compreender por que motivo sois o favorito da Senhora Margaery.

— Sua Graça é bondosa. Ela diz que lhe dou prazer.

— Oh, estou certa disso. Posso ver o vosso alaúde?

— Se aprouver a Vossa Graça. — Sob a cortesia, havia uma ténue sugestão de desconforto, mas ele entregou-lhe o alaúde mesmo assim. Não se recusa um pedido da rainha.

Cersei fez vibrar uma corda e sorriu perante o som.

— Doce e triste como o amor. Diz-me, Wat… a primeira vez que levaste Margaery para a cama foi antes de ela casar com o meu filho, ou depois?

Por um momento, ele não pareceu compreender. Quando compreendeu, os seus olhos esbugalharam-se.

— Vossa Graça foi mal informada. Juro-vos, eu nunca…

— Mentiroso! — Cersei bateu com tal força com o alaúde na cara do cantor que a madeira pintada explodiu em cacos e lascas. — Lorde Orton, chamai os meus guardas e levai esta criatura para as masmorras.

A cara de Orton Merryweather estava húmida de medo.

— Isto… oh, infâmia… ele atreveu-se a seduzir *a rainha*?

— Temo que tenha sido ao contrário, mas é na mesma um traidor. Que cante para o Lorde Qyburn.

O Bardo Azul ficou branco.

— Não. — Pingou sangue do seu lábio, onde o alaúde o rasgara. — Eu nunca… — Quando Merryweather lhe pegou no braço, ele gritou: — *Mãe, misericórdia, não*.

— Eu não sou a tua mãe — disse-lhe Cersei.

Mesmo nas celas negras, tudo o que obtiveram dele foi desmentidos, orações e súplicas por misericórdia. Não demorou muito a escorrer-lhe sangue pelo peito abaixo, vindo de todos os dentes partidos, e ele molhou as suas bragas azuis-escuras por três vezes, mas mesmo assim o homem persistiu nas suas mentiras.

— Será possível que tenhamos o cantor errado? — perguntou Cersei.

— Tudo é possível, Vossa Graça. Não tenhais medo. O homem confessará antes da noite terminar. — Lá em baixo nas masmorras, Qyburn usava lã grosseira e um avental de couro de ferreiro. Dirigindo-se ao Bardo Azul, disse: — Lamento se os guardas foram rudes convosco. A educação deles é tristemente deficiente. — A voz era bondosa, solícita. — Tudo o que queremos de vós é a verdade.

— Eu disse-vos a verdade — soluçou o cantor. Grilhetas de ferro prendiam-no solidamente à fria parede de pedra.

— Nós sabemos que não. — Qyburn tinha na mão uma navalha, cujo gume cintilava tenuemente à luz do archote. Cortou a roupa ao Bardo Azul, até deixar o homem nu, à excepção das altas botas azuis. Cersei achou divertido ver que os pêlos entre as suas pernas eram castanhos.

— Diz-nos como deste prazer à pequena rainha — ordenou.

— Eu nunca… eu cantei, só isso, cantei e toquei. As suas senhoras dir-vos-ão. Elas estiveram sempre connosco. As primas.

— De quantas delas tens conhecimento carnal?

— De nenhuma. Eu sou só um cantor. Por favor.

Qyburn disse:

— Vossa Graça, pode ser que este pobre homem tenha só tocado para Margaery enquanto ela recebia outros amantes.

— Não. *Por favor*. Ela nunca… eu *cantei*. Só *cantei*…

O Lorde Qyburn percorreu com uma mão o peito do Bardo Azul.

— Ela põe os vossos mamilos na boca durante os jogos de amor? — Pôs um deles entre o polegar e o indicador, e torceu. — Há homens que gostam disso. Os mamilos deles são tão sensíveis como os de uma mulher. — A navalha relampejou, o cantor guinchou. No seu peito, um olho vermelho chorou sangue. Cersei sentiu-se nauseada. Parte de si queria fechar os olhos, virar costas, para fazer aquilo parar. Mas era a rainha e tratava-se de traição. *O Lorde Tywin não teria afastado o olhar*.

No fim, o Bardo Azul contou-lhes a vida inteira, até ao primeiro dia do seu nome. O pai fora fabricante de velas e Wat fora educado nesse mister, mas em rapaz descobrira que tinha mais habilidade para fazer alaúdes do que cilindros de cera. Aos doze anos, fugira para se juntar a uma trupe de músicos cuja actuação ouvira numa feira. Vagueara por metade da Campina antes de vir para Porto Real, na esperança de cair nas boas graças da corte.

— Boas graças? — Qyburn soltou um risinho. — É assim que as mulheres lhe chamam agora? Temo que tenhais arranjado demasiadas, meu amigo… e da rainha errada. A verdadeira encontra-se na vossa frente.

Sim. Cersei culpava Margaery Tyrell por aquilo. Se não fosse ela, Wat podia ter vivido uma vida longa e frutuosa, cantando as suas cançonetas e deitando-se com criadoras de porcos e filhas de caseiros. *As suas intrigas obrigaram-me a isto. Ela conspurcou-me com a sua perfídia.*

Ao romper da aurora, as altas botas azuis do cantor estavam cheias de sangue e ele contara-lhes como Margaery se acariciava enquanto via as primas dar-lhe prazer com as bocas. Noutras alturas, cantava para ela enquanto saciava os seus apetites com outros amantes.

— Quem eram eles? — quis saber a rainha, e o infeliz Wat nomeou Sor Tallad, o Alto, Lambert Turnberry, Jalabhar Xho, os gémeos Redwyne, Osney Kettleblack, Hugh Clifton e o Cavaleiro das Flores.

Aquilo desagradou-lhe. Não se atrevia a manchar o nome do herói de Pedra do Dragão. Além disso, ninguém que conhecesse Sor Loras acreditaria em tal coisa. Os Redwyne também não podiam estar incluídos no grupo. Sem a Árvore e a sua frota, o reino nunca poderia esperar ver-se livre daquele Euron Olho de Corvo e dos seus malditos homens de ferro.

— Só estás a cuspir os nomes de homens que viste nos seus aposentos. Nós queremos a *verdade*!

— A verdade. — Wat olhou-a com o único olho azul que Qyburn lhe deixara. Sangue borbulhou através dos buracos que mostrava onde tinham estado os dentes da frente. — Eu posso ter tido… uma falha de memória.

— Horas e Hobber não participaram nisto, pois não?

— Não — admitiu. — Eles não.

— E quanto a Sor Loras, eu tenho a certeza de que Margaery teve todo o cuidado para esconder do irmão o que andava a fazer.

— Teve. Agora me lembro. Uma vez, tive de me esconder debaixo da cama quando Sor Loras veio visitá-la. *Ele nunca poderá saber*, disse ela.

— Prefiro esta canção à outra. — Era melhor deixar os grandes senhores de fora. Mas os outros… Sor Tallad fora cavaleiro andante, Jalabhar Xho era um exilado e um pedinte, Clifton era o único dos guardas da pequena rainha. *E Osney é a cereja em cima do bolo*. — Sei que te sentes melhor por teres dito a verdade. Quero que te lembres disso quando Margaery comparecer ao julgamento. Se começares outra vez a mentir…

— Não começarei. Direi a verdade. E depois…

— … ser-te-á permitido vestir o negro. Tens a minha palavra a esse respeito. — Cersei virou-se para Qyburn. — Tratai de lhe limpar e ligar os ferimentos, e dai-lhe leite da papoila para as dores.

— Vossa Graça é bondosa. — Qyburn deixou cair a navalha ensanguentada num balde de vinagre. — Margaery pode querer saber para onde foi o seu bardo.

— Os cantores vão e vêm, são tristemente famosos por isso.

A subida pela escura escada de pedra que levava às celas negras deixou Cersei sem fôlego. *Tenho de descansar*. Chegar à verdade era um trabalho cansativo, e temia o que se seguiria. *Tenho de ser forte. O que tenho de fazer, faço-o por Tommen e pelo reino*. Era uma pena que Maggy, a Rã, estivesse morta. *Merda para a tua profecia, velha. A pequena rainha pode ser mais nova do que eu, mas nunca foi mais bela, e em breve estará morta.*

A Senhora Merryweather estava à espera no seu quarto. Era noite cerrada, mais próxima da aurora do que do ocaso. Jocelyn e Dorcas encontravam-se ambas a dormir, mas Taena não.

— Foi terrível? — perguntou.

— Não podeis imaginar. Preciso de dormir, mas temo sonhar.

Taena afagou-lhe o cabelo.

— Foi tudo por Tommen.

— Foi. Eu sei que foi. — Cersei estremeceu. — Tenho a garganta seca. Sede uma querida a servi-me um pouco de vinho.

— Se vos agradar. Isso é tudo o que eu desejo.

Mentirosa. Cersei sabia o que Taena desejava. Seja. A mulher estar embevecida consigo só ajudava a assegurar que ela e o marido permaneciam leais. Num mundo tão cheio de traição, isso valia uns quantos beijos. *Ela não é pior do que a maioria dos homens. Pelo menos não há perigo de alguma vez me deixar grávida.*

O vinho ajudou, mas não o suficiente.

— Sinto-me conspurcada — lamentou-se a rainha junto à janela, de taça na mão.

— Um banho deixar-vos-á em condições, minha querida. — A Senhora Merryweather acordou Dorcas e Jocelyn e mandou-as buscar água quente. Enquanto a banheira era cheia, ajudou a rainha a despir-se, desatando-lhe com dedos hábeis as fitas do vestido e puxando-o para baixo. Então libertou-se do próprio vestido e deixou-o amontoar-se no chão.

As duas partilharam o banho, com Cersei recostada nos braços de Taena.

— Tommen tem de ser poupado ao pior disto — disse à mulher de Myr. — Margaery ainda o leva todos os dias ao septo, para pedirem aos deuses que lhe curem o irmão. — Sor Loras continuava irritantemente a agarrar-se à vida. — Ele também gosta das primas dela. Será duro para ele perdê-las a todas.

— Talvez nem todas as três sejam culpadas — sugeriu a Senhora Merryweather. — Ora, pode bem acontecer que uma não tenha participado. Se ficou envergonhada e enojada pelas coisas que viu…

— … pode ser convencida a testemunhar contra as outras. Sim, muito bem, mas qual delas é a inocente?

— Alla.

— A acanhada?

— Tem esse ar, mas há mais nela de *dissimulado* do que de *acanhado*. Deixai-a comigo, minha querida.

— De bom grado. — Por si só, a confissão do Bardo Azul nunca seria suficiente. Afinal de contas, os cantores ganhavam a vida a mentir. Alla Tyrell seria uma grande ajuda, se Taena conseguisse pô-la nas suas mãos. — Sor Osney também confessará. Os outros deverão ser levados a compreender que só através da confissão poderão conquistar o perdão do rei, e a Muralha. — Jalabhar Xho acharia a verdade atraente. Estava menos certa a respeito dos outros, mas Qyburn era persuasivo…

A aurora rompia sobre Porto Real quando saíram da banheira. A pele da rainha estava branca e encarquilhada devido à longa imersão.

— Ficai comigo — disse a Taena. — Não quero dormir sozinha. — Até proferiu uma oração antes de se enfiar debaixo da colcha, suplicando sonhos bons à Mãe.

A oração revelou-se um desperdício de saliva; como sempre, os deuses mostraram-se surdos. Cersei sonhou que estava de novo nas celas negras, só que desta vez era ela que se encontrava acorrentada à parede, em vez do cantor. Estava nua, e sangue pingava das pontas dos seus seios, de onde o Duende lhe arrancara os mamilos com os dentes.

— Por favor — suplicou — por favor, os meus filhos não, não faças mal aos meus filhos. — Tyrion limitou-se a olhá-la de esguelha. Também ele estava nu, coberto de pêlos grossos que o faziam assemelhar-se mais a um macaco do que a um homem.

— Vais vê-los coroados — disse ele — e vais vê-los morrer. — Então enfiou o seu seio sangrento na boca e pôs-se a chupar, e a dor cortou através dela como uma faca quente.

Acordou a tremer nos braços de Taena.

— Um pesadelo — disse com voz fraca. — Gritei? Lamento.

— Os sonhos transformam-se em poeira à luz do dia. Foi outra vez o anão? Porque é que esse homenzinho tolo vos assusta tanto?

— Ele ia matar-me. Foi predito quando eu tinha dez anos. Eu queria saber com quem casaria, mas ela disse…

— Ela?

— A *maegi*. — As palavras jorraram dela em catadupa. Ainda conseguia ouvir Melara Hetherspoon a insistir que, se nunca falassem das profecias, elas não se concretizariam. *Mas ela não ficou lá muito silenciosa no poço. Gritou e guinchou*. — Tyrion é o *valonqar* — disse. — Usais essa palavra em Myr? É alto valiriano, quer dizer *irmão mais novo*. — Depois de Melara se afogar, interrogara a Septã Saranella sobre a palavra.

Taena pegou-lhe na mão e afagou-a.

— Essa mulher era odiosa, velha, doente e feia. Éreis jovem e bela, cheia de vida e orgulho. Ela vivia em Lanisporto, segundo dissestes, portanto devia saber do anão e do modo como ele matou a senhora vossa mãe. Essa criatura não se atrevia a bater-vos, por causa de quem éreis, portanto procurou ferir-vos com a sua língua viperina.

Será possível? Cersei queria acreditar naquilo.

— Mas Melara morreu, tal como ela predisse. Eu não cheguei a casar com o Príncipe Rhaegar. E Joffrey… o anão matou o meu filho perante os meus olhos.

— Um filho — disse a Senhora Merryweather — mas tendes outro, amável e forte, e nenhum mal lhe acontecerá a *ele*.

— Nunca, enquanto eu viver. — Dizê-lo ajudava-a a acreditar que era verdade. *Os sonhos transformam-se em poeira à luz do dia, sim*. Lá fora, o sol da manhã brilhava através de uma cerração de nuvens. Cersei saiu de debaixo dos cobertores. — Esta manhã vou quebrar o jejum com o rei. Quero ver o meu filho. — *Tudo o que faço, faço por ele.*

Tommen ajudou-a a voltar a si. Nunca lhe fora mais precioso do que naquela manhã, a tagarelar acerca dos gatinhos enquanto fazia pingar mel para cima de um bocado de pão escuro quente, acabado de sair dos fornos.

— O Sor Salto apanhou um rato — disse-lhe o rapaz — mas a Senhora Bigodes roubou-lho.

Eu nunca fui tão doce e inocente, pensou Cersei. *Como pode ele alguma vez esperar reinar neste reino cruel?* A mãe em si queria apenas protegê-lo; a rainha sabia que ele teria de endurecer, caso contrário o Trono de Ferro iria certamente devorá-lo.

— O Sor Salto deve aprender a defender os seus direitos — disse-lhe. — Neste mundo, os fracos são sempre as vítimas dos fortes.

O rei reflectiu sobre aquilo, lambendo mel dos dedos.

— Quando Sor Loras voltar, vou aprender a lutar com lança, espada e maça de armas, como ele luta.

— Aprenderás a lutar — prometeu a rainha — mas não com Sor Loras. Ele não vai voltar, Tommen.

— Margaery diz que vai. Nós rezamos por ele. Pedimos a misericórdia da Mãe e que o Guerreiro lhe dê forças. Elinor diz que esta é a mais dura batalha de Sor Loras.

Cersei alisou-lhe para trás o cabelo, os suaves caracóis dourados que tanto lhe faziam lembrar Joff.

— Vais passar a tarde com a tua esposa e as primas?

— Ela disse que tem de jejuar e purificar-se.

Jejuar e purificar-se… oh, para o Dia da Donzela. Tinham-se passado anos desde que Cersei tivera de celebrar aquele dia santo em particular. *Três vezes casada, mas ainda quer fazer-nos crer que é donzela*. Recatada e de branco, a pequena rainha levaria as suas galinhas ao Septo de Baelor para acender grandes velas brancas aos pés da Donzela e pendurar grinaldas de pergaminho em volta do seu pescoço sagrado. *Algumas das suas galinhas, pelo menos*. No Dia da Donzela, tanto viúvas, como mães ou prostitutas eram proibidas de entrar nos septos, à semelhança dos homens, a fim de não profanarem as sagradas canções de inocência. Só donzelas podiam…

— Mãe? Disse algo de errado?

Cersei deu um beijo na testa do filho.

— Disseste uma coisa muito sábia, querido. Agora corre a brincar com os teus gatinhos.

Mais tarde convocou Sor Osney Kettleblack ao seu aposento privado. Ele chegou do pátio, suado e fanfarrão, e quando se apoiou num joelho despiu-a com os olhos, como sempre fazia.

— Erguei-vos, sor, e sentai-vos aqui junto a mim. Prestastes-me um valente serviço um dia, mas agora tenho uma tarefa mais dura para vós.

— Sim, e eu tenho uma coisa dura para vós.

— Isso tem de esperar. — Passou-lhe os dedos levemente sobre as cicatrizes. — lembrais-vos da rameira que vos fez isto? Quando regressardes da Muralha, será vossa. Gostaríeis de a ter?

— Sois vós que eu desejo.

Aquela era a resposta certa.

— Primeiro tereis de confessar a vossa traição. Os pecados de um homem podem envenenar-lhe a alma, se ele os deixar apodrecer. Eu sei que deve ser difícil viverdes com aquilo que fizestes. Já é mais que tempo de vos livrardes da vergonha.

— Vergonha? — Osney pareceu confuso. — Eu já disse a Osmund, Margaery só provoca. Nunca me deixa fazer mais do que…

— Protegê-la é cavalheiresco da vossa parte — interrompeu Cersei — mas sois um cavaleiro bom demais para continuardes a viver com o vosso crime. Não, tendes de ir ao Grande Septo de Baelor esta mesma noite e falar com o Alto Septão. Quando os pecados de um homem são tão escuros, só Sua Alta Santidade em pessoa pode salvá-lo dos tormentos do inferno. Contai-lhe como dormistes com Margaery e com as primas.

Osney pestanejou.

— O quê, com as primas também?

— Megga e Elinor — decidiu Cersei — Alla nunca. — Esse pequeno detalhe tornaria toda a história mais plausível. — Alla ficava a chorar, e a suplicar às outras que parassem de pecar.

— Só Megga e Elinor? Ou também Margaery?

— Margaery com toda a certeza. Era ela quem estava por trás de tudo.

Contou-lhe tudo o que tinha em mente. À medida que Osney ia ouvindo, a apreensão foi-se espalhando lentamente pelo seu rosto. Quando Cersei terminou, ele disse:

— Depois de lhe cortardes a cabeça, quero roubar esse beijo que ela nunca me deu.

— Podeis roubar todos os beijos que quiserdes.

— E depois disso a Muralha?

— Só por pouco tempo. Tommen é um rei clemente.

Osney coçou a face marcada.

— Normalmente, quando minto sobre alguma mulher sou eu a dizer que nunca a fodi e ela a dizer que sim. Isto… nunca antes menti ao *Alto Septão*. Acho que se vai parar a algum inferno por isso. Um dos maus.

A rainha sentiu-se surpreendida. A última coisa que esperava de um Kettleblack era devoção.

— Estais a recusar obedecer-me?

— Não. — Osney tocou-lhe o cabelo dourado. — O que acontece é que as melhores mentiras têm alguma verdade nelas… p'ra lhes dar sabor, por assim dizer. E vós quereis que eu conte como fodi uma rainha…

Cersei quase o esbofeteou. Quase. Mas fora longe demais, e havia demasiado em jogo. *Tudo o que faço, faço por Tommen*. Virou a cabeça e tomou a mão de Sor Osney nas suas, beijando-lhe os dedos. Eram ásperos e duros, calejados da espada. *Robert tinha mãos assim*, pensou.

Cersei envolveu-lhe o pescoço nos braços.

— Não quereria que se dissesse que fiz de vós mentiroso — sussurrou numa voz enrouquecida. — Dai-me uma hora, e ide ter comigo ao meu quarto.

— Já esperámos o suficiente. — Osney enfiou os dedos no corpete do seu vestido e puxou, e a seda abriu-se com um som de rasgar tão forte que Cersei temeu que metade da Fortaleza Vermelha o tivesse ouvido. — Tira o resto antes que também o rasgue — disse ele. — Podes ficar com a coroa posta. Gosto de te ver de coroa.

OceanofPDF.com

A PRINCESA NA TORRE

A sua prisão era suave.

Arianne sentia-se confortada por isso. Porque haveria o pai de fazer um esforço tão grande para lhe fornecer todo o conforto no cativeiro se a tivesse marcado para uma morte de traidora? *Ele não pode tencionar matar-me*, disse a si própria uma centena de vezes. *Não tem em si uma crueldade tão grande. Eu sou do seu sangue e semente, sou sua herdeira, sua única filha*. Se fosse necessário, atirar-se-ia ao chão junto às rodas da sua cadeira, admitiria a sua falha, suplicar-lhe-ia perdão. E choraria. Quando ele visse lágrimas a correr-lhe pela cara, perdoar-lhe-ia.

Estava menos certa de se perdoar a si própria.

— Areo — suplicara ao seu captor durante a longa cavalgada seca que a trouxera do Sangueverde de volta a Lançassolar. — Eu nunca quis que a rapariga se magoasse. Tendes de acreditar em mim.

Hotah respondera apenas com grunhidos. Arianne conseguia sentir-lhe a ira. O Estrela Negra, o mais perigoso de todo o seu pequeno grupo de conspiradores, escapara-se-lhe. Cavalgara mais depressa do que os perseguidores e desaparecera nas profundezas do deserto, com a lâmina suja de sangue.

— Vós conheceis-me, capitão — dissera Arianne, enquanto as léguas ficavam para trás. — Conheceis-me desde pequena. Sempre me mantivestes a salvo, tal como mantínheis a senhora minha mãe a salvo quando viestes com ela da Grande Norvos para ser seu escudo numa terra estranha. Preciso agora de vós. Preciso da vossa ajuda. Nunca pretendi…

— O que pretendestes não importa, pequena princesa — dissera Areo Hotah. — Só o que fizestes importa. — O seu semblante era uma pedra. — Lamento. Cabe ao meu príncipe ordenar, a Hotah obedecer.

Arianne esperara ser levada perante o cadeirão do pai sob a cúpula de vitral da Torre do Sol. Mas Hotah entregara-a na Torre da Lança, e à custódia do senescal do pai, Ricasso, e de Sor Manfrey Martell, o castelão.

— Princesa — dissera Ricasso — perdoareis a um velho cego que ele não suba convosco. Estas pernas não estão à altura de tantos degraus. Um aposento foi preparado para vós. Sor Manfrey levar-vos-á para lá, para esperardes que seja desejo do príncipe chamar-vos.

— Desejo? Penoso dever, quereis vós dizer. Os meus amigos também ficarão aqui confinados? — Arianne fora separada de Garin, Drey e dos outros após a captura, e Hotah recusara-se a dizer o que seria feito com eles.

— Isso cabe ao príncipe decidir — era tudo o que o capitão tinha a dizer sobre o assunto. Sor Manfrey mostrou-se um pouco mais cooperante.

— Foram levados para Vila Tabueira e serão transportados por navio para Sinistres Gris até que o Príncipe Doran decida o seu destino.

Sinistres Gris era um velho castelo arruinado empoleirado num rochedo no Mar de Dorne, uma prisão lúgubre e pavorosa para onde os piores criminosos eram enviados para aí apodrecerem e morrerem.

— Isso quer dizer que o meu pai pretende *matá-los*? — Arianne não conseguia acreditar. — Tudo o que fizeram foi por amor a mim. Se o meu pai tem de derramar sangue, devia ser o meu.

— Como quiserdes, princesa.

— Quero falar com ele.

— Ele achou que talvez quisésseis. — Sor Manfrey pegara-lhe no braço e empurrara-a pelas escadas acima, para cima e para cima, até a deixar sem fôlego. A Torre da Lança tinha meia centena de metros de altura e a sua cela ficava quase no topo. Arianne examinara todas as portas por que passaram, perguntando a si própria se alguma das Serpentes de Areia estaria trancada lá dentro.

Depois de a sua porta ser fechada e trancada, Arianne explorara o seu novo lar. A cela era grande e arejada, e não lhe faltava conforto. Havia tapetes de Myr no chão, vinho tinto para beber, livros para ler. A um canto encontrava-se um ornamentado tabuleiro de *cryvasse* com peças esculpidas de marfim e ónix, embora não tivesse ninguém com quem jogar, mesmo se se sentisse inclinada a fazê-lo. Tinha um colchão de penas onde dormir, e uma latrina com assento de mármore, cujo cheiro era adoçado por um cesto

cheio de ervas. Àquela altura, a vista era magnífica. Uma janela abria-se para leste, de modo que podia observar o Sol a nascer do mar. A outra permitia-lhe olhar para a Torre do Sol, e para as Muralhas Sinuosas e o Portão Triplo que se erguiam mais atrás.

A exploração demorara menos tempo do que ela teria levado a atar um par de sandálias, mas pelo menos servira para manter as lágrimas afastadas durante algum tempo. Arianne descobrira uma bacia e um jarro de água fria e lavara as mãos e a cara, mas não havia esfregadela que a conseguisse limpar do desgosto. *Arys*, pensara, *meu cavaleiro branco*. Lágrimas encheram-lhe os olhos, e de súbito vira-se a chorar, com o corpo inteiro sacudido por soluços. Recordara como o pesado machado de Hotah abrira caminho através da carne e osso dele, o modo como a sua cabeça saltara, girando, pelo ar. *Porque o fizeste? Porquê deitar a vida fora? Nunca te disse para o fazeres, não quis isso, só quis… eu quis… quis…*

Nessa noite chorara até adormecer… pela primeira vez, ainda que não pela última. Nem mesmo nos sonhos encontrara paz. Sonhava com Arys Oakheart a acariciá-la, a sorrir-lhe, a dizer-lhe que a amava… mas os dardos mantinham-se espetados no seu corpo e os ferimentos ressumavam sangue, transformando-lhe os panos brancos em vermelhos. Parte de si sabia que era um pesadelo, mesmo enquanto estava a sonhá-lo. *Ao chegar a manhã tudo isto desaparecerá*, dissera a princesa a si própria, mas quando a manhã chegara ela continuava na sua cela, Sor Arys mantinha-se morto, e Myrcella… *Eu nunca desejei aquilo, nunca. Não desejei qualquer mal à rapariga. Tudo o que quis foi que ela fosse uma rainha. Se não tivéssemos sido traídos…*

— Alguém contou — dissera Hotah. A memória ainda a deixava zangada. Arianne agarrou-se àquilo, alimentando a chama que ardia no seu coração. A ira era melhor do que as lágrimas, melhor do que a dor, melhor do que a culpa. Alguém contara, alguém em quem ela confiara. Arys Oakheart perdera a vida por causa disso, tanto morto pelo murmúrio do traidor como pelo machado do capitão. O sangue que correra pela cara de

Myrcella, isso também era obra do traidor. Alguém contara, alguém que ela amara. Esse era o mais cruel de todos os golpes.

Descobrira uma arca cheia das suas roupas aos pés da cama, de modo que despira o trajo manchado pela viagem em que dormira e envergara a roupa mais reveladora que encontrara, tufos de seda que cobriam tudo e nada escondiam. O Príncipe Doran podia tratá-la como uma criança, mas ela recusava-se a vestir-se como tal. Sabia que um trajo assim iria desconcertar o pai quando ele viesse castigá-la por ter fugido com Myrcella. Contava com isso. *Se eu tenho de gatinhar e chorar, que ele fique também desconfortável.*

Esperara-o naquele dia, mas quando a porta finalmente se abrira revelara apenas os criados com a refeição do meio-dia.

— Quando é que eu posso falar com o meu pai? — perguntara, mas nenhum deles quisera responder. O cabrito fora assado com limão e mel. Com ele tinham vindo folhas de videira a envolver uma mistura de passas, cebolas, cogumelos e ardente pimenta de dragão. — Não tenho fome — dissera Arianne. Os amigos estariam a comer biscoitos de marinheiro e carne de vaca salgada a caminho de Sinistres Gris. — Levai isto e trazei-me o Príncipe Doran. — Mas eles deixaram a comida, e o pai não viera. Passado algum tempo, a fome enfraquecera-lhe a determinação, e sentara-se a comer.

Depois de se acabar a comida, nada mais havia para Arianne fazer. Pôs-se a passear em volta da sua torre, duas vezes e três e três vezes três. Sentou-se em frente do tabuleiro de *cryvasse* e moveu, entediada, em elefante. Enrolou-se no banco de janela e tentou ler um livro, até que as palavras se transformaram numa névoa e ela compreendeu que estava de novo a chorar. *Arys, meu querido, meu cavaleiro branco, porque o fizeste? Devias ter-te rendido. Eu tentei dizer-to, mas as palavras ficaram-me presas na boca. Seu galante tolo, não queria que morresses nem que Myrcella… oh, pela bondade dos deuses, aquela rapariguinha…*

Por fim voltou a enfiar-se na cama. O mundo escurecera, e pouco havia que pudesse fazer além de dormir. *Alguém contou*, pensou. *Alguém contou*.

Garin, Drey e a Sylva Malhada eram amigos de infância, eram-lhe tão queridos como a prima Tyene. Não era capaz de acreditar que a denunciassem… mas isso só deixava o Estrela Negra, e se era ele o traidor, porque teria virado a espada contra a pobre Myrcella? *Ele queria matá-la em vez de a coroar, disse isso mesmo em Pedramarela. Disse que seria assim que eu obteria a guerra que desejava*. Mas não fazia sentido que Dayne fosse o traidor. Se Sor Gerold tivesse sido o bicho na maçã, porque teria virado a espada contra Myrcella?

Alguém contou. Poderia ter sido Sor Arys? Teria a culpa do cavaleiro branco subjugado o seu desejo? Teria ele amado mais Myrcella do que a si e traído a sua nova princesa para expiar a traição à antiga? Estaria tão envergonhado por aquilo que fizera que preferira deitar a vida fora no Sangueverde a viver para enfrentar a desonra?

Alguém contou. Quando o pai viesse vê-la, ficaria a saber quem. Contudo, o Príncipe Doran não veio no dia seguinte. Nem no outro. A princesa foi deixada só para passear pelo quarto, chorar e alimentar os seus ferimentos. Durante as horas de luz, tentava ler, mas os livros que lhe tinham dado eram mortalmente aborrecidos: imponentes velhas histórias e geografias, mapas anotados, um estudo aborrecidíssimo sobre as leis de Dorne, *A Estrela de Sete Pontas* e *Vidas dos Altos Septões*, um enorme volume sobre dragões que conseguia a proeza de os tornar tão interessantes como tritões. Arianne teria dado mais que muito por uma cópia de *Dez Mil Navios* ou d'*Os Amores da Rainha Nymeria*, qualquer coisa que lhe ocupasse os pensamentos e lhe permitisse fugir da sua torre por uma hora ou duas, mas esses divertimentos eram-lhe negados.

Do seu banco de janela tinha apenas de relancear o olhar para fora para ver a grande cúpula de ouro e vidro colorido em baixo, onde o pai concedia audiências. *Ele chamar-me-á em breve*, dizia a si própria.

Não era autorizada a receber visitas à excepção dos criados; Bors com a sua barba por fazer, o alto Timoth que pingava dignidade, as irmãs Morra e Mellei, a pequena e bonita Cedra, a velha Belandra que fora aia da mãe de Arianne. Traziam-lhe refeições, mudavam-lhe a roupa da cama, e

esvaziavam o penico que recolhia os dejectos da latrina, mas nenhum queria falar com ela. Quando pedia mais vinho, Timoth ia buscá-lo. Se desejasse algum dos seus pratos preferidos, figos, azeitonas ou pimentos recheados de queijo, bastava-lhe dizer a Belandra, e a comida aparecia. Morra e Mellei levavam a sua roupa suja e devolviam-na limpa e fresca. De dois em dois dias, era-lhe trazido um banho, e a tímida Cedra ensaboava-lhe as costas e ajudava-a a escovar o cabelo.

Mas nenhum deles tinha uma palavra a dizer-lhe, e tampouco se dignavam a contar-lhe o que estava a acontecer no mundo que se estendia para lá da sua gaiola de arenito.

— O Estrela Negra foi capturado? — perguntou um dia a Bors. — Ainda andam em sua perseguição? — O homem limitou-se a virar-lhe as costas e a afastar-se. — Ensurdeceste? — atirou-lhe Arianne. — Volta cá e responde-me. É uma ordem. — A única resposta dele foi o som de uma porta a fechar-se.

— Timoth — tentou ela noutro dia — o que aconteceu à Princesa Myrcella? Eu não quis que nenhum mal lhe acontecesse. — A última vez que vira a outra princesa fora durante o regresso a Lançassolar. Demasiado fraca para montar a cavalo, Myrcella viajara numa liteira, com a cabeça envolta em ligaduras de seda na zona onde o Estrela Negra a atingira, com os olhos verdes brilhantes de febre. — Diz-me que ela não morreu, suplico-te. Que mal pode vir de eu saber isso? Diz-me como ela está. — Timoth não quis fazê-lo.

— Belandra — disse Arianne, alguns dias mais tarde — se alguma vez amaste a senhora minha mãe, apieda-te da sua pobre filha e diz-me quando é que o meu pai pretende vir visitar-me. Por favor. Por favor. — Mas Belandra também perdera a língua.

Isto é a ideia que o meu pai faz de um tormento? Nem ferros em brasa, nem a roda, mas simplesmente o silêncio? Aquilo era tão característico de Doran Martell que Arianne teve de se rir. *Ele pensa que está a ser subtil quando está só a ser fraco*. Decidiu desfrutar do sossego, usar o tempo para se sarar e fortalecer para aquilo que teria de se seguir.

Sabia que não valia a pena remoer constantemente Sor Arys. Obrigou-se em vez disso a pensar nas Serpentes de Areia, especialmente em Tyene. Arianne gostava de todas as suas primas bastardas, da susceptível e temperamental Obara à pequena Loreza, a mais nova, só com seis anos. Mas Tyene sempre fora aquela de que mais gostava; a irmã querida que nunca tivera. A princesa nunca fora chegada aos irmãos; Quentyn encontrava-se em Paloferro, e Trystane era novo demais. Não, sempre fora ela e Tyene, com Garin, Drey e a Sylva Malhada. Nym juntava-se-lhes, por vezes, nos jogos, e Sarella passava a vida a tentar meter-se onde não era o seu lugar, mas tinham sido quase sempre uma companhia de cinco. Mergulhavam nas lagoas e fontanários dos Jardins de Água, e iam para a batalha empoleirados nas costas nuas uns dos outros. Ela e Tyene tinham aprendido juntas a ler, tinham aprendido juntas a andar a cavalo, tinham aprendido juntas a dançar. Aos dez anos, Arianne roubara um jarro de vinho, e as duas tinham-se embebedado juntas. Haviam partilhado refeições, camas e jóias. Teriam partilhado também o primeiro homem, mas Drey ficara demasiado excitado e cobrira os dedos de Tyene de esperma no momento em que ela o tirara para fora das bragas. *As mãos dela são um perigo*. A recordação fê-la sorrir.

Quanto mais pensava nas primas, mais a princesa lhes sentia a falta. *Tanto quanto sei, podem estar mesmo por baixo de mim*. Nessa noite, Arianna tentou bater no chão com o tacão da sandália. Quando ninguém respondeu, debruçou-se de uma janela e espreitou para baixo. Conseguia ver outras janelas mais abaixo, mais pequenas do que a sua, algumas nem passavam de seteiras.

— *Tyene*! — chamou. — *Tyene, estás aí? Obara, Nym? Ouvis-me? Ellaria? Alguém? TYENE?* — A princesa passou metade da noite pendurada à janela, a chamar até ficar com a garganta em carne viva, mas não lhe chegaram gritos em resposta. Isso assustou-a mais do que poderia exprimir. Se as Serpentes de Areia estavam aprisionadas na Torre da Lança, certamente que a teriam ouvido gritar. Porque não teriam respondido? *Se o pai lhes fez algum mal, nunca o perdoarei, nunca*, disse a si própria.

Depois de se passar uma quinzena, tinha a paciência feita em farrapos.

— Quero falar com o meu pai já — disse a Bors, na sua voz mais autoritária. — Vais levar-me até ele. — Ele não a levou até ele. — Estou pronta a ver o príncipe — disse a Timoth, mas ele virou-lhe costas como se não tivesse ouvido. Na manhã seguinte, Arianne estava à espera junto à porta quando ela se abriu. Passou por Belandra de um salto, fazendo com que uma bandeja de ovos com especiarias se fosse esmagar contra a parede, mas os guardas apanharam-na antes de ter percorrido três metros. Também os conhecia, mas mostraram-se surdos às suas súplicas. Arrastaram-na de volta à sua cela, a esbracejar e a espernear.

Arianne decidiu que teria de ser mais subtil. Cedra era a sua melhor esperança; a rapariga era jovem, ingénua e crédula. A princesa lembrou-se de que Garin um dia se gabara de dormir com ela. No banho seguinte, enquanto Cedra lhe ensaboava os ombros, pôs-se a falar de tudo e de nada.

— Eu sei que te foi ordenado que não falasses comigo — disse — mas ninguém me disse para não falar contigo. — Falou sobre o calor do dia, e daquilo que tinha jantado na noite anterior, e de como a pobre Belandra se estava a tornar lenta e rígida. O Príncipe Oberyn armara cada uma das *suas* filhas para que nunca ficassem sem defesa, mas Arianne Martell não tinha qualquer arma além da sua astúcia. E assim sorriu e mostrou-se encantadora, e não pediu a Cedra nada em troca, nem palavra, nem aceno.

No dia seguinte, ao jantar, voltou a tagarelar com a rapariga enquanto ela a servia. Daquela vez arranjou-se para mencionar Garin. Cedra ergueu acanhadamente os olhos ao ouvir o nome dele e quase derramou o vinho que estava a servir. *Então é assim, não é?*, pensou Arianne.

Durante o banho seguinte, falou dos amigos aprisionados, especialmente de Garin.

— É por ele que mais temo — confidenciou à criada. — Os órfãos são espíritos livres, vivem para vagabundear. Garin precisa de sol e de ar fresco. Se o trancarem nalguma cela fria e húmida de pedra, como sobreviverá? Não durará um ano em Sinistres Gris. — Cedra não respondeu, mas quando

Arianne se ergueu da água, a criada tinha a cara pálida, e apertava a esponja com tanta força que o sabão pingava no tapete de Myr.

Mesmo assim, foram precisos mais quatro dias e dois banhos para ter a rapariga na mão.

— Por favor — sussurrou finalmente Cedra, depois de Arianne pintar uma viva imagem de Garin a atirar-se da janela da cela, para saborear a liberdade uma última vez antes de morrer. — Tendes de o ajudar. Por favor, não o deixeis morrer.

— Trancada aqui em cima é menos do que pouco o que posso fazer — sussurrou em resposta. — O meu pai não me quer receber. *Tu* és a única que pode salvar Garin. Ama-lo?

— Sim — sussurrou Cedra, corando. — Mas como posso ajudar?

— Podes fazer sair uma carta minha — disse a princesa. — Farás isso? Correrás o risco… por Garin?

Os olhos de Cedra esbugalharam-se. E confirmou com a cabeça.

Tenho um corvo, pensou Arianne, triunfantemente, *mas envio-a a quem?* O único dos seus conspiradores a escapar à rede do pai fora o Estrela Negra. No entanto, por aquela altura Sor Gerold podia perfeitamente ter já sido capturado; e se não o tivesse sido, teria certamente fugido de Dorne. O seu pensamento seguinte foi a mãe de Garin e os órfãos do Sangueverde. *Não, eles não. Tem de ser alguém com real poder, alguém que não tenha participado no nosso plano mas que possa ter motivos para nutrir simpatia por nós.* Pensou em apelar à mãe, mas a Senhora Mellario estava longe, em Norvos. E além disso, havia muitos anos que o Príncipe Doran não dava ouvidos à senhora sua esposa. *Ela também não. Preciso dum fidalgo, um fidalgo suficientemente grande para coagir o meu pai a libertar-me.*

O mais poderoso dos senhores de Dorne era Anders Yronwood, o Sangue-Real, Senhor de Paloferro e Protector do Caminho de Pedra, mas Arianne não era tola para procurar ajuda junto do homem que criara o seu irmão Quentyn. *Não*. O irmão de Drey, Sor Deziel Dalt aspirara em tempos a casar com ela, mas era demasiado obediente para se opor ao seu príncipe. E além disso, embora o Cavaleiro de Limoeiros pudesse intimidar um

pequeno senhor, não tinha força suficiente para influenciar o Príncipe de Dorne. *Não*. Arianne finalmente decidiu que não tinha mais do que duas esperanças reais: Harmen Uller, Senhor da Toca do Inferno, e Franklyn Fowler, Senhor de Alcanceleste e Protector do Passo do Príncipe.

Metade dos Uller são meio loucos, dizia o provérbio, *e os outros são pior*. Ellaria Sand era filha ilegítima do Lorde Harmen. Ela e as suas pequenas tinham sido presas com o resto das Serpentes de Areia. Isso devia ter deixado o Lorde Harmen furioso, e os Uller eram perigosos quando se enfureciam. *Perigosos demais, talvez.* A princesa não queria colocar mais vidas em perigo.

O Lorde Fowler poderia ser uma escolha mais segura. Chamavam-lhe o Velho Falcão. Nunca se dera bem com Anders Yronwood; havia um feudo de sangue entre as duas casas que remontava a mil anos antes, quando os Fowler preferiram apoiar os Martell e não os Yronwood durante a Guerra de Nymeria. Os gémeos Fowler eram também amigos afamados da Senhora Nym, mas quanto peso teria isso junto do Velho Falcão?

Arianne vacilou durante quatro dias enquanto compunha a sua carta secreta.

— Dai ao homem que vos levar isto cem veados de prata — começou. Isso asseguraria que a mensagem era entregue. Disse na carta onde estava e suplicou que a salvassem. — Seja quem for que me tire desta cela, não será esquecido quando eu casar. — *Isso deverá trazer os heróis a correr.* A menos que o Príncipe Doran a tivesse proscrito, continuava a ser a legítima herdeira de Lançassolar; o homem que se casasse consigo iria um dia governar Dorne a seu lado. Arianne só podia rezar para que o seu salvador se revelasse mais novo do que os grisalhos que o pai lhe fora oferecendo ao longo dos anos. — Quero um consorte com dentes — dissera-lhe quando recusara o último.

Não se atrevia a pedir pergaminho por temer levantar suspeitas aos seus captores, portanto escreveu a carta no fundo de uma página arrancada à *Estrela de Sete Pontas*, e enfiou-a na mão de Cedra no dia de banho seguinte.

— Há um lugar junto do Portão Triplo onde as caravanas carregam provisões antes de atravessarem as areias profundas — disse-lhe Arianne. — Procura um viajante que se dirija ao Passo do Príncipe, e promete-lhe cem veados de prata se ele puser isto nas mãos do Lorde Fowler.

— Prometo. — Cedra escondeu a mensagem no corpete. — Encontrarei alguém antes do pôr-do-sol, princesa.

— Óptimo — disse Arianne. — Amanhã diz-me como correu.

Mas a rapariga não regressou na manhã seguinte. Nem no outro dia. Quando chegou a altura de Arianne tomar banho, foi Morra e Mellei que lhe encheram a banheira, e que ficaram para lhe lavar as costas e escovar o cabelo.

— Cedra adoeceu? — perguntou-lhes a princesa, mas nenhuma das duas quis responder. Só conseguia pensar: *ela foi apanhada. Que outra coisa pode ser?* Nessa noite quase não dormiu, com medo do que poderia seguir-se.

Quando Timoth lhe trouxe o pequeno-almoço na manhã seguinte, Arianne pediu para ver Ricasso em vez do pai. Era evidente que não conseguia forçar o Príncipe Doran a recebê-la, mas certamente que um mero senescal não ignoraria uma convocatória da legítima herdeira de Lançassolar.

No entanto, ignorou.

— Transmitiste a Ricasso o que eu disse? — perguntou da vez seguinte que viu Timoth. — Disseste-lhe que eu precisava dele? — Quando o homem se recusou a responder-lhe, Arianne pegou num jarro de vinho tinto e virou-lho em cima da cabeça. O criado retirou-se a pingar, com a cara transformada numa máscara de dignidade ferida. *O meu pai pretende deixar-me aqui a apodrecer*, decidiu a princesa. *Ou então está a fazer planos para me casar com algum velho idiota repugnante e tenciona manter-me trancada até à noite de núpcias.*

Arianne Martell crescera a contar casar um dia com um grande senhor qualquer, escolhido pelo pai. Fora ensinada que era para isso que as

princesas serviam… embora, havia que admiti-lo, o tio Oberyn tivesse visto o assunto de forma diferente.

— Se quiserdes casar, casai — dissera o Víbora Vermelha às filhas. — Se não, tirai prazer onde o encontrardes. Não é coisa que abunde no mundo. Mas escolhei bem. Se deixardes que um idiota ou um bruto vos ponha a sela, não venhais ter comigo para vos verdes livres dele. Eu dei-vos as ferramentas para tratardes disso sozinhas.

A liberdade que o Príncipe Oberyn permitia às suas bastardas nunca fora partilhada pela herdeira legítima do Príncipe Doran. Arianne tinha de casar; ela aceitara-o. Sabia que Drey a desejara; e o irmão dele, Deziel, o Cavaleiro de Limoeiros, também. Daemon Sand chegara mesmo a pedir-lhe a mão. Mas Daemon era bastardo, e o Príncipe Doran não pretendia que ela casasse com um dornês.

Arianne também isso aceitara. Houvera um ano em que o irmão do Rei Robert viera de visita e ela fizera o seu melhor para o seduzir, mas pouco passava de uma menina e o Lorde Renly parecera mais assombrado do que inflamado pelas suas ofertas. Mais tarde, quando Hoster Tully lhe pedira para ir a Correrrio a fim de conhecer o seu herdeiro, acendera velas de agradecimento à Donzela, mas o Príncipe Doran declinara o convite. A princesa poderia até ter tomado em conta Willas Tyrell, com perna aleijada e tudo, mas o pai recusara-se a mandá-la a Jardim de Cima para o conhecer. Tentara ir a despeito do pai, com a ajuda de Tyene… mas o Príncipe Oberyn apanhara-as em Vaith e trouxera-as de volta. Nesse mesmo ano, o Príncipe Doran tentara prometê-la a Ben Beesbury, um fidalgo menor que se não tinha oitenta anos pouco faltava, e que era tão cego como desdentado.

Beesbury morrera alguns anos mais tarde. Isso dava-lhe algum pequeno conforto na presente situação; não podia ser obrigada a casar com ele se o homem estava morto. E o Senhor da Travessia voltara a casar, portanto desse também estava salva. *Contudo, Elden Estermont continua vivo e por casar. Bem como o Lorde Rosby e o Lorde Grandison*. Chamavam a Grandison Barbagris, mas quando Arianne o conhecera, a sua barba havia-se tornado branca como a neve. No banquete de boas-vindas, adormecera

entre o prato de peixe e o de carne. Drey dissera que aquilo era adequado, visto que o seu símbolo era um leão adormecido. Garin desafiara-a a ver se conseguia dar-lhe um nó na barba sem o acordar, mas Arianne contivera-se. Grandison parecera um tipo agradável, menos quezilento do que Estermont e mais robusto do que Rosby. Nunca casaria com ele, contudo. *Nem mesmo se Hotah se puser atrás de mim com o seu machado.*

Ninguém veio casar com ela no dia seguinte, nem no outro. Cedra também não regressou. Arianne tentou conquistar Morra e Mellei da mesma forma, mas não resultou. Se tivesse conseguido apanhar uma delas sozinha podia ter alguma esperança, mas, juntas, as irmãs eram uma muralha. Por essa altura, a princesa teria achado bem-vindo um toque de um ferro quente, ou uma noite passada na roda. A solidão era capaz de a levar à loucura. *Mereço o machado de um carrasco por aquilo que fiz, mas ele nem sequer me dará isso. Mais depressa me trancará e esquecerá que eu existi*. Perguntou a si própria se o Meistre Caleotte estaria a traçar uma proclamação para nomear o irmão Quentyn herdeiro de Dorne.

Os dias chegaram e partiram, um atrás do outro, tantos que Arianne perdeu a conta ao tempo que passara aprisionada. Deu por si a passar cada vez mais tempo na cama, até chegar ao ponto de não se levantar de todo, salvo para usar a latrina. As refeições que os criados traziam arrefeciam, intocadas. Arianne dormia e acordava e voltava a dormir, e continuava a sentir-se demasiado cansada para se levantar. Rezava à Mãe pedindo misericórdia e ao Guerreiro em busca de coragem, e depois dormia mais um pouco. Novas refeições substituíam as antigas, mas ela também não as comia. Uma dia em que se sentiu especialmente forte, levou toda a comida até à janela e atirou-a para o pátio, para que não a tentasse. O esforço deixou-a exausta, de modo que gatinhou para a cama e levou meio dia a dormir.

E então chegou um dia em que uma mão rude a acordou, sacudindo-a pelo ombro.

— Pequena princesa — disse uma voz que conhecia desde a infância. — Levantai-vos e vesti-vos. O príncipe chamou-vos. — Areo Hotah, o seu

velho amigo e protector, estava em pé junto dela. Estava a *falar* com ela. Arianne sorriu, ensonada. Era bom ver aquela cara vincada, cheia de cicatrizes, e ouvir a sua voz áspera e profunda e o forte sotaque de Norvos.

— O que fizeste com Cedra?

— O príncipe mandou-a para os Jardins de Água — disse Hotah. — Ele contar-vos-á. Primeiro tendes de vos lavardes e comer.

Devia ter o aspecto de uma miserável criatura. Arianne saiu com dificuldade da cama, fraca como uma gatinha.

— Manda Morra e Mellei preparar um banho — disse-lhe — e diz a Timoth que me traga um pouco de comida. Nada de pesado. Um pouco de caldo frio e um bocado de pão e fruta.

— Sim — disse Hotah. Nunca ouvira som mais adorável.

O capitão esperou lá fora enquanto a princesa se banhava, escovava o cabelo e comia frugalmente algum do queijo e fruta que lhe tinham trazido. Bebeu um pouco de vinho para sossegar o estômago. *Estou assustada*, compreendeu, *pela primeira vez na vida sinto medo do meu pai*. Aquilo fê-la rir tanto que deitou vinho pelo nariz. Quando chegou a altura de se vestir, escolheu um vestido simples de linho cor de marfim, com gavinhas e uvas purpúreas bordadas em volta das mangas e do corpete. Não pôs jóias. *Tenho de me mostrar casta, humilde e contrita. Tenho de me atirar aos pés dele e suplicar perdão, senão posso nunca mais ouvir outra voz humana.*

Quando finalmente ficou pronta, caíra o ocaso. Arianne julgara que Hotah a levaria até à Torre do Sol para ouvir o julgamento do pai, mas em vez disso entregou-a no aposento privado do pai, onde foram encontrar Doran Martell sentado atrás de uma mesa de *cryvasse*, com as pernas gotosas apoiadas num apoio almofadado para os pés. Estava a brincar com um elefante de ónix, virando-o nas mãos avermelhadas e inchadas. O príncipe parecia pior do que alguma vez o vira. Tinha a cara pálida e entumecida, as articulações tão inflamadas que lhe doía só de olhar para elas. Vê-lo assim fez com que o coração de Arianne se estendesse para o pai… mas sem que soubesse porquê não se conseguiu levar a ajoelhar e suplicar, como planeara.

— Pai — preferiu dizer.

Quando ele ergueu a cabeça para a olhar, tinha os olhos escuros enevoados de dor. *Será a gota?*, perguntou Arianne a si própria. *Ou serei eu?*

— Um povo estranho e subtil, os volantenos — murmurou, enquanto punha o elefante de parte. — Vi Volantis uma vez, a caminho de Norvos, onde me encontrei pela primeira vez com Mellario. Os sinos estavam a tocar, e os ursos dançavam nos degraus. Areo deve lembrar-se desse dia.

— Lembro — ecoou Areo Hotah na sua voz profunda. — Os ursos dançavam e os sinos tocavam, e o príncipe vinha vestido de vermelho, dourado e laranja. A minha senhora perguntou-me quem era aquele que tanto brilhava.

O Príncipe Doran fez um sorriso tristonho.

— Deixa-nos, capitão.

Hotah bateu com o cabo do seu machado no chão, girou sobre os calcanhares, e retirou-se.

— Eu disse-lhes para porem um tabuleiro de *cryvasse* nos teus aposentos — disse o pai quando ficaram sós.

— Com quem se pretendia que eu jogasse? — *Porque está ele a falar de um jogo? Ter-lhe-á a gota roubado os miolos?*

— Contigo. Às vezes é melhor estudar um jogo antes de se tentar jogá-lo. Quão bem conheces o jogo, Arianne?

— Suficientemente bem para jogar.

— Mas não para ganhar. O meu irmão gostava do combate pelo combate, mas eu só jogo os jogos que posso ganhar. O *cryvasse* não é para mim. — Estudou o rosto dela por um longo momento antes de dizer: — Porquê? Diz-me isso, Arianne. Diz-me porquê.

— Pela honra da nossa Casa. — A voz do pai deixara-a zangada. Soava tão triste, tão exausto, tão *fraco*. *És um príncipe!*, quis gritar. *Devias estar em fúria!* — A vossa docilidade envergonha Dorne inteira, pai. O vosso irmão foi para Porto Real em vosso lugar, e *eles mataram-no!*

— E achas que eu não sei disso? Oberyn está comigo de cada vez que fecho os olhos.

— Dizendo-vos para os abrirdes, sem dúvida. — Arianne sentou-se ao tabuleiro de *cryvasse*, em frente ao pai.

— Não te dei licença para te sentares.

— Então chamai Hotah e chicoteai-me pela minha insolência. Sois o Príncipe de Dorne. Podeis fazê-lo. — Tocou numa das peças de *cryvasse*, o cavalo pesado. — Apanhastes Sor Gerold?

Ele abanou a cabeça.

— Bem gostaria que tivéssemos apanhado. Foste uma tola por o teres metido nisto. O Estrela Negra é o homem mais perigoso de Dorne. Tu e ele causastes-nos um grande dano.

Arianne quase sentiu receio de perguntar.

— Myrcella. Ela está…?

— … morta? Não, embora o Estrela Negra tenha feito o seu melhor. Todos os olhos estavam no teu cavaleiro branco, de modo que ninguém parece ter grandes certezas sobre o que aconteceu exactamente, mas parece que o cavalo dela recuou perante o dele no último instante, evitando que o Estrela Negra cortasse o topo do crânio da rapariga. Mesmo assim, o golpe abriu-lhe a cara até ao osso e cortou-lhe a orelha direita. O Meistre Caleotte conseguiu salvar-lhe a vida, mas não há cataplasma ou poção capaz de lhe restaurar o rosto. Ela era minha *protegida*, Arianne. Prometida ao teu irmão e sob a minha protecção. Desonraste-nos a todos.

— Nunca lhe desejei qualquer mal — insistiu Arianne. — Se Hotah não tivesse interferido…

— … terias coroado Myrcella como rainha, para originar uma rebelião contra o irmão. Em vez duma orelha, teria perdido a vida.

— Só se perdêssemos.

— *Se*? A palavra é *quando*. Dorne é o menos populoso dos Sete Reinos. O Jovem Dragão achou por bem fazer todos os nossos exércitos maiores quando escreveu aquele seu livro, para tornar a sua conquista mais gloriosa na mesma proporção, e nós achámos por bem regar a semente que ele

plantou e deixar os nossos inimigos julgar-nos mais poderosos do que somos, mas uma princesa devia conhecer a verdade. O valor é fraco substituto para os números. Dorne não pode esperar ganhar uma guerra contra o Trono de Ferro. Sozinho, não. E no entanto, pode bem ser isso o que tu nos deste. Sentes-te orgulhosa? — O príncipe não lhe deu tempo para responder. — Que vou eu fazer contigo, Arianne?

Parte de si quis dizer *perdoa-me*, mas as palavras dele tinham-na ferido demasiado.

— Ora, fazei o que fazeis sempre. Nada.

— Tu tornas difícil a um homem engolir a sua fúria.

— É melhor parardes de engolir, é provável que vos engasgueis com ela. — O príncipe não respondeu. — Dizei-me como soubestes dos meus planos.

— Eu sou o Príncipe de Dorne. Os homens procuram cair-me nas graças.

Alguém contou.

— Sabíeis, e no entanto permitistes-nos na mesma fugir com Myrcella. Porquê?

— Foi esse o meu erro, e revelou ser um erro grave. És minha filha, Arianne. A rapariguinha que costumava correr para mim quando esfolava o joelho. Achei difícil acreditar que conspirarias contra mim. Tive de saber a verdade.

— Agora sabeis. Quero saber quem me denunciou.

— Eu também quereria, se estivesse no teu lugar.

— Não mo direis?

— Não consigo imaginar nenhuma razão para o fazer.

— Julgais que eu não sou capaz de descobrir a verdade sozinha?

— Tenta à vontade. Até que descubras, terás de desconfiar de todos eles… e ter um pouco de desconfiança é bom para uma princesa. — O Príncipe Doran suspirou. — Desiludes-me, Arianne.

— Diz o corvo ao melro. Há anos que me desapontais, pai. — Não pretendera ser tão frontal com ele, mas as palavras jorravam. *Pronto, agora já o disse*.

— Eu sei. Sou demasiado brando, fraco e cauteloso, demasiado clemente para com os nossos inimigos. Neste momento, contudo, tu precisas dum pouco dessa clemência, parece-me. Devias estar a suplicar o meu perdão em vez de procurares provocar-me mais.

— Só peço clemência para os meus amigos.

— Que nobre da tua parte.

— O que eles fizeram, foi por me amarem. Não merecem morrer em Sinistres Gris.

— Por acaso, concordo. À excepção do Estrela Negra, os teus outros conspiradores não foram mais do que crianças tontas. Apesar disso, isto não foi um inofensivo jogo de *cryvasse*. Tu e os teus amigos estavam a brincar às traições. Eu podia ter mandado cortar-lhes as cabeças.

— Podíeis, mas não o fizestes. Dayne, Dalt, Santagar… não, nunca vos atreveríeis a transformar essas Casas em inimigos.

— Atrevo-me a mais do que tu sonhas… mas deixemos isso de momento. Sor Andrey foi enviado para Norvos a fim de servir a senhora tua mãe durante três anos. Garin passará os próximos dois anos em Tyrosh. Da sua família entre os órfãos recebi dinheiro e reféns. A Senhora Sylva não foi punida por mim, mas está em idade de casar. O pai despachou-a para Pedraverde a fim de se casar com o Lorde Estermont. Quanto a Arys Oakheart, escolheu o seu próprio destino e enfrentou-o corajosamente. Um cavaleiro da Guarda Real… o que foi que lhe *fizeste*?

— Fodi-o, pai. Ordenastes-me que entretivesse os nossos nobres visitantes, se bem me lembro.

O rosto dele enrubesceu.

— Bastou isso?

— Disse-lhe que uma vez que Myrcella fosse rainha nos daria licença para casar. Ele queria-me para esposa.

— Fizeste tudo o que pudeste para impedir que ele desonrasse os seus votos, certamente — disse o pai.

Foi a vez dela corar. A sedução de Sor Arys levara meio ano. Embora ele afirmasse ter conhecido outras mulheres antes de vestir o branco, ela nunca

o teria adivinhado pela forma como agia. As suas carícias eram desajeitadas, os beijos nervosos, e da primeira vez que se deitaram juntos ele derramara a semente na sua coxa quando ela o guiava para si com a mão. Pior, fora consumido pela vergonha. Se tivesse um dragão por cada vez que ele sussurrara "Não devíamos estar a fazer isto" estaria mais rica do que os Lannister. *Terá ele carregado sobre Areo Hotah na esperança de me salvar?*, perguntou Arianne a si própria. *Ou tê-lo-á feito para fugir, para lavar a desonra com o sangue da sua vida?*

— Ele amava-me — ouviu-se a dizer. — Morreu por mim.

— Se assim foi, pode bem ser apenas o primeiro de muitos. Tu e as tuas primas queriam a guerra. Podeis ter o que desejais. Outro cavaleiro da Guarda Real aproxima-se lentamente de Lançassolar neste mesmo momento. Sor Balon Swann traz-me a cabeça da Montanha. Os meus vassalos têm andado a atrasá-lo, para me arranjar algum tempo. Os Wyl retiveram-no no Caminho do Espinhaço durante oito dias, a caçar com e sem falcões, e o Lorde Yronwood banqueteou-o por uma quinzena quando ele emergiu das montanhas. Actualmente está na Penha, onde a Senhora Jordayne organizou jogos em sua honra. Quando chegar a Monte Espírito encontrará a Senhora Toland decidida a ultrapassá-la. Mas mais cedo ou mais tarde, Sor Balon tem de chegar a Lançassolar, e quando isso acontecer ele esperará ver a Princesa Myrcella… e Sor Arys, seu Irmão Ajuramentado. O que lhe diremos, Arianne? Deverei dizer que Oakheart pereceu num acidente de caça, ou duma queda nalguma escada escorregadia? Talvez Arys tenha ido nadar nos Jardins de Água, escorregado no mármore, batido com a cabeça e morrido afogado?

— Não — disse Arianne. — Dizei que ele morreu a defender a sua pequena princesa. Dizei a Sor Balon que o Estrela Negra tentou matá-la e Sor Arys se interpôs entre ambos e lhe salvou a vida. — Era assim que os cavaleiros brancos da Guarda Real deviam morrer, dando as vidas pelas daqueles que tinham jurado proteger. — Sor Balon pode ficar desconfiado, como vós ficastes quando os Lannister mataram a vossa irmã e os filhos, mas não terá provas…

— … até falar com Myrcella. Ou terá essa corajosa criança de sofrer também um trágico acidente? Se assim for, isso significará a guerra. Não haverá mentira que salve Dorne da fúria da rainha se a sua filha perecer enquanto estiver ao meu cuidado.

Ele precisa de mim, compreendeu Arianne. *Foi por isso que me mandou buscar.*

— Eu podia dizer a Myrcella o que dizer, mas porque o faria?

Um espasmo de ira percorreu a cara do pai.

— Previno-te, Arianne, estou sem paciência.

— Comigo? — *Isto é tão típico*. — Para com o Lorde Tywin e os Lannister sempre tivestes a indulgência de Baelor, o Abençoado, mas para o vosso sangue, nada.

— Confundes indulgência com paciência. Trabalhei para a queda de Tywin Lannister desde o dia em que me informaram sobre Elia e os filhos. Era minha esperança despi-lo de tudo o que ele tinha de mais querido antes de o matar, mas ao que parece o seu filho anão roubou-me esse prazer. Retiro um certo consolo em saber que morreu uma morte cruel às mãos do monstro que ele próprio gerou. Mas não importa. O Lorde Tywin está a uivar nas profundezas do inferno… onde milhares se lhe irão juntar, se a tua loucura se transformar em guerra. — O pai fez um trejeito, como se a própria palavra lhe fosse dolorosa. — É isso que tu queres?

A princesa recusou-se a deixar-se intimidar.

— Quero as minhas primas libertadas. Quero o meu tio vingado. Quero os meus direitos.

— Os teus *direitos*?

— Dorne.

— Terás Dorne depois de eu morrer. Estás assim tão ansiosa por te veres livre de mim?

— Eu devia devolver-vos essa pergunta, pai. Há anos que andais a tentar ver-vos livre de mim.

— Isso não é verdade.

— Não? Vamos perguntar ao meu irmão?

— Trystane?

— *Quentyn*.

— Que há com ele?

— Onde está?

— Está com a hoste do Lorde Yronwood no Caminho do Espinhaço.

— Realmente mentis bem, pai, concedo-vos isso. Nem sequer pestanejastes. Quentyn foi para Lys.

— De onde te veio essa ideia?

— Disse-me um amigo. — Ela também podia ter segredos.

— O teu amigo mentiu. Dou-te a minha palavra, o teu irmão não foi para Lys. Juro pelo sol e lança e pelos Sete.

Arianne não se deixava enganar com tanta facilidade.

— Então é Myr? Tyrosh? Eu sei que ele está algures para lá do mar estreito, a contratar mercenários para me roubar o direito de nascença.

A cara do pai escureceu.

— Essa desconfiança não te honra, Arianne. Devia ser Quentyn a conspirar contra mim. Mandei-o para longe quando não passava de uma criança, jovem demais para compreender as necessidades de Dorne. Anders Yronwood foi mais pai para ele do que eu, e no entanto o teu irmão mantém-se leal e obediente.

— E porque não? Favorecei-lo e sempre o haveis feito. Ele parece-se convosco, pensa como vós e tencionais dar-lhe Dorne, não vos incomodeis em negá-lo. Eu li a vossa carta. — As palavras ainda ardiam brilhantes como fogo na sua memória. — "*Um dia ocuparás o meu lugar e governarás Dorne inteira*", escrevestes-lhe. Dizei-me, pai, quando foi que decidistes deserdar-me? Foi no dia em que Quentyn nasceu, ou no dia em que *eu* nasci? O que vos fiz eu para vos levar a odiar-me tanto? — Para sua fúria, havia lágrimas nos seus olhos.

— Eu nunca te odiei. — A voz do Príncipe Doran era frágil como pergaminho, e cheia de dor. — Arianne, não compreendes.

— Negais ter escrito essas palavras?

— Não. Isso foi quando Quentyn foi para Yronwood. Sim, pretendia que ele me sucedesse. Tinha outros planos para ti.

— Oh, sim — disse ela, cheia de escárnio — e que planos. Gyles Rosby. O Ben Cego Beesbury. O Barbagris Grandison. Eram esses os vossos *planos*.

Não lhe deu qualquer hipótese de responder.

— Eu sei que é meu dever dar um herdeiro a Dorne, *nunca* me esqueci disso. Teria casado, e de bom grado, mas os homens que me trouxestes eram insultos. Com cada um deles cuspistes em mim. Se alguma vez sentistes algum amor por mim, porquê oferecer-me a *Walder Frey*?

— Porque sabia que o desdenharias. Eu tinha de ser visto a *tentar* encontrar-te um consorte depois de chegares a uma certa idade, caso contrário teria levantado suspeitas, mas não me atrevi a trazer-te um homem que pudesses aceitar. Tu estavas prometida, Arianne.

Prometida? Arianne fitou-o, incrédula.

— Que estais vós a dizer? É mais alguma mentira? Nunca dissestes…

— O pacto foi selado em segredo. Tencionava contar-te quando tivesses idade suficiente… quando chegasses à idade adulta, pensava, mas…

— Tenho vinte e três anos, há sete que sou uma mulher feita.

— Eu sei. Se te mantive na ignorância durante tanto tempo, foi só para te proteger. Arianne, a tua natureza… para ti, um segredo era apenas uma história especial para murmurar a Garin e Tyene à noite na cama. Garin mexerica como só os órfãos são capazes, e Tyene não guarda segredos de Obara e da Senhora Nym. E se elas soubessem… Obara gosta demasiado de vinho, e Nym é demasiado chegada aos gémeos Fowler. E a quem poderiam os gémeos Fowler fazer confidências? *Não podia correr o risco.*

Sentiu-se perdida, confundida. *Prometida. Eu fui prometida.*

— Quem é? A quem estive eu prometida todos estes anos?

— Não importa. Ele está morto.

Isso deixou-a mais desconcertada do que nunca.

— Os velhos são tão frágeis. Foi uma anca partida, um resfriado, a gota?

— Foi um vaso de ouro derretido. Nós, os príncipes, fazemos os nossos cuidadosos planos e os deuses põem-nos todos de pantanas. — O Príncipe Doran fez um gesto fatigado com uma mão irritada e vermelha. — Dorne será tua. Tens a minha palavra quanto a isso, se a minha palavra ainda tiver algum significado para ti. O teu irmão Quentyn tem um caminho mais duro a percorrer.

— Que caminho? — Arianne olhou-o com suspeita. — Que estais a guardar para vós? Que os Sete me salvem, mas estou farta de segredos. Contai-me o resto, pai… ou então nomeai Quentyn vosso herdeiro, mandai chamar Hotah e o seu machado e deixai-me morrer ao lado das minhas primas.

— Pensas mesmo que eu faria mal às filhas do meu irmão? — O pai fez uma careta. — A Obara, Nym e Tyene nada falta à excepção da liberdade, e Ellaria e as filhas estão alegremente escondidas nos Jardins de Água. Dorea anda por lá, sorrateira, a derrubar laranjas das árvores com a sua maça de armas, e Elia e Obella transformaram-se no terror das lagoas. — Suspirou. — Não se passou assim tanto tempo desde que eras tu a brincar naquelas lagoas. Costumavas montar aos ombros de uma rapariga mais velha… uma rapariga alta de cabelo amarelo como palha…

— Jeyne Fowler, ou a irmã Jennelyn. — Tinham-se passado anos sem que Arianne pensasse nisso. — Oh, e Frynne, o pai era um ferreiro. Ela tinha cabelo castanho. Mas Garin era o meu preferido. Quando montava Garin ninguém conseguia derrotar-nos, nem mesmo Nym e aquela rapariga Tyroshi de cabelo verde.

— Essa rapariga de cabelo verde era a filha do Arconte. Esperava-se que eu te enviasse para Tyrosh no lugar dela. Terias servido o Arconte como copeira e ter-te-ias encontrado em segredo com o teu prometido, mas a tua mãe ameaçou ferir-se se eu lhe roubasse mais algum filho, e eu… não lhe consegui fazer tal coisa.

A história cada vez se torna mais estranha.

— Foi para aí que Quentyn foi? Para Tyrosh, a fim de cortejar a filha de cabelo verde do Arconte?

O pai pegou numa peça de *cryvasse*.

— Tenho de saber como te chegou ao conhecimento que o Quentyn estava no estrangeiro. O teu irmão partiu com Cletus Yronwood, o Meistre Kedry e três dos melhores jovens cavaleiros do Lorde Yronwood numa longa e perigosa viagem, com um resultado incerto no fim. Foi para nos devolver aquilo que é desejo do nosso coração.

Ela estreitou os olhos.

— O que é o desejo do nosso coração?

— A vingança. — A voz dele era baixa, como se tivesse receio de alguém estar a ouvir. — A justiça. — O Príncipe Doran pressionou o dragão de ónix contra a palma da mão dela com os seus dedos inchados e gotosos, e murmurou: — *Fogo e sangue*.

OceanofPDF.com

ALAYNE

Virou o anel de ferro e abriu a porta com um empurrão, só um pouco.

— Pisco-doce? — chamou. — Posso entrar?

— Tende cuidado, s'nhora — avisou a velha Gretchel, apertando as mãos. — Sua senhoria atirou o penico ao meistre.

— Então não tem penico para me atirar. Não há trabalho que devesses estar a fazer? E tu também, Maddy… as janelas estão todas fechadas e as portadas trancadas? A mobília já foi toda coberta?

— Toda, s'nhora — disse Maddy.

— É melhor irdes certificar-vos. — Alayne penetrou no quarto escurecido. — Sou só eu, pisco-doce.

Alguém fungou na escuridão.

— Estás sozinha?

— Estou, senhor.

— Então aproxima-te. Só tu.

Alayne fechou firmemente a porta atrás de si. Era de carvalho sólido, com dez centímetros de espessura; Maddy e Gretchel podiam tentar escutar o que quisessem, que nada ouviriam. E ainda bem. Gretchel sabia controlar a língua, mas Maddy mexericava desavergonhadamente.

— Foi o Meistre Colemon que te mandou cá? — perguntou o rapaz.

— Não — mentiu. — Ouvi dizer que o meu pisco-doce estava aflito. — Depois do seu encontro com o penico, o meistre correra para Sor Lothor, e Brune viera ter com ela.

— Se a s'nhora conseguir convencê-lo a sair da cama, óptimo — dissera o cavaleiro — não terei de o arrancar de lá.

E isso não pode ser, disse a si própria. Quando Robert era tratado com rudeza costumava ter ataques de tremores.

— Tendes fome, senhor? — perguntou ao pequeno lorde. — Quereis que mande Maddy até lá abaixo para vos trazer bagas com creme, ou um pouco de pão quente com manteiga? — Tarde demais, lembrou-se de que não havia pão quente; as cozinhas estavam fechadas, os fornos frios. *Se isso*

tirar Robert da cama, poderá valer a pena o incómodo de acender um fogo, disse a si própria.

— Não quero comida — disse o pequeno lorde, numa voz esganiçada e petulante. — Hoje vou ficar na cama. Podias ler para mim, se quisesses.

— Aqui está escuro demais para ler. — As pesadas cortinas que cobriam as janelas tornavam o quarto negro como a noite. — O meu pisco-doce esqueceu-se de que dia é hoje?

— Não — disse — mas não vou. Quero ficar na cama. Podias ler-me histórias do Cavaleiro Alado.

O Cavaleiro Alado era Sor Artys Arryn. A lenda rezava que ele expulsara os Primeiros Homens do Vale e voara até ao topo da Lança do Gigante sobre o dorso de um enorme falcão para matar o Rei Grifo. Havia uma centena de histórias sobre as suas aventuras. O pequeno Robert conhecia-as a todas tão bem que as poderia recitar de memória, mas mesmo assim gostava que lhas lessem.

— Querido, nós temos de ir — disse ela ao rapaz — mas eu prometo, quando chegarmos aos Portões da Lua leio-vos *duas* histórias do Cavaleiro Alado.

— Três — disse ele de imediato. Independentemente do que lhe era oferecido, Robert queria sempre mais.

— Três — concordou ela. — Posso deixar entrar um pouco de sol?

— Não. A luz magoa-me os olhos. Vem para a cama, Alayne.

Ela foi na mesma até às janelas, contornando o penico partido. Conseguia cheirá-lo melhor do que o via.

— Não as abrirei muito. Só o suficiente para ver a cara do meu pisco-doce.

Ele fungou.

— Se tem mesmo de ser.

As cortinas eram feitas de veludo felpudo azul. Puxou uma delas um dedo para trás e atou-a. Partículas de poeira puseram-se a dançar num raio da luz pálida da manhã. As pequenas vidraças em forma de diamante da janela estavam obscurecidas por geada. Alayne esfregou uma com a base da

mão, o suficiente para vislumbrar um brilhante céu azul e um clarão branco vindo do flanco da montanha. O Ninho de Águia estava envolto num manto de gelo, e a Lança do Gigante, mais acima, enterrada num metro de neve.

Quando se virou, Robert Arryn estava encostado à almofada, olhando-a. *O Senhor do Ninho de Águia e Defensor do Vale*. Uma manta de lã cobria-o abaixo da cintura. Acima dela estava nu, um rapaz pálido com o cabelo tão longo como o de qualquer rapariga. Robert tinha membros alongados, um peito liso e côncavo e uma pequena barriga, e olhos que estavam sempre vermelhos e ramelosos. *Ele não pode evitar ser como é. Nasceu pequeno e enfermiço.*

— Pareceis muito forte hoje de manhã, senhor. — Ele adorava que lhe dissessem como era forte. — Quereis que mande Maddy e Gretchel trazer-vos água quente para o banho? Maddy pode esfregar-vos as costas e lavar-vos o cabelo, para vos deixar limpo e senhorial para a viagem. Não era bom?

— Não. Odeio a Maddy. Tem uma verruga no olho, e esfrega com tanta força que magoa. A minha mamã nunca me magoava ao esfregar.

— Eu digo à Maddy para não esfregar o meu pisco-doce com tanta força. Sentir-vos-eis melhor quando estiverdes limpo e fresco.

— Não quero banho, já te *disse*, dói-me horrivelmente a cabeça.

— Quereis que vos traga um pano quente para a testa? Ou uma taça de vinho de sonhos? Mas só uma pequena. Mya Stone está à espera lá em baixo, em Céu, e ficará magoada se adormecerdes. Sabeis como ela gosta de vós.

— Mas eu não gosto *dela*. É só a rapariga das mulas. — Robert fungou. — O Meistre Colemon pôs-me uma coisa nojenta qualquer no leite ontem à noite, eu senti-lhe o gosto. Disse-lhe que queria leite doce, mas ele não mo quis trazer. Nem sequer quando lho *ordenei*. O senhor sou eu, ele devia fazer o que eu dissesse. Ninguém faz o que eu digo.

— Eu falo com ele — prometeu Alayne — mas só se sairdes da cama. Está um dia lindo lá fora, pisco-doce. O sol brilha, está um dia perfeito para descer a montanha. As mulas estão à espera em Céu com Mya…

A boca dele estremeceu.

— Odeio essas mulas malcheirosas. Uma vez houve uma que me tentou morder! Vai dizer a essa Mya que eu vou ficar aqui. — Soava como se estivesse prestes a chorar. — Ninguém me pode fazer mal desde que eu fique aqui. O Ninho de Águia é inexpug*ná*vel.

— Quem quereria fazer mal ao meu pisco-doce? Os vossos senhores e cavaleiros adoram-vos, e o povo aclama o vosso nome. — *Ele tem medo*, pensou, *e com bons motivos*. Desde que a senhora sua mãe caíra, o rapaz nem sequer queria sair para uma varanda, e o caminho que levava do Ninho de Águia aos Portões da Lua era suficientemente perigoso para assustar qualquer um. Alayne tivera o coração na garganta quando subira com a Senhora Lysa e o Lorde Petyr, e todos concordavam que a descida ainda era mais aflitiva, uma vez que se passava o tempo todo a olhar para baixo. Mya podia falar de grandes senhores e ousados cavaleiros que tinham empalidecido e molhado a roupa interior na montanha. *E nenhum deles tinha a doença dos tremores.*

Mas mesmo assim, não podia ficar ali. No fundo do vale o Outono ainda se demorava, morno e dourado, mas o Inverno fechara-se em volta dos picos das montanhas. Já tinham suportado três tempestades de neve, e uma de gelo que transformara o castelo em cristal durante quinze dias. O Ninho de Águia podia ser inexpugnável, mas em breve seria também inacessível, e a descida tornava-se dia a dia mais perigosa. A maior parte dos criados e soldados do castelo já tinha feito a descida. Só uma dúzia ainda permanecia ali em cima, para servir o Lorde Robert.

— Pisco-doce — disse ela com suavidade — a descida vai ser tão alegre, vereis. Sor Lothor estará connosco, e Mya também. As mulas dela já subiram e desceram mil vezes esta velha montanha.

— Odeio mulas — insistiu ele. — As mulas são más. Já te *disse*, uma tentou morder-me quando eu era pequeno.

Alayne sabia que Robert nunca aprendera a montar como devia ser. Mulas, cavalos, burros, não importava; para ele eram todos feras temíveis, tão aterrorizadoras como dragões ou grifos. Fora trazido para o Vale aos

seis anos, com a cabeça aninhada entre os seios de leite da mãe, e nunca deixara o Ninho de Águia desde então.

Mesmo assim, tinham de ir, antes do gelo se fechar de vez em volta do castelo. Não havia maneira de saber quanto tempo mais o tempo se aguentaria.

— A Mya evitará que as mulas mordam — disse Alayne — e eu seguirei logo atrás de vós. Sou só uma rapariga, não tão corajosa e forte como vós. Se eu sou capaz de o fazer, sei que vós também sereis, pisco-doce.

— Eu *podia* fazê-lo — disse o Lorde Robert — mas decidi não o fazer. — Limpou o nariz ranhoso com as costas da mão. — Diz à Mya que vou ficar na cama. Talvez desça amanhã, se me sentir melhor. Hoje está demasiado frio lá fora, e dói-me a cabeça Tu também podes beber um pouco de leite doce, e eu vou dizer a Gretchel para que nos traga uns favos de mel para comermos. Vamos dormir, trocar beijos e jogar jogos, e tu podes-me ler histórias sobre o Cavaleiro Alado.

— Lerei. Três histórias, como prometi… quando chegarmos aos Portões da Lua. — Alayne estava a perder a paciência. *Temos de ir*, recordou a si própria, *senão ainda estaremos na zona nevada quando o Sol se puser.* — O Lorde Nestor preparou um banquete para vos dar as boas-vindas, com sopa de cogumelos, carne de veado e bolos. Não quereis desapontá-lo, pois não?

— Haverá bolos de limão? — O Lorde Robert adorava bolos de limão, talvez porque Alayne também gostasse.

— Bolos de limão, limãozinho, limãozão — assegurou-lhe — e podeis comer tantos quantos quiserdes.

— Cem? — quis ele saber. — Posso comer *cem*?

— Se vos aprouver. — Sentou-se na cama e alisou-lhe o longo cabelo fino. *Ele tem um cabelo bonito*. A própria Senhora Lysa o escovava todas as noites, e cortava-o quando precisava de ser cortado. Depois da sua queda, Robert sofrera terríveis ataques de tremores sempre que alguém se aproximava dele com uma lâmina, de modo que Petyr ordenara que deixassem que o cabelo lhe crescesse. Alayne enrolou uma madeixa no dedo e disse: — Bom, ireis sair da cama e deixar que vos vista?

— Quero cem bolos de limão e *cinco* histórias!

Gostava de te dar cem palmadas e cinco galhetas. Não te atreverias a portar-te assim se Petyr cá estivesse. O pequeno senhor sentia um bom e saudável medo do padrasto. Alayne forçou-se a sorrir.

— Como o meu senhor quiser. Mas nada até estardes lavado, vestido e a caminho. Vinde, antes que a manhã chegue ao fim. — Pegou-lhe firmemente na mão, e arrancou-o da cama.

Mas antes de ter tempo de chamar os criados, o pisco-doce pôs-lhe os braços escanzelados em volta e beijou-a. Foi um beijo de rapazinho, e desajeitado. Tudo o que Robert Arryn fazia era desajeitado. *Se fechar os olhos posso fingir que é o cavaleiro das flores*. Sor Loras dera um dia uma rosa a Sansa Stark, mas nunca a beijara… e nenhum Tyrell alguma vez beijaria Alayne Stone. Por mais bonita que fosse, nascera do lado errado dos lençóis.

Quando os lábios do rapaz tocaram os seus, deu por si a lembrar-se de outro beijo. Ainda recordava a sensação de ter a cruel boca dele comprimida contra a sua. Viera ter com Sansa na escuridão, enquanto um fogo verde enchia o céu. *Levou uma canção e um beijo e não me deixou nada além dum manto ensanguentado*.

Não importava. Esse dia terminara, e Sansa também.

Alayne afastou o seu pequeno lorde.

— Basta. Podeis voltar a beijar-me quando chegarmos aos Portões, se cumprirdes a vossa promessa.

Maddy e Gretchel estavam à espera lá fora com o Meistre Colemon. O meistre lavara os dejectos do cabelo e mudara de veste. Os escudeiros de Robert também tinham aparecido. Terrance e Gyles conseguiam sempre farejar sarilhos.

— O Lorde Robert está a sentir-se mais forte — disse Alayne às criadas. — Ide buscar água quente para o seu banho, mas procurai não o escaldar. E não lhe puxeis o cabelo quando o desemaranhardes, ele detesta isso. — Um dos escudeiros abafou um risinho, e ela disse-lhe: — Terrance, prepara a

roupa de montar de sua senhoria e o seu manto mais quente. Gyles, tu podes limpar aquele penico partido.

Gyles Grafton fez uma careta.

— Não sou nenhuma criada.

— Faz o que a Senhora Alayne ordena, senão Lothor Brune saberá — disse o Meistre Colemon. Seguiu-a ao longo do corredor e pela escada em caracol abaixo. — Estou grato pela vossa intervenção, senhora. Tendes jeito para lidar com ele. — Hesitou. — Observastes alguns tremores enquanto estivestes com ele?

— Os dedos tremiam-lhe um pouco quando lhe peguei na mão, nada mais. Ele diz que lhe pusestes uma coisa nojenta qualquer no leite.

— Nojenta? — Colemon olhou-a, a pestanejar, e a maçã-de-adão moveu-se para cima e para baixo. — Eu apenas… ele está a sangrar do nariz?

— Não.

— Óptimo. Isso é bom. — A corrente tilintou suavemente quando o meistre balançou a cabeça, empoleirada no topo de um pescoço ridiculamente longo e magro. — Esta descida… senhora, poderá ser mais seguro se eu der a sua senhoria um pouco de leite de papoila. Mya Stone podia prendê-lo à garupa da sua mula mais segura enquanto ele dormisse.

— O Senhor do Ninho de Águia não pode descer da sua montanha atado como uma saca de sementes de cevada. — Quanto a isso, Alayne tinha a certeza. O pai avisara-a de que não se atreviam a permitir que toda a fragilidade e cobardia de Robert fosse conhecida por muita gente. *Gostava que ele estivesse aqui. Teria sabido o que fazer.*

Mas Petyr Baelish encontrava-se do outro lado do Vale, de visita ao Lorde Lyonel Corbray por ocasião do seu casamento. Viúvo, com quarenta e tal anos e sem filhos, o Lorde Lyonel ia casar com a robusta filha de dezasseis anos de um mercador rico de Vila Gaivotas. Fora o próprio Petyr a combinar a união. Dizia-se que o dote da noiva era assombroso; tinha de ser, uma vez que ela era de nascimento plebeu. Os vassalos de Corbray estariam presentes, bem como os Lordes Waxley, Grafton, Lynderly e alguns pequenos senhores e cavaleiros com terras… e o Lorde Belmore,

que nos últimos tempos se reconciliara com o pai. Esperava-se que os outros Senhores Declarantes evitassem a boda, de modo que a presença de Petyr era essencial.

Alayne compreendia tudo aquilo bastante bem, mas a situação significava que o fardo de fazer com que o pisco-doce descesse a montanha em segurança caíra sobre ela.

— Dai a sua senhoria uma taça de leite doce — disse ao meistre. — Isso evitará que ele trema na viagem para baixo.

— Ele bebeu uma taça ainda não há três dias — objectou Colemon.

— E queria outra na noite passada, que lhe recusastes.

— Era cedo demais. Senhora, vós não compreendeis. Tal como eu disse ao Senhor Protector, uma pitada de sonodoce evita os tremores, mas não abandona o corpo, e com o tempo…

— O tempo não importará se sua senhoria tiver um ataque de tremores e cair da montanha. Se o meu pai estivesse aqui, sei que ele vos diria para manter o Lorde Robert calmo a todo o custo.

— Eu tento, senhora, mas os seus ataques vão-se tornando cada vez mais violentos, e ele tem o sangue tão fino que já não me atrevo a sangrá-lo. O sonodoce… tendes a *certeza* de que ele não sangrava do nariz?

— Estava a fungar — admitiu Alayne — mas não vi nenhum sangue.

— Tenho de falar com o Senhor Protector. Este banquete… pergunto a mim próprio se será sensato, a seguir à tensão da descida.

— Não será um grande banquete — assegurou-lhe. — Não haverá mais de quarenta convidados. O Lorde Nestor e o seu pessoal, o Cavaleiro do Portão, alguns senhores menores e respectivas comitivas…

— O Lorde Robert não gosta de estranhos, sabeis disso, e haverá bebidas, ruído… *música*. A música assusta-o.

— A música acalma-o — corrigiu Alayne — especialmente a harpa vertical. O que ele não suporta são cantos, desde que Marillion lhe matou a mãe. — Alayne dissera a mentira tantas vezes que já era mais frequente lembrar-se dos acontecimentos dessa maneira; a outra não parecia mais do que um pesadelo que por vezes lhe perturbava o sono. — O Lorde Nestor

não terá cantores no banquete, só flautas e rabecas para as danças. — O que faria quando a música começasse a tocar? Era uma questão incómoda, à qual o coração e a cabeça davam respostas diferentes. Sansa adorava danças, mas Alayne… — Dai-lhe uma taça de leite doce antes de partirmos, e outra no banquete, e não deverá haver problemas.

— Muito bem. — Fizeram uma pausa na base da escada. — Mas estas deverão ser as últimas. Em meio ano, ou mais.

— É melhor levardes esse assunto ao Senhor Protector. — Alayne cruzou a porta e atravessou o pátio. Sabia que Colemon queria apenas o melhor para o rapaz que tinha a cargo, mas o que era melhor para Robert, o rapaz, e o que era melhor para o Lorde Arryn nem sempre eram a mesma coisa. Fora Petyr que o dissera, e era verdade. *Mas o Meistre Colemon só se preocupa com o rapaz. O pai e eu temos preocupações mais vastas.*

Neve velha cobria o pátio, e pingentes pendiam das varandas e das torres como lanças de cristal. O Ninho de Águia fora construído com boa pedra branca, e o manto do Inverno tornava-o ainda mais branco. *Tão belo*, pensou Alayne, *tão inexpugnável*. Não conseguia amar aquele lugar, por mais que tentasse. Mesmo antes dos guardas e criados terem descido, o castelo parecera vazio como uma tumba, e ainda mais quando Petyr Baelish andava por longe. Ali em cima, desde Marillion que ninguém cantava. Nunca ninguém ria alto demais. Até os deuses eram silenciosos. O Ninho de Águia possuía um septo, mas não tinha septão; um bosque sagrado, mas sem árvore-coração. *Aqui nenhuma prece é atendida*, pensava com frequência, embora houvesse dias em que se sentia tão solitária que tinha de tentar. Só o vento lhe respondia, cantando sem cessar em volta das sete esguias torres brancas e fazendo chocalhar a Porta da Lua a cada rajada. *Será ainda pior no Inverno*, compreendeu. *No Inverno, isto será uma fria prisão branca.*

E no entanto, a ideia de partir assustava-a quase tanto como assustava Robert. Ela apenas o escondia melhor. O pai dizia que não havia vergonha em ter medo, só em mostrá-lo.

— Todos os homens vivem com o medo — dissera. Alayne não estava certa de acreditar. Nada assustava Petyr Baelish. *Ele só disse aquilo para me dar coragem*. Teria de mostrar coragem lá em baixo, onde a possibilidade de ser desmascarada era muito mais elevada. Os amigos de Petyr na corte tinham-lhe mandado a notícia de que a rainha tinha homens em campo em busca do Duende e de Sansa Stark. *Custar-me-á a cabeça se for encontrada*, lembrou a si própria enquanto descia um lanço de geladas escadas de pedra. *Tenho de ser Alayne em permanência, por dentro e por fora.*

Lothor Brune estava na sala do guincho, a ajudar o carcereiro Mord e dois criados a carregar arcas de roupas e fardos de pano em seis enormes baldes de madeira de carvalho, cada um deles suficientemente grande para conter três homens. Os grandes guinchos eram a maneira mais fácil de chegar ao castelo intermédio Céu, cento e oitenta metros mais abaixo; Se não se fosse pelos guinchos tinha de se descer a chaminé natural de pedra que se abria na subcave. *Ou ir como Marillion, e a Senhora Lysa antes dele.*

— O rapaz ‘tá fora da cama? — perguntou Sor Lothor.

— Estão a dar-lhe banho. Estará pronto dentro de uma hora.

— Esperemos que esteja. Mya não esperará até depois do meio-dia. — A sala do guincho não era aquecida, e a respiração dele condensava em névoa a cada palavra.

— Ela esperará — disse Alayne. — Tem de esperar.

— Não tenhais tanta certeza, s’nhora. É meia mula, aquela. Acho que nos deixava aqui todos à fome antes de pôr aqueles animais em risco. — Brune sorriu quando disse aquilo. *Ele sorri sempre que fala de Mya Stone*. Mya era muito mais nova do que Sor Lothor, mas quando o pai estava a negociar o casamento entre o Lorde Corbray e a sua filha de mercador, dissera-lhe que as raparigas jovens eram sempre mais felizes com homens mais velhos.

— A inocência e a experiência dão um casamento perfeito — dissera.

Alayne perguntou a si própria o que Mya pensaria de Sor Lothor. Com o seu nariz esmagado, queixo quadrado, e cabelo macio e completamente grisalho, Brune não podia ser chamado bonito, mas também não era *feio*. *É*

uma cara comum, mas honesta. Embora tivesse sido erguido ao grau de cavaleiro, o nascimento de Sor Lothor fora muito baixo. Uma noite contara-lhe que era aparentado com os Brune de Cova Castanha, uma velha família de cavaleiros da Ponta da Garra Rachada.

— Fui ter com eles quando o meu pai morreu — confessara — mas eles cagaram em mim, e disseram que eu não era do seu sangue. — Não quis falar do que acontecera depois disso, salvo para dizer que aprendera tudo o que sabia sobre armas da maneira mais difícil. Sóbrio, era um homem calmo, mas forte. *E Petyr diz que é leal. Não confia em ninguém mais do que nele*. Brune seria um bom partido para uma rapariga bastarda como Mya Stone, pensou. *Poderia ser diferente se o pai a tivesse reconhecido, mas ele não o fez. E Maddy diz que, além disso, ela não é donzela.*

Mord pegou no chicote e fê-lo estalar, e o primeiro par de bois pôs-se a caminhar penosamente em círculo, virando o guincho. A corrente desenrolou-se, chocalhando ao raspar na pedra e fazendo oscilar o balde de carvalho que iniciava a longa descida até Céu. *Pobres bois*, pensou Alayne. Mord cortar-lhes-ia as gargantas antes de partir e deixá-los-ia para os falcões. O que restasse quando o Ninho de Águia fosse reaberto seria assado para o banquete de Primavera, se não se tivesse estragado. Uma boa reserva de carne congelada e dura predizia um Verão de abundância, segundo afirmava a velha Gretchel.

— S'nhora — disse Sor Lothor — é melhor que saibais. Mya não subiu sozinha. A S'nhora Myranda acompanha-a.

— Oh. — *Porque subiria ela a montanha, apenas para voltar a descê-la?* Myranda Royce era a filha do Lorde Nestor. Da única vez que Sansa visitara os Portões da Lua, a caminho do Ninho de Águia, com a tia Lysa e o Lorde Petyr, ela estivera por fora, mas Alayne ouvira os soldados do Ninho de Águia e as criadas falar muito dela desde então. A mãe morrera há muito, de modo que era a Senhora Myranda quem cuidava do castelo do pai; segundo os rumores, a corte era muito mais animada quando ela se encontrava presente do que quando estava longe.

— Mais tarde ou mais cedo terás de conhecer Myranda Royce — prevenira-a Petyr. — Quando isso acontecer, tem cautela. Ela gosta de fazer o papel de pateta alegre, mas por baixo é mais sagaz do que o pai. Cuidado com a língua perto dela.

Terei, pensou, *mas não sabia que teria de começar tão cedo.*

— Robert ficará satisfeito. — Ele gostava de Myranda Royce. — Tendes de me perdoar, sor. Preciso de ir acabar de fazer as malas. — Sozinha, subiu os degraus que levavam ao seu quarto pela última vez. As janelas haviam sido trancadas e as portadas fechadas, a mobília fora coberta. Parte das suas coisas tinha já sido levada, o resto armazenado. Todas as sedas e samitos da Senhora Lysa seriam deixados para trás. Os seus linhos mais puros e veludos mais felpudos, os ricos bordados e a bela renda de Myr; tudo ficaria. Lá em baixo, Alayne tinha de se vestir modestamente, como era próprio de uma rapariga de modesto nascimento. *Não importa*, disse a si própria. *Nem aqui me atrevi a usar as melhores roupas.*

Gretchel desfizera a cama e preparara o resto das suas roupas. Alayne já trazia meias de lã por baixo das saias, sobre uma dupla camada de roupa interior. Agora envergou uma túnica de lã de cordeiro e um manto de peles com capuz, apertando-o com o tejo esmaltado que fora presente de Petyr. Também havia um cachecol, e um par de luvas de couro forradas de peles, que combinavam com as suas botas de montar. Depois de vestir tudo aquilo, sentiu-se tão gorda e peluda como uma cria de urso. *Sentir-me-ei grata pela roupa na montanha*, teve de recordar a si própria. Olhou uma última vez para o quarto antes de sair. *Aqui estive em segurança*, pensou, *mas lá em baixo…*

Quando Alayne regressou à sala do guincho, foi encontrar Mya Stone impacientemente à espera com Lothor Brune e Mord. *Deve ter subido no balde para ver qual era a demora*. Magra e vigorosa, Mya parecia tão dura como os velhos couros de montar que usava por baixo do lorigão prateado. Tinha o cabelo tão negro como a asa de um corvo, tão curto e desgrenhado que Alayne suspeitou que o cortava com um punhal. Os olhos de Mya eram o seu melhor traço, grandes e azuis. *Ela podia ser bonita, se se aperaltasse*

como uma rapariga. Alayne deu por si curiosa em saber se Sor Lothor gostaria mais dela vestida de ferro e couro, ou se sonhava em vê-la enfeitada de renda e seda. Mya gostava de dizer que o pai fora um bode e a mãe uma coruja, mas Alayne soubera a verdadeira história por Maddy. *Sim*, pensou, olhando agora para ela, *aqueles são os olhos dele, e também tem o seu cabelo, o espesso cabelo preto que partilhava com Renly.*

— Onde está ele? — quis saber a rapariga bastarda.

— Sua senhoria está a ser banhado e vestido.

— Tem de se apressar. Está a ficar mais frio, não sentis? Temos de estar abaixo de Neve antes do Sol se pôr.

— Como está o vento? — perguntou-lhe Alayne.

— Podia estar pior… e estará, depois de anoitecer. — Mya afastou uma madeixa dos olhos. — Se ele levar muito mais tempo no banho, ficaremos encurralados aqui em cima o Inverno inteiro, sem nada para comer além de nós.

Alayne não soube o que responder àquilo. Felizmente, foi poupada à resposta pela chegada de Robert Arryn. O pequeno senhor trazia veludo azul-celeste, um colar de ouro e safiras, e um manto branco de pele de urso. Cada um dos escudeiros segurava numa ponta, a fim de evitar que o manto arrastasse pelo chão. O Meistre Colemon acompanhava-os, com um puído manto cinzento forrado de pele de esquilo. Gretchel e Maddy não vinham muito atrás.

Quando sentiu o vento frio na cara, Robert titubeou, mas Terrance e Gyles estavam atrás dele, de modo que não pôde fugir.

— Senhor — disse Mya — acompanhais-me até lá abaixo?

Demasiada brusquidão, pensou Alayne. *Ela devia tê-lo saudado com um sorriso, e dito como parece forte e corajoso.*

— Quero a Alayne — disse o Lorde Robert. — Só irei com ela.

— O balde pode levar-nos aos três.

— Só quero a Alayne. Tu és toda fedorenta, como uma mula.

— Às vossas ordens — A cara de Mya não mostrou qualquer emoção.

Algumas das correntes dos guinchos estavam presas a baldes de vime, outras a robustos baldes de carvalho. O maior destes últimos era mais alto do que Alayne, com arcos de ferro a cingir as suas aduelas castanhas-escuras. Mesmo assim, quando pegou na mão de Robert e o ajudou a entrar, tinha o coração na garganta. Depois de o alçapão ser fechado atrás deles, a madeira rodeou-os por todos os lados. Só o topo estava aberto. *É melhor assim*, disse a si própria, *não podemos olhar para baixo*. Abaixo deles havia apenas Céu e o céu. Cento e oitenta metros de céu. Por um momento deu por si curiosa em saber quanto tempo teria levado a sua tia a cair essa distância, e qual teria sido o seu último pensamento enquanto a montanha corria ao seu encontro. *Não, não posso pensar nisso. Não posso!*

— LARGA! — soou o grito de Sor Lothor. Alguém empurrou o balde com força. Este oscilou e inclinou-se, raspou no chão, e então balançou, livre. Alayne ouviu o *crac* do chicote de Mord e o chocalhar da corrente. Começaram a descer, a princípio aos sacões e sobressaltos, depois de uma forma mais regular. Robert tinha a cara pálida e os olhos inchados, mas as suas mãos estavam calmas. O Ninho de Águia encolheu por cima deles. As celas do céu dos andares inferiores faziam o castelo parecer-se um pouco com uma colmeia quando visto de baixo. *Uma colmeia feita de gelo*, pensou Alayne, *um castelo feito de neve*. Ouvia o vento a assobiar em volta do balde.

Trinta metros mais abaixo, uma súbita rajada apanhou-os. O balde oscilou para o lado, girando no ar, e então colidiu com força contra a face da rocha atrás deles. Estilhaços de gelo e neve choveram sobre os dois, e o carvalho rangeu e deformou-se. Robert arquejou e agarrou-se-lhe, enterrando a cara entre os seus seios.

— O meu senhor é corajoso — disse Alayne, quando o sentiu a tremer. — Estou tão assustada, que quase nem consigo falar, mas vós não.

Sentiu-o a anuir.

— O Cavaleiro Alado era corajoso, e eu também sou — vangloriou-se o rapaz para o seu corpete. — Sou um *Arryn*.

— O meu pisco-doce abraça-me com força? — perguntou ela, embora ele já a estivesse a apertar tanto que quase não conseguia respirar.

— Se quiseres — murmurou ele. E, fortemente abraçados um ao outro, continuaram a descer em direcção a Céu.

Chamar castelo a isto é como chamar lago a uma poça no chão duma latrina, pensou Alayne, quando o balde foi aberto para saírem dentro do castelo intermédio. Céu não passava de uma muralha em forma de crescente, feita de pedra velha e sem argamassa, que rodeava uma saliência rochosa e a abertura escancarada de uma caverna. Lá dentro havia armazéns e estábulos, um longo salão natural, e os apoios entalhados que levavam ao Ninho de Águia. Lá fora, o terreno estava semeado de pedras e pedregulhos quebrados. Rampas de terra davam acesso à muralha. Cento e oitenta metros mais acima, o Ninho de Águia era tão pequeno que Alayne podia esconder o castelo com a mão, mas muito abaixo estendia-se o Vale, verde e dourado.

Vinte mulas esperavam-nos dentro do castelo intermédio, com dois condutores de mulas e a Senhora Myranda Royce. A filha do Lorde Nestor revelou-se uma mulher baixa e carnuda, da mesma idade de Mya Stone, mas enquanto Mya era magra e vigorosa, Myranda tinha um corpo mole e de cheiro doce, largo de ancas, pesado de peito, e extremamente roliço. Os seus espessos caracóis cor de avelã enquadravam bochechas redondas e rubras, uma boca pequena, e um par de animados olhos castanhos. Quando Robert saiu cautelosamente do balde, ela ajoelhou-se numa mancha de neve para lhe beijar a mão e o rosto.

— Senhor — disse — tornastes-vos tão *grande*!

— Tornei? — disse Robert, agradado.

— Em breve estareis mais alto do que eu — mentiu ela. Pôs-se em pé e sacudiu a neve das saias. — E vós deveis ser a filha do Senhor Protector — acrescentou, enquanto o balde iniciava, a chocalhar, a viagem de regresso ao Ninho de Águia. — Já tinha ouvido dizer que éreis bela. Vejo que é verdade.

Alayne fez uma vénia.

— A senhora é bondosa por dizê-lo.

— Bondosa? — A rapariga mais velha soltou uma gargalhada. — Que aborrecido que isso seria. Eu almejo ser malvada. Tendes de me contar todos os vossos segredos na viagem para baixo. Posso chamar-vos Alayne?

— Se quiserdes, senhora. — *Mas de mim não arrancarás segredos.*

— Eu sou "senhora" nos Portões, mas aqui na montanha podeis chamar-me Randa. Quantos anos tendes, Alayne?

— Catorze, senhora. — Decidira que Alayne Stone devia ser mais velha do que Sansa Stark.

— *Randa*. Parece que já se passaram cem anos desde que eu tive catorze. Como era inocente. Ainda sois inocente, Alayne?

Alayne corou.

— Não devíeis… sim, claro.

— Estais a guardar-vos para o Lorde Robert? — brincou a Senhora Myranda. — Ou haverá algum ardente escudeiro a sonhar com os vossos favores?

— Não — disse Alayne, ao mesmo tempo que Robert dizia:

— Ela é *minha* amiga. Terrance e Gyles não podem ficar com ela.

Por aquela altura já um segundo balde chegara, batendo suavemente num monte de neve gelada. O Meistre Colemon saiu lá de dentro com os escudeiros Terrance e Gyles. O guincho seguinte trouxe Maddy e Gretchel, acompanhadas por Mya Stone. A rapariga bastarda não demorou a pôr-se ao comando.

— Não queremos amontoar-nos na montanha — disse aos outros condutores de mulas. — Eu levo o Lorde Robert e os companheiros. Ossy, tu trazes para baixo o Sor Lothor e os outros, mas dá-me um avanço de uma hora. Carrot, tu ficarás encarregue das arcas e caixas. — Virou-se para Robert Arryn, com o cabelo negro a esvoaçar ao vento. — Que mula montareis hoje, senhor?

— Elas são todas fedorentas. Fico com aquela cinzenta que tem a orelha roída. Quero que Alayne venha comigo. E Myranda também.

— Onde o caminho for suficientemente largo. Vinde, senhor, vamos subir-vos para a vossa mula. Há um cheiro a neve no ar.

Passou-se mais meia hora antes de estarem prontos a partir. Quando todos montaram, Mya Stone deu uma ordem decidida, e dois dos homens de armas de Céu abriram os portões. Mya foi a primeira a sair, com o Lorde Robert logo atrás, enfaixado no seu manto de pele de urso. Alayne e Myranda Royce seguiam-nos, depois vinham Gretchel e Maddy, e a seguir Terrance Lynderly e Gyles Grafton. O Meistre Colemon fechava a retaguarda, trazendo pela arreata uma segunda mula carregada com as suas arcas de ervas e poções.

Para lá das muralhas, o vento aumentou rapidamente de intensidade. Ali estavam acima da linha das árvores, expostos aos elementos. Alayne sentiu-se grata por ter vestido roupa tão quente. O manto batia ruidosamente atrás dela, e uma súbita rajada arrancou-lhe o capuz da cabeça. Soltou uma gargalhada, mas alguns metros mais à frente, o Lorde Robert torceu-se e disse:

— Está frio demais. Devíamos voltar e esperar até o tempo ficar mais quente.

— No fundo do vale estará mais quente, senhor — disse Mya. — Vereis quando chegarmos lá.

— Eu não *quero* ver — disse Robert, mas Mya não lhe prestou atenção.

A estrada era uma tortuosa série de degraus de pedra esculpidos no flanco da montanha, mas as mulas conheciam cada centímetro dela. Isso deixou Alayne contente. Aqui e ali a pedra fora estilhaçada pela tensão causada por um sem-fim de estações, com os seus gelos e degelos. Aglomerações de neve, de um branco que cegava, agarravam-se à rocha de ambos os lados do caminho. O sol brilhava, o céu estava azul, e havia falcões aos círculos por cima do grupo, cavalgando o vento.

Ali em cima, onde a encosta era mais íngreme, os degraus ziguezagueavam de um lado para o outro em vez de mergulharem a direito para baixo. *Sansa Stark subiu a montanha, mas é Alayne Stone que desce*.

Era um estranho pensamento. Lembrava-se de que, ao subir, Mya a avisara para manter os olhos no caminho que se estendia em frente.

— Olhai para cima, não para baixo — dissera… mas isso não era possível na descida. *Podia fechar os olhos. A mula conhece o caminho, não tem necessidade de mim*. Mas isso parecia algo que Sansa, essa rapariga assustada, teria feito. Alayne era uma mulher mais velha, e tinha a coragem dos bastardos.

A princípio, seguiram em fila única, mas mais abaixo o caminho alargava-se o suficiente para dois cavaleiros seguirem lado a lado, e Myranda Royce aproximou-se de Alayne.

— Recebemos uma carta do vosso pai — disse, com tal casualidade que era como se estivessem sentadas com a septã, a bordar. — Vem a caminho de casa, diz ele, e espera ver a sua querida filha em breve. Escreve que Lyonel Corbray parece muito contente com a noiva, e ainda mais com o dote dela. Eu *espero* que o Lorde Lyonel se lembre de qual dos dois tem de levar para a cama. A Senhora Waynwood apareceu no banquete nupcial com o Cavaleiro de Novestrelas, diz o Lorde Petyr, para espanto de toda a gente.

— Anya Waynwood? Deveras? — Dos seis Senhores Declarantes restavam três, aparentemente. No dia em que partira da montanha, Petyr Baelish mostrara-se confiante em conquistar Symond Templeton para o seu lado, mas a Senhora Waynwood não. — Há mais alguma coisa? — perguntou. O Ninho de Águia era um sítio tão solitário, que estava ansiosa por qualquer migalha de novidades vinda do mundo lá fora, por trivial ou insignificante que fosse.

— Do vosso pai não, mas chegaram-nos outras aves. A guerra prossegue, em todo o lado menos aqui. Correrrio rendeu-se, mas Pedra do Dragão e Ponta Tempestade ainda resistem pelo Lorde Stannis.

— A Senhora Lysa foi tão sensata por nos manter longe da guerra.

Myranda deitou-lhe um sorrisinho astuto.

— Sim, ela era a própria alma da sensatez, essa boa senhora. — Mexeu-se na sela. — Porque terão as mulas de ser tão ossudas e temperamentais?

Mya não as alimenta o suficiente. Uma boa mula gorda seria mais confortável de montar. Há um novo Alto Septão, sabíeis? Oh, e a Patrulha da Noite tem um rapaz como comandante, um filho bastardo qualquer de Eddard Stark.

— Jon Snow? — disse antes de pensar, espantada.

— Snow? Sim, há-de ser Snow, suponho.

Havia séculos que não pensava em Jon. Era só seu meio-irmão, mas mesmo assim… com Robb, Bran e Rickon mortos, Jon Snow era o único irmão que lhe restava. *Agora também eu sou bastarda, como ele. Oh, seria tão bom voltar a vê-lo*. Mas claro que isso nunca poderia acontecer. Alayne Stone não tinha irmãos, ilegítimos ou não.

— O nosso primo Bronze Yohn organizou um corpo-a-corpo em Pedrarruna — prosseguiu Myranda Royce, sem se dar conta de nada — um pequeno, só para escudeiros. Destinava-se a que Harry, o Herdeiro, ganhasse o título, e foi o que ele fez.

— Harry, o Herdeiro?

— O protegido da Senhora Waynwood. Harrold Hardyng. Suponho que agora tenhamos de lhe chamar *Sor* Harry. Bronze Yohn armou-o cavaleiro.

— Oh. — Alayne sentiu-se confusa. Porque haveria o protegido da Senhora Waynwood de ser seu herdeiro? Ela tinha filhos do seu sangue. Um deles era o Cavaleiro do Portão Sangrento, Sor Donnel. Mas não quis parecer estúpida, de modo que tudo o que disse foi: — Rezo para que prove ser um cavaleiro de mérito.

A Senhora Myranda soltou uma fungadela.

— Eu rezo para que apanhe bexigas. Tem uma filha bastarda de uma plebeia qualquer, sabíeis? O senhor meu pai tinha a esperança de me casar com Harry, mas a Senhora Waynwood nem quis ouvir falar do assunto. Não sei se foi a mim que achou inadequada, ou só o meu dote. — Suspirou. — Realmente preciso de um novo marido. Tive um, em tempos, mas matei-o.

— Matastes? — disse Alayne, chocada.

— Oh, sim. Ele morreu em cima de mim. *Dentro* de mim, em boa verdade. Sabeis o que acontece numa cama de casado, espero?

Alayne pensou em Tyrion, e no Cão de Caça e no modo como ele a beijara, e confirmou com a cabeça.

— Isso deve ter sido terrível, senhora. Ele morrer. *Aí*, quero eu dizer, enquanto… enquanto estava…

— … a foder-me? — A Senhora Myranda encolheu os ombros. — É decerto desconcertante. Já para não falar da descortesia. Ele nem sequer teve a decência básica de plantar uma criança em mim. Os velhos têm a semente fraca. De modo que aqui estou eu, viúva, mas quase por usar. Harry podia ter-se saído muito pior. E atrevo-me mesmo a dizer que sairá. O mais certo é a Senhora Waynwood casá-lo com uma das suas netas, ou com uma das de Bronze Yohn.

— Com certeza, senhora — Alayne lembrou-se do aviso de Petyr.

— *Randa*. Vá lá, conseguis dizê-lo. Ran. Da.

— Randa.

— Muito melhor. Temo que tenha de vos pedir perdão. Ireis julgar-me uma terrível cabra, bem sei, mas deitei-me com aquele belo rapaz, o Marillion. Não sabia que ele era um monstro. Cantava lindamente, e sabia fazer as coisas mais deliciosas com os dedos. Nunca o teria levado para a cama se soubesse que ele ia empurrar a Senhora Lysa pela Porta da Lua. Por regra não me deito com monstros. — Estudou a cara e o peito de Alayne. — Sois mais bonita do que eu, mas os meus seios são maiores. Os meistres dizem que seios grandes não produzem mais leite do que os pequenos, mas eu não acredito. Já alguma vez conhecestes uma ama-de-leite de mamas pequenas? As vossas são amplas para uma rapariga da vossa idade, mas como são seios bastardos não me preocuparei com eles. — Myranda aproximou a sua mula da dela. — Sabeis que a nossa Mya não é donzela, espero?

Sabia. A gorda Maddy segredara-lhe essa informação, um dia que Mya trouxera para cima as suas provisões.

— Maddy disse-me.

— Claro que disse. Tem a boca tão grande como as ancas, e as ancas são *enormes*. Foi Mychel Redfort. Ele era escudeiro de Lyn Corbray. Um

escudeiro a sério, ao contrário daquele rapaz desajeitado que Sor Lyn tem agora. Diz-se que só aceitou esse por dinheiro. Mychel era o melhor jovem espadachim do Vale, e também galante… pelo menos foi o que a pobre Mya pensou, até que o homem se casou com uma das filhas de Bronze Yohn. Tenho a certeza de que o Lorde Horton não lhe deu voto na matéria, mas foi na mesma uma coisa cruel para se fazer a Mya.

— Sor Lothor gosta dela. — Alayne olhou de relance a rapariga das mulas, vinte passos mais abaixo. — Mais do que gosta.

— Lothor *Brune*? — Myranda ergueu uma sobrancelha. — E ela sabe? — Não esperou resposta. — Ele não tem hipótese, pobre homem. O meu pai tentou arranjar par para Mya, mas ela não quis nenhum deles. É *mesmo* meio mula, aquela.

Involuntariamente, Alayne deu por si a simpatizar com a rapariga mais velha. Não tivera uma amiga com quem mexericar desde a pobre Jeyne Poole.

— Achais que Sor Lothor gosta dela como é, vestida de couro e cota de malha? — perguntou à rapariga mais velha, que tanta experiência do mundo parecia ter. — Ou será que sonha com ela envolta em sedas e veludos?

— Ele é um homem. Sonha com ela nua.

Está a tentar fazer-me corar outra vez.

A Senhora Myranda deve ter-lhe ouvido os pensamentos.

— Vós realmente ficais de um belo tom de rosa. Quando eu coro fico igualzinha a uma maçã. Mas há anos que não coro. — Inclinou-se para mais perto. — O vosso pai planeia voltar a casar?

— O meu pai? — Alayne nunca pensara naquilo. Sem saber porquê, a ideia deixou-a desconfortável. Deu por si a lembrar-se da expressão no rosto de Lysa Arryn quando caíra pela Porta da Lua.

— Todos sabemos como ele era dedicado à Senhora Lysa — disse Myranda — mas não pode ficar eternamente de luto. Precisa de uma esposa bonita e jovem para lhe lavar o desgosto. Imagino que podia escolher entre metade das nobres donzelas do Vale. Quem poderia ser melhor marido do

que o nosso ousado Senhor Protector? Embora ele pudesse ter um nome melhor que *Mindinho*. Sabeis se o dedo é assim tão mínimo?

— O dedo? — Alayne voltou a corar. — Eu não… nunca…

A Senhora Myranda riu-se tanto que Mya Stone deitou um relance para trás.

— Não vos incomodeis com isso, Alayne, tenho a certeza de que é suficientemente grande.

Passaram por baixo de um arco esculpido pelo vento, onde longos pingentes pendiam da pedra clara, pingando sobre eles. Do outro lado, o caminho estreitava e mergulhava bruscamente por trinta metros ou mais. Myranda foi forçada a deixar-se ficar para trás. Alayne afrouxou as rédeas da mula. A inclinação daquela parte da descida obrigou-a a agarrar-se bem à sela. Os degraus tinham sido ali desgastados e alisados pelos cascos ferrados de todas as mulas que os tinham pisado, até se assemelharem a uma série de bacias pouco profundas de pedra. Água enchia o fundo das bacias, cintilando dourada ao sol da tarde. *Agora é água*, pensou Alayne, *mas ao chegar a noite transformar-se-á toda em gelo*. Apercebeu-se de que estava a reter a respiração, e soltou-a. Mya Stone e o Lorde Robert tinham quase atingido a agulha de rocha onde o declive voltava a diminuir. Tentou olhar para eles, e só para eles. *Não cairei*, disse a si própria. *A mula de Mya levar-me-á até ao outro lado*. O vento guinchava à sua volta, enquanto o animal ia avançando passo a passo, aos solavancos e raspando com as patas. Pareceu demorar uma vida.

Então, de súbito, viu-se no fim da descida com Mya e o seu pequeno senhor, aninhados por baixo de uma retorcida agulha rochosa. Em frente estendia-se uma depressão elevada, estreita e gelada. Alayne ouvia o vento a gritar, e sentia-o a puxar-lhe o manto. Lembrava-se daquele lugar, da subida. Então assustara-a, e assustava-a agora.

— É mais largo do que parece — estava Mya a dizer ao Lorde Robert em voz alegre. — Um metro de largura, e não tem mais de seis metros de comprimento, não é nada.

— Não é nada — disse Robert. Tinha a mão a tremer.

Oh, não, pensou Alayne. *Por favor. Aqui não. Não agora.*

— É melhor levar as mulas pela arreata — disse Mya. — Se aprouver ao senhor, eu levo a minha primeiro, e depois volto para vir buscar a vossa. — O Lorde Robert não respondeu. Fitava a estreita depressão com os seus olhos avermelhados. — Não demorarei, senhor — prometeu Mya, mas Alayne duvidava de que o rapaz sequer a ouvisse.

Quando a rapariga bastarda tirou a mula de baixo do abrigo da agulha, o vento capturou-a nos seus dentes. O seu manto ergueu-se, torcendo-se e batendo no ar. Mya cambaleou, e durante meio segundo pareceu que seria arrastada para o precipício, mas conseguiu de algum modo recuperar o equilíbrio e avançou.

Alayne tomou a mão enluvada de Robert na sua para lhe parar o tremor.

— Pisco-doce — disse — estou assustada. Pegai na minha mão, e ajudai-me a atravessar. Sei que *vós* não tendes medo.

Ele olhou-a, com pupilas que eram pequenas cabeças escuras de alfinete em olhos tão grandes e brancos como ovos.

— Não tenho?

— Vós, não. Sois o meu cavaleiro alado. Sor Pisco-doce.

— O Cavaleiro Alado podia voar — sussurrou Robert.

— Mais alto do que as montanhas. — E deu-lhe um apertão na mão.

A Senhora Myranda juntara-se-lhes na agulha.

— Pois podia — ecoou, quando viu o que estava a acontecer.

— Sor Pisco-doce — disse o Lorde Robert, e Alayne compreendeu que não se atreveria a esperar pelo regresso de Mya. Ajudou o rapaz a desmontar e, de mãos dadas, saíram para a depressão de rocha nua, com os mantos a bater e a torcer-se nas suas costas. A toda a volta havia ar e céu vazio, o chão caía abruptamente de ambos os lados. Havia gelo sob os seus pés, e pedras partidas só à espera para torcerem um tornozelo, e o vento uivava ferozmente. *Soa como um lobo*, pensou Sansa. *Um lobo fantasma, tão grande como montanhas.*

E então viram-se do outro lado, e Mya Stone estava a rir-se e a erguer Robert para um abraço.

— Cuidado — disse-lhe Alayne. — Ele pode magoar-vos a esbracejar. Não parece, mas pode. — Arranjaram um sítio para ele, uma fenda na rocha, para o manter abrigado do vento frio. Alayne cuidou dele até os tremores passarem, enquanto Mya regressava para ajudar os outros a atravessar.

Mulas frescas esperavam-nos em Neve, bem como uma refeição quente constituída por cabra estufada e cebolas. Comeu com Mya e Myranda.

— Então além de bela sois corajosa. — disse-lhe Myranda.

— Não. — O elogio fê-la corar. — Não sou. Estava tão assustada. Não me parece que tivesse atravessado sem o Lorde Robert. — Virou-se para Mya Stone. — Quase caístes.

— Estais enganada. Eu nunca caio. — O cabelo de Mya caíra-lhe sobre o rosto, escondendo um olho.

— Eu disse quase. Eu vi-vos. Não tivestes medo?

Mya abanou a cabeça.

— Lembro-me de um homem a atirar-me ao ar quando era muito pequena. Ele é alto como o céu, e atira-me tão alto que eu me sinto a voar. Estamos os dois a rir, a rir tanto que quase não consigo respirar, e por fim eu rio com tanta força que me molho toda, mas isso só o faz rir ainda mais. Nunca tinha medo quando ele me atirava. Sabia que estaria sempre lá para me apanhar. — Empurrou o cabelo para trás. — E então houve um dia que não estava. Os homens vão e vêm. Mentem, morrem ou abandonam-nos. Mas uma montanha não é um homem, e uma pedra é filha da montanha. Eu confio no meu pai e confio nas minhas mulas. Não cairei. — Pousou a mão num esporão irregular de rocha e pôs-se em pé. — É melhor acabardes. Ainda temos um longo caminho a percorrer, e cheira-me a tempestade.

A neve começou a cair no momento em que saíam de Pedra, o maior e o mais baixo dos três castelos intermédios que defendiam a abordagem ao Ninho de Águia. Por essa altura, caía o ocaso. A Senhora Myranda sugeriu que talvez pudessem voltar para trás, passar a noite em Pedra e reatar a descida quando o sol nascesse, mas Mya não quis ouvir falar da ideia.

— Por essa altura, a neve pode ter metro e meio de profundidade, e os degraus estarão traiçoeiros até para as minhas mulas — disse. — É melhor continuarmos. Iremos devagar.

E foi o que fizeram. Abaixo de Pedra, os degraus eram mais largos e menos íngremes, ziguezagueando para dentro e para fora dos grandes pinheiros e das árvores-sentinela cinzentas-esverdeadas que cobriam as encostas inferiores da Lança do Gigante. As mulas de Mya, aparentemente, conheciam cada raiz e pedra da descida, e alguma que elas esquecessem era lembrada pela rapariga bastarda. Decorreu metade da noite até avistarem as luzes dos Portões da Lua através da neve que caía. A última parte da viagem foi a mais pacífica. O nevão era constante, cobrindo o mundo de branco. O Pisco-doce adormeceu na sela, oscilando de um lado para o outro com os movimentos da mula. Até a Senhora Myranda se pôs a bocejar e a queixar-se de cansaço.

— Temos aposentos preparados para todos vós — disse a Alayne — mas se quiserdes, podeis partilhar a minha cama esta noite. Tem tamanho suficiente para quatro.

— Sentir-me-ia honrada, senhora.

— Randa. Podeis achar-vos com sorte por eu estar tão cansada. Só me apetece enrolar-me e dormir. Normalmente, quando as senhoras partilham a minha cama têm de pagar um imposto de almofada e contar-me tudo sobre as malvadezas que fizeram.

— E se não fizeram malvadezas?

— Ora, nesse caso têm de confessar todas as malvadezas que *querem* fazer. Vós não, claro. Consigo ver como sois virtuosa só de olhar para essas vossas bochechas rosadas e grandes olhos azuis. — Voltou a bocejar. — Espero que tenhais os pés quentes. Detesto companheiras de cama com pés frios.

Quando finalmente chegaram ao castelo do pai, a Senhora Myranda também já dormitava, e Alayne sonhava com a cama. *Será um colchão de penas*, disse a si própria. *Mole, quente e profundo, debaixo de um monte de peles. Sonharei um sonho agradável, e quando acordar haverá cães a*

ladrar, mulheres a coscuvilhar junto ao poço, espadas a ressoar no pátio. E mais tarde haverá um banquete, com música e danças. Após o silêncio mortal do Ninho de Águia, ansiava por gritos e risos.

Mas quando os viajantes estavam a descer das mulas, um dos guardas de Petyr surgiu vindo da fortaleza.

— Senhora Alayne — disse — o Senhor Protector tem estado à vossa espera.

— Ele está de volta? — disse ela, sobressaltada.

— Voltou ao cair da noite. Encontrá-lo-eis na torre oeste.

A hora era mais próxima da alvorada do que do ocaso, e a maior parte do castelo encontrava-se adormecida, mas Petyr Baelish não. Alayne foi encontrá-lo sentado junto a uma crepitante lareira, a beber vinho quente com especiarias com três homens que não conhecia. Todos se ergueram quando ela entrou, e Petyr dirigiu-lhe um sorriso caloroso.

— Alayne. Vem, dá um beijo ao teu pai.

Alayne abraçou-o obedientemente e deu-lhe um beijo na face.

— Lamento incomodar, pai. Ninguém me disse que tínheis companhia.

— Tu nunca incomodas, querida. Estava mesmo agora a contar a estes bons cavaleiros como a minha filha era atenciosa.

— Atenciosa e bela — disse um jovem cavaleiro elegante, cuja espessa cabeleira loura caía em cascata até bem depois dos ombros.

— Pois — disse o segundo cavaleiro, um indivíduo entroncado com uma grossa barba salpicada de branco, um nariz vermelho e bolboso com veias rebentadas e mãos nodosas, grandes como presuntos. — Não referistes essa parte, s'nhor.

— Eu faria o mesmo se ela fosse minha filha — disse o último cavaleiro, um homem baixo e seco com um sorriso sardónico, nariz pontiagudo e um hirsuto cabelo cor de laranja. — Especialmente perto de labregos como nós.

Alayne riu-se.

— Sois labregos? — disse, brincando. — Ora, e eu que vos tomei por galantes cavaleiros.

— Cavaleiros, são — disse Petyr. — A sua galanteria ainda está por demonstrar, mas podemos ter esperança. Permite-me que te apresente Sor Byron, Sor Morgarth e Sor Shadrich. Sores, a Senhora Alayne, minha filha ilegítima e muito esperta… com a qual tenho de conferenciar, se fizerdes a bondade de nos deixar a sós.

Os três cavaleiros fizeram vénias e retiraram-se, embora o alto do cabelo louro lhe tenha beijado a mão antes de sair.

— Cavaleiros andantes? — disse Alayne, quando a porta foi fechada.

— Cavaleiros famintos. Achei melhor termos mais algumas espadas à nossa volta. Os tempos tornam-se cada vez mais interessantes, minha querida, e quando os tempos são interessantes, nunca se pode ter demasiadas espadas. O *Rei Bacalhau* regressou a Vila Gaivota, e o velho Oswell tinha algumas histórias para contar.

Alayne sabia não ser boa ideia perguntar que tipo de histórias. Se Petyr tivesse querido que ela soubesse, ter-lhe-ia dito.

— Não vos esperava de volta tão cedo — disse. — Agrada-me que tenhais vindo.

— Nunca me teria apercebido de tal coisa pelo beijo que me deste. — Puxou-a para si, prendeu-lhe o rosto entre as mãos, e beijou-a nos lábios durante muito tempo. — Isto é que é o tipo de beijo que diz *bem-vindo a casa*. Trata de melhorar da próxima vez.

— Sim, pai. — Conseguia sentir-se a corar.

Ele não lhe guardou rancor pelo beijo.

— Não acreditarias em metade do que está a acontecer em Porto Real, querida. Cersei cambaleia de idiotice em idiotice, ajudada pelo seu conselho de moucos, obtusos e cegos. Sempre julguei que ela iria deixar o reino falido e destruir-se, mas nunca esperei que o fizesse assim tão *depressa*. É bastante aborrecido. Esperava ter quatro ou cinco anos calmos para plantar certas sementes e deixar alguns frutos a amadurecer, mas agora… ainda bem que eu prospero no caos. A pouca paz e ordem que os cinco reis nos deixaram não sobreviverá por muito tempo às três rainhas, temo bem.

— Três rainhas? — Não estava a compreender.

E Petyr também não achou por bem explicar. Em vez disso sorriu e disse:

— Trouxe um presente à minha querida menina.

Alayne ficou tão contente como surpreendida.

— É um vestido? — Tinha ouvido dizer que havia boas costureiras em Vila Gaivota, e estava farta de usar vestidos sem graça.

— Coisa melhor. Tenta outra vez.

— Jóias?

— Não há jóias que possam esperar igualar os olhos da minha filha.

— Limões? Encontrastes limões? — Prometera bolo de limão ao Pisco-doce, e para fazer bolo de limão eram precisos limões.

Petyr Baelish pegou-lhe na mão e sentou-a ao seu colo.

— Fiz um contrato de casamento para ti.

— Um contrato… — A garganta apertou-se-lhe. Não queria voltar a casar, agora não, talvez nunca mais. — Eu não… não posso casar. Pai, eu… — Alayne olhou para a porta, a fim de se assegurar de que estava fechada. — Eu *sou* casada — sussurrou. — Vós sabeis.

Petyr pôs-lhe um dedo nos lábios para a silenciar.

— O anão casou com a filha de Ned Stark, não com a minha. Mas seja como for. Isto é só um noivado. O casamento terá de esperar até que Cersei esteja acabada e Sansa seguramente viúva. E tu tens de conhecer o rapaz e conquistar a sua aprovação. A Senhora Waynwood não o obrigará a casar contra a sua vontade, é bastante firme quanto a isso.

— A Senhora *Waynwood*? — Alayne quase não conseguia acreditar no que ouvia. — Porque haveria ela de casar um dos filhos com… com uma…

— … bastarda? Para começar, tu és a bastarda do *Senhor Protector*, não te esqueças. Os Waynwood são muito antigos e muito orgulhosos, mas não tão ricos como se poderia pensar, como eu descobri quando comecei a comprar-lhes a dívida. Não que a Senhora Anya alguma vez vendesse um filho por ouro. Mas um protegido… o jovem Harry é só um primo, e o dote que eu ofereci a sua senhoria é ainda maior do que aquele que Lyonel Corbray acabou de receber. Tinha de ser, para ela se arriscar à fúria do Bronze Yohn. Isto porá todos os planos dele de pantanas. Estás prometida a

Harrold Hardyng, querida, desde que consigas conquistar o seu coração de rapaz… o que para ti não deverá ser difícil.

— Harry, o Herdeiro? — Alayne tentou recordar-se do que Myranda lhe dissera na montanha acerca dele. — Ele acabou de ser armado cavaleiro. E tem uma filha bastarda duma plebeia qualquer.

— E outra a caminho, de outra rapariga. Harry pode ser um sedutor, não há dúvida. Suave cabelo cor de areia, profundos olhos azuis, e covinhas quando sorri. E *muito* galante, segundo ouvi dizer. — Provocou-a com um sorriso. — Bastarda ou não, querida, quando esta união for anunciada serás a inveja de todas as donzelas bem-nascidas do Vale, e também de algumas das terras fluviais e da Campina.

— Porquê? — Alayne não estava a compreender. — Sor Harrold é… como é que ele pode ser herdeiro da Senhora Waynwood? Ela não tem filhos do seu próprio sangue?

— Três — concedeu Petyr. Alayne sentia o cheiro do vinho no hálito dele, o cravinho e a noz-moscada. — E também filhas e netos.

— Eles não têm precedência sobre Harry? Não compreendo.

— Compreenderás. Escuta. — Petyr pegou-lhe na mão e esfregou-lhe levemente a palma com os dedos. — O Lorde Jasper Arryn, comecemos por ele. Pai de Jon Arryn. Ele gerou três crianças, dois filhos e uma filha. Jon era o mais velho, de modo que o Ninho de Águia e a senhoria passaram para ele. A irmã Alys casou com Sor Elys Waynwood, tio da actual Senhora Waynwood. — Fez uma careta sardónica. — Elys e Alys, não é uma delícia? O filho mais novo do Lorde Jasper, Sor Ronnel Arryn, casou com uma rapariga Belmore, mas só lhe tocou o sino uma ou duas vezes antes de morrer de um mal de barriga. Elbert, o filho deles, nasceu numa cama no momento em que o pobre Ronnel estava a morrer noutra ao fundo do corredor. Estás a prestar atenção, querida?

— Sim. Havia Jon, Arys e Ronnel, mas Ronnel morreu.

— Óptimo. Bom, Jon Arryn casou por três vezes, mas as duas primeiras esposas não lhe deram filhos, de modo que durante longos anos o sobrinho Elbert foi seu herdeiro. Entretanto, Elys arava Alys com bastante diligência,

e ela paria uma vez por ano. Deu-lhe nove filhos, oito raparigas, e um precioso rapazinho, outro Jasper, após o que morreu, exausta. O jovem Jasper, sem mostrar consideração pelos heróicos esforços que tinham sido desenvolvidos para o gerar, arranjou maneira de ser escoiceado na cabeça por um cavalo aos três anos. Um surto de bexigas levou-lhe duas das irmãs pouco depois, deixando seis. A mais velha casou com Sor Denys Arryn, um primo afastado dos Senhores do Ninho de Águia. Há vários ramos da Casa Arryn espalhados pelo Vale, todos tão orgulhosos como penuriosos, à excepção dos Arryn de Vila Gaivota que tiveram o raro bom senso de casar com mercadores. São ricos, mas não chegam a refinados, portanto ninguém fala deles. Sor Denys provinha de um dos ramos pobres e orgulhosos… mas também era combatente de renome em justas, bem-parecido e galante e a transbordar de cortesia. E possuía aquele mágico nome Arryn, o que o tornava ideal para a mais velha das raparigas Waynwood. Os seus filhos seriam Arryn, e os herdeiros seguintes do Vale, caso algo de mal acontecesse a Elbert. Bem, e calhou acontecer a Elbert o Rei Louco Aerys. Conheces essa história?

Conhecia.

— O Rei Louco assassinou-o.

— De facto fê-lo. E, pouco depois, Sor Denys deixou a sua esposa Waynwood grávida para partir para a guerra. Morreu durante a Batalha dos Sinos, de um excesso de galanteria e de um machado. Quando contaram a sua morte à sua senhora, ela pereceu de desgosto, e o filho recém-nascido rapidamente a seguiu. Não importava. Jon Arryn arranjara uma jovem esposa durante a guerra, uma esposa que tinha motivos para julgar fértil. Estava muito esperançado, tenho a certeza, mas ambos sabemos que tudo o que obteve de Lysa foi nados-mortos, abortos, e o pobre Pisco-doce.

"O que nos traz de volta às restantes filhas de Elys e Alys. A mais velha foi deixada com terríveis cicatrizes pelas mesmas bexigas que lhe mataram as irmãs, de modo que se tornou septã. Outra foi seduzida por um mercenário. Sor Elys expulsou-a, e ela juntou-se às irmãs silenciosas depois de o bastardo morrer em bebé. A terceira casou com o Senhor das Bossas,

mas demonstrou ser estéril. A quarta ia a caminho das terras fluviais para casar com um Bracken qualquer quando Homens Queimados a levaram. Ficou a mais nova, que casou com um cavaleiro com terras, ajuramentado aos Waynwood, lhe deu um filho a que chamou Harrold, e faleceu. — Virou-lhe a mão e deu-lhe um leve beijo no pulso. — Portanto diz-me, querida: porque é Harry o Herdeiro?

Os olhos dela esbugalharam-se.

— Ele não é herdeiro da Senhora Waynwood. É herdeiro de *Robert*. Se Robert morrer…

Petyr arqueou uma sobrancelha.

— *Quando* Robert morrer. O nosso pobre e bravo Pisco-doce é um rapaz tão enfermiço que é só questão de tempo. *Quando* Robert morrer, Harry, o Herdeiro, torna-se Lorde Harrold, Defensor do Vale e Senhor do Ninho de Águia. Os vassalos de Jon Arryn nunca gostarão de mim, nem do nosso pateta e trémulo Robert, mas gostarão do seu Jovem Falcão… e quando se reunirem para o seu casamento, e tu saíres com os teus longos cabelos ruivos, vestida com um manto de donzela de branco e cinzento com um lobo gigante desenhado na parte de trás… ora, todos os cavaleiros do Vale oferecerão as suas espadas para te reconquistar o que é teu por direito de sangue. De modo que são estes os presentes que eu te dou, minha querida Sansa… Harry, o Ninho de Águia, e Winterfell. Isso merece outro beijo, não achas?

OceanofPDF.com

BRIENNE

Isto é um sonho horrível, pensou. Mas se estava a sonhar, porque doía tanto?

A chuva parara de cair, mas o mundo inteiro estava molhado. Sentia o manto tão pesado como a cota de malha. As cordas que lhe prendiam os pulsos estavam empapadas, mas isso só as apertara mais. Virasse as mãos como virasse, não conseguia libertar-se. Não compreendia quem a atara ou porquê. Tentou perguntar às sombras, mas elas não responderam. Talvez não a ouvissem. Talvez não fossem reais. Sob as camadas de lã húmida e cota de malha enferrujada, tinha a pele corada e febril. Perguntou a si própria se tudo aquilo seria apenas um sonho de febre.

Tinha um cavalo por baixo de si, embora não se conseguisse lembrar de ter montado. Estava deitada de barriga para baixo sobre os quartos traseiros do animal como se fosse um saco de aveia. Os pulsos e os tornozelos tinham sido firmemente amarrados uns aos outros. O ar estava húmido, e o solo encontrava-se encoberto por névoas. A cabeça latejava-lhe a cada passo. Ouvia vozes, mas tudo o que via era a terra sob os cascos do cavalo. Havia coisas partidas dentro de si. Sentia a cara inchada, tinha a bochecha pegajosa de sangue, e cada oscilação e sacudidela provocava-lhe uma punhalada de dor no braço. Ouvia Podrick a chamá-la, como que de uma grande distância.

— Sor? — não parava ele de dizer. — Sor? Senhora? Sor? Senhora? — A voz era ténue e difícil de ouvir. Por fim, restou só o silêncio.

Sonhou que estava em Harrenhal, de novo na arena dos ursos. Daquela vez quem a enfrentava era o Dentadas, enorme, careca e branco como um verme, com chagas sangrentas nas faces. Aproximou-se, nu, afagando o membro, fazendo ranger os dentes aguçados. Brienne fugiu dele.

— A minha espada — gritou. — A Cumpridora de Promessas. Por favor. — A audiência não lhe deu resposta. Renly encontrava-se presente, com o Lesto Dick e Catelyn Stark. Shagwell, Pyg e Timeon tinham vindo, e os cadáveres das árvores também, com os seus rostos encovados, línguas

inchadas e órbitas vazias. Brienne gemeu de horror ao vê-los, e o Dentadas pegou-lhe no braço, puxou-a para si e arrancou-lhe um bocado de carne da cara. — Jaime — ouviu-se gritar — *Jaime*.

Mesmo nas profundezas do sonho, a dor estava presente. A cara latejava. O ombro sangrava. Respirar doía-lhe. Dores estalavam no seu braço como relâmpagos. Gritou por um meistre.

— Nós não temos meistre — disse uma voz de rapariga. — Sou só eu.

Ando à procura de uma rapariga, recordou Brienne. *Uma donzela bem-nascida de treze anos, com olhos azuis e cabelo ruivo.*

— Senhora? — disse. — Senhora Sansa?

Um homem riu-se.

— Ela julga que tu és a Sansa Stark.

— Não pode continuar por muito tempo. Vai morrer.

— É um leão a menos. Não é coisa que me faça chorar.

Brienne ouviu o ruído de alguém a rezar. Pensou no Septão Meribald, mas as palavras estavam todas erradas. *A noite é escura e cheia de terrores, e os sonhos também.*

Estavam a atravessar um bosque sombrio, um lugar húmido, escuro e silencioso, onde os pinheiros cresciam muito juntos. O solo era mole sob os cascos do cavalo, e os trilhos que deixava atrás de si enchiam-se de sangue. A seu lado seguia o Lorde Renly, o Dick Crabb e Vargo Hoat. Sangue corria da garganta de Renly. A orelha rasgada do Bode escorria pus.

— Vamos para onde? — perguntou Brienne. — Para onde me levais? — Nenhum deles quis responder. *Como poderiam responder? Estão todos mortos*. Quereria isso dizer que ela também o estava?

Tinha à sua frente o Lorde Renly, o seu querido rei sorridente. Levava o cavalo por entre as árvores. Brienne chamou-o para lhe dizer como o amava, mas quando ele se virou para a olhar de cenho franzido, viu que afinal não se tratava de Renly. Renly nunca franzia o cenho. *Ele sempre teve um sorriso para mim*, pensou… excepto…

— Frio — disse o seu rei, confundido, e uma sombra moveu-se sem um homem que a deitasse, e o sangue do seu querido senhor derramou-se pelo

aço verde do gorjal para lhe ir ensopar as mãos. Ele fora um homem quente, mas o sangue estava frio como gelo. *Isto não é real*, disse a si própria. *Isto é outro pesadelo, e em breve acordarei.*

A sua montada parou de súbito. Mãos rudes pegaram nela. Viu feixes da luz vermelha da tarde a cair em diagonal por entre os ramos de um castanheiro. Um cavalo remexeu as folhas mortas em busca de castanhas, e homens deslocaram-se ali perto, falando em voz baixa. Dez, doze, talvez mais. Brienne não lhes reconheceu as caras. Estava estendida no chão, com as costas apoiadas a um tronco de árvore.

— Bebei isto, s'nhora — disse a voz da rapariga. Levou uma taça aos lábios de Brienne. O sabor era forte e amargo. Brienne cuspiu. — Água — arquejou. — Por favor. Água.

— Água não vos ajudará com a dor. Isto sim. Um pouco. — A rapariga voltou a encostar a taça aos lábios de Brienne.

Até beber doía. Vinho escorreu-lhe pelo queixo abaixo e pingou sobre o seu peito. Quando a taça ficou vazia, a rapariga encheu-a de um odre. Brienne foi bebendo até se engasgar.

— Basta.

— Não basta. Tendes um braço partido e algumas das vossas costelas estão rachadas. Duas, talvez três.

— Dentadas — disse Brienne, lembrando-se do peso dele, do modo como o joelho a atingira no peito.

— Pois. Um verdadeiro monstro, esse.

Recordou-se de tudo; os relâmpagos por cima e a lama por baixo, a chuva a pingar suavemente no aço escuro do elmo do Cão de Caça, a terrível força das mãos do Dentadas. De súbito deixou de conseguir suportar estar atada. Tentou libertar-se das cordas, mas tudo o que conseguiu foi piorar as escoriações. Os pulsos estavam demasiado apertados. Havia sangue seco no cânhamo.

— Ele está morto? — Estremeceu. — Dentadas. *Ele está morto?* — Lembrava-se dos dentes dele a enterrarem-se na carne da sua cara. A ideia

de que ainda pudesse andar por aí, algures, respirando, fazia Brienne ter vontade de gritar.

— Está morto. O Gendry enfiou-lhe uma ponta de lança na nuca. Bebei, s'nhora, senão despejo-vos isto pela garganta abaixo.

Ela bebeu.

— Ando à procura de uma rapariga — sussurrou, entre tragos. Quase disse *a minha irmã*. — Uma donzela bem nascida de treze anos. Tem olhos azuis e cabelo ruivo.

— Não sou eu.

Pois não. Brienne conseguia vê-lo. A rapariga era magra ao ponto de parecer esfomeada. Usava o cabelo castanho numa trança, e tinha uns olhos que eram mais velhos do que a sua idade. *Cabelo castanho, olhos castanhos, simples. Willow, seis anos mais velha.*

— És a irmã. A estalajadeira.

— Se calhar sou. — A rapariga olhou-a de soslaio. — E se for?

— Tens nome? — perguntou Brienne. O seu estômago gorgolejou. Teve receio de vomitar.

— Heddle. Como a Willow. Jeyne Heddle.

— Jeyne. Desamarra-me as mãos. Por favor. Tem piedade. As cordas estão a deixar-me os pulsos em carne viva. Estou a sangrar.

— Não é permitido. Devereis ficar presa até…

— … até serdes levada à presença da s'nhora. — Renly estava atrás da rapariga, afastando o seu cabelo negro dos olhos. *Renly não. Gendry*. — A s'nhora quer que respondais pelos vossos crimes.

— S'nhora. — O vinho estava a dar-lhe volta à cabeça. Era difícil pensar. — Coração de Pedra. É dela que falas? — O Lorde Randyll falara dela, em Lagoa da Donzela. — A Senhora Coração de Pedra.

— Há quem lhe chame isso. Outros chamam-lhe outras coisas. A Irmã Silenciosa. A Mãe Impiedosa. A Carrasca.

A Carrasca. Quando Brienne fechou os olhos, viu os cadáveres a balançar sob os ramos nus e castanhos, com as caras negras e inchadas. De súbito, sentiu um medo desesperado.

— Podrick. O meu escudeiro. Onde está Podrick? E os outros… Sor Hyle, o Septão Meribald. O Cão. Que fizestes com o Cão?

Gendry e a rapariga trocaram um olhar. Brienne lutou por se pôr em pé, e conseguiu enfiar um joelho por baixo do seu corpo antes de o mundo começar a girar.

— Fostes vós quem matou o cão, s'nhora — ouviu Gendry a dizer, logo antes da escuridão voltar a engoli-la.

Então encontrou-se de volta aos Murmúrios, em pé no meio das ruí-nas e defrontando Clarence Crabb. Ele era enorme e feroz, montado num auroque mais peludo do que ele. O animal escavou o chão, furioso, fazendo profundos sulcos na terra. Os dentes de Crabb tinham sido aguçados até formar pontas. Quando Brienne tentou puxar pela espada encontrou a bainha vazia.

— Não — gritou, no momento em que Sor Clarence carregava. Não era justo. Não podia lutar sem a sua espada mágica. Sor Jaime dera-lha. A ideia de lhe falhar como falhara ao Lorde Renly dava-lhe vontade de chorar. — A minha espada. Por favor, tenho de encontrar a minha espada.

— A rapariga quer a espada de volta — declarou uma voz.

— E eu quero que Cersei Lannister me faça um broche. E daí?

— Jaime chamou-lhe Cumpridora de Promessas. *Por favor*. — Mas as vozes não lhe deram ouvidos, e Clarence Crabb caiu sobre ela como um trovão e cortou-lhe a cabeça. Brienne caiu em espiral numa escuridão mais profunda.

Sonhou que estava deitada num barco, com a cabeça apoiada no colo de alguém. Havia sombras a toda a volta, homens encapuzados vestidos de cota de malha e couro, que os levavam à força de remos abafados através de um rio nevoento. Estava ensopada em suor, a arder em febre, mas ao mesmo tempo também tremia. O nevoeiro estava cheio de caras.

— *Beleza* — murmuravam os salgueiros na margem, mas os juncos diziam: — *monstro, monstro*. — Brienne estremecia.

— Parai — disse. — Alguém que os faça parar.

Da vez seguinte que acordou Jeyne levava-lhe uma taça de sopa quente aos lábios. *Caldo de cebolas*, pensou Brienne. Bebeu tanto quanto foi capaz, até que um bocado de cenoura ficou-lhe preso na garganta e fê-la engasgar-se. Tossir era uma agonia.

— Calma — disse a rapariga.

— Gendry — arquejou. — Tenho de falar com Gendry.

— Ele voltou para trás no rio, s'nhora. Vai voltar para a sua forja, para Willow e os pequenos, para os manter a salvo.

Ninguém os pode manter a salvo. Recomeçou a tossir.

— Ah, deixa-a sufocar. Poupa-nos uma corda. — Um dos homens ensombrados empurrou a rapariga para o lado. Estava coberto com cota de malha enferrujada e trazia um cinto com tachões. Da sua anca pendia espada e punhal. Um manto amarelo estava colado aos seus ombros, encharcado e imundo. Dos ombros erguia-se uma cabeça de cão em aço, com os dentes desnudados num rosnido.

— *Não* — gemeu Brienne. — Não, tu estás morto, eu matei-te.

O Cão de Caça soltou uma gargalhada.

— Tens as coisas ao contrário. Vou ser eu que te vou matar a ti. Matava-te já, mas a s'nhora quer ver-te enforcada.

Enforcada. A palavra trespassou-a com um solavanco de medo. Olhou para a rapariga, Jeyne. *Ela é nova demais para ser tão dura.*

— Pão e sal — arquejou Brienne. — A estalagem… o Septão Meribald alimentou as crianças… nós quebrámos o pão com a tua irmã…

— O direito de hóspede já não tem tanto significado como tinha — disse a rapariga. — Já não o tem desde que a s'nhora voltou do casamento. Alguns daqueles que baloiçam junto ao rio também achavam que eram hóspedes.

— Nós achamos outras coisas — disse o Cão de Caça. — Eles queriam camas. Nós demos-lhes árvores.

— Mas temos mais árvores — interveio outra sombra, com um só olho atrás de um elmo redondo coberto de ferrugem. — Temos sempre mais árvores.

Quando chegou o momento de voltar a montar, enfiaram-lhe um capuz de couro na cabeça. Não havia buracos para os olhos. O couro abafava os sons à sua volta. O sabor a cebolas permaneceu-lhe na boca, penetrante como a noção do seu falhanço. *Eles querem enforcar-me*. Pensou em Jaime, em Sansa, no seu pai em Tarth, e sentiu-se contente pelo capuz. Ajudava a esconder as lágrimas que lhe subiam aos olhos. De vez em quando, ouvia os outros a conversar, mas não conseguia distinguir as palavras. Após algum tempo, entregou-se ao cansaço e aos lentos e regulares movimentos do cavalo.

Daquela vez sonhou que estava de novo em casa, no Entardecer. Através das altas janelas arqueadas do salão do senhor seu pai, via o Sol a pôr-se. *Aqui estava a salvo. Estava a salvo.*

Estava vestida de brocado de seda, um vestido esquartelado de azul e vermelho decorado com sóis dourados e crescentes prateados. Noutra rapariga, podia ter sido um vestido bonito, mas nela não. Tinha doze anos, e sentia-se desajeitada e desconfortável, enquanto esperava para conhecer o jovem cavaleiro com quem o pai combinara que se casaria, um rapaz seis anos mais velho, que certamente seria um dia um famoso campeão. Temia a sua chegada. Tinha o peito pequeno demais, as mãos e os pés grandes demais. O cabelo não parava de se lhe pôr em pé, e estava uma borbulha aninhada na dobra ao lado do nariz.

— Ele vai trazer-te uma rosa — prometeu-lhe o pai, mas uma rosa não servia, uma rosa não podia mantê-la em segurança. Era uma espada que queria. *A Cumpridora de Promessas. Tenho de encontrar a rapariga. Tenho de encontrar a honra dele.*

Finalmente as portas abriram-se, e o seu prometido entrou a passos largos no salão do pai. Tentou saudá-lo como fora instruída a fazer, mas apenas conseguiu que sangue lhe jorrasse da boca. Cortara a língua com os dentes enquanto esperava. Cuspiu-a aos pés do jovem cavaleiro, e viu a repugnância no seu rosto.

— Brienne, a Beleza — disse ele em tom trocista. — Já vi porcas mais belas do que vós. — Atirou-lhe a rosa à cara. Enquanto se afastava, os

grifos no seu manto ondularam, perderam nitidez e transformaram-se em leões. *Jaime!*, quis gritar. *Jaime, voltai para mim!* Mas a sua língua jazia no chão ao lado da rosa, afogada em sangue.

Brienne acordou de súbito, ofegando.

Não sabia onde se encontrava. O ar estava frio e pesado, e cheirava a terra, vermes e bolor. Estava estendida numa enxerga, sob uma pilha de peles de ovelha, com rocha por cima da cabeça e raízes a perfurar as paredes. A única luz provinha de uma vela alta, que fumegava num charco de cera derretida.

Afastou as peles de ovelha para o lado. Viu que alguém a despira de roupas e armadura. Estava vestida com uma combinação de lã castanha, pouco espessa, mas lavada. Mas fora posta uma tala no seu antebraço, e ele fora ligado com linho. Sentia um lado da cara húmido e rígido. Quando se tocou, descobriu uma espécie qualquer de cataplasma húmido que lhe cobria a bochecha, maxilar e orelha. *Dentadas*…

Brienne pôs-se em pé. Sentia as pernas fracas como água, e a cabeça leve como ar.

— Está aí alguém?

Algo se moveu numa das alcovas sombrias por trás da vela; um velho grisalho vestido de farrapos. As mantas que o cobriam deslizaram para o chão. Sentou-se e esfregou os olhos.

— Senhora Brienne? Assustastes-me. Estava a sonhar.

Não, pensou ela, *quem estava a sonhar era eu.*

— Que lugar é este? É uma masmorra?

— Uma gruta. Como ratazanas, temos de correr de volta aos nossos buracos quando os cães vêm farejar-nos o rasto, e há mais cães todos os dias. — Ele trazia os restos esfarrapados de uma velha veste, cor-de-rosa e branca. O cabelo era longo, grisalho e emaranhado, e a pele solta das suas bochechas e queixo estava coberta por uma barba hirsuta. — Tendes fome? Conseguireis manter no estômago uma taça de leite? Talvez um pouco de pão e mel?

— Quero a minha roupa. A minha espada. — Sentia-se nua sem a sua cota de malha, e queria a Cumpridora de Promessas a seu lado. — O caminho de saída. Mostra-me o caminho de saída. — O chão da gruta era de terra e pedra, áspero sob as solas dos seus pés. Ainda sentia a cabeça leve, como se estivesse a flutuar. A luz tremeluzente deitava estranhas sombras. *Espíritos dos mortos*, pensou, *a dançar à minha volta, escondendo-se quando me viro para os olhar*. Viu buracos, rachas e fendas por todo o lado, mas não havia maneira de saber quais das passagens levavam ao exterior, quais a levariam a penetrar mais profundamente na gruta, e quais não iam dar a lado nenhum. Todas estavam negras como breu.

— Posso sentir a temperatura da vossa testa, senhora? — A mão do carcereiro estava coberta de cicatrizes e era dura, cheia de calos, mas estranhamente gentil. — A febre baixou — anunciou, numa voz temperada pelo sotaque das Cidades Livres. — Óptimo. Ainda ontem parecia que tínheis a carne em fogo. Jeyne temeu que pudéssemos perder-vos.

— Jeyne. A rapariga alta?

— Essa mesma. Embora não seja tão alta como vós, senhora. Os homens chamam-lhe Jeyne Longa. Foi ela quem vos pôs o braço na posição correcta e lhe colocou a tala, tão bem como qualquer meistre. Fez também o que pôde pela vossa cara, lavando os ferimentos com cerveja fervida para parar a necrose. Mesmo assim… uma dentada humana é uma coisa nojenta. Foi daí que veio a febre, estou certo. — O homem grisalho tocou-lhe a cara ligada. — Tivemos de cortar alguma carne. Temo que a vossa cara não fique bonita.

Ela nunca foi bonita.

— Falais de cicatrizes?

— Senhora, aquela criatura arrancou-vos metade da bochecha.

Brienne não conseguiu evitar um estremecimento. *Todos os cavaleiros têm cicatrizes de batalha*, prevenira-a Sor Goodwin, quando lhe pedira que lhe ensinasse a manejar a espada. *É isso o que quereis, pequena?* Mas o seu velho mestre de armas falava de golpes de espada; nunca poderia ter previsto os dentes pontiagudos do Dentadas.

— Para quê colocar-me os ossos em posição e lavar-me os ferimentos, se apenas pretendeis enforcar-me?

— Realmente, para quê? — Ele relanceou os olhos pela vela, como se já não conseguisse suportar olhá-la. — Disseram-me que lutastes valentemente na estalagem. O Limo não devia ter saído da encruzilhada. Foi-lhe dito que ficasse por perto, escondido, para vir imediatamente se visse fumo a sair da chaminé… mas quando lhe chegou uma mensagem dizendo que o Cão Louco de Salinas fora visto a dirigir-se para norte ao longo do Ramo Verde, mordeu o isco. Andávamos há tanto tempo à caça daquele grupo… mesmo assim, ele devia ter pensado melhor. Acabou por gastar meio dia até se aperceber de que os saltimbancos tinham usado um ribeiro para esconder o rasto e tinham voltado para trás, nas suas costas, e então perdeu mais tempo a rodear uma coluna de cavaleiros Frey. Se não fôsseis vós, podia só haver cadáveres na estalagem quando o Limo e os seus homens regressassem. Foi *por isso* que Jeyne vos ligou as feridas, talvez. Fosse o que fosse que tenhais feito também, ganhastes esses ferimentos de forma honrada, na melhor das causas.

Fosse o que fosse que tenhais feito também.

— O que pensais que eu fiz? — disse. — *Quem sois vós?*

— Éramos homens do rei quando começámos — disse-lhe o homem — mas homens do rei têm de ter um rei, e nós não temos. Também éramos irmãos, mas agora a nossa irmandade quebrou-se. Não sei quem somos, em boa verdade, nem sei para onde nos dirigimos. Só sei que a estrada é escura. Os fogos não me mostraram o que está no fim.

Eu sei onde ela termina. Vi os cadáveres nas árvores.

— Fogos — repetiu Brienne. E de súbito, compreendeu. — Sois o sacerdote de Myr. O feiticeiro vermelho.

Ele baixou os olhos para a roupa esfarrapada, e fez um sorriso triste.

— O fingidor cor-de-rosa, talvez. Sou Thoros, em tempos de Myr, sim… um mau sacerdote e um feiticeiro pior.

— Acompanhais Dondarrion. O senhor do relâmpago.

— O relâmpago aparece e desaparece, e depois não volta a ser visto. Acontece o mesmo com os homens. Temo que o fogo do Lorde Beric tenha desaparecido deste mundo. Em seu lugar lidera-nos uma sombra mais ameaçadora.

— O Cão de Caça?

O sacerdote enrugou os lábios.

— O Cão de Caça está morto e enterrado.

— Eu vi-o. Na floresta.

— Um sonho febril, senhora.

— Ele disse que queria enforcar-me.

— Até os sonhos podem mentir. Senhora, há quanto tempo não comeis? Decerto que estais faminta.

Compreendeu que estava. Sentia a barriga oca.

— Comida… comida seria bem-vinda, obrigada.

— Uma refeição, nesse caso. Sentai-vos. Falaremos mais, mas primeiro uma refeição. Esperai aqui. — Thoros acendeu um círio na vela inclinada, e desapareceu num buraco negro por trás de uma saliência de rocha. Brienne deu por si sozinha na pequena gruta. *Mas por quanto tempo?*

Percorreu o aposento, em busca de uma arma. Qualquer tipo de arma teria servido; um bastão, uma moca, um punhal. Só encontrou pedras. Uma ajustava-se-lhe bem ao punho… mas recordou os Murmúrios, e o que acontecera quando Shagwell tentara opor uma pedra a uma faca. Quando ouviu os passos do sacerdote a regressar, deixou a pedra cair ao chão da gruta e regressou ao sítio onde estivera sentada.

Thoros tinha pão, queijo e uma tigela de guisado.

— Lamento — disse. — O resto do leite azedou, e já não temos mel. A comida faz-se escassa. Seja como for, isto irá encher-vos a barriga.

O guisado estava frio e gorduroso, o pão duro, o queijo mais duro ainda. Brienne nunca comera nada tão delicioso.

— Os meus companheiros estão aqui? — perguntou ao sacerdote, enquanto enchia colheradas com os últimos restos do guisado.

— O septão foi libertado e seguiu o seu caminho. Não havia nele qualquer mal. Os outros estão aqui, a aguardar julgamento.

— Julgamento? — Franziu o sobrolho. — Podrick Payne não passa de um rapaz.

— Ele diz que é um escudeiro.

— Sabeis como os rapazes gostam de gabar-se.

— O escudeiro do Duende. Lutou em batalhas, ele próprio o admitiu. Até chegou a matar, a acreditar no que diz.

— Um rapaz — voltou ela a dizer. — Tende piedade.

— Senhora — disse Thoros — não duvido de que a gentileza, a misericórdia e o perdão ainda possam ser encontrados algures nestes Sete Reinos, mas não os procureis aqui. Isto é uma gruta, não um templo. Quando os homens são obrigados a viver como ratazanas na escuridão subterrânea, em breve se lhes esgota a piedade, tal como acontece com o leite e o mel.

— E a justiça? Poderá isso encontrar-se em grutas?

— Justiça. — Thoros fez um sorriso tristonho. — Lembro-me da justiça. Tinha um sabor agradável. Era a justiça que pretendíamos quando Beric nos liderava, ou pelo menos era isso que dizíamos a nós próprios. Éramos homens do rei, cavaleiros e heróis… mas alguns cavaleiros são escuros e cheios de terror, senhora. A guerra transforma-nos a todos em monstros.

— Estais a dizer que sois monstros?

— Estou a dizer que somos humanos. Não sois a única pessoa com ferimentos, Senhora Brienne. Alguns dos meus irmãos eram bons homens quando isto começou. Alguns eram… menos bons, digamos. Embora haja quem diga que não importa como um homem começa, mas apenas como termina. Suponho que com as mulheres é igual. — O sacerdote pôs-se em pé. — Temo que o nosso tempo juntos esteja no fim. Estou a ouvir os meus irmãos a chegar. A nossa senhora manda-vos buscar.

Brienne ouviu os passos e viu a luz do archote a tremeluzir na passagem.

— Dissestes-me que ela tinha ido a Feirajusta.

— E foi. Regressou enquanto dormíeis. Ela nunca dorme.

Não terei medo, disse a si própria, mas era tarde demais para isso. Substituiu essa promessa com outra: *não permitirei que vejam o meu medo*. Eles eram quatro, homens duros com rostos macilentos, vestidos de cota de malha, escamas e couro. Reconheceu um deles; o homem com um olho, dos seus sonhos.

O maior dos quatro usava um manto amarelo manchado e esfarrapado.

— Gostastes da comida? — perguntou. — Espero que sim. Deve ser a última que havereis de comer. — Tinha cabelo castanho e barba, era musculoso e possuía um nariz partido que sarara mal. *Conheço este homem*, pensou Brienne.

— És o Cão de Caça.

Ele fez um sorriso. Os seus dentes eram horríveis; tortos, e manchados de castanho devido à cárie.

— Suponho que seja. Visto que a s'nhora tratou de matar o último. — Virou a cabeça e escarrou.

Brienne recordou o relâmpago a estalar, a lama sob os seus pés.

— Quem matei foi Rorge. Ele tirou o elmo da tumba de Clegane, e tu roubaste-o do seu cadáver.

— Não estou a ouvi-lo a protestar.

Thoros prendeu a respiração, consternado.

— Isto é verdade? O elmo de um morto? Caímos assim tão baixo?

O grandalhão deitou-lhe um olhar carrancudo.

— É bom aço.

— Não há nada de bom nesse elmo, nem nos homens que o usaram — disse o sacerdote vermelho. — Sandor Clegane era um homem atormentado, e Rorge um animal em pele humana.

— Eu não sou nem um nem outro.

— Então para quê mostrar ao mundo a cara deles? Selvagem, a rosnar, retorcida… é isso o que queres ser, Limo?

— Vê-la vai encher de medo os meus inimigos.

— Vê-la enche-me a mim de medo.

— Então fecha os olhos. — O homem do manto amarelo fez um gesto brusco. — Trazei a rameira.

Brienne não resistiu. Eles eram quatro, e ela estava fraca e ferida, nua sob a combinação de lã. Tinha de dobrar o pescoço para evitar bater com a cabeça enquanto a levavam pela sinuosa passagem. O caminho em frente ergueu-se bruscamente, virando duas vezes antes de emergir numa caverna muito maior, cheia de foras-da-lei.

Um buraco de fogueira fora escavado no centro da caverna, e o ar estava azul de fumo. Homens aglomeravam-se junto às chamas, aquecendo-se contra o frio da gruta. Outros estavam em pé ao longo das paredes, ou sentavam-se de pedras cruzadas em enxergas de palha. Também havia mulheres, e até algumas crianças que espreitavam de detrás das saias das mães. A única cara que Brienne reconheceu pertencia à Jayne Longa Heddle.

Uma mesa de montar fora erguida do outro lado da gruta, numa fenda da rocha. Por trás dela encontrava-se sentada uma mulher toda vestida de cinzento, com um manto e um capuz. Tinha nas mãos uma coroa, um aro de bronze rodeado por espadas de ferro. Estava a estudá-la, afagando as lâminas com os dedos, como que para verificar se estavam afiadas. Os olhos cintilavam sob o capuz.

Cinzento era a cor das irmãs silenciosas, as criadas do Estranho. Brienne sentiu um arrepio subir-lhe a espinha. *Coração de Pedra*.

— S'nhora — disse o grandalhão. — Aqui está ela.

— Pois — disse o zarolho. — A rameira do Regicida.

Brienne vacilou.

— Porque me haveríeis de chamar isso?

— Se eu tivesse um veado de prata por cada vez que dissestes o nome dele, estava tão rico como os vossos amigos Lannister.

— Isso foi só… não compreendeis…

— Será que não? — O grandalhão soltou uma gargalhada. — Eu acho que se calhar entendemos. Há um fedor a *leão* em vós, senhora.

— Não é verdade.

Outro dos foras-da-lei deu um passo em frente, um homem mais novo com um justilho gorduroso de pele de ovelha. Na mão trazia a Cumpridora de Promessas.

— Isto diz que é. — A voz dele era carregada com o sotaque do norte. Tirou a espada da bainha e pousou-a à frente da Senhora Coração de Pedra. À luz vinda da fogueira, as ondulações vermelhas e negras da lâmina quase pareciam mover-se, mas a mulher de cinzento só tinha olhos para o botão do punho: uma cabeça de leão em ouro, com olhos de rubi que brilhavam como duas estrelas vermelhas.

— E também há isto. — Thoros de Myr tirou um pergaminho da manga e pousou-o junto à espada. — Ostenta o selo do rei rapaz e diz que o portador está a tratar dos seus assuntos.

A Senhora Coração de Pedra pôs a espada de lado para ler a carta.

— A espada foi-me dada para um bom propósito — disse Brienne. — Sor Jaime prestou um juramento a Catelyn Stark…

— … antes dos seus amigos lhe cortarem a garganta, com certeza — disse o homem grande com o manto amarelo. — Todos conhecemos o Regicida e os seus juramentos.

Não adianta, compreendeu Brienne. *Nada que eu diga irá fazê-los mudar de ideias*. Apesar disso, mergulhou em frente.

— Ele prometeu as filhas à Senhora Catelyn, mas quando chegámos a Porto Real elas tinham desaparecido. Jaime mandou-me em busca da Senhora Sansa…

— … e se tivésseis achado a rapariga — perguntou o jovem nortenho — o que devíeis fazer com ela?

— Protegê-la. Levá-la para algum sítio seguro.

O grandalhão soltou uma gargalhada.

— Onde fica isso? Na masmorra de Cersei?

— Não.

— Negai o que quiserdes. Aquela espada diz que sois uma mentirosa. Será que quereis que a gente acredite que os Lannister andam a entregar espadas de ouro e rubis a *inimigos*? Que o Regicida queria que escondêsseis

a rapariga da sua própria *irmã gémea*? Suponho que o papel com o selo do rei rapaz fosse só para o caso de precisardes de limpar o cu, não? E depois há a companhia em que andais… — O grandalhão virou-se e fez um gesto, as fileiras de foras-da-lei abriram-se, e outros dois cativos foram trazidos. — O rapaz era o escudeiro do próprio Duende, s'nhora — disse ele à Senhora Coração de Pedra. — O outro é um dos malditos cavaleiros domésticos do Maldito Randyll Tarly.

Hyle Hunt fora espancado com tanta violência que o seu rosto estava inchado quase até deixar de ser reconhecível. Tropeçou quando o empurraram, e quase caiu. Podrick agarrou-lhe no braço.

— Sor — disse o rapaz com ar infeliz quando viu Brienne. — Quero dizer, senhora. Lamento.

— Não tens nada a lamentar. — Brienne virou-se para a Senhora Coração de Pedra. — Seja qual for a traição que julgais que eu cometi, senhora, Podrick e Sor Hyle não participaram nela.

— São leões — disse o zarolho. — Isso basta. Que sejam enforcados, digo eu. O Tarly enforcou uma vintena dos nossos, já é mais que tempo que a gente pendure uns quantos dos dele.

Sor Hyle dirigiu a Brienne um ténue sorriso.

— Senhora — disse — devíeis ter-vos casado comigo quando me ofereci. Agora, temo que estejais condenada a morrer donzela e eu pobre.

— *Libertai-os* — suplicou Brienne.

A mulher de cinzento não deu resposta. Estudou a espada, o pergaminho, a coroa de bronze e ferro. Por fim ergueu a mão até à garganta e agarrou o pescoço, como se pretendesse esganar-se a si própria. Em vez disso, falou… A sua voz era hesitante, irregular, torturada. O som parecia vir-lhe da garganta, em parte um coaxo, em parte um arquejo de asmático, em parte um matraquear de morte. *A língua dos danados*, pensou Brienne.

— Não compreendo. O que foi que ela disse?

— Perguntou como se chamava esta vossa lâmina — disse o jovem nortenho com o justilho de pele de ovelha.

— Cumpridora de Promessas — respondeu Brienne.

A mulher de cinzento *silvou* por entre os dedos. Os seus olhos eram dois poços rubros ardendo nas sombras. Voltou a falar.

— Não, diz ela. Chamai-lhe Quebradora de Promessas, diz ela. Foi feita para a traição e o assassínio. Ela baptiza-a como *Falsa Amiga*. Como vós.

— Para quem fui eu falsa?

— Para ela — disse o nortenho. — Poderá ser que a senhora se tenha esquecido de que um dia jurou pôr-se ao seu serviço?

Só havia uma mulher a quem a Donzela de Tarth jurara servir.

— Isso não pode ser — disse. — Ela está morta.

— A morte e o direito de hóspede — resmungou a Jeyne Longa Heddle. — Não têm tanto significado como tinham dantes, nem uma coisa nem outra.

A Senhora Coração de Pedra baixou o capuz e desenrolou o cachecol de lã cinzenta que lhe cobria o rosto. O seu cabelo estava seco e quebradiço, branco como osso. A testa estava pintalgada de verde e cinzento, manchada com os rebentos castanhos da putrefacção. A pele do seu rosto quebrava-se em fitas rasgadas, dos olhos até ao maxilar. Alguns dos rasgões estavam cobertos por crostas de sangue seco, mas outros escancaravam-se para revelar o crânio, por baixo.

A cara dela, pensou Brienne. *A cara dela era tão forte e bem parecida, a sua pele tão lisa e suave.*

— Senhora Catelyn? — Lágrimas encheram-lhe os olhos. — Disseram… disseram que estáveis morta.

— E está. — Disse Thoros de Myr. — Os Frey rasgaram-lhe a garganta de orelha a orelha. Quando a encontrámos junto ao rio, estava morta havia três dias. Harwin suplicou-me que lhe desse o beijo da vida, mas tinha-se passado tempo demais. Não o quis fazer, e por isso o Lorde Beric pôs os lábios sobre os dela, e a chama da vida passou dele para ela. E… ela ergueu-se. Que o Senhor da Luz nos proteja. Ela *ergueu-se*.

Ainda estou a sonhar?, perguntou Brienne a si própria. *Será isto outro pesadelo nascido dos dentes do Dentadas?*

— Nunca a traí. Dizei-lhe isso. Juro pelos Sete. Juro pela minha *espada*.

A coisa que fora Catelyn Stark voltou a agarrar na garganta, com dedos que apertavam o pavoroso e longo corte no pescoço, e estrangulou mais sons.

— Palavras são vento, diz ela — disse o nortenho a Brienne. — Ela diz que deveis demonstrar a vossa fidelidade.

— Como? — perguntou Brienne.

— Com a vossa espada. Chamais-lhe *Cumpridora de Promessas*? Então cumpri a promessa que lhe fizestes, diz a senhora.

— Que quer ela de mim?

— Quer o filho vivo, ou os homens que o mataram mortos — disse o grandalhão. — Quer alimentar os corvos, como fizeram no Casamento Vermelho. Os Frey e os Bolton, sim. Nós dar-lhos-emos, tantos quantos queira. Tudo o que vos pede é Jaime Lannister.

Jaime. O nome era uma faca, retorcendo-se na sua barriga.

— Senhora Catelyn, eu… vós não compreendeis, Jaime… ele salvou-me de ser violada quando os Saltimbancos Sangrentos nos capturaram, e mais tarde voltou para trás para me vir buscar, saltou de mãos nuas para a arena dos ursos… juro-vos, ele não é o homem que era. Mandou-me em busca de Sansa para a manter a salvo, não podia ter participado no Casamento Vermelho.

Os dedos da Senhora Catelyn enterraram-se-lhe profundamente na garganta, e as palavras saíram num matraquear, sufocadas e entrecortadas, um fluxo tão frio como gelo. O nortenho disse:

— Ela diz que tendes de escolher. Tomai a espada e matai o Regicida, ou sede enforcada como traidora. A espada ou a corda, diz ela. Escolhei, diz ela. *Escolhei*.

Brienne recordou o sonho, a espera no salão do pai pelo rapaz com quem deveria casar. No sonho cortara a língua com os dentes. *Tinha a boca cheia de sangue.* Inspirou entrecortadamente, e disse:

— Não farei tal escolha.

Houve um longo silêncio. Então a Senhora Coração de Pedra voltou a falar. Daquela vez, Brienne compreendeu o que ela disse. Foi só uma

palavra.

— *Enforcai-os* — crocitou.

— Às vossas ordens, s'nhora — disse o grandalhão.

Voltaram a atar os pulsos de Brienne com cordas e levaram-na para fora da caverna, por um caminho sinuoso de pedra que subia à superfície. Ficou surpreendida por ver que lá fora era manhã. Feixes da pálida luz da aurora penetravam em diagonal por entre as árvores. *Tantas árvores por onde escolher*, pensou. *Não terão de nos levar até longe.*

E não levaram. Sob um salgueiro torto, os foras-da-lei enfiaram-lhe um laço pela cabeça, apertaram-lho bem ao pescoço e fizeram passar a outra ponta da corda por cima de um ramo. A Hyle Hunt e Podrick Payne foram dados elmos. Sor Hyle estava a gritar que mataria Jaime Lannister, mas o Cão de Caça deu-lhe um tabefe na cara e calou-o. Tinha voltado a pôr o elmo.

— Se tiverdes crimes a confessar aos vossos deuses, esta é a altura de o fazer.

— Podrick nunca vos fez mal. O meu pai resgatá-lo-á. Tarth é conhecida como a ilha safira. Enviai Podrick com os meus ossos ao Entardecer, e tereis safiras, prata, tudo o que quiserdes.

— Quero a minha mulher e filha de volta — disse o Cão de Caça. — O vosso pai pode-me dar isso? Se não puder, pode ir levar no cu. O rapaz vai apodrecer ao vosso lado. Lobos hão-de vos roer os ossos.

— Estás a tencionar enforcá-la, Limo? — perguntou o zarolho. — Ou pensas matar a cadela com conversa?

O Cão de Caça arrancou a ponta da corda ao homem que a segurava.

— Vamos lá a ver se ela sabe dançar — disse, e deu um puxão.

Brienne sentiu o cânhamo a apertar-se, enterrando-se-lhe na pele, puxando-lhe o queixo para cima. Sor Hyle estava a amaldiçoá-los com eloquência, mas o rapaz não. Podrick não chegou a erguer os olhos, nem mesmo quando os seus pés foram arrancados do chão. *Se isto for outro sonho, está na altura de acordar. Se isto for real, está na altura de morrer*. Tudo o que conseguia ver era Podrick, com o laço em volta do pescoço, as

pernas a torcer-se. A boca abriu-se-lhe. Pod estava a espernear, a sufocar, a *morrer*. Brienne inspirou desesperadamente, no momento em que a corda a estrangulava. Nunca nada doera tanto.

Gritou uma palavra.

OceanofPDF.com

CERSEI

A Septã Moelle era uma velha de cabelo branco, com uma cara afiada como um machado e lábios apertados em perpétua desaprovação. *Esta ainda tem a virgindade intacta, aposto*, pensou Cersei, *embora por esta altura esteja dura e rígida como couro fervido*. Seis dos cavaleiros do Alto Pardal escoltavam-na, com a espada arco-íris da sua ordem renascida desenhada nos escudos pontiagudos.

— Septã. — Cersei estava sentada sob o Trono de Ferro, vestida de seda verde e renda dourada. — Dizei a Sua Alta Santidade que estamos aborrecidos com ele. Ousa demasiado. — Esmeraldas cintilavam-lhe nos dedos e no cabelo dourado. Os olhos da corte e da cidade estavam postos nela, e queria que vissem a filha do Lorde Tywin. Quando aquela farsa terminasse saberiam que não tinham mais do que uma verdadeira rainha. *Mas primeiro temos de dançar a dança e não falhar nenhum passo.* — A Senhora Margaery é a leal e gentil esposa do meu filho, a sua companheira e consorte. Sua Alta Santidade não tinha motivo para pôr as mãos na sua pessoa, ou para aprisioná-la e às jovens primas, que tão queridas são por todos nós. Exijo que as liberte.

A expressão severa da Septã Moelle não vacilou.

— Transmitirei as palavras de Vossa Graça a Sua Alta Santidade, mas tenho o penoso dever de dizer que a jovem rainha e as suas senhoras não podem ser libertadas até que a sua inocência seja provada.

— *Inocência?* Ora, basta-vos olhar para os seus doces e jovens rostos para ver como são inocentes.

— Um rosto doce esconde frequentemente um coração de pecador.

A Senhora Merryweather interveio da mesa do conselho.

— De que ofensa foram essas jovens donzelas acusadas, e por quem?

A septã disse:

— Megga Tyrell e Elinor Tyrell estão acusadas de lascívia, fornicação e conspiração para cometer alta traição. Alla Tyrell foi acusada de

testemunhar a sua vergonha e de as ajudar a escondê-la. E disso foi também acusada a Rainha Margaery, além de adultério e alta traição.

Cersei levou uma mão ao peito.

— Dizei-me quem anda a espalhar tais calúnias sobre a minha nora! Não acredito numa palavra do que estou a ouvir. O meu querido filho ama a Senhora Margaery de todo o coração, ela nunca poderia ter sido cruel ao ponto de o enganar.

— O acusador é um cavaleiro da vossa própria guarda. Sor Osney Kettleblack confessou ter tido contactos carnais com a rainha ao Alto Septão em pessoa, perante o altar do Pai.

Na mesa do conselho, Harys Swyft arfou e o Grande Meistre Pycelle virou a cabeça. Um zumbido encheu o ar, como se houvesse mil vespas à solta na sala do trono. Algumas das senhoras nas galerias começaram a esgueirar-se para o exterior, seguidas por uma corrente de pequenos senhores e cavaleiros do fundo da sala. Os homens de mantos dourados deixaram-nos ir, mas a rainha instruíra Sor Osfryd para tomar nota de todos os que fugissem. *De súbito as rosas Tyrell não cheiram tão bem.*

— Sor Osney é jovem e enérgico, admito — disse a rainha — mas apesar disso é um cavaleiro de confiança. Se ele diz que participou nisto… não, não pode ser. Margaery é uma donzela!

— Não é. Eu própria a examinei, a pedido de Sua Alta Santidade. A sua virgindade não está intacta. A Septã Aglantine e a Septã Melicent dirão o mesmo, bem como a própria septã da Rainha Margaery, Nysterica, que foi confinada a uma cela de penitente pelo papel desempenhado na vergonha da rainha. A Senhora Megga e a Senhora Elinor também foram examinadas. Descobriu-se que ambas tinham sido rompidas.

As vespas estavam a tornar-se tão ruidosas que a rainha já quase nem conseguia ouvir-se pensar. *Espero que a pequena rainha e as primas tenham gostado dessas suas cavalgadas.*

O Lorde Merryweather pôs-se aos murros na mesa.

— A Senhora Margaery prestou juramentos solenes atestando a sua virgindade a Sua Graça, a rainha, e ao seu falecido pai. Muitos dos

presentes testemunharam-no. O Lorde Tyrell também proclamou a sua inocência, e o mesmo fez a Senhora Olenna, a qual todos sabemos estar acima de qualquer suspeita. Querereis que acreditemos que todas essas nobres pessoas nos *mentiram*?

— Talvez também elas tenham sido enganadas, senhor — disse a Septã Moelle. — Quanto a isso não posso dizer nada. Só posso garantir a verdade daquilo que descobri pessoalmente quando examinei a rainha.

A imagem daquela velha amarga a enfiar os dedos enrugados pela coninha cor-de-rosa de Margaery acima era tão engraçada que Cersei quase soltou uma gargalhada.

— Insistimos que Sua Alta Santidade permita que os nossos meistres examinem a minha nora, para determinar se há alguma migalha de verdade nestas calúnias. Grande Meistre Pycelle, ireis acompanhar a Septã Moelle ao Septo do Adorado Baelor, e voltareis para junto de nós com a verdade acerca da virgindade da nossa Margaery.

Pycelle ficara da cor do branco coalhado. *Nas reuniões do conselho, o maldito do velho palerma não se cala, mas agora que preciso de algumas palavras ditas por ele perdeu o uso da palavra*, pensou a rainha, antes do velho finalmente se sair com um:

— Não preciso de lhe examinar as… as partes privadas. — A sua voz era um requebro. — Lastimo dizer… a Rainha Margaery não é donzela. Ordenou-me que lhe fizesse chá da lua, não uma, mas muitas vezes.

O tumulto que se seguiu àquilo foi tudo o que Cersei Lannister poderia ter desejado.

Até o arauto real a bater no chão com o seu bordão pouco fez para abafar o ruído. A rainha deixou-o inundá-la por alguns segundos, saboreando o som da desgraça da pequena rainha. Quando o achou suficiente, ergueu-se com uma expressão de pedra e ordenou que os homens de mantos dourados evacuassem o salão. *Margaery Tyrell está acabada*, pensou, exultante. Os seus cavaleiros brancos puseram-se em seu redor enquanto saía pela porta do rei, por trás do Trono de Ferro; Boros Blount, Meryn Trant, e Osmund Kettleblack, os últimos membros da Guarda Real que restavam na cidade.

O Rapaz Lua estava junto à porta, com o chocalho numa mão, fitando a confusão com os seus grandes olhos redondos. *Pode ser um bobo, mas mostra a sua loucura honestamente. Maggy, a Rã, também devia andar vestida de retalhos por tudo o que sabia sobre o futuro*. Cersei rezava para que a velha fraude estivesse aos gritos no inferno. A rainha mais nova, cuja chegada predissera, estava acabada, e se essa profecia podia falhar as outras também podiam. *Nada de mortalhas douradas, nada de* valonqar, *estou finalmente livre da tua maldade coaxante.*

Os restos do seu pequeno conselho saíram atrás dela. Harys Swyft parecia aturdido. Tropeçou à porta e podia ter caído se Aurane Waters não o tivesse segurado pelo braço. Até Orton Merryweather parecia ansioso.

— O povo gosta da pequena rainha — disse. — Não receberá isto bem. Temo o que possa acontecer em seguida, Vossa Graça.

— O Lorde Merryweather tem razão — disse o Lorde Waters. — Se aprouver a Vossa Graça, lançarei à água o resto dos nossos novos dromones. Vê-los na Água Negra com o estandarte do Rei Tommen a flutuar nos seus mastros recordará à cidade quem aqui governa, e mantê-los-á a salvo no caso de a turba decidir voltar a entrar em motim.

Deixou o resto por dizer; uma vez na Água Negra, os dromones podiam impedir Mace Tyrell de atravessar o rio com o seu exército, tal como Tyrion impedira Stannis. Jardim de Cima não possuía poderio marítimo próprio deste lado de Westeros. Dependia da frota Redwyne, actualmente de regresso à Árvore.

— Uma medida prudente — anunciou a rainha. — Até esta tempestade passar, quero os vossos navios tripulados e na água.

Sor Harys Swyft estava tão pálido e suado que parecia prestes a desmaiar.

— Quando as notícias sobre isto chegarem ao Lorde Tyrell, a sua fúria não conhecerá limites. Haverá sangue nas ruas…

O cavaleiro das galinhas trémulas, reflectiu Cersei. *Devias escolher um verme como símbolo, sor. Uma galinha é demasiado ousada para ti. Se Mace Tyrell nem sequer assalta Ponta Tempestade, como imaginas que*

alguma vez se atreverá a atacar os deuses? Quando o homem acabou de disparatar, disse:

— Não deve chegar-se ao derramamento de sangue, e eu pretendo assegurar-me de que não chega. Irei pessoalmente ao Septo de Baelor para falar com a Rainha Margaery e o Alto Septão. Sei que Tommen os ama a ambos, e que quereria que eu fizesse a paz entre eles.

— Paz? — Sor Harys esfregou levemente a testa com a sua manga de veludo. — Se a paz for possível… isso é muito valente da vossa parte.

— Algum tipo de julgamento poderá ser necessário — disse a rainha — para revelar como falsas estas ignóbeis calúnias e mentiras e mostrar ao mundo que a nossa querida Margaery é a inocente que todos sabemos que é.

— Sim — disse Merryweather — mas este Alto Septão pode querer julgar ele próprio a rainha, como a Fé julgava os homens antigamente.

Espero que sim, pensou Cersei. Não era provável que um tal tribunal olhasse com benevolência rainhas traiçoeiras que abriam as pernas a cantores e profanavam os ritos sagrados da Donzela para esconder a sua vergonha.

— O mais importante é descobrir a verdade, estou certa de que todos concordamos — disse. — E agora, senhores, deveis perdoar-me. Tenho de ir ter com o rei. Ele não deve ficar sozinho numa altura como esta.

Tommen estava a pescar gatos quando a mãe regressou para junto dele. Dorcas fizera-lhe um rato com bocados de peles e atara-o a um longo cordel preso à ponta de uma velha cana de pesca. Os gatinhos adoravam perseguilo, e nada havia de que o rapaz mais gostasse do que de o puxar pelo chão fora quando os animais saltavam atrás dele. Pareceu surpreendido quando Cersei o envolveu nos braços e o beijou na testa.

— Isso foi porquê, mãe? Porque estais a chorar?

Porque tu estás a salvo, quis dizer-lhe. *Porque nenhum mal te acontecerá.*

— Estás enganado. Um leão nunca chora. — Haveria tempo mais tarde para lhe falar de Margaery e das primas. — Há uns mandados que quero que assines.

A bem do rei, a rainha omitira os nomes dos mandados de captura. Tommen assinou-os em branco e comprimiu alegremente o seu selo contra a cera quente, como sempre fazia. Depois daquilo mandou-o embora com Jocelyn Swyft.

Sor Osfryd Kettleblack chegou já a tinta estava a secar. Cersei escrevera pessoalmente os nomes: Sor Tallad, o Alto, Jalabhar Xho, Hamish, o Harpista, Hugh Clifton, Mark Mullendore, Bayard Norcross, Lambert Timberry, Horas Redwyne, Hobber Redwyne, e um certo rústico chamado Wat, que chamava a si próprio Bardo Azul.

— Tantos. — Sor Osfryd remexeu os mandados, tão desconfiado das palavras como se fossem baratas a rastejar sobre o pergaminho. Nenhum dos Kettleblack sabia ler.

— Dez. Tendes seis mil homens de mantos dourados. São suficientes para dez, penso eu. Alguns dos espertos podem ter fugido, se os rumores lhes chegaram aos ouvidos a tempo. Se assim for, não importa; a sua ausência só os faz parecer mais culpados. Sor Tallad é algo imbecil e pode tentar resistir-vos. Assegurai-vos de que não morra antes de confessar, e não façais mal a nenhum dos outros. Alguns podem bem ser inocentes. — Era importante que se descobrisse que os gémeos Redwyne tinham sido falsamente acusados. Isso demonstraria a justiça dos julgamentos contra os outros.

— Tê-los-emos a todos antes do Sol nascer, Vossa Graça. — Sor Osfryd hesitou. — Uma multidão está a juntar-se junto à porta do Septo de Baelor.

— Que tipo de multidão? — Qualquer coisa inesperada deixava-a desconfiada. Lembrou-se do que o Lorde Waters dissera sobre os tumultos. *Não pensei no modo como os plebeus poderiam reagir a isto. Margaery tem sido o seu animalzinho de estimação*. — Quantas pessoas?

— Umas cem, mais ou menos. Estão a gritar para que o Alto Septão liberte a pequena rainha. Podemos correr com eles, se quiserdes.

— Não. Deixai-os gritar até ficarem roucos, isso não irá fazer o Pardal mudar de ideias. Ele só dá ouvidos aos deuses. — Havia uma certa ironia em Sua Alta Santidade ter uma multidão irada acampada à sua porta, visto

que fora exactamente uma multidão dessas que lhe entregara a coroa de cristal. *A qual ele se aprestou a vender*. — A Fé tem agora os seus próprios cavaleiros. Que defendam eles o septo. Oh, e fechai também as muralhas da cidade. Ninguém deverá entrar ou sair de Porto Real sem a minha autorização, até que isto esteja terminado e estável.

— Às vossas ordens, Vossa Graça. — Sor Osfryd fez uma vénia e foi arranjar alguém que lhe lesse os mandados.

Quando o Sol se pôs nesse dia, todos os acusados de traição estavam presos. Hamish, o Harpista, perdera os sentidos quando o tinham ido capturar, e Sor Tallad, o Alto, ferira três homens de mantos dourados antes dos outros o dominarem. Cersei ordenou que fossem dados aposentos confortáveis numa torre aos gémeos Redwyne. Os outros foram para as masmorras.

— Hamish está com dificuldade em respirar — informou-a Qyburn quando veio visitá-la nessa noite. — Está a pedir um meistre.

— Dizei-lhe que pode ser visto por um assim que confessar. — Reflectiu por um momento. — Ele é velho demais para ter estado entre os amantes, mas sem dúvida que foi obrigado a tocar e cantar para Margaery enquanto ela recebia outros homens. Precisaremos de detalhes.

— Ajudá-lo-ei a recordar-se deles, Vossa Graça.

No dia seguinte, a Senhora Merryweather ajudou Cersei a vestir-se para a visita de ambas à pequena rainha.

— Nada demasiado rico ou colorido — disse. — Algo adequadamente devoto e sem graça para o Alto Septão. Ele é capaz de me obrigar a acompanhá-lo em orações.

Por fim, escolheu um suave vestido de lã que a cobria da garganta aos tornozelos, apenas com alguns arabescos bordados no corpete e as mangas em fio dourado para suavizar a severidade do seu corte. Ainda melhor, o castanho ajudaria a esconder a sujidade se fosse obrigada a ajoelhar-se.

— Enquanto estiver a confortar a minha nora, vós falareis com as três primas — disse a Taena. — Conquistai Alla, se puderdes, mas tende

cuidado com o que dizeis. Os deuses podem não ser os únicos a estar à escuta.

Jaime sempre dissera que a parte mais dura de uma batalha é imediatamente antes, enquanto se espera pelo início da carnificina. Quando saiu para a rua, Cersei viu que o céu estava cinzento e sombrio. Não podia correr o risco de ser apanhada por uma chuvada e chegar ao Septo de Baelor ensopada e enlameada. Isso queria dizer liteira. Como escolta, levou dez guardas domésticos Lannister e Boros Blount.

— A turba de Margaery pode não ter inteligência suficiente para distinguir um Kettleblack do outro — disse a Sor Osmund — e não posso ter-vos a abrir caminho à espadeirada através dos plebeus. É melhor manter-vos fora de vista por uns tempos.

Enquanto atravessavam Porto Real, Taena teve uma súbita dúvida.

— Este julgamento — disse, em voz baixa — e se Margaery exigir que a sua culpa ou inocência seja determinada por combate judiciário?

Um sorriso roçou nos lábios de Cersei.

— Como rainha, a sua honra tem de ser defendida por um cavaleiro da Guarda Real. Ora, qualquer criança em Westeros sabe como o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, foi o campeão da sua irmã, a Rainha Naerys, contra as acusações de Sor Morghil. Mas com Sor Loras tão gravemente ferido temo que o papel de Príncipe Aemon tenha de cair sobre um dos seus Irmãos Ajuramentados. — Encolheu os ombros. — Mas quem? Sor Arys e Sor Balon andam por longe, em Dorne, Jaime está em Correrrio, e Sor Osmund é irmão do homem que a acusa, o que deixa apenas… oh, diacho…

— Boros Blount e Meryn Trant. — A Senhora Taena soltou uma gargalhada.

— Sim, e Sor Meryn tem andado a sentir-se adoentado nos últimos tempos. Lembrai-me para lhe dizer isso quando regressarmos ao castelo.

— Lembrarei, minha querida. — Taena pegou-lhe na mão e beijou-a. — Rezo para nunca vos ofender. Sois terrível quando provocada.

— Qualquer mãe faria o mesmo para proteger os seus filhos — disse Cersei. — Quando pensais trazer esse vosso rapaz para a corte? Russell, não era esse o seu nome? Podia treinar com Tommen.

— Isso entusiasmaria o rapaz, eu sei… mas as coisas estão tão incertas neste momento, que pensei ser melhor esperar até o perigo passar.

— Em breve — prometeu Cersei. — Mandai uma mensagem para Mesalonga para que Russell embale o seu melhor gibão e a sua espada de madeira. Um novo jovem amigo será precisamente a coisa certa para ajudar Tommen a esquecer a sua perda, depois da pequena cabeça de Margaery rolar.

Desceram da liteira sob a estátua de Baelor, o Abençoado. A rainha ficou satisfeita por ver que os ossos e a porcaria tinham sido levados dali. Sor Osfryd dissera a verdade; a multidão não era nem tão numerosa nem tão insubmissa como os pardais tinham sido. Estavam por ali em pequenos grupos, fitando carrancudos as portas do Grande Septo, onde uma fileira de septões noviços fora disposta, de bordões nas mãos. *Nada de aço*, notou Cersei. Aquilo era ou muito sensato, ou muito estúpido, não tinha bem a certeza.

Ninguém fez a mínima tentativa para a reter. Tanto o povo, como os noviços, abriram alas à sua passagem. Uma vez dentro de portas, foram recebidas por três cavaleiros no Salão das Lâmpadas, todos eles envergando as vestes às riscas arco-íris dos Filhos do Guerreiro.

— Estou aqui para visitar a minha nora — disse-lhes Cersei.

— Sua Alta Santidade tem estado à vossa espera. Sou Sor Theodan, o Fiel, anteriormente Sor Theodan Wells. Se Vossa Graça vier comigo.

O Alto Pardal estava de joelhos, como sempre. Desta vez rezava perante o altar do Pai. E não interrompeu a prece quando a rainha se aproximou, obrigou-a a esperar impacientemente até terminar. Só então se ergueu e lhe fez uma vénia.

— Vossa Graça. Este é um triste dia.

— Muito triste. Temos a vossa licença para falar com Margaery e as primas? — Decidiu empregar modos dóceis e humildes; com aquele

homem, era capaz de ser essa a atitude que melhor funcionaria.

— Se é esse o vosso desejo. Vinde depois ter comigo, filha. Temos de rezar juntos, vós e eu.

A pequena rainha fora confinada no topo de uma das esguias torres do Grande Septo. A sua cela tinha dois metros e meio de comprimento e dois metros de largura, sem mobília além de uma enxerga forrada de palha e um banco para orações, um jarro de água, uma cópia da *Estrela de Sete Pontas*, e uma vela para iluminar a leitura. A única janela era pouco mais larga do que uma seteira.

Cersei foi encontrar Margaery descalça e a tremer, envergando o vestido de tecido grosseiro de uma noviça. As suas madeixas estavam todas emaranhadas, e tinha os pés muito sujos.

— Tiraram-me a minha *roupa* — disse-lhe a pequena rainha quando ficaram a sós. — Trazia um vestido de renda cor de marfim, com pérolas de água doce no corpete, mas as septãs puseram-me as *mãos* em cima e despiram-me por completo. Às minhas primas também. Megga atirou uma septã para cima das velas e incendiou-lhe a toga. Mas temo por Alla. Ficou branca como leite, demasiado assustada até para chorar.

— Pobre pequena. — Não havia cadeiras, de modo que Cersei se sentou ao lado da pequena rainha na sua enxerga. — A Senhora Taena foi falar com ela, para lhe fazer saber que não está esquecida.

— Ele nem sequer me quer deixar vê-las — enfureceu-se Margaery. — Mantém-nos separadas umas das outras. Até à vossa, não me foram permitidas visitas além das septãs. Uma aparece de hora a hora para perguntar se eu desejo confessar as minhas fornicações. Nem sequer me deixam dormir. Acordam-me para exigir confissões. Na noite passada confessei à Septã Unella que desejava arrancar-lhe os olhos com as unhas.

É uma pena não o teres feito, pensou Cersei. *Cegar uma pobre septã qualquer persuadiria de certeza o Alto Pardal da tua culpa.*

— Estão a interrogar as vossas primas da mesma forma.

— Que sejam malditos, então — disse Margaery. — Que sejam malditos nos sete infernos. Alla é amável e tímida, como podem fazer-lhe isto? E

Megga… ela ri alto como uma rameira das docas, eu sei, mas por dentro não passa ainda de uma rapariguinha. Amo-as a todas e elas amam-me a mim. Se este pardal pensa obrigá-las a mentir sobre mim…

— Temo que também elas tenham sido acusadas. Todas as três.

— As minhas *primas*? — Margaery empalideceu. — Alla e Megga pouco mais são do que crianças. Vossa Graça, isto… isto é obsceno. Ireis tirar-nos daqui?

— Bem gostaria de poder fazê-lo. — Tinha a voz cheia de pesar. — Sua Alta Santidade tem os seus novos cavaleiros a guardar-vos. Para vos libertar precisaria de mandar os homens de mantos dourados e profanar este lugar santo com uma matança. — Cersei pegou na mão de Margaery. — Mas não tenho estado parada. Reuni todos aqueles que Sor Osney identificou como vossos amantes. Eles dirão a Sua Alta Santidade que sois inocente, tenho a certeza, e jurá-lo-ão no vosso julgamento.

— Julgamento? — havia agora um verdadeiro medo na voz da rapariga. — Tem de haver um julgamento?

— De que outra forma provaríeis a vossa inocência? — Cersei deu à mão de Margaery um apertão tranquilizador. — Tendes o direito de escolher a forma de julgamento, é certo. Sois a rainha. Os cavaleiros da Guarda Real juraram defender-vos.

Margaery compreendeu de imediato.

— Um julgamento por batalha? Mas Loras está ferido, de outra forma ele…

— Ele tem seis irmãos.

Margaery fitou-a, e então tirou a mão de entre as suas.

— Isso é algum gracejo? Boros é um cobarde, Meryn é velho e lento, o vosso irmão está mutilado, os outros dois estão longe, em Dorne, e Osmund é um maldito *Kettleblack*. Loras tem *dois* irmãos, e não seis. Se houver julgamento por batalha, quero Garlan como meu campeão.

— Sor Garlan não é membro da Guarda Real — disse a rainha. — Quando a honra da rainha está em causa, a lei e os costumes obrigam a que

o seu campeão seja um dos sete homens ajuramentados ao rei. O Alto Septão irá insistir, temo bem. — *Eu assegurar-me-ei disso.*

Margaery não respondeu de imediato, mas os seus olhos castanhos estreitaram-se com suspeita.

— Blount ou Trant — disse por fim. — Teria de ser um deles. Vós gostaríeis disso, não gostaríeis? Osney Kettleblack faria qualquer deles em bocados.

Sete infernos. Cersei envergou uma expressão ferida.

— Cometeis uma injustiça para comigo, filha. Tudo o que quero…

— … é o vosso filho, todo para vós. Ele nunca terá uma esposa que não odieis. E eu *não* sou vossa filha, graças aos deuses. Deixai-me.

— Estais a ser tonta. Só estou aqui para vos ajudar.

— Para me ajudar a entrar na sepultura. Pedi-vos que saísseis. Ireis obrigar-me a chamar os carcereiros para que vos arrastem daqui para fora, sua vil, intriguista, malvada cadela?

Cersei apanhou as saias com dignidade.

— Isto deve ser muito assustador para vós. Perdoarei essas palavras. — Ali, como na corte, nunca se sabia quem poderia estar à escuta. — Eu também estaria com medo, se estivesse no vosso lugar. O Grande Meistre Pycelle admitiu que vos fornecia chá de lua, e o vosso Bardo Azul… se fosse a vós, senhora, rezaria à Velha por sabedoria e à Mãe por misericórdia. Temo que em breve venhais a ter uma terrível necessidade das duas coisas.

Quatro septãs engelhadas escoltaram a rainha na descida da escada da torre. Cada uma das velhas parecia mais frágil do que a anterior. Quando chegaram ao nível do chão continuaram a descer, penetrando no coração da Colina de Visenya. Os degraus terminaram muito debaixo de terra, onde uma fileira de archotes tremeluzentes iluminava um longo corredor.

Foi encontrar o Alto Septão à sua espera numa pequena câmara de audiências com sete lados. A sala era simples e espartana, com paredes nuas de pedra, uma mesa toscamente talhada, três cadeiras, e um banco de oração. Os rostos dos Sete tinham sido esculpidos nas paredes. Cersei achou

as esculturas rudimentares e feias, mas havia nelas um certo poder, especialmente em volta dos olhos, globos de ónix, malaquite e selenite amarela que de algum modo faziam as caras ganhar vida.

— Falastes com a rainha — disse o Alto Septão.

Cersei resistiu à tentação de dizer: *a rainha sou eu.*

— Falei.

— Todos os homens pecam, até os reis e as rainhas. Eu próprio pequei, e fui perdoado. Mas sem a confissão, não pode haver perdão. A rainha não quer confessar.

— Talvez seja inocente.

— Não é. Santas septãs examinaram-na, e atestam que a sua virgindade está quebrada. Ela estava bêbada de chá de lua, para assassinar no ventre o fruto das suas fornicações. Um cavaleiro ungido jurou sobre a espada ter tido contacto carnal com ela e com duas das suas três primas. Outros também dormiram com ela, segundo ele diz, e fornece muitos nomes de homens, tanto grandes como humildes.

— Os meus homens de mantos dourados levaram-nos a todos para as masmorras — garantiu-lhe Cersei. — Por enquanto só um foi interrogado, um cantor chamado Bardo Azul. O que ele tinha a dizer é perturbador. Mas mesmo assim, rezo para que quando a minha nora seja levada a julgamento, ainda se venha a provar a sua inocência. — Hesitou. — Tommen ama tanto a sua pequena rainha, Vossa Santidade, que temo que possa ser difícil para ele ou os seus senhores julgá-la com justiça. Talvez o julgamento deva ser conduzido pela Fé?

O Alto Pardal uniu as suas mãos magras.

— Tive essa mesma ideia, Vossa Graça. Tal como Maegor, o Cruel, tirou um dia as espadas à Fé, assim Jaehaerys, o Conciliador, nos privou das balanças da justiça. E no entanto quem é verdadeiramente digno de julgar uma rainha, além dos Sete no Céu e dos devotos na terra? Um número sagrado de sete juízes presidirá a este caso. Três serão do vosso sexo feminino. Uma donzela, uma mãe e uma velha. Quem poderia estar mais preparado para julgar a imoralidade das mulheres?

— Isso será o melhor. Com certeza, Margaery tem o direito de exigir que a sua culpa ou inocência sejam provadas por combate judiciário. Se assim for, o seu campeão tem de ser um dos Sete de Tommen.

— Os Cavaleiros da Guarda Real serviram como os legítimos campeões do rei e da rainha desde o tempo de Aegon, o Conquistador. A Coroa e a Fé falam a uma só voz quanto a isso.

Cersei cobriu o rosto com as mãos, como quem está em sofrimento. Quando voltou a erguer a cabeça, uma lágrima cintilava num olho.

— Estes são realmente dias tristes — disse — mas agrada-me ver-nos tão de acordo. Se Tommen aqui estivesse, sei que vos agradeceria. Juntos, vós e eu, temos de descobrir a verdade.

— Descobriremos.

— Tenho de regressar ao castelo. Com a vossa licença, levarei Sor Osney Kettleblack comigo. O pequeno conselho quererá interrogá-lo, e ouvir pessoalmente as suas acusações.

— Não — disse o Alto Septão.

Foi apenas uma palavra, uma pequena palavra, mas Cersei sentiu-a como um balde de água gelada na cara. Pestanejou, e a sua convicção oscilou, só um pouco.

— Sor Osney ficará preso em segurança, garanto-vos.

— Ele está preso em segurança aqui. Vinde. Eu mostro-vos.

Cersei sentia os olhos dos Sete fixos nela, olhos de jade, malaquite e ónix, e um súbito arrepio de medo atravessou-a, frio como gelo. *Eu sou a rainha*, disse a si própria. *Filha do Lorde Tywin*. Relutantemente, seguiu-o.

Sor Osney não estava longe. O aposento era escuro, e fechado por uma pesada porta de ferro. O Alto Septão exibiu a chave que a abria, e desprendeu um archote de uma parede para iluminar a sala.

— Fazei favor de entrar, Vossa Graça.

Lá dentro, Osney Kettleblack pendia do tecto, nu, balançando de um par de pesadas correntes de ferro. Fora chicoteado. As suas costas e ombros tinham sido deixados quase sem pele, e golpes e vergões também lhe rendilhavam as pernas e o traseiro.

A rainha quase não conseguiu suportar olhá-lo. Virou-se para o Alto Septão.

— O que *fizestes*?

— Procurámos a verdade, e com grande zelo.

— Ele disse-vos a verdade. Veio ter convosco de livre vontade e confessou os seus pecados.

— Pois. Ele fez isso. Já ouvi muitos homens confessar, Vossa Graça, mas raramente ouvi um homem tão contente por ser tão culpado.

— *Chicoteaste-lo*!

— Não pode haver penitência sem dor. Ninguém deve poupar-se ao castigo, como eu disse a Sor Osney. Raramente me sinto tão próximo de deus como quando estou a ser chicoteado pela minha maldade, embora os meus pecados mais escuros não cheguem nem perto do negrume dos dele.

— M-mas — gaguejou — vós pregais a misericórdia da Mãe…

— Sor Osney saboreará esse doce leite na vida após a morte. Está escrito na *Estrela de Sete Pontas* que todos os pecados podem ser perdoados, mas os crimes devem ser punidos na mesma. Osney Kettleblack é culpado de traição e assassínio, e a pena pela traição é a morte.

Ele é só um sacerdote, não pode fazer isto.

— Não cabe à Fé condenar um homem à morte, seja qual for o seu delito.

— Seja qual for o seu delito. — O Alto Septão repetiu lentamente as palavras, pesando-as. — É estranho afirmá-lo, Vossa Graça, mas quanto mais diligentemente aplicávamos o chicote, mais os delitos de Sor Osney pareciam mudar. Ele agora quer fazer-nos crer que nunca tocou em Margaery Tyrell. Não é verdade, Sor Osney?

Osney Kettleblack abriu os olhos. Quando viu a rainha ali à sua frente, passou a língua pelos lábios inchados e disse:

— A Muralha. Prometestes-me a Muralha.

— Está louco — disse Cersei. — Levaste-lo à loucura.

— Sor Osney — disse o Alto Septão, numa voz firme e clara — tivestes contactos carnais com a rainha?

— Sim — As correntes retiniram levemente quando Osney se torceu nas suas grilhetas. — Com essa aí. Foi ela a rainha que fodi, e a que me mandou matar o antigo Alto Septão. O homem não tinha guardas. Limitei-me a entrar quando ele dormia e empurrei-lhe uma almofada contra a cara.

Cersei rodopiou sobre si própria, e fugiu.

O Alto Septão tentou apanhá-la, mas era um pardal velho e ela uma leoa do Rochedo. Empurrou-o para o lado e atravessou a porta de rompante, fechando-a atrás de si com um *clang*. *Os Kettleblack, preciso dos Kettleblack, enviarei Osfryd com os homens de mantos dourados e Osmund com a Guarda Real, Osney negará tudo assim que o libertem, e eu livro-me do Alto Septão como me livrei do outro.* As quatro velhas septãs bloquearam-lhe a passagem e tentaram agarrá-la com as suas mãos encarquilhadas. Atirou uma ao chão, arranhou a cara de outra, e chegou à escada. A meio da subida, lembrou-se de Taena Merryweather. A recordação fê-la tropeçar, arquejante. *Que os Sete me salvem*, orou. *Taena sabe de tudo. Se também a apanharem, e a chicotearem…*

Conseguiu fugir até ao septo, mas não foi mais longe. Havia aí mulheres à sua espera, mais septãs e também irmãs silenciosas, mais novas do que as quatro velhas lá de baixo.

— Eu sou a *rainha* — gritou, recuando para longe delas. — Mandarei decapitar-vos por isto, mandarei decapitar-vos a todos. Deixai-me passar. — Em vez disso, puseram-lhe as mãos em cima. Cersei fugiu para o altar da Mãe, mas apanharam-na aí, uma vintena delas, e arrastaram-na, a espernear, pelas escadas da torre acima. Dentro da cela, três irmãs silenciosas seguraram-na enquanto uma septã chamada Scolera a despia por completo. Até lhe levou a roupa interior. Outra septã atirou-lhe um vestido de tecido grosseiro. — Não podeis fazer isto — não parava de lhes gritar a rainha. — Sou uma Lannister, largai-me, o meu irmão matar-vos-á, Jaime abrir-vos-á da garganta à cona, *largai-me*! Eu sou *a rainha*!

— A rainha devia rezar — disse a Septã Scolera, antes de a deixarem nua na cela fria e desolada.

Cersei não era a dócil Margaery Tyrell, para enfiar o seu vestidinho e submeter-se a um tal cativeiro. *Ensinar-lhes-ei o que significa pôr um leão numa jaula*, pensou. Rasgou o vestido em cem bocados, descobriu um jarro de água e esmagou-o contra a parede, e então fez o mesmo ao penico. Quando ninguém apareceu, pôs-se a dar murros na porta. A escolta que trouxera estava lá em baixo, na praça: dez guardas Lannister e Sor Boros Blount. *Quando me ouvirem virão buscar-me e arrastarão o maldito Alto Pardal para a Fortaleza Vermelha, a ferros.*

Gritou, atirou pontapés e uivou até lhe doer a garganta, à porta e à janela. Ninguém gritou em resposta, nem a veio salvar. A cela começou a escurecer. Também estava a ficar frio. Cersei pôs-se a tremer. *Como podem deixar-me assim, sem sequer um fogo? Eu sou a sua rainha*. Começou a sentir-se arrependida de ter rasgado o vestido que lhe tinham dado. Havia uma manta na enxerga do canto, uma coisa puída de fina lã castanha. Era áspera e fazia comichão, mas era tudo o que tinha. Cersei aninhou-se debaixo da manta para evitar tremer, e não muito depois caiu num sono exausto.

Quando voltou a si, uma mão pesada sacudia-a para a acordar. Estava um negro de breu dentro da cela, e uma mulher enorme e feia estava ajoelhada por cima dela, com uma vela na mão.

— Quem sois? — quis saber a rainha. — Viestes libertar-me?

— Sou a Septã Unella. Vim ouvir-vos contar tudo sobre os vossos assassínios e fornicações.

Cersei afastou-lhe a mão com uma palmada.

— Mandarei cortar-te a cabeça. Não ouses tocar-me. Vai-te embora.

A mulher ergueu-se.

— Vossa Graça. Voltarei dentro de uma hora. Talvez então estejais pronta a confessar.

Uma hora e uma hora e uma hora. Assim passou a mais longa noite que Cersei Lannister alguma vez conhecera, à excepção da noite do casamento de Joffrey. Tanto lhe doía a garganta de gritar que quase não conseguia engolir. A cela ficou gelada. Partira o penico, de modo que teve de se

acocorar a um canto para verter águas e vê-las escorrer pelo chão. De cada vez que fechava os olhos, Unella aparecia de novo por cima dela, abanando-a e perguntando-lhe se queria confessar os seus pecados.

Com o dia não veio qualquer alívio. A Septã Moelle trouxe-lhe uma tigela de uma papa de aveia aguada e cinzenta ao nascer do Sol. Cersei atirou-lha à cabeça. Mas quando trouxeram um novo jarro de água tinha tanta sede que não teve alternativa que não fosse beber. Quando trouxeram outro vestido, cinzento, fino e a cheirar a bolor, envergou-o sobre a sua nudez. E nessa noite, quando Moelle voltou a aparecer, comeu o pão e o peixe e exigiu vinho para os empurrar para baixo. Não apareceu qualquer vinho, só a Septã Unella, a fazer a sua visita horária para perguntar se a rainha estava pronta a confessar.

O que pode estar a acontecer?, perguntou Cersei a si própria quando a fina fatia de céu que se via da sua janela começou de novo a escurecer. *Porque foi que ninguém veio arrancar-me daqui?* Não conseguia acreditar que os Kettleblack abandonassem o irmão. O que estava o seu conselho a fazer? *Cobardes e traidores. Quando sair daqui, mandarei decapitar o bando inteiro, e arranjarei homens melhores para os seus lugares.*

Por três vezes, nesse dia, ouviu os sons de gritos distantes a erguer-se da praça, mas era o nome de Margaery que a multidão gritava, não o seu.

Era perto da aurora do segundo dia e Cersei lambia o resto das papas do fundo da tigela quando a porta da sua cela se abriu inesperadamente para deixar entrar o Lorde Qyburn. Foi com dificuldade que resistiu à tentação de se lhe atirar aos braços.

— Qyburn — murmurou — oh, deuses, estou tão satisfeita por ver a vossa cara. Levai-me para casa.

— Isso não será permitido. Devereis ser julgada perante um tribunal sagrado de sete, por assassínio, traição e fornicação.

Cersei estava tão exausta que as palavras lhe pareceram a princípio não fazer sentido.

— Tommen. Falai-me do meu filho. Ele ainda é rei?

— É, Vossa Graça. Está bem e em segurança no interior das muralhas da Fortaleza de Maegor, protegido pela Guarda Real. Mas sente-se só. Pergunta por vós e pela sua pequena rainha. Por enquanto, ninguém lhe falou de… do vosso…

— … das minhas dificuldades? — sugeriu Cersei. — Então e Margaery?

— Deverá também ser julgada, pelo mesmo tribunal que conduzir o vosso julgamento. Mandei entregar o Bardo Azul ao Alto Septão, como Vossa Graça ordenou. Está agora aqui, algures abaixo de nós. Os meus informadores dizem-me que estão a chicoteá-lo, mas por enquanto continua a cantar a mesma doce canção que lhe ensinámos.

A mesma doce canção. Tinha a cabeça embotada por falta de sono. *Wat, o verdadeiro nome dele é Wat*. Se os deuses fossem bons, Wat podia morrer sob o látego, deixando Margaery sem qualquer maneira de provar que o seu testemunho era falso.

— Onde estão os meus cavaleiros? Sor Osfryd… o Alto Septão pretende matar-lhe o irmão Osney, os seus homens de mantos dourados têm de…

— Osfryd Kettleblack já não comanda a Patrulha da Cidade. O rei destituiu-o do cargo e nomeou para o seu lugar o capitão do Portão do Dragão, um certo Humfrey Waters.

Cersei estava tão cansada, que nada daquilo fazia qualquer sentido.

— Porque haveria Tommen de fazer isso?

— O rapaz não tem culpa. Quando o seu conselho lhe põe um decreto na frente, assina o seu nome e apõe-lhe o selo.

— O meu conselho… quem? Quem faria isso? Vós não?

— Infelizmente, fui demitido do conselho, embora por enquanto me permitam que continue o meu trabalho com os informadores do eunuco. O reino está a ser governado por Sor Harys Swyft e pelo Grande Meistre Pycelle. Enviaram um corvo para Rochedo Casterly, convidando o vosso tio a regressar à corte e assumir a regência. Se ele quiser aceitar, é bom que se apresse. Mace Tyrell abandonou o cerco de Ponta Tempestade e marcha de regresso à cidade com o seu exército, e há relatos de que Randyll Tarly vem também a caminho, a partir de Lagoa da Donzela.

— O Lorde Merryweather concordou com isto?

— Merryweather demitiu-se do seu lugar no conselho e fugiu para Mesalonga com a esposa, que foi quem primeiro nos trouxe a notícia de… das acusações… contra Vossa Graça.

— Deixaram ir Taena. — Aquela era a melhor coisa que ouvia desde que o Alto Pardal dissera não. Taena poderia tê-la condenado. — E o Lorde Waters? Os seus navios… se ele trouxer as tripulações para terra, deve ter homens suficientes para…

— Assim que a notícia dos actuais problemas de Vossa Graça chegou ao rio, o Lorde Waters içou as velas, pôs os remos na água e levou a frota para o mar. Sor Harys teme que ele tencione juntar-se ao Lorde Stannis. Pycelle crê que ele se dirige aos Degraus, para se estabelecer como pirata.

— Todos os meus lindos dromones. — Cersei quase se riu. — O senhor meu pai costumava dizer que os bastardos eram traiçoeiros por natureza. Gostaria de lhe ter dado ouvidos. — Estremeceu. — Estou perdida, Qyburn.

— Não. — Ele pegou-lhe na mão. — Ainda há esperança. Vossa Graça tem o direito de provar a vossa inocência pela batalha. Minha rainha, o vosso campeão está a postos. Não há homem em todos os Sete Reinos que tenha esperança de lhe fazer frente. Se désseis a ordem…

Daquela vez riu mesmo. Era engraçado, terrivelmente engraçado, hediondamente engraçado.

— Os deuses transformaram em gracejos todas as nossas esperanças e planos. Tenho um campeão que ninguém pode derrotar, mas estou proibida de o usar. Eu sou a *rainha*, Qyburn. A minha honra só pode ser defendida por um Irmão Ajuramentado da Guarda Real.

— Estou a ver. — O sorriso morreu na cara de Qyburn. — Vossa Graça, não sei o que dizer. Não sei como vos aconselhar…

Mesmo no seu estado exausto e assustado, a rainha sabia que não se atrevia a confiar o seu destino a um tribunal de pardais. Tampouco podia contar com a intervenção de Sor Kevan, depois das palavras que tinham sido trocadas entre ambos, da última vez que se haviam encontrado. *Terá de ser julgamento pela batalha. Não há outra maneira*.

— Qyburn, pelo amor que me tendes, suplico-vos, enviai uma mensagem em meu nome. Um corvo, se puderdes. Se não, um mensageiro a cavalo. Deveis enviá-la para Correrrio, para o meu irmão. Contai-lhe o que aconteceu, e escrevei… escrevei…

— Sim, Vossa Graça?

Cersei lambeu os lábios, tremendo.

— Vem imediatamente. Ajuda-me. Salva-me. Preciso agora de ti como nunca antes precisei. Amo-te. Amo-te. Amo-te. *Vem imediatamente*.

— Às vossas ordens. Três vezes "amo-te"?

— Três vezes. — Tinha de chegar até ele. — Ele virá. Eu sei que sim. Tem de vir. Jaime é a minha única esperança.

— Minha rainha — disse Qyburn — vós… esqueceste-vos? Sor Jaime não tem mão da espada. Se lutar por vós e perder…

Deixaremos este mundo juntos, como chegámos a ele um dia.

— Ele não perderá. Jaime não. Não com a minha vida em jogo.

OceanofPDF.com

JAIME

O novo Senhor de Correrrio estava tão zangado que tremia.

— Fomos enganados — disse. — Este homem vigarizou-nos! — Perdigotos cor-de-rosa voavam dos seus lábios enquanto espetava um dedo em Edmure Tully. — Quero a sua cabeça! Eu governo em Correrrio, por decreto do próprio rei, eu…

— Emmon — disse a esposa — o Senhor Comandante conhece o decreto do rei. Sor Edmure conhece o decreto do rei. Os moços de estrebaria conhecem o decreto do rei.

— *O senhor sou eu, e vou ter a cabeça dele!*

— Por que crime? — Apesar de estar tão magro, Edmure ainda tinha um aspecto mais senhorial do que Emmon Frey. Trazia um gibão acolchoado de lã vermelha com uma truta saltante bordada no peito. As botas eram negras, as bragas azuis. O seu cabelo ruivo fora lavado e cortado, a sua barba vermelha cortada curta. — Fiz tudo aquilo que me foi pedido.

— Ah sim? — Jaime Lannister não dormira desde que Correrrio abrira os portões, e tinha a cabeça a latejar. — Não me lembro de vos pedir para deixardes Sor Brynden escapar.

— Exigistes-me que entregasse o castelo, não o meu tio. Será culpa minha que os vossos homens o tenham deixado esgueirar-se através das suas linhas de cerco?

Jaime não estava divertido.

— *Onde está ele?* — disse, deixando transparecer a irritação que sentia. Os seus homens tinham revolvido por três vezes Correrrio, e Brynden Tully não fora encontrado em lado nenhum.

— Ele não chegou a dizer-me para onde tencionava ir.

— E vós não perguntastes. Como foi que ele saiu?

— Os peixes nadam. Até os negros. — Edmure sorriu.

Jaime sentiu-se fortemente tentado a esmurrar-lhe a boca com a mão de ouro. Alguns dentes em falta poriam fim aos seus sorrisos. Para um homem

que ia passar o resto da vida como prisioneiro, Edmure estava demasiado contente consigo próprio.

— Temos masmorras por baixo de Rochedo Casterly que servem tão bem a um homem como uma armadura. Nelas não podeis virar-vos, sentar-vos ou chegar aos pés quando as ratazanas começam a roer-vos os dedos. Gostaríeis de reformular essa resposta?

O sorriso do Lorde Edmure sumiu-se.

— Destes-me a vossa palavra de que seria tratado com honra, como é próprio do meu estatuto.

— E sereis — disse Jaime. — Cavaleiros mais nobres do que vós morreram a choramingar nessas masmorras, e muitos grandes senhores também. Até um ou dois reis, se bem recordo a história. A vossa esposa pode ficar com outra ao lado da vossa, se quiserdes. Não gostaria de vos separar.

— Ele nadou mesmo — disse Edmure, carrancudo. Tinha os mesmos olhos azuis da irmã Catelyn, e Jaime viu aí a mesma repugnância que vira um dia nos dela. — Erguemos a porta levadiça do Portão da Água. Não toda, só cerca de um metro. O suficiente para abrir uma frincha debaixo de água, embora o portão continuasse a parecer estar fechado. O meu tio é um bom nadador. Depois de escurecer enfiou-se por baixo dos espigões.

E da mesma forma se esgueirou por baixo da nossa represa flutuante, sem dúvida. Uma noite sem luar, guardas aborrecidos, um peixe negro num rio negro a flutuar em silêncio, corrente abaixo. Se Ruttiger, Yew ou qualquer um dos seus homens ouviu um ruído de água, tê-lo-á atribuído a uma tartaruga ou a uma truta. Edmure esperara a maior parte do dia antes de arriar o lobo gigante de Stark em sinal de rendição. Na confusão que envolvera a passagem do castelo de umas mãos para as outras, fora só na manhã seguinte que Jaime fora informado de que o Peixe Negro não se encontrava entre os prisioneiros.

Dirigiu-se à janela e estendeu o olhar pelo rio. Estava um luminoso dia de Outono, e o sol brilhava nas águas. *Por esta altura, o Peixe Negro pode estar dez léguas para jusante.*

— Temos de o encontrar — insistiu Emmon Frey.

— Ele será encontrado. — Jaime falou com uma certeza que não sentia. — tenho cães de caça e caçadores em busca do seu rasto neste preciso instante. — Sor Addam Marbrand liderava as buscas na margem sul do rio, Sor Dermot da Mata de Chuva na margem norte. Pensara em envolver também os senhores do rio, mas era mais provável que Vance, Piper e os da sua laia ajudassem o Peixe Negro a escapar do que o pusessem a ferros. Contas feitas, não se sentia esperançoso. — Ele pode fugir-nos durante algum tempo — disse — mas acabará por ter de vir à superfície.

— E se ele tentar tomar o meu castelo de volta?

— Tendes uma guarnição de duzentos homens. — Uma guarnição grande demais, na verdade, mas o Lorde Emmon tinha um temperamento ansioso. Pelo menos não teria problemas em alimentá-la; o Peixe Negro deixara Correrrio amplamente aprovisionado, tal como dissera. — Depois do esforço que Sor Brynden fez para nos deixar, duvido que volte a aparecer. — *A menos que esteja à cabeça de um bando de foras-da-lei*. Não duvidava de que o Peixe Negro pretendia continuar o combate.

— Isto é a tua propriedade — disse a Senhora Genna ao marido. — Cabe a ti defendê-la. Se não conseguires fazê-lo, passa-a pelo archote e corre de regresso ao Rochedo.

O Lorde Emmon esfregou a boca. A mão veio vermelha e viscosa da folhamarga.

— Com certeza. Correrrio é meu, e nunca ninguém mo tirará. — Deitou a Edmure Tully um último olhar desconfiado, enquanto a Senhora Genna o arrastava para fora do aposento privado.

— Há mais alguma coisa que desejeis dizer-me? — perguntou Jaime a Edmure quando os dois ficaram sós.

— Isto é o aposento privado do meu pai — disse o Tully. — Governou as terras fluviais a partir daqui, com sabedoria e competência. Gostava de se sentar junto àquela janela. A luz ali era boa, e sempre que levantava os olhos do seu trabalho via o rio. Quando sentia os olhos cansados, pedia a Cat que lhe lesse em voz alta. O Mindinho e eu construímos uma vez um

castelo de blocos de madeira, ali ao lado da porta. Nunca sabereis como ver-vos nesta sala me deixa doente, Regicida. Nunca sabereis como vos desprezo.

Quanto àquilo, enganava-se.

— Já fui desprezado por homens melhores do que vós, Edmure. — Jaime chamou um guarda. — Leva sua senhoria de volta à sua torre, e assegura-te de que é alimentado.

O Senhor de Correrrio saiu em silêncio. Na manhã seguinte arrancaria para oeste. Sor Forley Prester comandaria a sua escolta; cem homens, incluindo vinte cavaleiros. *É melhor duplicar esse número. O Lorde Beric pode tentar libertar Edmure antes de chegarem ao Dente Dourado*. Jaime não queria ter de capturar o Tully pela terceira vez.

Regressou à cadeira de Hoster Tully, pegou no mapa do Tridente e alisou-o sob a mão dourada. *Para onde iria eu, se fosse o Peixe Negro?*

— Senhor Comandante? — Um guarda estava à porta aberta. — A Senhora Westerling e a filha estão lá fora, conforme ordenastes.

Jaime pôs o mapa de lado.

— Manda-as entrar. — *Ao menos a rapariga não desapareceu também*. Jeyne Westerling fora a rainha de Robb Stark, a rapariga que lhe custara tudo. Com um lobo na barriga, podia ter-se mostrado mais perigosa do que o Peixe Negro.

Não parecia perigosa. Jeyne era uma rapariga esbelta, com não mais que quinze ou dezasseis anos, mais desajeitada do que graciosa. Tinha ancas estreitas, seios do tamanho de maçãs, uma grenha de caracóis castanhos, e os suaves olhos castanhos de uma corça. *Bastante bonita para uma criança*, decidiu Jaime, *mas não é rapariga por quem perder um reino*. Tinha a cara inchada, e havia uma crosta na sua testa, meio escondida por uma madeixa de cabelo castanho.

— O que aconteceu aí? — perguntou-lhe Jaime.

A rapariga virou a cabeça para o lado.

— Não é nada — insistiu a mãe, uma mulher de cara severa com um vestido de veludo verde. Um colar de conchas de ouro envolvia-lhe o longo

e magro pescoço. — Ela não queria abrir mão da coroazinha que o rebelde lhe deu, e quando tentei tirar-lha da cabeça, a teimosa da miúda resistiu.

— Era minha — soluçou Jeyne. — Não tínheis direito. O Robb mandou fazê-la para mim. Eu *amava*-o.

A mãe fez tenção de a esbofetear, mas Jaime interpôs-se entre as duas.

— Não quero cá disso — avisou a Senhora Sybell. — Sentai-vos, ambas. — A rapariga enrolou-se na cadeira como um animal assustado, mas a mãe sentou-se rigidamente, de cabeça erguida. — Quereis vinho? — perguntou-lhes. A rapariga não respondeu.

— Não, obrigada — disse a mãe.

— Como quiserdes. — Jaime virou-se para a filha. — Lamento a vossa perda. O rapaz tinha coragem, admito. Há uma pergunta que tenho de vos fazer. Estais à espera de um filho dele, senhora?

Jeyne saltou da cadeira e teria fugido da sala se o guarda que se encontrava à porta não a tivesse segurado pelo braço.

— Não está — disse a Senhora Sybell, enquanto a filha lutava por se escapar. — Eu assegurei-me disso, como o senhor vosso pai me pediu.

Jaime anuiu com a cabeça. Tywin Lannister não era homem para não prestar atenção a esses detalhes.

— Larga a rapariga — disse — já não preciso dela, por agora. — Enquanto Jeyne fugia, aos soluços, pela escada acima, examinou a mãe. — A Casa Westerling tem o seu perdão, e o vosso irmão Rolph foi nomeado Senhor de Castamere. Que mais quereis de nós?

— O senhor vosso pai prometeu-me casamentos meritórios para Jeyne e para a irmã mais nova. Senhores ou herdeiros, jurou-me ele, não irmãos mais novos nem cavaleiros domésticos.

Senhores ou herdeiros. Com certeza. Os Westerling eram uma Casa antiga e orgulhosa, mas a própria Senhora Sybell nascera Spicer, numa linhagem de mercadores enobrecidos. A avó fora uma espécie qualquer de bruxa meio louca vinda do leste, segundo julgava recordar. E os Westerling estavam empobrecidos. Filhos mais novos teriam sido o melhor a que as filhas de Sybell Spicer poderiam ter almejado numa situação normal, mas

um bom e gordo pote de ouro Lannister faria até a viúva de um rebelde morto parecer atraente aos olhos de algum senhor.

— Tereis os vossos casamentos — disse Jaime — mas Jeyne tem de esperar dois anos completos antes de voltar a casar. — Se a rapariga tomasse outro esposo cedo demais e tivesse um filho dele, surgiriam inevitavelmente rumores de que o pai era o Jovem Lobo.

— Também tenho dois filhos — fez-lhe lembrar a Senhora Westerling. — Rollam está comigo, mas Raynald era cavaleiro e foi com os rebeldes para as Gémeas. Se eu tivesse sabido o que ia acontecer aí, nunca teria permitido tal coisa. — Havia uma sugestão de censura na sua voz. — Raynald nada sabia de… do entendimento com o senhor vosso pai. Ele pode estar cativo nas Gémeas.

Ou pode estar morto. Walder Frey também não teria sabido do *entendimento*.

— Irei investigar. Se Sor Raynald ainda estiver cativo, pagaremos o seu resgate em vosso nome.

— Foi mencionada a ideia de arranjar uma união também para ele. Uma noiva de Rochedo Casterly. O senhor vosso pai disse que Raynald deveria ficar feliz, se tudo decorresse como esperava.

Mesmo desde a cova, a mão morta do Lorde Tywin move-nos a todos.

— Felity é filha ilegítima do meu falecido tio Gerion. Um noivado pode ser combinado, se for esse o vosso desejo, mas o casamento terá de esperar. Felity tinha nove ou dez anos da última vez que a vi.

— Filha *ilegítima*? — A Senhora Sybell pareceu ter acabado de engolir um limão. — Quereis que um Westerling case com uma *bastarda*?

— Não o desejo mais do que ver Felity casada com o filho de uma cadela intriguista e traiçoeira. Ela merece melhor. — Jaime teria estrangulado alegremente a mulher com o seu colar de conchas. Felity era uma criança adorável, ainda que solitária; o pai fora o tio preferido de Jaime. — A vossa filha vale dez vezes mais do que vós, senhora. Amanhã partireis com Edmure e Sor Forley. Até lá faríeis bem em ficar longe da minha vista. — Gritou por um guarda, e a Senhora Sybell saiu com os lábios firmemente

apertados. Jaime teve de perguntar a si próprio quanto saberia o Lorde Gawen das intrigas da mulher. *Quanto sabemos nós, os homens, seja quando for?*

Quando Edmure e os Westerling partiram, quatrocentos homens seguiram com eles; Jaime voltara a duplicar a escolta no último instante. Acompanhou-os ao longo de algumas milhas, para conversar com Sor Forley Prester. Embora trouxesse uma cabeça de touro no sobretudo e cornos no elmo, Sor Forley não poderia ser menos bovino. Era um homem baixo, seco e endurecido. Com o seu nariz achatado, a careca e a barba castanha encanecida, parecia-se mais com um estalajadeiro do que com um cavaleiro.

— Não sabemos onde está o Peixe Negro — fez-lhe lembrar Jaime — mas se tiver oportunidade de libertar Edmure, fá-lo-á.

— Isso não acontecerá, senhor. — Tal como a maioria dos estalajadeiros, Sor Forley não era tolo nenhum. — Batedores e guardas-avançados ocultarão a nossa marcha, e fortificaremos os acampamentos durante a noite. Escolhi dez homens para ficar com o Tully de dia e de noite, os meus melhores arqueiros. Se ele sair da estrada nem que seja dez centímetros, dispararão tantas setas sobre ele que a própria mãe o confundirá com um ganso.

— Óptimo. — Jaime preferiria que o Tully chegasse a salvo a Rochedo Casterly, mas antes morto do que em fuga. — É melhor manterdes também alguns arqueiros por perto da filha do Lorde Westerling.

Sor Forley pareceu surpreendido.

— A filha de Gawen? Ela é…

— … a viúva do Jovem Lobo — concluiu Jaime — e duas vezes mais perigosa do que Edmure, se alguma vez nos fugir.

— Às vossas ordens, senhor. Ela será vigiada.

Jaime teve de passar a meio galope pelos Westerling ao percorrer a coluna de regresso a Correrrio. O Lorde Gawen acenou-lhe gravemente quando passou, mas a Senhora Sybell olhou através dele com olhos que eram como lascas de gelo. Jeyne não chegou a vê-lo. A viúva seguia de

olhos baixos, aninhada sob um manto com capuz. Sob as pesadas dobras do manto, as suas roupas eram finas mas estavam rasgadas. *Rasgou-as ela própria, em sinal de luto*, compreendeu Jaime. *Isso não pode ter agradado à mãe*. Deu por si curioso em saber se Cersei rasgaria o vestido se alguma vez lhe dissessem que ele estava morto.

Em vez de regressar de imediato ao castelo atravessou uma vez mais o Pedregoso para fazer uma visita a Edwyn Frey e discutir a transferência dos prisioneiros do bisavô. A hoste Frey começara a desagregar-se horas depois da rendição de Correrrio, à medida que os vassalos e cavaleiros livres do Lorde Walder iam desmontando os acampamentos para se dirigirem para casa. Os Frey que ainda restavam estavam a preparar-se para partir, mas foi encontrar Edwyn com o tio bastardo no pavilhão deste último.

Os dois estavam debruçados sobre um mapa, discutindo acaloradamente, mas calaram-se quando Jaime entrou.

— Senhor Comandante — disse Rivers com fria cortesia, mas Edwyn exclamou:

— O sangue do meu pai está nas vossas mãos, sor.

Aquilo apanhou Jaime de surpresa.

— Como assim?

— Fostes vós quem o mandou para casa, não fostes?

Alguém tinha de o fazer.

— Aconteceu algum percalço a Sor Ryman?

— Foi enforcado com toda a sua comitiva — disse Walder Rivers. — Os foras-da-lei apanharam-nos duas léguas a sul de Feirajusta.

— Dondarrion?

— Ou ele ou Thoros, ou aquela mulher, Coração de Pedra.

Jaime franziu o sobrolho. Ryman Frey fora um idiota, um cobarde e um bebedolas, e não era provável que alguém sentisse muitas saudades do homem, em particular os outros Frey. Se os olhos secos de Edwyn eram indicação de algo, nem mesmo os seus próprios filhos fariam luto por ele durante muito tempo. *Mesmo assim… estes foras-da-lei estão a tornar-se*

arrojados, se se atrevem a enforcar o herdeiro de Lorde Walder a menos de um dia a cavalo das Gémeas.

— Quantos homens tinha Sor Ryman consigo? — perguntou.

— Três cavaleiros e uma dúzia de homens de armas — disse Rivers. — É quase como se soubessem que ele ia regressar às Gémeas, e com uma escolta pequena.

A boca de Edwyn torceu-se.

— O meu irmão está metido nisto, aposto. Ele deixou os foras-da-lei escapar depois de terem assassinado Merrett e Petyr, e o motivo é este. Com o nosso pai morto, só resto eu entre o Walder Negro e as Gémeas.

— Não tens prova nenhuma disso — disse Walder Rivers.

— Não preciso de provas. Conheço o meu irmão.

— O teu irmão está em Guardamar — insistiu Rivers. — Como poderia ele ter sabido que Sor Ryman ia regressar às Gémeas?

— Alguém lhe disse — disse Edwyn em tom amargo. — Podes ter a certeza de que ele tem espiões seus no nosso acampamento.

E tu tens dos teus em Guardamar. Jaime sabia que a inimizade entre Edwyn e o Walder Negro era profunda, mas qual deles sucedia ao avô como Senhor da Travessia não lhe interessava a ponta dum chavelho.

— Se me perdoardes por me intrometer na vossa dor — disse secamente — temos outros assuntos a ponderar. Quando regressardes às Gémeas, informai, por favor, o Lorde Walder de que o Rei Tommen exige todos os cativos que aprisionastes no Casamento Vermelho.

Sor Walder franziu o sobrolho.

— Esses prisioneiros são valiosos, sor.

— Sua Graça não os pediria se fossem inúteis.

Frey e Rivers trocaram um olhar. Edwyn disse:

— O senhor meu avô esperará uma recompensa por esses prisioneiros.

E tê-la-á, assim que me cresça uma nova mão, pensou Jaime.

— Todos nós temos esperanças — disse com brandura. — Dizei-me, Sor Raynald Westerling conta-se entre esses cativos?

— O cavaleiro das conchas? — Edwyn fez uma expressão de desprezo. — Esse ireis encontrar a alimentar os peixes no fundo do Ramo Verde.

— Ele estava no pátio quando os nossos homens foram abater o lobo gigante — disse Walder Rivers. — Whalen exigiu-lhe a espada e ele deu-lha com bastante docilidade, mas quando os besteiros começaram a encher o lobo de penas, pegou no machado de Whalen e libertou o monstro da rede que lhe tinham atirado para cima. Whalen diz que apanhou com um dardo no ombro e outro nas tripas, mas ainda conseguiu chegar ao adarve e atirar-se ao rio.

— Deixou um trilho de sangue nos degraus — disse Edwyn.

— Encontrastes o seu cadáver mais tarde? — perguntou Jaime.

— Encontrámos mil cadáveres mais tarde. Depois de passarem alguns dias no rio, ficam todos muito parecidos uns com os outros.

— Ouvi dizer que o mesmo acontece com os enforcados — disse Jaime, antes de se retirar.

Na manhã seguinte já pouco restava do acampamento Frey além de moscas, bosta de cavalo e o cadafalso de Sor Ryman, abandonado na margem do Pedregoso. O primo quis saber o que fazer com ele e com o equipamento de cerco que construíra, os aríetes, tartarugas, torres e trabucos. Daven propôs que arrastassem tudo para Corvarbor e o usassem aí. Jaime disse-lhe para passar tudo pelo archote, começando pelo cadafalso.

— Tenciono lidar em pessoa com o Lorde Tytos. Não será necessária uma torre de cerco.

Daven trespassou a espessa barba com um sorriso.

— Combate singular, primo? Não parece muito justo. Tytos é um velho grisalho.

Um velho grisalho com duas mãos.

Nessa noite ele e Sor Ilyn lutaram durante três horas. Foi uma das suas melhores noites. Se o combate fosse a sério, Payne só o teria morto por duas vezes. Meia dúzia de mortes eram mais a regra, e havia noites ainda piores.

— Se continuar com isto durante mais um ano, posso tornar-me tão bom como Peck — declarou Jaime, e Sor Ilyn soltou os estalidos que queriam dizer que estava divertido. — Vinde, vamos beber mais um pouco do bom vinho tinto de Hoster Tully.

O vinho tornara-se parte do seu ritual nocturno. Sor Ilyn era o companheiro de bebida perfeito. Nunca interrompia, nem pedia favores, nem contava longas histórias sem importância. Tudo o que fazia era beber e escutar.

— Eu devia mandar arrancar a língua a todos os meus amigos — disse Jaime enquanto lhes enchia as taças — e à minha família também. Uma Cersei silenciosa seria uma delícia. Embora eu fosse sentir falta da sua língua quando nos beijássemos. — E bebeu. O vinho era um tinto forte, doce e pesado. Aquecia-o ao descer. — Não me consigo lembrar de quando começámos a beijar-nos. A princípio foi inocente. Até deixar de ser. — Acabou o vinho e pôs a taça de parte. — Tyrion disse-me uma vez que a maior parte das rameiras não nos beijam. Fodem-nos até nos deixarem sem forças, disse ele, mas nunca sentimos os lábios delas nos nossos. Achais que a minha irmã beija o Kettleblack?

Sor Ilyn não respondeu.

— Não me parece que seria apropriado que eu mate o meu próprio Irmão Ajuramentado. O que tenho a fazer é castrá-lo e enviá-lo para a Muralha. Foi isso que fizeram com Lucamore, o Ardente. Sor Osmund pode não aceitar de bom grado a castração, é certo. E há os irmãos a ter em conta. Irmãos podem ser perigosos. Depois de Aegon, o Indigno, condenar Sor Terrence Toyne à morte por dormir com a sua amante, os irmãos de Toyne fizeram o melhor que puderam para o matar. O melhor que puderam não foi suficientemente bom, graças ao Cavaleiro do Dragão, mas não foi por falta de tentar. Está escrito no Livro Branco. Está lá tudo, menos o que fazer com Cersei.

Sor Ilyn passou um dedo pela garganta.

— Não — disse Jaime. — Tommen perdeu um irmão, e o homem em quem pensava como pai. Se eu lhe fosse matar a mãe, odiar-me-ia por

isso… e aquela sua querida esposa arranjaria maneira de orientar esse ódio para benefício de Jardim de Cima.

Sor Ilyn sorriu de um modo que não agradou a Jaime. *Um sorriso feio. Uma alma feia.*

— Falais demasiado — disse ao homem.

No dia seguinte, Sor Dermot da Mata de Chuva regressou ao castelo de mãos vazias. Quando lhe perguntaram o que encontrara, respondeu:

— Lobos. Milhares dos malditos bichos. — Perdera duas sentinelas para os lobos. Tinham saltado da escuridão para as atacar. — Homens armados revestidos de cota de malha e couro fervido, e mesmo assim as feras não tiveram medo deles. Antes de morrer, Jate disse que a alcateia era liderada por uma loba de um tamanho monstruoso. Um lobo gigante, ajuizando pelas suas palavras. Os lobos também penetraram nas nossas linhas de cavalos. Os malditos bastardos mataram o meu baio preferido.

— Um anel de fogueiras em volta do vosso acampamento poderia mantê-los afastados — disse Jaime, embora tivesse dúvidas. Poderia o lobo gigante de Sor Dermot ser o mesmo animal que atacara Joffrey perto do entroncamento?

Lobos ou não, Sor Dermot voltou a sair na manhã seguinte, com cavalos frescos e mais homens, a fim de reatar as buscas por Brynden Tully. Nessa mesma tarde, os senhores do Tridente vieram ter com Jaime para lhe pedir licença para regressarem às suas terras. Concedeu-a. O Lorde Piper também quis saber novidades do filho Marq.

— Todos os cativos serão resgatados — prometeu Jaime. Enquanto os senhores do rio se retiravam, o Lorde Karyl Vance deixou-se ficar para trás para dizer:

— Lorde Jaime, tendes de ir a Corvarbor. Enquanto for Jonos quem está junto dos seus portões, Tytos nunca se renderá, mas sei que dobrará o joelho perante vós. — Jaime agradeceu-lhe o conselho.

O Varrão Forte foi quem partiu em seguida. Queria regressar a Darry, conforme prometera, e dar combate aos foras-da-lei.

— Atravessámos metade do raio do reino, e para quê? Para que pudésseis fazer Edmure Tully mijar-se nas bragas? Não há nisso nenhuma canção. Preciso duma *luta*. Quero o Cão de Caça, Jaime. Ele ou o senhor das Marcas.

— A cabeça do Cão de Caça é vossa se conseguirdes apanhá-la — disse Jaime — mas Beric Dondarrion deve ser capturado vivo, para poder ser levado para Porto Real. A sua morte tem de ser vista por mil pessoas, senão não ficará morto. — O Varrão Forte respondeu àquilo com um resmungo, mas acabou por concordar. No dia seguinte partiu com o escudeiro e os homens de armas, além do Jon Imberbe Bettley, que decidira que caçar foras-da-lei era preferível a regressar para junto da esposa, famosa pela sua falta de beleza. Segundo se dizia, ela possuía a barba que faltava a Bettley.

Jaime ainda tinha de lidar com a guarnição. Até ao último homem, juraram que nada sabiam sobre os planos de Sor Brynden ou para onde ele teria ido.

— Estão a mentir — insistiu Emmon Frey, mas Jaime achava que não.

— Se não partilhardes os vossos planos com ninguém, ninguém pode trair-vos — fez notar. A Senhora Genna sugeriu que alguns dos homens podiam ser levados a interrogatório. Jaime recusou. — Eu dei a Edmure a minha palavra de que se se rendesse, a guarnição poderia partir sem ser incomodada.

— Isso foi cavalheiresco da tua parte — disse a tia — mas o que aqui é necessário é força, não cavalaria.

Pergunta a Edmure se eu sou cavalheiresco, pensou Jaime. *Pergunta-lhe sobre o trabuco*. De algum modo não lhe parecia que fosse provável que os meistres o confundissem com o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, quando escrevessem as histórias de ambos. Mesmo assim, sentia-se curiosamente satisfeito. A guerra estava praticamente ganha. Pedra do Dragão caíra e não duvidava de que Ponta Tempestade cairia em breve, e não importava que Stannis andasse pela Muralha. Os nortenhos não gostariam mais dele do que os senhores da tempestade. Se Roose Bolton não o destruísse, o Inverno fá-lo-ia.

E ele fizera a sua parte ali em Correrrio sem chegar a pegar em armas contra os Stark e os Tully. Depois de encontrar o Peixe Negro, ficaria livre para regressar a Porto Real, onde devia estar. *O meu lugar é com o meu rei. Com o meu filho*. Tommen quereria saber disso? A verdade custaria o trono ao rapaz. *Preferes ter um pai ou uma cadeira, rapaz?* Jaime desejava conhecer a resposta. *Ele gosta de apor o seu selo em papéis*. O rapaz podia nem sequer acreditar nele, certamente. Cersei diria que era mentira. *Minha querida irmã, a enganadora.* Teria de arranjar alguma forma de arrancar Tommen às suas garras antes que o rapaz se transformasse noutro Joffrey. E, já agora, devia arranjar outro pequeno conselho para o rapaz. *Se Cersei puder ser posta de lado, Sor Kevan pode concordar em servir como Mão de Tommen*. E se não concordasse, bem, os Sete Reinos não tinham falta de homens capazes. Forley Prester seria uma boa escolha, ou Roland Crakehall. Caso fosse necessário um homem que não fosse oriundo do oeste para aplacar os Tyrell, sempre havia Mathis Rowan… ou até Petyr Baelish. O Mindinho era tão amigável como esperto, mas o seu nascimento era demasiado baixo para constituir ameaça para qualquer um dos grandes senhores, dado não possuir contingente próprio. *O perfeito Mão.*

A guarnição Tully partiu na manhã seguinte, despida de todas as suas armas e armaduras. Cada homem foi autorizado a levar comida para três dias e a roupa que trazia no corpo, depois de prestar um juramento solene de nunca mais pegar em armas contra o Lorde Emmon ou a Casa Lannister.

— Se tiveres sorte, um em cada dez homens pode respeitar esse juramento — disse a Senhora Genna.

— Óptimo. Prefiro enfrentar nove homens a enfrentar dez. O décimo podia ser aquele que me mataria.

— Os outros nove matar-te-ão com igual rapidez.

— Antes isso do que morrer na cama. — *Ou na latrina*.

Dois homens decidiram não partir com os outros. Sor Desmond Grell, o antigo mestre de armas do Lorde Hoster, preferiu vestir o negro. O mesmo decidiu Sor Robin Ryger, o capitão da guarda de Correrrio.

— Este castelo foi o meu lar durante quarenta anos — disse Grell. — Vós dizeis que eu sou livre de partir, mas para onde? Sou velho e corpulento demais para dar em cavaleiro andante. Mas os homens são sempre bem-vindos na Muralha.

— Como quiserdes — disse Jaime, embora isso fosse um aborrecimento. Permitiu que ficassem com as armas e armaduras e destacou uma dúzia dos homens de Gregor Clegane para os escoltar para Lagoa da Donzela. Entregou o comando a Rafford, aquele a quem chamavam o Querido.

— Assegura-te de que os prisioneiros chegam a Lagoa da Donzela inteiros — disse ao homem — senão aquilo que Sor Gregor fez ao Bode parecerá uma engraçada partida comparada com o que te farei a ti.

Mais dias se passaram. O Lorde Emmon reuniu todo Correrrio no pátio, tanto a gente de Lorde Edmure, quanto a sua, e falou-lhes durante quase três horas sobre o que se esperava deles, agora que era Emmon o seu chefe e senhor. De vez em quando brandia o pergaminho, enquanto moços de estrebaria, criadas e ferreiros escutavam num silêncio taciturno e uma ligeira chuva caía sobre todos.

O cantor, aquele que Jaime obtivera de Sor Ryman Frey, também estava à escuta. Jaime deu com ele em pé numa portada aberta, onde estava seco.

— Sua senhoria devia ter sido cantor — disse o homem. — Este discurso é mais longo do que uma balada da Marca, e não me parece que ele tenha parado para respirar.

Jaime foi obrigado a rir.

— O Lorde Emmon não precisa de respirar, desde que consiga mastigar. Vais fazer uma canção disto?

— Uma engraçada. Vou chamar-lhe "Falando aos Peixes".

— Desde que não a toques onde a minha tia possa ouvi-la. — Jaime nunca antes prestara muita atenção ao homem. Era um tipo pequeno, vestido com umas bragas verdes esfarrapadas e uma túnica no fio, de um tom mais claro de verde, com remendos castanhos de couro a cobrir os buracos. O nariz era longo e aguçado, o sorriso grande e solto. Fino cabelo castanho caía-lhe até ao colarinho, emaranhado e sujo. *Uns cinquenta anos*,

pensou Jaime, *harpista ambulante e bem gasto pela vida*. — Não eras de Sor Ryman quando te encontrei? — perguntou.

— Só por quinze dias.

— Estava à espera que partisses com os Frey.

— Aquele ali em cima é um Frey — disse o cantor, indicando o Lorde Emmon com a cabeça — E este castelo parece um sítio bem aconchegado p'ra passar o Inverno. O Wat Sorriso-Branco foi p'ra casa com o Sor Forley, de modo que eu pensei em ver se conseguia ficar com o lugar dele. O Wat tem aquela voz aguda e doce que gente como eu não pode esperar igualar. Mas eu sei o dobro das canções picantes que ele sabe. Com a vossa licença, senhor.

— Deves dar-te magnificamente com a minha tia — disse Jaime. — Se esperas passar aqui o Inverno assegura-te de que a tua música agrada à Senhora Genna. É ela que importa.

— Vós não?

— O meu lugar é junto do rei. Não ficarei aqui por muito tempo.

— Lamento ouvir isso, senhor. Conheço canções melhores do que "As Chuvas de Castamere". Podia ter-vos tocado… oh, toda a espécie de coisas.

— Noutra altura qualquer — disse Jaime. — Tens nome?

— Tom de Seterrios, se aprouver ao senhor. — O cantor tirou o chapéu. — Mas a maior parte das pessoas chama-me Tom das Sete.

— Canta bem, Tom das Sete.

Nessa noite sonhou que estava de regresso ao Grande Septo de Baelor, ainda em vigília sobre o cadáver do pai. O septo estava em silêncio e mergulhado na escuridão, até que uma mulher emergiu das sombras e se dirigiu lentamente para o estrado.

— Irmã? — disse.

Mas não era Cersei. Estava toda vestida de cinzento, uma irmã silenciosa. Um capuz e um véu escondiam-lhe as feições, mas Jaime conseguia ver as velas a arder nas lagoas verdes dos seus olhos.

— Irmã — disse — que quereis de mim? — Esta última palavra ecoou por todo o septo, *mimmimmimmimmimmimmimmimmimmimmimmim*.

— Eu não sou tua irmã, Jaime. — A mulher ergueu uma mão suave e pálida e empurrou o capuz para trás. — Esqueceste-te de mim?

Posso esquecer-me de alguém que nunca conheci? As palavras ficaram-lhe presas na garganta. Ele *conhecia*-a, mas tinha-se passado tanto tempo…

— Também esquecerás o senhor teu pai? Pergunto a mim mesma se alguma vez o conheceste verdadeiramente. — Os olhos dela eram verdes, o cabelo ouro tecido. Jaime não seria capaz de dizer que idade a mulher tinha. *Quinze anos*, pensou, *ou cinquenta*. Subiu os degraus e parou junto do estrado. — Ele nunca conseguiu suportar que se rissem de si. Era isso que mais detestava.

— Quem sois vós? — Tinha de a ouvir dizê-lo.

— A questão é: quem és tu?

— Isto é um sonho.

— É? — Ela fez um sorriso triste. — Conta as mãos, pequeno.

Uma. Uma mão, apertada com força em volta do cabo da espada. Só uma.

— Nos meus sonhos, tenho sempre duas mãos. — Ergueu o braço direito e fitou sem compreender a fealdade do seu toco.

— Todos sonhamos com coisas que não podemos ter. Tywin sonhava que o filho seria um grande cavaleiro, que a filha seria rainha. Sonhava que seriam tão fortes, corajosos e belos que nunca ninguém se riria deles.

— Eu sou um cavaleiro — disse-lhe Jaime — e Cersei uma rainha.

Uma lágrima rolou pelo rosto da mulher. Voltou a erguer o capuz e virou-lhe as costas. Jaime gritou-lhe, mas já ela se afastava, com a saia a sussurrar canções de embalar ao raspar no chão. *Não me deixes*, quis gritar, mas claro que ela já os deixara há muito.

Acordou nas trevas, a tremer. O quarto tornara-se frio como gelo. Jaime afastou as mantas com o toco da mão da espada. Viu que o fogo na lareira se apagara, e a janela fora aberta pelo vento. Atravessou o aposento negro como breu, para ir lutar com as portadas, mas quando atingiu a janela, os seus pés nus encontraram algo húmido. Jaime recuou, momentaneamente

sobressaltado. O seu primeiro pensamento foi de sangue, mas o sangue não teria sido tão frio.

Era neve, caindo através da janela.

Em vez de fechar as portadas, escancarou-as. O pátio, em baixo, estava coberto por um fino manto branco, que se ia tornando mais espesso sob os seus olhos. Os merlões das ameias usavam capuzes brancos. Os flocos caíam em silêncio, pairando alguns pela janela para se irem derreter na sua cara. Jaime conseguia ver a sua respiração.

Neve nas terras fluviais. Se estava a nevar ali, podia perfeitamente estar também a nevar em Lanisporto, e em Porto Real. *O Inverno marcha para sul, e metade dos nossos celeiros estão vazios*. As sementeiras que ainda se encontrassem nos campos estavam perdidas. Não haveria mais plantações, nenhuma esperança de uma última colheita. Deu por si a perguntar a si próprio o que o pai faria para alimentar o reino, antes de se lembrar que Tywin Lannister estava morto.

Quando rompeu a manhã, a neve chegava ao tornozelo e era mais profunda no bosque sagrado, onde montes de neve tinham sido acumulados pelo vento sob as árvores. Escudeiros, moços de estrebaria e pajens de nascimento elevado tinham-se transformado de novo em crianças sob o seu frio feitiço branco, e travavam uma guerra de bolas de neve pelos pátios e ao longo das ameias. Jaime ouviu-os rir. Tinha havido uma época, não muito tempo antes, em que poderia ter estado lá fora a fazer bolas de neve com os melhores de entre eles, para as atirar a Tyrion quando se bamboleasse por perto, ou para enfiar pelas costas do vestido de Cersei. *Mas precisas de duas mãos para fazer uma bola de neve decente.*

Ouviu-se um leve toque na sua porta.

— Vê quem é, Peck.

Era o velho meistre de Correrrio, agarrando uma mensagem na mão enrugada e encarquilhada. O rosto de Vyman estava tão branco como a neve acabada de cair.

— Eu sei — disse Jaime — chegou um corvo branco da Cidadela. O Inverno chegou.

— Não, senhor. A ave veio de Porto Real. Tomei a liberdade… não sabia… — E estendeu-lhe a carta.

Jaime leu-a no banco de janela, banhado na luz daquela fria manhã branca. As palavras de Qyburn eram sóbrias e objectivas, as de Cersei febris e ferventes. *Vem imediatamente. Ajuda-me. Salva-me. Preciso agora de ti como nunca antes precisei. Amo-te. Amo-te. Amo-te. Vem imediatamente.*

Vyman pairava perto da porta, à espera, e Jaime sentiu que Peck também estava a observar.

— O senhor deseja responder? — perguntou o meistre, após um longo silêncio.

Um floco de neve caiu sobre a carta. Enquanto se derretia, a tinta começou a borrar. Jaime voltou a enrolar o pergaminho, apertando-o tanto quanto uma mão permitia, e entregou-o a Peck.

— Não — disse. — Põe isto no fogo.

OceanofPDF.com

SAMWELL

A parte mais perigosa da viagem foi a última. Os Estreitos Redwyne estavam repletos de dracares, tal como os tinham avisado em Tyrosh. Com o grosso da frota da Árvore do outro lado de Westeros, os homens de ferro tinham saqueado Porto Ryam e tomado Vilavinha e o Porto da Estrela do Mar, usando-os como bases para cair sobre a navegação com destino a Vilavelha.

Por três vezes foram avistados dracares do cesto da gávea. Porém, dois desses navios estavam muito longe, para trás, e o *Vento de Canela* rapidamente se distanciou deles. O terceiro surgiu perto do pôr-do-sol, tentando cortar-lhes a entrada na Enseada dos Murmúrios. Quando viram os seus remos a subir e descer, flagelando as águas acobreadas e deixando-as brancas, Kojja Mo mandou os seus arqueiros para os castelos de proa e popa, com os seus grandes arcos de amagodouro que eram capazes de enviar uma seta mais longe e com maior precisão do que até o teixo de Dorne. Esperou até o dracar chegar a uma distância de duzentos metros do navio-cisne antes de dar a ordem de largar. Sam largou com os outros, e daquela vez pareceu-lhe que a sua seta atingiu o navio. Um disparo bastou. O dracar virou de bordo para sul, em busca de presa mais dócil.

Um profundo ocaso azul estava a cair quando entraram na Enseada dos Murmúrios. Gilly pôs-se à proa com o bebé, fitando de boca aberta um castelo nas arribas.

— Três Torres — disse-lhe Sam — a sede da Casa Costayne. — Delineado contra as estrelas do princípio da noite, com luz de archotes a tremeluzir nas suas janelas, o castelo formava um magnífico quadro, mas vê-lo entristecia-o. A viagem estava quase no fim.

— É muito alto — disse Gilly.

— Espera até veres a Torralta.

O bebé de Dalla começou a chorar. Gilly abriu a túnica e deu o seio ao rapaz. Sorriu enquanto amamentava, e afagou-lhe o suave cabelo castanho. *Ela acabou por amar tanto este como aquele que deixou para trás*,

compreendeu Sam. Esperava que os deuses fossem gentis para com ambas as crianças.

Os homens de ferro tinham penetrado até nas águas abrigadas da Enseada dos Murmúrios. Ao chegar a manhã, enquanto o *Vento de Canela* continuava a avançar na direcção de Vilavelha, começou a colidir com cadáveres que eram empurrados pela corrente para o mar. Alguns dos corpos transportavam tripulações de corvos, que se erguiam no ar, protestando ruidosamente, quando o navio cisne perturbava as suas jangadas grotescamente inchadas. Campos carbonizados e aldeias queimadas surgiam nas margens, e os baixios e bancos de areia estavam semeados de navios desfeitos. Os mais comuns eram navios mercantes e barcos de pesca, mas também viram dracares abandonados, e os destroços de dois grandes dromones. Um fora queimado até à linha de água, enquanto o outro tinha um buraco escancarado e estilhaçado no flanco, onde o seu casco fora abalroado.

— Batalha aqui — disse Xhondo. — Não muito tempo atrás.

— Quem seria louco ao ponto de atacar tão perto de Vilavelha?

Xhondo apontou para um dracar meio afundado nos baixios. À sua popa pendiam os restos de um estandarte, manchado pelo fumo e esfarrapado. Sam nunca antes vira o símbolo: um olho vermelho com pupila negra, sob uma coroa de ferro negra suportada por dois corvos.

— De quem é aquele estandarte? — perguntou Sam. Xhondo limitou-se a encolher os ombros.

O dia seguinte chegou frio e brumoso. Quando o *Vento de Canela* passou lentamente por outra aldeia de pescadores saqueada, uma galé de guerra surgiu a deslizar do nevoeiro, batendo lentamente os remos na sua direcção. *Caçadora* era o nome que ostentava sob uma figura de proa que representava uma esguia donzela vestida de folhas e brandindo uma lança. Um segundo mais tarde, duas galés menores apareceram de ambos os lados da maior, como um par de galgos a seguir o dono. Para alívio de Sam, mostravam o estandarte do veado e leão de Tommen por cima da alva torre escalonada de Vilavelha, com a sua coroa de chamas.

O capitão da *Caçadora* era um homem alto com um manto de um cinzento de fumo, debruado de chamas vermelhas de cetim. Pôs a sua galé ao lado do *Vento de Canela*, ergueu os remos e gritou que vinha a bordo. Enquanto os seus besteiros e os arqueiros de Kojja Mo se observavam por cima da estreita extensão de água, ele atravessou com meia dúzia de cavaleiros, fez um aceno a Quhuru Mo, e pediu para ver os seus porões. Pai e filha conferenciaram brevemente, e concordaram.

— As minhas desculpas — disse o capitão quando concluiu a inspecção. — Magoa-me que homens honestos tenham de aguentar tal descortesia, mas antes isso do que ter homens de ferro em Vilavelha. Apenas há quinze dias alguns desses malditos bastardos capturaram nos estreitos um navio mercante tyroshi. Mataram-lhe a tripulação, vestiram as suas roupas, e usaram as tintas que encontraram para colorir os bigodes com meia centena de cores. Uma vez dentro das muralhas tentaram incendiar o porto e abrir um portão a partir de dentro enquanto combatíamos o fogo. Podia ter resultado, mas deram de caras com a *Senhora da Torre*, e o seu mestre dos remadores tem uma esposa tyroshi. Quando viu todas as barbas verdes e purpúreas saudou-os na língua de Tyrosh, e nem um deles sabia as palavras para lhe responder à saudação.

Sam ficou estarrecido.

— Eles não podem querer atacar *Vilavelha*.

O capitão da *Caçadora* deitou-lhe um olhar curioso.

— Isto não são meros corsários. Os homens de ferro sempre atacaram onde puderam. Surgiam de súbito vindos do mar, levavam consigo algum ouro e raparigas, e zarpavam, mas raramente havia mais do que um ou dois dracares, e nunca mais de meia dúzia. Agora são centenas os navios deles que nos atormentam, a partir das Ilhas Escudo e de alguns dos rochedos que rodeiam a Árvore. Capturaram o Recife do Caranguejo de Pedra, a Ilha dos Porcos, e o Palácio da Sereia, e têm outros ninhos no Rochedo da Ferradura e no Berço do Bastardo. Sem a frota do Lorde Redwyne, faltam-nos os navios necessários para lidar com eles.

— O que está a fazer o Lorde Hightower? — perguntou atabalhoadamente Sam. — O meu pai sempre disse que era tão rico como os Lannister, e podia reunir três vezes mais espadas do que qualquer outro dos vassalos de Jardim de Cima.

— Mais, se varrer as calçadas — disse o capitão — mas espadas de nada servem contra os homens de ferro, a menos que os homens que as manejam saibam caminhar sobre a água.

— Hightower tem de estar a fazer *alguma coisa*.

— Com certeza. O Lorde Leyton está trancado no topo da sua torre com a Donzela Louca, a consultar livros de feitiços. Pode ser que conjure um exército vindo das profundezas. Ou não. Baelor está a construir galés, Gunthor tem o porto a seu cargo, Garth treina novos recrutas, e Humfrey foi a Lys contratar navios mercenários. Se conseguir arrancar uma frota como deve ser à rameira da irmã, podemos começar a pagar aos homens de ferro com alguma da sua própria moeda. Até lá, o melhor que podemos fazer é defender a enseada e esperar que a cadela da rainha em Porto Real solte a trela do Lorde Paxter.

A amargura das palavras finais do capitão chocou tanto Sam como aquilo que ele disse. *Se Porto Real perder Vilavelha e a Árvore, o reino inteiro poderá fazer-se em pedaços*, pensou, enquanto observava a *Caçadora* e as irmãs que se afastavam.

Ficou a perguntar a si próprio se mesmo Monte Chifre estaria verdadeiramente a salvo. As terras Tarly ficavam no interior, por entre colinas densamente arborizadas, cem léguas para nordeste de Vilavelha e a uma grande distância de qualquer costa. Deviam estar bem para lá do alcance de homens de ferro e dracares, mesmo com o senhor seu pai longe, a combater nas terras fluviais, e o castelo fracamente defendido. O Jovem Lobo certamente pensara que o mesmo se aplicava a Winterfell até ao dia em que Theon Vira-mantos lhe escalara as muralhas. Sam não suportava a ideia de poder ter trazido Gilly e o bebé ao longo de toda aquela distância para que ficassem longe de perigo, só para os abandonar no meio de uma guerra.

Passou o resto da viagem a lutar com as suas dúvidas, sem saber o que fazer. Supunha que podia manter Gilly consigo em Vilavelha. As muralhas da cidade eram muito mais impressionantes do que as do castelo do pai, e tinham milhares de homens para as defender, contra a mão-cheia que o Lorde Randyll teria deixado em Monte Chifre quando marchara para Jardim de Cima, a fim de obedecer à convocatória do seu suserano. Mas se o fizesse teria de arranjar algum modo de a esconder; a Cidadela não permitia que os seus noviços mantivessem esposas ou amantes, pelo menos abertamente. *Além disso, se ficar muito mais tempo com Gilly, como encontrarei as forças para a deixar?* E *tinha* de a deixar, caso contrário seria forçado a desertar. *Eu proferi as palavras*, lembrou Sam a si próprio. *Se desertar, isso custar-me-á a cabeça, e como iria tal coisa ajudar Gilly?*

Pesou a ideia de suplicar a Kojja Mo e ao pai para levarem a rapariga selvagem consigo para as Ilhas do Verão. Mas esse rumo também tinha os seus perigos. Quando o *Vento de Canela* zarpasse de Vilavelha, teria de voltar a atravessar os Estreitos Redwyne, e dessa vez talvez não fosse tão afortunado. E se o vento morresse, e os ilhéus do Verão dessem por si mergulhados numa calmaria? Se as histórias que ouvira fossem verdadeiras, Gilly seria levada como serva ou esposa de sal, e era provável que o bebé fosse deitado ao mar como aborrecimento.

Tem de ser Monte Chifre, decidiu Sam por fim. *Assim que chegarmos a Vilavelha, alugarei uma carroça e alguns cavalos e levá-la-ei pessoalmente lá*. Assim podia examinar o castelo e a sua guarnição, e se alguma parte do que visse lhe levantasse dúvidas, podia simplesmente dar meia volta e trazer Gilly de volta para Vilavelha.

Chegaram a Vilavelha numa manhã fria e húmida, coberta com um nevoeiro tão denso que o sinal luminoso da Torralta era a única parte visível da cidade. Um dique flutuante fechava o porto, ligando duas dúzias de cascos apodrecidos. Logo atrás encontrava-se uma fileira de navios de guerra, ancorados junto a três grandes dromones e ao enorme navio almirante de quatro cobertas do Lorde Hightower, a *Honra de Vilavelha*. Mais uma vez, o *Vento de Canela* teve de se submeter à inspecção. Agora

foi o filho do Lorde Leyton, Gunthor, quem veio a bordo, trajando um manto de pano de prata e uma couraça de escamas cinzentas e esmaltadas. Sor Gunthor estudara durante vários anos na Cidadela e falava o idioma do Verão, de modo que ele e Quhuru Mo se reuniram na cabina do capitão para conferenciar em privado.

Sam aproveitou o tempo para explicar os seus planos a Gilly.

— Primeiro, a Cidadela, para entregar as cartas de Jon e falar-lhes da morte do Meistre Aemon. Suponho que os arquimeistres mandem um carro para vir buscar o seu corpo. Depois arranjarei cavalos e uma carroça para te levar à minha mãe em Monte Chifre. Regressarei assim que possa, mas talvez não possa até amanhã de manhã.

— Amanhã de manhã — repetiu a rapariga, e deu-lhe um beijo de boa sorte.

Passado algum tempo, Sor Gunthor reapareceu e fez sinal para se abrir a corrente para que o *Vento de Canela* pudesse atravessar o dique e ir atracar. Sam juntou-se a Kojja Mo e a três dos seus arqueiros, resplandecentes nos mantos de penas que só usavam em terra, junto da prancha de embarque enquanto o navio cisne era amarrado. Sentiu-se maltrapilho ao lado deles, com os seus largos trajes negros, manto desbotado e botas manchadas pelo salitre.

— Quanto tempo permanecereis no porto?

— Dois dias, dez dias, quem saberá dizer? O tempo que demorar a esvaziar os porões e a voltar a enchê-los. — Kojja sorriu. — O meu pai também tem de visitar os meistres cinzentos. Tem livros para vender.

— Gilly pode ficar a bordo até ao meu regresso?

— Gilly pode ficar tanto tempo quanto quiser. — Espetou um dedo na barriga de Sam. — Ela não come tanto como certas pessoas.

— Não sou tão gordo como era — disse Sam em sua defesa. A passagem para sul tratara disso. Todos aqueles turnos de vigia, e nada para comer a não ser fruta e peixe. Os ilhéus do Verão adoravam fruta e peixe.

Sam seguiu os arqueiros pela prancha, mas uma vez em terra separaram-se e seguiram cada um o seu caminho. Sam esperava ainda lembrar-se do

caminho para a Cidadela. Vilavelha era um labirinto, e não tinha tempo para se perder.

O dia estava húmido, de modo que o empedrado estava molhado e escorregadio debaixo dos seus pés, e as vielas amortalhadas de névoa e mistério. Sam evitou-as o melhor que pôde e permaneceu na estrada do rio, que serpenteava ao longo do Vinhomel através do coração da cidade antiga. Era bom ter de novo terreno sólido debaixo dos pés, em vez de um convés baloiçante, mas a caminhada deixou-o ainda assim desconfortável. Sentia olhos postos em si, a espreitar de varandas e janelas, observando-o de dentro de soleiras escurecidas. No *Vento de Canela* conhecia todos os rostos. Ali, virasse-se para onde se virasse via outro estranho. Ainda pior era a ideia de ser visto por alguém que o conhecesse. O Lorde Randyll Tarly era conhecido em Vilavelha, mas pouco amado. Sam não sabia o que seria pior: ser reconhecido por um dos inimigos do senhor seu pai, ou por um dos seus amigos. Puxou o capuz para a cabeça e estugou o passo.

Os portões da Cidadela eram flanqueados por um par de esfinges verdes muito altas com corpos de leões, asas de águias e caudas de serpentes. Uma tinha um rosto de homem, a outra de mulher. Logo atrás ficava o Lar do Escriba, onde o povo de Vilavelha vinha procurar acólitos para lhes escreverem os testamentos ou lerem as cartas. Meia dúzia de escribas entediados estavam sentados em barracas abertas, à espera de algum freguês. Noutras barracas havia livros a serem vendidos e comprados. Sam parou numa que oferecia mapas, e examinou um mapa da Cidadela desenhado à mão, a fim de averiguar qual o caminho mais curto para a Residência do Senescal.

O caminho dividia-se onde a estátua do Rei Daeron Primeiro se sentava no seu grande cavalo de pedra, de espada erguida na direcção de Dorne. Uma gaivota encontrava-se empoleirada na cabeça do Jovem Dragão, e havia outras duas na espada. Sam seguiu pela rua da esquerda, que corria junto ao rio. Na Doca Gotejante, viu dois acólitos a ajudar um velho a entrar num barco para uma curta viagem até à Ilha Sangrenta. Uma jovem mãe subiu atrás do velho, com um bebé que não era muito mais velho do

que o de Gilly a guinchar nos seus braços. Por baixo da doca, alguns ajudantes de cozinha andavam pelos baixios a apanhar rãs. Um ribeiro de noviços de faces rosadas correu por perto dele, rumo à septeria. *Devia ter vindo para aqui quando era da idade deles*, pensou Sam. *Se tivesse fugido e arranjado um nome falso, podia ter desaparecido entre os outros noviços. O pai podia ter fingido que Dickon era o seu filho único. Duvido que se tivesse incomodado a procurar-me, a menos que eu tivesse levado uma mula. Então ter-me-ia dado caça, mas só por causa da mula.*

À porta da Residência do Senescal, os reitores estavam a prender um noviço mais velho ao cepo.

— Roubou comida das cozinhas — explicou um deles aos acólitos que esperavam para atirar ao prisioneiro uma saraivada de vegetais podres. Deitaram todos olhares curiosos a Sam quando passou por eles a passos largos, com o manto negro a enfunar-se atrás de si como uma vela.

Para lá das portas foi encontrar um salão de chão de pedra e altas janelas arqueadas. Na outra extremidade, um homem de cara chupada encontrava-se sentado sobre um estrado alto, a arranhar um livro-mestre com uma pena. Embora o homem trajasse uma veste de meistre, não havia corrente em volta do seu pescoço. Sam pigarreou.

— Bom dia.

O homem ergueu os olhos e não pareceu aprovar aquilo que viu.

— Cheiras a noviço.

— Espero vir a sê-lo em breve. — Sam tirou do bolso as cartas que Jon lhe dera. — Vim da Muralha com o Meistre Aemon, mas ele morreu durante a viagem. Se pudesse falar com o Senescal…

— O teu nome?

— Samwell. Samwell Tarly.

O homem escreveu o nome no seu livro-mestre e indicou com a pena um banco encostado à parede.

— Senta-te. Serás chamado a seu tempo.

Sam sentou-se no banco.

Outros chegaram e partiram. Alguns entregaram mensagens e retiraram-se. Alguns falaram com o homem no estrado e foram mandados entrar pela porta atrás dele e por uma escada em caracol. Alguns juntaram-se a Sam nos bancos, à espera que os seus nomes fossem chamados. Tinha quase a certeza de que alguns dos que foram convocados tinham chegado depois dele. Depois da quarta ou quinta vez que isso aconteceu, ergueu-se e voltou a atravessar a sala.

— Quanto tempo ainda falta?

— O Senescal é um homem importante.

— Eu venho da Muralha.

— Então não terás dificuldade em andar um pouco mais. Até ali àquele banco, por baixo da janela.

Sam regressou ao banco. Passou mais uma hora. Outros entraram, falaram com o homem no estrado, esperaram uns momentos, e foram mandados entrar. Durante todo esse tempo, o porteiro nem sequer deitou um relance a Sam. O nevoeiro, lá fora, foi-se tornando menos denso à medida que o dia se ia gastando, e uma pálida luz do sol entrou em diagonal pelas janelas. Deu por si a observar os grãos de poeira a dançar na luz. Um bocejo escapou-se-lhe, e depois outro. Remexeu uma bolha rebentada na palma da mão, e depois encostou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Deve ter adormecido. Quando deu por si, o homem no estrado estava a chamar um nome. Sam pôs-se em pé de um salto, após o que se voltou a sentar quando compreendeu que não era o seu.

— Tens de passar um dinheiro a Lorcas, senão ficas aqui três dias à espera — disse uma voz atrás de si. — O que traz a Patrulha da Noite à Cidadela?

Quem falara era um jovem magro, leve e bem parecido, vestido com umas bragas de pele de corça e uma brigantina verde chegada ao corpo e tachonada de ferro. Tinha a pele da cor de uma leve cerveja castanha e uma coroa de densos caracóis negros que se juntavam em bico por cima dos seus grandes olhos negros.

— O Senhor Comandante está a restaurar os castelos abandonados — explicou Sam. — Precisamos de mais meistres, para os corvos… falastes num dinheiro?

— Um dinheiro servirá. Por um veado de prata, Lorcas levar-te-ia às costas até ao Senescal. Há cinquenta anos que é acólito. Odeia noviços, especialmente noviços de nascimento nobre.

— Como sabes tu que eu sou de nascimento nobre?

— Da mesma maneira que tu sabes que eu sou meio dornês. — A declaração foi entregue com um sorriso, num suave arrastar dornês.

Sam procurou uma moeda.

— És noviço?

— Acólito. Alleras, mas alguns chamam-me Esfinge.

O nome fez Sam dar um salto.

— A esfinge é a adivinha, não o adivinho — disse, sem pensar. — Sabes o que isso significa?

— Não. É uma adivinha?

— Bem gostaria de saber. Sou Samwell Tarly. Sam.

— Prazer. E que negócios tem Samwell Tarly com o Arquimeistre Theobald?

— É esse, o Senescal? — disse Sam, confuso. — O Meistre Aemon dizia que o seu nome era Norren.

— Nos últimos dois turnos, não. Há um novo todos os anos. Ocupam o cargo com um dos arquimeistres, a maioria dos quais o vêem como uma tarefa ingrata que os afasta do seu verdadeiro trabalho. Este ano, a pedra preta saiu ao Arquimeistre Walgrave, mas a cabeça de Walgrave tende a perder-se, de modo que Theobald avançou e disse que serviria durante o mandato dele. É um homem duro, mas bom. Disseste Meistre *Aemon*?

— Sim.

— Aemon *Targaryen*?

— Em tempos, sim. A maior parte das pessoas chamava-lhe simplesmente Meistre Aemon. Morreu durante a nossa viagem para sul. Como é que sabes dele?

— Como não saber? Era mais do que o mais velho meistre vivo. Era o homem mais velho em Westeros, e sobreviveu a mais história do que o Arquimeistre Perestan alguma vez aprendeu. Podia ter-nos contado imensas coisas sobre o reinado do pai e do tio. Que idade tinha, sabes?

— Cento e dois anos.

— Que estava ele a fazer no mar, na sua idade?

Sam remoeu a questão por um momento, perguntando a si próprio quanto devia dizer. *A esfinge é a adivinha, não o adivinho*. Poderia o Meistre Aemon ter-se referido *àquela* Esfinge? Parecia pouco provável.

— O Senhor Comandante Snow mandou-o embora para lhe salvar a vida — começou, hesitante. Falou desajeitadamente do Rei Stannis e de Melisandre de Asshai, pretendendo parar por aí, mas uma coisa levou à outra e deu por si a falar de Mance Rayder e dos seus selvagens, de sangue real e de dragões, e antes de se dar conta do que estava a acontecer, tudo o resto jorrou-lhe da boca; as criaturas no Punho dos Primeiros Homens, o Outro no seu cavalo morto, o assassínio do Velho Urso na Fortaleza de Craster, Gilly e a fuga de ambos, Brancarbor e o Paul Pequeno, o Mãos-Frias e os corvos, Jon a tornar-se senhor comandante, o *Melro*, Dareon, Bravos, os dragões que Xhondo vira em Qarth, o *Vento de Canela* e tudo o que o Meistre Aemon murmurou no fim da vida. Reteve apenas os segredos que jurara manter, sobre Bran Stark e os companheiros e os bebés que Jon Snow trocara. — Daenerys é a única esperança — concluiu. — Aemon disse que a Cidadela tinha de lhe enviar imediatamente um meistre, para a trazer para Westeros antes que seja tarde demais.

Alleras escutou com atenção. Pestanejou de tempos a tempos, mas nunca riu e nunca interrompeu. Quando Sam terminou, tocou-lhe levemente no antebraço com uma esguia mão castanha e disse:

— Poupa o teu dinheiro, Sam. Theobald não acreditará em metade dessa história, mas há quem talvez acredite. Queres vir comigo?

— Para onde?

— Falar com um arquimeistre.

Tens de lhes dizer, Sam, dissera o Meistre Aemon. *Tens de contar aos arquimeistres.*

— Muito bem. — Poderia sempre voltar ao Senescal na manhã seguinte, com um dinheiro na mão. — Temos de andar muito?

— Não muito. A Ilha dos Corvos.

Não precisaram de um barco para chegar à Ilha dos Corvos; uma desgastada ponte levadiça de madeira ligava-a à margem oriental.

— A Corvoaria é o edifício mais velho da Cidadela — disse-lhe Alleras, enquanto atravessavam as águas lentas do Vinhomel. — Diz-se que na Era dos Heróis era o quartel-general dum senhor pirata que ficava aqui a assaltar os navios que desciam o rio.

Sam viu que musgo e trepadeiras cobriam as paredes, e corvos patrulhavam as ameias no lugar dos arqueiros. Não havia memória da ponte levadiça ter sido içada.

Dentro das muralhas do castelo estava fresco e havia pouca luz. Um antigo represeiro enchia o pátio, como enchera desde que aquelas pedras tinham sido erguidas pela primeira vez. A cara esculpida no tronco estava coberta pelo mesmo musgo purpúreo que pendia pesadamente dos ramos claros da árvore. Metade dos ramos pareciam mortos, mas nos outros algumas folhas vermelhas ainda restolhavam, e era aí que os corvos gostavam de se empoleirar. A árvore estava cheia de corvos, e havia mais nas janelas arqueadas que se abriam mais acima, em volta de todo o pátio. O chão encontrava-se pintalgado pelos seus excrementos. Enquanto cruzaram o pátio, um dos corvos esvoaçou por cima das suas cabeças, e Sam ouviu os outros a *croc*ar uns com os outros.

— O Arquimeistre Walgrave tem os seus aposentos na torre ocidental, por baixo da colónia branca. — disse-lhe Alleras. — Os corvos brancos e os pretos guerreiam como dorneses e gente da Marca, de modo que os mantém separados.

— O Arquimeistre Walgrave compreenderá o que eu lhe disser? — quis saber Sam. — Disseste que a cabeça dele tendia a perder-se.

— Ele tem bons dias e dias maus — disse Alleras — mas não é Walgrave que vamos visitar. — Abriu a porta da torre norte e começou a subir. Sam trepou os degraus atrás dele. Ouviam-se batimentos de asas e murmúrios vindos de cima, e aqui e ali um grito irritado, quando os corvos se queixavam por terem sido acordados.

No topo dos degraus, um jovem pálido e louro com idade aproximada à de Sam estava sentado junto de uma porta de carvalho e ferro, fitando intensamente a chama de uma vela com o olho direito. O esquerdo estava escondido atrás de uma madeixa de cabelo louro muito claro.

— Estás à procura de quê? O teu destino? A tua morte?

O jovem louro afastou os olhos da vela, pestanejando.

— Mulheres nuas — disse. — Quem é este agora?

— Samwell. Um novo noviço, que veio ver o Mago.

— A Cidadela já não é o que era — protestou o louro. — Nos dias que correm aceitam qualquer coisa. Cães morenos e dorneses, criadores de porcos, aleijados, cretinos, e agora uma baleia vestida de preto. E eu que pensava que os leviatãs eram cinzentos. — Uma meia capa às riscas verdes e douradas envolvia-lhe um ombro. Era muito bem-parecido, embora tivesse olhos matreiros e uma boca cruel.

Sam conhecia-o.

— Leo Tyrell. — Dizer o nome fê-lo sentir-se como se fosse ainda um rapaz de sete anos, prestes a molhar a roupa interior. — Sou Sam, de Monte Chifre. Filho do Lorde Randyll Tarly.

— Deveras? — Leo deitou-lhe outro olhar. — Suponho que sejas. O teu pai disse-nos a todos que estavas morto. Ou teria sido só que desejava que estivesses? — Sorriu. — Ainda és um cobarde?

— Não — mentiu Sam. Jon transformara-o numa ordem. — Estive além da Muralha e lutei em batalhas. Chamam-me Sam, o Matador. — Não sabia porque dissera aquilo. As palavras limitaram-se a jorrar cá para fora.

Leo riu-se, mas antes de ter tempo de responder a porta atrás dele abriu-se.

— Cá para dentro, Matador — resmungou o homem que surgiu na soleira. — E tu também, Esfinge. Já.

— Sam — disse Alleras — este é o Arquimeistre Marwyn.

Marwyn usava uma corrente de muitos metais em torno do seu pescoço de touro. À parte isso, parecia-se mais com um rufião das docas do que com um meistre. Tinha uma cabeça grande demais para o corpo, e o modo como a projectava para a frente dos ombros, conjuntamente com o queixo quadrado, fazia com que parecesse prestes a arrancar a cabeça a alguém. Embora fosse baixo e atarracado, tinha um peito e uns ombros pesados, com uma barriga de cerveja redonda e dura como pedra a empurrar os atilhos do justilho de couro que usava em vez da veste. Hirsutos pêlos brancos brotavam-lhe das orelhas e narinas. A testa sobressaía, o nariz fora partido mais do que uma vez, e folhamarga manchara-lhe os dentes de um vermelho mosqueado. Tinha as maiores mãos que Sam já vira.

Quando Sam hesitou, uma dessas mãos agarrou-lhe o braço e fê-lo atravessar a porta com um puxão. A sala atrás da porta era grande e redonda. Havia livros e rolos por todo o lado, espalhados nas mesas e empilhados no chão em pilhas com mais de um metro de altura. Tapeçarias desbotadas e mapas esfarrapados cobriam as paredes de pedra. Um fogo ardia na lareira, sob uma panela de cobre. O que quer que esta tivesse dentro cheirava a queimado. Além da fogueira, a única luz que ali havia provinha de uma grande vela negra no centro da sala.

A vela era desagradavelmente brilhante. Havia nela algo de estranho. A chama não tremeluzia, nem mesmo quando o Arquimeistre Marwyn fechou a porta com tanta força que papéis voaram de uma mesa próxima. A luz fazia também qualquer coisa estranha às cores. Os brancos eram brilhantes como a neve acabada de cair, o amarelo cintilava como ouro, os vermelhos transformavam-se em chamas, mas as sombras eram tão negras que pareciam buracos abertos no mundo. Sam deu por si a fitá-la. A vela propriamente dita tinha quase um metro de altura e era esguia como uma espada, com arestas e retorcida, de um negro reluzente.

— Isso é…?

— … obsidiana — disse o outro homem que se encontrava presente no aposento, um indivíduo novo, pálido, carnudo e macilento, com ombros redondos, mãos suaves, olhos juntos e nódoas de comida nas vestes.

— Chama-lhe vidro de dragão. — O Arquimeistre Marwyn deitou um relance momentâneo à chama. — Arde mas não é consumido.

— O que alimenta a chama? — perguntou Sam.

— O que alimenta o fogo de um dragão? — Marwyn sentou-se num banco. — Toda a feitiçaria valiriana tem raízes no sangue ou no fogo. Os feiticeiros da Cidade Livre podiam ver para lá de montanhas, mares e desertos com uma destas velas de vidro. Podiam entrar nos sonhos de um homem e dar-lhe visões, e falar uns com os outros a meio mundo de distância, sentados à frente das suas velas. Achas que isso podia ser útil, Matador?

— Não voltaríamos a ter necessidade de corvos.

— Só depois das batalhas. — O arquimeistre arrancou uma folhamarga de um fardo, enfiou-a na boca e pôs-se a mastigá-la. — Conta-me tudo o que contaste à nossa esfinge de Dorne. Sei muitas dessas coisas e mais ainda, mas alguns pequenos detalhes podem ter-me escapado.

Não era homem a quem se pudesse dizer não. Sam hesitou por um momento, e então voltou a contar a sua história enquanto Marwyn, Alleras e o outro noviço escutavam.

— O Meistre Aemon acreditava que Daenerys Targaryen era a realização de uma profecia… ela, não Stannis nem o Príncipe Rhaegar, nem o principezinho cuja cabeça foi atirada contra a parede.

— Nascida entre o sal e o fumo, sob uma estrela sangrenta. Conheço a profecia. — Marwyn virou a cabeça e escarrou uma bola de muco vermelho para o chão. — Não que confie nela. Gorghan de Velha Ghis escreveu um dia que uma profecia é como uma mulher traiçoeira. Mete o teu membro na boca, e tu gemes de prazer e pensas: que maravilha, que agradável, que bom que isto é… e então os seus dentes fecham-se e os teus gemidos transformam-se em gritos. É essa a natureza da profecia, disse Gorghan. A

profecia arranca-te sempre o pau à dentada. — Mascou durante algum tempo. — Mesmo assim…

Alleras pôs-se ao lado de Sam.

— Aemon teria ido ter com ela, se tivesse forças para isso. Queria que lhe mandássemos um meistre, para a aconselhar e protegê-la e para a trazer para casa em segurança.

— Ah queria? — O Arquimeistre Marwyn encolheu os ombros. — Talvez seja bom que tivesse morrido antes de chegar a Vilavelha. Caso contrário, as ovelhas cinzentas talvez tivessem de o matar, e isso teria feito os queridos dos pobres velhos torcer as mãos encarquilhadas.

— Matá-lo? — disse Sam, chocado. — Porquê?

— Se te disser, podem ter de te matar também. — Marwyn fez um horrendo sorriso, com o sumo da folhamarga a escorrer, rubro, entre os seus dentes. — Quem achas tu que matou todos os dragões da última vez? Galantes matadores de dragões armados de espadas? — Cuspiu. — O mundo que a Cidadela está a construir não tem lugar para feitiçaria, profecias ou velas de vidro, e muito menos para dragões. Pergunta a ti próprio por que motivo se deixou que Aemon Targaryen desperdiçasse a vida na Muralha, quando por direito próprio devia ter sido promovido a arquimeistre. O motivo foi o seu *sangue*. Não podiam confiar nele. Tal como não podem confiar em mim.

— O que fareis? — perguntou Alleras, o Esfinge.

— Arranjarei maneira de chegar à Baía dos Escravos, em lugar de Aemon. O navio cisne que trouxe o Matador deve responder bastante bem às minhas necessidades. As ovelhas cinzentas irão enviar o seu homem numa galé, sem dúvida. Com bons ventos, eu deverei chegar primeiro a ela. — Marwyn voltou a olhar Sam de relance e franziu o sobrolho. — Tu… tu devias ficar e forjar a tua corrente. Se eu fosse a ti, fá-lo-ia depressa. Chegará um momento em que serás necessário na Muralha. — Virou-se para o noviço de cara macilenta. — Arranja uma cela seca para o Matador. Dormirá aqui, e ajudar-te-á a tratar dos corvos.

— M-m-mas — gaguejou Sam — os outros arquimeistres… o Senescal… o que lhes hei-de dizer?

— Diz-lhes como são sábios e bons. Diz-lhes que Aemon te ordenou que te pusesses nas suas mãos. Diz-lhes que sempre sonhaste em seres um dia autorizado a usar a corrente e servir o bem supremo, que o serviço é a maior das honras, e a obediência a sua maior virtude. Mas nada digas sobre profecias ou dragões, a menos que gostes de veneno nas papas de aveia. — Marwyn tirou um manto de couro enodoado de um cabide perto da porta e apertou-o bem. — Esfinge, protege este tipo.

— Protegerei — respondeu Alleras, mas o arquimeistre já tinha saído. Ouviram as suas botas a bater nos degraus.

— Onde foi ele? — perguntou Sam, desorientado.

— Para as docas. O Mago não é homem que acredite em perder tempo. — Alleras sorriu. — Tenho uma confissão a fazer. O nosso encontro não foi casual, Sam. O Mago mandou-me agarrar-te antes que falasses com Theobald. Ele sabia que vinhas a caminho.

— Como?

Alleras indicou a vela de vidro com um aceno.

Sam fitou a estranha chama pálida por um momento, após o que pestanejou e afastou o olhar. Do lado de lá da janela estava a escurecer.

— Há uma cela vazia por baixo da minha na torre ocidental, com uma escada que leva directamente aos aposentos de Walgrave — disse o jovem de cara macilenta. — Se não te importares com o barulho dos corvos, tem uma boa vista sobre o Vinhomel. Serve?

— Suponho que sim. — Em algum sítio tinha de dormir.

— Eu levo-te algumas mantas de lã. Paredes de pedra ficam frias durante a noite, até mesmo aqui.

— Obrigado. — Havia algo no pálido e suave jovem que lhe desagradava, mas não queria parecer descortês, de modo que acrescentou. — O meu nome não é mesmo Matador. Sou Sam. Samwell Tarly.

— Eu chamo-me Pate — disse o outro — como o criador de porcos.

OceanofPDF.com

ENTRETANTO, NA MURALHA…

—Eh, aguenta um minuto! — podem alguns de vocês estar a dizer mais ou menos agora. — Aguenta um minuto, aguenta um minuto! Onde está Dany e os dragões? Onde está Tyrion? Quase não vimos Jon Snow. Isto não pode ser tudo…

Bem, não. Há mais a caminho. Outro livro tão grande como este.

Não me esqueci de escrever sobre as outras personagens. Longe disso. Escrevi montes de coisas sobre elas. Páginas e páginas e páginas. Capítulos e mais capítulos. Ainda os estava a escrever quando me apercebi de que o livro se tornara grande demais para publicar num único volume… e ainda não estava perto de o terminar. Para contar toda a história que eu queria contar, ia ter de dividir o livro em dois.

A maneira mais simples de o fazer teria sido pegar no que tinha, cortá-lo ao meio e terminar com "Continua". Mas quanto mais pensava nisso, mais sentia que os leitores ficariam melhor servidos por um livro que contasse toda a história para metade das personagens em vez de metade da história para todas as personagens. De modo que foi esse o rumo que escolhi seguir.

Tyrion, Jon, Dany, Stannis e Melisandre, Davos Seaworth e o resto das personagens que vocês adoram ou adoram detestar chegarão no próximo ano (espero eu com toda a devoção) em *A Dança dos Dragões*, que se centrará em acontecimentos ao longo da Muralha e do outro lado do mar, tal como este livro se centrou em Porto Real.

— George R. R. Martin
Junho de 2005

OceanofPDF.com

APÊNDICE

AS CRÓNICAS DE GELO E FOGO

OceanofPDF.com

CERSEI LANNISTER, Primeira do Seu Nome, viúva do {Rei Robert I Baratheon}, Rainha Viúva, Protectora do Reino, Senhora de Rochedo Casterly, e Rainha Regente,

— os filhos da Rainha Cersei:

— {REI JOFFREY I BARATHEON}, envenenado no seu banquete de casamento, um rapaz de doze anos,

— PRINCESA MYRCELLA BARATHEON, uma rapariga de nove anos, protegida do Príncipe Doran Martell, em Lançassolar,

— REI TOMMEN I BARATHEON, um rei rapaz de oito anos,

— os seus gatinhos, SOR SALTO, SENHORA BIGODES, BOTAS,

— os irmãos da Rainha Cersei:

— SOR JAIME LANNISTER, seu irmão gémeo, dito REGICIDA, Senhor Comandante da Guarda Real,

— TYRION LANNISTER, dito DUENDE, um anão, acusado e condenado por regicídio e assassínio de familiares,

— PODRICK PAYNE, escudeiro de Tyrion, um rapaz de dez anos,

— tios, tia e primos da Rainha Cersei:

— SOR KEVAN LANNISTER, seu tio,

— SOR LANCEL, filho de Sor Kevan, primo da rainha, antigo escudeiro do Rei Robert e amante de Cersei, recentemente promovido a Senhor de Darry,

— {WILLEM}, filho de Sor Kevan, assassinado em Correrrio,

— MARTYN, irmão gémeo de Willem, um escudeiro,

— JANEI, filha de Sor Kevan, uma rapariga de três anos,

— SENHORA GENNA LANNISTER, tia de Cersei, c. Sor Emmon Frey,

— {SOR CLEOS FREY}, filho de Genna, morto por foras-da-lei,
— SOR TYWIN FRET, dito TY, filho de Cleos,
— WILLEM FREY, filho de Cleos, um escudeiro,
— SOR LYONEL FREY, segundo filho da Senhora Genna,
— {TION FREY}, filho de Genna, assassinado em Correrrio,
— WALDER FREY, dito WALDER VERMELHO, filho mais novo da Senhora Genna, um pajem em Rochedo Casterly,
— TYREK LANNISTER, primo de Cersei, filho do falecido irmão do seu pai, Tygett,
— SENHORA ERMESANDE HAYFORD, esposa infantil de Tyrek,
— JOY HILL, filha bastarda do tio perdido da Rainha Cersei, Gerion, uma rapariga de onze anos,
— CERENNA LANNISTER, prima de Cersei, filha do seu falecido tio Stafford, irmão da mãe da rainha,
— MYRIELLE LANNISTER, prima de Cersei e irmã de CERENNA, filha do tio Stafford,
— SOR DAVEN LANNISTER, primo de Cersei, filho de Stafford,
— SOR DAMION LANNISTER, um primo mais afastado, c. Shiera Crakehall,
— SOR LUCION LANNISTER, seu filho,
— LANNA, sua filha, c. Lorde Antario Jast,
— SENHORA MARGOT, uma prima ainda mais afastada, c. Lorde Titus Peake,
— pequeno conselho do Rei Tommen:
— {LORDE TYWIN LANNISTER}, Mão do Rei,
— SOR JAIME LANNISTER, Senhor Comandante da Guarda Real,
— SOR KEVAN LANNISTER, mestre das leis,
— VARYS, um eunuco, mestre dos segredos,
— GRANDE MEISTRE PYCELLE, conselheiro e curandeiro,
— LORDE MACE TYRELL, LORDE MATHIS ROWAN, LORDE PAXTER REDWYNE, conselheiros,
— Guarda Real de Tommen:

— SOR JAIME LANNISTER, Senhor Comandante,
— SOR MERYN TRANT,
— SOR BOROS BLOUNT, afastado e depois readmitido,
— SOR BALON SWANN,
— SOR OSMUND KETTLEBLACK,
— SOR LORAS TYRELL, o Cavaleiro das Flores,
— SOR ARYS OAKHEART, com a Princesa Myrcella em Dorne,
— servidores de Cersei em Porto Real:
— SENHORA JOCELYN SWYFT, sua companheira,
— SENELLE e DORCAS, suas aias e criadas,
— LUM, LESTER VERMELHO, HOKE, dito PERNA-DE-CAVALO, ORELHA-CURTA e PUCKENS, guardas,
— RAINHA MARGAERY, da Casa Tyrell, uma donzela de dezasseis anos, noiva viúva do Rei Joffrey I Baratheon e do Lorde Renly Baratheon antes dele,
— a corte de Margaery em Porto Real:
— MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima, seu pai,
— SENHORA ALERIE, da Casa Hightower, sua mãe,
— SENHORA OLENNA TYRELL, sua avó, uma viúva idosa dita RAINHA DOS ESPINHOS,
— ARRYK e ERRYK, guardas da Senhora Olenna, gémeos com dois metros e dez de altura, ditos ESQUERDO e DIREITO,
— SOR GARLAN TYRELL, irmão de Margaery, O GALANTE,
— a sua esposa, SENHORA LEONETTE, da Casa Fossoway,
— SOR LORAS TYRELL, seu irmão mais novo, o Cavaleiro das Flores, Irmão Ajuramentado da Guarda Real,
— as companheiras de Margaery:
— as suas primas, MEGGA, ALLA e ELINOR TYRELL,
— o prometido de Elinor, ALYN AMBROSE, escudeiro,
— SENHORA ALYSANNE BULWER, uma menina de oito anos,
— MEREDYTH CRANE, dita MERRY,
— SENHORA TAENA MERRYWEATHER,

— SENHORA ALYCE GRACEFORD,

— SEPTÃ NYSTERICA, uma irmã da Fé,

— PAXTER REDWYNE, Senhor da Árvore,

— os seus filhos gémeos, SOR HORAS e SOR HOBBER,

— MEISTRE BALLABAR, seu curandeiro e conselheiro,

— MATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro,

— SOR WILLAM WYTHERS, capitão dos guardas de Margaery,

— HUGH CLIFTON, um belo jovem guarda,

— SOR PORTIFER WOODWRIGHT e o seu irmão, SOR LUCANTINE,

— a corte de Cersei em Porto Real:

— SOR OSFRYD KETTLEBLACK e SOR OSNEY KETTLEBLACK, irmãos mais novos de Sor Osmund Kettleblack,

— SOR GREGOR CLEGANE, dito A MONTANHA QUE CAVALGA, a morrer dolorosamente de um ferimento envenenado,

— SOR ADDAM MARBRAND, Comandante da Patrulha da Cidade de Porto Real (os "homens de mantos dourados"),

— JALABHAR XHO, Príncipe do Vale da Flor Vermelha, um exilado das Ilhas do Verão,

— GYLES ROSBY, Senhor de Rosby, incomodado por uma tosse,

— ORTON MERRYWEATHER, Senhor de Mesalonga,

— TAENA, sua esposa, uma mulher de Myr,

— SENHORA TANDA STOKEWORTH,

— SENHORA FALYSE, sua filha mais velha e herdeira,

— SOR BALMAN BYRCH, esposo da Senhora Falyse,

— SENHORA LOLLYS, sua filha mais nova, muito grávida mas de cabeça fraca,

— SOR BRONN DA ÁGUA NEGRA, esposo da Senhora Lollys, um antigo mercenário,

— {SHAE}, uma seguidora de acampamentos ao serviço como criada de quarto de Lollys, estrangulada na cama do Lorde Tywin,

— MEISTRE FRENKEN, ao serviço da Senhora Tanda,

— SOR ILYN PAYNE, o Magistrado do Rei, um carrasco,

— RENNIFER LONGWATERS, chefe dos carcereiros de segunda das masmorras da Fortaleza Vermelha,

— RUGEN, carcereiro de segunda das celas negras,

— LORDE HALLYNE, O PIROMANTE, um sábio da Guilda dos Alquimistas,

— NOHO SIMITTIS, enviado do Banco de Ferro de Bravos,

— QYBURN, um necromante, em tempos um meistre da Cidadela, mais recentemente membro dos Bravos Companheiros,

— RAPAZ LUA, o bobo real,

— PATE, um rapaz de oito anos, o vergastado do Rei Tommen,

— ORMOND de VILAVELHA, o harpista e bardo real,

— SOR MARK MULLENDORE, que perdeu um macaco e metade de um braço na Batalha da Água Negra,

— AURANE WATERS, o Bastardo de Derivamarca,

— LORDE ALESANDER STAEDMON, dito SAGORRO,

— SOR RONNET CONNINGTON, dito RONNET VERMELHO, o Cavaleiro de Poleiro do Grifo,

— SOR LAMBERT TURNBERRY, SOR DERMOT DA MATA DE CHUVA, SOR TALLAD, dito O ALTO, SOR BAYARD NORCROSS, SOR BONIFER DESPACHADA, dito BONIFER, O BOM, SOR HUGO VANCE, cavaleiros ajuramentados ao Trono de Ferro,

— SOR LYLE CRAKEHALL, dito VARRÃO-FORTE, SOR ALYN STACKSPEAR, SOR JON BETTLEY, dito JON IMBERBE, SOR STEFFON SWYFT, SOR HUMFREY SWYFT, cavaleiros ajuramentados a Rochedo Casterly,

— JOSMYN PECKLEDON, um escudeiro e herói da Água Negra,

— GARRETT PAEGE e LEW PIPER, escudeiros e reféns,

— o povo de Porto Real:

— o ALTO SEPTÃO, Pai dos Fiéis, Vos dos Sete na Terra, um velho frágil,

— SEPTÃO TORBERT, SEPTÃO RAYNARD SEPTÃO LUCEON, SEPTÃO OLLIDOR, dos Mais Devotos, ao serviço dos Sete no Grande Septo de Baelor,

— SEPTÃ MOELLE, SEPTÃ AGLANTINE, SEPTÃ HELICENT, SEPTÃ UNELLA, dos Mais Devotos, ao serviço dos Sete no Grande Septo de Baelor,

— os "pardais", os mais humildes dos homens, ferozes na sua piedade,

— CHATAYA, proprietária de um bordel caro,

— ALAYAYA, sua filha,

— DANCY, MAREI, duas das raparigas de Chataya,

— BRELLA, uma criada, nos últimos tempos ao serviço da Senhora Sansa Stark,

— TOBHO MOTT, um mestre armeiro,

— HAMISH, O HARPISTA, um cantor idoso,

— ALARIC DE EYSEN, um cantor, muito viajado,

— WAT, um cantor, apresentando-se como BARDO AZUL,

— SOR THEODAN WELLS, um piedoso cavaleiro, mais tarde chamado SOR THEODAN, O FIEL.

O estandarte do Rei Tommen ostenta o veado coroado dos Baratheon, negro sobre dourado, e o leão dos Lannister, dourado sobre carmesim, combatente.

OceanofPDF.com

STANNIS BARATHEON, o Primeiro de Seu Nome, filho segundo do Lorde Steffron Baratheon e da Senhora Cassana da Casa Estermont, Senhor de Pedra do Dragão, auto-intitulando-se Rei de Westeros,

— SENHORA SELYSE, da Casa Florent, sua esposa, actualmente em Atalaialeste-do-Mar,

— a PRINCESA SHIREEN, sua filha, uma menina de onze anos,

— CARA-MALHADA, o seu bobo louco,

— EDRIC STORM, seu sobrinho bastardo, filho do Rei Robert e da Senhora Delena Florent, um rapaz de doze anos, em viagem pelo mar estreito no *Prendos Louco*,

— SOR ANDREW ESTERMONT, primo do Rei Stannis, um homem do rei, ao comando da escolta de Edric,

— SOR GERALD GOWER, LEWYS, dito PEIXEIRA, SOR TRISTON DE MONTE DA TALHA, OMER BLACKBERRY, homens do rei, guardas e protectores de Edric,

— a corte de Stannis em Castelo Negro:

— SENHORA MELISANDRE DE ASSHAI, dita MULHER VERMELHA, uma sacerdotisa de R'hllor, o Senhor da Luz,

— MANCE RAYDER, Rei-Para-lá-da-Muralha, um cativo condenado à morte,

— o filho de Rayder e da sua esposa {DALLA}, um recém-nascido ainda sem nome, "o príncipe selvagem",

— GILLY, a ama de leite do bebé, uma rapariga selvagem,

— o seu filho, outro recém-nascido ainda sem nome, gerado pelo pai dela, {CRASTER},

— SOR RICHARD HORPE, SOR JUSTINO MASSEY, SOR CLAYTON SUGGS, SOR GODRY FARRING, dito GIGANTICIDA, LORDE HARWOOD FELL, SOR CORLISS PENNY, homens da rainha e cavaleiros,

— DEVAN SEAWORTH e BRYEN FARRING, escudeiros reais,

— a corte de Stannis em Atalaialeste-do-Mar:

— SOR DAVOS SEAWORTH, dito CAVALEIRO DAS CEBOLAS, Senhor da Mata de Chuva, Almirante do Mar Estreito e Mão do Rei,

— SOR AXELL FLORENT, tio da rainha Selyse, o líder dos homens da rainha,

— SALLADHOR SAAN, de Lys, um pirata e mercenário, dono da *Valiriana* e duma frota de galés,

— a guarnição de Stannis em Pedra do Dragão:

— SOR ROLLAND STORM, dito O BASTARDO DE NOCTICANTIGA, um homem do rei, castelão de Pedra do Dragão,

— MEISTRE PYLOS, curandeiro, tutor, conselheiro,

— "PAPAS" e "LAMPREIA", dois carcereiros,

— senhores ajuramentados a Pedra do Dragão:

— MONTERYS VELARYON, Senhor das Marés e Mestre de Derivamarca, um rapaz de seis anos,

— DURAM BAR EMMON, Senhor de Ponta Aguda, um rapaz de quinze anos,

— guarnição de Stannis em Ponta Tempestade:

— SOR GILBERT FARRING, castelão de Ponta Tempestade.

— LORDE ELWOOD MEADOWS, ajudante de campo de Sor Gilbert,

— MEISTRE JURNE, conselheiro e curandeiro de Sor Gilbert,

— senhores ajuramentados a Ponta Tempestade:

— ELDON ESTERMONT, Senhor de Pedraverde, tio do Rei Stannis, tio-avô do Rei Tommen, um cauteloso amigo de ambos,

— SOR AEMON, filho e herdeiro do Lorde Eldon, com o Rei Tommen em Porto Real,

— SOR ALYN, filho de Sor Aemon, também com o Rei Tommen em Porto Real,

— SOR LOMAS, irmão do Lorde Eldon, tio e apoiante do Rei Stannis, em Ponta Tempestade,

— SOR ANDREW, filho de Sor Lomas, a proteger Edric Storm no mar estreito,

— LESTER MORRIGEN, Senhor do Ninho de Corvo,

— LORDE LUCOS CHYTTERING, dito PEQUENO LUCOS, um jovem de dezasseis anos,

— Davos Seaworth, Senhor da Mata de Chuva,

— MARYA, sua esposa, filha de um carpinteiro,

— {DALE, ALLARD, MATTHOS, MARIC}, os quatro filhos mais velhos, perdidos na Batalha da Água Negra,

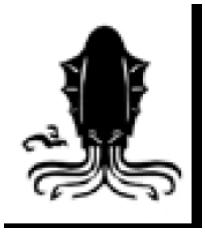
— DEVAN, escudeiro com o Rei Stannis em Castelo Negro,

— STANNIS, um rapaz de dez anos, com a Senhora Marya no Cabo da Fúria,

— STEFFON, um rapaz de seis anos, , com a Senhora Marya no Cabo da Fúria,

Stannis escolheu para estandarte o coração em chamas do Senhor da Luz; um coração vermelho rodeado por chamas cor de laranja sobre fundo amarelo. No interior do coração encontra-se o veado coroado da Casa Baratheon, de negro.

OceanofPDF.com



{BALON GREYJOY}, o Nono dos Seu Nome Desde o Rei Cinzento, Rei das Ilhas de Ferro e do Norte, Rei do Sal e Rocha, Filho do Vento Marinho, e Senhor Ceifeiro de Pyke, morto numa queda,

— a viúva do Rei Balon, SENHORA ALANNYS, da Casa Harlaw,
— os seus filhos:
— {RODRIK}, morto durante a primeira rebelião de Balon,
— {MARON}, morto durante a primeira rebelião de Balon,
— ASHA, sua filha, capitã do *Vento Negro* e conquistadora de Bosque Profundo,
— THEON, auto-intitulado Príncipe de Winterfell, chamado pelos nortenhos THEON VIRA-MANTOS,
— os irmãos e meios-irmãos do Rei Balon:
— {HARLON}, morto de escabagris na juventude,
— {QUENTON}, morto na infância,
— {DONEL}, morto na infância,
— EURON, dito OLHO DE CORVO, capitão do *Silêncio*,
— VICTARION, Senhor Capitão da Frota de Ferro, mestre da *Vitória de Ferro*,
— {URRIGON}, morto de um ferimento gangrenado,
— AERON, dito CABELO-MOLHADO, um sacerdote do Deus Afogado,
— RUS e NORJEN, dois dos seus acólitos, os “homens afogados”,
— {ROBIN}, morto na infância,
— o pessoal do Rei Balon em Pyke:
— MEISTRE WENDAMYR, curandeiro e conselheiro,

— HELYA, governanta do castelo,

— os guerreiros e espadas ajuramentadas do Rei Balon:

— DAGMER, dito BOCA-FENDIDA, capitão do *Bebedor de Espuma*, ao comando dos nascidos no ferro em Praça de Torrhen,

— BLUETOOTH, um capitão de dracar,

— ULLER, SKYTE, remadores e guerreiros,

— PRETENDENTES À CADEIRA DA PEDRA DO MAR NA ASSEMBLEIA DE HOMENS LIVRES, EM VELHA WYK

GYLBERT FARWYND, Senhor da Luz Solitária,

— os campeões de Gylbert: os seus filhos GYLES, YGON e YOHN,

ERIK FERREIRO, dito ERIK QUEBRA-BIGORNAS e ERIK, O JUSTO, um velho, em tempos um capitão e corsário famoso,

— os campeões de Erik: os seus netos UREK, THORMOR, DAGON,

DUNSTAN DRUMM, O Drumm, o Mão de Osso, Senhor de Velha Wyk,

— os campeões de Dunstan: os seus filhos DENYS e DONNEL, e ANDRIK, O SÉRIO, um homem gigantesco,

ASHA GREYJOY, única filha de Balon Greyjoy, capitã do *Vento Negro*,

— os campeões de Asha: QARL, O DONZEL, TRISTIFER BOTLEY e SOR HARRAS HARLAW,

— os capitães e apoiantes de Asha: LORDE RODRIK HARLAW, LORDE BAELOR BLACKTYDE, LORDE MELDRED MERLYN, HARMUND SHARP,

VICTARION GREYJOY, irmão de Balon Greyjoy, mestre do *Vitória de Ferro* e Senhor Capitão da Frota de Ferro,

— os campeões de Victarion: RALF VERMELHO STONEHOUSE, RALF, O COXO, e NUTE, O BARBEIRO,

— os capitães e apoiantes de Victarion: HOTHO HARLAW, ALVYN SHARP, FRALEGG, O FORTE, ROMNY WEAVER, VONTADE HUMBLE, LENWOOD PEQUENO TAWNEY, RALF KENNING, MARON VOLMARK, GOROLD GOODBROTHER,

— os membros da tripulação de Victarion: WULFE UMA-ORELHA, RAGNOR PYKE,

— a companheira de cama de Victarion, uma certa mulher morena, muda e sem língua, um presente do irmão Euron,

EURON GREYJOY, dito OLHO DE CORVO, irmão de Balon Greyjoy e capitão do *Silêncio*,

— os campeões de Euron: GREMUND BOTLEY, LORDE ORKWOOD DE MONTRASGO, DONNOR SALTCLIFFE,

— os capitães e apoiantes de Euron: TORWOLD BROWNTOOTH, JON CARA-SUMIDA MYRE, RODRIK FREEBORN, O REMADOR VERMELHO, LUCAS MÃO-ESQUERDA CODD, QUELLON HUMBLE, HARREN MEIO-HOARE, KEMMETT PYKE, O BASTARDO, QARL, O SERVO, MÃO DE PEDRA, RALF, O PASTOR, RALF DE FIDALPORTO,

— os membros da tripulação de Euron: CRAGORN

— os vassalos de Balon, os Senhores das Ilhas de Ferro:

EM PYKE

— {SAWANE BOTLEY}, Senhor de Fidalporto, afogado por Euron Olho de Corvo,

— {HARREN}, o seu filho mais velho, morto em Fosso Cailin,

— TRISTIFER, o seu segundo filho e legítimo herdeiro, despojado pelo tio,

— SYMOND, HARLON, VICKON e BENNARION, os seus filhos mais novos, igualmente despojados,

— GERMUND, seu irmão, nomeado Senhor de Fidalporto,

— os filhos de Germund, BALON e QUELLON,

— SARGON e LUCIMORE, meios-irmãos de SAWANE,

— WEX, um rapaz mudo de doze anos, filho bastardo de Sargon, escudeiro de Theon Greyjoy,

— WALDON WYNCH, Senhor de Bosque de Ferro,

EM HARLAW

— RODRIK HARLAW, dito O LEITOR, Senhor de harlaw, Senhor de Dez Torres, Harlaw de Harlaw,

— SENHORA GWYNESSE, sua irmã mais velha,

— SENHORA ALANNYS, sua irmã mais nova, viúva do Rei Balon Greyjoy,

— SIGFRYD HARLAW, dito SIGFRYD CABELO-DE-PRATA ou SIGFRYD GRISALHO, seu tio-avô, dono de Solar de Harlaw,

— HOTHO HARLAW, dito HOTHO CORCUNDA, da Torre Bruxuleante, um primo,

— SOR HARRAS HARLAW, dito O CAVALEIRO, o Cavaleiro de Jardim Cinzento, um primo,

— BOREMUND HARLAW, dito BOREMUND, O AZUL, dono de Monte da Bruxa, um primo,

— vassalos e espadas ajuramentadas ao Lorde Rodrik:

— MARON VOMARK, Senhor de Volmark,

— MYRE, STONETREE e KENNING,

— pessoal de Lorde Rodrik:

— TRÊS-DENTES, sua intendente, uma velha,

EM PRETAMARE

— BAELOR BLACKTYDE, Senhor de Pretamare, capitão do *Voador Nocturno*,

— BEN CEGO BLACKTYDE, um sacerdote do Deus Afogado,

EM VELHA WYK

— DUNSTAN DRUMM, O Drumm, capitão do *Trovejante*,

— NORNE GOODBROTHER, de Pedrasmagada,

— O STONEHOUSE,

— TARLE, dito TARLE, O TRÊS VEZES AFOGADO, um sacerdote do Deus Afogado,

EM GRANDE WYK

— GOROLD GOODBROTHER, Senhor de Cornartelo,

— os seus filhos, GREYDON, GRAN e GORMOND, trigémeos,

— as suas filhas, GYSELLA e GWIN,

— MEISTRE MURENMURE, tutor, curandeiro e conselheiro,

— TRISTON FARWYND, Senhor de Ponta de Pelefoca,

— O SPARR,

— o seu filho e herdeiro, STEFFARION,
— MELDRED MERLYN, Senhor de Seixeira,
EM MONTRASGO
— ORKWOOD DE MONTRASGO,
— LORDE TAWNEY,
EM SALÉSIA
— LORDE DONNOR SALTCLIFFE,
— LORDE SUNDERLY,
NAS ILHAS E ROCHEDOS MENORES
— GYLBERT FARWYND, Senhor da Luz Solitária,
— A VELHA GAIVOTA CINZENTA, um sacerdote do Deus Afogado.

OceanofPDF.com

OUTRAS CASAS, GRANDES E PEQUENAS

OceanofPDF.com

Os Arryn são descendentes dos Reis da Montanha e Vale. O seu símbolo é a lua e o falcão, de branco, em campo azul celeste. A Casa Arryn não participou na Guerra dos Cinco Reis.

O lema dos Arryn é: *Tão Alto Como a Honra*.

ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho de Águia, Defensor do Vale, intitulado pela mãe como Verdadeiro Protector do Leste, um rapaz enfermiço de oito anos, por vezes chamado PISCO-DOCE,

— a sua mãe, {SENHORA LYSA, da Casa Tully}, viúva do Lorde Jon Arryn, empurrada pela Porta da Lua para a sua morte,

— o seu padrasto, PETYR BAELISH, dito MINDINHO, Senhor de Harrenhal, Senhor Supremo do Tridente, e Senhor Protector do Vale,

— ALAYNE STONE, filha ilegítima do Lorde Petyr, uma donzela de treze anos, na realidade Sansa Stark,

— SOR LOTHOR BRUNE, um mercenário ao serviço do Lorde Petyr, capitão dos guardas do Ninho de Águia,

— OSWELL, um homem de armas encanecido ao serviço do Lorde Petyr, por vezes chamado KETTLEBLACK,

— o pessoal do Lorde Robert no Ninho de Águia:

— MARILLION, um bem-parecido e jovem cantor, muito apreciado pela Senhora Lysa, e acusado do seu assassínio,

— MEISTRE COLEMON, conselheiro, curandeiro e tutor,

— MORD, um carcereiro brutal com dentes de ouro,

— GRETCHEL, MADDY e MELA, criadas,

— os senhores vassalos do Lorde Robert, os Senhores do Vale:

— LORDE NESTOR ROYCE, Supremo Intendente do Vale e castelão dos Portões da Lua,

— SOR ALBAR, filho e herdeiro de Lorde Nestor,

— MYRANDA, dita RANDA, filha de Lorde Nestor, uma viúva, mas pouco usada,

— o pessoal de Lorde Nestor:

— SOR MARWYN BELMORE, capitão dos guardas,

— MYA STONE, uma tratadora de mulas e guia, filha bastarda do Rei Robert I Baratheon,

— OSSY e CARROT, tratadores de mulas,

— LYONEL CORBRAY, Senhor de Lar do Coração,

— SOR LYN CORBRAY, seu irmão e herdeiro, que brande a afamada espada Senhora Desespero,

— SOR LUCAS CORBRAY, seu irmão mais novo,

— JON LYNDERLY, Senhor da Mata de Cobras,

— TERRANCE, seu filho e herdeiro, um jovem escudeiro,

— EDMUND WAXLEY, o Cavaleiro de Tocalar,

— GEROLD GRAFTON, o Senhor de Vila Gaivota,

— GYLES, o seu filho mais novo, um escudeiro,

— TRISTON SUNDERLAND, Senhor das Três Irmãs,

— GODRIC BORRELL, Senhor de Irmã Doce,

— ROLLAND LONGTHORPE, Senhor de Irmã Longa,

— ALESANDOR TORRENT, Senhor de Irmã Pequena,

— os Senhores Declarantes, vassalos da Casa Arryn unidos em defesa do jovem Lorde Robert:

— YOHN ROYCE, dito BRONZE YOHN, Senhor de Pedrarruna, pertencente ao ramo principal da Casa Royce,

— SOR ANDAR, único filho sobrevivente de Bronze Yohn, e herdeiro de Pedrarruna,

— o pessoal de Bronze Yohn:

— MEISTRE HELLIWEG, tutor, curandeiro, conselheiro,

— SEPTÃO LUCOS,

— SOR SAMWELL STONE, dito SAM FORTE STONE, mestre de armas,

— vassalos e espadas ajuramentadas a Bronze Yohn:

— ROYCE COLDWATER, Senhor de Regato de Aguafria,

— SOR DAMON SHETT, Cavaleiro de Torre das Gaivotas,

— UTHOR TOLLETT, Senhor de Vale Cinzento,

— ANYA WAYNWOOD, Senhora de Castelo de Ferrobles

— SOR MORTON, seu filho mais velho e herdeiro,

— SOR DONNEL, seu segundo filho, o Cavaleiro do Portão,

— WALLACE, o seu filho mais novo,

— HARROLD HARDYNG, seu protegido, um escudeiro frequentemente chamado HARRY, O HERDEIRO,

— BENEDAR BELMORE, Senhor de Cantoforte,

— SOR SYMOND TEMPLETON, o Cavaleiro de Novestrelas,

— {EON HUNTER}, Senhor de Solar de Longarco, recentemente falecido,

— SOR GILWOOD, filho mais velho e herdeiro de Lorde Eon, agora chamado JOVEM LORDE HUNTER,

— SOR EUSTACE, segundo filho do Lorde Eon,

— SOR HARLAN, filho mais novo do Lorde Eon,

— pessoal do Jovem Lorde Hunter:

— MEISTRE WILLAMEN, conselheiro, curandeiro, tutor,

— HORTON REDFORT, Senhor de Fortencarnado, três vezes casado,

— SOR JASPER, SOR CREIGHTON, SOR JON, seus filhos,

— SOR MYCHEL, seu filho mais novo, cavaleiro acabado de armar, c. Ysilla Royce de Pedrarruna,

— chefes de clã das Montanhas da Lua,

— SHAGGA, FILHO DE DOLF, DOS CORVOS DE PEDRA, presentemente na liderança de um bando na mata de rei,

— TIMETT, FILHO DE TIMETT, DOS HOMENS QUEIMADOS,

— CHELLA, FILHA DE CHEYK, DOS ORELHAS NEGRAS,

— CRAWN, FILHO DE CALOR, DOS IRMÃOS DA LUA.

OceanofPDF.com

Os Florent da Fortaleza de Águas Claras são vassalos de Jardim de Cima. Ao rebentar a Guerra dos Cinco Reis, o Lorde Alester Florent seguiu o seu suserano na proclamação pelo Rei Renly, mas o seu irmão, Sor Axell, escolheu Stannis, marido da sua sobrinha Selyse. Após a morte de Renly, o Lorde Alester passou-se para o lado de Stannis com todas as forças de Águas Claras. Stannis fez de Lorde Alester sua Mão, e entregou o comando da sua frota a Sor Imry Florent, irmão da esposa. Quer a frota, quer Sor Imry, se perderam na Batalha da Água Negra, e os esforços desenvolvidos pelo Lorde Alester para negociar uma paz após a derrota foram vistos pelo Rei Stannis como traição. Ele foi entregue à sacerdotisa vermelha Melisandre, que o queimou como sacrifício a R'hllor.

O Trono de Ferro também declarou os Florent traidores pelo apoio dado a Stannis e à sua rebelião. Foram proscritos, e a Fortaleza de Águas Claras e as suas terras foram atribuídas a Sor Garlan Tyrell.

O selo da Casa Florent exibe uma cabeça de raposa rodeada por um círculo de flores.

{ALESTER FLORENT}, Senhor de Águas Claras, queimado como traidor,

— a sua esposa, SENHORA MELARA, da Casa Crane,

— os seus filhos:

— ALEKYNE, senhor proscrito de Águas Claras, fugiu para Vilavelha, a fim de procurar refúgio na Torralta,

— SENHORA MELESSA, casada com o Lorde Randyll Tarly,

— SENHORA RHEA, casada com o Lorde Leyton Hightower,

— os seus irmãos:

— SOR AXELL, um homem da rainha, ao serviço da sobrinha, a Rainha Selyse, em Atalaialeste-do-Mar,

— {SOR RYAM}, morto ao cair de um cavalo,

— SELYSE, sua filha, esposa e rainha do Rei Stannis I Baratheon,

— SHIREEN BARATHEON, a sua única filha,

— {(SOR IMRY}, o seu filho mais velho, morto na Batalha da Água Negra,

— SOR ERREN, o seu segundo filho, cativo em Jardim de Cima,

— SOR COLIN, castelão na Fortaleza de Águas Claras,

— DELENA, sua filha, c. SOR HOSMAN NORCROSS,

— o seu filho ilegítimo, EDRIC STORM, filho do Rei Robert I Baratheon,

— ALESTER NORCROSS, o seu filho legítimo mais velho, um rapaz de nove anos,

— RENLY NORCROSS, o seu segundo filho legítimo, um rapaz de três anos,

— MEISTRE OMER, filho mais velho de Sor Colin, ao serviço em Carvalho Velho,

— MERRELL, o filho mais novo de Sor Colin, um escudeiro na Árvore,

— RYLENE, irmã do Lorde Alester, c. Sor Rycherd Crane.

OceanofPDF.com

Os Frey são vassalos da Casa Tully, mas nem sempre foram diligentes em desempenhar o seu dever. Ao rebentar a Guerra dos Cinco Reis, Robb Stark conquistou a aliança do Lorde Walder com a promessa de desposar uma das suas filhas ou netas. Quando casou com a Senhora Jeyne Westerling, os Frey conspiraram com Roose Bolton e assassinaram o Jovem Lobo e os seus seguidores naquilo que ficou conhecido como o Casamento Vermelho.

WALDER FREY, Senhor da Travessia,

— da sua primeira esposa, {SENHORA PERRA, da Casa Royce}:

— {SOR STEVRON}, morto após a Batalha de Cruzaboi,

— c. {Corenna Swann, morta de uma doença debilitante},

— o filho mais velho de Stevron, SOR RYMAN, herdeiro das Gémeas,

— o filho de Ryman, EDWYN, casado com Janyce Hunter,

— a filha de Edwyn, WALDA, uma menina de nove anos,

— o filho de Ryman, WALDER, dito WALDER NEGRO,

— o filho de Ryman, {PETYR}, dito PETYR BORBULHA, enforcado em Pedravelhas, c. Mylenda Caron,

— a filha de Petyr, PERRA, uma menina de cinco anos,

— c. {Jeyne Lydden, morta numa queda de um cavalo},

— o filho de Stevron, {AEGON}, dito GUIZO, morto no Casamento Vermelho por Catelyn Stark,

— a filha de Stevron, {MAEGELLE}, morta de parto, c. Sor Dafyn Vance,

— a filha de Maegelle, MARIANNE, uma donzela,

— o filho de Maegelle, WALDER VANCE, um escudeiro,

— o filho de Maegelle, PATREK VANCE,

— c. {Marsella Waynwood}, morta de parto,

— o filho de Stevron, WALTON, c. Deana Hardyng,

— o filho de Walton, STEFFON, dito O DOCE,

— a filha de Walton, WALDA, dita BELA WALDA,

— o filho de Walton, BRYAN, um escudeiro,

— SOR EMMON, segundo filho do Lorde Walder, c. Genna, da Casa Lannister,

— o filho de Emmon, {SOR CLEOS}, morto por foras-da-lei perto de Lagoa da Donzela, c. Jeyne Darry,

— o filho de Cleos, TYWIN, um escudeiro de onze anos,

— o filho de Cleos, WILLEM, um pajem em Cinzamarca, dez anos,

— o filho de Emmon, SOR LYONEL, c. Melesa Crakehall,

— o filho de Emmon, {TION}, um escudeiro, assassinado por Rickard Karstark enquanto cativo em Correrrio,

— o filho de Emmon, WALDER, dito WALDER VERMELHO, catorze anos, um escudeiro em Rochedo Casterly,

— SOR AENYS, terceiro filho do Lorde Walder, c. {Tyana Wylde}, morta de parto,

— o filho de Aenys, AEGON NASCIDO-EM-SANGUE, um fora-da-lei,

— o filho de Aenys, RHAEGAR, c. {Jeyne Beesbury}, morta de uma doença debilitante,

— o filho de Rhaegar, ROBERT, um rapaz de treze anos,

— a filha de Rhaegar, WALDA, uma rapariga de dez anos, dita WALDA BRANCA,

— o filho de Rhaegar, JONOS, um rapaz de oito anos,

— PERRIANE, filha do Lorde Walder, c. Sor Leslyn Haigh,

— o filho de Perriane, SOR HARYS HAIGH,

— o filho de Harys, WALDER HAIGH, um rapaz de quatro anos,

— o filho de Perriane, SOR DONNEL HAIGH,

— o filho de Perriane, ALYN HAIGH, um escudeiro,

— da sua segunda esposa, {SENHORA CYRENNA, da Casa Swann}:

— SOR JARED, o quarto filho do Lorde Walder, c {Alys Frey},

— o filho de Jared, {SOR TYTOS}, morto por Sandor Clegane durante o Casamento Vermelho, c. Zhoe Blanetree,

— a filha de Tytos, ZIA, uma donzela de catorze anos,

— o filho de Tytos, ZACHERY, um rapaz de doze anos ajuramentado à Fé, em treino no Septo de Vilavelha,

— a filha de Jared, KYRA, c. {Sor Garse Goodbrook}, morto durante o Casamento Vermelho,

— o filho de Kyra, WALDER GOODBROOK, um rapaz de nove anos,

— a filha de Kyra, JEYNE GOODBROOK, seis anos,

— o SEPTÃO LUCEON, ao serviço no Grande Septo de Baelor,

— da sua terceira esposa, {SENHORA AMAREI, da Casa Crakehall}:

— SOR HOSTEEN, c. Bellena Hawick,

— o filho de Hosteen, SOR ARWOOD, c. Ryella Royce,

— a filha de Arwood, RYELLA, uma rapariga de cinco anos,

— os filhos gémeos de Arwood, ANDROW e ALYN, com quatro anos,

— a filha de Arwood, HOSTELLA, um bebé recém-nascido,

— LYTHENE, filha do Lorde Walder, c. Lorde Lucias Vypren,

— a filha de Lythene, ELIANA, c. Sor Jon Wylde,

— o filho de Elyana, RICKARD WYLDE, de quatro anos,

— o filho de Lythene, SOR DAMON VYPREN,

— SYMOND, c. Betharios de Bravos,

— o filho de Symond, ALESANDER, um cantor,

— a filha de Symond, ALYX, uma donzela de dezassete anos,

— o filho de Symond, BRADAMAR, um rapaz de dez anos, protegido de Oro Tendyris, um mercador de Bravos,

— SOR DANWELL, oitavo filho do Lorde Walder, c. Wynafrei Whent,

— {muitos nados-mortos e abortos},

— {MERRETT}, enforcado em Pedravelhas, c. Mariya Darry,

— a filha de Merrett, AMEREI, dita AMI, c. {Sor Pate do Ramo Azul, morto por Sor Gregor Clegane},

— a filha de Merrett, WALDA, dita WALDA GORDA, c. Roose Bolton, Senhor do Forte do Pavor,

— a filha de Merrett, MARISSA, uma donzela de treze anos,

— o filho de Merrett, WALDER, dito PEQUENO WALDER, oito anos, um escudeiro ao serviço de Ramsay Bolton,

— {SOR GEREMY}, afogado, c. Carolei Waynwood,

— o filho de Geremy, SANDOR, um rapaz de doze anos, escudeiro,

— a filha de Geremy, CYNTHEA, uma rapariga de nove anos, protegida da Senhora Anya Waynwood,

— SOR RAYMUND, c. Beony Beesbury,

— o filho de Raymund, ROBERT, um acólito na Cidadela,

— o filho de Raymund, MALWYN, ao serviço como alquimista em Lys,

— as filhas gémeas de Raymund, SERRA e SARRA,

— a filha de Raymund, CERSEI, dita PEQUENA ABELHA,

— os filhos gémeos de Raymund, JAIME e TYWIN, recém-nascidos,

— da sua quarta esposa, {SENHORA ALYSSA, da Casa Blackwood}:

— LOTHAR, o décimo segundo filho do Lorde Walder, dito LOTHAR COXO, c. Leonella Lefford,

— a filha de Lothar, TYSANE, uma rapariga de sete anos,

— a filha de Lothar, WALDA, uma rapariga de cinco anos,

— a filha de Lothar, EMBERLEI, uma rapariga de três anos,

— a filha de Lothar, LEANA, um bebé recém-nascido,

— SOR JAMMOS, décimo terceiro filho do Lorde Walder, c. Sallei Paege,

— o filho de Jammos, WALDER, dito GRANDE WALDER, um escudeiro ao serviço de Ramsey Bolton,

— os filhos gémeos de Jammos, DICKON e MATHIS, cinco anos,

— SOR WHALEN, décimo quarto filho do Lorde Walder, c. Sylwa Paege,

— o filho de Whalen, HOSTER, um escudeiro de doze anos, ao serviço de Sor Damon Paege,

— a filha de Whalen, MERIANNE, dita MERRY, onze anos,

— MORYA, filha do Lorde Walder, c. Sor Flement Brax,

— o filho de Morya, ROBERT BRAX, de nove anos, um pajem em Rochedo Casterly,

— o filho de Morya, WALDER BRAX, um rapaz de seis anos,

— o filho de Morya, JON BRAX, um bebé de três anos,

— TYTA, filha do Lorde Walder, dita TYTA, A DONZELA,

— da sua quinta esposa, {SENHORA SARYA da Casa Whent}:

— nenhuma prole,

— da sua sexta esposa, {SENHORA BETHANY, da Casa Rosby}:

— SOR PERWYN, o décimo quinto filho do Lorde Walder,

— {SOR BENFREY}, décimo sexto filho do Lorde Walder, morto de um ferimento sofrido no Casamento Vermelho, c. Jyanna Frey, uma prima,

— a filha de Benfrey, DELLA, dita DELLA SURDA, uma rapariga de três anos,

— o filho de Benfrey, OSMUND, um rapaz de dois anos,

— MEISTRE WILLAMEN, décimo sétimo filho do Lorde Walder, ao serviço em Solar de Longarco,

— OLYVAR, décimo oitavo filho do Lorde Walder, antigo escudeiro de Robb Stark,

— ROSLIN, dezasseis anos, c. Lorde Edmure Tully no Casamento Vermelho,

— da sua sétima esposa, {SENHORA ANNARA, da Casa Farring}:

— ARWYN, filha do Lorde Walder, uma donzela de catorze anos,

— WENDEL, décimo nono filho do Lorde Walder, treze anos, pajem em Guardamar,

— COLMAR, vigésimo filho do Lorde Walder, onze anos e prometido à Fé,

— WALTYR, dito TYR, vigésimo primeiro filho do Lorde Walder, dez anos,

— ELMAR, último filho varão do Lorde Walder, um rapaz de nove anos por um breve período prometido a Arya Stark,

— SHIREI, a filha mais nova do Lorde Walder, uma rapariga de sete anos,

— a sua oitava esposa, SENHORA JOYEUSE, da Casa Erenford,

— actualmente grávida,

— filhos ilegítimos de Lorde Walder, de mães diversas,

— WALDER RIVERS, dito WALDER BASTARDO,

— o filho do Walder Bastardo, SOR AEMON RIVERS,

— a filha do Walder Bastardo, WALDA RIVERS,

— MEISTRE MELWYS, ao serviço em Rosby,

— JEYNE RIVERS, MARTYN RIVERS, RYGER RIVERS, RONEL RIVERS, MELLARA RIVERS, e outros.

OceanofPDF.com

CASA HIGHTOWER

Os Hightower de Vilavelha estão entre as mais antigas e orgulhosas das Grandes Casas de Westeros, traçando a sua ascendência até aos Primeiros Homens. Em tempos reis, governam Vilavelha e as suas redondezas desde a Aurora dos Dias, acolhendo os ândalos em vez de lhes resistir, e mais tarde dobrando o joelho aos Reis da Campina e renunciando às coroas ao mesmo tempo que retinham todos os seus antigos privilégios. Embora poderosos e imensamente ricos, os Senhores da Torre Alta têm uma tradição de preferir o comércio à batalha, e raramente desempenharam grande papel nas guerras de Westeros. Os Hightower foram determinantes para a fundação da Cidadela e continuam a protegê-la até no presente. Subtis e sofisticados, sempre foram grandes benfeitores da aprendizagem e da Fé, e diz-se que certos dos membros da família também se interessaram pela alquimia, necromancia e outras artes feiticeiras.

As armas da Casa Hightower ostentam uma torre escalonada de branco coroada com fogo sobre fundo cinzento de fumo. O lema da Casa é: *Nós Iluminamos o Caminho*.

LEYTON HIGHTOWER, Voz de Vilavelha, Senhor do Porto, Senhor da Torre Alta, Defensor da Cidadela, Farol do Sul, dito O VELHO DE VILAVELHA,

— SENHORA RHEA, da Casa Hightower, sua quarta esposa,

— o filho mais velho e herdeiro do Lorde Leyton, SOR BAELOR, dito BAELOR SORRISOVIVO, c. Rhonda Rowan,

— a filha do Lorde Leyton, MALORA, dita A DONZELA LOUCA,

— a filha do Lorde Leyton, ALERIE, c. Lorde Mace Tyrell,

— o filho do Lorde Leyton, SOR GARTH, dito AÇOGRIS,

— a filha do Lorde Leyton, DENYSE, c. Sor Desmond Redwyne,

— o seu filho, DENYS, um escudeiro,

— a filha do Lorde Leyton, LEYLA, c. Sor Jon Cupps,

— a filha do Lorde Leyton, ALYSANNE, c. Lorde Arthur Ambrose,

— a filha do Lorde Leyton, LYNESSE, c. Lorde Jorah Mormont, actualmente concubina principal de Tregar Ormollen, de Lys,

— o filho do Lorde Leyton, SOR GUNTHOR, c. Jeyne Fossoway, dos Fossoway da maçã verde,

— o filho mais novo do Lorde Leyton, SOR HUMFREY,

— os vassalos do Lorde Leyton:

— TOMMEN COSTAYNE, Senhor de Três Torres,

— ALYSANNE BULWER, Senhora de Coroanegra, uma rapariga de oito anos,

— MARTYN MULLENDORE, Senhor de Terraltas,

— WARRYN BEESBURY, Senhor de Bosquemel,

— BRANSTON CUY, Senhor de Solar de Girassol,

— o povo de Vilavelha:

— EMMA, uma criada no Pena e Caneca, onde as mulheres são prestáveis e a cidra é terrivelmente forte,

— ROSEY, sua filha, uma rapariga de quinze anos cuja virgindade custará um dragão de ouro,

— os Arquimeistres da Cidadela:

— ARQUIMEISTRE NORREN, Senescal no ano que termina, cujo anel, bastão e máscara são de electrum,

— ARQUIMEISTRE THEOBALD, Senescal no ano que começa, cujo anel, bastão e máscara são de chumbo,

— ARQUIMEISTRE MARWYN, dito MARWYN, O MAGO, cujo anel, bastão e máscara são de aço valiriano,

— ARQUIMEISTRE PERESTAN, o historiador, cujo anel, bastão e máscara são de cobre,

— ARQUIMEISTRE VAELLYN, dito VAELLYN VINAGRE, o astrónomo, cujo anel, bastão e máscara são de bronze,

— ARQUIMEISTRE RYAM, cujo anel, bastão e máscara são de ouro amarelo,

— ARQUIMEISTRE WALGRAVE, um velho de cabeça incerta, cujo anel, bastão e máscara são de ferro negro,

— GALLARD, CASTOS, ZARABELLO, BENEDICT, GARIZON, NYMOS, CETHERES, WILLIFER, MOLLOS, HARODON, GUYNE, AGRIVANE, OCLEY, todos arquimeistres,

— meistres, acólitos e noviços da Cidadela:

— MEISTRE GORMON, que é frequente servir no lugar de Walgrave,

— ARMEN, um acólito de quatro elos, dito O ACÓLITO,

— ALLERAS, dito O ESFINGE, um acólito de três elos, arqueiro dedicado,

— ROBERT FREY, dezasseis anos, um acólito de dois elos,

— LORCAS, um acólito de nove elos, ao serviço do Senescal,

— LEO TYRELL, dito LEO PREGUIÇOSO, um noviço de nascimento elevado,

— MOLLANDER, um noviço, nascido aleijado de um pé,

— PATE, que cuida dos corvos do Arquimeistre Walgrave, um noviço pouco promissor,

— ROONE, um jovem noviço.

OceanofPDF.com

Os Lannister de Rochedo Casterly permanecem como o principal apoio da pretensão do Rei Tommen ao Trono de Ferro. Vangloriam-se de descender de Lann, o Esperto, o legendário intrujão da Era dos Heróis. O ouro de Rochedo Casterly e de Dente Dourado fez dela a mais rica entre as Grandes Casas. O selo Lannister é um leão dourado num campo de carmim.

O seu lema é *Ouvi-me rugir!*

{TYWIN LANNISTER}, Senhor de Rochedo Casterly, Escudo de Lanisporto, Protector do Oeste, e Mão do Rei, assassinado pelo filho anão na sua latrina,

— os filhos do Lorde Tywin:

— CERSEI, gémea de Jaime, agora Senhora de Rochedo Casterly,

— JAIME, gémeo de Cersei, dito REGICIDA,

— TYRION, dito DUENDE, anão e assassino de parentes,

— os irmãos do Lorde Tywin e respectivos descendentes:

— SOR KEVAN LANNISTER, c. Dorna, da Casa Swyft,

— SENHORA GENNA, c. Sor Emmon Frey, agora Senhor de Correrrio,

— o filho mais velho de Genna, {SOR CLEOS FREY}, c. Jeyne, da Casa Darry, morto por foras-da-lei,

— o filho mais velho de Cleos, SOR TYWIN FREY, dito TY, agora herdeiro de Correrrio,

— o segundo filho de Cleos, WILLEM FREY, um escudeiro,

— o segundo filho de Genna, SOR LYONEL FREY,

— o terceiro filho de Genna, {TION FREY}, um escudeiro, assassinado enquanto cativo em Correrrio,

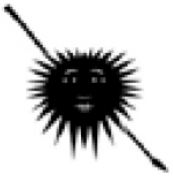
— o filho mais novo de Genna, WALDER FREY, dito WALDER VERMELHO, pajem em Rochedo Casterly,

— WAT RISO-BRANCO, um cantor ao serviço da Senhora Genna,
— {SOR TYGETT LANNISTER}, morto de varíola,
— TYREK, filho de Tygett, desaparecido e julgado morto,
— SENHORA ERMESANDE HAYFORD, esposa infantil de Tyrek,
— {GERION LANNISTER}, perdido no mar,
— JOY HILL, filha bastarda de Gerion, com onze anos,
— demais família próxima do Lorde Tywin:
— {SOR STAFFORD LANNISTER}, primo e irmão da esposa do Lorde Tywin, morto em batalha em Cruzaboi,
— CERENNA e MYRIELLE, filhas de Stafford,
— SOR DAVEN LANNISTER, filho de Sor Stafford,
— SOR DAMION LANNISTER, um primo, c. Senhora Shiera Crakehall,
— o seu filho, SOR LUCION,
— a sua filha, LANNA, c. Lorde Antario Jast,
— SENHORA MARGOT, uma prima, c. Lorde Titus Peake,
— o pessoal da sua casa em Rochedo Casterly:
— MEISTRE CREYLEN, curandeiro, tutor e conselheiro,
— VILARR, capitão dos guardas,
— SOR BENEDICT BROOM, mestre de armas,
— WAT RISO-BRANCO, um cantor,
— vassalos e espadas ajuramentadas, os Senhores do Oeste:
— DAMON MARBRAND, Senhor de Cinzamarca,
— SOR ADDAM MARBRAND, seu filho e herdeiro, Comandante da Patrulha da Cidade em Porto Real,
— ROLAND CRAKEHALL, Senhor de Paço de Codorniz,
— o irmão de Roland, {SOR BURTON}, morto por foras-da-lei,
— o filho e herdeiro de Roland, SOR TYBOLT,
— o filho de Roland, SOR LYLE, dito VARRÃO FORTE,
— o filho mais novo de Roland, SOR MERLON,
— SEBASTION FARMAN, Senhor de Ilha Bela,
— JEYNE, sua irmã, c. SOR GARETH CLIFTON,

— TYTOS BRAX, Senhor de Valcorno,
— SOR FLEMENT BRAX, seu irmão e herdeiro,
— QUENTEN BANEFORT, Senhor de Forte Ruína,
— SOR HARYS SWYFT, sogro de Sor Kevan Lannister,
— o filho de Sor Harys, SOR STEFFON SWYFT,
— a filha de Sor Steffon, JOANNA,
— a filha de Sor Harys, SHIERLE, c. Sor Melwyn Sarsfield,
— REGENARD ESTREN, Senhor de Vieleira, cativo nas Gémeas,
— GAWEN WESTERLING, Senhor do Despenhadeiro,
— a sua esposa, SENHORA SYBELL, da Casa Spicer,
— o seu irmão, SOR ROLPH SPICER, acabado de ser nomeado Senhor de Castamere,
— o seu primo, SOR SAMWELL SPICER,
— os seus filhos:
— SOR RAYNALD WESTERLING,
— JEYNE, viúva de Robb Stark,
— ELEYNA, uma menina de doze anos,
— ROLLAM, um rapaz de nove anos,
— SOR SELMOND STACKSPEAR,
— o seu filho, SOR STEFFON STACKSPEAR,
— o seu filho mais novo, SOR ALYN STACKSPEAR,
— TERRENCE KENNING, Senhor de Kayce,
— SOR KENNOS DE KAYCE, um cavaleiro ao seu serviço,
— LORDE ANTARIO JAST,
— LORDE ROBIN MORELAND,
— SENHORA ALYSANNE LEFFORD,
— LEWIS LYDDEN, Senhor de Toca Funda,
— LORDE PHILIP PLUMM,
— os seus filhos, SOR DENNIS PLUMM, SOR PETER PLUMM e SOR HARWYN PLUMM, dito PEDRADURA,
— SOR GARRISON PRESTER,
— SOR FORLEY PRESTER, seu primo,

— SOR GREGOR CLEGANE, dito A MONTANHA QUE CAVALGA,
— SANDOR CLEGANE, seu irmão,
— SOR LORENT LORCH, um cavaleiro com terras,
— SOR GARTH GREENFIELD, um cavaleiro com terras,
— SOR LYMOND VIKARY, um cavaleiro com terras,
— SOR RAYNARD RUTTIGER, um cavaleiro com terras,
— SOR MANFRED YEW, um cavaleiro com terras,
— SOR TYBOLT HETHERSPOON, um cavaleiro com terras,
— {MELARA HETHERSPOON}, sua filha, afogada num poço enquanto protegida em Rochedo Casterly,

OceanofPDF.com



Dorne foi o último dos Sete Reinos a jurar lealdade ao Trono de Ferro. Tanto o sangue, como os costumes, a geografia e a história distinguem os dorneses dos outros reinos. Quando rebentou a Guerra dos Cinco Reis, Dorne não participou, mas quando Myrcella Baratheon foi prometida ao Príncipe Trystane, Lançassolar declarou o seu apoio ao Príncipe Joffrey. O estandarte Martell é um sol vermelho trespassado por uma lança dourada.

O seu lema é *Insubmissos, não curvados, não quebrados*.

DORAN NYMEROS MARTELL, Senhor de Lançassolar, Príncipe de Dorne,

— a sua esposa, MELLARIO, da Cidade Livre de Norvos,

— os seus filhos:

— PRINCESA ARIANNE, a filha mais velha, herdeira de Lançassolar,

— GARIN, irmão de leite e companheiro de Arianne, pertencente aos órfãos do Sangueverde,

— PRÍNCIPE QUENTYN, acabado de armar cavaleiro, há muito tempo educado pelo Lorde Yronwood de Paloferro,

— PRÍNCIPE TRYSTANE, prometido a Myrcella Baratheon,

— os irmãos do Príncipe Doran:

— {PRINCESA ELIA, violada e assassinada durante o Saque de Porto Real},

— {RHAENYS TARGARYEN}, a sua filha pequena, assassinada durante o Saque de Porto Real,

— {AEGON TARGARYEN}, um bebé de peito, assassinado durante o Saque de Porto Real,

— {PRÍNCIPE OBERYN}, dito VÍBORA NEGRA, morto por Sor Gregor Clegane durante um julgamento por combate,

— ELLARIA SAND, a amante do Príncipe Oberyn, filha ilegítima do Lorde Harmen Uller,

— AS SERPENTES DA AREIA, bastardas do Príncipe Oberyn:

— OBARA, vinte e oito anos, filha de Oberyn e de uma prostituta de Vilavelha,

— NYMERIA, dita SENHORA NYM, vinte e cinco anos, filha de uma mulher nobre de Volantis,

— TYENE, vinte e três anos, filha de Oberyn e de uma septã,

— SARELLA, dezanove anos, filha de uma mercadora, capitã do *Beijo Emplumado*,

— ELIA, catorze anos, filha de Ellaria Sand,

— OBELLA, doze anos, filha de Ellaria Sand,

— DOREA, oito anos, filha de Ellaria Sand,

— LOREZA, seis anos, filha de Ellaria Sand,

— a corte do Príncipe Doran, nos Jardins de Água:

— AREO HOTAH, de Norvos, capitão dos guardas,

— MEISTRE CALEOTTE, conselheiro, curandeiro e tutor,

— três vintenas de crianças, tanto de nascimento elevado como de plebeu, filhos e filhas de senhores, cavaleiros, órfãos, mercadores, artesãos e camponeses, seus protegidos,

— a corte do Príncipe Doran, em Lançassolar:

— PRINCESA MYRCELLA BARATHEON, sua protegida, prometida ao Príncipe Trystane,

— SOR ARYS OAKHEART, escudo ajuramentado de Myrcella,

— ROSAMUND LANNISTER, aia e companheira de Myrcella, uma prima afastada,

— SEPTÃ EGLANTINE, confessora de Myrcella,

— MEISTRE MYLES, conselheiro, curandeiro e tutor,

— RICASSO, Senescal em Lançassolar, velho e cego,

— SOR MANFREY MARTELL, castelão em Lançassolar,

— SENHORA ALYSE LADYBRIGHT, senhora tesoureira,

— SOR GASCOYNE do Sangueverde, escudo ajuramentado do Príncipe Trystane,

— BORS e TIMOTH, criados em Lançassolar,

— BELANDRA, CEDRA, as irmãs MORRA e MELLEI, criadas em Lançassolar,

— vassalos do Príncipe Doran, os Senhores de Dorne:

— ANDERS YRONWOOD, Senhor de Paloferro, Protector do Caminho de Pedra, o Sangue-Real,

— SOR CLETUS, seu filho, conhecido por ter um olho estrábico,

— MEISTRE KEDRY, curandeiro, tutor e conselheiro,

— HARMEN ULLER, Senhor da Toca do Inferno,

— ELLARIA SAND, sua filha ilegírima,

— SOR ULWYCK ULLER, seu irmão,

— DELONNE ALLYRION, Senhora de Graçadivina,

— SOR RYON, seu filho e herdeiro,

— SOR DAEMON SAND, filho ilegítimo de Ryon, o Bastardo de Graçadivina,

— DAGOS MANWOODY, Senhor de Tumbarreal,

— MORS e DICKON, seus filhos,

— SOR MYLES, seu irmão,

— LARRA BLACKMONT, Senhora de Monpreto,

— JYNESSA, sua filha e herdeira,

— PERROS, seu filho, um escudeiro,

— NYMELLA TOLAND, Senhora de Monte Espírito,

— QUENTYN QORGYLE, Senhor de Arenito,

— SOR GULIAN, seu filho mais velho e herdeiro,

— SOR ARRON, seu segundo filho,

— SOR DEZIEL DALT, o Cavaleiro de Limoeiros,

— SOR ANDREY, seu irmão e herdeiro, dito DREY,

— FRANKLYN FOWLER, Senhor de Alcanceleste, dito O VELHO FALCÃO, Protector do Passo do Príncipe,

— JEYNE e JENNELYN, suas filhas gémeas,

— SOR SYMON SANTAGAR, o Cavaleiro de Matamalhada,

— SYLVA, sua filha e herdeira, dita SYLVA MALHADA devido às suas sardas,

— EDRIC DAYNE, Senhor de Tombastela, um escudeiro,

— SOR GEROLD DAYNE, dito ESTRELA NEGRA, o Cavaleiro de Alto Ermitério, sei primo e vassalo,

— TREBOR JORDAYNE, Senhor da Penha,

— MYRIA, sua filha e herdeira,

— TREMOND GARGALEN, Senhor da Costa do Sal,

— DAERON VAITH, Senhor das Dunas Rubras.

OceanofPDF.com

A ascendência dos Stark remonta a Brandon, o Construtor, e aos antigos Reis do Inverno. Ao longo de milhares de anos governaram a partir de Winterfell como Reis do Norte, até que Torrhen Stark, o Rei Que Ajoelhou, escolheu jurar fidelidade a Aegon, o Dragão, em vez de lhe dar batalha. Quando o Lorde Eddard Stark de Winterfell foi executado pelo Rei Joffrey, os nortenhos abjuraram a sua lealdade ao Trono de Ferro e proclamaram o filho do Lorde Eddard, Robb, como Rei no Norte. Durante a Guerra dos Cinco Reis, ele ganhou todas as batalhas, mas foi traído e assassinado pelos Frey e pelos Bolton nas Gémeas durante o casamento do tio.

{ROBB STARK}, Rei no Norte, Rei do Tridente, Senhor de Winterfell, filho mais velho do Lorde Eddard Stark e da Senhora Catelyn, da Casa Tully, um jovem de dezasseis anos dito O JOVEM LOBO,

— {VENTO CINZENTO}, o seu lobo gigante, morto no Casamento Vermelho,

— os seus irmãos legítimos:

— SANSA, sua irmã, c. Tyrion, da Casa Lannister,

— {LADY}, o seu lobo gigante, morto no Castelo de Darry,

— ARYA, sua irmã, uma menina de onze anos, desaparecida e julgada morta,

— NYMERIA, o seu lobo gigante, a vaguear pelas terras fluviais,

— BRANDON, dito BRAN, um rapaz aleijado de nove anos, herdeiro de Winterfell, julgado morto,

— VERÃO, o seu lobo gigante,

— os companheiros e protectores de Bran:

— MEERA REED, uma donzela de dezasseis anos, filha do Lorde Howland Reed da Atalaia da Água Cinzenta,

— JOJEN REED, o seu irmão, de treze anos,

— HODOR, um moço de estrebaria simplório, com dois metros e dez de altura,

— RICKON, seu irmão, um rapaz de quatro anos, julgado morto,

— CÃO-FELPUDO, o seu lobo gigante, negro e selvagem,

— a companheira de Rickon, OSHA, uma selvagem, outrora cativa em Winterfell,

— o seu meio-irmão bastardo, JON SNOW, da patrulha da Noite,

— FANTASMA, o lobo gigante de Jon, branco e silencioso,

— a sua mãe, SENHORA CATELYN, da Casa Tully, viúva do Lorde Eddard Stark,

— as espadas ajuramentadas a Robb:

— {DONNEL LOCKE, OWEN NORREY, DACEY MORMONT, SOR WENDEL MANDERLY, ROBIN PEDERNEIRO}, mortos no Casamento Vermelho,

— HALLIS MOLLEN, capitão dos guardas, a escoltar os ossos de Eddard Stark de regresso a Winterfell,

— JACKS, QUENT, SHADD, guardas,

— os tios e primos de Robb:

— BENJEN STARK, o irmão mais novo do pai, perdido em patrulha para lá da Muralha, julgado morto,

— {LYSA ARRYN}, irmã da mãe, Senhora do Ninho de Águia, c. Lorde Jon Arryn, morta com um empurrão,

— o seu filho, ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho de Águia, e Defensor do Vale, um rapaz enfermiço,

— EDMURE TULLY, Senhor de Correrrio, irmão da mãe, aprisionado no Casamento Vermelho,

— SENHORA ROSLIN, da Casa Frey, noiva de Edmure,

— SOR BRYNDEN TULLY, dito PEIXE NEGRO, tio da mãe, castelão de Correrrio,

— os vassalos do Jovem Lobo, os Senhores do Norte:

— ROOSE BOLTON, Senhor do Forte do Pavor, o vira-mantos,

— {DOMERIC}, seu filho legítimo e herdeiro, morto de problemas de barriga,

— RAMSAY BOLTON (anteriormente RAMSAY SNOW), filho ilegítimo de Roose, dito O BASTARDO DE BOLTON, castelão do Forte do Pavor,

— WALDER FREY e WALDER FREY, dittos GRANDE WALDER e PEQUENO WALDER, escudeiros de Ramsay,

— {CHEIRETE}, um homem de armas tristemente famoso pelo fedor que deita, morto ao passar por Ramsay,

— "ARYA STARK", cativa do Lorde Roose, uma rapariga fingida, prometida a Ramsay,

— WALTON, dito PERNAS D'AÇO, capitão de Roose,

— BETHO CASSEL, KYRA, NABO, PALLA, BANDY, SHYRA, PALLA e VELHA NAN, mulheres de Winterfell, mantidas cativas no Forte do Pavor,

— JON UMBER, dito GRANDE-JON, Senhor da Última Lareira, cativo nas Gémeas,

— {JON}, dito PEQUENO-JON, o filho mais velho e herdeiro do Grande-Jon, morto no Casamento Vermelho,

— MORS, dito CROWFOOD, tio do Grande-Jon, castelão na Última Lareira,

— HOTHER, dito TERROR-DAS-RAMEIRAS, tio do Grande-Jon, também castelão na Última Lareira,

— {RICKARD KARSTARK}, Senhor de Karhold, decapitado por traição e assassínio de prisioneiros,

— {EDDARD}, seu filho, morto no Bosque dos Murmúrios,

— {TORRHEN}, seu filho, morto no Bosque dos Murmúrios,

— HARRION, seu filho, cativo em Lagoa da Donzela,

— ALYS, filha do Lorde Rickard, uma donzela de quinze anos,

— o tio de Rickard, ARNOLF, castelão de Karhold,

— GALBART GLOVER, Senhor de Bosque Profundo, solteiro,

— ROBETT GLOVER, seu irmão e herdeiro,

— a esposa de Robett, SYBELLE, da Casa Locke,

— os seus filhos:

— GAWEN, um rapaz de três anos,

— ERENA, um bebé de peito,

— O protegido de Galbert, LARENCE SNOW, filho ilegítimo do {Lorde Halys Hornwood}, um rapaz de treze anos,

— HOWLAND REED, Senhor da Atalaia da Água Cinzenta, um cranogmano,

— a sua esposa, JYANA, dos cranogmanos,

— os seus filhos:

— MEERA, uma jovem caçadora,

— JONJEN, um rapaz abençoado com a visão verde,

— WYMAN MANDERLY, Senhor de Porto Branco, muitíssimo gordo,

— SOR WYLIS MANDERLY, seu filho mais velho e herdeiro, muito gordo, cativo em Harrenhal,

— a esposa de Wylis, LEONA, da Casa Woolfield,

— WINAFRYD, sua filha, uma donzela de dezanove anos,

— WYLLA, sua filha, uma donzela de quinze anos,

— {SOR WENDEL MANDERLY}, seu segundo filho, morto no Casamento Vermelho,

— SOR MARLON MANDERLY, seu primo, comandante da guarnição do Porto Branco,

— MEISTRE THEOMORE, conselheiro, tutor, curandeiro,

— MAEGE MORMONT, Senhora da Ilha dos Ursos,

— {DACEY}, sua filha mais velha e herdeira, morta no Casamento Vermelho,

— ALYSANE, LYRA, JORELLE, LYANNA, suas filhas,

— {JEOR MORMONT}, seu irmão, Senhor Comandante da Patrulha da Noite, morto pelos seus próprios homens,

— SOR JORAH MORMONT, filho do Lorde Jeor, em tempos Senhor da Ilha dos Ursos por direito próprio, um cavaleiro condenado e exilado,

— {SOR HELMAN TALLHART}, Senhor da Praça de Torrhen, morto em Valdocaso,

— {BENFRED}, seu filho e herdeiro, morto por homens de ferro na Costa Pedregosa,

— EDDARA, sua filha, cativa em Praça de Torrhen,

— {LEOBALD}, seu irmão, morto em Winterfell,

— a esposa de Leobald, BERENA, da Casa Hornwood, cativa em Praça de Torrhen,

— os seus filhos, BRANDON e BEREN, igualmente cativos na Praça de Torrhen,

— RODRIK RYSWELL, Senhor dos Regatos,

— BARBREY DUSTIN, sua filha, Senhora de Vila Acidentada, viúva do {Lorde Willam Dustin},

— HARWOOD STOUT, seu vassalo, um pequeno senhor em Vila Acidentada,

— {BETHANY BOLTON}, sua filha, segunda esposa do Lorde Roose Bolton, morta de uma febre,

— ROGER RYSWELL, RICKARD RYSWELL, ROOSE RYSWELL, os seus conflituosos primos e vassalos,

— {CLEY CERWYN}, Senhor de Cerwyn, morto em Winterfell,

— JONELLE, sua irmã, uma donzela de trinta e dois anos,

— LYNESSA FLINT, Senhora de Atalaia da Viúva,

— ONDREW LOCKE, Senhor de Castelovelho, um velho,

— HUGO WULL, dito GRANDE BALDE, chefe do seu clã,

— BRANDON NORREY, dito O NORREY, chefe do seu clã,

— TORREN LIDDLE, dito O LIDDLE, chefe do seu clã,

As armas Stark ostentam um lobo gigante cinzento correndo por um campo de branco de gelo. O lema Stark é *O Inverno Está a Chegar*.

OceanofPDF.com

O Lorde Edmyn Tully de Correrrio foi um dos primeiros dos senhores do rio a jurar lealdade a Aegon, o Conquistador. O Rei Aegon recompensou-o atribuindo à Casa Tully o domínio sobre todas as terras do Tridente. O símbolo dos Tully é uma truta saltante, de prata, em campo ondulado de azul e vermelho.

O mote dos Tully é: *Família, Dever, Honra*.

EDMURE TULLY, Senhor de Correrrio, aprisionado no seu casamento e mantido cativo pelos Frey,

— SENHORA ROSLIN, da Casa Frey, a jovem noiva de Edmure,

— {SENHORA CATELYN STARK}, sua irmã, viúva do Lorde Eddard Stark de Winterfell, morta no Casamento Vermelho,

— SENHORA LYSA ARRYN}, sua irmã, viúva do Lorde Jon Arryn do Vale, empurrada para a morte no Ninho de Águia,

— SOR BRYNDEN TULLY, dito PEIXE NEGRO, tio de Edmure, castelão de Correrrio,

— o pessoal do Lorde Edmure em Correrrio:

— MEISTRE VYMAN, conselheiro, curandeiro e tutor,

— SOR DESMOND GRELL, mestre-de-armas,

— SOR ROBIN RYGER, capitão da guarda,

— LEW COMPRIDO, ELWOOD, DELP, guardas,

— UTHERYDES WAYN, intendente de Correrrio,

— vassalos de Edmure, os Senhores do Tridente:

— TYTOS BLACKWOOD, Senhor de Solar de Corvarbor,

— {LUCAS}, seu filho, morto no Casamento Vermelho,

— JONOS BRACKEN, Senhor de Barreira de Pedra,

— JASON MALLISTER, Senhor de Guardamar, prisioneiro no seu próprio castelo,

— PATREK, seu filho, aprisionado com o pai,

— SOR DENYS MALLISTER, tio do Lorde Jason, membro da Patrulha da Noite,

— CLEMENT PIPER, Senhor do Castelo de Donzelarrosa,

— o seu filho e herdeiro, SOR MARQ PIPER, aprisionado no Casamento Vermelho,

— KARYL VANCE, Senhor do Pouso do Viajante,

— a sua filha mais velha e herdeira, LIANE,

— as suas filhas mais novas, RHIALTA e EMPHYRIA,

— NORBERT VANCE, o cego Senhor de Atranta,

— o seu filho mais velho e herdeiro, SOR RONALD VANCE, dito O MAU,

— os seus filhos mais novos, SOR HUGO, SOR ELLERY, SOR KIRTH e MEISTRE JON,

— THEOMAR SMALLWOOD, Senhor de Solar de Bolotas,

— a sua esposa, SENHORA RAVELLA, da Casa Swann,

— a sua filha, CARELLEN,

— WILLIAM MOOTON, Senhor de Lagoa da Donzela,

— SHELLA WHENT, a desalojada Senhora de Harrenhal,

— SOR WILLIS WODE, um cavaleiro ao seu serviço,

— SOR HALMON PAEGE,

— LORDE LYMOND GOODBROOK,

OceanofPDF.com

Os Tyrell ascenderam ao poder como intendentes dos Reis da Campina, embora digam descender de Garth Greenhand, o rei jardineiro dos Primeiros Homens. Quando o último rei da Casa Gardener foi morto no Campo de Fogo, o seu intendente Harlen Tyrell rendeu Jardim de Cima a Aegon, o Conquistador. Aegon concedeu-lhe o castelo e o domínio sobre a Campina. Mace Tyrell declarou o seu apoio a Renly Baratheon no início da Guerra dos Cinco Reis, e deu-lhe a mão da sua filha Margaery. Após a morte de Renly, Jardim de Cima fez aliança com a Casa Lannister, e Margaery foi prometida ao Rei Joffrey.

MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima, Protector do Sul, Defensor das Marcas, Supremo Marechal da Campina,
— a sua esposa, SENHORA ALERIE, da Casa Hightower de Vilavelha,
— os seus filhos:
— WILLAS, o filho mais velho, herdeiro de Jardim de Cima,
— SOR GARLAN, dito GALANTE, o segundo filho, recentemente nomeado Senhor de Águas Claras,
— a esposa de Garlan, SENHORA LEONETTE da Casa Fossoway,
— SOR LORAS, o Cavaleiro das Flores, o filho mais novo, Irmão Ajuramentado da Guarda Real,
— MARGAERY, a sua filha, duas vezes casada e duas vezes viúva,
— as companheiras e servidoras de Margaery:
— as suas primas, MEGGA, ALLA e ELINOR TYRELL,
— o prometido de Elinor, ALYN AMBROSE, escudeiro,
— SENHORA ALYSANNE BULWER, SENHORA ALYCE GRACEFORD, SENHORA TAENA MERRYWEATHER, MEREDYTH

CRANE, dita MERRY, SEPTÃ NYSTERICA, suas companheiras,
— a mãe viúva de Mace, SENHORA OLENNA, da Casa Redwyne, dita RAINHA DOS ESPINHOS,
— ARRYK e ERRYK, os seus guardas, gémeos com dois metros e dez de altura, ditos ESQUERDO e DIREITO,
— as irmãs de Mace:
— SENHORA MINA, casada com Paxter Redwyne, Senhor da Árvore,
— os seus filhos:
— SOR HORAS REDWYNE, gémeo de Hobber, escarnecido como HORROR,
— SOR HOBBER REDWYNE, gémeo de Horas, escarnecido como BABEIRO,
— DESMERA REDWYNE, uma donzela de dezasseis anos,
— SENHORA JANNA, casada com Sor Jon Fossoway,
— os tios e primos de Mace:
— o tio de Mace, GARTH, dito o GROSSO, Senhor Senescal de Jardim de Cima,
— os filhos bastardos de Garth, GARSE e GARRETT FLOWERS,
— o tio de Mace, SOR MORYN, Senhor Comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha,
— o filho de Moryn, {SOR LUTHOR}, c. Senhora Elyn Norridge,
— o filho de Luthor, SOR THEODORE, c. Senhora Lia Serry,
— a filha de Theodore, ELINOR,
— o filho de Theodore, LUTHOR, um escudeiro,
— o filho de Luthor, MEISTRE MEDWYCK,
— a filha de Luthor, OLENE, c. Sor Leo Blackbar,
— o filho de Moryn, LEO, dito LEO PREGUIÇOSO, um noviço na Cidadela de Vilavelha,
— o tio de Mace, MEISTRE GORMON, ao serviço na Cidadela,
— o primo de Mace, {SOR QUENTIN}, morto em Vaufreixo,
— o filho de Quentin, SOR OLIVER, c. Senhora Lysa Meadows,
— os filhos de Olymer, RAYMUND e RICKARD,

— a filha de Olymer, MEGGA,

— o primo de Mace, MEISTRE NORMUND, ao serviço em Coroanegra,

— o primo de Mace, {SOR VICTOR}, morto pelo Cavaleiro Sorridente da Irmandade da Mata de Rei,

— a filha de Victor, VICTARIA, c. {Lorde Jon Bulwer}, morto de uma febre de verão,

— a sua filha, SENHORA ALYSANNE BULWER, de oito anos,

— o filho de Victor, SOR LEO, c. Senhora Alys Beesbury,

— as filhas de Leo, ALLA e LEONA,

— os filhos de Leo, LYONEL, LUCAS e LORENT,

— o pessoal de Mace em Jardim de Cima:

— MEISTRE LOMYS, conselheiro, curandeiro e tutor,

— IGON VYRWELL, capitão da guarda,

— SOR VORTIMER CRANE, mestre-de-armas,

— BOSSAS-DE-MANTEIGA, bobo, enormemente gordo.

— os senhores seus vassalos, os Senhores da Campina:

— RANDYLL TARLY, Senhor de Monte Chifre,

— PAXTER REDWYNE, Senhor da Árvore,

— SOR HORAS e SOR HOBBER, os seus filhos gémeos,

— o curandeiro do Lorde pacter, MEISTRE BALLABAR,

— ARWYN OAKHEART, Senhora de Carvalho Velho,

— o filho mais novo da Senhora Arwyn, SOR ARYS, um Irmão Ajuramentado da Guarda Real,

— MATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro, c. Bethany, da Casa Redwyne,

— LEYTON HIGHTOWER, Voz de Vilavelha, Senhor do Porto,

— HUMFREY HEWETT, Senhor de Escudorroble,

— FALIA FLOWERS, a sua filha bastarda,

— OSBERT SERRY, Senhor de Escudossul,

— SOR TALBERT, seu filho e herdeiro,

— GUTHOR GRIMM, Senhor de Escudogris,

— MORIBALD CHESTER, Senhor de Escudoverde,

— ORTON MERRYWEATHER, Senhor de Mesalonga,
— SENHORA TAENA, sua esposa, uma mulher de Myr,
— RUSSEL, o seu filho, um rapaz de oito anos,
— LORDE ARTHUR AMBROSE, c. Senhora Alysanne Hightower,
— os seus cavaleiros e espadas a ele ajuramentadas:
— SOR JON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã verde.
— SOR TANTON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã vermelha.

O símbolo dos Tyrell é uma rosa dourada em campo verde-relva. O seu lema é: *Crescendo fortes*.

OceanofPDF.com

REBELDES E VAGABUNDOS, PLEBEUS E IRMÃOS AJURAMENTADOS

OceanofPDF.com

— SOR CREIGHTON LONGBOUGH e SOR ILLIFER, O SEM-VINTÉM, cavaleiros andantes e companheiros,

— HIBALD, um mercador temeroso e avarento,

— SOR SHADRICH DE VALE SOMBRIO, tido RATO LOUCO, um cavaleiro andante ao serviço de Hibald,

— BRIENNE, A DONZELA DE TARTH, também chamada BRIENNE, A BELA, uma donzela numa demanda,

— LORDE SELWYN, O ESTRELA DA TARDE, Senhor de Tarth, o seu pai,

— {GRANDE BEN BUSHY}, SOR HYLE HUNT, SOR MARK MULLENDORE, SOR EDMUND AMBROSE, {SOR RICHARD FARROW}, {WILL, O CEGONHA}, SOR HUGH BEESBURY, SOR RAYMOND NAYLAND, HARRY SAWYER, SOR OWEN INCHFIELD, ROBIN POTTER, em tempos seus pretendentes,

— RENFRED RYKKER, Senhor de Valdocaso,

— SOR RUFUS LEEK, um cavaleiro perneta ao seu serviço, castelão do Forte Pardo, em Valdocaso,

— WILLIAM MOOTON, Senhor de Lagoa da Donzela,

— ELEANOR, sua filha mais velha e herdeira, de treze anos,

— RANDYLL TARLY, Senhor de Monte Chifre, ao comando das forças do Rei Tommen ao longo do Tridente,

— DICKON, seu filho e herdeiro, um jovem escudeiro,

— SOR HYLE HUNT, ajuramentado ao serviço da Casa Tarly,

— SOR ALYN HUNT, primo de Sor Hyle, igualmente ao serviço do Lorde Randyll,

— DICK CRABB, dito LESTO DICK, um Crabb da Ponta da Garra Rachada,

— EUSTACE BRUNE, Senhor do Antro Terrível,

— BENNARD BRUNE, o Cavaleiro de Cova Castanha, seu primo,

— SOR ROGER HOGG, o Cavaleiro do Corno de Porca,

— SEPTÃO MERIBALD, um septão descalço,

— o seu cão, CÃO,

— O IRMÃO MAIS VELHO, da Ilha Quieta,

— IRMÃO NARBERT, IRMÃO GILLAM, IRMÃO RAWNEY, irmãos penitentes da Ilha Quieta,

— SOR QUINCY COX, o Cavaleiro de Salinas, um velho na sua segunda infância,

— na velha estalagem do entroncamento:

— JEYNE HEDDLE, dita JEYNE LONGA, estalajadeira, uma jovem alta de dezoito anos,

— WILLOW, sua irmã, austera com uma colher,

— TANSY, PATE, JON VINTÉM, BEN, órfãos na estalagem,

— GENDRY, um aprendiz de ferreiro e filho bastardo do Rei Robert I Baratheon, ignorante sobre o seu nascimento,

— em Harrenhal:

— RAFFORD, dito RAFF, O QUERIDO, BOCA DE MERDA, DUNSEN, membros da guarnição,

— BEN BLACKTHUMB, um ferreiro e armeiro,

— PIA, uma criada, em tempos bonita,

— MEISTRE GULIAN, curandeiro, tutor e conselheiro,

— em Darry:

— SENHORA AMEREI FREY, dita AMI PORTÃO, uma amorosa jovem viúva prometida ao Lorde Lancel Lannister,

— a mãe da Senhora Amerei, SENHORA MARIYA, da Casa Darry, viúva de Merrett Frey,

— a irmã da Senhora Amerei, MARISSA, uma donzela de treze anos,

— SOR HARWYN PLUMM, dito PEDRA-DURA, comandante da guarnição,

— MEISTRE OTTOMORE, curandeiro, tutor e conselheiro,

— na Estalagem do Ajoelhado:

— SHARNA, a estalajadeira, cozinheira e parteira,

— o seu marido, chamado MARIDO,

— RAPAZ, um órfão de guerra,
— TARTE QUENTE, um filho de padeiro, agora órfão.

OceanofPDF.com

{BERIC DONDARRION}, outrora Senhor de Portonegro, seis vezes morto,

— EDRIC DAYNE, Senhor de Tombastela, um rapaz de doze anos, escudeiro do Lorde Beric,

— O CAÇADOR LOUCO, do Septo de Pedra, seu aliado ocasional,

— BARBA-VERDE, um mercenário tyroshi, seu amigo inseguro,

— ANGUY, O ARQUEIRO, um arqueiro originário da Marca de Dorne,

— MERRIT DE VILALUA, WATTY, O MOLEIRO, MEG PANTANOSA, JON DE NOGUEIRA, foras-da-lei do seu bando,

SENHORA CORAÇÃO DE PEDRA, uma mulher encapuzada, por vezes chamada MÃE IMPIEDOSA, A IRMÃ SILENCIOSA e A CASSASCA,

— LIMO, dito LIMO MANTO LIMÃO, outrora soldado,

— THOROS DE MYR, um sacerdote vermelho,

— HARWIN, filho de Hullen, um nortenho anteriormente ao serviço do Lorde Eddard Stark em Winterfell,

— JACK SORTUDO, um homem procurado pela justiça, com um olho em falta,

— TOM DE SETERRIOS, um cantor de duvidosa reputação, dito TOM SETE-CORDAS e TOM DAS SETE,

— LUKE PROMETEDOR, NOTCH, MUDGE, DICK IMBERBE, foras-da-lei,

SANDOR CLEGANE, dito CÃO DE CAÇA, em tempos escudo ajuramentado do Rei Joffrey, mais tarde um Irmão Ajuramentado da Guarda Real, visto pela última vez febril e moribundo junto do Tridente,

{VARGO HOAT}, da Cidade Livre de Qohor, dito O BODE, um capitão mercenário de discurso baboso, morto em Harrenhal por Sor Gregor Clegane,

— os seus Bravos Companheiros, também chamados Saltimbancos Sangrentos:

— URSWYCK, dito O FIEL, o seu lugar-tenente,

— SEPTÃO UTT, enforcado pelo Lorde Beric Dondarrion,

— TIMEON DE DORNE, ZOLLO, O GORDO, RORGE, DENTADAS, PYG, SHAGWELL, O BOBO, TOGG JOTH de Ibben, TRÊS DEDOS, dispersos e em fuga,

— no Pêssego, um bordel em Septo de Pedra:

— TANSY, a proprietária ruiva,

— ALYCE, CASS, LANNA, JYZENE, HELLY, SINA, algumas das suas pêssegas,

— em Solar de Bolotas, a sede da Casa Smallwood:

— SENHORA RAVELLA, anteriormente da Casa Swann, esposa do Lorde Theomar Smallwood,

— aqui, ali e acolá:

— LORDE LYMOND LYCHESTER, um velho de mente incerta, que um dia deteve Sor Maynard na ponte,

— o seu jovem prestador de cuidados, MEISTRE ROONE,

— o fantasma de Coração Alto,

— a Senhora das Folhas,

— o septão em Brotadança.

OceanofPDF.com

JON SNOW, o Bastardo de Winterfell, nonocentésimo nonagésimo oitavo Senhor Comandante da Patrulha da Noite,

— FANTASMA, o seu lobo gigante, branco e silencioso,

— o seu intendente, EDDISON TOLETT, dito EDD DOLOROSO,

OS HOMENS DE CASTELO NEGRO

— BENJEN STARK, Primeiro Patrulheiro, há muito desaparecido, presumivelmente morto,

— SOR WYNTON STOUT, um patrulheiro idoso, de cabeça fraca,

— KEDGE WHITEYE, BEDWYCK dito GIGANTE, MATTHAR, DYWEN, GARTH PENA-CINZA, ULMER DA MATA DE REI, ELRON, PYPAR, dito PYP, GRENN, dito AUROQUE, BERNARR, dito BERNARR PRETO, GOADY, TIM STONE, JACK NEGRO BULWER, GEOFF, dito O ESQUILO, BEN BARBUDO, partulheiros,

— BOWEN MARSH, Senhor Intendente,

— HOBB TRÊS-DEDOS, intendente e chefe cozinheiro,

— {DONAL NOYE}, antigo armeiro e ferreiro, morto ao portão por Mag, o Poderoso,

— OWEN, dito IDIOTA, TIM LÍNGUA-ENREDADA, MULLY, CUGEN, DONNEL HILL, dito DOCE DONNEL, LEW MÃO ESQUERDA, JEREN, WICK WHITTLESTICK, intendentes,

— OTHELL YARWYCK, Primeiro Construtor,

— BOTA EXTRA, HALDER, ALBETT, BARRICAS, construtores,

— CONWY, GUEREN, recrutadores viajantes,

— SEPTÃO CELLADOR, um devoto ébrio,

— SOR ALLISER THORNE, antigo mestre-de-armas,

— LORDE JANOS SLYNT, antigo comandante da Patrulha da Cidade de Porto Real, durante um breve período Senhor de Harrenhal,

— MEISTRE AEMON (TARGARYEN), curandeiro e conselheiro, um cego, com cento e dois anos de idade,

— o intendente de Aemon, CLYDAS,

— o intendente de Aemon, SAMWELL TARLY, gordo, e dado aos livros,

— EMMETT DE FERRO, anteriormente de Atalaialeste, mestre-de-armas,

OS HOMENS DE TORRE SOMBRIA

SOR DENYS MALLISTER, Comandante, Torre Sombria,

— o seu intendente e escudeiro, WALLACE MASSEY,

— MEISTRE MULLIN, curandeiro e conselheiro.

— {QHORIN MEIA-MÃO}, patrulheiro chefe, morto por Jon Snow para lá da Muralha,

— irmãos da Torre Sombria:

— {ESCUDEIRO DALBRIDGE, EGGEN}, patrulheiros, mortos no Passo dos Guinchos,

— COBRA DAS PEDRAS, um patrulheiro, perdido no Passo dos Guinchos enquanto se deslocava apeado,

OS HOMENS DE ATALAIALESTE-DO-MAR

COTTER PYKE, Comandante,

— MEISTRE HARMUNE, curandeiro e conselheiro,

— VELHO FARRAPO SALGADO, capitão do *Melro*,

— SOR GLENDON HEWETT,

— irmãos de Atalaialeste:

— DAREON, intendente e cantor,

NA FORTALEZA DE CRASTER (OS TRAIDORES)

— ADAGA, que assassinou Craster, o seu anfitrião,

— OLLO MÃO-CORTADA, que matou o seu senhor comandante, Jeor Mormont,

— GARTH DE VIAVERDE, MAWNEY, GRUBBS, ALAN DE ROSBY, antigos patrulheiros,

— KARL PÉ-TORTO, ÓRFÃO OSS, BILL RESMUNGÃO, antigos intendentes.

OceanofPDF.com

MANCE RAYDER, Rei-para-lá-da-Muralha, um cativo em Castelo Negro,

— a sua esposa, {DALLA}, morta de parto,

— VAL, a irmã mais nova de Dalla, “a princesa selvagem”, uma cativa em Castelo Negro,

— chefes e capitães selvagens:

— {HARMA}, dita CABEÇA DE CÃO, morta junto da Muralha,

— HALLECK, seu irmão,

— O SENHOR DOS OSSOS, escarnecido como LORIGÃO DE CHOCALHO, um corsário e chefe de um bando de guerra, cativo em Castelo Negro,

— {YGRITTE}, uma jovem esposa de lanças, amante de Jon Snow, morta durante o ataque a Castelo Negro,

— RYK, dito LANÇA-LONGA, membro do seu bando,

— RAGWYLE, LENYL, membros do seu bando,

— {STYR}, Magnar de Thenn, morto durante o ataque a Castelo Negro,

— SIGORN, filho de Styr, o novo Magnar de Thenn,

— TORMUND, Rei-Hidromel de Solar Ruivo, dito TERROR DOS GIGANTES, ALTO-FALANTE, SOPRADOR DE CHIFRES e QUEBRADOR DE GELO, e ainda PUNHO DE TROVÃO, ESPOSO DE URSAS, FALADOR COM OS DEUSES e PAI DE HOSTES,

— os filhos de Tormund, TOREGG, O ALTO, TORWYRD, O MANSO, DORMUND e DRYN, a sua filha MUNDA,

— O CHORÃO, um assaltante e líder de um bando de guerra,

— {ALFYN MATA-CORVOS}, um assaltante, morto por Qhorin Meia-Mão da Patrulha da Noite,

— {ORELL, dito ORELL, A ÁGUIA}, um troca-peles morto por Jon Snow no Passo dos Guinchos,

— {MAG MAR TUN DOH WEG}, dito MAG, O PODEROSO, um gigante, morto por Donal Noye ao portão e Castelo Negro,

— VARMYR, dito SEIS-PELES, um troca-peles que controla três lobos, um gato das sombras e um urso das neves,

— {JARL}, um jovem assaltante, amante de Val, morto numa queda da Muralha,

— GRIGG, O BODE, ERROK, BODGER, DEL, GRANDE FURÚNCULO, DAN DE CÂNHAMO, HENK, O ELMO, LENN, DEDO-DO-PÉ, selvagens e assaltantes,

{CRASTER}, dono da Fortaleza de Craster, morto por Adaga, da Patrulha da Noite, um hóspede sob o seu tecto,

— GILLY, sua filha e esposa,

— o filho recém-nascido de Gilly, ainda sem nome,

— DYAH, FERNY, NELLA, três das dezanove mulheres de Craster.

OceanofPDF.com

PARA LÁ DO MAR ESTREITO

OceanofPDF.com

DAENERYS TARGARYEN, a Primeira do Seu Nome, Rainha de Meereen, Rainha dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhora dos Sete Reinos, Protectora do Território, *Khaleesi* do Grande Mar de Erva, dita DAENERYS, FILHA DA TORMENTA, a NÃO-QUEIMADA, MÃE DOS DRAGÕES,

— os seus dragões, DROGON, VISERION, RHAEGAL,
— o seu irmão, {RHAEGAR}, Príncipe de Pedra do Dragão, morto Robert Baratheon no Tridente,
— a filha de Rhaegar, {RHAENYS}, assassinada durante o Saque de Porto Real,
— o filho de Rhaegar, {AEGON}, um bebé de peito, assassinado durante o Saque de Porto Real,
— o seu irmão, {VISERYS}, o Terceiro do Seu Nome, dito o REI PEDINTE, coroado com ouro derretido,
— o senhor seu esposo, {DROGO}, um *khal* dos dothraki, morto de um ferimento gangrenado,
— filho nado-morto de Daenerys e Khal Drogo, {RHAEGO}, morto no ventre pela *maegi* Mirri Maz Duur,
— a sua Guarda Real:
— SOR BARRISTAN SELMY, dito BARRISTAN, O OUSADO, em tempos Senhor Comandante da Guarda Real do Rei Robert,
— JHOGO, *ko* e companheiro de sangue, o chicote,
— AGGO, *ko* e companheiro de sangue, o arco,
— RAKHARO, *ko* e companheiro de sangue, o *arakh*,
— BELWAS, O FORTE, eunuco e antigo escravo de combate,

— os seus capitães e comandantes:

— DAARIO NAHARIS, um excêntrico mercenário tyroshi, ao comando da companhia dos Corvos Tormentosos,

— BEN PLUMM, dito BEN CASTANHO, um mercenário mestiço, ao comando da companhia dos Segundos Filhos,

— VERME CINZENTO, um eunuco, ao comando dos Imaculados, uma companhia de infantaria eunuca,

— GROLEO de Pentos, anteriormente capitão da grande coca *Saduleon*, agora um almirante sem frota,

— as suas aias:

— IRRI e JHIQUI, duas raparigas dothraki, de dezasseis anos,

— MISSANDEI, uma escriba e tradutora de Naath,

— os seus inimigos conhecidos e suspeitados:

— GRAZDAN MO ERAZ, um nobre de Yunkai,

— KHAL PONO, outrora *ko* de Khal Drogo,

— KHAL JHAQO, outrora *ko* de Khal Drogo,

— MAGGO, seu companheiro de sangue,

— OS IMORREDOUROS DE QARTH, um bando de magos,

— PYAT PREE, um mago qarteno,

— OS HOMENS PESAROSOS, uma guilda de assassinos qartenos,

— SOR JORAH MORMONT, antigo Senhor da Ilha dos Ursos,

— {MIRRI MAZ DUUR}, esposa de deus e *maegi*, criada do Grande Pastor de Lhazar,

— os seus aliados incertos, passados e presentes:

— XARO XHOAN DAXOS, um príncipe mercador de Qarth,

— QUAITHE, uma umbromante mascarada de Asshai,

— ILLYRIO MOPATIS, um magíster da Cidade Livre de Pentos, que arranjou o casamento de Daenerys com Khal Drogo,

— CLEON, O GRANDE, rei carniceiro de Astapor,

— KHAL MORO, ocasional aliado de Khal Drogo,

— RHOGORO, seu filho e *khalakka*,

— KHAL JOMMO, ocasional aliado de Khal Drogo.

Os Targaryen são do sangue do dragão, e descendem dos grandes senhores da antiga Cidade Livre de Valíria, identificando-se o seu legado por olhos lilazes, índigo ou violeta e cabelo de um louro prateado. A fim de preservar o seu sangue e mantê-lo puro, a Casa Targaryen casou frequentemente irmão com irmã, primo com prima, tio com sobrinha. O fundador da dinastia, Aegon, o Conquistador, tomou ambas as irmãs como esposas e foi pai de filhos varões com ambas. A bandeira Targaryen é um dragão de três cabeças, vermelho sobre fundo negro, representando as três cabeças Aegon e as irmãs. O lema Targaryen é *Fogo e Sangue*.

OceanofPDF.com

FERREGO ANTARYON, Senhor do Mar de Bravos,

— QARRO VOLENTIN, Primeira Espada de Bravos, seu protector,

— BELLEGERE OTHERYS, dita PÉROLA NEGRA, uma cortesã descendente da rainha pirata homónima,

— A SENHORA VELADA, A RAINHA BACALHAU, A SOMBRA DE LUA, A FILHA DA PENUMBRA, O ROUXINOL, A POETISA, cortesãs famosas,

— TERNESIO TERYS, Capitão-Mercador da *Filha do Titã*,

— YORKO e DENYO, dois dos seus filhos,

— MOREDO PRESTAYN, Capirão-Mercador da *Raposa*,

— LOTHO LORNEL, um comerciante de velhos livros e pergaminhos,

— EZZELYNO, um sacerdote vermelho, frequentemente embriagado,

— SEPTÃO EUSTACE, caído em desgraça e expulso do sacerdócio,

— TERRO e ORBELO, um par de espadachins,

— BEQQO CEGO, um peixeiro,

— BRUSCO, um peixeiro,

— as suas filhas, TALEA e BREA,

— MERALYN, dita DIVERTIDA, proprietária do Porto Feliz, um bordel próximo do Porto do Trapeiro,

— A ESPOSA DO MARINHEIRO, uma prostituta no Porto Feliz,

— LANNA, sua filha, uma jovem prostituta,

— BETHANY CORADA, YNA ZAROLHA, ASSADORA DE IBBEN, as prostitutas do Porto Feliz,

— ROGGO VERMELHO, GYLORO DOTHARE, GYLENO DOTHARE, um escriba chamado PENA, COSSOMO, O PRESTIDIGITADOR, fregueses do Porto Feliz,

— TAGGANARO, um carteirista e ladrão das docas,

— CASSO, O REI DAS FOCAS, a sua foca treinada,

— PEQUENO NARBO, seu parceiro ocasional,

— MYRMELLO, JOSS, O SOMBRIO, QUENCE, ALLAQUO, SLOEY, saltimbancos que actuam todas as noitas no Navio,

— S'VRONE, uma prostituta das docas com inclinações assassinas,

— A FILHA BÊBADA, uma prostituta de temperamento instável,

— JEYNE ÚLCERA, uma prostituta de sexo incerto,

— O HOMEM AMÁVEL e A CRIANÇA ABANDONADA, servos do Deus de Muitas Caras na Casa do Branco e Negro,

— UMMA, a cozinheira do templo,

— O HOMEM BONITO, O GORDO, O FIDALGO, O DA CARA SEVERA, O VESGO e O ESFOMEADO, servos secretos do Deus das Muitas Caras,

— ARYA da Casa Stark, uma rapariga com uma moeda de ferro, também conhecida como ARRY, NAN, DONINHA, POMBINHA, SALGADA e GATA,

— QUHURU MO, da Vila das Árvores Altas, nas Ilhas do Verão, mestre do navio mercante *Vento de Canela*,

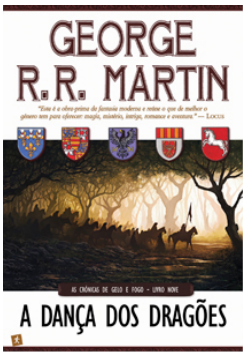
— KOJJA MO, sua filha, a arqueira vermelha,

— XHONDO DHORU, imediato no *Vento de Canela*.

OceanofPDF.com

Leia nas próximas páginas um excerto do 9º Volume da série *As Crónicas de Gelo e Fogo*

A DANÇA DOS DRAGÕES



O Norte jaz devastado e num completo vazio de poder. A Patrulha da Noite, abalada pelas perdas sofridas para lá da Muralha e com uma grande falta de homens, está nas mãos de Jon Snow, que tenta afirmar-se no comando tomando decisões difíceis respeitantes ao autoritário Rei Stannis, aos selvagens e aos próprios homens que comanda.

Para lá da Muralha, a viagem de Bran prossegue. Mas outras viagens convergem para a Baía dos Escravos, onde as cidades dos esclavagistas sangram e Daenerys Targaryen descobre que é bastante mais fácil conquistar uma cidade do que substituir de um dia para o outro todo um sistema político e económico. Conseguirá ela enfrentar as intrigas e ódios que se avolumam enquanto os seus dragões crescem para se tornarem nas criaturas temíveis que um dia conquistarão os Sete Reinos?

Mais informações em

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

OceanofPDF.com

PRÓLOGO

A noite estava fétida com o cheiro a homem.

O *warg* parou debaixo de uma árvore e farejou, com a pelagem cinzenta-acastanhada pintalgada de sombras. Um suspiro de vento com aroma a pinheiro trouxe-lhe o odor a homem, por sobre cheiros mais ténues que falavam de raposa e lebre, de foca e veado, mesmo de lobo. O *warg* sabia que estes eram também cheiros de homem; o fedor de peles velhas, mortas e azedas, quase afogadas sob os odores mais fortes a fumo e sangue e podridão. Só o homem despia as peles aos outros animais e as usava.

Os *wargs* não temem o homem como os lobos temem. O ódio e a fome enrolaram-se-lhe na barriga, e soltou um longo rosnido, chamando pelo irmão zarolho, pela irmã pequena e matreira. Enquanto corria através das árvores, os companheiros de alcateia seguiram-no de perto. Tinham também detetado o cheiro. Enquanto corria, via também através dos olhos deles e vislumbrava-se à sua frente. O hálito da alcateia fazia sair nuvenzinhas tépidas e brancas de longas mandíbulas cinzentas. Gelo formara-se entre as patas deles, duro como pedra, mas a caçada estava agora lançada, tinham as presas em frente. *Carne*, pensou o *warg*, *comida*.

Um homem sozinho é uma coisa frágil. Grande e forte, com bons olhos aguçados, mas embotado de ouvido e surdo aos cheiros. Veados e alces e mesmo lebres eram mais rápidos, ursos e javalis mais ferozes num combate. Mas homens em alcateias eram perigosos. Quando os lobos se aproximaram das presas, o *warg* ouviu o gemido de uma cria, a crosta da neve da noite anterior a quebrar-se sob patas de homem desajeitadas, o matraquear de peleduras e das longas garras cinzentas que os homens transportavam.

Espadas, murmurou uma voz dentro de si, *lanças*.

Nas árvores tinham nascido dentes gelados, que rosnavam dos ramos nus e castanhos. Um-Olho arremeteu através dos arbustos, fazendo saltar neve para todos os lados. Os seus companheiros de alcateia seguiram-no. Por uma colina acima e pela encosta abaixo, do outro lado, até que a floresta se abriu à frente deles e os homens ali estavam. Um era fêmea. A trouxa

envolta em peles a que se agarrava era a sua cria. *Deixai-a para o fim*, sussurrou a voz, *o perigo são os machos*. Estavam a rugir uns para os outros, como os homens faziam, mas o *warg* sentia o cheiro do seu terror. Um tinha um dente de madeira tão alto como ele. Atirou-o, mas tinha a mão a tremer e o dente passou bem alto.

Logo a seguir a alcateia estava em cima deles.

O irmão zarolho atirou o lançador do dente para cima de um monte de neve e rasgou-lhe a garganta enquanto ele se debatia. A irmã esgueirou-se para trás do outro macho e apanhou-o pelas costas. Isso deixou a fêmea e a cria para ele.

A fêmea também tinha um dente, um dente pequeno feito de osso, mas deixou-o cair quando as mandíbulas do *warg* se fecharam em volta da sua perna. Enquanto caía, pôs ambos os braços em volta da cria ruidosa. Por baixo das peles, a fêmea era só pele e osso, mas tinha as tetas cheias de leite. A carne mais doce estava na cria. O lobo guardou os pedaços melhores para o irmão. A toda a volta das carcaças, a neve gelada foi-se tornando cor-de-rosa e vermelha enquanto a alcateia enchia a barriga.

A léguas de distância, numa cabana de divisão única feita de lama e palha com telhado de colmo e um buraco para o fumo e um chão de terra batida, Varamyr estremeceu, tossiu e lambeu os lábios. Tinha os olhos vermelhos, os lábios fendidos, a garganta seca e ressequida, mas os sabores do sangue e da gordura enchiam-lhe a boca, mesmo apesar da barriga distendida gritar por alimento. *A carne de uma criança*, pensou, lembrando-se de Bossa. *Carne humana*. Teria caído suficientemente baixo para sentir fome de carne humana? Quase conseguia ouvir Haggon a rosnar-lhe.

— Os homens podem comer a carne de animais e os animais a carne dos homens, mas o homem que come a carne do homem é uma abominação.

Abominação. Sempre fora essa a palavra preferida de Haggon. *Abominação, abominação, abominação*. Comer carne humana era uma abominação, acasalar como um lobo com um lobo era uma abominação e capturar o corpo de outro homem era a pior abominação de todas. *Haggon era fraco, tinha medo do seu próprio poder. Morreu a chorar e sozinho*

quando lhe arranquei a segunda vida. Varamyr devorara-lhe pessoalmente o coração. *Ele ensinou-me muito e mais ainda, e a última coisa que aprendi com ele foi o sabor da carne humana.*

Contudo, isso fora enquanto lobo. Nunca comera a carne de homens com dentes humanos. Mas não negaria à alcateia o seu banquete. Os lobos estavam tão famintos como ele, estavam descarnados e tinham frio e fome, e as presas… *dois homens e uma mulher, um bebé de peito, fugindo da derrota para a morte. Em qualquer caso, teriam morrido em breve, de frio ou de fome. Assim foi melhor, foi mais rápido. Uma misericórdia.*

— Uma misericórdia — disse em voz alta. Tinha a garganta em carne viva, mas era bom ouvir uma voz humana, mesmo que fosse a sua. O ar cheirava a bafio e a humidade, o chão era frio e duro, e a sua fogueira estava a dar mais fumo do que calor. Aproximou-se das chamas tanto quanto se atreveu, tossindo quando não tremia e tremendo quando não tossia, com o flanco a latejar onde o ferimento se lhe abrira. Sangue ensopara-lhe as bragas até ao joelho e secara numa crosta dura e castanha.

Thistle avisara-o de que isso poderia acontecer.

— Eu cosi-a o melhor que pude — dissera — mas precisas de descansar e de deixar que se sare, caso contrário a pele vai voltar a abrir-se.

Thistle fora a última dos seus companheiros, uma esposa de lanças dura como uma velha raiz, verrugosa, queimada pelo vento e engelhada. Os outros foram abandonando-os ao longo do caminho. Um por um, foram-se deixando ficar para trás ou avançando em frente, dirigindo-se às suas antigas aldeias, ou ao Guadeleite, ou a Larduro, ou a uma morte solitária na floresta. Varamyr não sabia e não queria saber. *Devia ter capturado um deles quando tive possibilidade. Um dos gémeos, ou o grandalhão da cara marcada, ou o jovem com o cabelo ruivo*. Mas tivera medo. Um dos outros podia ter-se apercebido do que estava a acontecer. E ter-se-iam virado contra ele e tê-lo-iam matado. E as palavras de Haggon tinham-no atormentado, de modo que a oportunidade passara.

Após a batalha tinha havido centenas deles a atravessar penosamente a floresta, esfomeados, assustados, a fugir da carnificina que caíra sobre eles

junto da Muralha. Alguns falavam de regressar para as casas que tinham abandonado, outros de organizar um segundo assalto contra o portão, mas a maior parte estava perdida, sem qualquer ideia sobre para onde ir ou o que fazer. Tinham fugido dos corvos cobertos de negro e dos cavaleiros com o seu aço cinzento, mas inimigos mais implacáveis perseguiam-nos agora. Cada dia deixava mais cadáveres na margem dos caminhos. Alguns morriam de fome, alguns de frio, alguns de doenças. Outros eram mortos por aqueles que tinham sido seus irmãos de armas quando marcharam para sul com Mance Rayder, o Rei-para-lá-da-Muralha.

Mance caiu, diziam os sobreviventes uns aos outros em vozes desesperadas, *Mance foi capturado, Mance está morto*.

— Harma está morta e Mance foi capturado, o resto fugiu e abandonou-nos — afirmara Thistle enquanto lhe cosia o ferimento. — Tormund, o Chorão, o Seis-Peles, todos eles corajosos corsários. Onde estão agora?

Ela não me reconhece, apercebera-se então Varamyr, *e porque haveria de reconhecer?* Sem os seus animais não se parecia com um grande homem. *Eu era Varamyr Seis-Peles, que quebrava pão com Mance Rayder.* Chamara a si próprio Varamyr quando tinha dez anos. *Um nome adequado para um lorde, um nome bom para canções, um nome poderoso e temível.* Mas fugira dos corvos como um coelho assustado. O terrível Senhor Varamyr tornara-se cobarde, mas não conseguia suportar que ela o soubesse, portanto, dissera à esposa de lanças que o seu nome era Haggon. Mais tarde perguntara a si próprio porque lhe teria *aquele* nome subido aos lábios, entre todos os que poderia ter escolhido. *Comi-lhe o coração e bebi-lhe o sangue, e ainda me assombra.*

Um dia, enquanto fugiam, um cavaleiro chegou a galope pela floresta num esquálido cavalo branco, gritando que se deviam todos dirigir para o Guadeleite, que o Chorão estava a reunir guerreiros para atravessar a Ponte das Caveiras e tomar Torre Sombria. Muitos seguiram-no; mais não o fizeram. Mais tarde, um guerreiro severo vestido de peles e âmbar andara de fogueira em fogueira, incentivando todos os sobreviventes a rumarem a norte e a refugiarem-se no vale dos Thenn. Varamyr nunca soubera porque

pensaria o homem que estariam lá a salvo quando os próprios Thenn tinham fugido desse local, mas foram centenas os que o seguiram. Mais centenas partiram com a bruxa da floresta que tinha tido uma visão de uma frota de navios que viria levar o povo livre para sul.

— Temos de ir à procura do mar — gritara a Mãe Toupeira, e os seus seguidores viraram-se para leste.

Varamyr podia ter estado entre eles, se tivesse mais força. Mas o mar era cinzento, frio e distante, e sabia que nunca viveria o suficiente para o ver. Estava nove vezes morto e a morrer, e aquela seria a sua morte verdadeira. *Um manto de pele de esquilo*, recordou, *ele apunhalou-me por um manto de pele de esquilo*.

A dona do manto estava morta, com a nuca esmagada até se transformar em polpa rubra salpicada de fragmentos de osso, mas o manto parecia quente e grosso. Estava a nevar, e Varamyr perdera os seus mantos junto da Muralha. As suas peles para dormir e a roupa de baixo de lã, as botas de pele de ovelha e as luvas forradas a pele, a sua reserva de hidromel e de comida açambarcada, as madeixas de cabelo que tirava às mulheres com que se deitava, até as braçadeiras em ouro que Mance lhe dera, tudo perdido e deixado para trás. *Ardi e morri, e depois fugi, meio louco de dor e terror*. A recordação ainda o envergonhava, mas não estivera só. Outros tinham também fugido, centenas deles, milhares. *A batalha estava perdida. Os cavaleiros tinham chegado, invencíveis no seu aço, matando todos os que ficaram para lutar. Foi fugir ou morrer.*

Mas não era assim tão fácil fazer com que a morte ficasse para trás. E assim, quando Varamyr deparara com a morta na floresta, ajoelhara para lhe despir o manto, e só vira o rapaz quando ele saltara do esconderijo para lhe enfiar a longa faca de osso no flanco e lhe arrancar o manto dos dedos que o agarravam.

— Da mãe dele — dissera-lhe Thistle mais tarde, depois do rapaz fugir. — Era o manto da mãe dele, e quando te viu a roubá-la…

— Ela estava morta — dissera Varamyr, crispando-se quando a agulha de osso da mulher lhe perfurara a pele. — Alguém lhe esmagou a cabeça. Um

corvo qualquer.

— Não foi um corvo. Foram homens de Cornopé. Eu vi. — A agulha dela fechara o profundo golpe que ele tinha no flanco. — Selvagens, e quem resta para os domar? — *Ninguém. Se Mance está morto, o povo livre está condenado*. Os Thenn, os gigantes e os homens de Cornopé, os cavernícolas com os seus dentes limados e os homens da costa ocidental com as suas quadrigas de osso… todos estavam também condenados. Até os corvos. Eles podiam ainda não saber, mas aqueles bastardos cobertos de negro morreriam com os outros. O inimigo vinha aí.

A voz rude de Haggon ecoou-lhe na cabeça.

— Vais morrer uma dúzia de mortes, rapaz, e todas elas doerão… mas quando chegar a tua morte verdadeira voltarás a viver. Dizem que a segunda vida é mais simples e mais doce.

Varamyr Seis-Peles conheceria bem depressa a verdade que naquilo haveria. Conseguia saborear a sua morte verdadeira no fumo que pairava, acre, no ar, sentia-a no calor sob os dedos quando enfiava a mão por baixo da roupa para tocar o ferimento. Mas também tinha em si o gelo, bem fundo nos ossos. Daquela vez seria o frio que o mataria.

A última morte fora pelo fogo. *Ardi*. A princípio, na sua confusão, julgara que um arqueiro qualquer na Muralha o trespassara com uma seta em chamas… mas o fogo estivera *dentro* dele, consumindo-o. E a dor…

Varamyr morrera antes nove mortes. Morrera uma vez de uma estocada com uma lança, uma vez com os dentes de um urso na garganta, e uma vez numa torrente de sangue ao dar à luz uma cria morta. Morrera a primeira morte quando tinha apenas seis anos, quando o machado do pai arremetera através do seu crânio. Nem essa fora tão agonizante como o fogo nas entranhas, crepitando ao longo das suas asas, devorando-o. Quando tentara afastar-se dele a voar, o terror atiçara as chamas e fizera-as arder mais quentes. Num momento estivera a pairar sobre a Muralha, observando com os seus olhos de águia os movimentos dos homens lá em baixo. E no seguinte as chamas tinham-lhe transformado o coração num carvão enegrecido e enviara-lhe o espírito, aos gritos, de volta para a própria pele,

e durante um curto espaço de tempo enlouquecera. Até a memória bastava para o fazer estremecer.

Foi então que reparou que o fogo se lhe apagara.

Só restava um emaranhado cinzento e negro de madeira carbonizada, com algumas brasas a brilhar entre as cinzas. *Ainda há fumo, só precisa de lenha*. Cerrando os dentes contra a dor, Varamyr rastejou até à pilha de ramos partidos que Thistle reunira antes de ir caçar, e atirou alguns paus para as cinzas.

— Pega — rosnou. — *Arde*. — Soprou as brasas e dirigiu uma prece sem palavras aos deuses sem nome da floresta, das colinas e dos campos.

Os deuses não deram resposta. Passado algum tempo, o fumo também deixou de subir. A pequena cabana já estava a ficar mais fria. Varamyr não tinha pederneira, não tinha acendalhas, não tinha gravetos secos. Nunca conseguiria voltar, sozinho, a pôr a fogueira a arder.

— Thistle — gritou, com a voz rouca e debruada de dor. — *Thistle!*

O queixo dela era pontiagudo e o nariz achatado, e numa bochecha tinha um sinal do qual cresciam quatro pelos escuros. Uma cara feia e dura, mas teria dado muito para a ver à porta da cabana. *Devia tê-la capturado antes de sair*. Partira há quanto tempo? Dois dias? Três? Varamyr não tinha certeza. Estava escuro dentro da cabana, e estivera a derivar entre o sono e a vigília, sem nunca saber bem se seria dia ou noite lá fora.

— Espera — dissera ela. — Eu volto com comida. — E ele, como um idiota, esperara, sonhando com Haggon e Bossa e todas as maldades que cometera na sua longa vida, mas tinham-se passado dias e noites e Thistle não regressara. *Ela não vai voltar*. Varamyr perguntou a si próprio se se teria denunciado. Seria ela capaz de compreender o que ele estava a pensar só por o olhar, ou teria ele murmurado no seu sonho febril?

Abominação, ouviu Haggon a dizer. Era quase como se estivesse ali, precisamente naquela sala.

— Ela é só uma feia esposa de lanças qualquer — disse-lhe Varamyr. — Eu sou um grande homem. Sou Varamyr, o *warg*, o troca-peles, não está

certo que ela viva e eu morra. — Ninguém respondeu. Não havia ninguém ali. Thistle desaparecera. Abandonara-o, tal como todos os outros.

A sua própria mãe também o abandonara. *Ela chorou por Bossa, mas nunca chorou por mim*. Na manhã em que o pai o arrancara da cama para o entregar a Haggon, ela nem sequer quisera olhá-lo. Guinchara e esperneara enquanto era arrastado para a floresta, até que o pai o esbofeteara e lhe dissera para se calar.

— O teu lugar é com os da tua laia — fora tudo o que dissera, quando o atirara ao chão aos pés de Haggon.

Ele não estava errado, pensou Varamyr, tremendo. *Haggon ensinou-me muito e mais ainda. Ensinou-me como caçar e pescar, como cortar uma carcaça e amanhar um peixe, como me orientar na floresta. E ensinou-me os costumes dos* wargs *e os segredos dos troca-peles, embora o meu dom fosse mais forte do que o dele.*

Anos mais tarde, tentara encontrar os pais, para lhes dizer que o seu Grumo se transformara no grande Varamyr Seis-Peles, mas ambos estavam mortos e queimados. *Tinham partido para as árvores e ribeiros, para as rochas e a terra. Tinham partido para o pó e as cinzas*. Tinha sido isso que a bruxa da floresta dissera à mãe no dia em que Bossa morrera. Grumo não quisera ser um torrão de terra. O rapaz sonhara com um dia em que os bardos cantariam sobre os seus feitos e raparigas bonitas o beijariam. *Quando crescer, serei o Rei-para-lá-da-Muralha*, prometera Grumo a si próprio. Nunca o fora, mas chegara perto. Varamyr Seis-Peles era um nome que os homens temiam. Cavalgava para a batalha sobre o dorso de uma ursa das neves com quatro metros de altura, tinha três lobos e um gato-das-sombras como servos e sentava-se à direita de Mance Rayder. *Foi Mance quem me trouxe para este sítio. Não lhe devia ter dado ouvidos. Devia ter-me enfiado dentro da minha ursa e devia tê-lo feito em bocados.*

Antes de Mance, Varamyr Seis-Peles fora uma espécie de senhor. Vivia sozinho num palácio de musgo e lama e troncos cortados que fora em tempos de Haggon, servido pelos seus animais. Uma dúzia de aldeias prestava-lhe homenagem em pão, sal e cidra, oferecendo-lhe fruta dos seus

pomares e legumes dos seus jardins. A carne, era ele próprio que a obtinha. Sempre que desejava uma mulher, mandava o gato-das-neves persegui-la, e qualquer rapariga sobre a qual deitava o olho seguiria docilmente para a sua cama. Algumas vinham a chorar, sim, mas mesmo assim vinham. Varamyr entregava-lhes a sua semente, tirava-lhes uma madeixa de cabelo para as recordar, e mandava-as de volta. De tempos a tempos, um qualquer herói de aldeia aparecia de lança na mão para matar o *warg* e salvar uma irmã ou uma amante ou uma filha. A esses, matava, mas nunca fazia mal às mulheres. A algumas até abençoava com filhos. *Porcarias. Coisas pequenas, insignificantes, como o Grumo, e nenhum com o dom*.

O medo pô-lo em pé, entontecido. Agarrando-se ao flanco para estancar o fluxo de sangue do ferimento, Varamyr cambaleou até à porta e afastou a pele esfarrapada que a cobria para enfrentar uma muralha de branco. *Neve*. Não admirava que tivesse ficado tão escuro e enfumarado lá dentro. O nevão enterrara a cabana.

Quando Varamyr a empurrou, a neve desabou e cedeu, ainda mole e húmida. Lá fora, a noite estava branca como a morte; pálidas nuvens finas dançavam ao serviço de uma lua prateada, enquanto mil estrelas observavam friamente. Conseguia ver as formas corcovadas de outras cabanas enterradas sob montes de neve acumulados pelo vento, e atrás delas a sombra clara de um represeiro couraçado de gelo. Para sul e oeste, as colinas eram uma vasta região selvagem e branca onde nada se movia exceto a neve cegante.

— Thistle — chamou debilmente Varamyr, perguntando a si próprio até quão longe ela podia ter ido. — *Thistle. Mulher. Onde estás?*

Longe, um lobo uivou.

Um arrepio percorreu Varamyr. Conhecia tão bem aquele uivo como Grumo conhecera em tempos a voz da mãe. Um-Olho. Era o mais velho dos seus três, o maior, o mais feroz. Furtivo era mais esguio, mais rápido, mais novo, Matreira mais astuciosa, mas ambos tinham medo de Um-Olho. O velho lobo era destemido, implacável, selvagem.

Varamyr perdera o controlo dos seus outros animais na agonia da morte da águia. O gato-das-sombras correra para a floresta, enquanto a ursa das neves virara as garras contra aqueles que a rodeavam, desfazendo quatro homens antes de cair vítima de uma lança. Teria matado Varamyr se ele tivesse surgido ao seu alcance. A ursa odiava-o, enfurecera-se de todas as vezes que ele usara a sua pele ou lhe subira para o dorso.

Mas os lobos…

Os meus irmãos. A minha alcateia. Em muitas noites frias dormira com os seus lobos, com os corpos hirsutos dos animais empilhados à sua volta para ajudar a mantê-lo quente. *Quando eu morrer, banquetear-se-ão com a minha carne e deixarão só ossos para saudar o degelo quando a primavera chegar*. A ideia era estranhamente reconfortante. Os seus lobos tinham caçado muitas vezes para ele enquanto deambulavam pela floresta; parecia plenamente adequado que os alimentasse no fim. Podia perfeitamente dar início à sua segunda vida rasgando a carne morta e morna do próprio cadáver.

Os cães eram os animais mais simples para criar um vínculo; viviam tão perto dos homens que eram quase humanos. Deslizar para dentro da pele de um cão era como calçar uma bota velha, com o couro amolecido pelo uso. Assim como uma bota tinha a forma certa para receber um pé, um cão tinha-a certa para aceitar uma coleira, mesmo uma coleira que nenhum olho humano conseguisse ver. Os lobos eram mais difíceis. Um homem podia travar amizade com um lobo, podia mesmo quebrar um lobo, mas nenhum homem conseguiria realmente *domar* um lobo.

— Os lobos e as mulheres casam para a vida — dizia Haggon com frequência. — Se te ligas a um, é um casamento. O lobo torna-se parte de ti desse dia em diante, e tu parte dele. Ambos mudarão.

Quanto aos outros animais, era melhor deixá-los em paz, declarara o caçador. Os gatos eram vaidosos e cruéis, sempre prontos para se virarem contra nós. Alces e veados eram presas; usando as peles deles durante demasiado tempo transformava até o mais corajoso dos homens num

cobarde. Ursos, javalis, texugos, doninhas… Haggon não aprovava tais criaturas.

— Há algumas peles que nunca vais querer usar, rapaz. Não ias gostar daquilo em que te transformavas. — Segundo o que ele dizia, as aves eram as piores. — Os homens não estão destinados a abandonar a terra. Se passares demasiado tempo nas nuvens, nunca quererás voltar para baixo. Conheço troca-peles que experimentaram falcões, mochos, corvos. Mesmo nas suas próprias peles ficam aluados, de olhos fixos na porcaria do azul.

Contudo, nem todos os troca-peles sentiam o mesmo. Uma vez, quando tinha dez anos, Haggon levara-o a uma reunião de gente dessa. No grupo, os mais numerosos eram os *wargs*, os irmãos de lobos, mas o rapaz achara os outros mais estranhos e mais fascinantes. Borroq parecia-se tanto com o seu javali que só lhe faltavam as presas, Orell tinha a sua águia, Briar o seu gato-das-sombras (no momento em que os viu, Grumo desejou ter um gato-das-sombras seu), a mulher-cabra, Grisella…

Mas nenhum deles fora tão forte como Varamyr Seis-Peles, nem mesmo Haggon, alto e severo com as suas mãos duras como pedra. O caçador morrera a chorar depois de Varamyr lhe roubar Pelegris, afastando-o para reivindicar o animal para si. *Não há segunda vida para ti, velho*. Nessa época chamava a si próprio Varamyr Três-Peles. Pelegris somara a quarta, embora o velho lobo estivesse débil, quase desdentado e depressa tivesse seguido Haggon para a morte.

Varamyr conseguia capturar qualquer animal que desejasse, submetê-lo à sua vontade, tornar sua a sua carne. Cão ou lobo, urso ou texugo…

Thistle, pensou.

Haggon chamar-lhe-ia uma abominação, o mais negro pecado de todos, mas Haggon estava morto, devorado e queimado. Mance também o teria amaldiçoado, mas Mance fora assassinado ou capturado. *Nunca ninguém saberá. Serei Thistle, a esposa de lanças, e Varamyr Seis-Peles estará morto*. Calculava que o dom pereceria com o corpo. Podia libertar os seus lobos e viver o resto dos seus dias como uma mulher magricela e

verrugosa… mas viveria. *Se ela voltar. Se ainda estiver suficientemente forte para a capturar.*

Uma vaga de tontura cobriu Varamyr. Deu por si de joelhos, com as mãos enterradas num monte de neve. Pegou numa mancheia de neve e encheu com ela a boca, esfregando-a através da barba e contra os lábios fendidos, sugando a humidade. A água estava tão fria que quase não conseguia obrigar-se a engolir, e de novo se apercebeu de como estava quente.

A neve derretida só o deixou com mais fome. Era por comida que a sua barriga ansiava, não por água. A neve tinha parado de cair, mas o vento estava a aumentar, enchendo o ar de cristais, esbofeteando-o no rosto enquanto lutava para ultrapassar a neve acumulada, com o ferimento no seu flanco a abrir-se e a voltar a fechar-se. A sua respiração gerava uma nuvem branca e irregular. Quando chegou ao represeiro, descobriu um ramo caído suficientemente longo para usar como muleta. Apoiando-se pesadamente nele, cambaleou na direção da cabana mais próxima. Era possível que os aldeões se tivessem esquecido de alguma coisa quando fugiram… uma saca de maçãs, alguma carne seca, qualquer coisa para o manter vivo até ao regresso de Thistle.

Estava quase lá quando a muleta se partiu sob o seu peso e as pernas cederam por baixo do corpo.

Varamyr não poderia dizer quanto tempo esteve ali estatelado, com o sangue a avermelhar a neve. *A neve enterrar-me-á*. Seria uma morte pacífica. *Dizem que nos sentimos quentes perto do fim, quentes e sonolentos*. Seria bom voltar a sentir-se quente, embora o entristecesse pensar que agora nunca veria as terras verdes, as terras quentes para lá da Muralha sobre as quais Mance costumava cantar.

— O mundo para lá da Muralha não é para a nossa espécie de gente — costumava Haggon dizer. — O povo livre teme os troca-peles, mas também nos prestam honrarias. A sul da Muralha, os ajoelhadores perseguem-nos e massacram-nos como se fôssemos porcos.

Tu avisaste-me, pensou Varamyr, *mas também foste tu que me mostraste Atalaialeste*. Não podia ter tido mais do que dez anos. Haggon trocara uma

dúzia de fios de âmbar e um trenó carregado com uma grande pilha de peles por seis odres de vinho, um bloco de sal e uma panela de cobre. Atalaialeste era um sítio melhor para comerciar do que Castelo Negro; era aí que os navios chegavam, carregados de bens vindos das terras lendárias do outro lado do mar. Os corvos sabiam que Haggon era caçador e amigo da Patrulha da Noite, e recebiam bem as notícias que ele trazia sobre a vida para lá da sua Muralha. Alguns também sabiam que era um troca-peles, mas disso ninguém falava. Fora aí, em Atalaialeste-do-Mar, que o rapaz que ele fora começara a sonhar com o quente sul.

Varamyr conseguia sentir os flocos de neve a derreter na testa. *Isto não é tão mau como arder. Deixai-me dormir e nunca acordar, deixai-me dar início à minha segunda vida*. Os seus lobos estavam agora próximos. Conseguia senti-los. Deixaria a sua débil carne para trás, tornar-se-ia uno com eles, passando a noite a caçar e uivando à Lua. O *warg* transformar-se-ia num verdadeiro lobo. *Mas em qual?*

Em Matreira não. Haggon teria chamado abominação a isso, mas Varamyr enfiara-se frequentemente na pele dela enquanto a loba estava a ser montada por Um-Olho. Contudo, não queria passar a sua nova vida como uma loba, a menos que não tivesse outra hipótese. Furtivo, o macho mais novo, poderia servir-lhe melhor… se bem que Um-Olho fosse maior e mais feroz e fosse Um-Olho quem montava Matreira sempre que ela entrava em cio.

— Dizem que se esquece — dissera-lhe Haggon, algumas semanas antes da sua morte. — Quando a carne do homem morre, o seu espírito continua a viver dentro do animal, mas a memória vai-se desvanecendo todos os dias, e o animal torna-se um pouco menos um *warg*, um pouco mais um lobo, até que nada reste do homem e só fique a fera.

Varamyr sabia que aquilo era verdade. Quando reclamara para si a águia que fora de Orell, conseguira sentir o outro troca-peles a enfurecer-se com a sua presença. Orell tinha sido morto pelo corvo vira-mantos Jon Snow, e o ódio que sentia pelo seu assassino fora tão forte que Varamyr dera por si a odiar também o rapaz. Compreendera o que Snow era no momento em que

vira aquele grande lobo gigante branco a caminhar em silêncio a seu lado. Um troca-peles era sempre capaz de detetar outro. *O Mance devia ter-me deixado capturar o lobo gigante. Aí estaria uma segunda vida digna de um rei*. Podê-lo-ia ter feito, não duvidava. O dom era forte em Snow, mas o jovem não fora ensinado e ainda combatia a sua natureza quando devia ter exultado com ela.

Varamyr conseguia ver os olhos vermelhos do represeiro a fitá-lo do tronco branco. *Os deuses estão a avaliar-me*. Foi percorrido por um arrepio. Fizera coisas más, coisas terríveis. Roubara, matara, violara. Empanturrara-se de carne humana e lambera o sangue de moribundos enquanto ele jorrava rubro e quente das gargantas rasgadas. Perseguira inimigos através dos bosques, caíra sobre eles enquanto dormiam, rasgara-lhes as barrigas fazendo sair as entranhas, e espalhara-as pela terra lamacenta. *Que bem soube a carne deles.*

— Isso foi o animal, não eu — disse num sussurro rouco. — Isso foi o dom que me concedestes.

Os deuses não responderam. A sua respiração pairou pálida e brumosa no ar. Conseguia sentir gelo a formar-se-lhe na barba. Varamyr Seis-Peles fechou os olhos.

Sonhou um velho sonho sobre uma choupana junto ao mar, três cães a ganir, lágrimas de uma mulher.

Bossa. Ela chora por Bossa, mas nunca chorou por mim.

Grumo nascera um mês antes do tempo próprio, e estava tantas vezes doente que ninguém esperava que sobrevivesse. A mãe esperara até ele ter quase quatro anos para lhe dar um nome como devia ser, e por essa altura era tarde demais. Toda a aldeia se habituara a chamar-lhe Grumo, o nome que a irmã Meha lhe dera quando ainda estava na barriga da mãe. Meha também dera o nome a Bossa, mas o irmãozinho de Grumo nascera no tempo próprio, grande, vermelho e robusto, sugando avidamente as tetas da mãe. Ela ia dar-lhe o nome do pai. *Mas ele morreu. Morreu quando tinha dois anos e eu seis, três dias antes do dia do seu nome*.

— O teu pequenino está agora com os deuses — dissera a bruxa da floresta à mãe enquanto ela chorava. — Nunca mais terá dores, nunca terá fome, nunca chorará. Os deuses levaram-no para a terra, para as árvores. Os deuses estão a toda a nossa volta, nas rochas e nos ribeiros, nas aves e nos animais. O teu Bossa foi juntar-se-lhes. Será o mundo e tudo o que existe no mundo.

As palavras da velha tinham trespassado Grumo como uma faca. *O Bossa vê. Está a observar-me. Ele sabe*. Grumo não se podia esconder dele, não se podia enfiar atrás das saias da mãe ou fugir com os cães para escapar à fúria do pai. *Os cães*. Rabo-Cortado, Farejo, Rosnão. *Eram bons cães. Eram meus amigos*.

Quando o pai encontrara os cães a farejar em volta do corpo de Bossa, não tivera maneira de saber qual deles o fizera, portanto, passara todos os três pelo machado. As mãos tremiam-lhe tanto que precisara de dois golpes para silenciar Farejo e quatro para abater Rosnão. O cheiro do sangue pairara, pesado, no ar, e os sons que os cães moribundos fizeram tinham sido terríveis de ouvir, mas mesmo assim Rabo-Cortado fora ter com ele quando o pai o chamara. Era o cão mais velho, e o treino sobrepusera-se nele ao terror. Quando Grumo deslizara para dentro da pele do cão era tarde demais.

Não, pai, por favor, tentara dizer, mas os cães não conseguem falar as línguas dos homens e, por isso, tudo o que saiu foi um ganido digno de dó. O machado abatera-se sobre o meio do crânio do velho cão, e dentro da choupana o rapaz deixara sair um grito. *Foi assim que eles souberam*. Dois dias mais tarde, o pai arrastara-o para a floresta. Trouxera o machado, e Grumo julgara que tencionava abatê-lo tal como fizera com os cães. Mas em vez disso, dera-o a Haggon.

Varamyr acordou de repente, com violência, com o corpo inteiro a tremer.

— Levanta-te — estava uma voz a gritar — levanta-te, temos de ir. Eles são centenas. — A neve cobrira-o com uma manta rígida e branca. *Tão fria*. Quando tentou mover-se, descobriu que a mão congelara e se colara ao

chão. Deixou alguma pele para trás quando a soltou. — Levanta-te — voltou ela a gritar — eles vêm *aí*.

Thistle regressara para junto dele. Agarrara-o pelos ombros e estava a sacudi-lo, gritando-lhe na cara. Varamyr conseguia cheirar-lhe o hálito e sentir o calor que ele trazia com bochechas adormecidas pelo frio. *Agora*, pensou, *fá-lo agora ou então morre.*

Convocou todas as forças que ainda havia em si, saltou para fora da sua própria pele, e forçou a entrada nela.

Thistle arqueou as costas e gritou.

Abominação. Seria ela, ele ou Haggon? Nunca soube. A sua velha carne voltou a cair no monte de neve quando os dedos dela se descontraíram. A esposa de lanças torceu-se com violência, aos guinchos. O gato-das-sombras de Varamyr costumava combatê-lo selvaticamente, e a ursa das neves ficara meio louca durante algum tempo, tentando morder árvores, pedras e ar vazio, mas aquilo era pior.

— Sai, *sai*! — ouviu a sua própria boca de mulher a gritar. O corpo cambaleou, caiu e voltou a levantar-se, as pernas abanaram, as mãos sacudiram-se para aqui e para ali, numa dança grotesca qualquer, enquanto o seu espírito e o dela combatiam pela carne. Engoliu um gole de ar gélido, e Varamyr teve meio segundo para rejubilar com o sabor do ar e com a força daquele corpo jovem antes dos dentes dela se cerrarem com força e lhe encherem a boca de sangue. Ela levou as mãos à cara dele. Tentou empurrá-las de novo para baixo, mas as mãos não queriam obedecer, e ela pôs-se a esgatanhar-lhe os olhos. *Abominação*, recordou, afogando-se em sangue, dor e loucura. Quando tentou gritar, ela cuspiu a língua de ambos.

O mundo branco girou e caiu. Por um momento, foi como se estivesse dentro do represeiro, olhando através de olhos esculpidos e vermelhos enquanto um moribundo se contorcia debilmente no chão e uma louca dançava, cega e ensanguentada, sob a Lua, chorando lágrimas vermelhas e rasgando a roupa. Depois ambos desapareceram e ele viu-se a subir, a derreter, com o espírito levado por um vento frio qualquer. Estava na neve e nas nuvens, era um pardal, um esquilo, um carvalho. Um bufo voou em

silêncio por entre as suas árvores, caçando uma lebre; Varamyr estava dentro do bufo, dentro da lebre, dentro das árvores. Profundamente enterradas sob o chão gelado, minhocas escavavam cegamente na escuridão, e também era elas. *Sou a floresta, e tudo o que ela contém*, pensou, exultante. Uma centena de corvos levantou voo, crocitando ao senti-lo passar. Um grande alce trombeteou, perturbando as crianças que se lhe agarravam ao dorso. Um lobo gigante adormecido ergueu a cabeça para rosnar ao ar vazio. Antes que os corações de todos eles tivessem tempo de voltar a bater, já ele tinha passado, procurando os seus, procurando Um-Olho, Matreira e Furtivo, procurando a alcateia. Disse a si próprio que os seus lobos o salvariam.

Esse foi o seu último pensamento enquanto homem.

A morte verdadeira chegou de súbito; sentiu um choque de frio, como se tivesse sido mergulhado nas águas geladas de um lago congelado. Depois deu por si a correr por neves iluminadas pelo luar com os companheiros de alcateia logo atrás de si. Metade do mundo estava escuro. *Um-Olho*, compreendeu. Soltou um latido e Matreira e Furtivo serviram-lhe de eco.

Quando chegaram ao cume, os lobos fizeram uma pausa. *Thistle*, recordou, e uma parte de si sentiu dor por aquilo que perdera, e outra parte pelo que fizera. Em baixo, o mundo transformara-se em gelo. Dedos de geada subiam lentamente pelo represeiro, tentando alcançarem-se uns aos outros. A aldeia vazia já não estava vazia. Sombras de olhos azuis caminhavam por entre os montes de neve. Algumas usavam roupa castanha, algumas preta e algumas estavam nuas, com a pele tornada branca como neve. Um vento suspirava pelas colinas, pesado com os seus odores: carne morta, sangue seco, peles que fediam a bafio e podridão e urina. Matreira rosnou e arreganhou os dentes, com a pelagem no cachaço a eriçar-se. *Não são homens. Não são presas. Aqueles não*.

As coisas lá em baixo mexiam-se, mas não viviam. Uma por uma, ergueram as cabeças para os três lobos na colina. A última a olhar foi a coisa que fora Thistle. Usava lã, peles e couro, e por cima disso usava uma cobertura de geada que crepitava quando se mexia e cintilava ao luar.

Pálidos pingentes rosados pendiam das pontas dos seus dedos, dez longas facas de sangue congelado. E nos poços onde os seus olhos tinham estado, uma luz azul clara estava a tremeluzir, emprestando às suas feições rudes uma beleza fantasmagórica que nunca tinham conhecido em vida.

Ela vê-me.

OceanofPDF.com

TYRION

Atravessou o mar estreito a beber.

O navio era pequeno, a sua cabina mais pequena ainda, mas o capitão não queria deixá-lo subir ao convés. O balançar da coberta sob os pés deixava-lhe o estômago agitado, e a maldita comida sabia ainda pior quando voltava para cima num vómito. Mas para que queria ele carne de vaca salgada, queijo duro e pão repleto de vermes quando tinha vinho com que se nutrir? Era tinto e amargo, muito forte. Às vezes também vomitava o vinho, mas havia sempre mais.

— O mundo está cheio de vinho — resmungou na humidade fria da cabina. O pai nunca quisera bêbados para nada, mas que importava isso? O pai estava morto. Fora ele que o matara. *Um dardo na barriga, senhor, e todo para vós. Se eu fosse melhor com uma besta teria trespassado essa picha com que me fizeste, bastardo dum raio.*

Abaixo do convés não havia nem noite nem dia. Tyrion contava o tempo pelas idas e vindas do criado de bordo que trazia as refeições que não comia. O rapaz trazia sempre também uma escova e um balde, para limpar.

— Isto é vinho de Dorne? — perguntara-lhe Tyrion uma vez, enquanto destapava um odre. — Faz-me lembrar uma certa serpente que conheço. Um tipo engraçado, até que uma montanha lhe caiu em cima.

O criado de bordo não respondeu. Era um rapaz feio, embora Tyrion admitisse que era mais bem parecido do que um certo anão com meio nariz e uma cicatriz do olho ao queixo.

— Ofendi-te? — perguntara Tyrion, enquanto o rapaz escovava. — Ordenaram-te para não falares comigo? Ou será que algum anão te vigarizou a mãe? — aquilo também não obteve resposta. — Para onde nos dirigimos? Diz-me isso. — Jaime mencionara as Cidades Livres, mas não chegara a dizer qual delas. — É Bravos? Tyrosh? Myr? — Tyrion teria preferido ir para Dorne. *Myrcella é mais velha do que Tommen, pela lei dornesa o Trono de Ferro é seu. Vou ajudá-la a reclamar os seus direitos como o Príncipe Oberyn sugeriu.*

Mas Oberyn estava morto, com a cabeça esmagada até se transformar numa ruína sangrenta pelo punho couraçado de Sor Gregor Clegane. E sem a Víbora Vermelha para o instar a avançar, iria Doran Martell sequer pensar em pôr em prática um plano tão arriscado? *Em vez disso, pode acorrentar-me e devolver-me à minha querida irmã*. A Muralha poderia ser mais segura. O Velho Urso Mormont dissera que a Patrulha da Noite tinha necessidade de homens como Tyrion. *Mas Mormont pode estar morto. Por esta altura pode ser Slynt o Senhor Comandante.* Não era provável que aquele filho de carniceiro se tivesse esquecido de quem o enviara para a Muralha. *Quererei mesmo passar o resto da vida a comer carne de vaca salgada e papas de aveia com assassinos e ladrões?* Não que o resto da sua vida fosse durar muito. Janos Slynt trataria disso.

O criado de bordo molhou a escova e continuou a esfregar intrepidamente.

— Alguma vez visitaste as casas de prazer de Lys? — inquiriu o anão. — Poderá ser para aí que as rameiras vão? — Tyrion não parecia capaz de recordar a palavra valiriana para rameira, e fosse como fosse era tarde demais. O rapaz voltou a atirar a escova para dentro do balde e retirou-se.

O vinho enevoou-me o espírito. Aprendera a ler alto valiriano ainda muito novo, se bem que aquilo que falavam nas Nove Cidades Livres… bem, não era tanto um dialeto, mas nove dialetos a caminho de se transformarem em línguas separadas. Tyrion sabia algum bravosiano e tinha umas noções de myrano. Em tyroshi podia ser capaz de amaldiçoar os deuses, chamar batoteiro a um homem e pedir uma cerveja, graças a um mercenário que conhecera em tempos no Rochedo. *Pelo menos em Dorne falam o idioma comum*. Tal como acontecia com a comida dornesa e a lei de Dorne, a fala dornesa era temperada com os sabores de Roine, mas um homem compreendia-a. *Dorne, sim, para mim é Dorne*. Gatinhou para o beliche, agarrando-se a essa ideia como uma criança a uma boneca.

O sono nunca chegara facilmente para Tyrion Lannister. A bordo daquele navio raramente chegava de todo, embora de vez em quando conseguisse beber vinho suficiente para desmaiar durante algum tempo. Pelo menos,

não sonhava. Já sonhara o suficiente para uma pequena vida. *E com tolices tão grandes: amor, justiça, amizade, glória. Mais valia sonhar com ser alto*. Tyrion sabia agora que tudo aquilo estava fora do seu alcance. Mas não sabia para onde iam as rameiras.

— Onde quer que as rameiras vão — dissera o pai. *As suas últimas palavras, e que palavras elas foram*. A besta soltara um *tuang*, o Lorde Tywin voltara a sentar-se, e Tyrion Lannister dera por si a bambolear-se pelas trevas com Varys a seu lado. Devia ter voltado a descer a chaminé, duzentos e trinta degraus até ao local onde brasas cor de laranja brilhavam na boca de um dragão de ferro. Não se lembrava de nada disso. Só do som que a besta fizera, e do fedor das tripas do pai a abrirem-se. *Até na morte arranjou maneira de cagar em mim.*

Varys acompanhara-o pelos túneis, mas não falaram até saírem junto à Água Negra, onde Tyrion conquistara uma vitória famosa e perdera um nariz. Fora então que o anão se virara para o eunuco e dissera "Matei o meu pai," no mesmo tom que um homem poderia usar para dizer "Dei uma topada com o pé."

O mestre dos murmúrios estivera vestido como um irmão mendicante, trajando uma túnica castanha de tecido grosseiro comido pelas traças, com um capuz que lhe ensombrava as bochechas lisas e gordas e a cabeça careca e redonda.

— Não devíeis ter subido aquela escada — dissera, numa censura.

— Onde quer que as rameiras vão. — Tyrion avisara o pai para não dizer aquela palavra. *Se não tivesse disparado, ele teria visto que as minhas ameaças eram ocas. Ter-me-ia tirado a besta das mãos, como um dia me tirou Tysha dos braços. Estava a levantar-se quando o matei.*

— Também matei Shae — confessara a Varys.

— Sabíeis o que ela era.

— Sabia. Mas nunca soube o que ele era.

Varys soltara um risinho sufocado.

— E agora sabeis.

Também devia ter matado o eunuco. Um pouco mais de sangue nas mãos, que importaria? Não sabia dizer o que lhe detivera o punhal. Não fora gratidão. Varys salvara-o da espada de um carrasco, mas só porque Jaime o forçara a isso. *Jaime… não, é melhor não pensar em Jaime.*

Em vez disso, encontrou um odre novo de vinho, e pôs-se a chupá-lo como se fosse o seio de uma mulher. O tinto amargo escorreu-lhe pelo queixo abaixo e ensopou-lhe a túnica porca, a mesma que usara na cela. A coberta estava a oscilar sob os seus pés e, quando tentou levantar-se, ela ergueu-se para o lado e atirou-o com força contra uma antepara. *Uma tempestade*, compreendeu, *ou então estou ainda mais bêbado do que pensava*. Vomitou o vinho e ficou algum tempo deitado em cima dele, perguntando a si próprio se o navio se afundaria. *É esta a tua vingança, pai? O Pai no Céu fez de ti sua Mão?*

— Tais são as recompensas daquele que mata parentes — disse enquanto o vento uivava lá fora. Não parecia justo afogar o criado de bordo, o capitão e todos os outros por algo que ele fizera, mas quando teriam os deuses sido justos? E mais ou menos por essa altura, a escuridão engoliu-o.

Quando voltou a despertar, sentia a cabeça pronta a rebentar e o navio rodopiava descrevendo círculos entontecedores, embora o capitão insistisse que tinham chegado ao porto. Tyrion disse-lhe para se calar, e esperneou debilmente quando um enorme marinheiro calvo o enfiou debaixo de um braço e o levou a contorcer-se para o porão, onde uma pipa vazia de vinho o aguardava. Era uma pipazinha atarracada, e era apertada mesmo para um anão. Tyrion mijou-se enquanto se debatia, embora nada tivesse lucrado com isso. Foi espremido para dentro da pipa com a cara para baixo e os joelhos foram-lhe empurrados contra as orelhas. O toco do nariz dava-lhe uma comichão horrível, mas os braços estavam tão apertados que não conseguia erguer a mão para o coçar. *Um palanquim adequado a um homem da minha envergadura*, pensou enquanto fechavam a tampa à martelada. Conseguiu ouvir vozes a gritar quando foi içado. Cada sacudidela atirava-lhe a cabeça contra o fundo da pipa. O mundo pôs-se a rodopiar quando a pipa rolou para baixo, e depois parou com um estrondo

que lhe deu vontade de gritar. Outra pipa colidiu com a sua, e Tyrion mordeu a língua.

Aquela foi a mais longa viagem que fez na vida, embora não pudesse ter durado mais de meia hora. Foi erguido e baixado, rolado e empilhado, virado de pernas para o ar, endireitado e rolado de novo. Através das aduelas de madeira ouvia homens a gritar, e uma vez um cavalo relinchou ali perto. Começou a sentir cãibras nas pernas atrofiadas, e em breve elas doíam tanto que se esqueceu do martelar na sua cabeça.

Tudo terminou como começara, com outro rodopio que o deixou tonto e mais sacolejos. Lá fora, vozes de estranhos estavam a falar numa língua que não conhecia. Alguém começou a bater no topo da pipa e a tampa abriu-se de repente. O interior foi inundado por luz e também por ar fresco. Tyrion arquejou avidamente e tentou levantar-se, mas só conseguiu fazer a pipa cair de lado e derramar-se para cima de um chão de terra batida.

Acima dele erguia-se um gordo grotesco com uma barba bifurcada amarela, que tinha nas mãos um malho de madeira e um escopro de ferro. O roupão que trazia vestido era suficientemente grande para ser usado como pavilhão de torneio, mas o cinto mal atado tinha-se desatado, expondo uma enorme barriga branca e um par de pesados seios que pendiam como sacas de sebo cobertas de pelos amarelos e pouco densos. Fez lembrar a Tyrion um manatim morto que dera um dia à costa nas cavernas sob o Rochedo Casterly.

O gordo olhou para baixo e sorriu.

— Um anão bêbado — disse, no idioma comum de Westeros.

— Um manatim putrefacto. — A boca de Tyrion estava cheia de sangue. Cuspiu-o aos pés do gordo. Estavam numa longa adega mal iluminada, de teto arqueado, com paredes de pedra manchadas de salitre. Pipas de vinho e cerveja rodeavam-nos, bebida mais do que suficiente para fazer companhia a um anão sedento durante a noite. *Ou durante uma vida.*

— Sois insolente. Gosto disso num anão. — Quando o gordo se riu, a sua carne sacolejou com tal vigor que Tyrion teve medo que o outro caísse e o esmagasse. — Tendes fome, meu amiguinho? Estais cansado?

— Tenho sede. — Tyrion pôs-se de joelhos com dificuldade. — E estou imundo.

O gordo farejou-o.

— Um banho primeiro, isso mesmo. Depois comida e uma cama macia, sim? Os meus criados tratarão disso. — O anfitrião de Tyrion pôs de lado o malho e o escopro. — A minha casa é vossa. Qualquer amigo do meu amigo do outro lado do mar é um amigo de Illyrio Mopatis, sim.

Qualquer amigo de Varys, a Aranha, é alguém em que eu confiarei só até onde o possa atirar.

Contudo, o gordo cumpriu a promessa do banho. Assim que Tyrion entrou e se baixou na água quente, fechou os olhos e adormeceu profundamente. Acordou nu sobre um colchão de penugem de ganso, tão suave que se sentiu como se tivesse sido engolido por uma nuvem. Sentia a língua a saber a papéis de música e a garganta em carne viva, mas tinha a picha tão dura como uma barra de ferro. Rolou para fora da cama, descobriu um penico e começou a enchê-lo, com um gemido de prazer.

O quarto estava obscurecido, mas havia barras de luz amarela a ver-se entre as ripas das portadas. Tyrion sacudiu as últimas gotas e meneou-se por cima dos padrões de tapetes de Myr tão suaves como erva nova de primavera. Desajeitadamente, trepou para cima do banco de janela e escancarou as portadas para ver para onde Varys e os deuses o tinham enviado.

Sob a sua janela, seis cerejeiras estavam de sentinela em volta de uma piscina de mármore, com ramos esguios despidos e castanhos. Um rapaz nu estava na água, em pose de duelo, com uma lâmina de espadachim na mão. Era ágil e bem-parecido e não teria mais de dezasseis anos, com um cabelo louro e liso que lhe roçava pelos ombros. Parecia tão natural que o anão precisou de um longo momento para se aperceber de que era feito de mármore pintado, embora a espada cintilasse como aço verdadeiro.

Atrás da piscina erguia-se um muro de tijolo com três metros e meio de altura e espigões de ferro ao longo do topo. Atrás do muro ficava a cidade. Um mar de telhados de telha aglomerava-se apertadamente em volta de uma

baía. Viu torres quadradas de tijolo, um grande templo vermelho, uma mansão distante no topo de uma colina. Na distância longínqua, a luz do sol cintilava em águas profundas. Barcos de pesca moviam-se pela baía, com as velas a ondular ao vento, e Tyrion conseguia ver os mastros de navios maiores a espetarem-se ao longo da costa. *Certamente haverá algum com rumo a Dorne, ou a Atalaialeste-do-Mar*. Mas não tinha meios para pagar a passagem, e não era feito para puxar um remo. *Suponho que me podia alistar como criado de bordo e ganhar a passagem deixando a tripulação enrabar-me de um lado ao outro do mar estreito*.

Perguntou a si próprio onde estaria. *Aqui até o ar tem um cheiro diferente*. Estranhas especiarias aromatizavam o vento gélido de outono, e ouvia gritos ténues a pairar por sobre o muro, vindos das ruas mais adiante. Soavam algo semelhantes ao valiriano, mas não reconhecia mais do que uma palavra em cinco. *Não é Bravos*, concluiu, *nem Tyrosh*. Aqueles ramos nus e o frio no ar também argumentavam contra Lys, Myr e Volantis.

Quando ouviu a porta a abrir-se atrás de si, Tyrion virou-se para enfrentar o seu gordo anfitrião.

— Isto é Pentos, não é?

— Precisamente. Que outro sítio seria?

Pentos. Bem, não era Porto Real, pelo menos isso podia dizer-se em prol do lugar.

— Para onde vão as rameiras? — ouviu-se a perguntar.

— Encontram-se aqui rameiras em bordéis, tal como em Westeros. Não tereis necessidade de tal, meu pequeno amigo. Escolhei de entre as minhas criadas. Nenhuma se atreverá a recusar-vos.

— Escravas? — perguntou o anão sem rodeios.

O gordo afagou uma das pontas da sua barba amarela e oleada, um gesto que Tyrion achou notavelmente obsceno.

— A escravatura é proibida em Pentos, segundo os termos do tratado que os bravosianos nos impuseram há cem anos. Mesmo assim, elas não vos recusarão. — Illyrio fez uma imponente meia vénia. — Mas agora o meu pequeno amigo terá de me dar licença. Tenho a honra de ser um magíster

nesta grande cidade, e o príncipe convocou-nos para uma reunião. — Sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes tortos e amarelos. — Explorai a mansão e a propriedade como quiserdes, mas em nenhum caso vagueeis para lá dos muros. É melhor que ninguém saiba que estivestes aqui.

— *Estive*? Fui a algum lado?

— Haverá tempo bastante para conversar sobre isso esta noite. O meu pequeno amigo e eu comeremos e beberemos e faremos grandes planos, sim?

— Sim, meu gordo amigo — respondeu Tyrion. *Ele pensa usar-me para lucro próprio*. Tudo se resumia a lucro com os príncipes mercadores das Cidades Livres. O senhor seu pai chamava-lhes "soldados das especiarias e senhores do queijo", com desprezo. Se amanhecesse um dia em que Illyrio Mopatis visse mais lucro num anão morto do que num vivo, daria por si envasilhado noutra pipa de vinho ao pôr-do-sol. *Seria bom se me tivesse ido embora antes de esse dia chegar*. Não duvidava de que chegaria; não era provável que Cersei o esquecesse, e mesmo Jaime poderia ficar contrariado por descobrir um dardo na barriga do pai.

Um vento ligeiro estava a encrespar as águas da piscina, lá em baixo, a toda a volta do espadachim nu. Fez-lhe lembrar o modo como Tysha lhe passava a mão pelo cabelo durante a falsa primavera do seu casamento, antes de Tyrion ajudar os guardas do pai a violá-la. Pensara nesses guardas durante a fuga, tentando lembrar-se de quantos tinham sido. Julgar-se-ia que se lembraria disso, mas não. Uma dúzia? Uma vintena? Uma centena? Não sabia dizer. Tinham sido todos homens feitos, altos e fortes… embora todos os homens fossem altos para um anão de treze anos. *Tysha sabia quantos eram*. Cada um lhe dera um veado de prata, de modo que só precisaria de contar as moedas. *Um de prata para cada um deles e um de ouro para mim*. O pai insistira que ele também lhe pagasse. *Um Lannister paga sempre as suas dívidas*.

— Onde quer que as rameiras vão — ouviu o Lorde Tywin dizer mais uma vez, e mais uma vez a corda da besta soltou um *tuang*.

O magíster convidara-o para explorar a mansão. Descobriu roupa limpa numa arca de cedro com embutidos de lápis-lazúli e madrepérola. Ao lutar por se enfiar na roupa, apercebeu-se de que fora feita para um rapazinho. Os tecidos eram bastante ricos, ainda que algo bafientos, mas o corte era longo demais nas pernas e demasiado curto nos braços, com um colarinho que lhe teria deixado a cara tão negra como a de Joffrey se tivesse arranjado maneira de o fechar. Traças também tinham andado a roê-la. *Pelo menos não fede a vómito*.

Tyrion deu início à exploração pela cozinha, onde duas mulheres gordas e um jovem latrineiro o observaram com prudência enquanto se servia de queijo, pão e figos.

— Bons dias para vós, belas senhoras — disse com uma vénia. — Sabeis para onde vão as rameiras? — Quando não responderam, repetiu a pergunta em alto valiriano, embora tivesse de dizer *cortesã* em vez de *rameira*. Dessa vez, a cozinheira mais jovem e mais gorda dirigiu-lhe um encolher de ombros.

Perguntou-se o que fariam elas se lhes pegasse nas mãos e as arrastasse para o seu quarto. *Nenhuma se atreverá a recusar-vos*, afirmara Illyrio, mas, por um motivo qualquer, parecia a Tyrion que ele não se referia àquelas duas. A mais nova era suficientemente velha para ser sua mãe, e a mais velha era provavelmente mãe *da outra*. Ambas eram quase tão gordas como Illyrio, com tetas maiores do que a sua cabeça. *Podia sufocar-me em carne*. Havia maneiras piores de morrer. A maneira como o senhor seu pai morrera, por exemplo. *Devia tê-lo obrigado a cagar um pouco de ouro antes de expirar*. O Lorde Tywin podia ter sido avaro com a sua aprovação e afeto, mas sempre fora um mãos-largas quando se tratava de dinheiro. *A única coisa mais digna de dó do que um anão sem nariz é um anão sem nariz que não tem nenhum ouro*.

Tyrion deixou as gordas com os seus rolos e panelas e foi à procura da adega onde Illyrio o decantara na noite anterior. Não foi difícil de achar. Havia lá vinho suficiente para o manter bêbado durante cem anos; tintos doces da Campina e tintos amargos de Dorne, pálidos vinhos ambarinos de

Pentos, o néctar verde de Myr, três vintenas de pipas de dourado da Árvore, até vinhos do fabuloso leste, de Qarth e Yi Ti e Asshai da Sombra. Por fim, Tyrion escolheu uma pipa de vinho-forte marcada como reserva particular do Lorde Runceford Redwyne, o avô do atual Senhor da Árvore. O sabor da bebida na sua língua era langoroso e capitoso, a cor era um púrpura tão escuro que parecia quase negro na adega mal iluminada. Tyrion encheu uma taça, e já agora também um jarro, e levou-os para os jardins, a fim de beber à sombra daquelas cerejeiras que vira.

Aconteceu-lhe sair pela porta errada e não chegar a descobrir a piscina que vira da janela, mas não se importou. Os jardins por trás da mansão eram igualmente agradáveis e muito mais extensos. Vagueou através deles por algum tempo, bebendo. Os muros teriam envergonhado qualquer castelo, e os espigões ornamentais de ferro ao longo do topo pareciam estranhamente despidos sem cabeças a adorná-los. Tyrion imaginou como ficaria a cabeça da irmã lá em cima, com alcatrão no cabelo dourado e moscas a entrar e a sair, a zumbir, da sua boca. *Sim, e Jaime deve ficar com o espigão ao lado dela*, decidiu. *Nunca ninguém se deve interpor entre o meu irmão e a minha irmã.*

Com uma corda e um arpéu podia conseguir ultrapassar aquele muro. Tinha braços fortes e não pesava muito. Devia ser capaz de trepar até ao outro lado, se não se empalasse num espigão. *Amanhã vou procurar uma corda*, decidiu.

Viu três portões durante as suas deambulações; a entrada principal, com a sua casa de portão, uma poterna junto dos canis, e um portão de jardim, oculto por trás de um emaranhado de trepadeiras claras. Este último estava acorrentado, os outros guardados. Os guardas eram rechonchudos, com caras tão lisas como o traseiro de um bebé, e cada um desses homens usava um capacete de bronze com espigão. Tyrion reconhecia eunucos quando os via. Conhecia aquela espécie de gente pela reputação. Nada temiam e não sentiam qualquer dor, segundo se dizia, e eram leais aos seus amos até à morte. *Podia dar bom uso a algumas centenas que fossem minhas*, refletiu. *Uma pena que não tivesse pensado nisso antes de me tornar pedinte*.

Caminhou ao longo de uma galeria provida de colunas, atravessou um arco de ponta em bico e deu por si num pátio enladrilhado onde uma mulher estava a lavar roupa num poço. Parecia ter a sua idade, e mostrava um cabelo ruivo sem brilho e uma cara larga salpicada de sardas.

— Queres um pouco de vinho? — perguntou-lhe. Ela olhou-o com incerteza. — Não tenho taça para ti, teremos de partilhar. — A lavadeira regressou à sua atividade de torcer túnicas e estendê-las a secar. Tyrion instalou-se num banco de pedra com o jarro. — Diz-me, até que ponto deverei confiar no Magíster Illyrio? — O nome levou-a a erguer o olhar. — Até esse ponto? — Aos risinhos, cruzou as pernas atrofiadas e bebeu um gole. — Sinto aversão por desempenhar o papel que o queijeiro tem em mente para mim, seja ele qual for, mas como posso recusá-lo? Os portões estão guardados. Talvez possas fazer-me sair debaixo das tuas saias? Ficava tão grato, olha, até me casava contigo. Já tenho duas esposas, porque não três? Ah, mas onde viveríamos? — dirigiu-lhe o mais agradável sorriso que um homem com meio nariz conseguia arranjar. — Tenho uma sobrinha em Lançassolar, já te tinha dito? Podia fazer muitas travessuras em Dorne com Myrcella. Podia pôr a minha sobrinha e o meu sobrinho em guerra, não era engraçado? — a lavadeira pôs a secar uma das túnicas de Illyrio, suficientemente grande para também servir de vela. — Devia ter vergonha de ter pensamentos tão maldosos, tens toda a razão. Era melhor que procurasse a Muralha. Dizem que todos os crimes são limpos quando um homem se junta à Patrulha da Noite. Se bem que tema que não me deixassem ficar contigo, doçura. Não há mulheres na Patrulha, não há doces esposas sardentas para nos aquecer a cama à noite, só ventos frios, bacalhau salgado e má cerveja. Achais que eu pareceria mais alto de preto, senhora? — Voltou a encher a taça. — Que dizes? Norte ou sul? Deverei expiar velhos pecados ou cometer alguns novos?

A lavadeira deitou-lhe um último relance, pegou no balde e afastou-se. *Parece que não consigo segurar uma esposa por muito tempo*, refletiu Tyrion. Sem que soubesse como, o jarro secara. *Talvez deva voltar aos*

tropeções para a adega. Mas o vinho-forte estava a fazer-lhe a cabeça rodopiar, e os degraus da adega eram muito íngremes.

— Para onde vão as rameiras? — perguntou à roupa lavada que adejava na corda. Talvez devesse ter perguntado à lavadeira. *Não estou a insinuar que tu és uma rameira, querida, mas talvez saibas para onde elas vão*. Ou melhor ainda, devia ter perguntado ao pai.

— Onde quer que as rameiras vão — dissera o Lorde Tywin. *Ela amava-me. Era filha de um caseiro, amava-me e casou comigo, entregou-me a sua confiança*.

O jarro vazio escorregou-lhe da mão e rolou pelo pátio fora. Tyrion empurrou-se para fora do banco e foi buscá-lo. Quando o fez, viu uns quantos cogumelos a crescer de um ladrilho rachado. Eram de um branco claro, com manchas, e tinham uma parte de baixo cheia de lamelas vermelhas tão escuras como sangue. O anão arrancou um e cheirou-o. *Delicioso*, pensou, *e mortífero*.

Os cogumelos eram sete. Talvez os Sete estivessem a tentar dizer-lhe qualquer coisa. Colheu-os a todos, tirou uma luva da corda, enrolou-os cuidadosamente, e enfiou-os no bolso. O esforço deixou-o tonto, pelo que voltou em seguida a gatinhar para o banco, enrolou-se e fechou os olhos.

Quando voltou a acordar, estava de regresso ao seu quarto, de novo a afogar-se no colchão de penugem de ganso enquanto uma rapariga loura lhe sacudia o ombro.

— Senhor — disse ela — o vosso banho aguarda. O Magíster Illyrio espera-vos à mesa dentro de uma hora.

Tyrion apoiou-se às almofadas, com a cabeça nas mãos.

— Estou a sonhar ou tu falas o idioma comum?

— Sim, senhor. Fui trazida para agradar ao rei. — Tinha olhos azuis e era bonita, jovem e esbelta.

— Tenho a certeza que sim. Preciso de uma taça de vinho.

Ela serviu-o.

— O Magíster Illyrio disse que devo esfregar-vos as costas e aquecer-vos a cama. O meu nome…

— … não me interessa para nada. Sabes para onde vão as rameiras?

Ela corou.

— As rameiras vendem-se por dinheiro.

— Ou por joias, ou por vestidos, ou por castelos. Mas para onde vão?

A rapariga não conseguia compreender a pergunta.

— É uma adivinha, s'nhor? Não sou boa com adivinhas. Não me quereis dizer a resposta?

Não, pensou. *Pessoalmente, desprezo adivinhas.*

— Não te quero dizer nada. Faz-me o mesmo favor. — *A única parte de ti que me interessa é a parte que tens entre as pernas*, quase disse. As palavras estiveram na sua língua, mas sem que soubesse porquê nunca lhe ultrapassaram os lábios. *Ela não é a Shae*, disse o anão a si próprio. *É só uma tolinha qualquer que pensa que eu brinco às adivinhas*. Em boa verdade, nem mesmo a sua cona lhe interessava por aí além. *Devo estar doente ou morto*. — Mencionaste um banho? Não podemos deixar o grande queijeiro à espera.

Enquanto se banhava, a rapariga lavou-lhe os pés, esfregou-lhe as costas e escovou-lhe o cabelo. Depois, esfregou-lhe uma pomada com um cheiro doce nas barrigas das pernas para lhe atenuar as dores, e voltou a vesti-lo com roupa de rapaz, um par bafiento de bragas de cor borgonha e um gibão de veludo azul forrado de fio de ouro.

— O senhor vai querer-me depois de comer? — perguntou ela enquanto lhe atava as botas.

— Não. Para mim acabaram-se as mulheres. — *Rameiras*.

A rapariga acolheu aquela desilusão bem demais para o gosto de Tyrion.

— Se o s'nhor preferir um rapaz, posso arranjar um para esperar na vossa cama.

O s'nhor preferia a esposa. O s'nhor preferia uma rapariga chamada Tysha.

— Só se ele souber para onde vão as rameiras.

A boca da rapariga apertou-se. *Ela despreza-me*, apercebeu-se Tyrion, *mas não mais do que eu me desprezo a mim próprio*. Tyrion não duvidava

de que tinha fodido muitas mulheres que abominavam o simples ato de o ver, mas as outras tinham ao menos tido a educação de fingir afeição. *Um pouco de desprezo honesto pode ser refrescante, como um vinho amargo depois de demasiado doce.*

— Acho que mudei de ideias — disse-lhe. — Espera por mim na cama. Nua, por favor, que vou estar bêbado demais para andar às apalpadelas com a tua roupa. Mantém a boca fechada e as pernas abertas e vamos dar-nos magnificamente os dois. — Deitou-lhe um olhar de esguelha, na esperança de ver um pouco de medo, mas tudo o que ela lhe mostrou foi repugnância. *Ninguém teme um anão*. Nem mesmo o Lorde Tywin tivera medo, apesar de Tyrion ter uma besta nas mãos. — Gemes quando estás a ser fodida? — perguntou à aquecedora de cama.

— Se aprouver ao s'nhor.

— Pode aprouver ao s'nhor estrangular-te. Foi assim que lidei com a minha última rameira. Achas que o teu amo ia levantar objeções? Com certeza que não. Ele tem mais uma centena como tu, mas mais ninguém como eu. — Desta vez, quando sorriu, obteve o medo que desejava.

Illyrio estava reclinado num sofá almofadado, a devorar pimentos e alho-porro que tirava de uma tigela de madeira. Tinha a testa salpicada de gotículas de suor, e os olhinhos de porco brilhavam por cima das bochechas gordas. Joias dançavam quando ele movia as mãos; ónix e opalas, olhos de tigre e turmalinas, rubis, ametistas, safiras, esmeraldas, azeviche e jade, um diamante preto e uma pérola verde. *Eu poderia viver durante anos dos anéis dele*, refletiu Tyrion, *se bem que precisasse de um cutelo para lhos tirar*.

— Vinde sentar-vos, meu pequeno amigo. — Illyrio fez-lhe sinal para que se aproximasse.

O anão trepou para uma cadeira. Era enormíssima para ele, um trono almofadado destinado a acolher as gigantescas nádegas do magíster, com grossas e resistentes pernas para lhe suportar o peso. Tyrion Lannister vivera toda a vida num mundo que era grande demais para ele, mas na mansão de Illyrio Mopatis a sensação de desproporção assumia dimensões

grotescas. *Sou um rato no covil de um mamute*, refletiu, *se bem que o mamute tenha uma boa adega. Do mal, o menos*. A ideia deixou-o com sede. Pediu vinho.

— Gostastes da rapariga que vos enviei? — perguntou Illyrio.

— Se quisesse uma rapariga, teria pedido uma rapariga.

— Se ela não conseguiu agradar…

— Ela fez tudo o que lhe foi pedido.

— Espero que sim. Foi treinada em Lys, onde transformam o amor em arte. O rei gostava muito dela.

— Eu mato reis, não vos disseram? — Tyrion lançou um sorriso maligno por cima da sua taça de vinho. — Não quero sobras régias.

— Como quiserdes. Comamos. — Illyrio bateu palmas e apareceram criados a correr.

Começaram por um caldo de caranguejo e tamboril, e também sopa fria de lima com ovo. Depois vieram codornizes em mel, um lombo de carneiro, fígados de ganso afogados em vinho, cherovias em manteiga e leitão. Ver tudo aquilo fez Tyrion sentir-se nauseado, mas forçou-se a provar uma colher de sopa, a bem da educação, e depois de a provar ficou perdido. As cozinheiras podiam ser velhas e gordas, mas conheciam o seu ofício. Nunca comera tão bem, nem mesmo na corte.

Enquanto chupava a carne dos ossos da sua codorniz, interrogou Illyrio sobre a convocatória da manhã. O gordo encolheu os ombros.

— Há problemas no leste. Astapor caiu e Meereen também. Cidades esclavagistas ghiscarianas que já eram velhas quando o mundo era novo. — O leitão já fora trinchado. Illyrio estendeu a mão para um bocado de pele, mergulhou-o num molho de ameixa e comeu-o com os dedos.

— A Baía dos Escravos é muito longe de Pentos. — Tyrion trespassou um fígado de ganso com a ponta da faca. *Não há homem mais maldito do que o assassino de parentes*, refletiu, *mas eu podia aprender a gostar deste inferno*.

— Isso é verdade — concordou Illyrio — mas um mundo é uma grande teia, e um homem não se atreve a tocar num fio que seja com medo de que

todos os outros tremam. Mais vinho? — Illyrio enfiou um pimento na boca. — Não, uma coisa melhor. — Bateu palmas.

Ao ouvir o som, um criado entrou com um prato tapado. Pousou-o na frente de Tyrion, e Illyrio debruçou-se por cima da mesa para erguer a tampa.

— Cogumelos — anunciou o magíster, enquanto o cheiro se espalhava. — Beijados com alho e banhados em manteiga. Dizem-me que o gosto é requintado. Comei um, meu amigo. Comei dois.

Tyrion tinha um cogumelo negro a meio caminho da boca, mas algo na voz de Illyrio o fez parar de repente.

— Depois de vós, senhor. — Empurrou o prato na direção do anfitrião.

— Não, não. — O Magíster Illyrio empurrou os cogumelos de volta. Durante um segundo, pareceu que um rapaz traquina estava a espreitar de dentro da carne inchada do queijeiro. — Depois de vós. Insisto. A cozinheira fê-los especialmente para vós.

— Ah fez, foi? — recordou a cozinheira, a farinha nas suas mãos, os pesados seios cobertos de veias azuis escuras. — Isso foi gentil da parte dela, mas… não. — Tyrion voltou a pousar o cogumelo no lago de manteiga do qual emergira.

— Sois demasiado desconfiado. — Illyrio sorriu através da barba amarela bifurcada. Oleada todas as manhãs para a fazer cintilar como ouro, suspeitou Tyrion. — Sois cobarde? Não tinha ouvido dizer isso de vós.

— Nos Sete Reinos considera-se que envenenar os hóspedes ao jantar é uma grave quebra de hospitalidade.

— Aqui também. — Illyrio Mopatis estendeu a mão para a taça de vinho. — Mas quando um hóspede deseja claramente pôr fim à própria vida, bem, o anfitrião deve fazer-lhe a vontade, não? — Bebeu um gole. — O Magíster Ordello foi envenenado por um cogumelo ainda não há meio ano. A dor não é muito grande, segundo ouvi dizer. Algumas cãibras nas tripas, uma dor súbita debaixo dos olhos, e acabou-se. É melhor um cogumelo do que uma espada espetada no pescoço, não é verdade? Porquê morrer com o sabor do sangue na boca, quando podia ser manteiga e alho?

O anão estudou o prato que tinha na frente. O cheiro do alho e da manteiga fê-lo salivar. Uma parte dele desejava aqueles cogumelos, mesmo sabendo o que eram. Não era suficientemente corajoso para acolher aço frio na barriga, mas um pouco de cogumelo não seria assim tão difícil. Isso assustou-o mais do que poderia expressar.

— Estais enganado a meu respeito — ouviu-se a dizer.

— Ah sim? Interessante. Se preferis afogar-vos em vinho, dizei, e isso será feito, e depressa. Afogar-vos taça a taça gasta tanto tempo como vinho.

— Estais enganado a meu respeito — voltou Tyrion a dizer, mais alto. Os cogumelos em manteiga cintilavam à luz das lâmpadas, escuros e convidativos. — Não tenho qualquer desejo de morrer, garanto-vos. Tenho… — A sua voz desvaneceu-se na incerteza. *Que tenho eu? Uma vida para viver? Trabalho a fazer? Filhos para criar, terras para governar, uma mulher para amar?*

— Não tendes nada — concluiu o Magíster Illyrio — mas podemos mudar isso. — Extraiu um cogumelo da manteiga e mastigou-o com vigor. — Delicioso.

— Os cogumelos não estão envenenados. — Tyrion estava irritado.

— Pois não. Porque haveria eu de vos querer mal? — O Magíster Illyrio comeu outro. — Temos de mostrar um pouco de confiança, vós e eu. Vinde, comei. — Voltou a bater palmas. — Temos trabalho a fazer. O meu pequeno amigo tem de conservar as forças.

Os criados trouxeram uma garça-real recheada de figos, costeletas de vitela branqueadas com leite de amêndoa, arenques com natas, cebolas cristalizadas, queijos malcheirosos, pratos de caracóis e timos de vitela fritos, e um cisne negro na sua plumagem. Tyrion recusou o cisne, que lhe fazia lembrar um jantar com a irmã. Mas serviu-se da garça e dos arenques, e de algumas das cebolas doces. E os criados voltavam a encher-lhe a taça de vinho sempre que a esvaziava.

— Bebeis bastante vinho, para um homem tão pequeno.

— Matar parentes é trabalho seco. Um homem fica com sede.

Os olhos do gordo cintilaram como as pedras preciosas que tinha nos dedos.

— Há em Westeros quem diga que matar o Lorde Lannister foi meramente um bom começo.

— É melhor que não o digam ao alcance dos ouvidos da minha irmã, senão dão por si com uma língua a menos. — O anão partiu ao meio uma fatia de pão. — E é melhor que tenhais cuidado com o que dizeis sobre a minha família, magíster. Assassino de parentes ou não, continuo a ser um leão.

Aquilo pareceu divertir imenso o senhor do queijo. Deu uma palmada numa coxa carnuda e disse:

— Vós, os de Westeros, sois todos iguais. Coseis um animal qualquer num bocado de seda, e de repente sois todos leões, dragões ou águias. Posso trazer-vos um leão verdadeiro, meu amiguinho. O príncipe tem um grupo de leões na sua coleção. Gostaríeis de partilhar a jaula com eles?

Tyrion tinha de admitir que os senhores dos Sete Reinos realmente davam demasiada importância aos seus símbolos.

— Muito bem — concedeu. — Um Lannister não é um leão. Mas continuo a ser filho do meu pai, e Jaime e Cersei são para eu matar.

— Que estranho que mencioneis a vossa bela irmã — disse Illyrio, entre caracóis. — A rainha ofereceu uma senhoria ao homem que lhe traga a vossa cabeça, por mais humilde que seja o seu nascimento.

Tyrion não esperava outra coisa.

— Se tencionais aceitar a senhoria, obrigai-a também a vos abrir as pernas. A melhor parte de mim pela melhor parte dela, um negócio justo é assim.

— Pessoalmente preferiria receber o meu peso em ouro. — O queijeiro riu-se com tanta força que Tyrion temeu que estivesse a ponto de explodir. — Todo o ouro no Rochedo Casterly, porque não?

— O ouro posso dar-vos — disse o anão, aliviado por não estar prestes a afogar-se numa poça de enguias e timos semidigeridos — mas o Rochedo é meu.

— Precisamente. — O magíster tapou a boca e soltou um poderoso arroto. — Julgais que o Rei Stannis vo-lo daria? Ouvi dizer que ele é grande amigo da lei. O vosso irmão usa o manto branco, portanto, segundo todas as leis de Westeros, vós sois herdeiro.

— Stannis podia perfeitamente conceder-me o Rochedo Casterly — disse Tyrion — se não fosse o pequeno problema de regicídio e assassínio de parentes. Por isso, encurtar-me-ia de uma cabeça e eu já sou suficientemente curto como sou. Mas porque haveríeis de pensar que eu pretendo juntar-me ao Lorde Stannis?

— Por que outro motivo iríeis para a Muralha?

— Stannis está na Muralha? — Tyrion esfregou o nariz. — O que, pelo raio dos sete infernos, está Stannis a fazer na Muralha?

— A tremer, julgo eu. Lá em baixo, em Dorne, faz mais calor. Talvez devêsseis ter navegado para esse lado.

Tyrion estava a começar a suspeitar de que uma certa lavadeira sardenta conhecia mais da fala comum do que fingira.

— Calha que a minha sobrinha Myrcella está em Dorne. E tenho cá uma ideiazinha de fazer dela rainha.

Illyrio sorriu enquanto os criados serviam a ambos tigelas de cerejas negras.

— Que vos fez essa pobre criança para desejardes a sua morte?

— Nem mesmo um assassino de parentes é obrigado a matar *todos* os seus parentes — disse Tyrion, magoado. — Eu falei em coroá-la, não em matá-la.

O queijeiro encheu uma colher de cerejas e levou-a à boca.

— Em Volantis usa-se uma moeda com uma coroa de um lado e a cabeça da morte do outro. Mas é a mesma moeda. Coroá-la é matá-la. Dorne pode erguer-se por Myrcella, mas Dorne sozinho não chega. Se sois tão esperto como o nosso amigo insiste que sois, sabeis disso.

Tyrion olhou para o gordo com um novo interesse. *Ele tem razão numa coisa e na outra. Coroá-la é matá-la. E eu sabia disso.*

— Tudo o que me resta são gestos fúteis. Este, pelo menos, faria a minha irmã chorar lágrimas amargas.

O Magíster Illyrio limpou creme da boca com as costas da mão gorda.

— A estrada para o Rochedo Casterly não passa por Dorne, meu pequeno amigo. E também não passa à sombra da Muralha. Mas essa estrada existe, digo-vos eu.

— Estou acusado de traição, de regicídio e de assassínio de parentes. — Aquela conversa sobre estradas aborrecia-o. *Julgará ele que isto é um jogo?*

— O que um rei faz, outro pode desfazer. Em Pentos temos um príncipe, meu amigo. Ele preside aos bailes e às festas e anda pela cidade num palanquim de ouro e marfim. Três arautos seguem à sua frente com a balança dourada do comércio, a espada de ferro da guerra, e o chicote de prata da justiça. No primeiro dia de cada novo ano, ele tem de desflorar a donzela dos campos e a donzela dos mares. — Illyrio inclinou-se para a frente, de cotovelos apoiados na mesa. — Mas se uma colheita falhar ou uma guerra for perdida, cortamos-lhe a garganta para apaziguar os deuses e escolhemos um novo príncipe de entre as quarenta famílias.

— Fazei-me lembrar para nunca me tornar Príncipe de Pentos.

— Serão os vossos Sete Reinos assim tão diferentes? Não há paz em Westeros, não há justiça, não há fé… e muito em breve não haverá comida. Quando os homens passam fome e estão doentes de medo, procuram um salvador.

— Podem procurar, mas se tudo o que encontrarem for Stannis…

— Stannis não. Nem Myrcella. — O sorriso amarelo alargou-se. — *Outro*. Mais forte do que Tommen, mais gentil do que Stannis, com melhor pretensão do que a jovem Myrcella. Um salvador vindo do outro lado do mar para ligar as feridas do ensanguentado Westeros.

— Belas palavras. — Tyrion não estava impressionado. — Palavras são vento. Quem é o raio desse salvador?

— Um dragão. — O queijeiro viu a expressão no rosto de Tyrion ao ouvir aquilo e riu-se. — Um dragão com três cabeças.

OceanofPDF.com

BIOGRAFIA

GEORGE R. R. MARTIN trabalhou dez anos em Hollywood como argumentista e produtor de diversas séries e filmes de grande sucesso. Autor de várias colectâneas de contos e noveletas, foi em meados dos anos 90 que começou a sua obra mais famosa, *As Crónicas de Gelo e Fogo*. É a saga de fantasia mais vendida da actualidade e uma adaptação televisiva de grande sucesso foi realizada pela HBO. Um autor multifacetado, a sua obra estende-se a diversos géneros como o horror, a fantasia, a ficção científica, e a prova disso são os títulos *Dying of the Light, Windhaven* (com Lisa Tuttle), *The Armageddon Rag* e *Sonho Febril*.

O autor vive em Santa Fé, Novo México, com a sua mulher, Parris.

Mais informações em

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

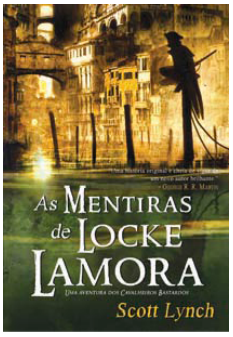
OceanofPDF.com

PUBLICIDADE

OceanofPDF.com

As Mentiras de Locke Lamora

SCOTT LYNCH



Diz-se que o Espinho de Camorr *é um espadachim imbatível,um ladrão mestre, um amigo dos pobres, um fantasma que atravessa paredes.*
De constituição franzina e quase incapaz de pegar numa espada, Locke Lamora é, para mal dos seus pecados, o afamado Espinho.

As suas melhores armas são a inteligência e manha à sua disposição. E embora seja verdade que Locke roube dos ricos (quem mais vale a pena roubar?), os pobres nunca vêem um tostão. Todos os ganhos destinam-se apenas a ele e ao seu bando de ladrões: os Cavalheiros Bastardos.

O submundo caprichoso e colorido da antiga cidade de Camorr é o único lar que o bando conhece. Mas tudo vai mudar: uma guerra clandestina ameaça destruir a própria cidade e os jovens são lançados num jogo de assassinos e traidores onde terão de lutar desesperadamente pelas suas vidas.

Será que, desta vez, as mentiras de Locke Lamora serão suficientes?

Mais informações em
WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

OceanofPDF.com